



# Núcleo de Dramaturgia

## SESI

12<sup>a</sup> TURMA



**SESI-SP** editora

# Núcleo de Dramaturgia



# Núcleo de Dramaturgia

**SESI**

12<sup>a</sup> TURMA

**SESI-SP** editora



Departamento Regional de São Paulo

**Presidente**

Josué Christiano Gomes da Silva

**Superintendente do Sesi-SP**

Alexandre Ribeiro Meyer Pflug

**Diretoria Corporativa e de Estratégias Educacionais**

Wilson Risolia Rodrigues

**Gerência Executiva de Educação**

Roberto Xavier Augusto Filho

**Gerência Executiva de Cultura**

Débora Viana

**Gerência de Qualidade de Vida e Mercado**

Pedro Luiz Caliari

**Diretor da Faculdade Sesi-SP de Educação**

Eduardo Augusto Carreiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Editora Sesi-SP

Núcleo de Dramaturgia Sesi – 12ª Turma. – 1. ed. – São Paulo : Editora Sesi-SP, 2022.

792 p.

ISBN 978-85-8205-420-8

1. Dramaturgia. 2. Teatro brasileiro. I. Título. II. Coleção.

CDD: 869.92

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Dramaturgia - Teatro brasileiro
2. Teatro brasileiro - Dramaturgia

Bibliotecário responsável: Luiz Valter Vasconcelos Júnior  
CRB-8 84460

SESI-SP EDITORA

Av. Paulista, 1.313, andar intermediário

01311-923, São Paulo – SP

Tel. (11) 3146-7308

[editora@sesisenaisp.org.br](mailto:editora@sesisenaisp.org.br)

[www.sesispeditora.com.br](http://www.sesispeditora.com.br)

## Quando a adversidade contribui para a riqueza da produção cultural

As atividades artísticas e criativas foram bastante impactadas pela pandemia da covid-19 no Brasil. Com espaços culturais como teatros, cinemas e livrarias fechados, tanto os produtores artísticos quanto a população em isolamento precisaram se reinventar e procurar soluções criativas para vivenciar esse período de uma forma mais cuidadosa.

É sabido que a humanidade aproveita momentos de incerteza e angústia para gerar uma explosão cultural de diferentes níveis. E como resultado desse movimento de cura pela arte, surge uma criação e o empoderamento de uma produção artística valiosa que alcança camadas importantes na busca pela consciência coletiva.

Pioneiro na formação de novos autores de teatro no Brasil, o Núcleo de Dramaturgia do Sesi-SP foi, mais do que nunca, um espaço de pujança criativa e de nascedouro de novas linguagens e experimentações estéticas.

O resultado da produção da 12ª turma do Núcleo de Dramaturgia reforça a importância de espaços para o fazer cultural em anos marcados por um mal que deixou consequências incalculáveis.

As atividades do programa deixaram de ser presenciais e migraram para o digital. Sob a condução de Silvia Gomez e Angela

Ribeiro, o curso passou a ter aulas por vídeo, proporcionando uma nova dinâmica de escuta, de experimentação, de encontros e de criação.

Amanda Carneiro, Ana Paula Lopes Vieira, Belise Mofeoli, Camila Ferrazzano, Daniela Abbade, Dante Passarelli, Ivan Marsiglia, Le Conde, Rodrigo Soares, Soraia Costa, Tomás Fleck e Victor Luvizotto são os 12 novos dramaturgos que aceitaram o desafio de juntos trilharem o movimento de dar vazão aos potenciais de escrita que esse processo promoveu.

A experiência gerou textos que constroem um diálogo firme com as questões atuais, como os aspectos primordiais da consciência de classe e as novas relações mediadas pela internet. As obras dramatúrgicas também deram luz à necessidade de colocar foco nos debates raciais, nas discussões acerca dos direitos das mulheres, da população transgênero, entre outros assuntos relevantes.

Iniciativas como o Núcleo de Dramaturgia do Sesi-SP ajudam a construir uma proposta ampla de educação na qual a cultura é parte importante nesse processo. É visando a oferecer uma formação plural que o Sesi-SP contribui para o fortalecimento de uma sociedade independente e disseminadora de conhecimento e de uma rica produção artística.

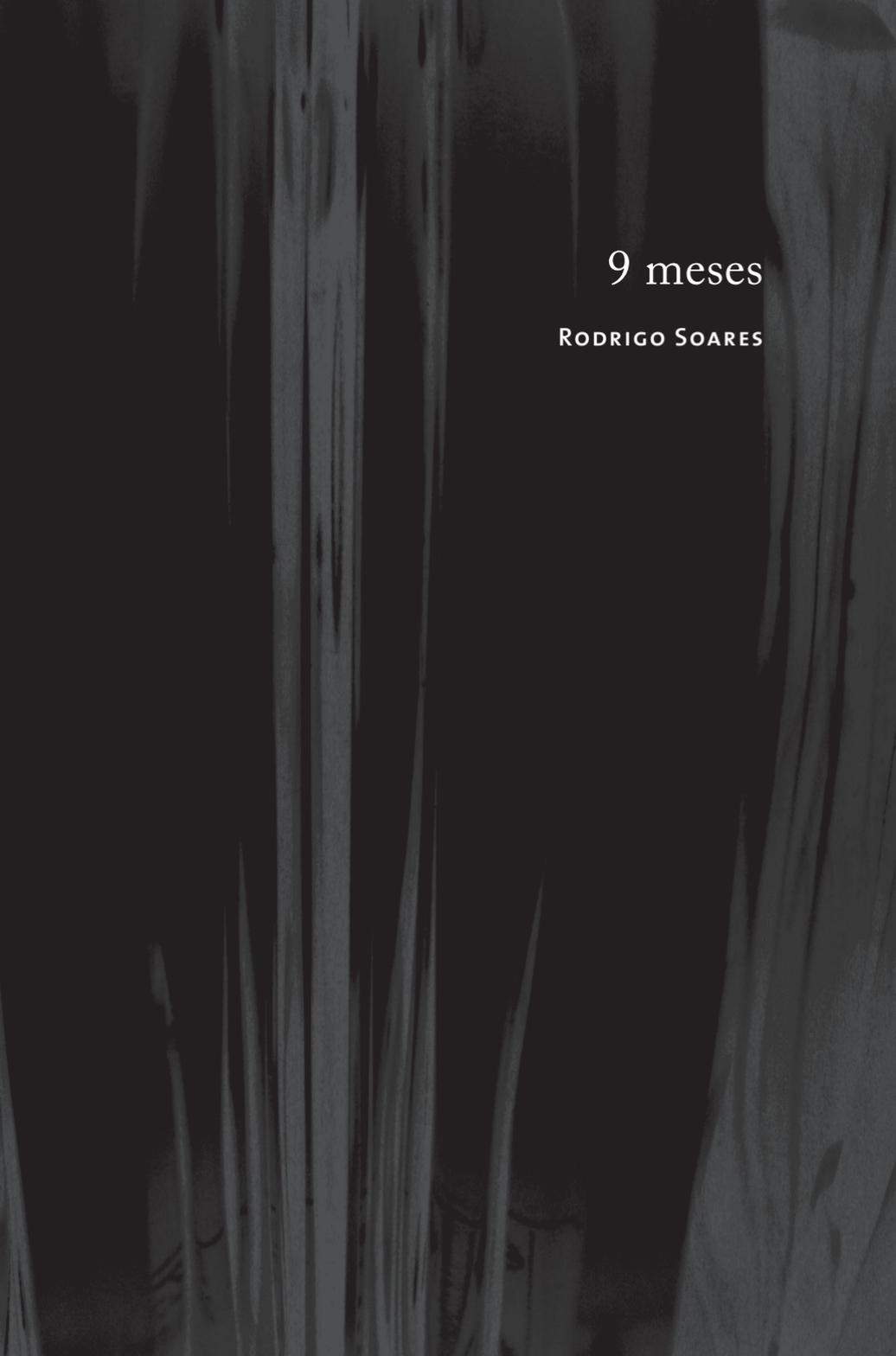
Boa leitura!

Sesi-SP

## Sumário

9 meses – <i>Rodrigo Soares</i>	9
a Esfinge – <i>Le Tícia Conde</i>	69
A imensidão íntima das coisas – <i>Ana Paula Lopez</i>	241
A tragédia canina para humanos – <i>Tomás Fleck</i>	307
Buracos negros se alimentam de estrelas – <i>Soraia Costa</i>	345
com ela – <i>Camila Ferrazzano</i>	405
Congresso-fronteira sobre os humanos e os fantasmas – <i>Vitinho Rodrigues</i>	473
Estados de consciência – <i>Amanda Carneiro</i>	517
O antígeno – <i>Ivan Marsiglia</i>	585
O fim é sempre <i>pop</i> – <i>Dante Passarelli</i>	615
PANGEIA MULHER – <i>Belise Mofeoli</i>	689
Uma unidade astronômica – <i>Daniela Funez</i>	717





9 meses

RODRIGO SOARES



## Personagens

BEATRIZ é uma mulher de 38 ANOS. Quem a conhece logo nota que segurança é uma palavra que a define muito bem. É uma publicitária de sucesso, vive em um apartamento moderno (digno de uma publicitária bem-sucedida) que já foi fotografado algumas vezes por revistas tão modernas quanto os móveis e quadros que ela tem em casa.

CAIO é um homem de 20 ANOS. Ainda não tem uma profissão nem faz faculdade. Está no cursinho, mas perdido sobre o que fazer. Vive com os pais e tem uma vida e um estilo comuns a um jovem adulto dessa idade, com pitadas de insegurança e ousadia.

### CENA 1

(BEATRIZ e CAIO estão no apartamento dela. Ele tensamente sentado no sofá. Ela confortavelmente sentada em uma cadeira próxima a ele. Ele intercala entre olhares para baixo, para o nada e para ela sem esconder o nervosismo. Ela, ao contrário, mantém a tranquilidade e o bom humor.)

**CAIO** – Grávida?

**BEATRIZ** – Eu já te respondi isso cinco vezes. Acho que não tem mais como ter alguma dúvida de que, sim, estou grávida.

(silêncio)

**BEATRIZ** – Estamos, no caso.

**CAIO** – Puta que pariu. Como isso foi acontecer?

**BEATRIZ** – É uma pergunta? Digo, é uma pergunta pra mim? Eu realmente tenho que te explicar como aconteceu? Vamos lá então...

**CAIO** (interrompendo) – Sem piadas, por favor...

**BEATRIZ** – OK. Achei só que podia ajudar o clima a ficar mais leve.

**CAIO** – Isso não podia acontecer.

**BEATRIZ** – É, aí eu concordo com você.

**CAIO** – Eu tô fudido.

**BEATRIZ** – Bom, quem vai passar 9 meses com enjojo, engor-dando, com as roupas do armário sem servir sou eu, então...

**CAIO** – Eu não esperava ter um filho...

**BEATRIZ** – Bom, mas se as pessoas transam... OK, não fui a melhor aluna de biologia, mas naturalmente é assim que os seres...

**CAIO** (interrompendo) – Foram tão poucas vezes, né? Como pode...

**BEATRIZ** – Pois é, menino. Mas basta uma vez e... pimba!

**CAIO** – Um filho...

**BEATRIZ** – Ou, vai saber... dois?

(CAIO olha assustado para BEATRIZ.)

**BEATRIZ** – Tô brincando. Não tenho histórico na minha família.

**CAIO** – Cara, o que nós vamos fazer?

**BEATRIZ** – Sabe que me perguntei isso?

**CAIO** – E o que você pensou?

**BEATRIZ** – Acho que o melhor a fazer é... não sei... (ela pega da mesa um caderninho e procura com os olhos o que anotou) Bom, depois de alguma pesquisa, decidi que o berço montessoriano é a melhor opção. Nada como já dar pra esse pequeno ser que vem aí autonomia. Vou me foder de tanto abaixar? Vou. Mas acho que é meu papel de mãe.

**CAIO** – Você pode falar sério um minuto, por favor?

**BEATRIZ** – Mas eu estou falando sério o tempo todo. Ou você acha que decidir os primeiros passos da formação do Jorge é uma tarefa fácil?

**CAIO** – Jorge?

**BEATRIZ** – O nome. Dele. Eu sou devota, não sei se você sabe.

**CAIO** – Pelo amor de Deus, você já tá falando até em nome...

**BEATRIZ** – Posso falar até da profissão que eu torço pra que ele tenha. Mas, fica tranquilo, eu vou saber respeitar o desejo do nosso filho. Estou trabalhando pra isso. Ou nossa filha, claro. Ainda não dá pra saber se é menino ou menina. Se for menina, você escolhe o nome.

**CAIO** – Você tem um cigarro?

**BEATRIZ** – Não fumo mais, né, Caio? Eu tenho responsabilidade.

**CAIO** – Responsabilidade?

**BEATRIZ** – Eu tenho bastante, viu? E agora mais. Acho que a maternidade já aflorou em mim. Já não fumo, não sinto vontade de beber. Em breve, sei lá, me vejo no mercado debatendo qual *shampoo* infantil é melhor. Açúcar antes dos dois anos? Acredito que serei contra. Rosa ou azul? Uma mistura

de tudo. Deus me livre criar uma criança com algum tipo de limitação dessa forma. Escola tem que ser construtivista, né? Tenho amigos que estudaram em escolas assim e foram muito bem no vestibular.

**CAIO** – Bia, eu não sei se é uma boa...

**BEATRIZ** (interrompendo) – A escola? Mas elas são realmente ótimas. Eu tenho certeza de que você vai gostar. E que ela ou ele também.

**CAIO** – Eu não sei se quero ter esse filho...

**BEATRIZ** – Mas não tem nem como você falar, né? Quem vai ter sou eu.

**CAIO** – A gente nunca falou de ter filhos, né?

**BEATRIZ** – Bom, a gente se viu umas quatro ou cinco vezes? Se o assunto filhos já tivesse surgido, eu teria corrido de você. E autorizaria você a correr de mim.

**CAIO** – Eu nunca imaginei que aquela hora que você chegou em mim ia dar nisso.

**BEATRIZ** – Eu cheguei em você?

**CAIO** – Você que chegou em mim.

**BEATRIZ** – Acho que não, hein...

**CAIO** – Eu lembro direitinho. Você chegou em mim comentando da minha camiseta do *Star Wars*.

**BEATRIZ** – Você tava em um bar com uma camiseta do *Star Wars*?

**CAIO** – Tava...?

**BEATRIZ** – Bom, então definitivamente eu cheguei em você. Uma pessoa que vai pra um bar com uma camiseta do *Star Wars* já perdeu a esperança de transar.

**CAIO** – E aí a gente veio pra cá.

**BEATRIZ** – E cá estamos.

**CAIO** – Um filho...

**BEATRIZ** – Você fica repetindo um filho em uma tentativa de se convencer da realidade ou o quê?

**CAIO** – A única criança com quem eu convivi foi minha irmã, que nasceu quando eu tinha 11 anos.

**BEATRIZ** – E você trocou fraldas dela?

**CAIO** – Troquei.

**BEATRIZ** – Então tá tudo certo. Vai trocar do nosso filho sem nojo. Ponto pra você.

**CAIO** – Mas isso já tem nove anos, né?

**BEATRIZ** – Nove.

**CAIO** – É, nove.

**BEATRIZ** – Mas, pera, quantos anos você tem? ESPERA! Não responde! Você me disse que tinha atrasado os estudos, mas estava quase se formando. Disso eu lembro.

**CAIO** – E tô.

**BEATRIZ** – E como você tem 20 anos?

**CAIO** (em tom bem envergonhado) – Eu tô quase me formando no inglês... Acaba no fim do ano.

**BEATRIZ** (completamente desacreditada) – No inglês???????

**CAIO** (ainda mais envergonhado) – E tô no cursinho. Esse ano peguei firme. Vou entrar na faculdade.

**BEATRIZ** (levando a mão à cabeça como que por tontura) – Acho que tô passando mal.

(CAIO se levanta apressado e vai até o sofá.)

**CAIO** (preocupado) – Sério? O quê? Enjoo? O bebê tá mexendo?

**BEATRIZ** – Não. É de me dar conta de que vou ter filho com um quase secundarista.

**CAIO** – Quando nascer eu já estarei na faculdade. Certeza.

**BEATRIZ** – Ah, ufa! Eu estarei amamentando enquanto o pai da criança estará no JUCA<sup>1</sup>. Muito reconfortante.

(silêncio)

(CAIO volta para o sofá e olha fixamente para BEATRIZ.)

**CAIO** – Bia, e se você... A gente... Nós...

**BEATRIZ** – Sim...

**CAIO** – Você, né, no caso? Mas comigo. Digo, eu estarei lá.

**BEATRIZ** – Certo...

**CAIO** – Você devia tirar.

**BEATRIZ** – Tirar?

**CAIO** – É, tirar...

**BEATRIZ** – O bebê?

**CAIO** – É, o bebê.

**BEATRIZ** – Você tá falando que eu deveria abortar?

**CAIO** – Tirar o bebê.

**BEATRIZ** – Abortar o bebê.

**CAIO** – Abortar eu acho uma palavra um pouco forte. Tirar.

**BEATRIZ** – Mas é a mesma coisa, né?

**CAIO** – É, mas...

**BEATRIZ** – Que seja: tirar o bebê.

**CAIO** – É.

(silêncio)

**CAIO** – O que você acha?

**BEATRIZ** – Tô aqui pensando...

**CAIO** (interrompendo) – Eu estarei ao seu lado.

**BEATRIZ** (interrompendo) – ... que talvez furar os dois tímpanos agora e me tornar surda seja algo que, diante do que ouço, é bem aceitável.

**CAIO** – Desculpa, mas você também tem que entender o meu lado...

**BEATRIZ** – Entender o seu lado?

**CAIO** – O meu lado.

**BEATRIZ** – Vamos lá. Qual é o seu lado?

**CAIO** – Eu moro com meus pais. Eu não tenho um emprego. Eu não tenho grana. Eu vou prestar vestibular, mas nem sei do que ainda...

**BEATRIZ** (interrompendo) – Tá em dúvida?

**CAIO** – Entre música e engenharia de aviação.

**BEATRIZ** – Bom que seu campo de visão é amplo.

**CAIO** – E eu não acredito nas relações.

**BEATRIZ** – Em nenhuma relação?

**CAIO** – Nas amizades eu acredito, claro...

**BEATRIZ** – Que bom que eu não engravidei de alguém que seja incapaz de ter amigos.

**CAIO** – Mas amor...

**BEATRIZ** – Amor...?

**CAIO** – Amor de uma pessoa com outra, sabe? Casal. Isso não existe.

**BEATRIZ** – Não existe? Seus pais, por exemplo?

**CAIO** – Mas meus pais são mais velhos, né?

**BEATRIZ** – Mais velhos? Quantos anos sua mãe tem, por exemplo?

**CAIO** – Quarenta e poucos...

**BEATRIZ** – Realmente. (Em tom irônico.) Bem mais velha. Não sei como uma mulher de quarenta e poucos anos pode pensar.

**CAIO** – Essa coisa de casal. Essa coisa de felizes para sempre. Essa coisa de anos e anos juntos. Essa coisa de monogamia. Não existe.

**BEATRIZ** – Meu Deus, quanta revolta contra o amor romântico.

**CAIO** – Não é revolta. Eu só não acredito. Cada um tem a vida que quiser, claro. Mas casar, maridinho, esposinha, filhinho... Não é pra mim.

**BEATRIZ** – Que decidido.

**CAIO** – Sério. Você pega aí os casais. 5, 10, 20, 30 anos... Todos infelizes. Mas não separam porque “ah, não pode separar”, “ah, mas ele tá comigo o tempo todo”. As pessoas perdem tempo com isso.

**BEATRIZ** – Tudo isso é o quê? Coração partido?

**CAIO** – Não, ué.

**BEATRIZ** – Quantas vezes você namorou?

**CAIO** – Namorar, namorar mesmo.... Nenhuma.

**BEATRIZ** – E tudo isso aí é em teoria?

**CAIO** – Quantas vezes você namorou?

**BEATRIZ** – Algumas...

**CAIO** – E terminou. Toda essa prática prova meu ponto.

**BEATRIZ** – E você tá aqui nessa cruzada contra o amor romântico mesmo por...?

**CAIO** – Ué, você tá grávida...

**BEATRIZ** – E...?

**CAIO** – E aí temos um problema, né?

**BEATRIZ** – Ah, temos? Qual?

**CAIO** – Um filho?

**BEATRIZ** – Hum...

**CAIO** – Bom, aí tem que morar junto, aí casa porque engravidou, aí começa uma vida que eu não quero pra mim.

**BEATRIZ** – OK, senhor não-quero-um-relacionamento. E quando foi que eu disse que a gente tinha que ficar junto desse jeito aí?

**CAIO** – Não?

**BEATRIZ** – Imagina! Eu não sou da geração... *da geração da sua mãe*, por exemplo. Sou de outra geração. Muito diferente. Pra mim é isso aí. Cada um na sua. E é isso.

**CAIO** – Você não tá falando sério...

**BEATRIZ** – Olha, senhor desconstruído, seria legal você tirar da sua cabeça que toda mulher sonha em casar, sonha com vestido branco, sonha em ter uma casinha e blá, blá, blá.

**CAIO** – Então...

**BEATRIZ** – Eu estou te contando sobre essa gravidez porque eu acho que essa criança pode ter uma família. E não precisamos, e nem quero, que a gente fique junto pra isso. Ela vai ter uma mãe

e um pai. Só isso. Não seremos um casal. Você tá falando aí de liberdade, e eu amo a minha também. Você acha pela sua teoria. Eu, como você falou, pela minha prática. Concordamos nisso.

**CAIO** – Mas então você não acha que ela devia ter pai e mãe juntos?

**BEATRIZ** – Garoto, você convive com jovens. Sabe melhor que eu que é super *démodé* ter pai e mãe casados em 2021. Ser filho de pais separados é o moderno. Ser filho de pais que transaram bêbados após um bar e nunca tiveram nada sério é pós-moderno.

**CAIO** – Você não é a favor do aborto?

**BEATRIZ** – Ser a favor do aborto não faz com que eu faça um, né?

**CAIO** – Sei lá, eu...

**BEATRIZ** – Não ter essa criança não está em discussão, OK?

**CAIO** – Mas e se...

**BEATRIZ** (interrompendo) – Eu não te chamei aqui pra discutir o que fazer. Eu te chamei aqui pra te comunicar o que está acontecendo. Se você quiser participar, OK. Se você não quiser, OK também.

**BEATRIZ** – OK, chega. Por hoje é isso. Acho que das últimas frases que eu esperava do pai do meu filho é que a mãe dele vai matá-lo.

**CAIO** – Não é isso, é que...

**BEATRIZ** (interrompendo) – Olha, já está tarde, e acho que daqui pra frente o papo tende a ir para um lugar não muito legal. E não quero que o bebê ouça, OK? No livro que li diz que eles captam tudo desde o primeiro mês. Vai pra casa.

**CAIO** – Mas e se...

(BEATRIZ pega CAIO pelo braço e leva-o até a porta.)

**BEATRIZ** – Amanhã tem aula de quê? História? Então...

**CAIO** – Química...

**BEATRIZ** – Química? Então. Você já decorou os 118 elementos da tabela periódica? Acho que não, né? Vai pra casa, estuda, outra hora a gente conversa. Se não conversarmos, tudo bem também. Eu aviso pra nossa filha ou filho que ela ou ele tem essas covinhas por conta do pai que queria que ela ou ele não viesse ao mundo.

**CAIO** – Mas...

**BEATRIZ** – Boa noite, Caio.

(BEATRIZ fecha a porta.)

## CENA 2

(A campainha do apartamento de BEATRIZ toca. Ela atende. CAIO está parado na porta. Ele entra.)

**BEATRIZ** – Como você subiu? Não interfonaram...

**CAIO** – Eu falei pro porteiro que era o pai do seu filho e ele me deixou subir.

**BEATRIZ** – Você contou pro porteiro que eu tô grávida?

**CAIO** – Contei... Você não?

**BEATRIZ** – Ele não tava na minha lista de prioridades pra saber, mas OK. Diga.

**CAIO** – Você não me atende...

**BEATRIZ** – Você me ligou?

**CAIO** – Três vezes ao dia nas últimas duas semanas...

**BEATRIZ** – Menino, será que eu tava sem sinal...?

**CAIO** – Achei melhor vir aqui.

**BEATRIZ** – Pra quê?

26 **CAIO** – Como pra quê? Pra te ver, ué.

**BEATRIZ** – Me ver?

**CAIO** – É, te ver...

**BEATRIZ** – Bom, tecnicamente já viu, né?

**CAIO** – Não, mas não é só isso...

**BEATRIZ** – Tem mais?

**CAIO** – Ué, tem... Desculpa.

**BEATRIZ** – Desculpa...?

**CAIO** – Pelo que falei da outra vez. Sei lá, abortar. Como eu pude falar isso, sabe?

**BEATRIZ** – Eu fiquei pensando nisso...

**CAIO** – Sério?

**BEATRIZ** – Na verdade, não. Eu pensava “como um homem tão novo é capaz de falar uma merda tão antiga?”.

**CAIO** – Sei lá, eu fiquei tenso.

**BEATRIZ** – Tudo bem. Matar uma aula, tomar um porre, colar na prova, isso são coisas de quase universitários. Ter um filho talvez não seja.

**CAIO** – É que, sei lá, eu...

**BEATRIZ** – Garoto, está perdoado.

(BEATRIZ agarra CAIO com muita animação e o beija. Eles se enroscam pela sala, caem no sofá e transam.)

(Logo após a transa.)

**CAIO** – O que foi isso?

**BEATRIZ** – Hormônios são enlouquecedores.

**CAIO** – Cara, foi tudo certo agora, né?

**BEATRIZ** – Tirando que você foi rápido, foi, foi tudo certo.

**CAIO** – Foi rápido?

**BEATRIZ** – Tô brincando. Foi OK.

**CAIO** – OK?

**BEATRIZ** – Isso.

**CAIO** – Só OK?

**BEATRIZ** – Você tem 20 anos. Não dá pra ser ótimo, né? Vai praticando que as coisas melhoram.

**CAIO** – Mas não tô dizendo disso. A camisinha, tudo... Tudo certo, né?

**BEATRIZ** – Tudo...?

**CAIO** – Ah, que bom. Sei lá... Será que tem chance de engravidar de novo?

**BEATRIZ** – Quê?

**CAIO** – É. Será que tem jeito?

**BEATRIZ** – Você não tem aula de biologia no cursinho...?

(BEATRIZ se levanta e começa a se vestir. O telefone dela apita, ela olha, pega as roupas de CAIO e joga em direção a ele.)

**CAIO** – Ei, calma, é só uma pergunta.

**BEATRIZ** – Sexo com aula particular é mais caro. Agora você precisa ir.

**CAIO** – Embora?

**BEATRIZ** – É, eu tenho uma reunião do trabalho por Skype em 20 minutos.

**CAIO** – Mas a gente nem conversou.

**BEATRIZ** – Conversar?

**CAIO** – É, eu vim aqui pra gente conversar.

**BEATRIZ** – Conversar o quê?

**CAIO** – É, como tá a gravidez. Você não me falou nada.

**BEATRIZ** – Tá tudo ótimo. Se não tiver ótimo, eu te aviso. Mas espero não avisar, pois vai continuar tudo ótimo.

**CAIO** – E você?

**BEATRIZ** – Eu tô bem.

**CAIO** – Só bem?

**BEATRIZ** – É. Bem é muito bom, né? E você? Já fez um simulado? Ainda se faz simulado, né?

**CAIO** – Dá pra você parar de fazer piada sobre isso?

**BEATRIZ** – Não faço piada sobre isso. Estudo é sério. Eu apoio. Agora você precisa ir...

(O telefone de BEATRIZ apita novamente, e ela olha.)

**CAIO** – A gente nunca conversa, já reparou?

**BEATRIZ** – E precisa conversar? Não tá bom assim?

**CAIO** – Eu não disse que tá ruim assim.

**BEATRIZ** – Então. Relacionamento moderníssimo.

**CAIO** – Mas isso não quer dizer que a gente não possa trocar uma ideia.

**BEATRIZ** – Mas a gente troca muita ideia.

**CAIO** – Eu não sei, por exemplo, o que você faz.

**BEATRIZ** – Eu trabalho.

**CAIO** – Tá, com o quê?

**BEATRIZ** – Algo que um dia eu te explico.

**CAIO** – Seu prato favorito.

**BEATRIZ** – Cheio.

**CAIO** – Sua cor favorita...

**BEATRIZ** – Uma das 10 mil do catálogo da Pantone.

**CAIO** – Sua lembrança da infância...

**BEATRIZ** – Eu dormia muito.

**CAIO** – Tá vendo, a gente não se conhece!

**BEATRIZ** – E daí?

**CAIO** – E daí que vamos ter um filho, né? A gente devia ser mais próximo.

**BEATRIZ** – Até outro dia, a gente transava toda semana. Já somos próximos o suficiente.

**CAIO** – Eu nunca saí com uma mulher assim.

**BEATRIZ** – E quem disse que estamos saindo?

**CAIO** – E não estamos?

**BEATRIZ** – E estamos?

**CAIO** – A gente vai ter um filho.

**BEATRIZ** – Isso é outro departamento. E você queria que eu tirasse.

**CAIO** – A gente já falou sobre isso.

**BEATRIZ** – Eu sei. Só não podia perder a deixa.

(O telefone de BEATRIZ apita novamente, e ela olha.)

**CAIO** – E se a gente sáisse um dia?

**BEATRIZ** – Eu sou uma mulher grávida. Não posso sair por aí com qualquer um. Eu preciso que você vá agora...

(O telefone de BEATRIZ apita novamente, e ela olha.)

**CAIO** – É com o pai do seu filho.

**BEATRIZ** – Pra ouvir absurdos?

(O telefone de BEATRIZ toca outra vez, agora mais alto.)

**CAIO** – Não tem absurdo nenhum. Eu já me acostumei com a ideia da criança. Dentro do possível, claro.

**BEATRIZ** – Eu preciso que você vá! É sério! Ou essa criança vai nascer com uma mãe sem emprego.

(O telefone de BEATRIZ toca outra vez, agora mais alto.)

**CAIO** – Fechado?

**BEATRIZ** – Quinta que vem, oito da noite, você passa aqui...

(O telefone de BEATRIZ toca outra vez, agora mais alto.)

**CAIO** – Nesse dia eu tenho aula...

**BEATRIZ** – Puta que pariu, precisa lembrar o tempo todo que você é jovem?

**CAIO** – Mas eu posso matar.

**BEATRIZ** – Não. Não quero que o pai da criança fique pelo caminho no vestibular. Sábado, oito da noite, você passa aqui. Aliás, nesse não. Daqui dois sábados.

**CAIO** – Dois?

(O telefone de BEATRIZ toca outra vez, agora mais alto.)

**BEATRIZ** – É isso ou nada! Até!

### CENA 3

(A campainha de BEATRIZ toca. Ela, com uma roupa completamente casual, abre a porta. Lá está CAIO, vestido de maneira formal. Ele segura flores em uma das mãos e uma caixa de *pizza* em outra.)

**BEATRIZ** (apontando para as flores) – Que isso?

**CAIO** (entregando as flores a BEATRIZ) – Pra você. Espero que goste.

**BEATRIZ** – Flores?

**CAIO** – É, ué.

**BEATRIZ** (apontando para CAIO) – É essa roupa?

**CAIO** – Ah, pra você não falar “nossa, tô saindo com um estudante”, “Meu Deus, o juizado vai me levar presa...”.

**BEATRIZ** – Você já está me conhecendo, hein? Eu falaria exatamente assim mesmo.

**CAIO** – Você não vai se arrumar?

**BEATRIZ** – Eu já estou arrumada.

**CAIO** – Ah, sim, claro. Eu vi. E aonde vamos? Aliás, o que é isso que o porteiro, meu *brother*, me entregou?

**BEATRIZ** (pegando a caixa das mãos de CAIO) – Pedi pizza.

**CAIO** – Pizza? Não vamos sair?

**BEATRIZ** – Ai, tô um pouco indisposta...

**CAIO** – Sério? Tá sentindo o quê?

(BEATRIZ coloca as flores em cima da mesa e a caixa de pizza ao lado. Ela abre a caixa de pizza, pega um pedaço e começa a comê-lo.)

**BEATRIZ** – Na real, nada. Mas é uma ótima desculpa pra não fazer coisas que não quero.

**CAIO** – Fala sério, a gente podia ir naquele restaurante que abriu aqui na esquina!

**BEATRIZ** – O indiano?

**CAIO** – Esse!

**BEATRIZ** – É de um casal de conhecidos. De jeito nenhum.

**CAIO** – E naquele bar perto da praça? Sabe um que tem um avestruz, flamingo, algo assim, de símbolo?

**BEATRIZ** – Um coloridinho? Jamais. O pessoal do meu trabalho vive fazendo *happy hour* lá.

**CAIO** – Porra, ao menos um sorvete naquela sorveteria do *shopping*.

**BEATRIZ** – É da minha ex. Não posso ir lá.

**CAIO** – Minha ex?

**BEATRIZ** – Você acha que só você é moderninho?

**CAIO** – Então...

**BEATRIZ** – Então nós vamos ficar aqui, nos afundar nesse sofá e ver algum filme bem ruim. Tem coisa melhor que ver filme ruim? Eu amo.

**CAIO** – Eu só não vou embora porque...

**BEATRIZ** – Porque você não resiste aos meus encantos e quer ficar. Eu sei.

**CAIO** – Na real é porque contei pra minha mãe que ela vai ser avó...

**BEATRIZ** – E aí?

**CAIO** – E aí que talvez ela precise de uma noite pra assimilar isso. E não me matar.

**BEATRIZ** (zoando) – Que bonitinho o filhinho da mamãe...

**CAIO** (sério) – Para, não tem graça.

**BEATRIZ** – Ela vai se acostumar com a ideia. Quando ela ver o menininho ou a menininha, ela vai se derreter.

**CAIO** – Sério, você tem algum problema em sair comigo?

**BEATRIZ** – Eu já saio com você.

**CAIO** – Não, a gente fica na sua casa.

**BEATRIZ** – E qual a diferença?

**CAIO** – Eu tenho mesmo que explicar?

**BEATRIZ** – E não tá bom assim?

**CAIO** – Não disse que tá ruim, mas então por que a gente não sai?

**BEATRIZ** – Você quer sair de namoradinho? Quer andar de mãos dadas?

**CAIO** – A gente sair junto não quer dizer que namoramos, ué.  
Eu saio com pessoas. Você também.

**BEATRIZ** – Pode não parecer que namoramos. Pode parecer uma tia levando o sobrinho pra passear. Mãe não. Eu não tenho quarenta e poucos anos. *Ainda*.

**CAIO** – Seu problema é pela minha idade?

**BEATRIZ** – Não. Claro que não.

(silêncio)

**BEATRIZ** – Mas que você podia ter nascido um pouco antes, isso podia.

**CAIO** – Eu não ligo pra você ser mais velha. Pra mim, você tá ótima.

**BEATRIZ** – Vamos encerrar o tópico idade aqui? Se você falar que eu tô bem pra minha idade, eu me jogo da janela.

(silêncio)

**BEATRIZ** – Mas quer saber mesmo por que a gente não sai?

**CAIO** – Diz...

**BEATRIZ** – O meu medo?

**CAIO** – Fala, ué...

**BEATRIZ** – Um segundo...

(BEATRIZ vai até o som e coloca pra tocar “I Feel It Coming”, do The Weeknd. Ela começa a dançar de forma discreta.)

**BEATRIZ** – Até aqui, tava tudo bem... Tudo bem, tudo legal...

**CAIO** – Você tá se achando sensual?

**BEATRIZ** – Não. Os últimos rapazes que eu conquistei foi com outra dança.

**CAIO** – Você tem outros namorados?

**BEATRIZ** – Esse não é o assunto do momento. Mas aí, foi chegando, foi chegando...

(Em determinado momento, BEATRIZ começa a dançar de forma completamente vexatória.)

**BEATRIZ** – E aí, virou isso aqui. E o que é isso, meu Deus? Alguém me explica? Você me explica?

**CAIO** – Eu não tô entendendo...

**BEATRIZ** – E não parava. Não parava. Ficava pior...

**CAIO** – Não pode ser...

**BEATRIZ** – Sim! É isso mesmo! E piorava...

**CAIO** – Não! Não! Não!

**BEATRIZ** – E as pessoas olhavam, sabe... Mas isso parecia que dava mais ânimo...

**CAIO** – Eu nunca mais vou beber. Nunca mais. Eu prometo.

**BEATRIZ** – E você ficava lá, assim... A atração do lugar...

(CAIO tenta, em vão, fazer com que BEATRIZ pare.)

**CAIO** – Chega! Para! Eu já entendi.

**BEATRIZ** – Aí eu tive que agir, né? Não por mim. Mas por você.

**CAIO** – E olha tudo o que aconteceu.

**BEATRIZ** – E OLHA TUDO O QUE ACONTECEU.

(BEATRIZ e CAIO se beijam.) (Pequeno blecaute.)

(BEATRIZ e CAIO dormem. Durante o sono, ele tenta passar a mão por cima dela para amorosamente abraçá-la. Ela delicadamente tira e se afasta um pouco dele na cama.)

(BEATRIZ e CAIO trocam mensagens de áudio.)

**BEATRIZ** – Oi! Esse áudio é só pra te falar que é menino. A gente vai ter um filho, Caio. O Jorge.

**CAIO** – Caraca, um filho. Um filho. Um filho.

**BEATRIZ** – Um filho. Isso. Você entendeu. Um filho.

**CAIO** – Um filho.

**BEATRIZ** – Acho que já tá bom, né?

**CAIO** – Minha mãe vai pirar.

**BEATRIZ** – Pirar no sentido bom ou ruim?

**CAIO** – No bom. Ela vai amar ter um neto.

**BEATRIZ** – Ela não vai mais te deserdar?

**CAIO** – Ela já voltou a falar comigo. Até ele nascer, eu acho que ela já comprou as roupinhas até os três anos.

**BEATRIZ** – Eu e Jorge ficamos felizes de não termos destruído sua relação familiar.

**CAIO** – E você? Já falou pra sua família?

**BEATRIZ** – Eles estão longe. Não muda muito pra eles.

**CAIO** – Minha mãe quer te conhecer.

**BEATRIZ** – Claro, a gente combina.

**CAIO** – Quando?

(silêncio)

**CAIO** – Quando?

(silêncio)

**CAIO** – Claro, quando você quiser...

#### CENA 5

(A porta do apartamento de BEATRIZ se abre. Ela entra sentada em uma cadeira de rodas sendo empurrada por CAIO.)

**CAIO** – Como você passou a noite lá e não me avisou?

**BEATRIZ** – Menino, pra você ver? As horas passaram voando...

**CAIO** – Você devia ter me ligado na hora. Na hora.

**BEATRIZ** – Você sabe como é. Liga pro plano, pega táxi, liga pra análise pra desmarcar... Não deu tempo.

**CAIO** – Você ligou pra desmarcar sua análise antes de falar comigo?

**BEATRIZ** – Você sabe o preço que a minha analista me cobra quando eu não desmarco no prazo?

**CAIO** – E o que deu o resultado?

**BEATRIZ** – Ah, nada demais...

**CAIO** – Se não fosse nada demais eles não pediriam pra alguém ir te buscar, né?

**BEATRIZ** – Ah, mas hospital é assim. Qualquer coisinha é pânico. Pode ir. Já tô tranquila.

**CAIO** – O médico disse que você precisava de acompanhamento pelo menos até amanhã.

**BEATRIZ** – Imagina. Isso aí é preciosismo. Eu me viro.

**CAIO** – Claro que não. Eu vou ficar.

**BEATRIZ** – Aqui?

**CAIO** – Aqui, ué.

**BEATRIZ** – Imagina, não precisa.

(BEATRIZ tenta se levantar, perde o equilíbrio e cai sentada na cadeira novamente.)

**BEATRIZ** – Talvez seja bom você ficar só por uns minutos.

**CAIO** – Uau. Baixou a guarda, hein?

**BEATRIZ** – Eu não contava com um sangramento inesperado.

**CAIO** – Onde ficam as coisas aqui, hein?

**BEATRIZ** – Você não precisa mexer em nada. Só fica aqui enquanto eu recupero o fôlego.

**CAIO** – Imagina! Uma gestante enferma. Vou cozinhar.

**BEATRIZ** – Cozinhar?

**CAIO** – É.

**BEATRIZ** – Você?

**CAIO** – O próprio.

**BEATRIZ** – Não se aproxime da minha cozinha.

**CAIO** – Eu cozinho muito bem, viu?

**BEATRIZ** – Ah, é?

**CAIO** – Como você acha que conquisto minhas namoradas?

**BEATRIZ** – Você tem namoradas, Caio?

**CAIO** – Esse não é o assunto. Carne ou frango?

**BEATRIZ** – Frango. E seja o que Deus quiser.

(Aqui, temos uma cena contínua de CAIO cozinhando e conversando com BEATRIZ. Os dois nitidamente se divertem muito. A trilha daqui é “Amor e sexo”, de Rita Lee.)

**BEATRIZ** – Meu Deus, quem diabos é Selena Gomez?

**CAIO** – Uma cantora. Muito gata.

**BEATRIZ** – Quem é mesmo? Lembro do nome, mas do rosto...

(BEATRIZ começa a mexer no celular.)

**BEATRIZ** – Ah, lembrei! Deve ter nascido semana passada, né? Jovem de tudo! Por isso eu tinha esquecido...

**CAIO** – Fala sério, não é linda?

**BEATRIZ** – Linda é um pouco demais... Então ela seria a pessoa que você escolheria pra repovoar o mundo se todo mundo morresse?

**CAIO** – Sim! E podia vir o ex dela também.

**BEATRIZ** – Quem é o ex dela?

**CAIO** – O The Weeknd. Sabe?

**BEATRIZ** – Sei. Ele eu comunico. Conheço. Pegaria.

**CAIO** – Então bora os 4. Repovoa mais rápido.

(Seguimos com cenas dos dois durante o jantar. Agora, bebem e comem o que parece ser uma sobremesa. Continuam se divertindo.)

**BEATRIZ** – Pelo amor de Deus, você tá morto por dentro.

**CAIO** – Você realmente acha confortável *show* ao ar livre?

**BEATRIZ** – Gente, mas eu tenho que falar o óbvio? E a experiência?

**CAIO** – Tá, mas mais confortável?

**BEATRIZ** – Você pode ter conforto antes ou depois? Custa ficar 2 horas em pé?

**CAIO** – Eu não disse que não fico. Só disse que *show* em teatro é melhor.

**BEATRIZ** – Mas é muito caretinha mesmo.

**CAIO** – Desculpa se eu prefiro uma acústica boa, uma cadeira, focar no espetáculo musical.

**BEATRIZ** – E que se dane a experiência?

**CAIO** – Meu Deus, como você é complexa. Vou tentar te explicar o que eu acho de outro jeito...

(Seguimos com cenas dos dois durante o jantar. Continuam comendo a sobremesa e se divertindo.)

**BEATRIZ** – Minha nossa, que sono! Vamos pra cama?

**CAIO** – O quê?

**BEATRIZ** – Disse que tô com sono?

**CAIO** – E depois?

**BEATRIZ** – Falei pra irmos pra cama e...

**CAIO** (interrompendo) – Me chamando? Sem que eu tenha que pedir?

**BEATRIZ** – Hoje é quarta? É seu dia... Aproveita que a fila é grande...

**CAIO** – OK, vou tentar remanejar todas pra que você fique com a quarta.

(BEATRIZ e CAIO se beijam.)

## CENA 6

(BEATRIZ e CAIO dormem juntos. Agora, eles estão abraçados. O telefone dela apita, mas ela rapidamente desliga o alarme. Ele a abraça mais fortemente e diz “Eu te amo”. Ela se aninha ainda mais no abraço dele e responde “Eu também te amo”. Segundos se passam. Em um rompante, ela solta o braço dele e se levanta. Ela começa a bater nos pés de CAIO para que ele acorde.)

**BEATRIZ** – Acorda, acorda. Tá na hora, acorda.

**CAIO** – Ahn?

**BEATRIZ** – Acorda! Vai!

**CAIO** – Que isso? Que horas são?

**BEATRIZ** – Hora de você ir embora.

**CAIO** – Ir embora?

**BEATRIZ** – É. Eu tenho um monte de reunião hoje.

**CAIO** – Você falou que tava de folga pelos próximos dias. Atestado, sei lá...

**BEATRIZ** – Não tô mais. Recebi umas ligações e vou ter que trabalhar.

**BEATRIZ** – Justamente por ser de casa que preciso que você vá.

**CAIO** – Eu fico aqui dormindo enquanto você trabalha.

**BEATRIZ** – De jeito nenhum, vai. Você não tem aula?

**CAIO** – Essa semana não.

**BEATRIZ** – Então devia rever as matérias todas. Português, matemática, física... Você tem cara que é péssimo em física.

**CAIO** – Eu sou ótimo em física.

**BEATRIZ** – Então as outras.

**CAIO** – Relaxa.

**BEATRIZ** – E o vestibular? Tá estudando?

**CAIO** – Claro...

**BEATRIZ** – Claro nada.

**CAIO** – Confia em mim...

**BEATRIZ** – Se você tá aqui, não tá estudando. E trabalho? Você tá procurando?

**CAIO** – Tenho duas entrevistas no começo da semana que vem.

**BEATRIZ** – Duas? Tinha que ter mais.

**CAIO** – Calma. Vai rolar!

**BEATRIZ** – Calma? Vai rolar? Calma? Vai rolar? Pelo amor de Deus, sabe...

**CAIO** – Ei, como assim? O que tá pegando?

**BEATRIZ** – Como assim o que tá pegando? Você precisa dar um jeito na sua vida, Caio. Isso aqui tá bem errado.

**CAIO** – Eu tô tentando.

**BEATRIZ** – Tá tentando pouco.

**CAIO** – Que isso agora?

**BEATRIZ** – Ué, a realidade, né? Você precisar dar um jeito na sua vida. Não estuda, não trabalha. E vai ter um filho. E quer participar da vida desse filho. E suas namoradas? Já ligou pra elas?

**CAIO** – Que namoradas? Eu não tenho.

**BEATRIZ** – Você disse que tem.

**CAIO** – Você também falou dos seus namorados, achei que era piada.

**BEATRIZ** – Eu falei sério. Tenho vários.

**CAIO** – O que tá acontecendo? Pra você falar assim, algo tem que ter acontecido que eu não entendi.

**BEATRIZ** – Tudo está acontecendo, né, Caio? Eu nunca cometi um erro tão grande.

**CAIO** – Qual erro?

**BEATRIZ** – Eu preciso dizer?

**CAIO** – Por favor. Eu ainda nem acordei... É ter um filho?

**BEATRIZ** – O filho é um acerto, eu acho. Agora o pai, o pai é um problema.

**CAIO** – Você tá arrependida, é isso?

**BEATRIZ** – É uma boa pergunta.

**CAIO** – Não tava tudo bem?

**BEATRIZ** – Tudo bem não tá, né?

**CAIO** – Isso é coisa de hormônio?

**BEATRIZ** – Se você vier com papo de que isso é coisa dos meus hormônios, eu te mato e uso isso de álibi no tribunal. Só eu posso falar da minha variação hormonal.

**CAIO** – Então você tá arrependida?

(silêncio)

**BEATRIZ** – Eu acho que tô. Tô.

**CAIO** – É incrível como você consegue estragar tudo.

**BEATRIZ** – Eu? Estragar tudo?

**CAIO** – É. Você. Estragar tudo.

**BEATRIZ** – Eu sou a única que tá levando isso aqui a sério.

**CAIO** – A levar a sério é o que? É levar tudo do seu jeito? Eu não posso saber nada da sua vida. Eu não posso participar. Eu não posso sair com você. Você não pode conhecer minha família. Eu não posso conhecer a sua. Aliás, eu nem sei quem é sua família, de onde você veio, o que exatamente você faz. Nada. De tudo você foge todo o tempo. E você vem me dizer que eu não levo nada a sério?

**BEATRIZ** – Eu acho melhor você ir embora.

**CAIO** – Essa é sua frase favorita. Me mandar embora.

**BEATRIZ** – Eu realmente acho melhor.

**CAIO** – Você tá esperando um filho meu e vai me expulsar, é isso?

**BEATRIZ** – Da vida dele não. Mas da minha eu posso. Vai, Caio. As coisas são complexas...

**CAIO** – E você vai me dizer que as coisas não são assim até quando? Aliás, até quando você vai me tratar como um moleque que transa com você e só isso?

**BEATRIZ** – Eu não te trato assim.

**CAIO** – Você me trata assim o tempo todo.

**BEATRIZ** – Não fui eu que lá atrás falei de abortar...

**CAIO** – Isso de novo? Quantas vezes eu vou ter que pedir desculpas...

**BEATRIZ** (interrompendo) – ... e de impor como era a relação, de que não acreditava nisso ou naquilo.

**CAIO** – E daí? Você também disse.

**BEATRIZ** – Nós dois dissemos. O que aconteceu depois é que fugiu do controle. Vamos voltar pra lá, praquela página 4 ou 5 da nossa história e tá tudo certo.

**CAIO** – E a gente precisa ter certeza de tudo o tempo todo? A gente não pode falar algo e depois se contradizer? E ficar confuso, mas ir tentando entender? Sei lá, pra mim a vida é um pouco isso...

**BEATRIZ** – Eu prefiro que não.

**CAIO** – Então é isso?

**BEATRIZ** – Eu te mantenho informado do Jorge.

**CAIO** – OK. Como você quiser.

(CAIO sai do apartamento.)

#### CENA 7

(BEATRIZ e CAIO trocam áudios.)

**BEATRIZ** – Só pra você saber, hoje fui ao médico, tá tudo bem com o nosso filho.

**CAIO** – Que bom. Você podia ter me avisado, queria ter ido.

**BEATRIZ** – Foi uma consulta de rotina. Fui no meu horário de almoço. Ele está no tamanho e peso certos. Vou te encaminhar a foto da ultrassonografia.

**CAIO** – Caraca, eu sempre achei que não dava pra ver nada nesses exames, mas não sei se eu que tô um pai babão ou dá pra ver ele direitinho.

**BEATRIZ** – Dá, dá sim. Ele tava numa posição ótima.

**CAIO** – O nariz parece o seu.

**BEATRIZ** – Aíí talvez seja a sua imaginação de pai. Eu não consegui ver.

**CAIO** – Dá pra ver sim, ó.

**BEATRIZ** – Bom, qualquer novidade eu te dou notícias.

**CAIO** – E você, como você está?

**BEATRIZ** – Estou bem. Tirando que começo a ficar sem posição pra dormir, mas OK.

**CAIO** – Eu arrumei um emprego.

**BEATRIZ** – Que bom.

**CAIO** – E o vestibular foi semana passada. Acho que mandei bem.

**BEATRIZ** – Legal.

(silêncio)

**BEATRIZ** – Se quiser, deixo uma cópia desse ultrassom aqui na portaria. Aí você pega.

**CAIO** – Ah, quero sim.

**BEATRIZ** – Tá.

**CAIO** – Ou posso subir. Quero ver sua barriga. É uma forma de ver ele.

**BEATRIZ** – Claro. Pode subir.

**CAIO** – Sim, claro. Mas fica tranquila. É só pra isso e pronto.

**BEATRIZ** – Sim, claro. Eu sei. Eu não deixaria você subir se fosse pra outra coisa.

**CAIO** – Sim, eu sei.

**BEATRIZ** – Bom que tá tudo claro.

**CAIO** – Sim, tudo explicado.

**BEATRIZ** – É...

**CAIO** – É...

**BEATRIZ** – Então tá...

**CAIO** – Já vai dormir?

**BEATRIZ** – Tá na hora. Boa noite, Caio.

## CENA 8

(BEATRIZ já está com a barriga de uma grávida prestes a ter o bebê.)

(BEATRIZ abre a porta de seu apartamento para sair. CAIO está sentado no corredor. Ela se assusta.)

**BEATRIZ** – Ah, não, gente. Tem câmera aqui, né? É *reality*? É novela? O que você tá fazendo aqui, Caio?

**CAIO** – Te esperando.

**BEATRIZ** – Como você subiu?

**CAIO** – O porteiro, meu amigo, não só me deixou subir como ainda brigou comigo por eu ter sumido. Você depois explica pra ele que você me proibiu.

**BEATRIZ** – Eu tô de saída.

**CAIO** – Eu precisava te ver, Bia.

**BEATRIZ** – Já viu, né?

**CAIO** – Eu não aguento mais. Eu estou com saudades de você.

**BEATRIZ** – Saudades de mim? Tá tudo bem com o Jorge.

**CAIO** – Saudades dele, claro, de ficar deitado na sua barriga. Mas saudades de você. De vocês.

**BEATRIZ** – Caio, a gente já falou sobre isso...

**CAIO** – Não, você falou sobre isso.

**BEATRIZ** – Então, pronto.

**CAIO** – E quando você vai me ouvir?

**BEATRIZ** – Ouvir o quê?

**CAIO** – O que eu acho disso tudo.

**BEATRIZ** – Mas, Caio, eu...

**CAIO** (interrompendo) – Eu acho que estou completamente apaixonado por você, Beatriz.

**BEATRIZ** – Ah, pronto...

**CAIO** – Me leva a sério, por favor.

**BEATRIZ** – Não dá pra levar a sério alguém que diz que acha que está apaixonado.

**CAIO** – Desculpa, eu não vou bancar o fortão. Eu não vou bancar o que dá corda e depois recua. Você faz isso melhor que eu. Eu só posso ser o cara que tá sentindo um sentimento incrível e dolorosamente gostoso pela primeira vez. E o que de mais corajoso que ele pode fazer é vir diante da mulher que causa tudo isso nele e dizer.

**BEATRIZ** – Caio, eu sei o que é isso. É tipo paixão que a gente sente pela professora. Vai passar...

**CAIO** – Não, Bia. Aqui não tem uma suposição do que você acha que é. Aqui tem o cara que você conheceu, que dança estranho, mas que cozinha bem, que tem todo um discurso de amor livre, mas morre de medo da própria mãe, dizendo que todo esse tempo com você tem sido incrível, e o tempo longe de você tem sido horrível.

**BEATRIZ** – Caio, e aqui, diante de você, não tem uma mocinha de filme que tenta afastar o amor até que aparece o cara certo na vida dela. Aqui tem uma mulher extremamente feliz e decidida com a vida que ela escolheu. E, veja, eu escolhi. Eu escolhi ter uma vida longe da minha família, por isso você não me ouviu falando deles, eu escolhi ter a carreira que tenho, a casa que moro, o estilo de vida que eu levo. Eu sou uma tremenda de uma privilegiada, pois a partir do momento que eu decidi decidir a minha vida eu consegui. E manter as relações assim não me faz alguém que precisa ser convencida de que o amor existe. Mas apenas alguém que prefere viver com outros focos. Por que sempre o objetivo das pessoas tem que ser o amor? O amor romântico, de casal, que falamos meses atrás? Por que as pessoas acham que só isso completa? Eu já tentei isso, não deu. É isso. Pra que insistir em coisas que não são pra gente?

**CAIO** – Não são? As coisas são de uma forma só e acabou? Elas não podem mudar de curso? A gente não pode achar uma coisa e depois mudar de ideia? Temos que ser pra sem-

pre uma coisa só e pronto? Esse tempo todo com você, esses 9 meses de sei lá qual relação nós temos, me fez ser outra pessoa. E me faz querer continuar com isso. E te falar isso aqui, agora, é o que de mais sincero e corajoso eu posso fazer.

**BEATRIZ** – Caio, a sua juventude, o seu brilho no olho, é lindo. Se eu tivesse nascido 20 anos depois de quando nasci, nós seríamos namorados hoje. Se você tivesse nascido 20 anos antes, nós estaríamos casados agora. Mas não foi o que aconteceu. Você é um cara de 20 anos que tem que viver a plenitude da sua idade. Obviamente que sem esquecer que tem uma criança e que se não for um bom pai eu mando te prender, mas você tem que amar, desamar, amar de novo, sofrer, fazer sofrer. Todas essas coisas comuns da sua idade. Até pra você nunca olhar pra trás e falar “devia ter feito tal coisa”. Faça. Só, por favor, não faça outro filho, pois eu espero em breve receber uma pensão gorda vinda de você. Tirando isso, viva. Não se prenda a algo que você acha que sente aos 20. Tem uma vida que nos separa. E não é erro meu nem seu. Acontece.

**CAIO** – Eu não sirvo pra nada disso, mas pra ser pai do seu filho eu sirvo?

**BEATRIZ** – Serve muito. Pois eu sei que você não é um cara que vai me desamparar. Muito pelo contrário. Você já provou que é um cara presente, preocupado, apaixonado por ele desde já. E, graças a Deus, vai ser muito jovem quando esse moleque quiser correr de parque em parque jogando bola. Ter esse filho não fazia parte dos meus planos. Eu abri mão

de coisas pelo nosso descuido. E com certeza você, se não abriu, vai abrir. Isso faz parte da nossa vida de adulto. É a nossa contribuição pro mundo ser melhor. E eu fico feliz que a gente esteja junto nessa.

**CAIO** – Eu te amo.

(BEATRIZ e CAIO se beijam.) (silêncio)

**BEATRIZ** – Caio, eu acho que chegou a hora...

**CAIO** – Da gente tentar?

**BEATRIZ** (grita) – Não! Do nosso filho nascer! Minha bolsa estourou!

## CENA 9

(A porta do apartamento de BEATRIZ se abre. Ela entra com o bebê no colo e junto de CAIO, que carrega várias sacolas.)

**BEATRIZ** – Desmaiar? Eu esperava mais da juventude.

**CAIO** – Eu tinha falado que eu tinha nervoso de sangue.

**BEATRIZ** – Mas é o nascimento do seu filho.

**CAIO** – Não conta nada pra ele. Por favor.

**BEATRIZ** – Vou pensar no seu caso.

**CAIO** – Onde você quer que eu deixe as coisas?

**BEATRIZ** – Pode deixar tudo no outro quarto.

**CAIO** – No dele?

**BEATRIZ** – Não, no outro quarto.

**CAIO** – Como outro quarto?

**BEATRIZ** – No outro, ué. No que não é o meu, não é o dele,  
no outro.

**CAIO** – Eu nunca soube que aqui tem um terceiro quarto.

**BEATRIZ** – OK...?

(CAIO leva as sacolas para o outro quarto e volta.)

**CAIO** – E tem cama, né?

**BEATRIZ** – Normalmente os quartos têm cama. No seu planeta também é assim?

(silêncio)

**BEATRIZ** – Vamos refazer o *checklist* comigo?

**CAIO** – Bora.

**BEATRIZ** – Banheiras?

**CAIO** – Três. Embora eu ache que a gente só tenha um filho.

**BEATRIZ** – Uma pra cada período de vida. Homens... Chupetas?

**CAIO** – Doze.

**BEATRIZ** – Muitos meses, né? Mamadeiras...

**CAIO** – Doze.

**BEATRIZ** – Teve lógica, tá vendo? Fraldas?

**CAIO** – Aquele quarto inteiro. Deve dar até os 12 anos.

**BEATRIZ** – Roupinhas?

**CAIO** – Nos dois armários. Separadas por tamanho, cor, época do ano e tipo de tecido.

**BEATRIZ** – Termômetros?

**CAIO** – Cinco.

**BEATRIZ** – Um mede, o outro confere, o outro é a melhor de três... Enfim, você não entenderia.

**CAIO** – Não mesmo.

**BEATRIZ** – Ah! Brinquedos!

**CAIO** – Estão todos na despensa. Eu espero que o Jorge tenha um milhão de amigos e brinque muito. Tem brinquedo pra um batalhão. Tem um Jogo Imobiliário, você viu?

**BEATRIZ** – Noção de finanças desde cedo.

**CAIO** – Que fique rico e nos sustente em breve.

**BEATRIZ** – Perfeito. Acho que é isso, né?

**CAIO** – Eu acho.

**BEATRIZ** – Nada vai sair do meu controle.

**CAIO** (irônico) – Eu aposto que não.

**BEATRIZ** – Ótimo. Estou pronta. Pode ir. Qualquer coisa, eu te ligo. E ficamos combinados de todo sábado, né?

**CAIO** (dramático) – A menos que, sei lá, durante o banho, ele chore...

**BEATRIZ** – Só vou tomar banho quando ele dormir...

**CAIO** (dramático) – Mas se ele acordar e chorar...

**BEATRIZ** – Eu saio do banho...

**CAIO** (dramático) – E você não ouvir...

**BEATRIZ** (tensa) – Meu Deus...

**CAIO** (dramático) – E ele, no chorinho infantil, gritar “papai”,  
“papai”...

**BEATRIZ** (mais tensa) – Ele não choraria assim...

**CAIO** (dramático) – E eu não estiver aqui para acalmá-lo...

**BEATRIZ** – Será?

**CAIO** (dramático) – A menos que...

**BEATRIZ** – O quê?

**CAIO** – Tivesse um outro quarto...

**BEATRIZ** – Ahn?

**CAIO** – Com cama...

**BEATRIZ** (entendendo que estava sendo alvo de piada) – Ah,  
faça-me o favor...

**CAIO** – Que possa receber o pai do pobre e chorão Jorge...

**BEATRIZ** – Você está usando seu filho pra ficar comigo? Isso  
é uma baixaria.

**CAIO** – Ficar com você? Eu quero ficar com ele. Se você quiser, podemos ir pra minha casa, então.

**BEATRIZ** – E sua mãe me matar? Jamais. Ela foi muito querida comigo quando nos encontramos, mas tenho meus cuidados.

**CAIO** – E, além disso, podemos ter receitas incríveis preparadas por esse grande chefe...

**BEATRIZ** – Seus pratos são nota 6, no máximo. É que meu estômago é de avestruz mesmo.

**CAIO** – E também podemos ter...

(CAIO coloca a música “I Feel It Coming” e começa a dançar tranquilamente. Aos poucos, vai tornando a dança mais estranha.)

**CAIO** – Danças...

**BEATRIZ** – Bizarras...

(BEATRIZ começa a dançar com CAIO.)

**CAIO** – Vamos chamar de exóticas...

**BEATRIZ** – Pra mulher que você acha que ama?

**CAIO** – Ouça esse pobre jovem dançarino...

**BEATRIZ** – Péssimo dançarino... E, quem sabe, um jantar.

**CAIO** – Aqui?

**BEATRIZ** – Na rua.

**CAIO** (surpreso) – Sério?

**BEATRIZ** – Eu disse quem sabe.

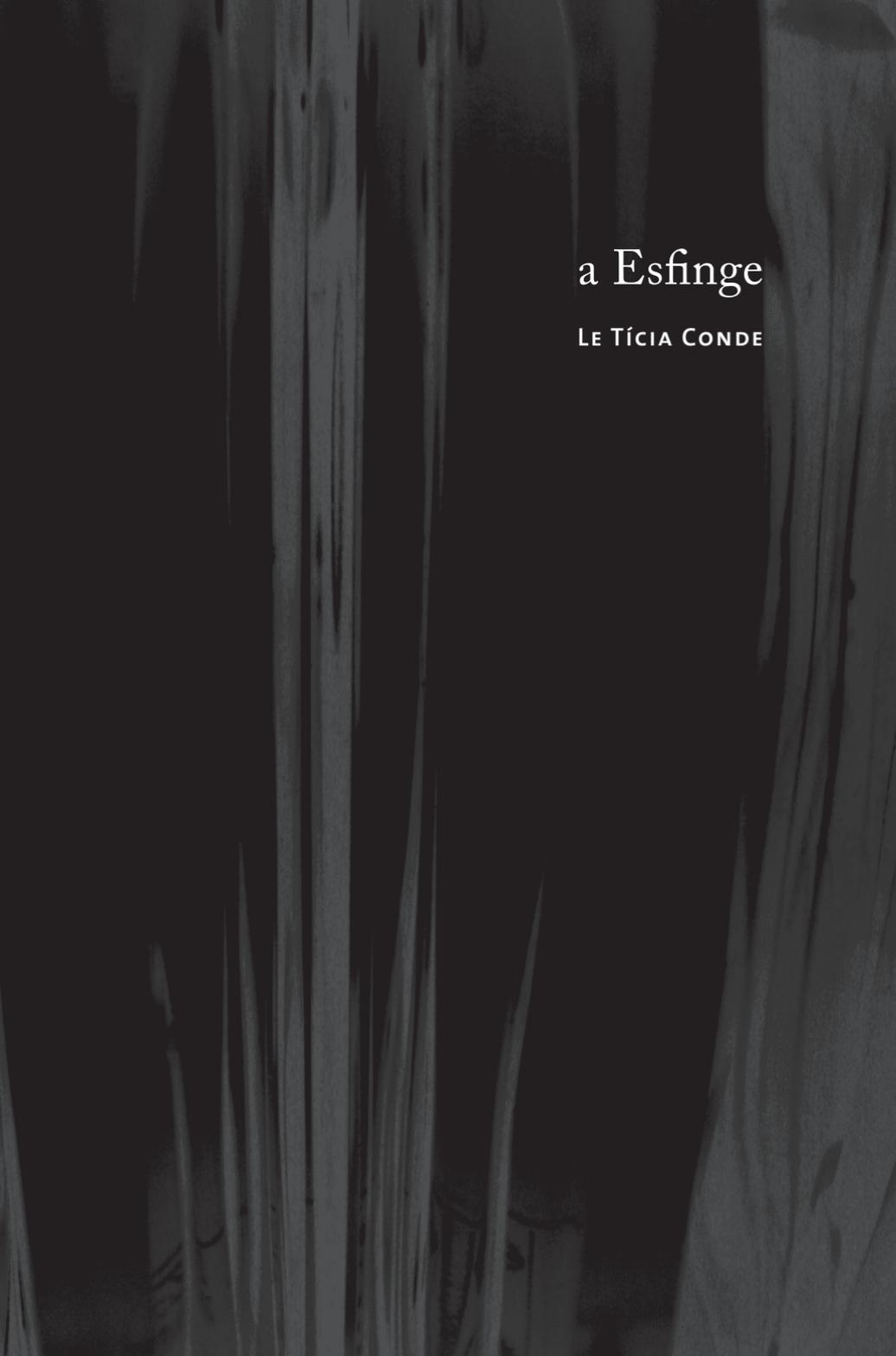
(BEATRIZ e CAIO se beijam com a música ao fundo.)

**CAIO** – Você topa?

(De repente, a música é interrompida por um choro de bebê.)

FIM





a Esfinge

LE TÍCIA CONDE

*Agradeço a Deus.*

*E dedico aos meus pais,  
aos que eu já matei,  
a todos os amados, amigos e irmãos por toda parte,  
especialmente aos que se encontram em bosques,  
desertos e montanhas  
voltando pelo Caminho.  
Que Deus seja conosco, amém.*

## Personagens

M1 – mãe biológica

M2 – madrasta

F – filha: no começo com 15 anos, depois  
com seus 25 e, ainda, aos seus 28

AMIGA

IRMÃO

ELE – namorado/marido

## Narradores Silenciosos

Cozinha

Faca

Sangue

Água

Sol

Lua

Nuvens

Raios

Trovões (nem tão silenciosos assim)

Serpente (Lúcifer e seu anjo Samael)  
Satanás  
Adão e Eva  
Deus (Pai, Filho e Espírito Santo)

## Prólogo

(A peça inteira se passa na Cozinha. Exceto este prólogo, que acontece num quartinho dentro da Cozinha.)

(Um celular toca.)

**AMIGA** – Alô, flor, a gente pode conversar um pouco? Não consigo dormir.

**F** – Oi, claro, também não tô conseguindo dormir.

**AMIGA** – Cadê sua mãe?

**F** – Saiu. Foi no terreiro. Ela tá cismada que tem coisa ruim na casa. Esses dias viu alguma coisa passando na cozinha.

**AMIGA** – E a mãe do outro?

**F** – Foi junto. Ela também tá ouvindo coisa. Andou sonhando com sangue.

**AMIGA** – Você está aí sozinha?!

F – Pera...

AMIGA – O que tá acontecendo?

F – Nada não. Só um celular vibrando... alguém deve ter esquecido em cima da mesa.

AMIGA – E o seu novo irmão, ainda te importunando?

F – Não, ele parou por esses dias. Fica só de longe me olhando. Os olhos dele são tão estranhos...

AMIGA – Se eu fosse você saía correndo. Vem aqui pra casa!

F – Não, minha mãe já foi no terreiro pedir proteção. E a mãe dele também. Vai acontecer nada, não. Proteção dobrada abre a porta de saída e sela a porta de entrada.

AMIGA – Axé! E amém! Que vá e não volte mesmo. Essa casa é muito estranha, e desde que as suas mães se juntaram vocês não têm tido paz.

F – É... esses dias minha madrastra, ai, isso ainda é tão estranho, ela, a outra lá, mãe dele, falou que sonhou com o ex-marido. Ele costumava falar que um homem não se perpetua na esposa, mas no filho.

AMIGA – Eu, hein?! Que que quer dizer isso? (pausa) Ow, tá me ouvindo?

F – Tô, pera...

AMIGA – Que foi?

F – Pensei ter ouvido algo, mas deve ser só aquele celular vibrando de novo.

AMIGA – Eu, hein?! Vai lá e desliga isso.

F – Ah, não vou sair da cama agora, não. Na cozinha faz frio pra caramba. Eu já deitei. Desencana.

AMIGA – E o pai dele, hein? Cadê esse homem?

F – Ah, então, eu ouvi a mãe dele falar que sonhou com ele, mas minha mãe insiste que elas não têm por que ter medo.

AMIGA – Medo de quê?

F – Ah, não sei, acho que dele, né? Elas não contam, eu ouço sem querer, elas esquecem que eu tô dormindo nesse quarto.

AMIGA – Bom, pelo menos o pai dele tá...

F – Pera!!

AMIGA – Ai, o que foi?!

F – Acho que ele tá andando pela casa.

**AMIGA** – Tranca a porta! Ele é louco, vai que te ataca.

**F** – Não, eu vim pr'esse quarto justamente porque ele tem fobia de lugares pequenos, ele fica alterado.

**AMIGA** – É, no teu lugar até eu ia dormir no quatinho de empregada. Ficar o mais longe possível. Como diz o ditado, não converse com estranhos. Nem sendo irmão e morando na mesma casa!

**F** – É, de irmãos o inferno tá lotado. Acredita que esses dias ele falou que eu estou no quarto apropriado?!

**AMIGA** – Tá vendo? Eu falo, mas acham que é exagero, preto e branco não dá certo misturado.

**F** – Certo dá, ele que me odeia. A última mensagem que ele mandou tava falando que ia rasgar meu olho até a orelha pr'eu me enxergar melhor no espelho.

**AMIGA** – Que horror!!! Você contou pra sua mãe, né? Claro!

**F** – Não...

**AMIGA** – Como não? Você precisa contar AGORA! Liga pra ela AGORA!

**F** – Calma, ele não vai fazer nada. Cão que ladra não morde.

**AMIGA** – E você não falou que ele anda quieto? (pausa) Ow... alô?

F – Fecha a porta do meu quarto agora!

**IRMÃO** – Eu só quero um carregador emprestado.

F – Eu não vou te emprestar nada. Pode sair!

**IRMÃO** – Eu ouvi você falando de mim...

F – Você tá louco, não falei de você hora nenhuma!

**IRMÃO** – Falou, sim, me chamou de cachorro e ainda disse que eu não mordo.

F – Que falei o quê, você é louco!

**IRMÃO** – Eu não sou louco!

F – É, sim, louco maluco pirado, fica me mandando aquelas mensagens.

**IRMÃO** – Eu não sei do que você tá falando, cala a boca!

F – Sabe, sim, só porque eu nunca quis me aproximar de você!  
Você é nojento!!!

**IRMÃO** – Cala a boca!!!

F – Eu vi as fotos no seu computador!

**IRMÃO** – CALA A BOCA!!!

F – No fundo você gosta de preta! Só foto de menina preta!

**IRMÃO** – SUA VAGABUNDA!

F – Tarado de merda!!!

**IRMÃO** – Você é uma cadela! Sua puta, desgraçada!

F – Seu covarde!!! Fica longe de mim!!! Ahhh, não tem nem coragem de entrar no meu quarto, pedófilo de preta com medinho de lugar apertado!!!

**IRMÃO** – Eu descobri uma coisa, sua vadia...

F – O quê?

**IRMÃO** – No escuro, eu não vejo o tamanho do quarto.

**AMIGA** – Não, não, não... ALÔ! PARA! PARA! EU OUVI TUDO! EU VOU CHAMAR A POLÍCIA! PARA! MEU DEUS, PARA! LARGA ELA! FLOR, FALA COMIGO!!! LARGA ELA, SEU COVARDE!

F – Não... me larga. Me larga... me... não...

**IRMÃO** – Abre! Abre, sua... aí, assim... agora sim! Agora EU sou o novo homem dessa casa! EU SOU UM HOMEM! EU!!! EU!!! EU, EU, EU SOU UM HOMEM, EU!!!

**F** – Você é um animal! UM DEMÔNIO! SAI DE CIMA DE MIM!!! ME DEIXA EM PAZ, SAI!!!

**IRMÃO** – CALA A BOCA!!! VOLTA AQUI!!!

**F** – Você é igual ao teu pai!!! Tal pai, tal filho!

**IRMÃO** – NÃO OUSE FALAR DO MEU PAI!!! CALA A BOCA, SUA VADIA IMUNDA!!! Vem aqui!!! Não adianta segurar a faca, vai fazer o que com isso aí? Não sabe nem... AI! SUA VACA, EU VOU TE MATAR!!!

**AMIGA** – NÃO! MEU DEUS, NÃO!!! FLOR, TÁ AÍ? PELO AMOR DE DEUS, FALA QUE VOCÊ TÁ AÍ!!! TEM ALGUÉM AÍ??? O QUE QUE TÁ ACONTECENDO??? VOCÊ MATOU ELA, SEU FILHO DUMA PUTA??? O QUE ELE FEZ COM VOCÊ, FLOR??? FLOR??? ME RESPONDE, PELO AMOR DE DEUS!!!

(A ligação cai.)

## Ato I

(Tocar, em seguida ao estupro e assassinato, *Vivaldi: Gloria in D major RV 589 – 10. Qui sedes ad dexteram Patris. Inteira*. Ou, no máximo, algo na mesma nota, como *Bach: Cello Suite No. 6 in D major BWV 1012*, mas sempre literalmente D major e mesmo tom sacro – mas jamais triste. Tem de ser D major, ou seja, Ré maior!)

CENA I – *ALLEGRO CON FUOCO*

(Anos depois, estão três mulheres reunidas na Cozinha, duas são as mães – que ainda são um casal – e a filha, visivelmente mais madura do que no começo. Elas estão com a panela no fogão, M2 cortando cebolas e alhos e guardando-os em potes, no fogo está fazendo uma sopa de cebola tradicional francesa, já começada, perfumando todo o espetáculo desde o prólogo. É um entardecer, dá ainda para ver os últimos Raios de Sol entrando pela Cozinha.)

**M1** – Toda religião cristã sabe que a Eva foi enganada por Lúcifer.

**F** – Ela não foi só enganada, ela foi estuprada.

**M2** – Eu acho pesado colocar nesses termos.

**F** – Pesado? Como assim, pesado?

**M2** – Ele enganou ela, não foi bem um estupro...

**F** – Todo cristão sabe que a tal maçã que ele ofertou pra Eva era mais do que uma frutinha inocente, ele ensinou pra ela a coisa toda, e depois ela foi ensinar o Adão.

**M1** – Ah, mas então não foi estupro mesmo, foi ensinamento.

**F** – Gente, como não? Claro que foi estupro. Ela era inocente, não era?

**M1** – Sim.

**F** – Então! Ela era o que poderíamos chamar hoje de “menor”, podendo ser até vulnerável, uma criança ainda.

**M1** – Ah, criança ela não era, não, porque foi levar a maçã pro Adão, me poupe.

**F** – Tá, mas ainda assim, ela era adolescente, que seja.

**M2** – E que adolescente não transa, minha filha? Raro hoje em dia, hein?

**F** – É, adolescente transa, mas com outro adolescente. Troca-troca é com gente da mesma idade, não alguém mais velho.

**M1** – Mas, pera, na Bíblia não fala que Lúcifer *transou* com a Eva, ele *ensinou* ela...

**F** – Claro, superprofessor ele. Ele tinha idade pra ser, sei lá, pai dela.

**M2** – Como você pode saber disso? Não tem isso em lugar nenhum.

**F** – Mesmo que ele fosse um irmão mais velho, ele tinha obrigação de proteger ela, não de transar com ela.

**M2** – Mas de onde você tirou que eles transaram?

**80** **F** – Tem na lenda maçônica isso.

**M1** – Lá vem você com essas histórias...

**F** – A Eva transou e engravidou de Samael, parindo Caim – por isso ele herda o gene da negação e do assassinio. E *eu* digo que a Eva foi estuprada, no mínimo abusada por esse anjo lucífero.

**M1** – A gente já não falou pra você parar de estudar essas coisas?

**M2** – Isso faz mal pra cabeça, depois fica achando que a Eva foi estuprada pelo capeta.

**F** – Gente, foi no mínimo um abuso da parte dele.

**M2** – Que ele abusou do céu inteiro, todo mundo sabe. De toda forma, a Eva ia provar do fruto mais cedo ou mais tarde. (Ela, sem querer, corta o dedo e enfia-o na boca. *Rallentando.*)

**M1** – Que foi?

**F** – Cortou o dedo?

**M2** – Uhum.

(Elas se olham, quietas por um momento, como se houvesse algo estranho no corte.)

**F** – Põe debaixo d’água, água ajuda. (*M2* faz isso.)

**M1** – Eu vou pegar um esparadrapo pra fazer um curativo... ué, eu tinha deixado aqui na gaveta...

**F** – Eu coloquei ele de volta no meio dos remédios e das coisas de emergência no quartinho, mãe.

**M2** – Nem precisa, já, já estanca o sangue.

**M1** – Precisa, sim, meu amor, espera aí.

**M2** – Nossa, o que a gente tava falando?...

**F** – ... sobre a Eva ter sido ou não estuprada ou abusada.

**M1** – Sabe o que eu acho? Acho que se a gente olhar pra mitologia cristã como está na Bíblia, a Eva foi tentada pela serpente, mas só pratica o ato com Adão, isso faz com que Lúcifer não tenha de fato desobedecido a Deus, porque a ordem era “não comer”, e não “não ofertar do fruto a eles”. A desobediência é da Eva mesmo. Ela é a responsável.

**M2** – É, falando assim parece até que a Bíblia pega mais leve com Lúcifer do que a maçonaria, pelo jeito.

**M1** – É a história, Satã quando vai tentar Jó é com autorização de Deus. Ele sempre permite que a tentação aconteça.

**F** – Sim, por isso tem no Pai Nosso a frase “não nos deixeis cair em tentação”, porque não é nos livrarmos da tentação, mas, passando por ela, não cairmos nela.

**M2** – E o “livrai-nos do mal”, como fica? Livrai-nos...

**F** – A tentação em si não é o mal, né? Tentação é tentação, mal é mal. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

**M1** – É, se a gente pensa que etimologicamente *diabolus* significa separar, desunir, bifurcar, “livrar do mal” então seria livrar-se da separação de Deus, da desunião com Deus.

**F** – Sim, e isso nada tem a ver com a tentação em si.

**M1** – É, se a gente resiste a uma tentação, pode inclusive sair dela ainda mais forte e unido a Deus.

**F** – Exatamente!

**M2** – Então o resumo é: se a Eva tivesse resistido à tentação, talvez nós seríamos seres mais fortes do que somos hoje.

**F** – Isso eu já não sei...

**M1** – E o Adão, o Adão também não resistiu...

**F** – O que acontece é que a Eva ia provar do fruto, mas na hora que Deus assim quisesse, só que Lúcifer foi lá e adiantou as coisas. Isso denota que a Eva não tinha idade para aprender sobre sexo, sobre intimidade, sobre prazeres etc. E nós sabemos que a cobra é astuta, temos o lado moral dela como prova, ou melhor, a falta de moral, nesse caso.

**M1** – Falta de moral como prova de quê?

**F** – (*Tempo primo*) De que a serpente usou da sua esperteza, da sua astúcia, pra levar a Eva pra cama, e ela, inocente, caiu na lábia do safado. Ela não tinha idade pra entender e se defender.

**M1** – Mas se ela não tinha entendimento pra poder responder que *sim*, ela também não conseguiria responder que *não*.

**F** – Eis o cerne da questão: ele perguntou se ela queria ser como os deuses e ela não respondeu nem que “sim” nem que “não”, mas “talvez”.

**M2** – Essa eu sei: *seja, porém, o vosso falar: sim, sim; não, não; porque o que passa disso é de procedência maligna.*

**F** – Exatamente!

**M2** – Mas isso só prova que o maligno partiu dela também! Então ela não era tão inocente assim.

**F** – Não, ela não era tão inocente, então devia mesmo ser uma rebelde adolescente, com mais de 14 anos, o que já não configura estupro de vulnerável, mas... É importante esse “mas”, a maldade dela é diferente da dos Lúciferos anjos.

**M1** – Como pode isso? Maldades diferentes?

**F** – Oras, a maldade da Eva estava na sua ignorância, ela ignorou uma ordem divina – não comer do fruto de uma árvore específica, e por isso se separou de Deus, mas Lúcifer não ig-

norou, ele, tendo entendimento, se negou a obedecer o tempo de Deus. Por isso ele é o portador da negação. Ainda que toda negação seja uma inconsciência maior ainda. Ou seja, ele é como um adulto que entende mais do que um adolescente, mas é mais ignorante justamente por estar mais longe do estado das crianças, as verdadeiras herdeiras do reino do céu!

**M1** – Vem cá, e cadê Adão nessa hora? Cadê ele pra defender a fêmea e dar uma de macho?

**F** – Bom, o que eu entendi da lenda maçônica, Adão foi “dado” pra Eva depois que ela dormiu com o diabo. Nossa, tem algo cheirando queimado...

**M2** – Meu Deus, as cebolas!

**M1** – Queimou muito?

**M2** – Não, não, quase... só deu aquela queimada no fundo.

**F** – Não faz mal, fica mais gostoso... adoro essa raspa queimada.

**M2** – Faro bom o teu, hein? Puxou a mãe leoa aí...

**F** – Faro pra panela ou pro divino caso?

**M2** – Ah, pra panela, né? Pro caso da Eva eu já não sei.

**M1** – Isso só Deus sabe! E, no caso da advocacia, o faro investigativo é da mãe águia aí, né, querida?

**F** – Leoa com águia, eu sou uma leoa alada, um pouco de cada.  
Caso encerrado.

**M1** – Encerrado não, que também tem essa cara de anjo e esse dom pra fala graças ao pai, que era um santo, Deus o tenha.

**F** – Amém. Sim, é verdade.

**M2** – E você está julgando a Queda, então, é isso, dona advogada?

**F** – Preciso ir treinando, né, mãedrastra?

**M1** – Você está gostando do curso? Falando nisso...

**F** – Sim, estou sim. Bastante. Tem sido interessante esse primeiro ano.

**M1** – Eu estou tão orgulhosa de você!

**M2** – Nós duas sentimos orgulho de você! Eu também me orgulho muito, viu?

**F** – Eu sei, amadas. Por que você está cortando tanta cebola e alho?

**M2** – Ah, aproveitei que estou com a mão na massa; já deixar pronto pra próxima, só colocar azeite e sal que dura dois ou três dias na geladeira. Olha só, que beleza!

**M1** – Você sempre alimentando a gente, né? E essa sopa deliciosa, hein? Tô morrendo de fome.

**M2** – Faltava um bife pra acompanhar, né?

**F** – Ih, falta nada, não, nem fale de carne... nossa, até embrulhou meu estômago.

**M1** – Você está bem?

**F** – Sim, é só que me deu alguma coisa de repente, deve ser nojo, não sei, ânsia.

**M1** – Quer algum remédio? Eu posso ver no quartinho se...

**F** – Não, mãe, não é nada, deixa pra lá. Vocês prometeram tentar parar de comer carne vermelha, lembrem-se disso.

**M2** – Sim, eu só falei, não fiz bife... você está vendo bife aqui em algum lugar?

**M1** – Não rolava um peixinho?

**M2** – Ah, não, peixe não combina com sopa de cebola, não. Esquece. Ou uma coisa ou outra.

**M1** – Sim, senhora, chefe!

**F** – Melhor coisa, nada de bichos, é bom parar de comer mortos aos poucos.

**M2** – Vai ser advogada da Eva e dos animais também, é?

**F** – Processar o inferno humano e divino é pra poucos, minha cara, mas olha que eu tenho essa ousadia, hein?

**M2** – Processar o diabo, era só o que me faltava!

**F** – E por que não?

**M1** – Minha filha, foi esse cabra que inventou a tua futura profissão. Requer muita retórica e astúcia pra ser advogada.

**F** – Eu sei, mas também dá pra ser advogada defendendo a verdade sem precisar mentir nem enganar.

**M2** – Ih, sei não.

**M1** – Difícil, ganhar casos com honestidade é raro, as leis não favorecem, minha filha.

**F** – Eu sei.

**M2** – No seu caso divino, por exemplo, é possível que o advogado do diabo diga que a Eva é tão culpada de estupro ou aliciamento quanto o próprio Lúcifer, porque ela foi correndo ensinar o Adão. Principalmente se ele foi feito depois dela, é o mesmo caso, ela mais velha ensinando besteiras pro mais novo. Isso denota que ela gostou do que aprendeu.

**F** – A questão não é ela ter gostado ou não. Não importa se alguém gosta de ser roubado, um roubo é um roubo, não importa se alguém sentiu prazer num estupro, estupro é estupro.

Ponto. Ele coagiu ela, e ela aceitou, é um fato, então a Eva é, sim, corresponsável, mas a responsabilidade dela não diminui a responsabilidade do diabo.

**M1** – É, não foi certo o que ela fez.

**F** – Não, não foi. Mas não estamos aqui julgando o que ela fez, e sim o que fizeram com ela, então nos atenhamos à cronologia dos fatos. Se ela tivesse transado antes com Adão, partindo apenas dela o ato, aí sim ela seria ré neste caso, mas como ela apenas reproduziu o que lhe foi ensinado, o fato de Adão ter também aprendido e reproduzido só faz o diabo se tornar duplamente culpado! O caso é agravado!

**M2** – Querida, eu espero que os advogados se preparem. O mundo não está pronto pra você.

**M1** – É... e as testemunhas?

**F** – Ah, claro, testemunha número 1: Deus, aquele que, por onipresença, contará a verdade.

**M2** – O que não é muito justo, porque se Ele é onipotente, onipresente e onisciente, como deixou que a Queda se desse de fato?

**F** – Isso é a velha pergunta: por que coisas ruins acontecem com Ele vendo? O que leva a um pensamento tendencioso e perigoso... Deus não deixa coisas ruins acontecerem, como dizem, o caso é que o Amor de Deus está no presente que ele nos deu: a alegria da liberdade.

**M1** – Mas você mesma está alegando que Eva não tinha maturidade para escolher... isso não é liberdade.

**F** – Isso não faz com que Lúcifer não fosse livre para tentar. E, de toda forma, a imaturidade não impossibilita a liberdade. Um adolescente faz escolhas ruins, depois vemos que não eram escolhas – escolhas, porque não se sabia de fato o que se escolhia, mas é o paradoxo: só se aprende o que é escolher escolhendo errado.

**M2** – Mas isso faz com que Lúcifer tenha motivos racionais para tentar a Eva a ter feito o que fez, ela precisava aprender.

**F** – Sim, ele precipitou o processo, catalisou a coisa toda, igual fogo na comida, é como dar uma pré-digerida.

**M1** – Nossa, isso significa que o *bem* sem o *mal* seria como a comida crua, mais difícil de ser assimilada...

**F** – Pois é, um paradoxo lindo, não acha? O que a gente chama de *mal* trabalha para que aprendamos o *bem* com mais facilidade. Ainda que isso não torne ele algo desejável, mas talvez momentaneamente indispensável.

**M1** – Tem teoria que diz que um dos maiores, se não o maior salto evolutivo do homem foi ter aprendido a lidar com o fogo. Cozinhar a comida ajudou a sermos quem somos hoje.

**M2** – Falando nisso, a sopa está pronta, vou servir os pratos.

**F** – Obrigada!

**M1** – Obrigada... mas, pera, isso tudo derruba teus argumentos de que a Eva sofreu um abuso, porque daí o mal só estava a trabalho.

**F** – Não, o fato do abuso fazê-la crescer com a dor, de forma que o crescimento e a dor sejam inevitáveis, não faz com que aquele que fez isso com ela não precise pagar pelo que fez. Ele entendia o que fazia, e isso acarreta imensa responsabilidade. E o responsável é aquele que paga, de alguma forma, pelas suas escolhas. Por isso, de boas intenções o inferno está cheio, não importa o sentimento do diabo, importa o que ele fez, sua ação, seu ato! Aliás, é por isso que os anjos caíram também, não só nós, humanos. De alguma forma, nós estamos pagando junto deles por todos esses atos. O que leva a minha tese final: se nós temos chance de nos elevarmos, eles também têm. Caímos com eles, mas, se nós evoluirmos, eles podem se elevar também.

**M2** – A tua sopa vai esfriar...

**M1** – Está deliciosa, aliás!

**M2** – Obrigada!

**F** – (Come uma colherada e corre pra pia, cospe, fica tendo espasmos como quem quase vomita.)

**M1** – Filha! Você está bem?

**M2** – Claro que ela não está bem...

**M1** – Óbvio!!! Eu quero dizer, o que você tem?!

**F** – Nossa, não sei. O cheiro está delicioso, mas foi colocar na boca que... me desculpa.

**M2** – Imagina... você não é disso. Enjoo assim do nada...

**M1** – Realmente... se fosse enjojo por causa do cheiro eu até diria que você está grávida.

**F** – Cruz e credo. Nem fala. Impossível. Comecei a tomar pílula este mês.

**M1** – Mas você já tá de namorico?

**M2** – Você andou transando?

**F** – Ih, gente, me deixa em paz. Tem filho nenhum aqui não. Para! É minha vida sexual é minha, eu sei me cuidar.

**M1** – A gente sabe que você sabe se cuidar, é só que...

**M2** – Coisas de mãe, a gente se preocupa, você sabe que pode contar com a gente, não sabe?

**M1** – É, você pode contar pra gente se você transar, não tem nada demais, não.

**F** – Eu sei que eu posso contar com vocês, mas não quero falar sobre essas coisas, não, valeu?! Vou deitar. Não estou bem.

**M1** – Quer algum remédio, algo?

**M2** – Quer um chá?

**F** – Não, mães. Fiquem tranquilas, está tudo bem. Eu só preciso deitar...

**M2** – Você ficou abatida. Está pálida.

**M1** – Não quer tentar comer nem mais uma colherada, só uma?

**F** – Nossa, de jeito nenhum. Eu preciso deitar.

**M2** – Ainda está cedo, oito e dez...

**F** – Assim é bom que acordo umas cinco e estudo mais. Licença. Boa noite, amadas.

**M1 e M2** – Boa noite!

#### CENA II – *ANDANTE*

**M1** – Que estranho. Faz anos que não vejo ela ter uma reação dessas.

**M2** – Não é qualquer um que aguenta cebolas, né?

**M1** – Ela sempre gostou de cebola.

**M2** – Bom, se você diz...

**M1** – Ai, que foi? Fala, eu conheço esse seu tom de quem diz não dizendo, desembucha logo.

**M2** – Você sabe...

**M1** – Não, não sei, fala.

**M2** – Ela nunca gostou muito das minhas comidas.

**M1** – Nossa, nada a ver. Ela sempre come o que você faz.

**M2** – Sim, isso não quer dizer que ela goste. Ela é educada, sempre comeu por educação. Você educou ela muito bem, a ponto dela não dizer “não”.

**M1** – Isso foi o pai dela. Ela era o xodó dele, imitava ele em tudo. Ele que tinha essa diplomacia de sempre servir o próximo, aguentar algo que não gosta em prol da felicidade do outro. Quanto maior o sacrifício, melhor se aprende o ofício, ele falava.

**M2** – Você nunca fala dele.

**M1** – É em respeito a ela.

**M1** – Não... ele morreu e eu logo conheci você, nem deu muito tempo de... eu não sei.

**M2** – Mas vocês deveriam falar sobre ele. Não se varre uma morte pra debaixo do tapete.

**M1** – Eu acho melhor a gente não mexer com os mortos dessa casa. Você sabe bem disso...

**M2** – É diferente.

**M1** – Em quê? (M2 fica em silêncio.)

**M2** – Sabe o que eu acho? Acho estranha também essa história dela ficar falando que a Eva foi estuprada, abusada, e falando de Lúcifer... essas coisas são perigosas...

**M1** – Você sabe que não tem nada de ruim, não. Hierarquia de esquerda faz trabalho de sombra, a gente que não entende que o sofrimento é necessário, ponto. Seja pra crescer, seja pra pagar as contas. Coisa cármica.

**M2** – Sim, mas e ela, ela sabe disso? Depois fica aí com ânsia...  
(silêncio) Nossa, esfriou, não?

**M1** – Sim, acho que vem chuva. Eu vou pro quarto. Você vem?

**M2** – Já vou. Vou arrumar aqui primeiro.

**M1** – Deixa aí, amanhã a gente lava. Vem.

**M2** – Você sabe que ela não gosta que fique louça pro dia seguinte, nem louça espalhada.

**M1** – Ela não manda nessa casa. E, ah, é só um dia, uma noite, não tem nada demais. O que pode acontecer?

**M2** – Se ela falar algo, você é a responsável.

**M1** – Tá bom. Vem, vamos...

**M2** – Tá...

### CENA III – *ANDANTINO*

(Está de madrugada, F entra na Cozinha. Com tudo escuro e silencioso na casa, vê-se o brilho dos Raios e ouvem-se os Trovões. Ela pega Água numa espécie de cântaro de barro, senta-se, levanta-se, senta-se, está ansiosa, ainda que sussurrante.)

**F** – (*Pianíssimo*) O que está acontecendo comigo, Senhor? Eu não estou normal, tem algo... por que que eu fui fazer aquilo? Meu Deus. Isso não pode estar acontecendo. Eu não aguento mais... e todo dia o mesmo pesadelo. Por que que eu me deixei levar? Eu sempre estou no controle de mim mesma. Eu nunca... (*ofegante*) eu nunca... eu nunca perco a cabeça... nunca me deixo levar emocionalmente desse jeito... o que está acontecendo, meu Deus? (F, ainda ofegante, como se estivesse com falta de ar, anda se escorando na pia, na mesa; em algum lugar acaba esbarrando na Faca que a M2 usou para cortar

cebolas, a Faca cai, F se assusta e grita, começa a chorar ajoelhada.) Me deixa em paz, me deixa em paz, me deixa em paz! Pai Nosso que estais no céu...

**M1** – Filha, o que está...

(F, num reflexo, pega a Faca do chão e aponta-a para a mãe. Todas as próximas falas são na intensidade *dum fortíssimo*.)

**M1** – Minha filha, sou eu! Sou eu!!! Por favor, não me machuca. Sou eu, sua mãe!!!

**F** – (Ela solta a Faca.) Por que vocês não guardaram a louça?! Você sabe que eu não gosto que não guardem a louça, você ainda não entendeu o que isso significa pra mim?!

**M1** – Me desculpa, fui eu que falei que arrumava tudo amanhã de manhã. Não pensei que você viesse aqui na cozinha de madrugada. Por que você estava no chão com uma faca?

**F** – Ela caiu sem querer, e eu tava ajoelhada orando.

**M1** – É sangue isso no chão? Você voltou a se cortar?

**F** – Me deixa em paz! Me deixa em paz!

**M1** – Eu estou preocupada, só isso... você voltou a se cortar?

**F** – Você não se importa, nunca se importou...

**M1** – É claro que eu me importo! Você é minha filha!

**F** – E daí?! Isso não significa nada. Você não foi minha mãe quando o papai morreu, você não estava aqui quando eu precisei...

**M1** – Não seja injusta, eu nunca soube como falar do seu pai com você. Vocês se isolavam do mundo, nem eu podia entrar no mundo mágico de vocês... o que você quer que eu diga? Que eu sinto muito? Porque eu sinto muito! Mas não posso morrer junto dele, se é isso que você quer.

**F** – Eu nunca quis que você morresse, eu só queria que você me protegesse, como ele sempre fez.

**M1** – Eu cuido de você da melhor forma possível.

**F** – Mentira, você não tava aqui quando eu mais precisei.

**M1** – Eu sinto muito.

**F** – Não, você não sente.

**M1** – Você não sabe dos meus sentimentos. E isso já faz dez anos, já chega também, né? Até quando você vai ficar insinuando coisas e me cobrando?

**F** – Tá vendo, tudo sempre no seu tempo... sabe por que eu fui estuprada e quase morri? Porque você estava na porcaria de um terreiro!

**M1** – Eu fui pedir proteção porque sabia que tinha algo ruim.

**F** – Acontece que a coisa ruim não era assombração, não, era real e estava bem aqui.

**M1** – Como é que eu ia saber?

**F** – Você nunca suspeitou por que eu vim dormir nesse quarto de empregada?

**M1** – Você falava que era pra passar pela experiência que outras pretas passaram. Você nunca falou que era por causa do...

**F** – Os pais sempre sabem. E, além disso, você estava encantada demais descobrindo suas raízes negras com uma mulher branca, não é? Encantada demais se descobrindo lésbica e o caramba...

**M1** – Você me respeita!!!

**F** – Ou o quê? Vai querer me bater pra educar tudo o que não educou porque estava preocupada demais em se enroscar num rabo de saia sem nem esperar o marido morto esfriar?

**M1** – Eu tenho o direito de seguir em frente! Você quer falar dela, mas seu pai também era branco, você sabe muito bem!

**F** – É, mas ele nunca tentou te fazer ser “preta pra branco ver”.

**M1** – Ela não faz isso, ela só quis me ajudar a resgatar minhas raízes, nossas raízes, nossa cultura...

**F** – Minha não, eu não sou branca nem preta, cultura não me define, eu sou um indivíduo: como Cristo ensinou a ser. Assim como ir em terreiro não faz branco virar preto, ir em terreiro não faz você ser preta. Você é preta porque é preta, ponto.

**M1** – Aí, isso de Cristo, que teu pai te ensinou, é coisa de branco.

**F** – Cristo não era branco, pra começo de conversa, e meu pai me ensinou a ser quem eu nasci pra ser. Ele me ensinou que eu tenho livre-arbítrio em espírito, no céu, e em carne, na Terra.

**M1** – Em primeiro lugar, eu sou da umbanda, e também creio em Cristo, tá certo? E é isso que eu estou aprendendo também! A ter experiências e escolher!!!

**F** – Não, pra você ser quem é hoje você fica sempre escolhendo baseada na cor da pele. Isso é uma prisão, não libertação.

**M1** – E negar a cor da pele como você faz é se libertar, por acaso? Negar o óbvio, aquilo que está na frente de todos os olhos?

**F** – Eu não nego, apenas não me importo.

**M1** – E outra, se eu não resgatar essas raízes todas, eu não vou ter base pra conseguir continuar, você sabe disso, você passou por isso na sua adolescência, agora você quer dar lição de moral só porque acha que evoluiu um pouco. Hipócrita! Isso é pura vaidade.

**F** – (Silêncio) Você tem razão. Mas ficar olhando pro passado é virar estátua de sal, cuidado. Uma hora a gente precisa seguir em frente, sair da África, pisar no Brasil, sabe?

**M1** – Não adianta me arrastar feito escrava pra tua espiritualidade como quem quer me colonizar. Tudo ao seu tempo, minha filha. Tenha humildade e aprenda isso, eu preciso viver o que estou vivendo. Eu fui uma boa esposa pro seu pai, casei virgem, fui fiel, eu ainda sou uma pessoa discreta, resguardada, não vivo pra levantar bandeira por aí igual adolescente, não, tá? É igual à parábola do filho pródigo... o filho obediente também se revolta, sai da casa do pai quando seu irmão retorna e se recusa a entrar, vai pro mundo dar uma volta. Eu fui e ainda sou uma boa filha pra Deus, Ele sabe, e só Ele pode me julgar. É como dizem, quanto maior o santo, maior o pecado. É sangue isso no chão?

**F** – Sempre tem sangue nessa cozinha. Vocês mandaram trocar todo o azulejo e o rejunte, mas eu sei que o sangue está debaixo disso tudo. O sangue cria nódoa em tudo.

**M1** – Não, a gente mandou tirar todo o sangue. Eu tenho certeza.

**F** – Eu consigo sentir o cheiro. Essa cozinha sempre cheira a sangue todo o tempo.

**M1** – Querida, você já falou que sente cheiro que não existe pro teu terapeuta?

**F** – Claro que existe, você que está em negação quanto ao fato de que há sangue aqui por todo lado.

**M1** – Eu não entendo, a gente mandou... trocar tudo, lavar tudo.

**F** – Mas o cheiro sempre vai ficar.

**M1** – Eu acho melhor a gente ir dormir. Vem comigo, vem. Vem cá... eu te amo, minha menina. Me perdoe por eu não saber lidar... eu amava muito seu pai, saiba disso. Eu me sentia deslocada perto de vocês, sempre me achei uma pessoa medíocre por não conseguir ser nem a mãe nem a esposa que vocês esperavam e mereciam, mas eu fiz e ainda faço meu melhor, ou tento. (Silêncio... M1 enche dois copos d'Água, as duas bebem.)

**F** – Me desculpe também. Eu não sei o que está acontecendo. Eu preciso descansar. Eu tô com muita coisa na cabeça, não dá tempo de digerir, parece... eu tava tendo um pesadelo com a Eva...

**M1** – Ainda isso? Minha filha, não é por nada, mas você não acha que está exagerando nisso tudo da Eva e Adão e...

**F** – Não, eu preciso entender o que aconteceu na Queda. É como uma necessidade, como uma fome, dói e me consome! Tem algo da Eva em mim. Parece que se eu não entender a Queda a minha vida não tem sentido, parece que parte de mim está o tempo todo dormindo, é um pesadelo do qual eu preciso acordar na vida real. Não sei explicar.

**M1** – Muitas pessoas tentam entender essas coisas e terminam loucas, há quem diga que é impossível entender os desígnios de Deus...

**F** – Eu juro que prefiro ficar louca tentando entender. Ela ter comido do fruto fez ela ganhar entendimento sobre o bem e o mal, e eu também preciso entender.

**M1** – Ela caiu pra ganhar esse entendimento, você sabe...

**F** – Eu sei, é por isso que estou disposta a ir até o inferno pra descobrir o que isso tudo significa. Na verdade, eu já caí, não tenho escolha. Nós todos já caímos, agora a gente precisa descobrir como faz pra sair disso.

**M1** – Só se sai de um buraco olhando pra cima.

**F** – Sim, mas é como você falou, se eu não revisar o passado e olhar pra trás entendendo o que aconteceu, não vou conseguir sair desse abismo de verdade, porque sempre vou cair nas garras desse fruto, numa repetição eterna. A gente já está inconscientemente comendo da mesma árvore repetidas vezes, a questão é: como comer o fruto propositalmente e conseguir sentir o seu gosto realmente? Só quando nos tornamos conscientes dos nossos vícios é que temos a chance de verdadeiramente nos libertarmos deles.

**M1** – Mas você mesma falou sobre a estátua de sal, então também tome cuidado, não quero que você termine louca, é um preço alto demais. E outra, a gente não se liberta da Queda

por conta própria; ganhar consciência do abismo é trabalho nosso, mas sair dele, só com um milagre vindo do alto.

**F** – “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, pois tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me protegem.”

**M1** – É... lembre-se de não temer o mal, mas tema a Deus. A Eva caiu por não temer ao Pai.

**F** – Aí é que está, não tinha como temer se ela não conhecia, a inocência nos faz cair em buracos justo porque a gente não entende que a profundidade pode causar ferimentos graves. Igual criança sem noção do perigo.

**M1** – Pode ser... eu não sei.

**F** – Sabe o que a serpente perguntava pra Eva no meu sonho?

**M1** – O quê?

**F** – Onde está a tua mãe, menina?

**M1** – É, como disse Freud, tudo é culpa da mãe.

**F** – Não, não concordo, Freud também achava que tudo era sexo e adorava cocaína. O cara foi visionário numas coisas, mas um bosta pra maioria.

**F** – Ela só olhava pra mim, como se esperasse que eu dissesse onde estava a mãe dela. E, realmente, se Deus é o Pai, onde estava a Mãe?

**M1** – Você sabe que essas coisas não são literais, né?

**F** – Sim, mas mesmo simbolicamente, a mãe é a Mãe Natureza, não é?

**M1** – É o que se diz...

**F** – Se a nossa Mãe é a Natureza, a Matéria, então ela foi conivente, ela foi justamente a ponte para que tudo acontecesse...

**M1** – Filha, vou falar algo muito sinceramente, não me entenda mal, OK? Mas você não acha que está projetando na Eva a tua história? Eu sei que eu devia estar aqui, eu devia ter te protegido, eu sinto muito se não consegui, se não foi possível, eu era cega, eu... talvez eu soubesse inconscientemente o que estava acontecendo entre você e aquele menino, mas eu não tinha consciência de fato de que ele estava te perseguindo. Me perdoe, por favor.

**F** – Está tudo bem, mãe. Eu também não te falei nada, eu poderia ter falado algo pra você, ou mesmo pra mãe dele, mas eu preferi ficar quieta, resolver sozinha. Mas eu sei que não estou projetando, não, todos os mitos, todas as lendas, todas as histórias existem pra que a gente ganhe mesmo consciência. Não é projeção, é real, é verdade. Está o tempo todo acontecendo...

**M1** – Tá vendo, vai ver é isso, a Eva também não quis falar nada pros pais dela.

**F** – Mas Deus é onisciente e onipresente, Ele deveria saber e ter feito algo...

**M1** – Querida, a gente não sabe, isso é o mesmo que analogamente teu pai falecido, que está descansando, por ser espírito, saber e ver o que aconteceu com você e a gente alegar que ele não fez nada. Mas ele te educou, era só ter seguido o que ele falava. O que que a gente sempre te ensinou quanto a possíveis problemas, fosse em casa, na escola, na rua...?

**F** – Que eu deveria procurar um dos dois. Eu sei.

**M1** – Então...

**F** – Mas Deus é Deus, não um espírito ou fantasma. É diferente.

**M1** – Eu não sei, se Ele já havia avisado que não era pra comer daquele fruto, isso a Eva sabia. Ela sabia o que fazer e como buscar ajuda, por assim dizer. Agora, Ele proibir ela de comer entrando na frente da cobra já é demais, isso seria tirar o livre-arbítrio das criaturas. E você mesma sabe que a liberdade...

**F** – ... é o que Deus mais preza e deseja pra todos, eu sei.

**M1** – Pois é. Você usou da sua liberdade de não me pedir ajuda. A Eva usou da liberdade dela pra simplesmente comer a fruta. É bem simples, na verdade.

**F** – Mas isso significaria que, se a Eva foi seduzida com autorização dela mesma, ela de alguma forma escolheu passar pela Queda antes da Queda ter sido manifestada em ação. Entende? Se é uma escolha no espírito, é uma feliz Queda, como disse Santo Agostinho, mas se essa escolha é na matéria...

**M1** – É a gente saber que passamos por um estupro por escolha espiritual nossa, e não apenas por maldade arbitrária, porque a liberdade de escolha é do espírito, e o livre-arbítrio é da carne.

**F** – Em algum lugar a merda tem que começar, seja em cima seja embaixo... mas onde começa altera o porquê dela se realizar. Se eu escolho em espírito, é um mal que vem para o bem. Se foi uma escolha da carne...

**M1** – Se é da carne, aí é só maldade por maldade, por isso o livre-arbítrio pode mudar tudo, pode ser que você, por exemplo, não tenha espiritualmente escolhido passar por um estupro nessa vida, mas ele escolheu, na hora do vamos ver, te estuprar. Vai ver ele também não tinha escolhido isso espiritualmente antes, mas aí aqui, em carne e osso, sim.

**F** – Isso significa que tem males que existem por necessidade e males que são só... crueldades.

**M1** – Eu chamo isso de bestialidades... não é coisa nem do diabo, é coisa da besta.

**F** – E tem diferença?

**M1** – Ah, deve ter. Uma coisa é o mal que trabalha com o bem, como Satanás com Jó, fazendo parte da hierarquia, estando perante Deus, outra coisa é quando a gente cria algo pra fazer o mal aleatoriamente. É igual a gente falou, uma coisa é o fogo ajudar a acelerar nossa evolução humana, outra coisa é uma explosão. Uma explosão não ajuda ninguém.

**F** – Depende.

**M1** – Não, não depende. Explodir algo é bem extremista. A gente pode achar normal hoje em dia, e o bem dar um jeito de fazer tudo acabar servindo pra alguma coisa, mas a real é que se alguém explodir o mundo, isso não faz bem pra ninguém, não. Ponto. Mesmo que Deus construa tudo de novo e tudo aconteça melhor da próxima vez. A gente pode até ver com bons olhos, achar que a explosão deu a oportunidade de construir algo novo, mas a real é que era simplesmente melhor não ter explodido. Lei da economia, minha filha, fazer mais gastando menos energia. Por isso uma fogueira agrega, mas uma bomba atômica só segrega. Uma fogueira pode até ser usada como bomba, numa explosão de matança, mas a finalidade de uma fogueira é agregar pessoas ao redor dela, já a bomba atômica só separa, não une nada, não importa como se veja.

**F** – Mãe, você acha que o que aconteceu comigo tem algum significado? Que eu escolhi isso espiritualmente antes de vir nessa vida? Ou é uma explosão simplesmente?

**M1** – Isso só você mesma pode responder, minha filha. O que eu sei é o seguinte: tenha ele escolhido fazer esse mal lá no reino

espiritual ou seja por bestialidade aqui, eu – mas isso sou eu, tá? – acredito que a gente pode transmutar as coisas e tirar algo de lição, qualquer coisa que seja, não que ele te ensinou isso, e não que a lição torne “tudo bem” ter acontecido, mas que você se dispõe a aprender mesmo não sendo uma tarefa prevista pra essa vida. Entende? Acredito que seja possível você crescer com isso sem que isso tenha que se tornar algo bom necessariamente, como aprender a seguir em frente, e não querer se vingar numa próxima vida.

**F** – Mas a gente só tem uma vida. E mesmo que tenha outra, não quero deixar nada pra próxima.

**M1** – Então deixa nas mãos de Deus e só. Aceita. Porque se existe o mal só pelo mal, se existe essa bestialidade, a nossa função se torna escolher o bem, fazer o contrário do que ele fez. Se ele escolheu o mal, seu dever se torna escolher o bem como força oposta à dele, seja nessa vida, seja em qualquer outra.

**F** – E se eu escolhi passar por isso?

**M1** – Aí só você pode entender quais contas vocês estavam acertando naquele momento.

**F** – Você acha mesmo que se eu fui estuprada é porque eu posso ter feito algo pra ele em outra vida?

**M1** – Sim. Eu acredito nisso, sim. Ainda que seja difícil de aceitar.

**F** – Isso significaria que ninguém poderia alterar certos males no mundo, e que a Eva ia cair de qualquer jeito, mesmo com o Pai e a Mãe presentes sabendo a dor que seria ela comer do fruto.

**M1** – Sim, a gente se ressentia porque queria que alguém tivesse evitado, nos salvado, dado uma de herói. Os pais não são super-heróis, minha filha, e essa é uma lição difícil de se aprender, mas inevitável, aparentemente.

**F** – Mas Deus nos salvou, Jesus Cristo é nosso salvador.

**M1** – Minha filha, de nada adianta tudo o que Ele fez se a gente não for capaz de querer seguir Seus passos. Você sabe disso. Não adianta só deixar a salvação d’Ele nos levar, a gente também tem que tirar a bunda do sofá. Porque inércia não é movimento, é só preguiça, e preguiça é um pecado.

**F** – Sim, isso é verdade, Cristo só salva quem quer ser salvo de verdade.

**M1** – Pois é, paradoxalmente continuar eternamente no inferno também é possível porque é questão de livre-arbítrio. A pessoa tem que querer sair dali, não tem como tirar à força. É como você disse, tem que entender que é um buraco pra querer sair do buraco e nunca mais cair no buraco. Ao menos não no mesmo buraco... quem sabe um buraco diferente.

**F** – Cruz-credo. Isso significaria que existem vários infernos.

**M1** – Ué, se existem vários reinos celestes, vai ver existem vários infernos, vai saber. Mas isso não importa, querida, eu preciso ir dormir e você também. Vamos?

**F** – Eu vou arrumar essa louça, esse sangue...

**M1** – Não, deixa tudo aí, já, já eu acordo e arrumo. Eu vou cuidar de você e da casa hoje, aproveitar que é domingo. Agora, vamos deitar... por favor, vamos deitar... vem... eu te amo, filha.

**F** – Eu também te amo, mãe.

## Ato II

### CENA I – ADÁGIO

(É dia, veem-se os Raios do Sol entrarem pela Cozinha.)

**M2** – Uau, eu nunca vi uma cozinha tão limpa em toda a minha vida!

**M1** – Bom dia...

**M2** – Essa noite choveu ou foi impressão minha? Eu acho que ouvi raios e trovões...

**M1** – Sim, choveu bastante, sim.

**M2** – Eu tive um sonho tão estranho, pesadelo, na verdade.

**M1** – Você também?

**M2** – Como assim? Você também teve pesadelo?

**M1** – Eu? Não...

**M2** – Não entendi.

**M1** – Nada. Com o que você sonhou?

**M2** – Ah, era como uma avalanche de animais correndo. Parecia que algo explodia, pegava fogo numa floresta, e eles corriam. Na frente tinha uma espécie de mariposa marrom, preta, sei lá. Eram várias e quando elas chegavam perto de mim, da minha vista, sabe?, elas batiam num vidro e morriam, ia batendo uma a uma no vidro, depois vinham porcos e eu ficava desesperada porque achava que eles iam bater e explodir também, mas eles paravam em fila me olhando, de frente pro vidro, um do lado do outro. E vinham correndo outros animais grandes; quando eu vi, lá longe, o que estava causando o fogo... era um dragão imenso. Eu via a cara dele, ele tinha feições humanas. Era horrendo!

**F** – (*Accelerando*) Uau, isso que é sonho, hein?

**M1** – Bom dia, minha filha!!! Sente-se! Vem tomar café da manhã com a gente!

**M2** – Bom dia! E você, dormiu bem? Está melhor do enjoo?

**F** – Dormi bem, sim, depois do pesadelo e da conversa, eu..., aliás, obrigada, mãe, eu dormi muito bem depois de tudo.

**M1** – Fico feliz, minha filha, fico feliz que esteja mais leve.

**M2** – Ah, então você teve pesadelo também...

**M1** – Ah, gente, vamos mudar de assunto? Depois daquela chuva toda, o dia amanheceu tão lindo!

**F** – Está tudo bem, sim, eu sonhei com a Eva e com o Adão e a Serpente... enfim... a mesma coisa de sempre. Nada demais.

**M2** – Que bom que passou, então! Não quer comer nada?

**F** – Ah, não.

**M1** – Nem uma água?

**F** – Não, são o quê? Nove e quinze, eu vou pra missa às dez.

**M2** – Então, come algo pra forrar o estômago, só.

**F** – Não, tem que ir de jejum de uma hora pra missa: uma hora de jejum e sem pecados graves pra poder comungar.

**M1** – Por que você não descansa hoje, hein? Aproveita que é domingo, vai na missa mais tarde.

**F** – Não, vou agora que assim eu volto e almoço com vocês, tá bem?

**M1** – Tá bom, então. E o que você quer pro almoço?

**F** – Ah, sei lá, qualquer coisa, menos carne.

**M2** – Já sei! Vou fazer uma sopa de abóbora com leite de coco, coentro e uma pitada de limão. Eu sei que você ama coentro! E já tem abóbora batida congelada aqui, já vou até deixar na pia pra ir descongelando, aí é só esquentar e acrescentar os ingredientes.

**F** – Hmmm... deu água na boca! Quero!

**M2** – Estaremos te esperando, então.

**F** – Tá, eu só vim dar bom-dia mesmo, vou pro quarto me arrumar, beijos... (F sai.)

**M2** – (*Tempo primo*) Nossa, ela parece bem melhor mesmo. Que bom que não era nada aquele enjoo. E você? Você dormiu bem?

**M1** – Sim, dormi, sim. Pouco, mas bem.

**M2** – Que história foi essa dela ter pesadelo e vocês conversarem?

**M1** – Nada, coisa dela. A gente ficou falando sobre a gente, o pai dela...

**M2** – Olha, finalmente! Fico feliz!

**M1** – É...

**M2** – Mas você não parece feliz com isso.

**M1** – Eu estou bem, não se preocupe comigo. Na verdade, eu estava pensando...

**M2** – Diga.

**M1** – Você já pensou em casamento?

**M2** – Você sabe que eu já fui casada.

**M1** – Sim, digo, a gente...

**M2** – Você está me pedindo em casamento, meu amor?

**M1** – Não, é que... ah, talvez, sim. O que você acha? Muito bre-ga da minha parte?

**M2** – Não, não. Eu amaria casar contigo! Eu te amo!

**M1** – É mesmo? Você não acha meio fora de moda? Das antigas?

**M2** – Claro que não! Eu acho que tem pessoas que se casam por motivos fúteis, sim, e motivos externos a elas, pra sociedade ver, pra família ver, e não por amor entre elas. Mas a gente se ama, eu amo você, sei que você me ama.

**M1** – Sim.

**M2** – Então é uma questão de oficializar essa união, esse amor, ué. Só isso.

**M1** – Pensei que você fosse falar que as melhores coisas não precisam ser pagas, nem de assinatura e carimbo.

**M2** – Ah, mas isso é verdade, as melhores coisas da vida têm a assinatura divina, e essa é invisível. Mas é a velha história, tudo o que é divino também tem um preço, requer sacrifício... por que com as coisas materiais seria diferente disso? O sacrifício se torna o dinheiro, o pagamento do ofício, assim a gente se torna mais inteiro. O de baixo se torna igual ao de cima, como dizem.

**M1** – Jamais pensei ouvir isso vindo de você.

**F** – Tchau, gente, beijo, beijo. Já, já eu volto. Se cuidem!

**M1** – Uau, olha ela, que linda!!!

**M2** – Nossa, parece um anjo, menina!

**F** – Obrigada! É importante estar bonita pra encontrar nosso amado, né?

**M1** – Sim, é muito importante estarmos prontos pra encontrarmos quem amamos, seja neste ou em qualquer outro plano.

**M2** – É verdade! E você também está linda hoje, aliás, todos os dias! Vocês duas são dois anjos na minha vida.

**F** – Ah, que lindas. Tão românticas hoje, é? Fico feliz. Que o amor reine em nossas vidas! Beijos...

**M1 e M2** – Tchau!

**M1** – Vai pela luz!

**M2** – Se cuida, menina!...

**M1** – Nossa, ela parece um anjo mesmo!

**M2** – Sim, de fato, hoje ela se superou, está muito linda! Teve a quem puxar, né?

**M1** – Ah, que nada, já falei, a cara de anjo é do pai.

**M2** – Mas o bom gosto é da mãe, essa rainha, leoa da minha vida!

**M1** – O que você está fazendo? (M2 está se ajoelhando com uma das flores em mãos.)

**M2** – Ué, estou oficializando... Maria Regina dos Santos, você aceita se casar comigo?

**M1** – Ah, meu amor, claro que sim! Eu te amo!

**M2** – Eu te amo!

**M1** – Ai, a gente vai fazer festa, reunião? Como você quer?

**M2** – Eu quero como você quiser que seja.

**M1** – Não, eu também quero como você quiser...

**M2** – Que tal festa, então?

**M1** – Eu pensei numa reunião pequena.

**M2** – Tá, uma reunião íntima. Feito!

**M1** – Mas pode ser festa também, nada impede de ser algo grande. Eu não me importo.

**M2** – Não, fiquemos com a reunião porque eu sei que você é mais das coisas pequenas, delicadas, discretíssimas.

**M1** – É... mas eu sei que você prefere uma festa com muita gente, amigos e família toda.

**M2** – Eu já tive isso uma vez, eu não me importo em sacrificar meu gosto pra agradar você. Eu quero te fazer feliz, meu bem, sempre, a cada vez.

**M1** – Eu também quero a tua felicidade, sempre. Já sei! A gente pode fazer uma festa depois, faz uma coisa de cada vez, pronto.

**M2** – Olha, não precisa, eu gosto da ideia de sacrificar uma festa pra que seja uma reunião como você quer. A gente não precisa ficar agradando todo mundo, e não é a festa que me faria feliz de todo jeito, e sim estar com você.

**M1** – Mas eu quero agradar você.

**M2** – Então me agrade aceitando esse sacrifício. Se a gente faz as duas coisas, elas perdem o valor, vira só mimo.

**M1** – Impressionante...

**M2** – O quê?

**M1** – Tem horas que você parece demais meu falecido marido.

**M2** – É?

**M1** – Sim, ele tinha isso do sacrifício. “Tem que haver sacrifício pra se dar valor”, ele dizia.

**M2** – E ele tinha razão, se a gente só ganha e não perde nada, se torna acúmulo. E eu não estou contigo pra acumular festas, e sim pra, em sacrifício, viver algo único.

**M1** – (*Allegro ma non troppo*) Que lindo! Eu fico feliz, sabe, que você seja parecida com ele.

**M2** – É mesmo?

**M1** – Você não acha estranho não, né?

**M2** – Não. Eu sei que é um elogio, dá pra ver que ele era um bom marido e uma boa pessoa.

**M1** – Sim, ele era, e um bom pai também.

**M2** – Então eu fico feliz em ser comparada com ele. Até porque eu sei que eu também tenho coisas que são únicas.

**M1** – Sim, é verdade. Você me lembra dele, mas as relações são completamente diferentes. O que eu tenho com você é mais maduro, sabe? Não sei, acho que eu cresci também, aprendi muita coisa depois que ele faleceu. Eu jamais teria uma conversa dessas com ele, por exemplo.

**M2** – É, eu lembro quando a gente se conheceu, você era superinsegura, tímida, fechada.

**M1** – Sim, é verdade... nossa, o tempo muda e molda a gente, igual argila.

**M2** – Lembrando que uma hora a gente tem que colocar ela no fogo pra forma ganhar corpo, pra que tenha utilidade e sirva pra alguma coisa. Com a gente também é assim, né, engraçado...

**M1** – *(Tempo primo)* É... a gente tem os sacrifícios por vontade própria, como isso da festa, mas os sacrifícios inevitáveis, como por um filho, ou uma doença grave, ou a dor de uma morte, isso... isso é um fogo fortíssimo. O fogo das experiências!

**M2** – Sim, e acho que nós duas temos isso em comum, a gente passou por fogos altíssimos juntas. Às vezes, é quase inacreditável.

**M1** – Sim, é verdade. Eu não sei se eu seria capaz de compreender tudo o que aconteceu como você, e conviver amorosamente com a minha filha mesmo sabendo que...

**M2** – Ah, eu não sei, eu acho que eu não entendo o que aconteceu, sinceramente. O que eu faço é deixar nas mãos de Deus. E eu passei por algo horrendo antes, você sabe. Então eu sei que não é culpa da Maria Emmanuela. Eu só... sei que meu filho era como o pai. Aquele monstro dizia que um homem se perpetua no filho, e acho que foi bem isso... difícil é entender: por que nasceu de mim? O que eu tenho a ver com tudo isso? Por que eu pari um ser que carregava tanta maldade?

**M1** – Não se cobre tanto, acho que talvez seja impossível responder a algo assim. Só foi o que tinha que ser. Que passe...  
(*Tempo rubatto* – M1 usa uma Faca para cortar caules das rosas que estavam em cima da mesa.) Nossa, essa faca está sem corte. (Ela sai procurando o amolador para afiá-la.)

**M2** – Eu não entendo como fui tão cega pra me envolver com um cara daqueles, eu me casei com ele, e é isso, a gente fez uma grande festa. Ele era muito rico, né? Eu era uma moça simples, me deixei levar pelas aparências. Depois que casamos, acabou o conto de fadas, se tornou pesadelo. Eu fechei o olho pra muita cagada, muita merda, muita mesmo. (Ela está falando meio desnorreada, como se voltasse a cegueira; ela coça os olhos, mexe neles e, quando volta a olhar, assusta-se com “algo”, sem querer esbarra e derruba um vaso feito de argila, no qual M1 ia dispor as rosas.)

**M1** – Meu Deus, todo esse tempo arrumando a cozinha, arrumando as flores, arrumando tudo pra você destruir!!!  
Meu pai!!!

**M2** – Nossa, calma, me desculpa. É que eu achei ter visto um...

**M1** – Tudo bem, não se mexe, só senta com cuidado que eu limpo depois.

**M2** – Eu vou limpar essa bagunça que eu fiz. Me perdoe, foi sem querer. É que eu vi um...

**M1** – Tá tudo bem, agora já foi. **NÃO MEXE**. Eu arrumo tudo depois, já disse!

**M2** – Não, deixa que eu vou limpar aqui.

**M1** – Não! Deixa que eu limpo a cozinha! Já falei!

**M2** – OK, OK. Me desculpe, foi sem querer. Eu me assustei.

**M1** – Tá bom! (Ela encontra o amolador.)

**M2** – Nem lembro o que eu estava falando...

**M1** – Do seu ex-marido.

**M2** – Ah, sim, aquele monstro. Eu detesto Nietzsche, mas é como ele disse: o que não me mata, me fortalece.

**M1** – (M1 está segurando e apontando a Faca. Em todas as falas, cada vez que M1 disser a palavra *você* ou *eu*, apontará para M2 e para si com a Faca) *Você* é muito forte, sou testemunha da sua força, saiba disso.

**M2** – Eu sei, obrigada, querida. É importante saber que você me vê como eu sou de verdade.

**M1** – Sim, e fico feliz em te ver. *Eu* sei que *você* não é perfeita, e nem precisa ser, porque ninguém é, nem *eu*, mas aguentar a tua história é pra poucos. *Você* é literalmente uma sobrevivente. *Eu* fico muito feliz que *você* trate a Emmanuela tão bem, sempre cheia de amor e carinho. *Eu* sei que não deve ser nada fácil.

**M2** – Ah, é fácil amar a tua filha, sim, ela é realmente muito especial. Eu gostaria é que tudo aquilo não tivesse acontecido com ela, gostaria de ter tido coragem de ver o filho que eu tinha. Eu neguei pra mim mesma que ele era igual ao pai, igualzinho. Passei tempo demais pedindo pra Deus mudar ele, em vez de eu mesma fazer algo a respeito. Ele era minha responsabilidade, não de Deus somente. Hoje eu vejo.

**M1** – Nossa, essa faca está uma merda, não adianta! (Ela joga a Faca no lixo e pega outra.)

**M2** – O que você está fazendo?

**M1** – Trocando de faca, ué. Pegando uma boa.

**M2** – Não, deixa a outra aqui que depois eu tento afiar ela direito. (Diz isso tirando a Faca do lixo.)

**M1** – *Você* está insinuando que eu não amolei direito?

**M2** – Eu só quero tentar amolar também, pode ser?

**M1** – Como quiser!

**M2** – A gente precisa aprender as coisas, senão em outra vida acontece algo parecido e ainda pior, as situações ficam se repetindo até a gente aprender, um inferno! Então, eu quero e preciso aprender a ver, nem que me custe os olhos da cara.

**M1** – Nisso *você* tem razão. Requer muita força e coragem pra conseguir ver, mas devemos tentar ver, doa a quem doer. Faz um favor pra mim? Pega o vaso de cristal na sala, vou colocar as flores nele.

**M2** – Claro... Aqui.

**M1** – Pronto. Ficou ainda mais bonito!

**M2** – Onde você vai colocar ele?

**M1** – Põe água e leva pro nosso quarto, por favor. Vou terminar de arrumar isso aqui.

**M2** – Me desculpa, foi realmente sem querer.

**M1** – Eu sei. Está tudo bem. Só leva o vaso *com cuidado*, OK?

(M2 sai. M1 fica limpando, cantando “Meu Primeiro Amor”, até que termina tudo. Visivelmente satisfeita, ela sai.)

**CENA II – ANDANTE UN POCO AGITATO**

**F** – Ué, cadê todo mundo? Mãe?... (Nada). Nossa, eu preciso ver isso hoje (diz isso tirando uma caixa da bolsa, é um teste de gravidez de farmácia, mas o público não consegue ver ainda). Senhor, senhor, por favor, por favor, eu não posso estar.

**M2** – Oi, Manu!

**F** – (F guarda abruptamente a caixa na bolsa.) Que susto, Luciana! Meu Deus!

**M2** – Desculpa.

**F** – Nossa!...

**M2** – Você está bem?

**F** – Sim, tudo bem, eu estava distraída.

**M2** – Eu vi, o que você guardou aí, hein?!

**F** – Nada, nada, não.

**M2** – Tá aprontando, menina? Oh, que você acabou de voltar da missa!

**F** – Ai, não enche! Me deixa!

**M2** – Quem diria, foi pra missa e voltou rebelde.

**F** – Melhor que você que nem na missa foi, não é?

**M2** – Calma, santa, eu tô brincando com você.

**F** – Não estou pra brincadeiras hoje.

**M2** – Por quê?

**F** – Cadê a minha mãe, hein?

**M2** – Ela foi buscar o coentro e o leite de coco, vou começar a esquentar a abóbora. As cebolas já estão picadas... o alho também...

**F** – Eu já venho, vou trocar de roupa e volto.

**M2** – Está bem.

(F sai e M1 entra pouco tempo depois, com a M2 já refogando alhos, as cebolas etc.)

**M1** – Hummm!!! Que cheiro delicioso!!! Adoro cheiro de alho e cebola refogados! Nossa, é de dar água na boca!

**M2** – Achou o coentro na feira?

**M1** – Sim, está aqui, vou lavar.

**M2** – A Manu chegou da missa. Tá toda estranha, cheia de mistérios.

**M1** – Mistérios? Como assim?

**M2** – Não sei, quando eu cheguei, ela tomou um susto e guardou alguma coisa na bolsa. Não vi o que era.

**M1** – Ah, deixa. Ela também não precisa ficar contando tudo pra gente, né?

**M2** – Não. Mas que foi estranho, foi!

**M1** – E, então, a gente conta a novidade pra ela?

**M2** – Como quiser, uma hora teremos que contar, você é a mãe, você decide quando. Você acha que ela vai gostar?

**M1** – Não sei...

**F** – Gostar do quê?

**M1** – Emmanuela!

**F** – Meu nome.

**M1** – Que susto, né? Precisa chegar assim sorrateiramente?

**M2** – Nossa, é dia do susto hoje? Todas se assustando com qualquer coisa, eu, hein?!

**M1** – É verdade, aquela hora você disse que se assustou porque viu o que mesmo?

**F** – Pera, eu perguntei primeiro, gostar do quê? Foge do assunto, não.

**M2** – Eu achei que tinha visto uma coisa, mas não era nada. Quer contar de uma vez?

**M1** – Pode ser... a gente... a gente vai se casar!

**F** – Ué, mas vocês já são casadas.

**M1** – Claro que não.

**F** – Claro que sim, vocês moram há dez anos juntas. Isso é estar casadas pra caramba!

**M1** – Vocês, jovens de hoje em dia, perderam todo o lado romântico da coisa.

**F** – Perdi o romantismo, não, só estou sendo realista, vocês já são casadas.

**M2** – É, mas a gente vai oficializar, é isso!

**F** – Fico feliz por vocês; passou da hora, né?

**M1** – Nossa, como você está chata. Não dá pra só ficar alegre, sem críticas nem nada?

**F** – Tá bom, eu fico quieta, então.

**M2** – Não, Manu, tá tudo bem falar. Sua mãe que esperava alguma reação tua.

**F** – Mas eu estou feliz por vocês, só acho que vocês deveriam ter se casado inclusive antes de morarem juntas, porque né... pra que fazer ao contrário? Mas tudo bem. Vai ser lindo! Tenho certeza disso.

**M1** – Você está sendo sincera ou irônica?

**F** – Sinceríssima. Eu sempre fui a favor da união de vocês... quer dizer, no começo foi difícil, né, mas acho que dá pra entender o porquê!

**M2** – Sim, Manu, o começo foi difícil pra nós duas também!

**F** – Não parecia...

**M1** – Que isso, menina?!

**F** – Ué, dava pra ver que vocês estavam bem empolgadinhas pra se conhecerem melhor, sabe?...

**M1** – É, mas não foi fácil.

**M2** – Não mesmo, nós duas nunca gostamos de mulheres.

**F** – Pois é, essa foi a surpresa pra toda a gente. Quem diria, duas héteras se apaixonando no auge da maturidade...

**M1** – É, talvez por isso a gente tenha demorado tanto tempo pra conseguir chegar a realmente assumir um casamento. Mas agora vamos.

**M2** – Sim, vamos! E vai ser lindo!

**M1** – Eu te amo!

**M2** – Eu te amo!

**F** – Ah, o amor. Meu Senhor, como ele é lindo... (fala isso de maneira meio brocha, meio irônica)

**M1** – Ih, que que você tem?

**M2** – Teu *boy* te deu um fora pra você estar desse jeito, foi?

**F** – Eu fui encontrar Cristo, nada de *boy*, não, tô fora.

**M1** – Ou será que tomou fora de uma menina?

**F** – Não me confundam com vocês duas, podem tirar esse cavallinho da chuva, gosto de homem até a morte.

**M1** – Eu pensava isso sem nem saber o que era ser hétera e o que era ser homo, minha filha.

**M2** – Deixa ela, a vida se encarrega dos amores que não controlamos, ainda que tenhamos o pretensioso orgulho de achar que nos sentimentos somos nós quem mandamos.

**F** – Não, eu sei que não mando em nada disso. Sei bem!

**M2** – Hummmmm...

**F** – E aí, e a sopa, vai ou não ficar pronta?

**M2** – Já vou servir.

**F** – Não, eu faço meu prato, licença, vou pegar só um pouquinho.

**M1** – Nossa, mas isso não é nada!

**F** – Não, tá bom, só uma colherada. Matar a vontade.

**M2** – Mas você já não foi na missa? Vai continuar de jejum, menina?

**F** – É que...

**M1** – Maria Emmanuela, você ainda está com enjoo?

**F** – Não sei, vou descobrir agora...

**M2** – Você comeu a hóstia?

**F** – Sim. Ela eu consegui comer.

**M1** – Ao menos isso. Graças a Deus.

**F** – Agora vamos ver se eu consigo comer essa abóbora, que está com um cheiro ótimo, nossa...

**M1** – E aí?

**F** – Eu acho melhor ficar em uma colherada só. Está deliciosa, mas não dá. Meu estômago embrulhou, já.

**M2** – Tudo bem.

**M1** – Tenta comer só mais uma, por favor, só mais uma...

**F** – Tá bem... pronto, satisfeita? Agora, chega.

**M1** – Será que um remédio pro estômago não ajuda a resolver? Eu pego um no quartinho, deve ter algo pra curar mal de estômago, com certeza.

**F** – Não, mãe, não precisa, sério mesmo.

**M2** – Eu vou fazer um chá pra você, de camomila, assim ajuda a relaxar o estômago. Pode ser?

**F** – Tá. Não prometo tomar tudo, mas vou tentar.

**M2** – Tudo bem, querida. Chá de camomila me ajudou bastante quando engravidei.

**M1** – Você está sem comer nada desde ontem?

**F** – Sim, fora essas duas colheradas e a hóstia, mais nada, mas eu estou bem, não se preocupem. E, então, vão se casar quando? Onde? Já sabem os detalhes todos?

**M2** – Vai ser uma reunião íntima, algo pequeno, como sua mãe gosta.

**F** – E vocês vão casar de branco, é? Grinalda e tudo?

**M1** – Ah, de branco, sim, é bom manter a tradição, né?

**F** – Legal. Vai casar de vestido ou de terno, Lu?

**M2** – Eu? Ah, um terninho básico tá bom. Eu gosto de ser a que representa a energia masculina da relação.

**M1** – Mas você é superfeminina pra várias coisas, às vezes me acho mais macho que você.

**M2** – Claro, né, bebê, todo mundo tem um pouco de homem e de mulher dentro de si, de energia masculina e feminina, negativa e positiva, é só que a gente precisa aprender qual predomina pra saber como lidar no dia a dia, senão vira confusão. E você, 25 anos, não pensa em casar, não?

**F** – Eu me relaciono com Cristo e com o meu curso, já é muito.

**M1** – Filha, você não pensa nem em se relacionar, namorar?

**F** – Não, não perco meu tempo pensando em relacionamentos.

**M1** – Mas... por quê?

**F** – Ah, quero focar em me formar, passar na OAB, ter uma carreira... vai ver eu sou mais macho, o que se pode fazer?

**M2** – Se pode fazer escolhas diferentes, se dar a oportunidade de se surpreender.

**F** – Não sei. Pode ser. Mas não agora.

**M2** – Pronto. Vou deixar sem açúcar, tá?

**F** – Sim, melhor.

**M2** – Tá bom?

**F** – Sim, o chá acho que vai dar pra tomar.

**M1** – Graças a Deus!

**M2** – Tem mais aqui.

**F** – Obrigada.

**M1** – Mas por que você não pensa em se casar? Digo, tudo bem não se casar, mas nem namorar?

**F** – Mãe, fica tranquila. Eu sou uma pessoa normal, um dia eu vou namorar, mas não agora, OK?

**M2** – Tudo tem sua hora, só cuidado pra não priorizar coisas que não vão te fazer real companhia na vida. Profissão é importante, mas especialmente pra constituir família. Senão é fácil a carreira se tornar vaidade e o salário se tornar gastos com futilidades.

**F** – Falando nisso, eu andei pensando... eu vou tentar um estágio na área e, se eu conseguir, vou finalmente me mudar daqui.

**M1** – Mas por quê? Você não está feliz aqui com a gente?

**F** – Sim, mãe, eu sou feliz com vocês, mas uma hora eu tenho que sair, né, ter minha independência. Não sei. E agora vocês vão casar... melhor terem a privacidade de vocês. Vocês também nunca tiveram uma vida de casal como deve ser, sem eu no meio.

**M2** – Querida, você não está no meio, não tem problema algum, nunca teve problema você morar com a gente. A gente tem nossa privacidade, você tem a sua, nós duas nunca fomos mulheres de andar peladas pela casa ou transar que nem loucas toda hora por todos os cômodos...

**M1** – Luciana!

**M2** – Ué, o que é que tem? Somos todas adultas, e é verdade, a gente não leva vida de adolescente nem de casal recém-enamorado, sempre tivemos o pé no chão, sempre fizemos tudo de maneira muito madura e clara.

**M1** – É... é verdade.

**F** – Eu fico feliz que vocês sejam duas mulheres que não se deixam levar pelos prazeres fáceis. É difícil enfrentar as consequências de se deixar levar pela emoção do momento. (Pensando alto:) A paixão pode levar a loucuras, sabe?

**M2** – É mesmo, é?

**F** – Hã?

**M1** – Você andou se deixando levar pela emoção, Emmanuela dos Santos?

**F** – Eu não sou perfeita. Mas só a Deus cabe saber dos meus pecados.

**M1** – Hmmm, sei...

**F** – Sabe o que me deixa triste? Saber que vocês nunca vão poder se casar na igreja.

**M2** – Minha querida, mas nem se a Igreja aceitasse, a gente não é católica, você sabe disso.

**F** – A minha mãe já foi católica, né?

**M1** – Sim, eu era desde nova. O casamento fez eu me distanciar um pouco...

**F** – Queria que vocês pudessem se casar no religioso.

**M1** – Minha filha, não se preocupe com isso, na verdade, religião nenhuma deveria aceitar casamentos de qualquer jeito, só porque duas pessoas querem. Deveria ser um processo mais rigoroso. Por isso hoje muitos se divorciam depois, a maioria não sabe o que está fazendo.

**F** – É, e o mais difícil é que pra Cristo não existe divórcio.

**M2** – Pois é. Como será que fica isso no céu, hein? Tipo eu com meu ex? É muito injusto eu passar a minha eternidade com aquele traste, aquilo não era nem gente. É a primeira vez que eu estou num relacionamento de verdade, que sei ser verdadeiro.

**F** – Isso importa pra Deus também. Tenho certeza. Mas, ainda assim, é uma pena não aceitarem.

**M1** – Minha filha, como eu disse, uma pena é a Igreja aceitar qualquer casamento sem base. Tem uma coisa que eu entendo na Igreja Católica e muitas outras, que é: o sexo, a transa em si, não traz nada de bom, é um fato.

**F** – É verdade... (Pensando alto:) Sexo só traz dor de cabeça.

**M2** – Dor de cabeça? E o prazer?

**M1** – A gente pode achar que traz prazer, mas é igual às drogas, é um prazer que só com alto preço que se paga.

**F** – (Pensando alto:) Põe alto nisso...

(M1 e M2 se olham, desconfiadas.)

**M1** – Você quer nos contar algo, filha?

**F** – O quê? Ah, não, só pensando alto. Triste isso da Igreja, né?...

**M1** – A Igreja não pode aceitar, porque é dever dela prezar pela castidade. Por isso toda igreja de verdade vai dizer que o casamento é só entre homem e mulher, porque sexo existe pra gente trazer outros seres pra este mundo, que é a gravidez. Porque, na verdade, na verdade, nem casais heterossexuais deveriam transar por puro prazer, isso a Igreja condena também. E você sabe. Na verdade, a rigor, ela aceita o casamento como santo, porque é uma forma de propiciar imaculadas concepções, como Jesus. Maria teve que fazer amor, mas, antes de José, ela não conhecia homem nenhum, e mesmo com ele, fazer amor é se deitar com alguém porque Deus mandou, não porque sentiu tesão ou prazer. Fazer amor é por dever, e isso quase nenhum ser humano consegue entender.

**F** – Maria não fez amor, Maria é virgem e imaculada!

**M1** – Que seja...

**M2** – Essas coisas são bem radicais e difíceis demais... não é qualquer um que vive isso, não. Às vezes, eu acho que a Igreja podia ser mais flexível...

**M1** – Não, a Igreja Católica não pode mudar, ela é a representação do imutável, que é o espírito, e nós, de fato, devemos tentar viver tudo isso, são bons princípios.

**M2** – Viver sem sexo?

**M1** – Sim. Você mesma falou, e a gente sabe – você está comigo por que a gente transa bem ou por que a gente vive bem, se melhora juntas, cresce juntas e tudo o mais?

**M2** – Ah, claro que não é teu corpo que eu amo, é você, é tua essência, mas o corpo também faz parte.

**M1** – Sim, mas amar o corpo não é só transar, isso é uma mísera parte. Senão qualquer sexo seria demonstração de amor, mas não é.

**F** – Não é mesmo!... Será?

**M2** – Isso não faz com que o sexo não seja uma possibilidade.

**M1** – Não sei, eu acho que no fundo a maior parte das vezes a gente transa querendo gozar, o que significa que estamos mais preocupados com nosso prazer do que com o que estamos a ofertar. Se revela um egoísmo quase que inconsciente.

**F** – (Pensando alto:) Sim, ele só queria gozar...

**M1** – Maria Emmanuela!

**F** – O quê? Que foi?

**M2** – Gente, tem quem queira só piedosamente fazer a mulher gozar. (Diz, brincando.)

**F** – (Seriamente, meio nervosa.) Não, são poucas as mulheres que de fato gozam, os homens não estão nem aí! E, mesmo assim, é por sentir prazer em fazer o outro gozar, e não pelo gozo do outro em si. É como se... você seria capaz de transar mesmo sem receber nada com isso, sem sentir nenhum prazer, nenhum, nenhunzinho?

**M2** – Nossa, mas aí me parece algo frio, morto...

**M1** – Não, eu entendo o que a Manu diz, é como o sacrifício... sexo raramente se torna sacrifício. E isso é que complica.

**F** – Exatamente.

**M1** – Mas, então, por isso que a Igreja nunca vai aceitar casar a gente, e não deve aceitar mesmo, ainda que também não deva dizer que nosso amor seja coisa do demônio, porque também não é, mesmo ele não sendo o amor mais puro e casto que se pode ter na face da Terra.

**F** – (Pensando alto:) A não ser quando a gente fique bem velhas e já não tenha essa maldita libido e essas paixões incontroláveis pra nos impedir de nos purificarmos.

**M1** – Maldita libido e paixões incontroláveis, é?

**M2** – É... mas mesmo velhas, hoje em dia já tem remédio pra tudo, até pra isso.

**M1** – E você tomaria? É meio estranho, é como ir contra a natureza, a gente naturalmente deixa de sentir desejo e aí enfia um comprimido goela abaixo pra continuar sentindo a mesma coisa que sentiu a vida inteira?

**M2** – É, falando assim fica estranho mesmo.

**F** – No fim, a Igreja só casa os héteros porque pressupõe que eles não transem por prazer também... (Pensando alto:) Meu Deus, não tem jeito, a gente vai tudo pro inferno...

**M2** – *A gente?* Você andou transando, Maria Emmanuela dos Santos?

**F** – Eu? Que importância tem isso? Tá todo mundo vivendo errado, a gente tá tudo perdido!

**M1** – É ... São Paulo diz, melhor casar do que viver abrasado, mas melhor ainda seria não se casar de forma alguma e simplesmente viver em celibato.

**M2** – Radical, o cara.

**F** – Santo, né?...

**M1** – Mas tem santos que passaram pelo fogo luxurioso da carne, tipo Santo Agostinho... como diria ele: “Deus, dai-me continência e castidade, mas não agora”.

(Todas riem.)

**F** – É... por fim, todos nós estamos bem longe do ideal.

**M2** – Querida, a perfeição não se alcança, isso seria tomar o lugar de Deus. Agora, claro que devemos buscar nos melhorarmos, nos limparmos, sim, dos nossos erros. Mas é isso, eu sei que não levo uma vida de pecadora do inferno, como se eu fosse o próprio capeta. Eu amo a tua mãe, ela me ama, e levamos uma vida bem tranquila, inclusive quanto a irmos ou não pra cama.

**F** – Eu não preciso saber disso...

**M2** – Ah, mas é verdade, não há do que se envergonhar.

**M1** – Pera, claro que devemos ter vergonha dos nossos erros, mas se eu ainda não tenho capacidade de viver um celibato, seja sozinha, seja casada com mulher, ou mesmo casada com homem..., e se eu já não posso e nem vou trazer bebês a este mundo, será que é tão errado assim eu viver a minha sexualidade de forma a me ajudar a me conhecer? Não falo da maneira louca como muitos fazem por aí, só buscando prazer, em orgias, nessas coisas de amor livre, blá-blá-blá... separa, casa, casa, separa, como se não fosse nada. Adianta de algo só porque é homem e mulher? Eu não sou assim, nunca fui nem pretendo ser. Mas também não vou reprimir

desejos que ainda existem em mim, senão será uma pureza falsa de se viver. Ainda que nem todos os desejos que temos devam ser satisfeitos, né, mas os que são verdadeiros, sim, os que são sombras nossas realmente, e não que a sociedade ou um outro embutiui na gente.

**M2** – É, não é por nada, mas muitas pessoas levam uma vida mais errante e falsa do que nós duas, com certeza.

**M1** – Pois é. Por isso eu sei que está tudo bem nós vivermos o que vivemos agora. É isso. Não vou me culpar, ainda que eu saiba, sim, que este não é o divino exemplo de um casamento puro e casto, imaculado, e me responsabilizo por isso perante Deus, Ele sabe! E se eu viver esse casamento aqui com toda a minha fidelidade, toda a minha lealdade, toda a minha castidade de agora, possível agora, quem sabe em outra vida eu me torne ainda mais próxima da Virgem Maria e aí, sim, viva uma concepção imaculada?

**F** – Não temos outras vidas, é só uma pra conseguir atingir isso, senão a gente fica adiando pra sempre o inevitável.

**M1** – É, aí eu entendo a Igreja pregar também que é só uma vida, pra gente se esforçar ao máximo, mas que tem outras vidas, isso tem... uma vida só literalmente não faz sentido. Vou nem discutir isso.

**F** – É, eu também acho essa literalidade forte, mas entendo que se a Igreja disser que tem várias vidas, o ser humano, que já é flogado, vai ficar ainda mais malandro e safado.

**M2** – Astúcia, eis o nome, e preguiça o sobrenome! Mas, oh, mesmo nas religiões que pregam várias vidas, uma coisa é fato, tem um limite, não é eternamente isso aqui, não, uma hora esse tipo de vida que a gente leva acaba, isso todas falam, então, mesmo com várias vidas, tem que se melhorar ao máximo, porque fica, sim, pra trás e sabe-se lá Deus o que acontece com quem não chegar aonde foi determinado...

**F** – Vixe... é, desse jeito dá pra aceitar as várias vidas.

**M2** – Sim, porque, de toda forma, essa aqui é única e deve ser vivida como única, e não pensando na próxima, e também sem ficar se apegando a vidas passadas. O que passou, passou, ponto.

**M1** – No fim das contas, é isso: a Igreja também tem razão em afirmar ser só uma vida porque devemos viver essa vida como única, até porque, como diz Cristo, não sabemos que horas Ele volta, e pode ser que não haja uma próxima vida pra estarmos mais bem preparados.

**F** – Mas aí eu diria pra vocês se separarem e irem buscar seus maridos.

**M1** – Minha querida, isso não seria encontrar Cristo, seria como a Samaritana antes de se encontrar com Ele, Ele mesmo diz que ela já foi casada cinco vezes... ou seja, ela não encontrou Cristo estando casada com marido, mas quando estava, inclusive, sem nenhum deles.

**M2** – Boa. Até porque seria falso da nossa parte sairmos e nos casarmos com qualquer cara. Cristo também não quer que

vivamos em mentira. E nos casarmos só por casar, que é o que hoje muitos fazem, seria mentir pra si mesmo e pra Deus, e isso, sim, é um pecado grave!

**F** – É verdade, eu entendo. Devemos viver aquilo que em nosso coração é verdadeiro. E só se aprende isso vivendo.

**M1** – Sim, e viver requer saber da nossa história particular, da nossa individualidade.

**M2** – Até porque ninguém vai viver pra gente o que nós devemos viver por nós mesmos.

**F** – É verdade.

**M1** – É? E você?

**F** – O que tem eu?

**M1** – Que história particular você anda vivendo, hein? Que paixões incontroláveis são essas?

**F** – Quem falou isso?

**M1** – Você!

**F** – Imagina! Não sei do que você está falando... olha, o papo está maravilhoso, e o chá estava ótimo, acho que ajudou a acalmar o estômago. E também deu um sono, vou deitar.

**M2** – Mas você não parece nada cansada.

**F** – É? Ah... pois é. Mas eu estou cansada e, além disso, preciso estudar.

**M1** – Maria Emmanuela, vou perguntar de novo: tem alguma coisa que você gostaria de nos contar?

**F** – Eu? Não... imagina... nada. Nadinha. Tudo lindo. Obrigada.

**M2** – Você mente mal, hein, menina?

**F** – Mentindo? Não sei do que você está falando... fui. (F sai.)

**M2** – Essa tua filha é uma figura. Tem cara de quem está apaixonada. Será que ela conheceu mesmo algum rapaz?

**M1** – Eu tô achando que já conheceu, já se apaixonou, já pecou e vai nascer um cabritinho já, já.

**M2** – Vovós? Nem acredito. Será??? Seria lindo.

**M1** – Não sei, veremos. Temos que esperar ela querer nos contar.

**M2** – Eu vou pro quarto ler um pouco, você vem?

**M1** – Não. A gente arrumou quase a casa toda já, ficou faltando só um cômodo.

**M2** – Ué, qual?

**M1** – O quartinho daqui. Eu não mexi nele ainda.

**M2** – Ah, mas nem tem o que arrumar ali.

**M1** – Tem, sim, vou organizar os remédios, já separar o que passou da validade pra fazer o descarte e ver também as ervas e os temperos.

**M2** – Quer que eu arrume com você?

**M1** – Não, pode ir ler.

**M2** – Tem certeza?

**M1** – Sim. Pode ir ler. Mesmo!

**M2** – OK. (Elas dão um selinho.) Qualquer coisa, é só me chamar.

**M1** – Eu sei.

(Ambas saem, cada uma para um lado.)

### CENA III – ADAGIO MAESTOSO – FORTÍSSIMO

(Atenção: apesar de altamente emocional e sentimental, a cena *nunca* é melodramática.)

(Escurece. É de madrugada, chove. A *Água* bebe o *silêncio*. F entra segurando o teste de gravidez na mão, pega um copo de *Água*, bebe bastante – talvez chore, talvez fique com raiva, talvez sus-

surre algo – aqui estão abertas muitas portas para múltiplas possibilidades, mas uma coisa é certa, F é temerosa! Ajoelha-se e faz a oração da Virgem Maria, dando ênfase ao “rogai por nós, pecadores”; em seguida, ora um Pai Nosso – ambos com intensidade cardíaca, sentindo cada palavra na boca como pulsação no coração; após o “amém”...:)

**F** – Meu Deus, eu não acredito. Por que eu fui me deixar levar? Uma vez, uma maldita vez! E dá nisso. Ele nem parece se importar. Diz que assume, mas e daí? O que é a aparência de quem está junto, se não sei se em coração ele estará? Eis o que a paixão faz, nos tira do rumo, nos joga nos braços do destino que, ligeiro, nos acorrenta e nos come o fígado, e até mesmo o útero. E que ave voraz! Sinto já as cólicas da gravidez, ou será a ansiedade me fazendo abortar? Meu Deus, eu sequer sei se quero esse bebê. Eu te amo, Senhor, mas serei eu capaz de amar essa criatura feita em meio a um fogo que me cegou para tudo o que é do Senhor? Meu Deus, que digo?! É preciso aprender a amar! E irei o quê? Tirar esse pedaço de vida como se fosse um galho que se poda, quando eu sei que não é um galho seco, mas justamente a flor que em fruta brota? Pecado duplamente agravado... a pele que recebe o beijo é a mesma que guarda a saliva para, do açúcar da vida, o mel formar. É isso que você é, cria minha!

Ainda que este tenha sido um beijo roubado, um instante fulgurante que apenas imita a luz do verdadeiro amado, sei que a mácula desta mãe não poderá te manchar. Um filho sempre vem pelas mãos de anjos, e hoje, neste momento, Senhor, sinto um dos Teus santos anjos a me olhar. Mas sei

que não sou digna de trazer ao mundo uma criança puríssima, sem que a dor nos aflija, porque eu sou a própria Eva que mordeu a maçã e agora se vê expulsa do Paraíso, e sei de minha condenação, sei que doerá dar à luz esse filho ou essa filha, mas sei também que os filhos já não nascem cegos por causa dos pais. Não permita, Senhor, que a cegueira minha se perpetue nessa nova vida, vida esta que a mim escolheu, mesmo sabendo que seria fruto duma paixão desmedida, de quem não sabia o que fazia, ainda que seja possível tudo fazer parte do plano de antes, aquele – que em nosso espírito tocas com tua lira, para que em amor, em verdade, em justiça e em liberdade nos conheçamos, vivamos e aprendamos a ser fiéis a Ti, ó Pai.

*(Affettuoso)*

E que sei eu?, que agora me torno mãe desse ser que vem  
vindo;  
eu, mulher que tem na mudança e doação do corpo um de  
seus maiores sacrifícios  
de onde é tirada a vitalidade da juventude  
sendo negada a menstruação que desce do útero  
para que desse leite rubro seja forjado outro ser no mundo;  
eu, que não sou mais uma menina, nem senhora de mim, ainda;  
eu, que a mim mesma me apresento enquanto enigma;  
eu, que tanta violência enfrentei para, em meio ao fogo,  
conhecer o sabor e o valor da água cristalina;  
eu, uma assassina que, hoje, por pecado e ao mesmo tempo  
por milagre,  
se torna capaz de, de dentro pra fora, gerar uma vida nova.

(con Amore)

Senhor, me perdoe se na paixão cega de meus olhos agi em  
nome próprio  
se deformei o valor de Tua Luz ao tirar o ouro do fundo para  
entregá-lo ao mundo  
se perdi a conta do que recebi e devolvi menos do que peguei  
me perdoe se *eu* quis mais do que deveria possuir  
se *eu* fiz menos do que me comprometi  
se em vez de discernir *eu* apenas segreguei  
Senhor, me perdoe se no encontro com o outro, em vez de  
amar, o odiei  
se pisando em escorpiões e cobras por fim me iludi  
se de tanto querer olhar para o alto me ceguei  
me perdoe por tudo o que *eu* não vi  
me perdoe se *eu* Te traí  
me perdoe se ao tentar dar um passo  
*eu* tropecei.

Eu Te amo do começo ao fim  
e amo a criação que há em mim  
assim como sei que Eu Estou e Sou em Ti  
óh Deus.

(Aos poucos, a chuva cessa... o silêncio responde às preces.

F sai, e o dia, aos poucos, amanhece.

Tudo se faz novo.

Outra vez.)

## Ato III

### CENA I – ALLEGRETTO VIVACE

(As Nuvens chegam, já não sabemos mais das horas, o Sol não foi embora, mas só está visível aos que sabem da Vida que não se vê.)

**F** – Meu Senhor, eu tô morrendo de fome! Será que eu não consigo mesmo comer nada do que tem aqui? Vejamos... uvas! Sim, uvas, isso!

**M1** – Filha, você está comendo? Nem acredito nisso! O enjoo passou?

**F** – Mais ou menos. Mas, nossa, essas uvas estão deliciosas!

**M1** – Pode comer tudo!

**F** – Mãe, aproveitando, eu preciso falar com você e com a Lu.

**M1** – Agora?

**F** – Pode ser. Ela tá aqui?

**M1** – Sim, vou lá chamar, perai. (...)

**M2** – Você quer falar com a gente, Manu?

**F** – Sim, sentem-se, por favor.

**M2** – Quanta formalidade. Parece importante.

**F** – É importante, sim, Lu. Eu vou falar sem rodeios, tá? Amadas, eu estou grávida.

**M1** – Eu sabia!

**M2** – Ah, que lindo, a gente vai ser vovó!

**M1** – Maria Emmanuela, como você foi deixar isso acontecer?

**F** – As paixões, mãe, elas nos tiram do nosso centro. O que eu posso dizer? Perdi a cabeça.

**M2** – Ah, mas um bebê é muito bem-vindo nessa casa.

**M1** – Sim, é, sim, mas poderia ter sido de outro jeito, né? Quem é o pai, você sabe?

**F** – Claro que sei! Eu nunca fui dessas, você sabe muito bem! Eu só me deixei levar uma vez, uma vez! E deu nisso.

**M2** – Você não tava tomando anticoncepcional?

**F** – Sim, mas não deu tempo de fazer efeito, pelo jeito. E agora já não adianta tomar mais.

**M2** – Mas você parou de tomar, né? Ele pode acabar dando problema. Ou você está pensando em tirar?

**F** – Cruz-credo! De jeito nenhum! Eu assumo minha queda, caí mesmo, fiz merda, agora é assumir também as consequências. Eu sou responsável por esse bebê. Não vou me livrar dele como se não fosse eu que tivesse feito, não. Até porque uma vez já foi suficiente, chega!

**M1** – É... e você e esse rapaz se amam, digo, se gostam, pelo menos?

**F** – Acho que sim, né?

**M2** – Acho?

**F** – Como eu vou saber o que ele sente? Homens! Ele fala que gosta de mim, eu comentei que poderia estar grávida e ele disse que vai assumir, que está tudo bem, mas não parece muito contente.

**M1** – Ser pai assusta muita gente.

**M2** – É... ai, estou feliz que vamos ter uma criança já, já correndo por aqui. Já está pensando nos nomes? Nomes são importantes!

**F** – Nossa, Lu, calma, eu não sei nada ainda. Acho que nem caiu a ficha direito. Eu fiz um teste de farmácia hoje à noite, estou tão em choque quanto vocês... digo, quanto minha mãe, né, porque você parece bem feliz.

**M2** – Eu estou feliz mesmo. Confesso. Adoro crianças. E acho que vai te fazer bem, você vai ser uma mãe excelente.

**F** – Vamos ver... e você, vovó, não parece muito contente com a notícia.

**M1** – Eu fico contente, sim, mas é... impactante, né, minha filha? Pra quem não queria namorar, casar, pra quem ia trabalhar e se mudar, um filho assim, de repente, muda toda a perspectiva de vida.

**F** – Eu sei. Eu já chorei, já lamentei, mas não dá pra ficar inconformada pra sempre. Isso faz mal inclusive pro bebê.

**M1** – Sim, você está certa. Agora já não se trata de pensar em você, mas nesse bebê.

**F** – Calma, um filho também não tira a identidade e a independência da gente, eu posso pensar em mim, só tenho que incluir ele.

**M1** – Você que acha...

**F** – Tá querendo me dizer alguma coisa, mamãe? Eu tirei tua liberdade, tua identidade e não estou sabendo?

**M2** – Gente, eu acho melhor...

**M1** – Não foi isso o que eu quis dizer, só não romantize a dor que é parir e o sofrimento que é criar um outro ser.

**M2** – Ah, não é pra tanto, né, Maria Regina?

**M1** – É, sim! Olha tudo o que você sofreu!

**M2** – Mas foi por causa do meu ex-marido e não por causa dos meus fi... (silêncio) me perdoem. Eu não sei o que estou dizendo. Pode, sim, ser muito sofrido, Emmanuela, e eu sinto muito por tudo o que meu filho te fez sofrer.

**F** – Cada vez mais eu entendo que o que aconteceu tinha que acontecer, então, não se preocupe, Luciana. O meu aprendizado não justifica a maldade dele, mas a maldade dele torna justo o meu aprendizado. Eu sei que eu me tornei uma pessoa minimamente mais reta, pelo menos, eu acho...

**M2** – Sim, sou testemunha disso, se tornou mesmo. Você é como uma filha pra mim, saiba disso. A filha que eu não vi crescer.

**F** – Você teve uma filha, Lu?

**M2** – Sim.

**F** – Você nunca falou dela.

**M2** – É que...

**M1** – Eu acho melhor a gente voltar pro assunto principal: você, Maria Emmanuela.

**F** – Ah, me deixa. Pelo menos agora a gente já sabe que o enjoo vem da gravidez. Ó, que beleza!

**M2** – Gente, falando em enjojo... e eu, que sonhei com o dragão de novo? O cheiro dele, de enxofre, era tão grande que eu senti náusea no sonho.

**F** – Caramba! E tinha vários animais de novo?

**M2** – Sim... mas era diferente. Eu até anotei no meu caderninho quando acordei, ó, que bizarro! O dragão estava queimando tudo, daí do meu lado tinha um coelho, um bode, uma ovelha e uma águia, aí o coelho falava: **o veneno está no fogo...** e o bode completava: **e o fogo, como veneno que corre solto no sangue, se alastra...** nisso a ovelha olhava nos meus olhos e me perguntava: **como evitar que isso aconteça?** E eu falava que eu não sabia, que eu não tava entendendo nada. Aí a águia me segurou com as garras dela e levantou voo com todos os animais nas costas dela; aonde ela ia, o dragão seguia voando embaixo, aí, quando a gente estava no meio do oceano, ela dizia: **se o dragão está sobre o mar, o que ele consegue queimar?** E eu olhava ao redor e respondia: **nada! Não há nada pra queimar.** Nisso um peixe aparecia nadando no ar, como que rente por sobre as águas, e me dizia: **isso significa que o fogo só não envenena se ele queima no óleo que boia sobre a água cristalina e salgada do mar.**

**M1** – Nossa, que maluquice. O que isso tudo significa?

**M2** – Não faço a menor ideia!

**F** – Enigmas. Interessante. Como é a última frase mesmo, a do peixe? Isso significa que...

**M2** – Que o fogo só não envenena se ele queima no óleo que boia sobre a água cristalina e salgada do mar.

**F** – Mas tinha óleo lá?

**M2** – Não. Nada, só o dragão cuspidor fogo.

**F** – Será que ele é a mancha de óleo sobre o mar?

**M2** – Eu não sei.

**M1** – Que louco.

**M2** – Ah, e o mais estranho... quando eu estava na floresta ou cidade, não sei, na terra firme, ele cuspiu fogo em tudo, pros lados, pra baixo... mas quando a gente foi pro oceano, ele ficava cuspidor fogo pro alto, nossa, é! Eu cheguei a achar que ele fosse me queimar, mas a águia não deixava, quanto mais alto e próximo ele cuspiu o fogo, mais alto a gente voava.

**F** – Interessante... um fogo no óleo ou na vela também queima pro alto; na verdade, todo fogo queima pra cima, anormal é queimar pros lados, como ele na terra, queimando tudo desenfreado.

**M1** – Eu não entendo nada disso.

**M2** – Eu também não, mas acho estranho que ele tivesse rosto humano, o mesmo rosto de antes. Parecia um rosto jovem, de rapaz.

**M1** – Bom, eu vou trabalhar pra poder bajular meu netinho, comprar as roupinhas mais lindas pra quando for nascer. Roupas de bebê são tão lindinhas!

**F** – Ah, mãe, espera, eu estava pensando... eu vou chamar o Bily hoje pra vocês conhecerem.

**M1** – Quem é Bily?

**F** – O pai do bebê.

**M1** – Ah, claro! Convide, sim, será um prazer.

**M2** – Quer que faça algo pra comer?

**F** – Não, pode deixar, vou falar pra ele trazer algo pra gente. Ele gosta de cozinhar também.

**M2** – OK.

**M1** – Você não tem aula hoje, não?

**F** – Eu já tive. Fomos dispensados mais cedo pra trabalhar em cima de um caso. A Sophia disse que ia passar aqui pra gente fazer em casa. Ela só ia ver algo no centro e já vinha.

**M1** – OK. Bom trabalho e estudos pra vocês.

**M2** – Amor, você vai pro escritório?

**M1** – Sim.

**M2** – Ah, me espera? Eu só vou trocar de blusa, é rápido. Aí já aproveito a carona.

**M1** – Tá.

**F** – Tchau, vovós do ano!

**M2** – Tchau, Manu. Dê um abraço na Sophia pela gente.

**M1** – Se cuida, hein, minha filha.

(M1 e M2 saem. F fica.)

## **CENA II – PRESTO BRUSCAMENTE**

(Pouco tempo depois, tocam a campainha: é Sophia, a AMIGA. F sai de cena para atender, e elas entram juntas.)

**AMIGA** – E aí, o que você queria tanto me dizer?

**F** – Senta, você não vai acreditar... tô grávida.

**AMIGA** – Como assim, grávida?

**F** – Grávida, grávida, vou ter um neném. Sabe o Bily, do quinto ano?

**AMIGA** – O bonitão?

**F** – Sim.

**AMIGA** – Eu não acredito! Não, não pode ser! Ele é o pai? Você perdeu a cabeça?! Ele é o cara mais assediado de toda a faculdade. Parece até que ele hipnotiza as mulheres. A gente já falou sobre isso, sobre como ele parece seduzir as meninas. Como isso parece um jogo pra ele.

**F** – Pois é, mas não é bem assim, você sabe que a mulherada também baba nele mesmo sem ele olhar pra ninguém... e a gente ficou se falando por WhatsApp por um tempo e depois a gente passou a se encontrar, sair, conversar, enfim...

**AMIGA** – E você não me falou nada!

**F** – É porque não tinha nada demais! Eu sempre falei pra ele que era só amizade, até que ele me pegou de jeito, me lascou um beijo e eu... eu não resisti, perdi a cabeça, me deixei levar.

**AMIGA** – Meu Deus, você sempre foi super-racional, a melhor nas argumentações, melhor aluna em tudo, como assim, se deixou levar???

**F** – Eu não sei, eu não pensei...

**AMIGA** – Mas ele tem maior fama de ser galinha. E tem até boato dele ter feito mais de uma menina do curso abortar.

**F** – Eu sei.

**AMIGA** – Manu, ele tá sabendo disso?

**F** – Sim. Eu falei assim que desconfiei.

**AMIGA** – E ele?

**F** – Ele disse que tudo bem, vai assumir. Aliás, já vou mandar mensagem falando pra ele vir em casa mais tarde e trazer algo pra gente comer.

**AMIGA** – Mas você conhece ele, Manu? Tem certeza de que você quer ele como pai do seu filho?

**F** – E eu vou fazer o que agora, que já tô grávida? Ele é o pai, não tem como mudar isso.

**AMIGA** – Manu, eu sei que isso é delicado, e você é religiosa, e que já passou por isso uma vez, mas... você não pensou em interromper essa gravidez?

**F** – Não! De jeito nenhum! Jamais!

**AMIGA** – Olha, esse cara não parece que vai ser um bom pai.

**F** – E quem é bom pai hoje em dia? Difícil!

**AMIGA** – Manu, é sério. Você vai ter um filho com um cara de índole altamente duvidável.

**F** – Não é bem assim, eu acabei me tornando amiga dele, e ele é outra pessoa quando está comigo.

**AMIGA** – Isso é mais perigoso ainda. Você não tem aprendido nada nas aulas de Direito? Tem muita gente que manipula, dissimula, mente mesmo.

**F** – Não acho que seja o caso dele.

**AMIGA** – Ai, Manu, tem horas que você é muito inocente! Cadê teu entendimento?! Esquece o sentimento, pensa usando teu lado racional!

**F** – E você quer o quê? Eu não vou abortar! Eu já tirei um filho uma vez, você sabe muito bem!

**AMIGA** – Mas você tinha direito de tirar, era fruto de um estupro, que aconteceu aqui, aliás!

**F** – Eu não concordo, hoje eu penso que filho é filho, não tem nada a ver com o que aconteceu com a gente, ele não merecia ter morrido, isso é porque a gente não sabe lidar com as tragédias e acaba descontando em quem é inocente. Eu matei uma vez, eu não sabia o que estava fazendo, mas agora sei e chega! Até porque dessa vez é diferente...

**AMIGA** – Diferente? Emmanuela, abre teu olho, esse cara te roubou um beijo e te levou pra cama mesmo você tendo fama de ser a santa durona! Roubar um beijo também não está longe de uma certa estranheza de caráter. Querendo ou

não, é um roubo! Especialmente no teu caso. Ele conseguiu te levar pro pecado! Pensa no que isso representa!

**F** – Acho que no fundo eu queria que ele me beijasse, não posso dizer o contrário.

**AMIGA** – A dúvida é sempre o trunfo do advogado do diabo! Você deu algum indício de que queria ser beijada, por acaso? Você paquerou ele, Manu?

**F** – Ah, a gente acaba fazendo essas coisas sem querer, você sabe, quando eu estou interessada em algo não consigo esconder. Imagina em alguém... devia estar estampado na minha cara.

**AMIGA** – Manu, acorda! Essa não é você! Cadê teu lado racional? Cadê a Manu que pensa em todos os detalhes, que vence as paixões todas por amor a Deus?

**F** – *Uma queda, um tropeço* não muda minha fé. Eu sei que eu não sou de me deixar levar, mas não adianta mais.

**AMIGA** – Adianta, sim, seja mãe solteira, então, sei lá eu!

**F** – Não, Sophia, toda criança merece ter a figura do pai, você sabe muito bem disso! Eu preciso ao menos dar essa chance, pelo menos tentar!

**AMIGA** – O que eu sei, Manu, é que é melhor não ter pai do que ter dentro de casa um pai horrível. Se não for bom exemplo, melhor ser mãe solteira, sim, escuta o que eu digo!

**F** – Isso é o trauma que você tem do seu pai falando... Você nem tem como saber se ele vai ser um mau exemplo, Sophia.

**AMIGA** – Além de fama de quem gosta de uma orgia, você sabe que ele usa drogas nas festas da faculdade, não sabe? Dizem que já ficou louco e inclusive bateu numa menina.

**F** – Não sei disso de bater, não, deve ser mentira. Mas, quanto às drogas, ele prometeu que vai parar, ser mais responsável.

**AMIGA** – Manu, pensa! Não é filho que faz homem mudar!

**F** – Olha, eu não te chamei aqui pra ficar acusando o pai do meu filho!

**AMIGA** – Manu, a gente se conhece desde pequenas, eu estive do teu lado pra tudo, em tudo, todo o tempo. Durante muitos anos, eu carreguei uma culpa imensa por ter sido testemunha do que te aconteceu e não ter conseguido fazer nada porque eu tava do outro lado do telefone, longe dessa casa. E agora eu não vou ficar quieta vendo você de novo cair na lábria de um safado.

**F** – Nossa, não têm nem comparação os dois casos. Pra uma futura advogada, você está bem fraca.

**AMIGA** – Nossa, Manu, você quer competir nota, por acaso? Eu estou falando de intuição e de fatos. Ele não é flor que se cheire! E isso tudo está muito errado!

**F** – Fatos, não, que nada disso não passa de boatos que não podem ser comprovados. E errado foi, mas Deus também perdoa nossos erros.

**AMIGA** – Meu Deus, Manu. Eu não acredito que você, você!, está defendendo alguém como ele! Deus perdoa só aqueles que se arrependem *sin-ce-ra-men-te!* Já esqueceu?

**F** – Ele é o futuro pai do meu filho. Defendê-lo, agora, é o meu dever. E sei que, com o tempo, ele vai se arrepender.

**AMIGA** – Não, Manu, teu dever é salvar a si mesma desse buraco em que você se meteu.

**F** – Um filho não é um buraco, não fale assim!

**AMIGA** – Não estou falando isso do seu filho, estou falando do cara que fez isso contigo. Eu sei que você está dando uma de pura, de que acredita na inocência e mudança do mundo, mas cadê o teu entendimento racional dos fatos? Todo santo é um idiota, por acaso?!

**F** – Ele me deu esse presente inesperado, só isso. Ele falou que queria me dar o toque de Deus.

**AMIGA** – Como assim, te dar o toque de Deus?!?!?!?

**F** – Ele queria me mostrar o amor de Deus através do meu corpo...

**AMIGA** – E você caiu nisso???

**F** – Você não está entendendo, ele foi muito romântico e... ele me tocava numa forma tão mágica.

**AMIGA** – Magia negra, só se for!

**F** – Para! Você está deturpando tudo o que eu falo!

**AMIGA** – Não, é você que não está ouvindo as loucuras que está falando. Ouça você mesma! Até parece que Deus vai te amar através do sexo dos homens!

**F** – Nossa, que jeito frio de se colocar. Ele viu em mim a possibilidade dele entrar em contato com algo maior... sei lá...

**AMIGA** – Manu, isso é vaidade da tua parte.

**F** – Como você ousa? Logo eu, que sempre fui considerada a pessoa mais simples de todas.

**AMIGA** – É, dizem que todos os que caíram foi de uma altura grande. Lúcifer também era um ponto de luz pra todos... lembre-se disso.

**F** – Ele viu em mim algo de divino, eu devo... sei lá... simbolizar a redenção dele.

**AMIGA** – Não, Manu, ele viu em você um **desafio**, porque todos os caras tentaram, ninguém conseguiu. Mas ele sim, e

esse bebê vai ser só um troféu pra provar que ele conseguiu te comer.

**F** – Por que você está falando isso? Desafio?

**AMIGA** – Eu pensei que fosse loucura da cabeça alheia, mas pelo jeito é verdade...

**F** – O quê? Fala!

**AMIGA** – Fiquei sabendo por alto de uma aposta, Manu, entre os caras. Quem ia “tirar sua virgindade”, te comer primeiro. Vieram me perguntar se você estava grávida, porque ele disse que não só ia te comer, mas também comprovar o feito.

**F** – Não, isso não é verdade. Você está inventando isso.

**AMIGA** – Não, Manu, eu achei que era mentira também. Não liguei. Achei que fosse bobagem.

**F** – Mas como eu não fiquei sabendo disso? Nunca ouvi nada.

**AMIGA** – Manu, dá pra contar nos dedos quem é teu amigo... você não se mistura, não participa de nada, você é superisolada, você que não vê... como alguém ia contar pra você?

**F** – Não, eu vejo, sim, eu sei, são escolhas.

**AMIGA** – Pois é, Manu, você é... diferente. Você sabe qual é o teu apelido?

F – Eu tenho um apelido?

AMIGA – Tem.

F – Por que você nunca me contou?

AMIGA – Porque eu respeito você, e é algo bobo, mas te chamam de “A advogada de Deus”.

F – Hm, táí, gostei. Não que Deus precise de mim pra defender Ele, mas...

AMIGA – Manu, lembra! Meu pai do céu...

F – O que foi??? Eu não estou entendendo, Sophia!!!

AMIGA – Estou vendo que você perdeu mesmo todo o entendimento que tinha... bom, pelo menos vocês não vão casar.

F – Ah, vamos, sim! Filho meu não vai nascer fora do matrimônio sagrado.

AMIGA – Manu! Você já transou, já trepou, já fez sexo, já pecou, deveria ter pensado nisso antes.

F – Sim, eu sei! Mas não pensei! Eu nunca me deixei levar, eu sempre, a vida inteira, me controlei. Eu sempre estive no controle, até que uma hora a gente não aguenta mais e cede tudo de uma vez!

**AMIGA** – Então, chega, para de querer controlar, porque já não deu certo, na verdade, nunca deu certo. Tudo o que te fez crescer foram circunstâncias que você não pôde controlar! O rigor gera força, mas a sabedoria está em se libertar!

**F** – Não, também não é assim. Eu preciso planejar as coisas, quem vive a esmo também não é feliz.

**AMIGA** – Não, Manu, não mesmo. Eu estou falando pra você planejar, sim, mas sem querer controlar os resultados puros e santos do que você está fazendo. Isso que você criou é uma **ideia** de pureza, não a livre vivência dela em si mesma. Fica longe desse cara, Manu, ouve o que eu tô falando! Vai ser pior depois ter que se livrar dele!

**F** – Olha, você não conhece ele, você não tem como saber de tudo isso, você está especulando. Eu vou me casar e ponto. É isso!

**AMIGA** – Então, você me perdoe, mas eu não vou ser cúmplice da destruição da tua vida. Já bastam os traumas todos, agora mais isso!

**F** – Você está sendo pessimista. Isso não é justo comigo nem com meu filho.

**AMIGA** – Não, eu estou sendo realista! Esse cara é o que tem fama de ser o pior de todos, a gente já falou sobre isso, você xingava ele antes, agora está toda romântica, acreditando que ele é o príncipe da sua vida.

F – Não, eu sei que ele não é. Só não o vejo como vilão!

**AMIGA** – Não vê ainda. Eu vou indo, não estou passando bem.

F – Não, fica...

**AMIGA** – Não, Manu, eu já testemunhei uma tragédia uma vez, chega. E eu não estou te reconhecendo, essa não é minha amiga.

F – Claro que sou! É só que eu nunca passei por isso.

**AMIGA** – Pois é, e está passando como uma menina de jardim de infância que batia no menino que gostava pra mais tarde descobrir que o ama e, no fim, se frustrar e ver que era tudo idealização. Acorda, Manu, essas paixões de infância acabam, e acabam em novas tragédias, novos traumas.

F – Nossa, que trágica você! Até parece que as crianças levam isso tão a sério como você tá colocando.

**AMIGA** – As crianças sobrevivem porque são crianças, mas os adultos, quando brincam disso, dá merda. Dá merda grande! É a história, crianças são puras, mas os adultos carregam demônios.

F – Mesmo que seja, nós vamos superar juntos.

**AMIGA** – Aí, você está projetando, esperando algo que nem sabe se vai ter... eu sinto muito, Maria, eu vou embora. E

espero sinceramente que eu esteja errada e que você não venha a se arrepender.

F – Nisso a gente concorda.

AMIGA – Tchau. Depois a gente se fala...

F – E o trabalho?

AMIGA – Depois a gente vê com calma...

F – Pera, Sophia, eu te acompanho...

AMIGA – Não, fica aí, pode deixar, eu sei onde fica a porta...

(AMIGA sai. F está visivelmente nervosa, ansiosa, dissimulada. Ela pega Água do jarro de barro, bebe bastante, quase se molhando, se afogando, engasgando. Depois pega o celular, liga para ELE.)

F – Oi... tudo bem? Eu?... Tô bem, sim... é?... estranha? Não, normal... então, você vem ou não? Sim?! Você traz algo pra janta? Você já está preparando??? Uau. E o que é? Surpresa? Não, fala... hum, tá bom. Eu já avisei minhas mães. A gente está te esperando, então... tá... avisa quando estiver saindo... tá... beijo! Tchau. (Desliga.) Tá vendo? Não tem nada demais, nada mesmo, nadinha. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem. A gente vai ser uma linda família... está tudo bem, pode ser que não seja fácil, pode ser difícil, mas eu vou conseguir, eu sei...

(Tocar necessariamente um instrumento solo em E major, ou seja, em Mi maior, obrigatoriamente. Sugiro fortemente Chopin: *Etude no. 3 in E major, Op. 10 no. 3 – inteira*, ou Bach: *Partita no. 3 in E major BWV 1006 – PRELÚDIO*, violino.)

Enquanto toca, as horas passam, e F está ali, parada, congelada em cena. As Nuvens continuam presentes, não foi possível ver o Sol, mas a noite vem chegando visivelmente.)

### CENA III – *LARGHETTO*

(Tudo escuro, M1 chega acendendo a luz.)

**M1** – Filha, o que você está fazendo nesse escuro?

**F** – Hã?

**M1** – Por que você está nesse escuro? Você está bem?

**F** – Eu estava esperando vocês.

**M1** – Conseguiram fazer o trabalho?

**F** – Que trabalho?

**M1** – Da faculdade, ué, a Sophia não ia vir aqui pra vocês estudarem?

**F** – Ah, é, ela veio. É...

**M1** – E foi tudo bem?

**F** – Uhum.

**M1** – Comprei mais uvas pra você. Quer?

**F** – Não, estou sem fome.

**M1** – E o rapaz, ele vem?

**F** – Que rapaz?

**M1** – O pai do bebê. Manu, minha filha, você está em que mundo? O que aconteceu pra você ficar assim?

**F** – Assim como? Está tudo bem. Fique tranquila, mãe. Está tudo bem...

**M1** – Minha filha, olha, eu sei que não deve ser nada fácil pra você tudo o que está acontecendo, você sempre foi certinha, e aí agora se deixou levar e terminou grávida, mas fique sabendo que eu estou do teu lado, viu, conte comigo, e também ninguém é perfeito.

**F** – Mas a gente precisa tentar.

**M1** – Tentar o quê, Manu?

**F** – Ser perfeito.

**M1** – Emmanuela, minha querida, está tudo bem em você cometer erros.

**F** – Não, não está tudo bem em errar, só fica tudo bem depois que nos tornamos capazes de corrigir tudo o que a gente fez...

**M1** – Manu, a gente melhora com o tempo, isso é algo que acontece através dos erros, não tem jeito. A gente só anda quando aprende, junto, o que é tropeçar. Você vai ver, esse filho vai ter muito o que te ensinar.

**M2** – Manu, boa noite, querida! Como foi seu dia?

**F** – Tudo bem, Lu.

**M2** – E aí, o *boy* vem?

**F** – Que *boy*?

**M2** – O pai, ué.

**F** – Ah, sim, vem. Deve estar pra chegar. (A campainha toca.) Aí, deve ser ele! Já venho! (F vai e volta com ELE. ELE segura uma bandeja de prata com tampa e flores. *Accelerando*.) Mãe, Lu, esse é o Bily.

**ELE** – Boa noite!

**M1** – Olha, que menino lindo! Boa noite, muito prazer, Bily, eu sou a Maria Regina, mãe da Manu!

**M2** – Seja bem-vindo, rapaz! Eu sou a Luciana, madrasta da Manu; pode me chamar de Lu.

**ELE** – Oi, dona Maria Regina, oi, dona Luciana.

**M2** – Ai, aqui não tem dona nenhuma, não, pode ir parando.

**ELE** – Eu trouxe essas flores pra vocês. A Manu disse que vocês gostam de flores.

**M1** – Que atencioso! Não precisava!

**M2** – E fiquei sabendo que você cozinha...

**ELE** – Sim, eu inclusive trouxe algo pra gente comer.

**M2** – Eu também aprecio a arte da culinária. Sabe que... você me lembra alguém... teu rosto me parece familiar...

**ELE** – Ah, sempre dizem que eu lembro algum amigo ou conhecido, estou acostumado.

**F** – Eu vou colocar a mesa.

**M1** – Eu te ajudo, querida.

**M2** – Linda essa bandeja... é de prata?

**ELE** – Sim, é de família.

**M2** – Olha só, então você é um rapaz de família?

**ELE** – É, nem toda família é perfeita, mas creio que fui bem-educado.

**M1** – Hoje em dia, isso é raro.

**ELE** – Sei bem.

**M1** – Vem cá, é... Bily... é Bily, né? Desculpa a má memória.

**ELE** – Sim, pode me chamar de Bily, dona Maria Regina.

**M1** – Bily é apelido?

**ELE** – Sim. Meu nome é Beliel. (Nesse momento, F sente uma fisgada no útero e geme de dor.)

**M1** – Que foi, minha filha?

**F** – Não sei, senti uma fisgada, não deve ser nada.

**M2** – Beliel... por que esse nome não me é estranho?

**ELE** – Pode chamar de Bily, é mais fácil e melhor.

**M1** – Você está bem mesmo?

**F** – Sim. Vamos comer.

**ELE** – Eu fiz especialmente pra vocês.

**M2** – Estou curiosa pra ver o que é...

(ELE se levanta e tira a tampa; na bandeja há costelas assadas. Ao lado das costelas, há uma Faca. ELE pega a Faca. Imediatamente, F sente ânsia e sai correndo para vomitar no banheiro.)

**M1** – Manu! Minha filha!! (Vai atrás de F.)

**M2** – Mas o que é isso?

**ELE** – Costelas... eu pensei que vocês gostariam, é o que eu faço de melhor.

**M2** – Mas você não sabe que a Emmanuela é vegetariana?!

**ELE** – Caramba, é verdade, nem pensei nisso... Nossa... Me desculpem!... Eu fiquei tão empolgado em tentar agradar que esqueci que ela não come carne... É verdade. (F está entrando na cozinha.)

**F** – Não faz mal. Comam o que vocês quiserem. Só põe no prato e fecha isso! (ELE fecha a bandeja e fica segurando a Faca apoiada em pé sobre a mesa, como um falo.)

**M2** – Você está bem, Manu?

**F** – Sim, eu só vomitei.

**M1** – O que tinha ao redor? Batatas?

**ELE** – Sim!

**M1** – Aí, come uma, pelo menos.

**F** – Nossa, de jeito nenhum! Qualquer coisa que toque a carne eu não como nem ferrando.

**ELE** – Desculpa, Manu. Eu não lembrei.

**M2** – É, e a Manu não te falou? A gente não come mais carne vermelha, só carne branca.

**F** – Não, Lu, pode comer.

**M2** – Não, Manu, a gente falou que ia cortar e cortou.

**M1** – É verdade, hoje é inclusive o sétimo dia que estamos sem carne nenhuma.

**M2** – Eu vou cozinhar algo rápido pra gente.

**F** – Lu, não precisa se preocupar comigo, faça algo pra você e minha mãe. Meu estômago embrulhou de vez, vou comer nada, não.

**M1** – É, eu também confesso que estou sem fome.

**ELE** – Me desculpem. Eu realmente sinto muito. Eu vou jogar isso aqui fora.

**F** – Jogar fora? Jogar fora, não! Agora, coma! Não se mata bicho pra jogar no lixo. Pode comer.

**ELE** – Mas eu vou comer sozinho? Vocês vão ficar me vendo comer? Meio constrangedor isso...

**M2** – Eu te acompanho, menino. Eu como umas batatas, pronto.

*(Tempo rubatto. Eles se servem dentro de um silêncio estranho, ELE corta a costela com a Faca, e cada vez que precisa cortar a carne no prato, ELE usa a Faca que trouxe, que é visivelmente desproporcional em relação ao garfo.)*

**M1** – Então, Bily, como você está se sentindo em relação a tudo isso?

**ELE** – Ah, eu estou constrangido de ter errado o prato assim, né?

**M1** – Não. Estou falando da gravidez, do filho de vocês.

**ELE** – Ah... é... normal.

**M2** – Normal?! Como assim, normal?

**ELE** – Ah, pessoas engravidam todo dia, uma hora acontece, né? Também foi sem querer, igual à costela.

**F** – Você está comparando ter me engravidado com ter errado o prato?

**ELE** – Não, eu estou querendo dizer que não foram coisas positivas, foi tudo sem querer. Mas há males que vêm para o bem, como esse bebê.

**M1** – Você acha que o teu filho é um mal que está vindo para o bem?

**ELE** – Eu quis dizer que a gravidez em si é que foi um mal no sentido de um erro, mas que vai ser algo que com certeza nos fará felizes.

**F** – Erro?

**ELE** – Erro de planejamento, erro de rota, você entende. Você pretendia engravidar?

**F** – Não...

**ELE** – Então, pronto, é nesse sentido, de inesperado.

**F** – E o que é certo é só o que é planejado, calculado?

**ELE** – Meu amor, você sabe que eu prefiro a racionalidade, pra mim o que é certo é o que já pensamos antes, sim.

**M2** – Nossa, mas e a liberdade das coisas nos surpreenderem?

**ELE** – Ué, são os males que vêm para o bem, como falei.

**180** **F** – Isso significa que você acha a liberdade um mal...

**ELE** – Um mal necessário, mas... não deixa de ser um mal.

**M1** – Sério? Você acha mesmo que a liberdade é um mal?

**ELE** – Acho que a liberdade abre portas para que tudo aconteça de um jeito caótico. Olha só, se a Manu não tivesse me dado a liberdade de cozinhar o que eu quisesse, eu não erraria o prato.

**M1** – Pera, ela deveria ter te dado parâmetros, é diferente!

**F** – Sim, porque se eu escolho o prato que você *tem que* fazer, se eu escolher as coisas por você, você perde seu livre-arbítrio, seu poder de escolha.

**ELE** – Manu, olha o mundo, você acha que as pessoas sabem escolher, por acaso? Para que dar liberdade pra seres que não sabem o que fazem? Seria um bem obrigar as pessoas a seguirem certas regras rígidas, pra isso que existem as leis, aliás.

**F** – Não, as leis não obrigam, elas instruem, é diferente. Se obrigassem, ninguém iria preso, porque ninguém conseguiria fazer algo fora delas.

**ELE** – E não seria um mundo melhor? Não teria assassinato, não teria roubo, não teria ciúmes, não teria essas paixões violentas que acometem o povo...

**M1** – Nossa, eu concordo que a gente tem muito o que melhorar, mas tirar as paixões das pessoas seria tornar tudo frio demais.

**ELE** – É, vocês mulheres são muito apegadas ao emocional, eu sei. Mas no direito a gente aprende que a frieza é uma excelente arma, também.

**M2** – Arma? A vida não é uma guerra não, meu filho.

**ELE** – Isso é porque a senhora não está dentro dos tribunais vendo o que acontece de verdade, as merdas que o ser humano é capaz de fazer.

**M2** – Mas isso são as aparências, não é o único ponto da realidade.

**M1** – É, a maior parte da humanidade vive pacificamente. Comete erros? Comete, somos imperfeitos, paciência, mas não é a maioria que comete crimes graves...

**ELE** – Isso é o que a senhora acha... olha, tudo começa no fato das pessoas não pensarem, as pessoas não são sequer razoavelmente racionais, então, a maior parte dos crimes se torna uma questão de oportunidade, como dizem: a oportunidade faz o ladrão, e, de fato, basta que eu faça a pessoa perder a cabeça que ela mata alguém fácil, fácil.

**M1** – Que horror. Isso não é verdade.

**ELE** – Desculpe se isso te assusta, mas é verdade, sim, se a gente acha o calcanhar de aquiles de cada um, faz os outros cometerem loucuras que jamais imaginaram.

**F** – Mas requer muita frieza para ser capaz de fazer isso, levar as pessoas à loucura, ao crime, ao pecado.

**ELE** – Ah, não precisa ser algo grave em termos de leis, basta fazer a pessoa se deixar levar pelas paixões que a gente consegue o que quer. (F sente outra pontada no útero. Grita.)

**M1** – Filha, filha, o que está acontecendo?

**F** – Não sei, está doendo... muito!

**M2** – Você quer ir prum hospital, eu acho melhor a gente ir prum hospital, isso não é normal.

**ELE** – A minha mãe contava que teve muitas cólicas quando estava grávida, será que não é isso, não?

**F** – Isso, deve ser. Eu só preciso... respirar...

**ELE** – Isso, meu bem, respira... (ELE dá um selinho em F, prolongado, segurando sua cabeça. F se sente sufocada, sente o sabor da carne, empurra-o e sai correndo, com ânsia. M1 e M2 correm atrás; ELE fica sentado e continua comendo, colocando mais costela no prato. ELE lambe a Faca, visivelmente satisfeito.) Nossa, não é por nada, mas isso aqui está delicioso! Pena que nem todos sabem apreciar uma boa carne. (M2 volta.)

**M2** – Desculpa, como você se chama mesmo?

**ELE** – Pode me chamar de Bily.

**M2** – Não, seu nome...

**ELE** – Beliel, dona Luciana.

**M2** – Beliel, por favor, você pode ir embora? A Emmanuela está passando muito mal, e nós vamos pro hospital.

**ELE** – Não deve ser nada, coisas de grávida.

**M2** – Pode ser, mas, por favor, vá pra tua casa, já deu a hora.

**ELE** – Tudo bem. Vocês não querem ajuda com nada? Não querem que eu vá pro hospital também?

**M2** – Não precisa, vai ficar tudo bem, depois ela manda notícias.

**ELE** – Poxa, uma pena tudo isso. Eu inclusive trouxe um anel pra pedir ela em noivado.

**M2** – Hã?

**ELE** – É, eu quero casar com a Manu, fazer tudo certo, sabe? Não quero que esse filho nasça fora de um matrimônio sagrado, eu sei que isso é importante pra Manu.

**M2** – Hm... legal, Beliel, depois a gente vê isso.

**ELE** – Tá, vou lavar meu prato e arrumar as coisas, só um minutinho.

**M2** – Pode deixar o prato aí, eu cuido disso. Só pega suas coisas e vai, Beliel!

**ELE** – Vou pegar, vou pegar, não precisa me expulsar, olha as paixões... calma...

**M2** – Beliel... por que seu nome não me é estranho? (Eles se olham nos olhos, parados por um instante, ELE com um sorriso e M2 séria, como quem confronta um demônio.) Vai logo! (ELE faz um cumprimento com a cabeça e sai levando a bandeja fechada, deixando, em cima da mesa, a Faca. Antes de ELE sair de cena, olha uma última vez para M2, que está de costas para ELE, M2 sente um calafrio. ELE sai. Ela faz um sinal da cruz.) Nossa, por que eu fiz isso? Que noite estranha, meu Pai... *(Tempo primo.)*

**M1** – Amor, cadê o Bily?

**M2** – Hã? Ah, eu mandei ele embora. Rapaz estranho, não?

**M1** – É, eu achei também, mas...

**M2** – Nossa, você acredita que ele falou que trouxe anel de noivado e que ia pedir a Manu em casamento?

**M1** – Sério? Por essa eu não esperava.

**M2** – Eu também não... cadê ela? Ela está melhor?

**M1** – Sim. Disse que queria ficar um pouco sozinha. O enjoo passou do nada, aí parou de vomitar, e as dores foram embora.

**M2** – Que gravidez complicada, tadinha.

**M1** – Espero que melhore. (Elas começam a arrumar as coisas em silêncio, tirar a mesa, lavar a louça...)

**F** – Me desculpem se eu arruinei o jantar de vocês.

**M2** – Manu! Você está bem?

**M1** – Imagina, minha filha, arruinou nada, não.

**F** – Estou melhor, bem melhor.

**M1** – Você não ia deitar um pouco, descansar?

**F** – Sim, mas prefiro ficar com vocês.

**M2** – Manu, querida, desculpa se não é um bom momento, mas posso ser sincera?

**F** – Claro.

**M2** – Esse rapaz, esse... Beliel, ele é muito estranho. Eu... eu acho que você deveria repensar essa gravidez, pronto.

**F** – Não, de jeito nenhum! Isso está fora de cogitação.

**M2** – Manu, ele não vai ser um bom marido nem um bom pai, dá pra ver.

F – Mas eu preciso tentar. É meu dever.

M1 – Luciana, acho que isso não cabe a nós decidir. Mas, de fato, minha filha, ele é estranho. Como ele foi trazer carne pra dentro dessa casa? No dia em que ia te pedir em casamento...

F – Casamento? Eu não sabia que ele ia me pedir em casamento, como vocês sabem?

M2 – Regina! Que boca, hein?

M1 – Desculpa...

M2 – Ele falou pra mim que trouxe um anel de noivado, Manu.

F – Sério? Ai, que lindo!

M2 – Lindo? Manu, acorda! A sua mãe tem razão, esse cara trouxe costela assada pro seu noivado!

F – Ele não lembrava, acontece! Ele não fez por maldade.

M1 – As ideias dele, também, são bem... rígidas, né? Bem... fortes...

F – Coisas de advogado.

M2 – Não sei disso, não, Manu, meu irmão é advogado e não pensa assim. Pelo contrário, sempre falou que nosso maior bem é a liberdade, e por isso devemos prezá-la, aprender a usá-la, e não tirá-la do povo.

**M1** – Isso, tem que educar, não adianta obrigar, forçar.

**F** – Eu só quero dizer que eu entendo como ele pensa, e nem todo mundo precisa pensar como vocês.

**M2** – Sim, é verdade, mas ainda assim os parâmetros do que é bom pra sociedade deveriam ser os mesmos. A liberdade é boa, não tem como ser algo ruim. Ruim é estar preso!

**F** – Tá bom, tá bom...

**M2** – Manu, você não vai casar com ele não, vai?

**F** – Claro! Meu sonho é ter esse bebê dentro de um matrimônio sagrado.

**M2** – Querida, não, a gente já conversou sobre isso, não é qualquer casamento que é sagrado, não adianta casar só pra sociedade e pra Deus ver, Deus conhece nosso coração, e, quando é de mentira, Ele sabe!

**F** – Não, no meu coração é verdade, Ele sabe que, no meu coração, o que eu quero é casar!

**M1** – Mas e o coração desse rapaz, minha filha? Você não vai pesar?

**M2** – É... tem algo que não cheira bem.

**F** – Falando em cheiro, mãe, eu acho que você tinha razão, eu devo estar sentindo cheiro que não existe; aquele dia você

disse isso e hoje, quando ele me beijou, eu senti cheiro de enxofre. Vocês não sentiram, não, sentiram?

**M1** – Nossa, eu não... Lu?

**M2** – Enxofre? Eu senti cheiro de enxofre no meu sonho com o dragão... Meu Deus! O dragão...

**M1** – Luciana, está tudo bem? Você ficou pálida de repente! (M2 está como que catatônica, não se move, não fala, apenas passa a ter pequenos espasmos com a cabeça para o lado, como o começo de uma negação, de quem não acredita no que encara.)

**F** – Lu?

**M1** – Luciana!

**M2** – Shhhiu, shiu, shiu. (Sussurrando. Tudo fica em silêncio.) Beliel, Beliel é o nome de um demônio, não é? (Ela sai correndo para pegar a Bíblia de Jerusalém, que está, desde o começo da peça, em algum lugar da cozinha, com livros de receitas vegetarianas. Procura também no celular qual é a passagem exata.) Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia que conhecia esse nome! Tem no Antigo e no Novo Testamento! “Os laços da Morte me cercavam, as torrentes de Belial me apavoravam; os laços do Xeol me estreitavam, as ciladas da Morte diante de mim” [2 Samuel 22:5-6].

**F** – Não, ele chama Beliel... não Belial...

**M2** – “Não formeis parelha incoerente com os incrédulos. Que afinidade pode haver entre a justiça e a impiedade? Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Que acordo entre Cristo e Beliar? Que relação entre o fiel e o incrédulo? Que há de comum entre o tempo de Deus e os ídolos? Ora, nós que somos o templo do Deus vivo...” [2 Coríntios 6:14-16].  
Meu Deus!!!

**F** – Lu, calma, ele chama Beliel, termina com El, que significa Deus.

**M2** – Não, Manu! São variações do mesmo nome. Você precisa ficar longe desse cara, meu Deus...

**F** – Não, eu vou me casar com ele, já falei.

**M2** – Você vai casar, os anos vão passar e você vai se arrepender, escuta o que eu estou falando. Não faça isso com você!... Beliel... meu ex-marido falava esse nome, eu não lembro bem... mas tenho certeza de que ele chegou a comentar sobre esse nome.

**M1** – Nossa, mas por quê?

**M2** – Não sei, ele era louco, você sabe... aquele monstro... (Ela continua buscando informações no celular.) Aqui, Belial ou Beliel ou Beliar era a palavra usada para designar os filhos de...

**M1** – Luciana? Você está passando bem?

**F** – Olha, eu acho melhor a gente ir pro hospital...

**M1** – Por quê??? Você está se sentindo mal de novo???

**F** – Não, por causa dela, ela que não está nada bem pelo jeito.

**M2** – (Calmamente, M2 começa a sair do transe, falar baixo, mover-se devagar, como se houvesse a possibilidade de algo acontecer a qualquer instante.) Eu acho melhor você esquecer esse rapaz, Maria Emmanuela. Pro seu bem. Tira esse... essa... esse bebê... e esquece que tudo isso aconteceu. Pro seu bem, minha querida. Né? Vamos fazer isso, hein?!

**F** – Não, já falei, nem ferrando! Por que você está falando isso, por que está agindo desse jeito? Você estava toda contente de que ia ser avó, que queria uma criança aqui correndo...

**M2** – É... eu não sabia o que eu estava dizendo. Manu, se você se casar, você vai se arrepender, não faça isso com você... por favor!

**M1** – Luciana, que mudança repentina é essa? Só por causa de um nome? O problema deve estar nos pais desse moleque, não nele.

**M2** – Manu, você conheceu a família dele?

**F** – Não, mas sei que ele só tem a mãe.

**M2** – Cadê o pai dele?

**F** – Acho que morreu. Só sei que ele quis fazer Direito por causa do pai, mas não sei nada sobre ele.

**M2** – (Pensando alto:) um pai se perpetua no filho...

**M1** – O quê? (F sente outra pontada e grita.) Filha!

**F** – Não é nada. Não é nada. Vai passar... eu só preciso... respirar...

**M2** – Eu vou fazer um chá. Quer?

**F** – Eu aceito, faz como da outra vez, por favor, de camomila.

**M2** – Sim, farei, querida...

**M1** – O que é isso? Tá ouvindo?

**F** – Acho que é meu celular tocando...

**M1** – Pode deixar que eu pego pra você... fica aí... (Diz isso já saindo de cena.)

**F** – Não, pode deixar que eu atendo... mãe, pode deixar... (Vai atrás de M1.)

(Neste momento, o público vê M2 misturando remédios na Água do chá que dará para F tomar. Ela guarda o resto da cartela ou o vidro de remédios numa espécie de bolsinha para moedas. Silêncio.)

**M2** – Manu! Está pronto o chá. Vem tomar!

**M1** – Hummm... quero um pouco também.

**M2** – Não! Eu não fiz pra você, é só pra Manu!

**M1** – Nossa! OK... não posso nem provar?

**M2** – Não!!! Tivesse pedido que eu tinha feito mais.

**F** – Não faz mal, Lu, pode dar um gole pra ela.

**M2** – Não! É teu, ponto. E, ó, coloquei açúcar pra ajudar a acalmar, tá?

**F** – Mas você sabe que eu não gosto...

**M2** – Eu sei, mas você passou muito nervoso hoje, é bom pra acalmar, e não é o açúcar que vai te matar.

**F** – Tá bom, tá bom, não está mais aqui quem falou...

**M2** – Isso... toma tudo. Não está estranho, não, está?

**F** – Não, tá gostoso, apesar de doce. Bem doce...

**M2** – Vai, bebe tudo, senão vai esfriar.

**M1** – Bom, chega por hoje. Eu vou me deitar.

**M2** – Eu já vou indo também, só vou esperar a Manu terminar o chá.

**F** – Pode ir. Eu já termino.

**M2** – Não, eu faço questão de te acompanhar.

**M1** – Você está melhor mesmo, filha?

**F** – Sim, eu estou bem. Vai ficar tudo bem.

**M1** – Se Deus quiser.

**M2** – Ele há de querer!

**F** – (F termina num gole.) Pronto. *Finito*. Vamos todas deitar de uma vez.

(Todas saem. Apagam-se as luzes. Escuro. Silêncio. Tempos depois, ouve-se o barulho de sirene e veem-se luzes de ambulância. Ouvimos passos pela casa, a porta batendo com força e alguém trancando-a. As sirenes vão se distanciando, instaura-se o silêncio. Então, começa a tocar obrigatoriamente *Kyrie VIII – da Missa de Angelis, canto gregoriano* (sem acompanhamento algum). Quando termina, ouve-se uma chuva fina. Ela permanece até que a próxima cena a mastigue e a engula.)

## Ato IV

### CENA I – *PRESTO*

(Madrugada. A tensão forma uma Nuvem no ar também dentro de casa. F vai preparar um chá, mas acaba queimando a mão.)

**F** – Ai!

**ELE** – O que foi?

**F** – Não encosta em mim! Sai daqui!

**ELE** – Não grita! A Eloah tá dormindo!

**F** – Desde quando você se importa?

**ELE** – Eu me importo com a minha filha.

**F** – Mentira! Seu cretino! Se você se importasse com ela, você não me trataria desse jeito.

**ELE** – De que jeito, Maria Emmanuela? O que foi agora?

**F** – Eu vi vocês, Beliel! Aliás, não só eu: A FESTA INTEIRA VIU VOCÊS, seu cretino!

**ELE** – Do que você tá falando?

**F** – Olha só você, não se deu ao luxo de arrumar nem a braguilha!

**ELE** – Ah, deve ter sido de quando eu fui ao banheiro. Esqueci.

**F** – Beliel, eu vi você transando com aquela... menina! Quantos anos ela tem? Ela tinha cara de ser menor de idade. Você sabe a idade dela? Perguntou, pelo menos?

**ELE** – Você é louca, eu não sei do que você está falando.

**F** – Me responde, Beliel!

**ELE** – Não grita, já falei, a Eloah está dormindo!

**F** – Eu vou embora com ela pra bem longe de você, isso sim, você nunca mais vai ver tua filha.

**ELE** – Você não ouse tirar a minha filha de mim!

**F** – Ah, vai ter ataque de bom moço? O paizão, aquele que nunca está pra almoçar nem jantar em família porque está trepando por aí com juvenzinhas! Seu... seu...

**ELE** – Você que está inventando tudo isso na sua cabeça. Você é neurótica, histérica, paranoica.

**F** – Você não me respeita, nunca respeitou. Cadê o Beliel que eu conheci lá no começo? Você chegou a usar Deus pra me conquistar...

**ELE** – Eu não sei do que você está falando.

**F** – Sabe, sim, Beliel! Você falava que queria me mostrar o toque de Deus! Que o amor de Deus pode ser sentido através dos sentidos!

**ELE** – E eu te dei o paraíso, não dei?

**F** – Não! Isso é um inferno! Todo dia o mesmo inferno sendo repetido!

**ELE** – Mas eu te ensinei a gozar... você sempre toda pura, com traumas... *eu* curei teus traumas, *eu* te ensinei a sentir os maiores prazeres que um corpo pode aguentar, fala se não é verdade?!

**F** – Era pra você ensinar isso só pra mim, não pra todas as garotas que você visse pela frente!

**ELE** – Isso é coisa da sua cabeça, eu já disse, mas eu vou entrar no seu jogo, vamos especular, vem cá, querida, seu Deus tem apenas um eleito ou vários?

**F** – Ele tem apenas *um* filho primogênito!

**ELE** – Não, eu estou falando de eleitos, filha eu também só tenho uma, *minha* pequena Eloah.

**F** – *Nossa* Eloah.

**ELE** – Ela está tão linda. Está crescendo como uma florzinha. Toda delicadinha.

F – Não muda de assunto, Beliel!

ELE – Eu não mudei de assunto, você que não me respondeu como deveria, porque o seu Deus também tem vários eleitos, querida. Sinto te dizer, mas *o amor de Deus não é individual*. Agora, chega. Eu vou subir, vou dormir com ela hoje. Boa noite!

F – Beliel, você não é Deus!!!

ELE – Desta casa, *eu sou!*

F – Não! Beliel, não é.... volta aqui! Não pensa que isso vai ficar assim, não, tá ouvindo? Beliel! (F sai falando atrás d'ELE.)

#### CENA II – VIVACE

(Está claro, mas as Nuvens cobrem o céu; não sabemos se é manhã ou tarde.)

AMIGA – Tem certeza de que está tudo bem eu estar aqui?  
Você sabe que ele me odeia.

F – Você é minha amiga, ele que lide com isso; além disso, ele deve ter ido pro escritório ou pra casa de alguma amante dele.

AMIGA – Manu, você sabe que eu detesto dizer isso, mas eu te avisei, não avisei?

**F** – Eu sei, Sophia. A Luciana também tentou me avisar, eu que não acreditei, eu estava cega, sei lá.

**AMIGA** – O problema não é a cegueira em si, mas as consequências de não se enxergar. Você demorou três anos pra começar a ver, Manu... é tempo demais.

**F** – Antes tarde do que nunca.

**AMIGA** – O que está acontecendo?

**F** – Ele está me traindo, ele me trai em toda oportunidade, eu tenho certeza disso! E só meninas novas, precisa ver.

**AMIGA** – Manu, você tem certeza disso?

**F** – Agora o quê? Você também?

**AMIGA** – Só estou me certificando dos fatos. Você tem provas contra ele?

**F** – Sophia, eu já vi ele transando com uma menina! Menina, adolescente, sei lá. Nova, sabe?

**AMIGA** – Bom, se é assim, isso é caso de polícia. Você não pensa em denunciar?

**F** – Claro, mas ele é o próprio advogado do diabo, você sabe, não perde uma.

**AMIGA** – Manu! Você precisa fazer alguma coisa! Se separar, sei lá.

**F** – Não sei se é hora ainda.

**AMIGA** – E vai ser quando? Quando ele estuprar uma menina?

**F** – Você acha mesmo que ele seria capaz disso?

**AMIGA** – Eu não sei. Mas você não pode pensar só em si, tem que pensar nessas meninas também.

**F** – Sophia, pra ele ir preso, eu teria que ter provas dele já ter cometido um crime ou estar planejando um, e eu não tenho.

**AMIGA** – Você já conversou com alguma dessas meninas com quem ele já ficou pra saber a idade delas, o que ele faz, que tipo de abordagem ele usa pra convencê-las?

**F** – Já, mas a menina não quis me falar nada, adolescentezinha rebelde, toda encantada com o nobre advogado... e eu não culpo ela, eu sei como é se deixar levar.

**AMIGA** – Você não culpa, mas a responsabilidade é dela também em não levar em conta nem que ele é um homem casado. Que merda, viu? Que tipo de respeito uma mulher dessas vai ter na vida? Ela não sabe respeitar a instituição do casamento, não respeita uma outra mulher, não respeita a si mesma... parece que só tem o pinto do cara na cabeça!

**F** – Eu sei... vai ver, sei lá, ela acha que ele vai se separar e ficar com ela.

**AMIGA** – Manu, e por que você não pede o divórcio primeiro? Ele só tá com ela?

**F** – Não, ele fica com qualquer uma que aparece, eu sei, dá pra perceber, ele não se dá mais ao trabalho de disfarçar. E todas novas! Todas devem ter menos de 18 anos, Sophia, é inacreditável.

**AMIGA** – Eu vou perguntar de novo... por que você não se separa dele?

**F** – Amiga... eu tô grávida...

**AMIGA** – Dele???

**F** – Sim.

**AMIGA** – Meu Deus, Manu! Mas como você deixou isso acontecer?!

**F** – Ele tem um apetite sexual inexplicável. Não foi questão de dizer não, é uma questão de ser infreável.

**AMIGA** – Você não toma pílula, nada?

**F** – Sim, mas vai entender os desígnios de Deus.

**AMIGA** – Ai, Manu, me perdoe, mas isso está mais pra coisa do diabo.

**F** – Não, Sophia, eu sei que esse filho vem de Deus. Dois meses. E eu já sei até que é um menino.

**AMIGA** – Manu, você precisa se separar dele antes dessa barriga começar a crescer.

**F** – Eu sei... é que é difícil...

**AMIGA** – Manu, e o computador dele? Da outra vez você achou fotos no computador daquele moleque que te estupro, e agora, já tentou?

**F** – Já, mas ele leva o *notebook* pra cima e pra baixo debaixo do braço, não consigo chegar nem perto.

**AMIGA** – E o celular?

**F** – Mesma coisa. Além dos dois terem senhas, né?...

**AMIGA** – Que barulho é esse?

**F** – Deve ser ele, nossa, que estranho, essa hora?

**AMIGA** – Eu vou indo.

**F** – Não, fica.

**AMIGA** – Nem ferrando. Vou sair pela porta dos fundos. Fui.  
Depois a gente se fala. E, Manu, qualquer emergência, qualquer coisa, você me liga! Está entendendo? E saia dessa casa o quanto antes, não espere outra tragédia acontecer de novo!

**F** – Pode deixar.

**AMIGA** – Promete?

**F** – Prometo!

**AMIGA** – Se cuida, minha amiga, eu te amo.

**F** – Também te amo.

**AMIGA** – Fui...

### **CENA III – *ANDANTINO***

**M1** – Oi, filha.

**F** – Mãe, ah, é você...

**M1** – Desculpa vir sem avisar nem nada.

**F** – Tudo bem.

**M1** – A porta tava entreaberta, viu?

**F** – Eu devo ter esquecido de fechar. A Sophia veio aqui.

**M1** – Ela está bem?

**F** – Sim.

**M1** – E você?

**F** – Tô bem também. E você e a Luciana, cadê ela?

**M1** – Estamos bem, ela tava vendo algo no carro, ela achou que tinha algum barulho estranho.

**F** – E o que vocês tão fazendo aqui a essa hora?

**M1** – Vim ver minha filha, por que, não posso? Tenho que marcar hora agora?

**F** – Não, tudo bem.

**M1** – O que você tem?

**F** – Nada.

**M2** – Manu! Oi, tudo bem?

**F** – Estou bem, Lu. E você?

**M2** – Bem também. Que cara é essa?

**F** – Nada, gente. Está tudo bem.

**M2** – Não parece.

**F** – Não é nada. Vai ficar tudo bem.

**M1** – Maria Emmanuela, fala. Conta de uma vez.

**F** – Não, eu não estou a fim de ouvir sermão.

**M1** – A gente não vai falar nada, fala. (Pausa.)

**F** – O Bily, ele está me traindo direto.

**M2** – Eu falei!

**F** – Aí, por isso que eu não queria contar.

**M1** – Mas, Manu, tava na cara que esse casamento não ia prestar.

**M2** – Levou três anos pra você acordar, mas finalmente acordou.  
Agora é só separar.

**F** – Ah, olha quem fala, você cala a sua boca, Luciana, eu sei que eu errei, mas pior fez você, tá? Você não precisava me envenenar pra me convencer de não casar. Eu não sei como a minha mãe está com você até hoje!

**M1** – Manu, eu cheguei a separar da Luciana, você sabe, mas voltei porque ela tem motivo pra ter feito o que fez. Isso não

justifica! Mas tem sido cada vez mais compreensível... na hora certa a gente vai te contar.

**F** – Contar o quê? Conta já! O que vocês estão escondendo de mim?

**M1** – Calma, minha filha, não estamos escondendo nada.

**M2** – Manu, eu não queria te envenenar, eu agi no desespero, eu queria te fazer abortar, não morrer. E eu me arrependi, eu mesma falei, mostrei o remédio que eu usei e chamei a ambulância pra fazerem uma lavagem e tirarem aquilo tudo de você. No fundo, eu também não queria matar a Eloah.

**M1** – É, não foi nada certo! A gente sabe, mas o arrependimento e o perdão também são sagrados!

**F** – Sei... vocês acham que eu devo perdoar o Bily também?

**M2** – Não! É diferente, ele erra constantemente.

**F** – Mas Cristo disse pra perdoarmos  $70 \times 7$ . E aí, como fica?

**M1** – Manu, minha filha, perdoar, sim, mas bater as sandálias e sair também é um aprendizado. Ele disse: quem não está comigo, está contra mim. E não devemos nos unir aos inimigos, é diferente. A Luciana se arrependeu de verdade. A gente não pode comungar, mas a gente passou até a ir nas missas de domingo, você sabe!

**M2** – Sim, a gente parou até de comer carne e de beber desde aquele jantar bizarro... e eu... todos nós erramos, eu sinto muito, me perdoe. Eu mesma achava que a maldade do meu filho vinha só do pai, mas depois vi que, pelo jeito, não... eu só nunca quis ver esse meu lado.

**F** – Ah, não, calma... isso eu sei diferenciar, o que ele fez não foi errar, foi ser cruel, ele era cruel, Luciana. Você agiu de cabeça quente, é diferente. É como falam, de boas intenções o inferno está cheio, você foi só mais uma pra fila, mesmo tendo feito algo contra uma vida inocente.

**M2** – Eu sei, ainda vou pedir perdão pra Eloah quando ela crescer. Eu não me orgulho do que fiz. Deus sabe, todo dia eu procuro me arrepender de cada ato malfeito.

**M1** – E os médicos falaram também que você não ia morrer. Que aquilo ia te fazer passar mal, que poderia, sim, perder a Eloah, mas ela não chegou a te envenenar, envenenar.

**F** – Quem mexe com a minha filha mexe comigo. Ponto. Se a Eloah morresse, seria como me matar.

**M1** – Eu entendo, minha filha. Mas perdoe a Luciana dentro do possível, eu sou testemunha diária de que ela tem lutado contra tudo de errado que ela faz, mesmo pequenas mentiras, pequenos desvios.

**M2** – Eu amo sua mãe de verdade. E também amo você e a Eloah. Você se tornou minha filha.

**F** – Eu sei. Tudo bem. Eu não guardo rancor nem mágoa de você, não, é só que dá raiva isso do Bily. Eu não estou sabendo lidar.

**M1** – Mas ele está te traindo? Você viu?

**F** – Mãe, ele me trai em toda e qualquer oportunidade. E o pior... com adolescentes, meninas muito novas. Muito mesmo. Acho que sempre menor de idade.

**M1** – Meu Deus, Manu, mas isso é caso de polícia, então.

**F** – Ainda não, porque elas não são vulneráveis, até onde eu sei.

**M2** – Manu, é assim que começa. Eu sei disso, eu passei por isso.

**F** – Como assim?

**M2** – O meu ex-marido, Manu... eu nunca te contei, mas está na hora de você saber...

**M1** – Luciana, tem certeza? Agora???

**M2** – Sim, a gente ainda não conseguiu descobrir, mas está na hora.

**F** – Descobrir o quê?

**M2** – Eu acho que o Bily é filho dele.

**F** – De quem?

**M2** – Do meu ex.

**F** – Como assim? Não tem como, teu ex não morreu?

**M1** – Não, ele está vivo, Manu. Ouve com atenção o que a Luciana vai te contar. Você vai entender também porque eu perdoei o que ela fez com você. Ela tem motivos muito fortes pra ter se desesperado.

**F** – Pois fale!

**M2** – Maria, querida, eu casei com um rapaz que se parecia muito com o Bily, fisicamente e tudo o mais. No começo ele era um príncipe encantado, ele fez de tudo pra ficar comigo e nos casarmos. Depois que nos casamos, as coisas foram ficando um pouco estranhas, ele tinha um apetite sexual voraz. Até então, tudo bem, muitos homens têm, mas eu comecei a notar que nada satisfazia ele. Não importava quantas vezes a gente transasse, em que posição, onde, nada. Ele sempre queria mais. É como se ele se alimentasse da minha energia sexual, sabe? E eu comecei cada vez mais a me sentir sugada. Ele era um vampiro; não importava se eu queria ou não, eu tinha que comparecer e morria de medo dele me trair caso eu não desse conta. Não adiantou nada. Ele passou a buscar sexo fora de casa. Na verdade, acho que ele sempre me traiu e eu que nunca vi, me neguei a ver. Eu não sei. Mas começou a ficar muito evidente porque ele começou a buscar, cada vez mais, mulheres mais novas também! Eu fechei os olhos, e juro que não foi de propósito, mas acho que por medo e, ao mesmo tempo, orgulho, porque eu tinha uma vida muito

confortável. É difícil admitir isso, mas eu tinha construído na minha cabeça uma vida perfeita e queria muito acreditar nela, a qualquer custo; e ele era rico, bonito, tudo o que eu sempre quis. Todas queriam. Ele se envolveu em clubes de sadomasoquismo, ele se envolveu com essas coisas de fetiche... Até que, por fim, como ninguém nem nada satisfazia ele, ele resolveu que era hora de estuprar a própria filha.

**F** – Como assim???

**M2** – Querida, eu tive uma filha, eu nunca te contei, mas...

**F** – Sim. Eu lembro de você comentar por alto uma vez.

**M2** – Pois é, quando ela fez três anos, ele a estuprou e matou depois. Só que ele não fez isso só com ela, ele fez isso com a outra filha dele também, de cinco anos. Ele estuprou as duas por dias e matou depois. A gente tinha uma chácara, ele começou a ficar cada vez mais isolado lá.

**F** – Chácara?...

**M2** – Sim. Ele levou o nosso filho e a nossa filha. Eu jamais imaginei que isso fosse acontecer. Durante a busca, descobriram outro corpo sexualmente violentado junto do dela, de uma menina de cinco anos. O laudo acusou ser filha dele. Filha de alguma amante fixa, provavelmente.

**F** – O teu filho estava com ele quando isso tudo aconteceu?

**M2** – Sim. Eu nunca quis ver, mas acho que ele aprendeu tudo com o pai. Ele idolatrava o pai dele. E nunca abriu a boca pra falar o que ele viu ou deixou de ver. Nunca conseguiram tirar uma informação dele.

**F** – E o que aconteceu com ele? Digo, com seu ex?

**M2** – Ele está preso, prisão de segurança máxima.

**F** – Ele está vivo???

**M2** – Sim, Manu. E a gente gostaria de conversar sobre isso...

**M1** – Manu, o Eli não pode receber visitas, mas ele pode receber cartas. Em anos, ele nunca recebeu nada. Mas recentemente ele passou a receber cartas de alguém que assina como B.

**M2** – Quando eu conheci o Bily aquela noite, Manu, eu fui lembrando de tudo... esse Beliel... era um nome que ele repetia vez ou outra quando estava sozinho. E ele falava que um pai se perpetua no filho. Ele ensinou aquelas coisas pro nosso filho, e eu acho, eu desconfio, desde quando eu conheci seu atual marido, que ele talvez seja filho do meu ex. Na época, a perícia achou DNA de outra pessoa, que também tinha parentesco com ele, mas ninguém conseguiu descobrir o que havia acontecido ou quem era. O meu filho nunca falou nada a respeito desse outro garoto. Nós chegamos a achar que, fosse quem fosse, talvez estivesse inclusive morto.

**M1** – Eu e a Luciana estamos atrás de tudo isso durante esses três anos, Manu. No começo eu achava exagero, mas depois que ficamos sabendo das cartas e eu comecei a ver como ele te trata depois do casamento, tudo foi parecendo fazer mais sentido... E, Manu, minha filha, seja ele filho ou não desse cara, você precisa se separar dele!

**F** – Eu... eu... eu não acredito. Não pode ser...

**M2** – Você tá bem? Manu?

**M1** – Filha?

**F** – Eu... eu encontrei envelopes esses dias nas coisas dele.

**M2** – Meu Pai do céu, Manu, você precisa sair dessa casa hoje.

**M1** – Minha filha, por favor, vem com a gente, traz a Eloah, tira ela de perto dele.

**M2** – Manu, como ele trata a Eloah?

**F** – Ele sempre foi muito amoroso com ela. Ele gosta muito de brincar com ela e tem dormido com ela nesses últimos tempos.

**M1** – Manu, meu Deus!!! Dormido de passar a noite inteira com ela??? Sozinho???

**F** – Sim... eu jamais imaginei que...

**M2** – Vocês vão sair dessa casa hoje, não importa, vocês precisam sair daqui. Ele vai acabar fazendo algo com a Eloah, se é que já não fez.

**M1** – Vira essa boca pra lá!

**M2** – Me perdoem, mas estou sendo realista. É a anunciação de uma tragédia.

**F** – Não, calma, crianças também dão sinais de que algo não está bem, e a Eloah está bem.

**M1** – Tem certeza, Maria Emmanuela?

**F** – Sim, isso eu tenho. Ela está bem.

**M2** – Tá, mas se ele está buscando meninas mais novas pra transar e está dormindo com a filha, é só questão de tempo. Maria, você precisa evitar que essa tragédia se perpetue. Vem com a gente e traz a Eloah. Vocês precisam ficar longe dele!

**F** – Mas não tem como sumir com a Eloah, gente, ele é advogado, e não aconteceu nada que se possa provar. Eu sei como a lei funciona e sei que ele vai poder me acusar de sequestro.

**M1** – Então você fica e enfrenta ele, mas a gente vai levar a Eloah.

**M2** – É, você diz que quer o divórcio por causa das traições e pronto.

**F** – Não, sem chance. Vocês não vão levar a Eloah pra lugar nenhum. Eu preciso pensar antes. Ele não pode desconfiar.

**M1** – Maria Emmanuela, você precisa sair dessa casa hoje!!! A gente deixou vocês morando aqui, nos mudamos, mas essa casa deve ser amaldiçoada, sei lá.

**M2** – Manu, tua mãe tem razão, larga tudo, vem com ela. Você já passou por algo muito pesado aqui, você foi estuprada e teve que matar meu filho pra conseguir se defender, não espere outro assassinato acontecer, até porque você pode não ter a mesma sorte dessa vez.

**F** – Não, não vai acontecer nada disso, Deus é Pai e está comigo. Mas eu preciso ir com calma. Meu Deus, eu tô passando mal. Eu preciso ir pro hospital. Ai!... Eu não quero perder meu menino.

**M1** – Menino, como assim?

**F** – Eu estou grávida, mãe.

**M2** – Meu Pai! Ele está sabendo?

**F** – Não, eu não falei nada ainda. Eu só fiz os exames de sangue pra confirmar e dizer o sexo do bebê, mas ele nem desconfia. Eu acho...

**M1** – Meu netinho. Um menino. Ah, Maria! Minha filha, por favor, fica longe desse homem.

**F** – Eu vou... eu só preciso ir prum hospital.

**M2** – Sim, claro, vamos. A gente te leva. Eu vou lá abrindo e ligando o carro.

**M1** – Eu te ajudo, põe os braços ao redor do meu pescoço, isso, vamos. Devagar... respira...

**F** – É, dona Maria Regina, obrigada por você sempre ser essa mãe exemplar.

**M1** – Eu errei muito, minha filha. Mas uma hora a gente entende e aprende a acertar.

**F** – Eu espero aprender também. Eu não sei se tenho força pra enfrentar ele, mãe.

**M1** – Maria Emmanuela, eu te conheço e sei que você tem força pra enfrentar o que você quiser. Lembre-se: a força está em aprender e apreender a lição, mesmo sabendo que o mal não sabe ensinar.

**F** – A Luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam. Por quê? Por que tanta treva, mãe?

**M1** – Porque a missão de apreensão e compreensão é da Luz, Emmanuela, é a Luz que apreende as trevas, porque ela é que é o Verbo, para que só depois o trigo e o joio possam se separar.

(Toca obrigatoriamente inteiro *Salve Regina – Antífona*, canto gregoriano, sem nenhum acompanhamento.)

## Ato V

### CENA I – *VIVACE CON FUOCO*

(Nuvens. Está claro. ELE entra para cozinhar. F está cortando cebolas e alhos, como M2 no começo. Ele começa a tirar a cabeça de um peixe e limpar, separando vísceras etc., com a mesma Faca do jantar da costela. O clima é frio fora e dentro.)

**F** – Você vai fazer esse peixe aqui?

**ELE** – Vou limpar pra levar, lá na chácara eu faço ele. Aliás, talvez eu passe o dia lá.

**F** – Desde que a gente comprou essa chácara, você não sai mais de lá, né?

**ELE** – Eu gosto de ficar quieto. Lá eu tenho paz.

**F** – ... Beliel, você chegou a conhecer teu pai?

**ELE** – Mais ou menos.

**F** – E onde ele tá hoje? Ele tá vivo?

**ELE** – Por que esse interesse no meu pai, de repente?

F – Nada, é só que você e tua mãe nunca falaram dele.

ELE – Porque não importa.

F – Mas se você conheceu ele, você aprendeu algo com ele. O que ele te ensinou, por exemplo?

ELE – Que o silêncio é uma regra de ouro.

F – É uma boa regra, de fato. Que mais?

ELE – ... que um pai protege o filho até a morte.

F – E do que ele te protege?

ELE – De nada.

F – Mas pra ele falar isso, ele deve te proteger de algo.

ELE – Esquece.

F – Ele ainda está vivo?

ELE – Por que você quer saber?

F – Nada, eu só fiquei pensando que a Eloah poderia conhecer o vô, o que você acha?

ELE – Melhor não.

F – Hum... ele está vivo, então...

ELE – Não importa, já falei.

F – Mas você fala como se estivesse vivo.

ELE – Você... sempre se metendo onde não deve!

F – Não me meti em nada, só quero saber da tua família, você nunca me falou nada sobre seu pai.

ELE – Por que não importa.

F – Como seu pai se chama?

ELE – Não importa!

F – Você não se orgulha dele?

ELE – Sim, muito. (ELE se corta; enfia o corte na boca.) Ai!  
Cacete!!!

F – Como ele se chama?

ELE – Ele quem, caramba? Que merda de corte!

F – Seu pai.

ELE – Não importa! Ai!!

F – Só o nome... como ele chama? Qual é o nome dele? Que que tem, só o nome...

ELE – Eli! Satisfeita? Nossa, que merda.

F – E por que você não conviveu com ele?

ELE – Porque não. Chega. Onde tem álcool e gaze nessa casa?

F – Você vai tancar álcool no corte?

ELE – Sim. Onde tem?

F – No quartinho junto dos remédios. Vai arder pra caramba.

ELE – Eu aguento.

F – Põe debaixo d'água, melhor que álcool.

ELE – Não, prefiro álcool, já desinfeta.

F – Você que sabe... Sabia que eu descobri que aconteceu uma tragédia naquela chácara que a gente comprou? Coincidência, né?

ELE – Tragédia?

F – Duas meninas foram estupradas e mortas lá...

ELE – Não sabia. Que horror. Bom, vou indo pra lá.

**F** – Acabei de falar que uma tragédia aconteceu lá e você vai pra lá?

**ELE** – Ah, depois a gente vende e compra outra.

**F** – Você queria muito que fosse aquela chácara, né? Você fez questão.

**ELE** – Deve ser como falam, coisa de energia...

**F** – É, deve ser...

(ELE sai, deixando a Faca sobre a mesa e levando o peixe. F guarda tudo; por fim, segura a Faca dele e fica um tempo encarando-a. Larga-a em cima da mesa. Sai.)

## **CENA II – PRESTO BRUSCAMENTE**

(Ainda há Nuvens. Não sabemos as horas, mas é madrugada. Uma coruja pia. ELE entra, trazendo os restos do peixe. F aparece em seguida, começa a tomar Água do jarro de barro. A temperatura mais fria de um dia é logo antes de amanhecer.)

**F** – Beliel.

**ELE** – Oi.

**F** – E aí, foi bom lá na chácara?

**ELE** – Como sempre.

**F** – Sabe o que eu estava pensando?

**ELE** – Não. Você estava me esperando acordada?

**F** – Sabe pra que serve uma queda?

**ELE** – Lá vem você de novo com a história da Eva.

**F** – Responde, sabe pra que serve uma queda?

**ELE** – Pra ver o quanto Deus é estúpido em confiar no ser humano.

**F** – Não. Uma queda serve de espelho para nós vermos o quanto nós somos ignorantes.

**ELE** – Como é possível isso, se a própria queda é a ignorância?

**F** – Não, ela não é a ignorância em si, o fruto dela é que é a ignorância. É como se da árvore do conhecimento brotasse ignorância.

**ELE** – Isso não faz o menor sentido... Como que a árvore que produz conhecimento gera ignorância?

**F** – Porque é como ler um livro difícil de entender, a gente pensa: pô, eu sou burro pra caramba! Como eu não consigo entender nada do que escreveram aqui?

**ELE** – Eu sempre entendo o que eu leio. Eu vou dormir...

**F** – Não, espera, eu só quero explicar uma coisa da queda...

**ELE** – Olha, cuidado, você só pensa nisso da Eva o dia inteiro. Não acha meio neurose isso? Antes acreditava que o diabo tinha estuprado ela, agora ele ter abusado dela já não é nada, ela que não entendeu, pelo jeito...

**F** – Não é que ele ter abusado dela não seja nada, é que não foi literal como eu achava, é na imaginação, por isso pensar é pecar. Ele não transou literalmente com ela, ele fez com que ela imaginasse tudo isso como possibilidade.

**ELE** – Você está querendo dizer que toda a ideia de queda é uma mentira que a serpente contou e a gente que supostamente está acreditando até agora?

**F** – Sim! Exatamente!

**ELE** – Você é louca! E eu estou cansado.

**F** – É como se a gente estivesse numa ignorância profunda, num sono profundo, e já não lembrasse que a gente continua sendo seres espirituais. Mas precisa conseguir lembrar pra viver isso de verdade, ou seja, sem lembrar, a gente não é. Entende?

**ELE** – Não, eu não entendo. Você é louca. Licença.

**F** – Se a gente não toma consciência de que somos seres espirituais, a gente não volta a ser seres espirituais. É simples! Como você não consegue entender?

**ELE** – Eu simplesmente não me importo com nada disso!

**F** – Prum advogado, não conseguir acompanhar um raciocínio simples desse é envergonhável.

**ELE** – OK, vamos lá, um gato é um gato, ele não precisa lembrar que ele é um gato pra ser um gato. Nós também somos humanos, não precisamos lembrar disso pra sermos humanos, nós já somos. No máximo é como Nietzsche falou: torna-te quem tu és.

**F** – Não! Aquele alemão maluco! Claro que não! O gato só é um gato porque NÓS nomeamos ele, ele só É porque nós, que estamos acima dele, sabemos o que ele É. Mas ele não É ainda pra SI mesmo, então, para ele mesmo, ele precisa se tornar aquilo que ele ainda NÃO É. E o mesmo se dá com a gente, as hierarquias divinas sabem quem nós somos espiritualmente, o Verbo nos nomeou, mas se nós não nomearmos a nós mesmos junto d’Ele, nós NÃO nos tornamos nós mesmos. Ficamos na ignorância, dependendo de um outro acima da gente, assim como os gatos. A gente fica preso na inconsciência.

**ELE** – Ótimo, então escreva um livro de filosofia sobre isso, pouco me importa.

**F** – Sabe o que eu quero dizer com tudo isso, Beliel?

**ELE** – Não, obviamente eu não estou entendendo nada do que você quer dizer.

**F** – Você me hipnotizou, igual a serpente fez com a Eva. É isso que você faz com todas as meninas.

**ELE** – Pronto, eis a nova teoria. Você precisa de ajuda, isso tudo é projeção tua...

**F** – Tudo por causa da Eloah! Eu casei com você porque engravidei dela, eu fechei os olhos, porque eu acreditei que você fosse mudar. Mas você piorou, Beliel!

**ELE** – Do que você está falando?

**F** – Você sabe muito bem do que eu estou falando!

**ELE** – Não, não sei!

**F** – A minha queda foi acreditar! Nada do que você me prometeu aconteceu, o matrimônio sagrado, o nosso casamento, tudo mentira! Você continua sendo o mesmo de sempre. Pior, você se tornou ainda mais baixo do que antes.

**ELE** – Eu te pedi em casamento, não falei que eu ia mudar!

**F** – Mas eu aceitei porque você me fez acreditar que você era um enviado de Deus, sei lá. Eu era cega, meu Deus, como eu

era ignorante! Eu imaginei tudo o que você me fez imaginar e fiquei vivendo dessa ilusão. Mas chega. Hoje Deus me faz enxergar. Beliel, eu quero o divórcio.

**ELE** – Você está fora da sua razão. Eu vou fingir que não ouvi nada disso. Cadê a Eloah?

**F** – É madrugada, ela tá dormindo! Beliel, eu quero o divórcio. Eu quero que você suma dessa casa!

**ELE** – Ela é minha filha, eu fico com ela a hora que eu quiser.

**F** – Não, Beliel, eu juro que eu te mato se você encostar nela.

**ELE** – Ela é minha filha, eu encosto nela a hora que eu quiser e onde eu quiser.

**F** – Seu pervertido! Você acha que eu não sei! Eu te vi hoje na chácara com aquela menina!

**ELE** – O quê? Você me seguiu?

**F** – Eu fui até lá, Beliel, e eu te vi transando com aquela menina! Uma menina, Beliel!

**ELE** – Eu conheço a lei. Ela tem 15 anos, ela sabe exatamente o que está fazendo!

**F** – Não, não sabe! Meu Deus, 15 anos! 15 anos, Beliel! É a idade que eu tinha quando eu fui estuprada!

**ELE** – Pois é, você está projetando tudo. Eu sei que ela gosta e inclusive pede mais. Ela aguenta mais do que você jamais aguentou.

**F** – Seu cretino! Não ouse colocar em mim a responsabilidade. Seu pervertido! Daqui a pouco você vai o quê? Querer meninas mais novas ainda...? Seu pedófilo de merda!

**ELE** – Cala a boca!

**F** – Vai fazer igual ao seu pai? Estuprar a própria filha?

**ELE** – Cala a boca!!! Você não sabe o que está falando!!!

**F** – Tal pai, tal filho!

**ELE** – Fica quieta, sua vagabunda! (ELE dá um tapa em F, forte; F desequilibra, põe a mão na barriga, senta no chão com dor. ELE sai.) Cadê a Eloah? Eloah, minha princesa, papai chegou...

**F** – Não, não, meu filho... Senhor, por favor, dai-me forças... meu Deus... isso é um pesadelo. Mas acaba hoje... vai acabar agora! (Ela se levanta, pega a Faca d'ELE e vai atrás.)

### CENA III – *PRETISSIMO*

(ELE e F entram; F segura a ponta da Faca encostada no pescoço d'ELE, qualquer movimento pode ser fatal.)

**ELE** – Calma, Maria Emmanuela, respira. Você não quer mais uma morte na sua vida. Você sabe que, se me matar, você vai presa.

**F** – Pouco me importa.

**ELE** – E a Eloah? Pense na nossa filha, não é justo ela ficar sem mãe e sem pai.

**F** – Deixe a Eloah fora disso. Quando ela crescer, ela vai entender. Eu vou alegar legítima defesa.

**ELE** – Eu não te ataquei. Eu te dei um tapa de nada...

**F** – Você é igual ao teu pai, um pedófilo e esturador.  
É de família.

**ELE** – Não ouse falar do meu pai. Você não sabe nada dele.

**F** – A Luciana foi casada com ele. Você sabia o tempo todo, não sabia? Você casou comigo de propósito, aposto.

**ELE** – Eu não sei do que você está falando...

**F** – Beliel, Beliel...

**ELE** – Você não tem prova de nada disso, foi essa Luciana que, feito Lúcifer, enfiou essa história na sua cabeça, você é que é a Eva traiçoeira, e quer me dar a maçã de presente. Mas eu não vou cair nessa. Eu sou inocente.

**F** – Não ouse deturpar. Não foi a Luciana que estuprou e matou a sua irmã e a filha dela.

**ELE** – E também não fui eu!

**F** – Mas você foi testemunha, que eu sei. Tinha o DNA de outra pessoa lá, e eu paguei uma fortuna pra verificarem se batia com o teu, e adivinha...

**ELE** – Sua... sua...

**F** – Agora é só uma questão de tempo, Beliel.

**ELE** – Ele já foi condenado. E não tem como me acusarem de nada.

**F** – Claro, e você era um menino, ninguém vai te condenar, mas se você fizer alguma coisa com alguma menina... como você pôde ficar calado durante todos esses anos? Como você viu tanta atrocidade e não fez nada?

**ELE** – Quem disse que eu não fiz nada?

**F** – Beliel! Ele estuprou e matou as filhas de três e de cinco anos! Eram suas irmãs!

**ELE** – Maria, eu tentei de tudo, acredita em mim. Eu tentei convencer ele a deixar as duas vivas e não fazer nada daquilo. Eu tentei impedir, mas foi impossível.

**F** – Mentira, Beliel! Mentira!!! Teu esperma foi encontrado na cena do crime. Você sentiu tanto prazer quanto ele.  
Seu cretino!

**ELE** – Não, não, eu era pequeno, eu fui induzido, ele também abusou de mim. Eu era só um menino!

**F** – Não, Beliel, mesmo um menino, pra ejacular é porque sentiu prazer.

**ELE** – Como você pode saber disso? Não é verdade, e pensa, pensa bem, eu era novo, eu sou tão vítima quanto você.

**F** – Não, você ficou quieto, você foi cúmplice dele.

**ELE** – Eu não sabia o que fazer.

**F** – Não, você não fez nada, é diferente. Você se calou e seguiu a regra de ouro dele.

(ELE tenta alcançar uma Faca, mas F é mais rápida e golpeia sua mão. O tempo todo ELE tenta fazer algo, e F não deixa. F está presente a cada momento.)

**ELE** – Sua cretina! Tudo isso está sendo gravado, você sabe! Eu vou te colocar na cadeia pra sempre!

**F** – Foi a minha mãe que instalou essas câmeras depois que eu fui estuprada pelo seu irmão, seu pervertido! E é você que vai ser preso pra sempre, vai fazer companhia pro papai.

**ELE** – Vai me acusar do quê? Sua maluca!

**F** – Eu coloquei câmeras e escutas pela chácara toda. Além de eu mesma ter tirado foto de você com aquela menina! Que coisa mais nojenta, Beliel. Você diz que não sentiu prazer, mas levou uma menina pra transar na cena do crime.

**ELE** – Quantas vezes eu vou precisar repetir: ela tinha idade pra escolher o que estava fazendo!

**F** – Mesmo assim, eu quero o divórcio e você vai sair com uma mão na frente e outra atrás.

**ELE** – Eu vou conseguir a guarda da Eloah, você vai ver, eu vou tirar ela de você.

**F** – Só por cima do meu cadáver!!! Você está entendendo? Ai! (F começa a sentir pontadas no útero e se controla para não demonstrar estar grávida. Quanto mais dor ela sente, mais irada fica.)

**ELE** – Eloah! Eloah! Vem cá, vem com o papai. Eloah!!! Quero ver o que você vai falar pra tua filha quando ela acordar e ver o pai dela sendo ameaçado pela própria mãe, sua cretina!

**F** – Como você ousa querer acordar a nossa filha pra ela ser testemunha disso? Você realmente é incapaz de amar, né? Ai!

**ELE** – Eloah!!! Eloah!!!

**F** – Pode chamar, gritar, berrar o quanto quiser.

**ELE** – Cadê a minha filha????

**F** – Ela está bem longe daqui.

**ELE** – O que você fez com ela?

**F** – Todo dia você dormindo com ela na mesma cama,  
seu perverso!

**ELE** – Eu amo ela, eu jamais faria nada com ela.

**F** – Sei! Com você transando com tudo quanto é menina, era só uma questão de tempo até ser com a nossa filha. Ai!

**ELE** – Não, eu posso gostar de adolescente, mas eu não gosto de crianças. Eu não sou pedófilo! O que você tem?

**F** – Nada! E isso tudo não faz a menor diferença pra mim.

**ELE** – Pergunta pra ela, eu nunca toquei nela.

**F** – É bom mesmo!

**ELE** – Onde ela está? Eu tenho o direito de ver minha filha!

**F** – Eu vou provar num tribunal que você não tem a menor capacidade pra ser pai, seu cretino. Você nunca esteve aqui quando ela precisou.

**ELE** – Mas eu nunca toquei nela.

**F** – Fizeram exame de delito nela, então eu sei que, graças a Deus, você *ainda* não fez nada. (Dor.)

**ELE** – Você fez exame de delito na nossa filha de três anos de idade?

**F** – Sim, Beliel, eu pedi pra uma policial amiga minha fazer. (Dor.) De toda forma, eu não gosto de como você dormia com ela todos os dias. Isso não é saudável!

**ELE** – Como não é saudável um pai dormir com os filhos? Daqui a pouco, vão proibir os homens de pegar crianças no colo, de brincar, de fazer qualquer coisa... eu nunca machuquei ela, eu nunca machuquei uma criança!

**F** – Mas você não entende tua responsabilidade perante uma vida: você tem transado com meninas.

**ELE** – Pare de repetir isso, são adolescentes!

**F** – Mesmo assim, se você não entende que elas não têm capacidade emocional de dizer “não” (*dor*) e que se deixam levar por desejos fáceis, na lábia de qualquer um, no charme de qualquer merda de advogado, então você tem um problema ético grave!

**ELE** – Eu me baseio na lei, e a lei é clara, estupro de vulnerável é só abaixo de 14 anos. Ponto. Você não pode proibir os adolescentes de transarem.

**F** – Não, eu não quero proibir eles de transarem, mas os adultos precisam aprender a ser exemplo de como agir em sociedade. E não sair transando com eles e fazendo farra. E mais, está gravado que você chegou a usar drogas com ela...

**ELE** – Foi ela que levou um baseado!

**F** – Foda-se! Dissesse “não”! A partir da hora que ela fumou maconha e vocês transaram, foi estupro de vulnerável. E eu vou provar isso no tribunal. (Dor.)

**ELE** – Você está paranoica com isso de estupro.

**F** – Não!!! Tudo virou desculpa pra fazer sexo. Isso não é normal! (Dor.)

**ELE** – Então, pronto, eu não vou preso, eu preciso de tratamento. Eu devo estar doente.

**F** – Olha só, quando o diabo não consegue agir com base na dúvida, ele age com base na ignorância... e eu, por acaso, sou burra?! Você acha que eu não sei a diferença entre doença e crime?! Você tem plena ciência de tudo o que escolheu fazer!

**ELE** – Mas se até pedofilia dizem ser doença... você não acha que gostar de adolescentes vai ser crime, acha?

**F** – Tudo o que envolve sexo sem consentimento é crime sexual. Pedofilia não é doença, é crime (dor), estupro não

é doença, é crime (dor). Mesmo que não aconteça nada,  
pensar já é pecar!!!

**ELE** – Você vai prender as pessoas por elas pensarem em transar?! Você é louca!

**F** – Pessoas que pensam em fazer sexo com crianças não estão pensando em transar, elas estão pensando em **estuprar!** E **estuprar** é diferente de **transar!!!**

**ELE** – Mas você não pode prender alguém porque a pessoa pensou em estuprar...

**F** – Deveria, assim como se pode prender alguém que planeja um roubo!

**ELE** – Mas não é assim! Então se eu quiser pensar em fazer sexo com uma criança, se eu inclusive me masturbar pensando numa criança, você não pode me prender...

**F** – Não, mas eu posso te matar! (F investe contra ELE, ELE recua para o fundo da cozinha, perto da porta dos fundos.)

**ELE** – Calma, Maria, calma! Também não é assim...

**F** – Quem disse?

**ELE** – Deus! Amai os vossos inimigos, dai a outra face, e, principalmente, está na lei de Moisés ser proibido o assassinato!

**F** – Eu sei. Mas não queira usar disso pra me acalmar. Amar os inimigos não é ser conivente com eles. O amor, se é amor, também é capaz de prender pra que a pessoa possa aprender a mudar. E eu já dei a outra face, dei, aliás, por tempo demais. Chega. Vai, vai embora dessa casa! Aqui você não mora nem vive mais!!!

**ELE** – Essa casa também é minha!

**F** – Não, ela está no nome da minha mãe! **Eu** vivi aqui desde pequena! **Eu** nasci aqui! Ela é **minha** de nascença, é o **meu sangue** que corre aqui, essa casa tem a força que corre nas **minhas veias**! E hoje eu limpo o que é meu! Saia antes que você se arrependa!

**ELE** – Ué, não vai chamar a polícia?

**F** – A polícia vai te prender, Beliel, nem que eu vá te buscar no inferno. Mas, hoje, saia daqui, vai embora, vai pra onde você quiser, só fica longe de mim e dos nossos filhos!

**ELE** – Filhos??? Que filhos?

**F** – A Eloah!

**ELE** – Não, você falou filhos, eu ouvi bem... é por isso que você... sua cretina, você está grávida? Mas como?

**F** – Não importa.

**ELE** – Importa, sim! Você me traiu, sua ordinária?

**F** – Nunca, jamais! Transa tanto que não é nem capaz de lembrar, né? Pra você as mulheres são só depósito do seu emocional perturbado!

**ELE** – Olha quem fala!

**F** – Olho, olho pra mim no espelho com orgulho!  
Eu nunca usei do sexo pra descontar algo. Sexo não é terapia, meu caro!

**ELE** – Não é terapia, mas você gostava no começo, te fez bem por muito tempo, que eu me lembro!

**F** – Beliel, eu sou uma mulher, eu sinto prazer, mas olha aonde ele me levou... o prazer cobra um preço alto demais. E eu estou pagando por ele. Agora sai!

**ELE** – Você já sabe o sexo?

**F** – Não importa!

**ELE** – Eu tenho o direito de saber! Eu sou o pai!!!

**F** – Não, Beliel. Esse filho vai nascer sem pai.

**ELE** – É um menino??? Um menino!!! É no filho que se perpetua o pai!!!

**F** – Cala a sua boca! Esse filho não vai ter pai! Hoje você morre pra mim e pra ele. Eu te expulso dessa casa! Ele vai ser filho de viúva! Hoje você morreu, Beliel! Suma daqui e não apareça nunca mais!

**ELE** – E se eu sumir mesmo? E aí? Vou continuar livre, fazendo o que eu quiser.

**F** – Então que o próprio Deus te acuse e te julgue! Hoje, é pela autoridade de mãe e dona desse lar que eu te expulso. Te esconjuro como se faz com demônios: suma daqui pra nunca mais!!!

**ELE** – (*Ritardando*) Você não tem nem coragem de me matar, não é?

**F** – Não preciso, esse chão já está marcado com sangue do teu irmão, mas você vai ficar vivo, vai viver pra ser exemplo do que é ser morto já em vida. Seria fácil enterrar a carne e te tirar o espírito, mas não, o mundo será a tua prisão!!! (Ela puxa o celular do bolso.) Eu gravei tudo o que você disse. Agora corre, demônio, corre, que eu vou chamar a polícia!

**ELE** – Eu vou, mas volto pra buscar esse filho quando ele crescer, você vai ver...

**F** – Pois eu vou ensinar ele a te vencer da mesma forma que eu te venço neste dia!

(F, com a Faca apontada em riste todo o tempo, encara ELE nos olhos. ELE, por fim, é vencido. Sai. Toca obrigatoriamente *Sanctus VIII – Missa de Angelis (Sanctus et Benedictus, gregoriano – SEM ACOMPANHAMENTO)*. Ela tranca a porta. Continua com a Faca apontada em riste, faz sinal da cruz com ela na direção da porta, depois deposita a Faca no chão, com a bainha virada para o público e a ponta virada para ela. F se ajoelha como um cavaleiro, com ambos os joelhos no chão, perante o público e a ponta da Faca. Quando o canto acabar, F, de cabeça baixa, ora e reza... enquanto isso, o Sol desponta, o dia amanhece!)

[*Grave con amore*]

Que Deus tranque e guarde esta Casa.

Que mal algum volte a habitar Aqui.

Que toda coisa sutil se dobre ante Tua Palavra.

Que toda coisa sólida seja penetrada por Ti até a raiz.

Que o espírito seja de Esperança, Tradição e Criatividade.

Que se progrida com Base.

Que a verdadeira maternidade traga o Leite.

Que a verdadeira paternidade traga a Carne.

Que se honre a Hereditariedade.

Que se domine o Sangue.

Que nos banhe a Água.

Que o espírito possa se elevar aos Anjos.

Que do Sol venham todos os raios.

Que da Mulher surja o novo parto.

Que do Homem brote o arbusto primaveril.

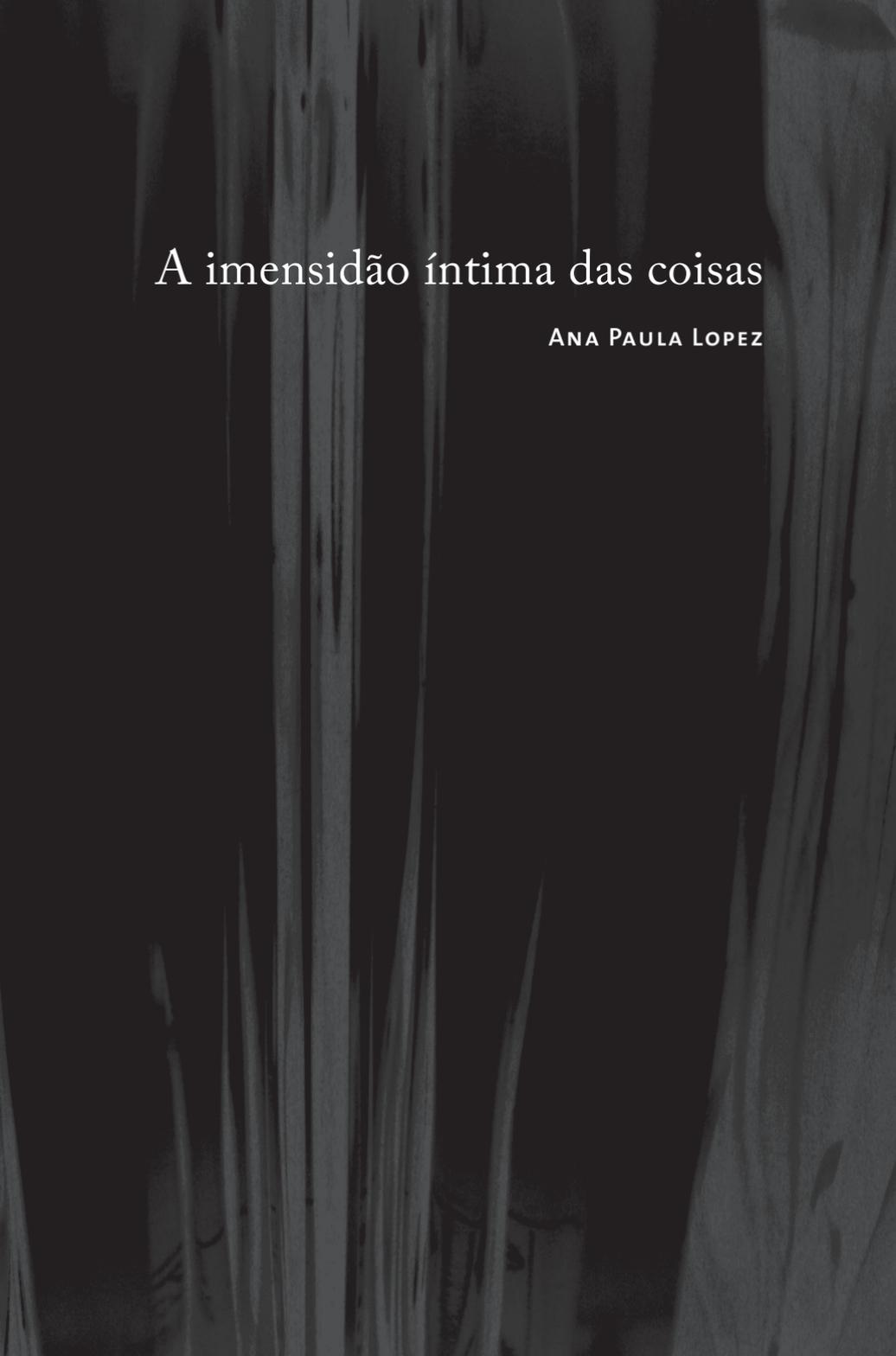
Que o Fogo queime o destino fátuo.

Que os Frutos aguentem o inverno daqui.  
Que a essência seja Óleo ungiendo a cabeça.  
Que a Pedra branca seja de reta cerviz.  
Que o Mundo restaurado seja.  
Que a Vida ressuscite n'Aquele que A sopra e A diz.  
E que Pai e Filho sejam unidos e glorificados  
através das mães santas  
marianas  
Marias de Josés e Marias viúvas  
Marias tantas  
que grávidas estão da promessa de um Tempo  
em que a Liberdade, a Paz e o Amor reinarão.  
Pois Teu é o Reino, o Poder e a Glória  
Agora e Sempre,  
nosso Senhor.

Amém.

(O Sol entra visivelmente na Cozinha, iluminando F.  
Ouvimos 12 badaladas de sino...)





# A imensidão íntima das coisas

ANA PAULA LOPEZ

*“nossas células, um trilhão,  
contêm átomos, um trilhão,  
genes, vinte e três mil,  
e proteínas, noventa e duas mil.  
somos galáxias ambulantes de sistemas celulares”*

*(Antônio Nobre, do Inpe)*

## Personagens<sup>2</sup>

ELA, a dramaturga em quem se desenrolam os conflitos.

P, a psicanalista e narradora da experiência.

ATRIZ, que interpreta ela mesma, as células,  
a pupila, o intestino delgado, o anticorpo, o rim direito,  
a maquiadora, a irmã, o pulmão, o chão.

ATOR, que interpreta ele mesmo, o micróbio, o peixe  
Haroldo, o intestino grosso, o miocárdio, o vírus, o rim  
esquerdo, o gerente da funerária, o irmão,  
o olho do coração, a cóclea, tudo com um só cachê.

### Antes do início

*equipe técnica finalizando marcação de luz e som. tudo pronto?  
tudo está por fazer. tudo é impreciso e imperfeito.  
os pés vacilantes procuram as marcas, desejam merda e relembram:*

---

2. Observação: A interpretação de personagens como célula, micróbio e afins não são caricatas. Como você vai resolver isso? Não faço a menor ideia. (nota do *superego* da autora)  
Espera, pensando melhor, construa as personagens como você bem entender, caricata ou não, siga seu instinto. (nota do *id* da autora)

### **1º sinal**

*em cada átomo, os prótons orbitam o vazio. somos trilhões de vazios em movimento. em relação ao universo, medimos menos que uma célula de 20 micrômetros.*

*talvez equivaleríamos ao tamanho de um átomo, 0,1 nanômetro. somos ínfimos e efêmeros. mas dentro da menor parte que nos forma somos agigantados, do tamanho do universo, com 93 bilhões de anos-luz. eis o paradoxo. a imensidão íntima das coisas.*

### **2º sinal**

*a atriz e o ator estão metamorfoseados no chão do palco e na estrutura cênica: são a matéria e a substância da cena. ELA escreve em pequenos papeizinhos, enrola-os e os coloca, com uma pinça, dentro de biscoitos chineses. o público entra e P..*

## **Prólogo – caminhando em espiral dentro do pequeno**

**P** – bem-vindes. para começarmos, peço que desliguem os celulares. mas não é para silenciar, não. por favor, desliguem essas bostas. obrigada. sou P, a psicanalista e pesquisadora da natureza humana. também sou a diretora e narradora dessa peça-experiência.

**ATOR** – centralizadora.

**P** – agradeço a presença de vocês. estamos aqui como há milênios, sentados e assistindo à tragédia da vida dos outros. até, quem sabe, rindo, porque se fosse a nossa vida, ai, ai, ai.

**ATRIZ** – será que viveríamos perfeitamente bem sem nos encontrarmos hoje?

**ATOR** – sim. é inútil.

**P** – viver é inútil, como diria Aílton Krenak. o terceiro sinal, por favor.

*3º sinal*

**ELA** – mas essa fábula mal ajambrada talvez nos relembre.

**P** – essa é nossa dramaturga e nossa protagonista. os fatos não acontecem com ela e sim nela.

**ELA** – calma, eu escrevi um prólogo, não vai dando *spoiler*.

**ATRIZ** – a história, gente, avança, olha o *timing*.

**P** – está bem. olhem ao seu redor. somos animais grandes, não somos? maiores que uma formiga que tem uma tatuagem vermelha no cu.

**ATRIZ** – como alguém tem coragem de tatuar o cu da formiga?

**P** – mas! se nossos olhos da imaginação subirem, como um drone fabricado na china, atravessando o teto deste teatro, em direção à estratosfera terrestre.

**ATOR** – ah, não. imaginação guiada. odeio. me perco nas primeiras imagens.

**P** – nos distanciando ainda mais, saindo do sistema solar, invadindo o universo.

**ATOR** – por favor, síntese.

**ELA** – o que ela está querendo dizer é que, enquanto gastamos bilhões de dólares tentando algum contato com a vida fora do planeta, ignoramos que dentro de nós, nessa casa/corpo esculpido há séculos pela evolução genética, encontraremos trilhões de indivíduos que pensam, sentem e orbitam como planetas em torno do sol do nosso existir.

**P** – não só isso, caro público, ela possui a estranha e incrível capacidade de fazer contato com o lugar mais misterioso e inexplorado do universo: seu mundo interior.

**ATRIZ** – que loucura.

**P** – esta **ATRIZ** e este **ATOR**, apesar de não serem famosos, talvez por isso mesmo, interpretarão diversos e importantes personagens da dramaturgia brasileira: células, órgãos, animais, substâncias. darão voz aos fenômenos. isso não é pra qualquer um. portanto, vocês não serão uma plateia passiva. ao contrário, preciso que vocês imaginem isso: esses dois falarão de dentro dela. compreendem a metáfora?

**ATRIZ** – não coincidia com os outros três espetáculos que estou fazendo pra fechar as contas e sempre quis fazer uma peça com um macacão de Lycra®.

**ATOR** – eu só topei pelo macacão.

**P** – estudaremos, hoje, o que se passa por dentro da sua psique e sua biologia, e, se tudo der certo, provarei a minha tese. o inconsciente e a biologia estão intrinsecamente ligados.

**ELA** – não tínhamos combinado isso...

**P** – não?

**ELA** – está escrito no texto: estamos aqui hoje para descobrir onde esse estranho fenômeno a conduzirá. é um caso raríssimo e, para compreender essa dádiva, seguiremos a trilha por dentro de nossa protagonista, ouvindo o que ela ouve, procurando ter empatia pelo que ela sente.

**P** – quem vive por dentro encontra proteção?

**ATRIZ** – o sentido?

**ATOR** – as respostas?

**P** – veremos. anotem tudo. no final, vocês é que me dirão.

**ATOR** – nós?

**P** – não, eles.

**ATRIZ** – eles?

**P** – sim.

**ATRIZ** – pagaram o ingresso pra ter que dar sentido a essa dramaturgia mal amarrada?

**P** – não diria isso. diria aberta.

**ATOR** – arte aberta?

**P** – em processo.

**ATRIZ** – cada uma... tem que imaginar que sou pequena, tô dentro da outra que é menor que eu e ainda encontrar um sentido pra isso?

**P** – sim.

**ATRIZ** – gostei.

**CENA 1 – TUDO COMEÇOU ASSIM OU MICRODIÁLOGOS  
IMPROVÁVEIS**

**P** – imaginem. ela está em sua pequena quitinete no centro de São Paulo, escrevendo frases para os biscoitos chineses que o poderoso empresário, Hakuna Matata, produz. ele fornece

cerca de 800 mil biscoitos por mês, recheados de provérbios, conselhos e frases motivacionais para todas as redes de *fast-food* do país. ele a contratou para criar 50 frases motivacionais por dia. para tão árdua tarefa intelectual, inspira-se no *I ching*, no Lair Ribeiro, no Prem Baba, entre outros.

**ELA** – “defeitos e virtudes são apenas os dois lados da mesma...”  
do que mesmo?

**P** – moeda.

**ELA** – isso...

**P** – ela é especialista. enquanto escreve, sua célula recebe a ligação de um micróbio, amigo de infância molecular. coloquem os bótons.

(ATRIZ coloca um bóton enorme no peito escrito: “pulmão”. ATOR coloca um bóton enorme escrito “micróbio”).

**P** – esse ainda não, o primeiro...

(ATRIZ coloca um bóton escrito “joelho”).

**P** – esse caiu, lembra? cortamos essa cena.

(ATOR acha o bóton escrito “célula” no bolso dele e o coloca na ATRIZ)

**ATRIZ** – é por isso que eu não achava.

**P** – a ligação, um pouco interrompida pelas ondas fracas do 4G...

**CÉLULA** – onde você está agora?

**MICRÓBIO** – em todos os lugares.

**CÉLULA** – onde?

**MICRÓBIO** – se você tivesse um dedo, seríamos 300 milhões só na ponta dele.

**CÉLULA** – e onde mais?

**MICRÓBIO** – Vênus.

**CÉLULA** – ah... Vênus, meu sonho.

**MICRÓBIO** – boba, larga tudo e vem pra cá!

**ELA** – “o riso é a menor distância entre duas pessoas.” não é nenhum Tolstói ou Craque Daniel, mas pode motivar. biscoito, sim; banal, jamais.

**CÉLULA** – e tá bom aí?

**MICRÓBIO** – ótimo.

**CÉLULA** – aproveita porque vai ficar ruim.

**MICRÓBIO** – venenosa.

**ELA** – “todas as coisas são difíceis antes de se tornarem fáceis.”  
meu deus, só escrevi três. ainda faltam 47 frases.

**CÉLULA** – aqui está um barril de pólvora superaquecido prestes a explodir a qualquer momento, e meu microuniverso ambulante preocupado com frases motivacionais: “como não deixar a peteca cair no apocalipse?”.

**MICRÓBIO** – já aqui o clima tá ótimo, e nossa colônia de férias não acaba.

**ELA** – férias? já sei: “viva o presente”. fácil falar, difícil é lidar com essa metralhadora de palavras que me perturba.

**P** – o que ninguém na história do biscoito chinês imaginou é que, pela primeira vez, uma mulher escutaria a conversa entre sua célula e um micróbio. um micropasso para ela, mas um grande passo para a humanidade.

**MICRÓBIO** – para de reclamar e aproveite a vida, você está morrendo.

**CÉLULA** – aqui estamos em 9 trilhões, 999 milhões, já que a Mito, a Mitocôndria, sabe? se programou pra se suicidar hoje.

**ELA** – oi? quem falou? suicídio?

**CÉLULA** – sim, suicídio.

**ELA** – nunca pensei seriamente nisso.

**CÉLULA** – não você, a Mito...

**ELA** – mito, mito, olha a situação do país com essa papagaiada de mito...

**CÉLULA** – fala mais baixo, tá atrapalhando a ligação.

**ELA** – alô? alguém aí dentro?

**CÉLULA** – tá ocupado. inferno! agora deu pra falar com a gente.

**MICRÓBIO** – quer fazer contato?

**CÉLULA** – acredita? eu é que não vou falar com essa ralé. ficou sabendo da última? a revista *Science* acabou de descobrir que existe vida inteligente.

**MICRÓBIO** – onde?

**CÉLULA** – na Terra.

**MICRÓBIO** – hahahahahaha.

**ELA** – não entendi a graça. estranho. vou dar comida para o Haroldo.

**P** – Haroldo é seu peixe-dourado, sua única companhia. ela participa de inúmeros grupos no Facebook, conectada direta e indiretamente a mais de 2 bilhões de usuários no mundo, mas não tem um amigo humano sequer.

**ELA** – Haroldinho, cadê você? saia de trás da alga. vem papar.

**CÉLULA** – coitado do peixe, vivendo como refém dessa louca, num aquário minúsculo, privado da imensidão do mar.

**HAROLDO** – do rio.

**CÉLULA** – privado da companhia dos seus.

**HAROLDO** – fascista, me aprisiona num cárcere terrível. mo-creia egoísta, vou devorar seu dedo até chegar na sua jugular.

**ELA** – ainda bem que você não fala, Haroldo. seria insuportável imaginar que você não me ama.

**CÉLULA** – ele te odeia.

**ELA** – ahhh! (ela grita e derruba a comida do peixe no chão e tapa os ouvidos) não me odeia. isso é estresse. não aguento mais escrever biscoitos chineses. eu não sou uma máquina. preciso criar, escrever uma história, algo que me desafie, que...

**CÉLULA** – você quer é ser famosa.

**MICRÓBIO** – qual é o problema?

**ELA** – é. qual é?

**MICRÓBIO** – e você? quantos k de seguidores você precisava pra ser escalada pra série?

**ATRIZ** – 30 k.

**ELA** – você tem quantos?

**ATRIZ** – só 1.400.

**ELA** – tenho mil a menos.

**ATRIZ** – não quero falar mais disso.

**ELA** – nem eu.

**P** – ao tampar os ouvidos, a mulher passou a ouvir a microfoca com mais nitidez.

**CÉLULA** – tá, vou ajudar. escreve aí: “você sempre será sua melhor companhia”.

**ELA** – Ah, tá, agora já virou autossadomasoquismo. isso tá parecendo a estrutura sexual de uma minhoca, que se autofecunda.

**CÉLULA** – ignorante. minhocas, apesar de hermafroditas, não podem fecundar a si mesmas.

**MICRÓBIO** – já vivi numa que fazia autofecundação.

**CÉLULA** – quem se fecunda sozinha é o bicho-pau fêmea australiana, por exemplo.

**MICRÓBIO** – também com aqueles bichos-paus de lixa, não tem vulva que aguenta.

**ELA** – é, tem macho que não vale uma siririca. ai, ando tão sozinha que ouço vozes. já sei, vou escrever: “eu não posso te ajudar, sou apenas um biscoito”, biscoiteira existencial. vou pedir ajuda, como numa garrafa lançada ao mar: “socorro, minha vida medíocre foi engolida por um biscoito da sorte”.

**CÉLULA** – ou “socorro, fui sequestrada pela China in Box e sou mantida em cativeiro dentro de um biscoito”.

**MICRÓBIO** – será que você se preocupa muito com o que os outros vão achar?

**ELA** – que outros?

**MICRÓBIO** – esses outros aí e aqui dentro, tagarelando febrilmente.

**ELA** – quem está tagarelando? tem alguém aí? aqui?

**CÉLULA** – estou sacrificando minha energia, minha curta e preciosa vida escrevendo bobagens indigestas para quem se empanturrou de *chop-suey*.

**ELA** – será que alguém lê essas frases?

**MICRÓBIO** – você se preocupa demais com seu hospedeiro.

**CÉLULA** – diferente de você, eu não sou um chupim.

**MICRÓBIO** – olha a microfobia. vocês têm menos genes que uma pulga-de-água. o que vocês seriam sem nós? seu genoma não supera um pé de arroz...

**CÉLULA** – verdade. vocês são microempreendedores. eu sou trilhões de indivíduos celulares formando uma única entidade pra quê? não era pra viver uma experiência de vida minimamente complexa e autônoma e canalizar toda essa energia contraditória pela causa de viver de verdade?

**ELA** – viver de verdade!

**P** – o mais incrível é que essa consciência celular começou a influenciar os pensamentos da mulher.

**ELA** – viver no fluxo e na oscilação, fazer a diferença, evoluir?

**CÉLULA** – mas não, minha vida se transformou numa escravidão, acorrentada e laboriosa.

**ELA** – e é só isso que faço. sobrevivo. qual é o sentido?

**P** – o micro e o macro, pensando, sentindo a mesma angústia existencial.

**CÉLULA** – renunciei a uma vida livre como ameba, pra fazer mitose, botando filhas neste corpo/mundo sem futuro, vazio de sentido...

**ELA** – vendo a minha liberdade pra fazer parte disso? (referindo-se ao biscoito) pra minha criatividade ser embalada num bagulho de gordura trans e calorias vazias?

**P** – quando o corpo e a mente se conectam, esses trilhões de indivíduos pensantes e inteligentes se comunicam com essa ínfima parte de indivíduo/ego em nós e pá! – se sintonizam. então, os grandes pensamentos brilham no mundo. como raios, labaredas, clarões. eureka!

**CÉLULA** – há séculos nos usam como metáfora para essa porcaria: “assim como no corpo humano, seus membros não são iguais – os pés têm que obedecer à cabeça – também na sociedade humana, a igualdade só traz o caos”. que horror, nos tirem do meio disso. aqui o pé e a cabeça vivem em harmonia, não como vocês, uma vida sem pé nem cabeça.

**ELA** – uau.

**MICRÓBIO** – falou bonito, viu?

**CÉLULA** – foi Yuval Noah Harari.

**ELA** – chega. vou jogar essa vida subnutrida no lixo. estou me sentindo muito melhor. mas espera, preciso pagar o aluguel. eu preciso... sobreviver é um INFERNO! só me resta engolir esse biscoito seco de atravessado, sem água, sem nada. acho que estou obedecendo aos pensamentos negativos, é o meu sabotador interno... vou alimentar o Haroldo.

**HAROLDO** – é muito carboidrato.

**P** – o fracasso é inerente quando o ego não é capaz de confiar no próprio pensamento crítico, elaborado com tanto esforço por todo o seu organismo. realmente, pra que confiar numa célula que carrega em seu núcleo a memória do inconsciente coletivo, adquirido em bilhões de anos, através da experiência da VIDA do planeta, condensada em milímetros, se podemos dar ouvidos a *youtubers* e *coaches* de carreira?

**CÉLULA** – não! pra mim, chega. PÁ, morro.

**MICRÓBIO** – ui. avisei. coitada, muito estresse. Já sei, vou ligar pra célula da vulva da bicha-pau australiana. Mais *good vibes*.

**HAROLDO** – será que se eu boiar de barriga pra cima ela me deixa em paz?

#### CENA 2 – QUANDO SUA PUPILA APROVEITOU PRA RESOLVER SUAS QUESTÕES, MAS QUEM PAGOU A SESSÃO FOI ELA

**P** – muito assustada com esse novo mundo que se abria a fórceps para ela, se inscreveu num *site* de psicanálise social, em que profissionais recém-formados ou ativistas como eu atendem por um valor simbólico, tornando essa ciência acessível, apesar de incompreensível.

(ELA cumprimenta a almofada ao lado de P.)

**ELA** – tudo bem, e você?

**P** – você está enxergando bem?

**ELA** – sim.

**P** – acho que você está precisando...

**PUPILA** – de óculos.

**P** – hoje era dia da pupila se manifestar, mas por questões éticas, eu terei que fingir que não a ouço, se é que vocês me entendem...

**PUPILA** – por quê?

**P** – como o combinado, você não se refere a mim, só a ela... ensaiamos isso...

**PUPILA** – é mesmo, esqueci. Sei lá, acho que foi a erva, tô dilatada?

**ELA** – cala a boca, eu não fumo maconha.

**P** – você não fuma maconha?

**ELA** – não.

**PUPILA** – você deveria, diminui a ansiedade...

**ELA** – eu não sou ansiosa.

**P** – o que a trouxe aqui?

**ELA** – doutora, eu...

**P** – eu não sou doutora, sou lacaniana.

**ELA** – tem algo preso aqui.

**P** – o quê?

**PUPILA** – um cisco?

**ELA** – uma coisa no ventre.

**P** – uma prisão?

**ELA** – de ventre? não, eu como fibras.

**P** – uma pulsão?

**ELA** – um espelho.

**PUPILA** – oi?

**P** – narcísica sua mãe.

**ELA** – tudo em mim fala.

**P** – o que diz?

**ELA** – um espelho de palavras, como espadas que me rasgam.

**P** – é um delírio de falo na fala.

**ELA** – eu ouço.

**P** – o quê?

**ELA** – conversas, debates.

**P** – sobre?

**ELA** – sobre a vida da existência celular.

**PUPILA** – banalidades.

**ELA** – acabei de ouvir.

**P** – o quê?

**ELA** – meu olho tá falando.

**PUPILA** – pupila, sou a pupila. o olho tem muitas partes. sou a menina dos olhos, a queridinha...

**ELA** – a pupila.

**P** – interessante. e o que ela diz?

**PUPILA** – por que não pergunta pra mim?

**ELA** – falou pra você perguntar pra ela.

(P, um pouco constrangida, aproxima-se e começa a falar com o olho dela.)

**P** – olá, muito prazer!

**PUPILA** – tá falando com a pupila errada, sou do olho esquerdo.

**ELA** – é com o outro olho.

(P dirige-se à outra pupila.)

**P** – você tem algo a nos dizer?

**PUPILA** – sim, estou com mau-olhado.

**ELA** – mau-olhado.

**P** – inveja?

**PUPILA** – hipermetropia, e essa doida não coloca óculos.

**ELA** – não quero usar óculos.

**P** – e por que você não quer?

**ELA** – já não me acho bonita nem sensual, óculos é a derrota.

**P** – que pensamento careta... o que mais você quer dizer?

**PUPILA** – agora?

**ELA** – agora?

**PUPILA** – tô com questões na minha carreira, tão difícil ser atriz...

**ELA** – não você, a pupila.

**PUPILA** – ah...

**P** – deixa teu olho dizer, deixa teu olhar falar.

**ELA e PUPILA** – ventilador.

**P** – diga mais.

**PUPILA e ELA** – paredes e quinas eu queria ser uma esquina um ângulo e sugar as palavras o sentido do mundo chupar pela boca seca Saara e passar 40 dias com o demônio e ser tentada e ceder às deliciosas tentações e mentir e enganar o demônio e matar o capiroto e ter um filho com um anjo gigante e nadar de braçadas no dilúvio e sugar a arca e guardá-la atrás do meu dente do siso...

**P** – pode ir mais devagar, tô anotando...

**ELA e PUPILA** – sugar o oceano com gelo do ártico e as baleias e golfinhos vão morar no meu afeto cardíaco e vou chorar peixes pelo caminho e revirar os tubarões em meus dentes caninos.

(P volta a falar com ELA.)

**P** – você teve uma infância?

**PUPILA** – meu assunto preferido.

**P** – você pode falar?

**ELA** – só podia sentar direito, fechar as pernas, fazer a lição e estudar a palavra de Deus.

**P** – você se tocava?

**ELA** – sempre.

**PUPILA** – e nos olhávamos no espelho e fazíamos caretas ótimas.

**P** – você se masturbava?

**PUPILA** – era siririca e culpa, culpa e siririca e assim consecutivamente.

**ELA** – só com 13 anos, quando li um livro da Marta Suplicy que ensinava como era a perereca.

**P** – perereca?

**ELA** – a pomba.

**P** – e o que aconteceu?

**PUPILA** – aquele delicioso massageador da mãe. era rosa. sempre achei aquele rosa radioativo.

**ELA** – hahaha, radioativo. desculpe. não foi nada.

**P** – e onde está isso agora?

**ELA** – o quê?

**PUPILA** – a perereca?

**P** – a vontade de se tocar.

**PUPILA** – ah, tá.

**ELA** – tá no meu vibrador de clitóris que uso todo dia de manhã e toda noite antes de dormir.

**PUPILA** – ouvindo Paulo Ricardo.

**ELA** – você poderia deixar minhas fantasias sexuais de lado?

**P** – desculpe se fui invasiva.

**ELA** – não, foi a pupila.

**P** – você está bem com isso?

**ELA** – “os nossos desejos são como crianças pequenas, quanto mais lhe cedemos, mais mimadas se tornam.”

**PUPILA** – biscoito chinês.

**P** – vou perguntar de novo. como se sente?

**ELA** – eu tô de boas, e você?

**PUPILA** – eu tô ótima.

**P** – com o quê?

**PUPILA e ELA** – com a siririca.

**P** – eu também.

**ELA** – ah, tá.

**P** – então, tá. tem mais algo a dizer?

**ELA** – o que tudo isso significa? por que ouço meu corpo? isso é normal?

**P** – isso é extraordinário. Tem mais algo a dizer?

**ELA** – sim, eu sou uma escritora frustrada, sinto que posso muito mais e...

(para PUPILA)

**P** – e você?

**PUPILA** – vamos ficar por aqui?

**P** – vamos.

**CENA 3 – O DIA EM QUE, DERROTADA, VIROU PLAYGROUND DE VÍRUS**

**P** – no dia seguinte, ela liga o computador para escrever suas tradicionais frases de biscoito chinês, mas é surpreendida por um aviso numa janelinha de *pop-up* de que foi despedida, dessas que a gente fecha sem nem ler, achando que é anúncio de *site* pornô. depois de dez anos de serviços prestados, o senhor Hakuna Matata contratou uma empresa do Vale do Silício para desenvolver um *app* capaz de criar 50 frases motivacionais cheias de sabedoria por minuto. ela só consegue criar 50 por dia.

**ELA** – só? você já tentou criar 5 por dia? imagine 50. eu sou um ser humano.

**P** – exatamente por isso foi substituída por uma inteligência artificial, que trabalha 24 horas por dia, sem salário e sem direitos.

**ELA** – e sem coração.

**P** – mas capaz de criar frases que realmente tocam cada um de nós.

**ELA** – sério mesmo?

**P** – sinto muito. com lágrimas nos olhos.

**ELA** – também não é pra tanto.

**P** – ela está em negação. mas por dentro está se sentindo desnecessária.

**ELA** – você não está ajudando. esse tom melodramático, não combinamos isso.

**P** – seu sistema imunológico despenca, e um vírus entra em seu sistema.

**VÍRUS** – quem me chamou?

**P** – seus anticorpos, que estavam num canto, chorosos, perceberam algo errado.

**ANTICORPO** – no caso, um anticorpo, afinal não tem elenco pra tanto. difícil esse tipo de trabalho. é um desrespeito. deixa eu tentar uma voz diferente aqui. a voz que eu fazia

pro Gigante do *João e o Pé de Feijão*: fa, fe, fi, estou sentindo cheiro de vírus aqui...

(esconde-esconde entre ANTICORPO e VÍRUS)

**ELA** – credo, que caricata...

**VÍRUS** – bons tempos em que os humanos viviam no máximo 30 anos. agora é antibiótico, vacina, higiene hospitalar, um horror. éramos o topo da cadeia alimentar. e agora? ainda somos...

**P** – se tiver alguém aqui que trabalha com o desenvolvimento de IA ou no RH de corporações, essa é pra vocês: descartam pessoas como ela, só porque é uma lesma em comparação à inteligência artificial ultraeficiente?

**ELA** – achei pesado com a lesma. isso é especismo, hein?

**P** – verdade, lesmas são sensíveis. desculpa. mas, voltando, vocês, engenheiros tecnológicos, são de-su-ma-nos.

**ANTICORPO** – achei! peste imunda, ser abjeto. que asco. vou acabar com você. vírus bom é vírus morto.

**VÍRUS** – olha os direitos dos microbióticos! esses anticorpos tão ficando cada vez mais violentos.

**ELA** – não foi você que mandou a secretária embora no meio de uma pandemia e agora usa um aplicativo pra marcar as consultas?

**P** – é a crise. o que posso fazer se a Google Agenda é tão prática?

**ANTICORPO** – deixa eu ver aqui como eu vou te matar. você é uma varíola?

**VÍRUS** – tá frio.

**ANTICORPO** – sarampo?

**VÍRUS** – tá frio.

**ANTICORPO** – gripe?

**VÍRUS** – tá quente... é só uma gripezinha.

**ANTICORPO** – SALVE-SE QUEM PUDE!

(VÍRUS persegue o ANTICORPO, ELA joga *spray* de álcool 70% no VÍRUS. ele bebe tudo. bêbado e emocionado, canta a música “Pandemia malvada”, de Cristiano Neves. quem nunca?)

#### **CENA 4 – CRISE CRIATIVA OU SEUS INTESTINOS ENFEZADOS SÃO MAIS INTELIGENTES DO QUE VOCÊ**

**P** – após passar pela negação, como vocês viram há pouco, passou pela raiva. se vingou. tocou a campainha da mansão do seu Hakuna Matata e saiu correndo. agora é a fase da aceitação. de fazer de um limão uma caipirinha de tequila.

**ELA** – é agora, vou aproveitar que estou desempregada e sair dessa infelicidade. não vou mais me matar de trabalhar, consumir, me endividar e gerar lixo. vou...

**P** – coincidentemente, neste momento criativo, temos a presença de pensamentos relacionados a sua fase anal, mais precisamente com a fase retentiva. o cocô é considerado algo valioso, que deve ser guardado dentro de si. a bosta é um receptáculo de forças, uma potência biológica sagrada.

**ELA** – vou fazer desse cadáver de emprego o solo fértil para criar. olha, ótima frase pra biscoito chinês que eu não vou escrever, pois agora vou me dedicar ao meu livro. sempre quis escrever sobre... sobre o quê?

**P** – enquanto isso, dentro dela, começava a se arquitetar uma trama sinuosa e perigosa, que ela nem desconfiava, uma verdadeira revolta, nunca vista em toda a psicanálise. não entendia bem, pois acontecia em *intestinês*. é difícil, falam muito enrolado. parecem simples gases, mas não... há que se ter um pensamento sinuoso para decifrá-los. e diminuir glúten para as palavras não grudarem na parede do raciocínio. o intestino delgado diz:

**INTESTINO DELGADO** – turing trueeeerrrrrr.

**P** – “tô fazendo o que posso”; já o seu parceiro, o intestino grosso, responde...

**INTESTINO GROSSO** – brhphuffff.

**P** – ele disse: “você sempre fala isso”.

**INTESTINO DELGADO** – bufff.

**P** – respondeu: “cuida do teu bolo fecal”.

**INTESTINO GROSSO** – birrrphss.

**P** – “não tira o seu da reta, você tá deixando passar tudo”.

**INTESTINO DELGADO** – você quer dizer que eu não estou fazendo meu trabalho?

**P** – “você quer dizer que eu não estou...”

**INTESTINO DELGADO** – não precisa mais traduzir, o público já entendeu a convenção.

**P** – ah, desculpa...

**ELA** – já sei, vou escrever sobre um menino que estuda bruxaria e precisa salvar o mundo dos bruxos de um vilão que...

**INTESTINO GROSSO** – buffff, isso a Rowling já escreveu:  
*Harry Potter!*

**ELA** – é mesmo.

**INTESTINO GROSSO** – damos ao mundo a merrrrphhda, a vitalidade, o ciclo do dia, ritmo da vidaaaaauuufff. regemos a noite e a angústia.

**ELA** – criar é como passar num corredor estreito.

**INTESTINO DELGADO** – pufff não entendi. muito simbólico, vá direto ao ponto bufffff.

**INTESTINO GROSSO** – olha quanta vitamina B12 indo pra privada; você sabe quantas vidas foram sacrificadas só pra serem sintetizadas pela **nossa** equipe e por sua fffff-fhhhuuuhh incompetência serão jogadas no rio Tietê? quantas fffffuuufflorestas e espécies foram queimadas vivas, quantos boisrsspsh sangraram sobre cemitérios sagrados, tudo somente pra você abuuufbsorver esse zinco e sustentar um único organismo que goza com o delírio da prepotência de devorar o mundo todo. você só faz buffffffff.

**INTESTINO DELGADO** – é muita pressão.

**ELA** – ah, não. colocar toda a culpa na humanidade sobre os desastres ecológicos é um equívoco, ainda há esperança.

**INTESTINO DELGADO** – não há, se gente que pensa, age e consome como você sobreviver. ai. que espelho é esse? gente, eu tô horrível.

**INTESTINO GROSSO** – você sempre mudando de assunto.

**INTESTINO DELGADO** – de onde veio esse espelho?

**INTESTINO GROSSO** – tem um espelho aí?

**INTESTINO DELGADO** – tá preso aqui. credo. não estava preparada pra me ver.

**ELA** – isso! um espelho mágico em que a protagonista se olha e o atravessa, entrando num lugar mágico...

**INTESTINO GROSSO** – Lewis Carroll em *Alice através do espelho*...

**ELA** – difícil criar algo que ninguém criou...

**P** – que interessante. um espelho que ela relatou na sua sessão, pelo jeito não tem apenas um caráter metafórico, mas não perde sua força simbólica.

**ELA** – óbvio, porque não pensei nisso antes? vou aproveitar essa capacidade estranha e tirar proveito. quem está falando?

**INTESTINO DELGADO** – Buphhhhhhh

**ELA** – ah, o meu intestino. você tem ideia para alguma história?

**INTESTINO GROSSO** – escreva sobre você.

**ELA** – sobre mim? mas eu não tenho nenhuma graça.

**INTESTINO GROSSO** – o fato de estarmos conversando não lhe parece inusitado? algo realmente original?

**ELA** – mas isso é muito absurdo.

**INTESTINO DELGADO** – e uma mulher atravessar o espelho e viver no País das Maravilhas é o quê? buffbuff realismo?

**ELA** – verdade. vou pensar um pouco. obrigada.

**INTESTINO GROSSO** – ao seu dispor. mas não pira, hein? pé no chão, arruma um trabalho paralelo, precisamos comer.

**INTESTINO DELGADO** – e pagar o aluguel, precisamos de um refúgio.

**ELA** – até vocês?!

**P** – o instinto de sobrevivência nasce das vísceras.

(pesquisa nos classificados)

**INTESTINO GROSSO** – já sei, por que você não escreve sobre um intestino delgado que sorrateiramente planeja matar a mulher de desnutrição?

**ELA** – uau, um livro de suspense biológico.

(anota no caderninho.)

**INTESTINO GROSSO** – assim, como quem não quer nada, matá-la de inanição.

**INTESTINO DELGADO** – e você faria diferente?

**INTESTINO GROSSO** – faria igual, óbvio.

**INTESTINO DELGADO** – óbvio?

**ELA** – óbvio?

**INTESTINO GROSSO** – ela não merece nossa inteligência e nossos bilhões de anos de evolução. esses macacos pelados, sem beleza e sem noção.

**ELA** – espera, vocês estão falando de mim? eu sou a macaca? vocês querem me matar?

**INTESTINO GROSSO** – meu sonho é viver numa arara, compor aquele organismo lindo, digerir sementes e frutas, e ter um propósito: voar.

**ELA** – jogo baixo, ser bonito como uma arara só um Yanomami. mas eu posso levá-los pra passear no Pantanal, isso se ainda tiver Pantanal...

**INTESTINO DELGADO** – meu sonho é ser vegana.

**ELA** – podemos negociar a segunda sem carne?

**INTESTINO GROSSO** – vamos?

**INTESTINO DELGADO** – buhfffff vamos.

**ELA** – espera! pra onde vocês vão? não me deixem.

**INTESTINO GROSSO** – me dê sua mão.

**INTESTINO DELGADO** – estamos juntos.

**INTESTINO GROSSO** – iremos como *Thelma & Louise*.

**INTESTINO DELGADO** – eu sou a Thelma.

**INTESTINO GROSSO** – você é a Louise.

**ELA** – e eu? sou quem?

**INTESTINOS GROSSO e DELGADO** – bufffff o abismo.

**ELA** – abismo? eu?

(tocando a barriga)

**ELA** – ufa. acho que nada aconteceu. estavam blefando.

(nos classificados)

**ELA** – olha aqui. achei. trabalho sem vínculo empregatício, sem décimo terceiro, sem férias. perfeito.

(pontada na barriga)

**INTESTINOS GROSSO e DELGADO** – brurrrr-phhhhhhhss

**ELA** – ingratos, ou vocês se comportam ou eu jogo a kombucha na privada.

(outra pontada)

**ELA** – aiaiaiai, não tenho controle nem sobre meus intestinos.

#### **CENA 5 – RAVE NO APOCALIPSE OU A INEVITÁVEL ARTE DO FRACASSO**

**P** – é fácil julgar a minha paciente, querido público. difícil é viver em sua pele... os acontecimentos podem conduzir um organismo ao desequilíbrio, gerando doenças, muitas vezes, autoimunes. seu caso: celíaca. não podia com glúten, seus intestinos estavam irritados. mas não só. seu corpo, pelo visto, estava magoado e tentando contato.

**ELA** – então eles disseram que queriam me matar.

**P** – os intestinos?

**ELA** – disseram que iam embora, se jogariam... é muito forte ser chamada de “abismo” pelo seu ventre.

**P** – não seria pior ser chamada de “buraco”? “poço sem fundo”?

**ELA** – é, pelo menos “abismo” tem uma força poética.

**P** – e o que você sentiu ao ouvir isso?

**ELA** – senti um vazio abismal. abandonada. de novo.

**P** – vamos falar sobre isso?

**ELA** – é difícil pra mim.

**P** – estar vulnerável?

**ELA** – depois que meus pais se foram, piorou.

**P** – como foi isso?

**ELA** – eles eram muito religiosos.

**P** – a que ponto?

**ELA** – seguíamos o novo e o velho testamento.

**P** – os dois?

**ELA** – já não era fácil seguir um, imagina os dois.

**P** – enquanto conversávamos sobre o ponto nevrálgico da sua memória, algo muito lindo aconteceu. PAH! nasceu uma nova célula muscular cardíaca, e o miocárdio a recebe.

(Músculo do MIOCÁRDIO se contraindo e relaxando no ritmo do coração.)

**CÉLULA** – PAH! existo. espera. eu renasci. lembro da minha morte por estresse. ah, que vontade louca de me contraiiiiir, que foooooorça. agora sou uma célula do músculo estriado. eu era uma célula do apêndice. que evolução. a reencarnação existe. sempre tive uma tendência ao kardecismo.

**MIOCÁRDIO** – TUM, TUM, TUM, TUM. prazer, seja bem-vinda, que bom que você veio integrar a equipe. mãos à obra, que a patroa tá emocionada. sabe como é, hormônios.

**CÉLULA** – miocárdio, sua linda.

**P** – os 10 mandamentos?

**ELA** – todos eles. alguns são muito bons, mas outros...

**P** – qual você gosta?

**ELA** – não matarás, por exemplo. é básico.

**P** – qual você não concorda?

**ELA** – não cobiçarás a mulher do próximo, a casa do próximo nem seus animais e servos.

**P** – por quê?

**ELA** – percebeu que a mulher é colocada no mesmo patamar que a casa e os animais?

**P** – sim. e como você se sente em relação a isso?

**ELA** – não vejo problema de ser colocada no mesmo nível dos animais, afinal, nós, humanos, somos o quê?

**P** – fato.

**ELA** – agora, ser colocada no mesmo nível da casa é o cu da cobra.

**P** – sim, temos tanto cu quantos as cobras. e os servos?

**ELA** – me causa repugnância.

**P** – por quê?

**ELA** – escravidão não enjoa você?

**P** – sim. asquerosa.

**ELA** – que bonita sua calça, onde você a comprou?

**P** – numa lojinha do Brás, superbarata... ó, não, agora eu me lembro. no fundo da loja, uma portinha estava entreaberta, dava pra ver uma sala escura e abafada com dezenas de bolivianos costurando. eu errei, eu sei, mas a calça custava só R\$ 10,00. tem razão. nada justifica.

(P tira a calça e fica só de calcinha.)

**ELA** – e a calcinha?

**P** – comprei na mesma loja...

**MIOCÁRDIO** – se segura que ela tá ficando com raiva. vamos bombar. TUM, TUM.

**CÉLULA** – maravilha. agora não morrerei mais. vou me regenerar. cheguei no paraíso das células. o órgão rei. o ritmo da vida, essa balada TUM, TUM, sempre quis morar numa festa. que intensidade essa contração. quando é a hora do descanso?

**MIOCÁRDIO** – não tem.

**CÉLULA** – o quê? escravidão?

**P** – e as outras?

(P sem calcinha, com a bolsa apoiada na perna, tampando a vagina.)

**ELA** – não eram só os 10 mandamentos... ainda tinha o apocalipse.

**MIOCÁRDIO** – se prepara pra bombar. força total, mais sangue. tá chegando no clímax da história.

**CÉLULA** – socorro, tô toda repuxada, tô flácida. repuxaaaaada, teatro corporal, que preguiça.

**MIOCÁRDIO** – põe uma primeira e vaaaaaaaaaaai, use os níveis. tônus. TUM, TUM, TUM, TUM. olha a pressão.

**CÉLULA** – caraaaaai!

**ELA** – o terror do apocalipse. todos seriam mortos. bolas de fogo caindo do céu.

**MIOCÁRDIO** – olha o volume do sangue.

**CÉLULA** – eu não sei nadar, glup, glup, glup.

**MIOCÁRDIO** – vai esquentar.

**CÉLULA** – fogo, fogo na minha raba...

**ELA** – os líderes da igreja marcaram a data do armagedom. meus pais compraram mantimentos e estocaram. não saímos mais de casa. ficamos lá confinados. sem falar com ninguém. chegou o dia.

**MIOCÁRDIO** – vai, aumenta o som, DJ. TUM, TUM, TUM, TUM.

**CÉLULA** – tô muito repuxadaaaaa.

**MIOCÁRDIO** – você não viu nada. deixa chegar na parte do barril.

**CÉLULA** – que barril?

**ELA** – e nada aconteceu.

**CÉLULA** – graças, que alívio.

**ELA** – mas meus pais ficaram decepcionados. doaram todos os alimentos, o vinho e a água que estavam em dois barris. e os colocaram vazios no carro. me deixaram nos meus avós e partiram. nunca mais nos vimos.

**MIOCÁRDIO** – vamos calibrar os vasos. mais forte, TUM, TUM.

**CÉLULA** – que loucura. eu vou embora daqui.

**MIOCÁRDIO e P** – pra onde?

**CÉLULA** – para!

(breque. silêncio. o dia em que a terra parou.)

**CÉLULA** – eu me lembro. lemos nos jornais. se jogaram...

**CÉLULA e ELA** – fiquei sozinha.

(atores exaustos, bebendo água.)

**CÉLULA** – que saudade de mamãe e papai.

**ELA** – o armagedom *fake* os levou, é perigoso demais marcar data para o fim do mundo, pode não acontecer e alguns ficam decepcionados por não fazerem parte do grupinho dos escolhidos e privilegiados.

**P** – nem todo mundo dá conta de ser mais um.

**ELA** – será que é por isso que eu quero tanto ser especial? receber mais *likes*, fazer parte dos consideráveis... será que, no fundo, é o mesmo sentimento dos meus pais? os merecedores, um dos poucos queridinhos de Deus?

**CÉLULA** – queremos ser imensos aos olhos do mundo.

**MIOCÁRDIO** – e somos menores que o cu de uma formiga...

(silêncio)

**P** – quer falar algo mais?

**ELA** – onde você comprou essa bolsa?

**P** – vamos ficar por aqui.

## CENA 6 – A TRISTE SOLIDÃO DA MULHER QUE CALOU OS RINS

**P** – depois da última sessão, a memória celular foi acordada. Ela guarda as experiências de traumas e sentimentos mal resolvidos que podem ser celularmente rememorados através de situações que espelham o trauma. Enquanto o coração guarda os pensamentos mais íntimos, os rins são a sede dos desejos mais secretos.

(entra o RIM gritando de ódio. ELA rolando no chão de dor.)

**RIM ESQUERDO** – que ódio. eu quero matar.

**P** – este é o rim esquerdo.

**ELA** – ai, ai, ai, ai, eu quero morrer.

**P** – e este é o rim direito.

**RIM DIREITO** – vai, respira, respira, já passou pra bexiga.

**P** – a dor pode ser a manifestação de emoções e sentimentos inconscientes. problema nos rins é...

**RIM ESQUERDO** – eu vou matar esse Hakuna Matata dos infernos, maldito, tirou meu sangue durante anos... ingrato.

**RIM DIREITO** – isso, mata. bate nessa almofada aqui.

(põe a foto do seu Hakuna Matata sobre uma almofada, e o RIM ESQUERDO a soca, chuta, morde.)

**ELA** – ai, ai, ai, ai, ai.

**P** – o seu Hakuna Matata a descartou. e os seus pais também.

**RIM ESQUERDO** – egoístas, malditos egoístas, se vocês não tivessem se matado, eu teria matado vocês.

(ELA sente uma coisa na vagina. tira uma pedra. já saiu uma pedra da sua uretra? então, você sabe. exausta, está estatelada no chão.)

**RIM DIREITO** – pronto, nasceu.

**RIM ESQUERDO** – que alívio.

(ELA chora.)

**P** – deliramos que o corpo está separado da mente, das memórias e das emoções. Nos isolamos da natureza e de todos os fenômenos.

**RIM ESQUERDO** – triste solidão.

**ELA** – vocês poderiam me dar um tempo? Silêncio. Eu quero uma cena de paz e de alienação. Não quero mais saber o que meu corpo pensa. Sentir dói.

**RIM DIREITO** – ei, respira, calma. Juntos somos fortes. Já resistimos a tantas outras...

**ELA** – não compreendo, vocês falam grego.

**RIM DIREITO** – que língua quer que a gente fale? Esperanto?

**ELA** – a sabedoria se esconde no silêncio.

**RIM ESQUERDO** – isso não estava no texto, difícil trabalhar com amadores, deixam a gente rendido no palco.

**ELA** – não quero mais ouvir. é incompreensível o que vocês dizem e grunhem e retorcem, pulsam e expelem. o que falam é cheio de entrelinhas, parece...

**RIM ESQUERDO** – frase de biscoito chinês?

**ELA** – calem suas malditas vozes.

**CENA 7 – IMPLACÁVEL. AQUELA QUE NÃO CEDE A ROGOS E SÚPLICAS OU, PRA MORRER, BASTA DORMIR NA HORA CERTA E NO LUGAR ERRADO**

**P** – hoje é o primeiro dia em seu novo trabalho. ela se arrumou. pensou positivo.

**ELA** – um copo meio vazio é para os derrotistas. eu escolho olhar com coragem para o copo meio cheio de vazio.

**P** – fez meditação para se acalmar, afinal a adrenalina explode sempre que vamos ser testadas; eu praticamente preciso tomar um Lexotan®.

**ELA** – mas esse trabalho não precisa de teste.

**P** – não?

**ELA** – nem entrevista.

**P** – mas que tipo de emprego é esse, que não testa, não entrevista?

(entra o GERENTE com um caixão em cena. ele está muito orgulhoso do seu produto. não trabalha para empacotar defuntos. morrer, para ele, é um estilo de vida.)

**GERENTE** – muito bem-vinda. aqui está o primeiro que você tem que provar.

**ELA** – uau, que lindo.

**P** – provar?

**GERENTE** – esse é um caixão grã luxo. um lançamento.

**ELA** – uau.

**P** – não entendi. você escreveu isso? onde?

(folheando o texto.)

**ELA** – cena 7.

**GERENTE** – não podemos comercializá-lo sem antes provarmos, tirarmos medidas etc. a Anvisa é muito rígida com o conforto dos nossos clientes.

**ELA** – incrível, muito bonito. vocês só fabricam caixões?

**GERENTE** – somos uma fábrica e funerária. também prestamos serviço de maquiagem e sobrancelha definitiva.

**ELA** – definitiva mesmo...

**GERENTE** – e todos os pormenores do velório e do enterro. ultimamente estão saindo muitos caixões. um sucesso.

**ELA** – que bom. quer dizer...

**GERENTE** – pode se deitar. este será o primeiro.

(ELA entra no caixão.)

**ELA** – que maciez. queria que a vida fosse assim também, confortável.

**GERENTE** – infelizmente não trabalhamos para a vida, ainda. vou chamar a equipe de medição e pesagem para fazer os testes.

(sai.)

**ELA** – enfim, paz. vocês repararam? nenhum sinal de vida inteligente incômoda. toda a sabedoria é impertinente. nenhuma verdade jogada na minha cara por um micróbio nem pensamentos existenciais que sepultam a minha serenidade. só silêncio.

(ela boceja. P lendo o texto.)

**P** – o que o gerente não sabia é que ela tinha uma forte inclinação para a preguiça. é daquelas que pegam no sono instantaneamente quando se deitam no macio.

(ronca.)

**P** – e quando dorme, morre.

(entra a MAQUIADORA com maquiagem e acessórios de cabelo e começa a arrumá-la.)

**MAQUIADORA** – aqui a presuntona, dona Eliana Figueroa. parece fresquinha. céus. esse caixão é grã luxo? cada semana é uma grã tchopi tchuras nova. pra quê? os vermes arrotam na fuça da nossa “magnitude”. vamos lá, está precisando de uma recauchutada para encontrar Caronte, né? O barqueiro do rio das dores...

(faz uma maquiagem e troca a roupa de ELA.)

**P** – você sabia dessa cena?

**MAQUIADORA** – sim, você faltou nesse ensaio pra gravar aquele comercial de Corega Plus<sup>®</sup>, lembra?

**P** – jamais. eu não uso dentadura, foi a Susana Vieira.

**MAQUIADORA** – pronto, tão linda quanto Desdêmona quando assassinada por Otelo. ah, a misoginia, há séculos enchendo os palcos e as covas.

(ELA está com um topete imenso, sobrancelhas bem marcadas e flores sobre o seu corpo, lembrando bastante a Susana Vieira como Branca, de *Por Amor*.)

**P** – e assim, confundida com uma defunta, foi levada para o velório. só os dois filhos da morta estavam presentes, apesar de ter petiscos e uma coroa musical que tocava ininterruptamente a música “Astronomia”, de Vicetone & Tony Igy. os filhos queriam garfar a herança e não se deram a pachorra de perceber que aquela mulher no caixão não era a mamãe. enquanto isso, a música da coroa de flores entrava em seu subconsciente e a conduzia numa jornada extraordinária, no mundo onírico dos símbolos.

**ELA** – está escuro. eu não vejo nada aqui de dentro desse caixão. que angústia fria é a morte. quem me dera meu corpo falasse comigo, mas agora só resta o silêncio. nenhuma pulsação. nenhum movimento. fecho os olhos e luzes se acendem. olha: uma grande e frondosa árvore que liga o céu e a terra, os que

vivem e os que morrem. estranho. aqui dentro do caixão eu sinto o vento batendo em meu rosto e refrescando os meus sentidos. o ar vem da frondosa. já parou pra pensar que a árvore não come? como pode? ela não come e é essa plenitude toda. eu bato um p.f. todo dia e continuo sendo irrelevante. AI, QUE SUSTO! meus pés tocam o chão. ando no escuro. vejo uma portinha com uma luz vermelha acesa na entrada. subo uma escadaria estreita e no topo é uma casa de chá árabe, mulheres dançando a dança do ventre. entro. eis que a árvore está dentro da casa de chá. estou em pé diante dela. dentro de uma fenda do tronco, um ventre de mulher. trepo no tronco da árvore. chego na copa entre os galhos mais altos. é lindo. ninhos de araras. eu vejo...

**P** – “o coração do mundo”.

**ELA** – não. eu estou sonhando. eu narro.

**P** – mas nós ensaiamos...

**ELA** – não importa mais o ensaio. escuta. agora é improvisado, é o impreciso. não sei o que virá. estou ouvindo a matéria mágica da tessitura do sonho, que nasce aqui e agora, no líquido amniótico do improvável. *eu* não existe mais. a atriz é o pulmão, e o ator, o olho do coração, em pleno coração do mundo. Ela encontra o seu *set* de terapia suspenso na copa da árvore. numa poltrona, a psicanalista tem a cabeça de uma arara-azul. na outra, seu coração a olha. na terceira, o pulmão é a árvore invertida, cansada. ela se senta. o pulmão segura um espelho em sua direção.

**P** – o que você vê?

**ELA** – dois olhos. um é o sol, e o outro é a lua. são minúsculos.

**OLHO DO CORAÇÃO** – são imensos, como o oceano.

**ELA** – quase não resiste à vontade de mergulhar neles.

**PULMÃO** – prendo a respiração.

**ELA** – mergulha. a luz atravessa as moléculas da água. algo a olha. um monstro infernal. mole. como pode um corpo escorrendo, sem uma concha de proteção, solto na imensidão? olhando bem, a fera é seu pulmão, seus alvéolos têm oito tentáculos. se aproximam. dançam a pulsação de desejo e repulsa. uma besta faminta. a iminência do encanto se transformar em carnificina. a coexistência improvável de um molusco altamente sensível e inteligente e uma mulher, ambos vulneráveis, sem conchas. a coisa mais bonita que já vi. o monstro a toca, reconhecendo esse corpo humano e estranho. dançam maciamente pelas águas imaginárias. seu coração bate forte. seus três corações batem forte. podemos ouvir os quatro corações em uníssono. uma sinapse, clarão nos neurônios cardíacos: o amor nos move em meio ao nada, como planetas flutuando no vazio do macrocosmo, abismo. se angustia com tanta vastidão. batelada de sem-fim, de sem-número e sem borda, dá vertigem na espinha. ela pergunta: você sabe a saída desse labirinto? antes de ouvir a resposta, sua cabeça humana se transforma na cabeça do polvo. olha abismada com os olhos laterais do bicho. um olhar liso e escorregadio. cabeça de útero boiando como água-viva. sente o

mundo com seus oito tentáculos ultrasensíveis. entende sem raciocinar: não tem concha porque confia no mundo e o ama.

(Ela/polvo embriaga-se nas águas. enquanto isso, escuta-se a conversa dos irmãos no velório, num clima tenso, confundindo-se com o mundo onírico)

**PULMÃO** – a linha mestra do funcionamento do sistema natural é o amor.

**OLHO DO CORAÇÃO** – o organismo é colaborativo.

**P** – quando surge o egoísmo em apenas uma célula do nosso corpo, e ela resolve não colaborar mais, adoecemos.

**IRMÃO** – mas a casa na praia é minha.

**IRMÃ** – você odeia praia.

**ELA** – amar é compartilhar.

**IRMÃO** – é minha!

**OLHO DO CORAÇÃO** – acorda, antes que te coloquem no forno.

**ELA** – a continuidade da espécie, dos sonhos, dos mitos.

**IRMÃO** – só porque eu não suporto a areia, o sal e o sol, não significa que eu não goste de praia.

**OLHO DO CORAÇÃO** – acorda pra vida, deixa de ser uma defunta, levanta!

**ELA** – preciso continuar.

**PULMÃO** – vão te enterrar viva. me ajudem.

**IRMÃ** – tá bom, fica com essa casa idiota, mas a fazenda é minha.

**P** – podem falar mais baixo? tão estragando esse momento tão bonito.

**IRMÃO** – jamais, essa fazenda vale muito mais que a casa de praia.

**P** – a ambição destrói a poesia.

**IRMÃ** – vamos fechar o caixão e enterrá-la.

**OLHO DO CORAÇÃO** – SOCORRO!

**ELA** – amar é um planejamento a longo prazo.

**IRMÃO** – vamos acabar com isso.

**ELA** – em média um bilhão de anos.

**PULMÃO** – ressuscita, Lázara! cai do caixão e vai comprar pão! *mórreu.*

**OLHO DO CORAÇÃO** – vamos recorrer a Cristo: “garotinha, eu te ordeno: levanta”.

(ELA acorda. o primeiro ar a entrar nos pulmões, como quem nasce.)

**CENA 8 – VIDA APÓS A MORTE OU MÃE É A AVÓ!**

(no velório, P continua com a cabeça de arara, ELA está sem a cabeça de polvo, mas mantém seus 8 braços-tentáculos.)

**P** – acordou e estava no velório.

**ELA** – o quê? como? onde? por quê?

**P** – compreendeu tudo.

**ELA** – tô num velório? me confundiram com uma defunta. que chato. acho que isso quer dizer algo sobre mim: estou morta? estou viva?

(IRMÃ apoia uma bebida em cima dela.)

**ELA** – está bem, entendi, morta-viva. chega dessa derrota e humilhação.

(toma um gole da bebida, e os irmãos percebem.)

**IRMÃO e IRMÃ** – mamãe? tem algo diferente com você; já sei, fez a sobranceira?

**ELA** – não tenho paciência com quem está começando.

**IRMÃO e IRMÃ** – você voltou? tem algo a nos dizer?

**P** – sim, eles são irritantemente distraídos, ou idiotas, o que vocês preferirem. querida, esses personagens estão muito rasos, falta desenvolver, não cola...

**ELA** – tem razão, sem condições, caricatas... vamos acabar com isso: mamãe meu cu, vão resolver isso na terapia e encontrar mais camadas...

(levanta-se do caixão, espalha as flores.)

**ELA** – cansei de me fingir de morta. enfia essa coroa de flores no rabo. prefiro morrer a perder a vida. me de-mi-to, vou tomar sol. não volto nesse velório escuro nem morta...

(com seus 8 braços, pega comes, bebe e a coroa de flores musical. sai. a música da coroa de flores toca ao fundo.)

## **CENA 9 – LACTOBACILO VIVO DA BARRIGA DO MUNDO OU KEFIR DA EXISTÊNCIA**

(P e Ela continuam híbridas com arara e polvo até o final.)

**P** – ela caminha pela rua. algo incrível estava acontecendo. algo que só é possível a quem sonha que conversa com seus próprios órgãos. como diz Bachelard: “há noites em que entra-

mos em nós mesmos em que vamos visitar nossos órgãos”. depois dessa experiência, passa a carregar consigo esse viver por dentro, enrolada em si.

**CÓCLEA** – e, por ouvir seu ecossistema interno, desenvolve também habilidade de entender a linguagem de tudo o que a cerca: da brisa, do sol que brilha nas folhas das árvores. sente o chão que pulsa sob seus pés.

**ATOR** – enfim, esse mundo insano faz sentido.

**P** – quem é você agora? orelha?

**ATOR** – cóclea, o labirinto do ouvido. por falar nisso, depois quero falar com você sobre o cachê, é muito mais trabalhoso do que eu esperava, ter que criar tantos...

**P** – solta a música, sonoplasta?

(tocar a música “Astronomia”, de 32Stitches & Hooper.)

**P** – uma arara sobrevoa a cena. vocês a veem? está aqui, sobre nossas cabeças. é sério. ela é vermelha.

**ELA** – não, é azul. é uma arara-azul, toda azul.

**P** – seu queixo é amarelo e ao redor de seus olhinhos é amarelo também. que cor são os intestinos da arara?

**ELA** – púrpura.

**CÓCLEA** – existe um antigo acordo entre nós. tão antigo quanto o tataravô do Velho Testamento.

**ELA** – nós não somos os senhores do mundo. somos lactobacilos vivos da barriga do mundo. substância. somos esse intestino/instinto, sonhadores desse pequeno e delicado mundo.

**CÓCLEA** – matéria mole. a dureza mineral. os ossos da terra. cada pensamento é um coração.

**ELA** – atrás do pensamento, uma pulsação de vazio.

**CÓCLEA** – coragem e escuta: as coisas estão falando. o chão reza.

**CHÃO** – pisa em mim. planta em mim. nasce em mim. reza em mim. não domina, não explora, não minera em mim. vive em mim, cultiva em mim, goza em mim, caga em mim, anda em mim, dança em mim, ritualiza em mim, vive teu cio em mim, procria em mim, não mata, não odeia, não embrutece em mim. brinca em mim, vive seus dias em mim, morre suas noites em mim, faz teus funerais em mim, descansa em mim, se transforma em mim, renasce em mim, enterra sua civilização em mim, guarda teus segredos imemoriais em mim...

**ELA** – até o fim.

CENA 10 – A MELHOR IDEIA É A DO PEIXE. QUAL É? NADA.

**P** – Após andar pela cidade toda e chegar em sua casa, a primeira coisa que fez foi olhar para Haroldo no aquário e finalmente ouvi-lo.

**HAROLDO** – imbecil.

**ELA** – me perdoe. fui egoísta.

**HAROLDO** – que ranço.

**ELA** – ainda bem que não te ouvi antes... brincadeira.

**HAROLDO** – e aí? decidiu sobre o que você vai escrever?

**ELA** – olhando suas barbatanas, tive uma ideia: a história de um pequeno peixe que se joga em aventuras em alto-mar em busca de seu filhinho...

**HAROLDO** – *Procurando Nemo*? pra que escrever se não tem nada a dizer?

**ELA** – ...

**HAROLDO** – não faça coro aos idiotas que desperdiçam as redes com cretinices.

**ELA** – ...

**HAROLDO** – a maior obra que você pode construir é você mesma. sempre quis falar essa frase numa peça.

**ELA** – ...

**HAROLDO** – tá bom. escreva sobre uma escritora de biscoitos chineses, que só pensa em receber biscoitos, até o dia em que escuta seu corpo falar e isso desestrutura suas convicções superficiais.

**ELA** – espera, vou anotar.

**HAROLDO** – de forma extraordinária, as coisas mais ordinárias a ensinam a ligar o foda-se.

**ELA** – foda-se a aprovação e a presença onisciente do outro em forma de *likes*.

**HAROLDO** – que tal um sonho iniciático?

**HAROLDO** – é engolida por um monstro abismal que a vomita.

**ELA** – transformada. o mundo urge e, mesmo que ela tampe os ouvidos, o mundo grita.

**HAROLDO** – inadiável gozá-lo.

**ELA** – inadiável amar.

**HAROLDO** – e então?

**ELA** – viver implacavelmente.

**HAROLDO** – deus me livre, mas quem me dera. é definitiva?

**ELA** – a decisão?

**HAROLDO** – não, a sobrancelha.

**ELA** – espero que seja de henna.

**HAROLDO** – é definitiva. ficou horrível.

**ELA** – eu te amo.

**HAROLDO** – eu te odeio. vamos acabar logo com isso?

**ELA** – vamos.

**P** – ela abre a tampa do aquário.

Haroldo mergulha no ar,  
sai pela janela e nada entre as nuvens,  
encontra a arara e seguem juntos rumo aos rios flutuantes  
da Amazônia.

(já que chegamos até aqui, deixe a imagem decantar no fundo  
dos olhos. se eu fosse você, faria isso.)

EPÍLOGO – O PÓS-FIM. QUANDO UM PERNILONGO PICA A  
SUA INCOERÊNCIA OU CERTEZA MESMO É A MORTE

(ELA está lendo seu livro. há uma garrafa de champanhe e quatro  
taças sobre a mesa.)

**ELA** – epílogo. Cristo aboliu todas as outras leis e deixou ape-  
nas duas: amar ao próximo como a ti mesmo e amar a Deus  
sobre todas as coisas. a primeira: quem escolhe o próximo a  
quem amar por conveniências sociais, raciais, morais e reli-  
giosas está pecando.

(P dorme e ronca.)

**ATRIZ** – difícil ficar sempre desperta.

**ATOR** – mas não é isso que a consciência faz?

**ATRIZ** – também, centraliza tudo: psicanalista, diretora, nar-  
radora, superego, tudo...

**ELA** – posso? a segunda lei: amar a Deus sobre todas as coisas.  
não é acima das coisas. é Deus NAS coisas. Deus habita na  
superfície, na pele das coisas. em cada célula, em cada átomo  
de tudo...

(som de pernilongo voando.)

dentro e fora, na epiderme de tudo o que vive, respira e  
existe. amar é... PÁ!

(mata o pernilongo sobre seu braço.)

deixar viver!

(limpa as mãos e não percebe a incoerência. P acorda assustada com o barulho do “PÁ!” e aplaude exageradamente, como uma mãe coruja na apresentação de fim de ano da filha na escola.)

**P** – bravo, que orgulho. quem diria que você escreveria algo tão... original.

**ELA** – como disse Pascal: *os grandes pensamentos vêm do coração.*

(ATOR serve as taças.)

**ATOR** – você escreveu de forma... como dizer?

**ATRIZ** – segura! parece bem segura, não é?

**ELA** – eu vivi a jornada do herói.

**P** – viveu?

**ELA** – é, talvez não. mas sinto que encontrei o sentido.

**ATOR** – tem certeza?

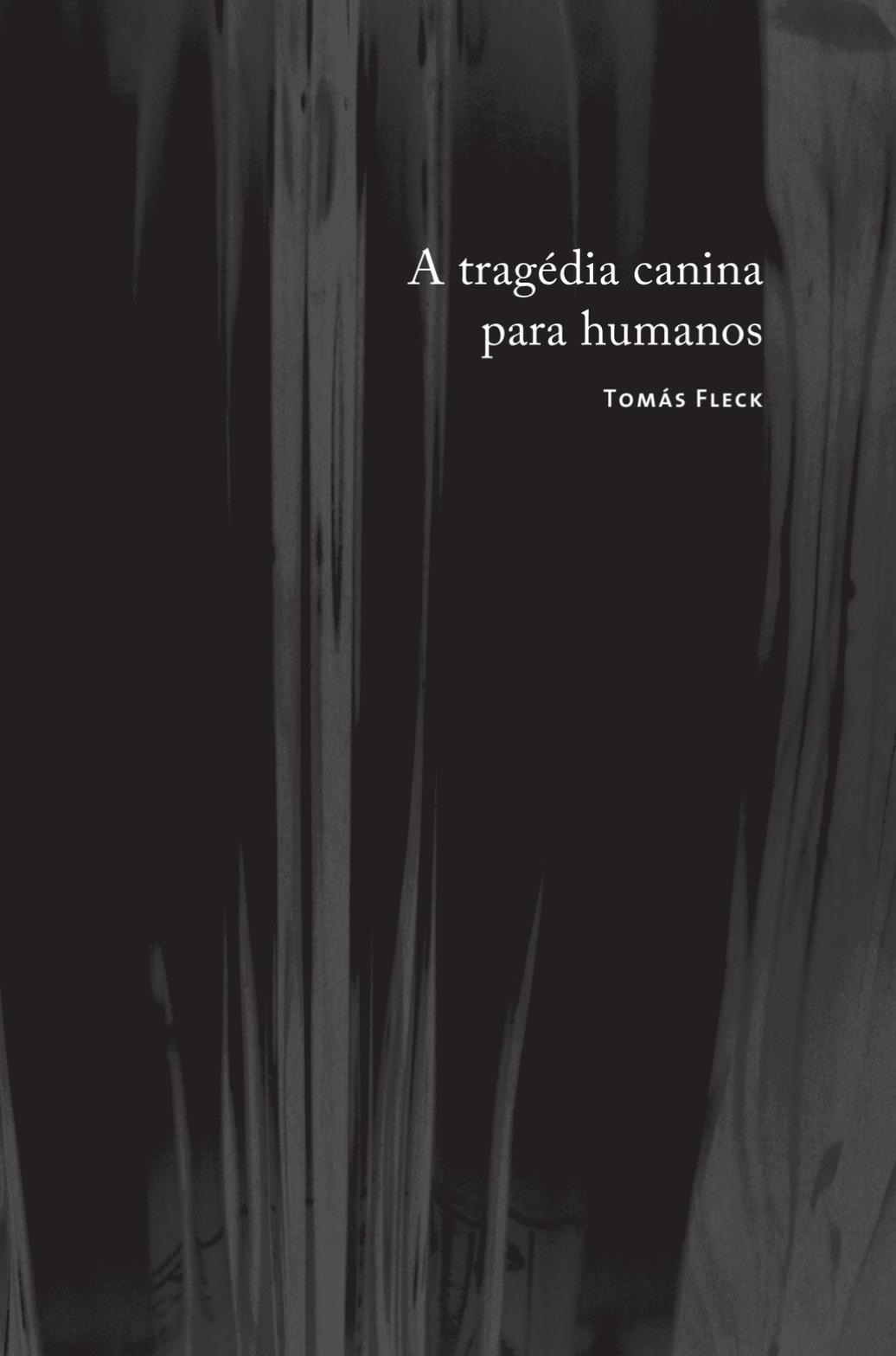
**ELA** – certeza? nenhuma.

**ATRIZ** – agora, sim.

**ATOR** – um brinde.

**ATOR, ATRIZ e P** – à dúvida.

**ELA** – à dúvida.



A tragédia canina  
para humanos

TOMÁS FLECK



## Personagens

TOBBY, um cão vira-latas que vive com a dona.

A DONA, dona de Toby.

O FILHO, filho da dona de Toby.

O VIGILANTE, o vigilante sanitário.

LOLA, uma labradora amiga de Toby.

O DONO DE LOLA, morador do bairro e dono de Lola.

FLOCÃO, um cão sábio e sem dono.

O GAROTO, filho do dono de Lola.

## Lugares

Casa de Toby: cozinha, quarto, sala.

Ruas do bairro de Toby.

O Armazém.

## Ato 1

### CENA 1 – NA CASA DA DONA

(De um lado do palco está TOBBY, o cão vira-latas.

Do outro está A DONA, 35 anos, a dona de TOBBY.

Há terra batida no chão devido ao fato de que as ruas não são de asfalto. O chão range em algumas partes, e o assoalho dá impressão de que pode quebrar a qualquer momento. Está chovendo e há baldes em diversos cantos para segurar as goteiras. A água que cai das goteiras é marrom.

TOBBY se aproxima da DONA. Ela olha para ele com um semblante que mescla culpa e raiva. Faz um gesto para ele parar. Ele obedece. Ele retorna para o canto da casa de onde saiu, bebe um pouco da água que pinga no balde. E se aproxima da plateia.)

**TOBBY** – Para A Dona, minha eterna dona. Eu tentei lutar pra que a gente ficasse juntos. Mas faz algum tempo que eu percebo que você não me olha do mesmo jeito. Na verdade, desde que O Vigilante bateu na porta, você mudou. Apesar de não falarmos o mesmo idioma, dividimos o mesmo teto. Apesar do teto estar cheio de furos, ele me dá água de beber. Apesar de a água ser totalmente suja devido às telhas que comportam a água da chuva e servem de casa pra larvas, eu não me seguro quando vejo um balde cheio. Talvez seja isso que chamam de instinto. Talvez eu queira que você volte a dizer “Não, Tobby! Isso faz mal pra você!”. Sei lá. Eu lembro quando a gente pulava de um lado pro outro. Quando eu ia pra rua durante o dia, e de noite você vinha gritar meu nome e eu quase voava nos seus braços, de pata suja e tudo. De quando você me achou no matinho aqui nos fundos – e seu marido recém tinha ido embora.

Seu filho se tornou um grande amigo. Uma vez eu ataquei um quero-quero que gritava pra ele. Eu fiz amor com uma cadela de raça no intuito de trazer filhotinhos mais bonitos pra brincar com ele. Minha amiga Lola me contou que “vi-

ra-latas” não era uma raça. E essa foi a solução que encontrei para trazer um sangue mais puro pra vocês. Eu via que outros tinham inveja da nossa relação e eu jamais pensei que ela terminaria. Mas parece que está chegando ao fim. Só queria dizer que amo você. Eu espero que não doa tanto pra você como dói pra mim.

(Enquanto o cão fala, A DONA pode estar fazendo um jantar. Ao que ele termina, ela chama pelo FILHO.)

**A DONA** – Filho, vem comer!

(O FILHO se aproxima da mesa.)

**A DONA** – Lavou as mãos?

**O FILHO** – Ahh, mãe.

**A DONA** – Deixa eu cheirar.

**O FILHO** – Tá.

**A DONA** (cheira) – Cheiro de cocô. Vai lavar.

**O FILHO** – Ah, mãe!

**A DONA** – 10, 9, 8, 7...

(O FILHO corre e volta rapidamente.)

**A DONA** – 3, 2, 1. Seria mais rápido se você tivesse lavado antes, né?

**O FILHO** (com a boca cheia, fala algo que não dá pra entender.)

**A DONA** – Quê?

**O FILHO** – Toby! Vem cá.

(TOBBY olha, mas não vai.)

**O FILHO** – Toby!

**A DONA** – Deixa ele.

**O FILHO** – Que que ele tem?

**A DONA** – Nada.

**O FILHO** – Mas ele sempre gosta de vir comer.

**A DONA** – Ele tá chato.

**O FILHO** – Ele tá triste.

**A DONA** – Uma vez eu ouvi falar que bicho é diferente de gente quando fica doente.

**O FILHO** – Ele tá doente?

**A DONA** – Acho que tá.

**O FILHO** – Como você sabe?

**A DONA** – Gente fica pedindo ajuda quando fica doente. Cachorro fica esquivo. O Toby tá esquivo.

**O FILHO** – Você tá tratando mal ele.

**A DONA** – Quê?

**O FILHO** – Por isso ele tá assim. Ele não tá doente.

**A DONA** – Como você sabe, doutor?

**O FILHO** – Se ele tá doente, por que você não dá remédio pra ele?

**A DONA** – A gente só tem remédio de gente. Não funciona nos bichos.

**O FILHO** – Por quê?

**A DONA** – Não sei. O corpo deles é diferente.

**O FILHO** – Mas eles comem a mesma janta. Dormem na mesma hora. Gritam quando querem atenção.

**A DONA** – Acho que eles são meio misturado. Às vezes eles são meio gente, e às vezes são meio lobo. Lobo também gosta de comida boa.

**O FILHO** – Lobo uiva. O Toby não uiva. Né, Toby?

**TOBBY** (Uivo.)

**A DONA** – Não incentiva ele! Quando era menor, ele uivava, mas eu dei umas chinelada que ele parou.

**O FILHO** – Qual é o problema de uivar? Deve ser isso. Ele tá triste porque quer uivar. Tu mesma disse que ele é meio lobo.

**A DONA** – Ele me acordava toda santa noite. Imagina isso. Você cuidar dele e não conseguir dormir.

**O FILHO** – Mas daí não mata o instinto dele?

**A DONA** – Que que você sabe de instinto de cachorro?

**O FILHO** – Na aula de biologia, a professora falou que instinto faz o bicho sobreviver. Ele sabe quando precisa fugir, se esconder. E também fica na porta de casa meia hora antes de você chegar, te esperando. Como ele ia saber isso?

**A DONA** – Hm. É. Talvez mate o instinto dele. Pra preservar o meu: dormir. Se eu não durmo, ele não come. Nem você.

**O FILHO** – Você acha que a gente também tem instinto? Eu nunca sei dizer quando você tá chegando.

**A DONA** – Acho que todo mundo tem. Eu sempre sinto quando você precisa de mim. Chamam de instinto materno.

**O FILHO** – E será que o instinto materno do Toby não tá mandando ele ficar doente?

**A DONA** – Instinto materno é coisa de mãe.

**O FILHO** – Se o instinto materno quer uma coisa, mas o bicho faz outra, ele deve ficar fraco. Que nem quando eu tô com sono e tu manda eu comer.

**A DONA** – Ele fica fraco se não come. E a gente dá comida pra ele. E é isso que importa pra ele. E você precisa comer também pra parar de falar essas bobagens.

**O FILHO** – Tô com sono.

**A DONA** – Come teu milho e depois dorme. Divide com o Toby.

(O FILHO corta um pedaço do milho e joga-o para TOBBY.  
O cão cheira o milho e começa a mastigá-lo inteiro.)

**TOBBY** (para a plateia) – Eu não entendia muita coisa do que eles falavam. Era mais o tom. Lembram que eu falei que tudo mudou quando o Vigilante chegou? Então, foi aí que eu tive que me afastar. E agora outro vigilante vai chegar. Eu tô sentindo isso há uma meia hora já. Sabe... Bicho quando nasce aprende que tem uma função: servir ao dono. Quando a gente não pode servir, e só ser servido, a gente se afasta. Não faz sentido se unir quando só se usa do outro. Mas voltando ao Vigilante. Eu precisei me afastar depois que eu vi ele pela-

(SOM DE CAMPAINHA.  
O cão para de falar e se afasta.)

**O FILHO** – Quem é?

**A DONA** – Se esconde com o Toby.

(O FILHO pega o cachorro e leva-o para debaixo da mesa. Um lençol é jogado por cima da mesa, que passa a representar uma cama. O FILHO e TOBBY deitam-se embaixo, com os corpos escondidos pelo lençol. A DONA abre a porta e O VIGILANTE entra.)

**O VIGILANTE** – Boa tarde, senhora.

**A DONA** – Boa tarde.

**O VIGILANTE** – Eu trabalho na vigilância sanitária.

**A DONA** – Sim... Outro funcionário de vocês veio aqui antes.

**O VIGILANTE** – Então, moça. Se a gente foi mandado vir aqui de novo é porque a senhora talvez não tenha entendido alguma coisa. Tá tendo reclamação da vizinhança dizendo que a senhora tá escondendo cachorro aí.

**A DONA** – Deve ser outra casa.

**O VIGILANTE** – Aqui é o número 84?

**A DONA** – É.

**O VIGILANTE** – Vou tentar explicar melhor: tem muito cachorro aqui e os bicho tão tudo pegando uma doença chamada leishmaniose, que passa pra gente. O ideal é que a gente recolha os bichinho e leve eles pra...

**A DONA** – Matem eles?

**O VIGILANTE** – É eutanásia que chama. É um procedimento comum de se fazer. Eles não sentem dor nenhuma.

**A DONA** – Mas morrem.

**O VIGILANTE** – É pro melhor.

**A DONA** – E as famílias deles?

**O VIGILANTE** – As famílias ficam livres de pegar doença.

**A DONA** – Não tô falando disso.

**O VIGILANTE** – Logo vêm outros. Isso passa. A doença que não passa fácil, não.

**A DONA** – Como vocês sabem que os bicho tão doente? Eu perguntei pro outro vigilante que veio aqui e ele falou que ia ver e depois me responder. Mas daí mandam um novo rapaz aqui pra falar a mesma coisa.

**O VIGILANTE** – Não sei bem quem é o outro que veio, mas é bastante gente que trabalha pra isso. E não é nossa função

explicar nada. O que eu tô fazendo aqui é uma gentileza. Eu não precisava tá aqui.

**A DONA** – Qual é a função de vocês?

**O VIGILANTE** – Cuidar.

**A DONA** – Cuidar?

**O VIGILANTE** – É. A gente cuida da comunidade. A gente leva embora o que faz mal pra ela.

**A DONA** – Isso não faz sentido pra mim.

**O VIGILANTE** – O que a gente faz é uma medida preventiva. Tem uns cachorros doentes. E eles ficam passando doença entre si. E depois passam pra nós. A gente vai tá eliminando todos pra que não tenha problema.

**A DONA** – Não tem teste pra fazer? Pra ver se tão doente mesmo?

**O VIGILANTE** – Olha, dona, eu só tô fazendo o que mandam.

**A DONA** – Claro, moço. Mas meu cachorro não tá aqui agora, não. Foi pra rua fazer as necessidades.

**O VIGILANTE** – Posso ver dentro da casa?

**A DONA** – Não.

**O VIGILANTE** – Vai ser mais fácil se a senhora ajudar. Depois podem querer entrar à força. Se a senhora não tem nada a temer, deixa eu olhar e avisar que não encontrei nada.

**A DONA** (hesita) – Entra.

(O VIGILANTE entra. Observa o local.)

**O VIGILANTE** – Bonito aqui.

**A DONA** – Obrigada.

**O VIGILANTE** – Tava fazendo janta?

**A DONA** (confusa) – É.

**O VIGILANTE** – É só esses cômodos aqui mesmo?

**A DONA** – Sim.

(O VIGILANTE olha bem para tudo.

Um milho rola debaixo da mesa para perto da plateia.

A DONA percebe.

O VIGILANTE também.)

**O VIGILANTE** – Eu posso olhar-

**A DONA** – O senhor pode me dar licença? Eu quero terminar de comer.

**O VIGILANTE** – Eu preciso terminar meu trabalho aqui, dona.

**ADONA** – O que você quer?

**O VIGILANTE** – Posso ver o que tem embaixo da-

(O FILHO sai de baixo da cama; confuso, pega o milho.)

**ADONA** – Meu filho. Ele ficou com medo de quem tava batendo na porta a essa hora e se escondeu.

**O VIGILANTE** – Oi, pequeno. Tudo bem?

**O FILHO** – Que que você quer?

**O VIGILANTE** – Nada.

**O FILHO** – Tô com medo, mãe. Tá me dando dor de barriga.

**O VIGILANTE** – Fica tranquilo, garotão. Eu sou amigo. Você é o homem da casa, é?

**ADONA** (para O VIGILANTE) – O senhor pode dar licença?

**O VIGILANTE** – Entendi, dona. A senhora me desculpe caso tenha lhe importunado. O pessoal da vigilância tá tudo ali no armazém do Bolinha. Leva teu cachorro lá amanhã.

(O VIGILANTE se vira para ir embora. Mas volta.)

**O VIGILANTE** – Sorte sua que você tem um filho pequeno.

(O VIGILANTE SAI. A porta é fechada, e, ao se afastar dela, A DONA tropeça em um balde cheio d'água. O FILHO pega os lençóis e o travesseiro e SAI. O ambiente volta a ser uma cozinha. A DONA pega o balde vazio que havia derrubado, aproxima-se da mesa, onde o cão está embaixo. Bate com o balde no chão com muita força, e TOBBY sai correndo para fora do palco.)

**A DONA** (com pesar) – Vai embora e nem pensa em voltar pra essa casa, Toby.

FIM DO ATO 1

## ATO 2

CENA 2 – NAS RUAS DO BAIRRO

(Um ambiente com terra batida, latões de lixo, moscas voando ao redor, pedaços de madeira, canos, lixo, papel e derivados jogados pelo chão.)

(TOBBY está deitado.)

**TOBBY** – Eu não sei o que ela disse. Mas o jeito que ela disse me fez sair de perto. O jeito que ela jogou aquele balde... Quando a gente envelhece, a gente perde um pouco a noção de quando faz alguma coisa errada.

Mas eu tava parado.

Às vezes, ela brigava comigo e me fazia carinho logo depois. Eu ficava confuso. Comecei a querer que ela brigasse comigo porque eu gostava do carinho.

Parecia que ela se arrependia de brigar. O carinho era tão bom.

De qualquer forma, eu senti que eu devia me afastar. Fazia tempo que eu não dormia fora de casa. Ou que eu não via outros cachorros. Nos últimos anos, acabei me afastando dos cães e ficando mais próximo dela, principalmente por causa do filho, que gosta de brincar.

Uma amiga minha tava organizando uma fuga com diversos cachorros pra não serem mortos. E eu precisava explicar pra ela minha posição.

(LOLA, uma labradora, se aproxima.)

**LOLA** – E aí, suicida.

**TOBBY** – Oi. Quê?

**LOLA** – O Flocão me avisou que você tava aqui, dando sopa, do lado da casa da sua dona. Que não queria fugir. Que sua dona te mandou embora.

**TOBBY** – Como é que o Flocão sabe?

**LOLA** – Que que ele não sabe?

**TOBBY** – Verdade. Mas ele pode ficar tranquilo que ela não vai deixar eles me levarem.

**LOLA** – Tão levando todo mundo pro mato e queimando geral. Vão te levar logo.

**TOBBY** – Por que não levaram você?

**LOLA** – Porque eu não tô doente.

**TOBBY** – E eu tô?

**LOLA** – Você tem como provar que não tá?

**TOBBY** – Não.

**LOLA** – Então você tá.

**TOBBY** – Isso não faz sentido. Algum cachorro fez alguma coisa errada?

**LOLA** – Sim. Ficou doente.

**TOBBY** – Tá, como se a gente escolhesse viver uma epidemia.

**LOLA** – A gente não escolhe. Mas a gente que escolhe o que fazer quando ela tá acontecendo.

**TOBBY** – Que inspirador, mestra.

**LOLA** – É sério.

**TOBBY** – Eu vou fazer esse teste que você fez e provar que eu não tô doente.

**LOLA** – Toby, sua dona mal tem dinheiro pra comprar comida.

**TOBBY** – E daí?

**LOLA** – O teste é mil reais. Sabe quanto custa minha ração? Vinte reais. E meu dono reclama ainda.

**TOBBY** – Ela vai dar um jeito.

**LOLA** – E nem tem aqui na nossa cidade. Tem que viajar pra fazer.

**TOBBY** – Eu sou suicida de ficar aqui ou é eles que são homicidas?

**LOLA** – Um pouco de cada. Depende da sua consciência do que tá acontecendo.

**TOBBY** – Às vezes dá vontade de ter um dono rico.

**LOLA** – Eu não tenho culpa disso.

**TOBBY** – Eu não disse que você tem.

**LOLA** – Achei que você tava me alfinetando.

**TOBBY** – Não. Mas eu tô com raiva.

**LOLA** – Eu não tenho culpa.

**TOBBY** – Não tô com raiva de você ter dono rico. Tô com raiva porque você quer fugir.

**LOLA** – Acho que você precisa fazer alguma coisa com essa raiva em vez de ficar espumando por aí.

**TOBBY** – Qual é a única regra que o Flocão nos ensinou, Lola?

**LOLA** – Nunca abandonar o dono.

**TOBBY** – E o que você quer fazer?

**LOLA** – Toby, eu tô organizando isso com todos os cachorros. Mas você... Eu... quero de um jeito animal, se você me entende.

(TOBBY respira fundo.)

**LOLA** – Vão te matar, bicho. Tua Dona vai deixar uma hora ou outra. E eu não quero que isso aconteça.

**TOBBY** – E tu vai abandonar o teu Dono?

**LOLA** – Ele vai ficar vivo sem mim. Já você...

**TOBBY** – Desculpa, Lola. Acho bonita a intenção e tudo. Mas eu não consigo ficar longe dela.

**LOLA** – Bonita a intenção? Cala a boca. Olha o absurdo que você tá falando. Bonita é a sua intenção de querer morrer feito herói da sua dona.

**TOBBY** – É o que eu quero. Ou preciso. Não sei. Talvez eles aprendam com isso.

**LOLA** – Boa, Jesus Cristo dos santos latidos. Só que em vez de cruz, te jogam no mato. E em vez de pedra vai fogo mesmo. Tu tá no corredor da morte achando que tá certo. Os humanos não tão afim de nós nesse momento. Já tiveram? Super. Agora não tão mais. E surpresa: sua dona é humana. Não é como se eles nunca tivessem nos amado. Mas as coisas mudaram. Eles querem mudar. E o querer deles é o nosso “precisar”.

**TOBBY** – Para, Lola.

**LOLA** – Eu acabei de voltar da cidade e lá não tratam a gente que nem lixo.

**TOBBY** – E vamo fazer o que lá?

**LOLA** – Ficar vivo, pra começo de conversa. Daí tu volta depois que acabar esse surto, imbecil. Desculpa. Você não precisa ficar lá pra sempre. Fica vivo pra voltar pra ficar com ela depois.

**TOBBY** – Eu sou da família da minha Dona. Isso não vale nada mais?

**LOLA** – Família é quem nos entende. Não a quem a gente serve.

**TOBBY** – A gente deita com eles, divide teto e tudo. Eles fazem de tudo pra fazer a gente se sentir parte.

**LOLA** – Mas quando o negócio aperta, a gente volta a ser bicho de rua. Meu dono cuida muito de mim, mas eu sei que talvez não vá ser assim por muito tempo. A filhinha dele é pequena e é apegada. O filho é jovem e também gosta muito de mim.

**TOBBY** – Que que o Flocão disse?

**LOLA** – Que isso já aconteceu antes. Mas ninguém viveu pra contar história. E demoraram tanto pra trazer vacina que os bicho tavam tudo na cova, já. Quem tava vivo também não se recuperou, porque, quando chegou, deram só pra humano.

**TOBBY** – Que que aconteceu com o “Eu sirvo minha Dona”?

**LOLA** – Envelheceu.

**TOBBY** – A minha serventia pode ter envelhecido, mas não morreu.

**LOLA** – A tua Dona te mandou embora porque ela sabe que vão te matar.

**TOBBY** – Então ela fez por amor.

**LOLA** – Que fofo.

**TOBBY** – Que merda. Tá muito forte isso dentro de mim.

**LOLA** – Eu quero você comigo e te imploro pra vir junto. E pode ser que eu esteja sendo totalmente egoísta.

**TOBBY** – Você tem razão.

**LOLA** – Então, vamo?

**TOBBY** – Você tá sendo totalmente egoísta.

(TOBBY vira as costas.)

### CENA 3 – NO ARMAZÉM

(A DONA, O DONO DE LOLA e O VIGILANTE estão no armazém.)

**A DONA** – Oi, pessoal.

**O DONO DE LOLA** – Opa. Tudo joia?

**A DONA** – Joia.

**O VIGILANTE** – Trouxe teu bicho?

**A DONA** – Que que vocês querem pra deixar ele em paz?

**O VIGILANTE** – Como assim?

**A DONA** – Eu não tô disposta a entregar ele.

**O DONO DE LOLA** – Olha, dona, eu também tenho uma cadela. Uma labradora linda. Minha filha de 4 anos vive agarrada no bicho. Meu filho da idade do seu cresceu junto com a cadela. É foda, mas é a epidemia que chegou.

**A DONA** – Você deu a sua cachorra? Pra morrer?

**O DONO DE LOLA** – Então. Não, mas gastei mais de mil conto pra fazer testes e ver se ela tava doente.

**A DONA** – E?

**O DONO DE LOLA** – Não tá. Aí vacinei também. Deu 2.000 só uma dose, aí ela pode ficar na rua.

**A DONA** – Daí você pode ficar com ela? E a política de prevenção?

**O VIGILANTE** – Eu só tô fazendo o que me mandam, dona. O mestre aqui foi até a cidade, conseguiu um comprovante da veterinária pra provar que a Lola não tava doente. E ainda vacinou a cadela.

**A DONA** – Gente, como eu vou conseguir mil pila pra isso?

**O VIGILANTE** – Por isso. É mais fácil entregar o bicho, e não se fala mais nisso. Tá todo mundo entregando.

**O DONO DE LOLA** – Eu tenho filha pequena, dona. Imagina se ela pega a doença do seu cachorro. Que que vai ser da menina?

**A DONA** – Meu cachorro não tá doente.

**O DONO DE LOLA** – Você não pode afirmar isso.

**A DONA** – E eu vi na internet que é as mosca que mordem os bicho e depois mordem a gente. Nem doente eles passam o vírus pra nós.

**O DONO DE LOLA** – E mosca a gente tem de sobra. Você vai exterminar todas? As que tão no mato no meio do lixo? Se queimar tudo de repente mata algumas. Mas e daí? Só aqui já vi 5 moscas voando. Me picaram duas vezes. Eu posso tá doente por causa de você.

**A DONA** – E se a gente pede pra prefeitura?

(O DONO DE LOLA ri.)

**O DONO DE LOLA** – Aí eles vão te ouvir que nem ouviram quando a gente pediu mesa pra escola.

(LOLA chega no recinto.)

**O DONO DE LOLA** – Olha quem tá aqui.

(Eles fazem carinho na LOLA.)

**A DONA** – A gente tá falando de animal de estimação aqui, gente. Bicho que sente, se apega a gente. Olha tua bichinha!

**O DONO DE LOLA** – Mas é bicho.

**A DONA** – É fácil você falar isso. Sua cachorra tá livre.

**O DONO DE LOLA** – E eu trabalho que nem um desgraçado pra isso.

**O VIGILANTE** – Fiquem calmos. Tudo isso é pensando no bem-estar de vocês.

**A DONA** – Nos tratando como se a gente fosse bicho? Como se a gente não pudesse sentir carinho pelo cachorro? Nos enchendo de desinformação?

**O VIGILANTE** – Se a gente tratasse que nem bicho você não tava aqui falando.

**O DONO DE LOLA** (para A DONA) – Cê tá ignorando a doença toda. E as crianças?! Você tem filho, não tem?

**A DONA** – E eu quero que ele possa brincar com o cachorro dele.

**O DONO DE LOLA** – Tô receoso com você colocando todo mundo em perigo. Entrega teu cachorro e acaba logo com isso. E como você sabe que o que tu viu na internet é verdade?

**A DONA** – Tirem o Toby de mim, então.

**O VIGILANTE** – A senhora não tá entendendo. O problema não é a gente fazer eutanásia no seu bichinho. O problema é o povo se irritar e acabar machucando seu filho. Querendo seu mal... Já ouvi muita ameaça por aqui, moça.

**O DONO DE LOLA** – Vamo tudo entregar os bicho. Se algum tiver vivo, vai ser um problema pras criança. Se for preciso, eu entrego a Lola também. Você entendeu que eu tô do lado da comunidade. Tô do seu lado também.

**A DONA** – Eu tenho a opção de não entregar o Toby pra morrer, seu vigilante?

**O VIGILANTE** – Tem.

**A DONA** – E por que que eu não consigo ficar com ele?

**O VIGILANTE** – Não entendi, moça.

**A DONA** – Por que eu tenho uma opção, mas ela não é respeitada? Isso não é mais uma opção. É?

**O VIGILANTE** – Acho que não.

**O DONO DE LOLA** – Eu tinha a opção, e eu decidi entregar a Lola. Pela comunidade.

(LOLA se afasta, sai do recinto.)

**O VIGILANTE** – Viu, dona?

**A DONA** – Mas **eu** não decidi. E se eu machucasse vocês, os familiares de vocês, destruísse algumas casas, vocês acham que ajudaria pra eu poder manter meu direito de decidir?

**O VIGILANTE** – Não, dona.

**O DONO DE LOLA** – Agir assim vai dar justificativa pra reagirem com mais força. E a senhora é uma senhora. Com todo o respeito.

**A DONA** – E vocês me ajudariam?

**O VIGILANTE** – O jeito que eu posso ajudar a senhora é avisando, o que já fiz muito. Tô cansado. A senhora me irrita.

**A DONA** – Entendi. Desculpa. Vocês querem ir jantar lá em casa hoje? Daí eu entrego o Toby.

**O VIGILANTE** – Eu prefiro só pegar o bicho.

**O DONO DE LOLA** – Vamo jantar lá. Vamo acabar com essas rugas. Hoje mesmo eu vou dar a Lola também.

**O VIGILANTE** – Tá.

**O DONO DE LOLA** – Até mais, então.

CENA 4 – NA RUA

(TOBBY encontra FLOCÃO, o cão-líder.)

**TOBBY** – Flocão. Eu queria falar com você.

**FLOCÃO** – Hm.

**TOBBY** – Você é o cachorro mais velho daqui, e eu sempre me espelhei no que você ensina.

**FLOCÃO** – Hm.

**TOBBY** – Sobre a gente cuidar sempre da nossa dona, da gente nunca machucar ela sob nenhuma hipótese. Mas eu admito que eu tô com certo medo.

**FLOCÃO** – Medo de quê?

**TOBBY** – Eu acho que vão me matar.

**FLOCÃO** – E daí?

**TOBBY** – E que que eu posso fazer?

**FLOCÃO** – Morre.

**TOBBY** – Mas... Tá. Eu não quero morrer.

**FLOCÃO** – Então não morre.

**TOBBY** – Flocão, seria OK ir embora?

**FLOCÃO** – Você sabe que vai morrer um dia, né?

**TOBBY** – Sim, mas eu esperava que isso acontecesse de forma natural.

**FLOCÃO** – Que que isso quer dizer?

**TOBBY** – Eu fico velho e morro.

**FLOCÃO** – Ah. E o que tem de não natural no outro jeito?

**TOBBY** – É forçado.

**FLOCÃO** – Entendi. Olha... Acho que nossa era acabou.

**TOBBY** – Não é meio exagero isso? Tem cura pra essa doença. A gente pode ser curado.

**FLOCÃO** – Você sabe quantos já foram mortos?

**TOBBY** – Um monte.

**FLOCÃO** – Cinquenta.

**TOBBY** – Ah, eu achei...

**FLOCÃO** – Hoje. No total eu não sei. O que você traz como solução é o que eu vejo como problema.

**TOBBY** – Eu não sei se eu tô entendendo.

**FLOCÃO** – Você diz, com toda a ingenuidade de um labrador, que tem cura, e por isso tudo pode ficar bem.

**TOBBY** – Isso!

**FLOCÃO** – Mas o problema é justamente que **tem cura**. E mesmo assim não tá tudo bem. Continuam matando. O problema não é uma doença. O problema é que eles não querem a gente há um tempo, e a doença ajudou eles.

**TOBBY** – Mas... Quem são eles, Flocão?

**FLOCÃO** – Eu não sei.

**TOBBY** – Claro que sabe.

**FLOCÃO** – Eu não sei, Toby. E não sei quem sabe. E talvez não seja uma pessoa. Talvez seja um gato. Não sei, meu jovem.

**TOBBY** – Por isso você decidiu ficar na rua?

**FLOCÃO** – Como assim, garoto?

**TOBBY** – Você decidiu não ter dono, apesar de falar pra gente sempre cuidar deles. Você decidiu isso porque tem medo de, sei lá, gostar de alguém que não é bom? Porque... você sabe que vai ser bom pra alguém... E dói quando a gente descobre que alguém não é bom pra nós.

**FLOCÃO** – Se você tem dono, você cuida. Se você não tem, não cuida. É simples.

**TOBBY** – Por que você decidiu não ter dono, Flocão?

**FLOCÃO** – Depois que você tem cinco donos que te tratam que nem lixo, você descobre que ser sozinho é um caminho.

**TOBBY** – E se eu for sozinho?

**FLOCÃO** – Que que seu instinto diz?

**TOBBY** – Pra eu ficar com a minha dona.

**FLOCÃO** – Respeita teu instinto. Ele sabe mais do que você.

**TOBBY** – Então por que eu tô com medo?

**FLOCÃO** – Medo não é coisa do instinto. Não respeita teu medo. Respeita teu instinto.

(TOBBY se retira. O FILHO da DONA corre de um lado para o outro. FLOCÃO observa. Um GAROTO maior corre atrás do FILHO da DONA. O GAROTO carrega um pedaço de pau na mão.)

**O GAROTO** – Esse é seu cachorro fedido? (Aponta para FLOCÃO)

**O FILHO** – Não.

**O GAROTO** – Você acha que pode ficar com cachorro doente em casa? Sabe que idade tem minha mãe? Quer que ela morra?

**O FILHO** – Eu não tenho culpa disso.

**O GAROTO** – Meu pai falou que você não quer entregar o Toby. Ele decidiu entregar a Lola, que nem tava doente, porque sua mãe não quis entregar o Toby. Minha irmã menor chorou pra caralho. Meu pai gastou uma fortuna. Você tem noção do estrago que tá fazendo, infeliz?

**O FILHO** – A gente não tem como saber se ele tá doente.

**O GAROTO** – Você acha que o Rubens sabia? Que a Jéssica sabia? O Marcelo? Quem que você tá pensando que é? Quase ninguém tem como saber. Meu pai teve. E mesmo assim decidiu entregar ela.

**O FILHO** – Eu só queria ter certeza.

**O GAROTO** – Ninguém tem certeza de nada. E você não vai ter certeza pra minha família ter risco de vida.

**O FILHO** – Se tua família tá em risco, é culpa de vocês. Quer me bater? Vem. Mas isso não vai mudar nada.

**O GAROTO** – Eu mudei bastante tomando uns tapa. Às vezes precisa ter alguém pra dar. Teu pai não tá aí faz tempo pra te educar.

**O FILHO** – Pra me educar feito você? Que bom que não tá.

**O GAROTO** – É o que a gente vai ver.

(O GAROTO se aproxima do FILHO com o pedaço de pau e está prestes a bater nele. FLOCÃO corre até O GAROTO e rouba o pedaço de pau dele. O FILHO dá um soco na cara do GAROTO, que, distraído, observa FLOCÃO com o pedaço de pau. O GAROTO revê-lo e dá um soco no FILHO, que cai no chão.)

FIM DO ATO 2

### ATO 3

CENA 5 – NA CASA DA DONA

(A DONA entra em casa. Uma goteira volta a cair. A DONA coloca o balde ali. O FILHO está ali. TOBBY está em um canto da casa. Ela os observa por um tempo. Ao fundo, ouvimos sons de cachorros uivando e rugidos baixos.)

**A DONA** – Como você tá, filho?

**O FILHO** – Melhor.

**A DONA** – Amanhã isso vai parar. Eu vou falar com todo mundo da escola.

**O FILHO** – Tanto faz.

**A DONA** – Como tanto faz?

**O FILHO** – Se parar, legal. Senão, eu me escondo. Eu sei quando alguma coisa ruim vai acontecer.

**A DONA** – De novo com esses papo de instinto?

**O FILHO** – Não. Às vezes, só é óbvio.

**A DONA** – Você sabe que é por causa do Toby.

**O FILHO** – Sei, sim. Ele tá doente mesmo. Ele não quer ficar perto porque tá com medo de passar doença pra nós.

**A DONA** – É...

**O FILHO** – Eu vou pro meu quarto.

**A DONA** – Tá bom. Dois amigos da mãe vêm jantar aqui hoje, mais tarde.

**O FILHO** – Eu tenho que tá junto?

**A DONA** – Não. Pode ficar no quarto.

**O FILHO** – Tá. Te amo.

**A DONA** – Eu também.

**O FILHO** – Tchau, Toby.

**TOBBY** – Tchau.

## CENA 6 – A CAMINHO DO JANTAR

(O VIGILANTE e O DONO DE LOLA conversam enquanto estão perto da casa da DONA.)

**O DONO DE LOLA** – Vai ser coisa rápida. É melhor que a gente jante com ela e depois ela entregue o Toby. É uma boa prática social pra que não tenham mais problemas.

**O VIGILANTE** – Hm. É, eu sou mais de fazer meu trabalho e ir embora. Mas o senhor tem sido um bom parceiro. Acho justo te acompanhar com aquela mulher louca.

**O DONO DE LOLA** – Ela não é bem louca. Mas tá passando por um momento ruim.

**O VIGILANTE** – Se o senhor diz.

**O DONO DE LOLA** – Você já teve cachorro?

**O VIGILANTE** – Já, sim. Mas era tratado que nem bicho. Não que nem gente. Acho que isso que deixa eles mal-acostumados.

**O DONO DE LOLA** – Você tem um ponto.

**O VIGILANTE** – Cachorro não é gente.

**O DONO DE LOLA** – É. Mas a dona dele é.

**O VIGILANTE** – O que você quer dizer com isso?

**O DONO DE LOLA** – Não sei. Mas não foi fácil decidir entregar a Lola. Às vezes, a gente, por ser gente, acaba ficando meio triste demais. E acho que tirar o bicho que a gente gosta é um pouco doloroso pra gente.

**O VIGILANTE** – Pelo menos eu tô com fome.

#### CENA 7 – NA CASA DA DONA

(A DONA está com TOBBY. Tudo o que TOBBY diz não é compreendido pela DONA, e vice-versa. Os sons dos rugidos e uivos continuam. Eles vão aumentando conforme a tensão cresce.)

**A DONA** – Toby, querido. Eu amo você. Por isso eu mesma tenho que acabar com tudo. Que se alguém te matar, que seja eu. E espero que vá ser sem dor.

(A DONA olha para o cão. Pega uma faca afiada de cozinha. O cão permanece imóvel.)

**A DONA** (Tentando acreditar nas próprias palavras.) – Por que você não foge, cretino? Por que você fica me olhando, achando que tem algo de bom que essa terra ainda pode te dar? Por que você faz isso, bichinho? Você é bicho! Não sente!! Mas eu também sou bicho pra eles. Eu também não sinto.

**TOBBY** – Eu não entendo o que você diz.

**A DONA** – Não chora. Não é por mal. Imagina a cara deles quando te verem morto aqui.

(A DONA chora.)

**TOBBY** – Você tá chorando.

**ADONA** – Caceta. Vou no pescoço? Mato feito galinha? Feito porco? Você vai gritar? Que que é pior? Matar quem tu ama ou deixar que os outros matem?

**TOBBY** – Você quer me esfaquear?

**ADONA** – Eles que são a doença dessa comunidade. Essa população que tá doente.

(TOBBY se aproxima da DONA.)

**TOBBY** – Tá tudo bem. Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

**A DONA** – Você é tão jovem. Não sei. Tua idade nunca foi passível de compreensão, mas é um menino. Tem energia de menino. Isso não se mede. Vai pro céu dos cachorros, espero que seja bom. Muita comida e sem goteira nenhuma.

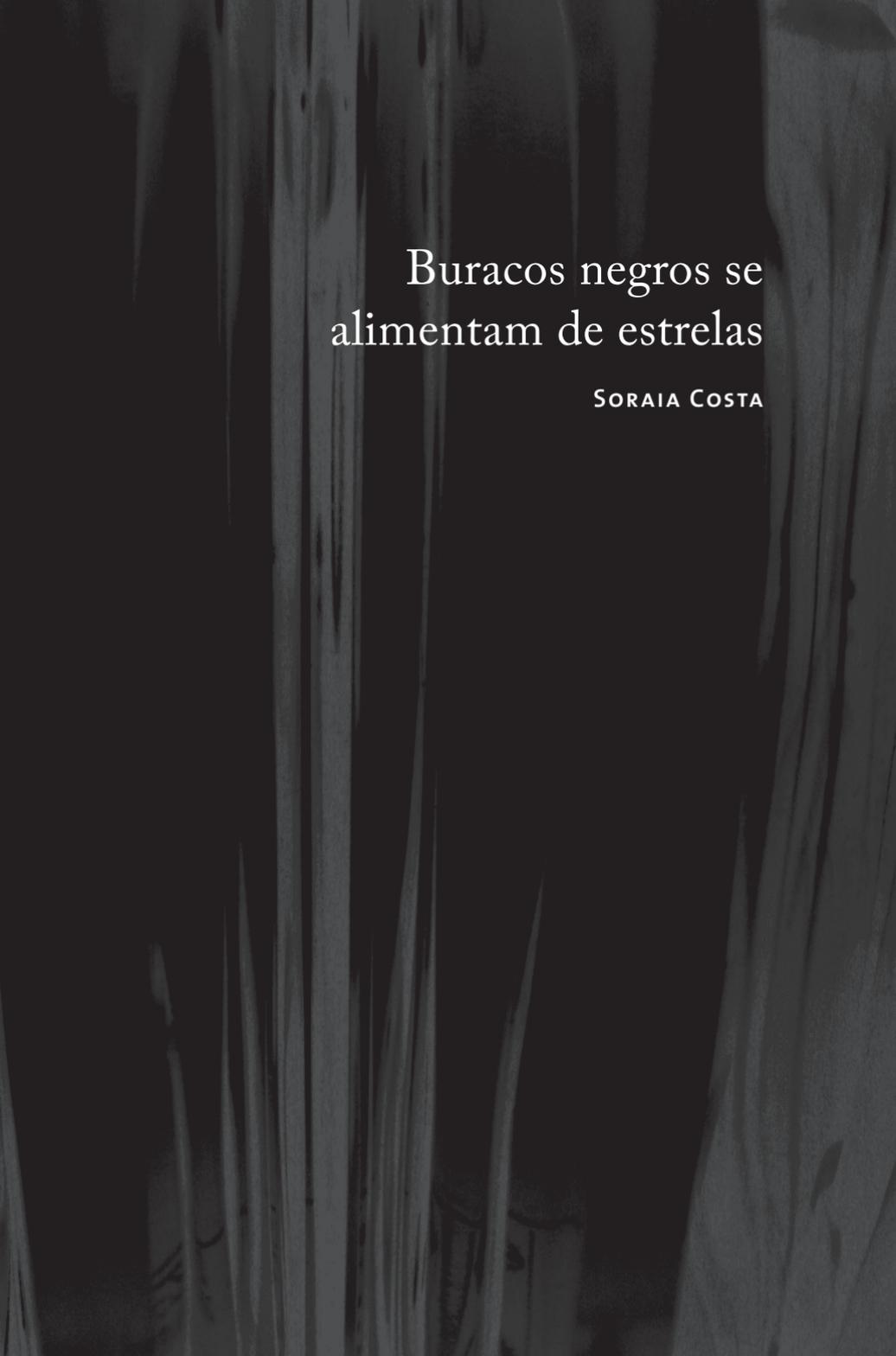
**TOBBY** – Só queria dizer que amo você.

(O som dos rugidos e latidos de cães chega ao volume máximo. A porta da casa é destruída. Diversos cães entram à força (LOLA e FLOCÃO estão entre eles). Eles atacam A DONA, mordem-na. Estrçalham-na. As goteiras pingam sangue. TOBBY caminha para a frente do palco enquanto destroem tudo ao redor.)

**TOBBY** – Para minha eterna dona. Eu tentei lutar pra que a gente ficasse juntos. Mas parece que está chegando ao fim. Eu espero que não doa tanto pra você como dói pra mim.

(Os sons de uivo e rugido cessam. A campainha toca, e os cachorros olham para a porta.)

FIM



Buracos negros se  
alimentam de estrelas

SORAIA COSTA

*“O que chamamos de começo  
é muitas vezes o fim  
E chegar ao fim é também o princípio  
O fim é o lugar de onde começamos. [...]  
Vê, elas partiram e nós as seguimos.  
Nascemos com os mortos.  
Vê, elas voltaram e nos trazem consigo.”*

(T. S. Elliot)

*A organização das cenas assim dispostas não reflete uma linha temporal fechada. As cenas foram escritas em tempos diferentes e em tempos diferentes podem ser rearranjadas. Inclusive, cada noite, toda noite, porque assim acontece, as coisas são sempre iguais, mas toda vez é diferente. Exceto a primeira e a última. Porque há exceções, inevitavelmente.*

### TIME IS LIFE

**SIRI** – Laudo liberado perante senha.

**ELA** – Oi. Boa noite. Eu relutei muito pra vir aqui. Não sei se vai ser a última. Desculpe, eu tô nervosa.

É exaustivo contar muitas vezes a mesma história. A minha história.

**ELE** – Se é exaustivo contar, imagine ouvir! (Está mexendo numa máquina engenhosa.)

**SIRI** – Corpos vertebrais com alinhamento, morfologia e textura óssea preservados.

**ELA** – Eu sinto que a gente precisa ser contextualizado. Seria bem prático se as pessoas andassem nas ruas com camisetas especificando coisas como seu nome, idade, o que gosta de comer, do que tem medo... porque aí, assim, eu já sei se o meu medo encaixa na vida do outro também. Isso é fundamental. Porque no fim não são os sonhos em comum que unem as pessoas.

**ELE e ELA** – São seus traumas.

**ELE** – Já existe um *app* que faz isso.

**ELA** – É?

**ELE** – É.

**SIRI** – Retificação da curvatura distal do cóccix.

(Em outro momento do espetáculo, eles usarão camisetas com escritos. Um deles usará uma camiseta escrito “eu sei que o meu cadaço está desamarrado”).

**ELA** – Ah. Bom. Quando estou no banco, numa fila há 24 minutos e 20 segundos, e o tempo máximo de espera que eles sugerem é de 20 minutos, eu sinto que esses 4 minutos e 20 segundos me foram roubados. 4 minutos e 20 segundos roubados da minha vida. Eu preciso explicar, por mais que seja exaustivo, eu preciso contextualizar porque esses 4 minutos e 20 segundos fazem e farão uma puta falta na minha vida.

**ELE** – Para Einstein, se dois indivíduos se movem diferentemente, eles experimentam também tempos diferentes.

**ELA** – Então a sensação de tempo é ainda mais relativa quando se trata de filas, onde há uma massa cuja bunda está esparrramada no assento de uma cadeira debaixo do ar-condicionado e outra massa cujas pernas inchadas de tanto estar em pé, os pés latejando em sapatos apertados e um número de senha 874 quando ainda estão chamando o 836 que precisou ser chamado 5 vezes, o filho duma rapariga, já daria tempo de eu

ter feito meu depósito até a desgraça chegar à boca do caixa, é sentido de forma diferente.

**ELE** – Os bancos são uma dimensão à parte no Universo. Bancos e repartições públicas. Einstein provavelmente estava tirando uma segunda via do seu RG quando se inspirou para a Teoria da Relatividade!

**ELA** – Eles querem decidir como eu invisto meu dinheiro, eu quero decidir como eu invisto meu tempo!

**ELE** – Ohhh, dava pra encaixar um *publipost* aqui, hein?

**ELA** – É meu direito usar esses 4 minutos e 20 segundos como EU quiser.

**SIRI** – Espaços discais com altura normal.

**ELE** – *Time is money.*

**ELA** – *Time is life!* São os MEUS 4 minutos e 20 segundos pra colocar no *snooze* do despertador pela manhã, pra dar tempo de corar um pouco mais a batata no forno até formar uma casquinha crocante marrom, em 4 minutos e 20 segundos eu marco o eletrocardiograma, assino o aviso de excursão da escola, limpo a pata do cachorro que pisou num cimento fresco na rua, imortalizando-se na calçada da fama da Vieira de Carvalho, abro uma reclamação na 99 porque o motorista que cancelou e não eu, e coloco roupa na máquina de lavar!

**ELE** – Você não vai fazer nada disso nesses 4 minutos e 20 segundos. Você vai fazer é NADA.

**ELA** – Mesmo que eu usasse meus 4 minutos e 20 segundos pra fazer nada, eles ainda são meus.

**ELE** – Você vai ficar no Instagram vendo aquele chinês que conserta tudo com miojo. Em *looping*.

**ELA** – E fascinada porque ele coloca o tempero!

**ELE** – O que são 4 minutos e 20 segundos numa vida de... sei lá... 75 anos?

**ELA** – Não sei, só vou saber quando tiver 75 anos e por esses minutos e segundos eu não conseguir, por exemplo, me despedir do meu filho.

**ELE** – Não sabe ou se esqueceu?

**SIRI** – Pedículos íntegros.

**ELA** – Mas eu vou viver até os 99, uma cigana me disse.

**ELA e ELE** – E vou morrer puta porque vão faltar só 2 dias pra minha festona de 100 anos.

**ELE** – Se é exaustivo contar, imagine ouvir.

**SIRI** – Durante esta cena, vocês acabaram de perder 4 minutos e 20 segundos irrecuperáveis das suas vidas.

**ELE** – Há exatos 20 anos, era uma tarde quente de verão. Terça-feira, acho que no mês de fevereiro. As aulas tinham começado, já. Não. Era quarta. Porque a mãe dela pegava marmitex de feijoada. Ela comeu a feijoada e foi dormir. Acho que na rede. Não, foi no quarto dela. No quarto tinha duas camas de solteiro. Duas camas cor-de-rosa. Ela dividia o quarto com a irmã. A cama da direita era encostada na parede, e a da esquerda ficava ao lado da cortina. Uma cortina branca, um tipo de voal, mas tinha renda também. A cortina era grande, tomava a parede da esquerda toda, e pra lavá-la era um sacrifício. Sua mãe precisava subir na escada e desencaixar trilho por trilho pra conseguir remover a cortina. Por isso lavava uma vez só por ano. Ela tinha rinite alérgica. A irmã, a primogênita, dormia na parede. Ela, da rinite, dormia com a cortina. Quem chega primeiro escolhe a cama, né? Mas essas sonecas da tarde, quando batia a malemolência, ela dormia na cama da irmã, e encostava o corpo na parede gelada pra se refrescar. Caso contrário, seria impossível dormir à tarde em pleno verão no interior de São Paulo e ainda depois de uma feijoada. Ah, ela tomava anticonvulsivos. Às vezes ela esquecia se tinha tomado ou não; nessa tarde ela tomou uma dose dupla, pra garantir. A irmã sempre sabia quando ela tinha dormido na cama dela, porque toda vez que ela dormia ali, recostada na parede, ela arranhava a parede. Principalmente com as unhas dos pés, era meio nojento. **Foi nessa tarde que ela foi abduzida.** (Barulhos da máquina de raio X, aliados ao sons de planetas e materiais do espaço captados pelas sondas Cassini, Voyager e satélites, intensificam-se.)

**SIRI** – Encontrado material de densidade metálica em projeção lateral esquerda da coluna lombossacra. Material de cunho desconhecido.

(Cenas de abdução, misto de vídeo, som ao vivo, luzes piscando, neon. Atmosfera de medo. É projetada a imagem de um desenho em uma parede, que lembra um extraterrestre. Ela arranhou a parede com os pés enquanto dormia, formando o desenho. A imagem existe no quarto da atriz em Limeira-SP.)

**DEFEITO**

**ELA** – Quanto tempo mais você precisa?

**ELE** – Não sei.

**ELA** – Não sabe fazer, não sabe quanto tempo ou não quer fazer?

**ELE** – Se você continuar perguntando, vai demorar mais ainda.

**ELA** – Não parece estar certo. (Analisando a máquina.)

**ELE** – É porque o que estou construindo é um defeito!

**ELA** – É, tem mais cara de defeito mesmo.

**ELE** – Olhe para esse espaço: quantas dimensões você vê?

**ELA** – (tempo) Ahnnn... largura, altura e profundidade, certo?

**ELE** – Certo. Mas e se houvesse uma trinca na parede?

**ELA** – Eu acho que era bom chamar alguém porque pode ser infiltração.

**ELE** – Siri, e se houvesse uma trinca na parede?

**SIRI** – Uma trinca representa uma quarta dimensão! Uma das formas mais conhecidas de “trincas” no *continuum* espaço-tempo é o buraco negro.

**ELE** – No buraco negro, o espaço-tempo se dobra ao redor dele mesmo. Isso significa que a gravidade ali é tão intensa que distorce o tempo no Universo, dando a impressão de estar parado em relação ao tempo da Terra. E aí, nessa quarta dimensão, pode estar a trinca, a fenda.

**ELA** – Fenda?

**ELE** – Sim, uma fenda onde seria possível se projetar num espaço-tempo diferente do qual você se reconhece agora.

**ELA** – E com o tempo estagnado seria possível mexer na sua linha cronológica? Daria pra alterar o passado e, com isso, o futuro?

**ELE** – Se o viajante no tempo alterasse algum evento passado com o objetivo de mudar o futuro, assim que o fizesse, deixaria de existir o motivo original e, conseqüentemente, a própria viagem. O motivo da viagem é sua causa, se ele

desaparecer, a viagem, que é seu efeito, também desaparece. Existem vários paradoxos em relação à mudança de eventos na linha cronológica, por exemplo, se matarem seu avô na infância, você não vai existir, ou, se o viajante volta e impede que a tecnologia que o levou para o passado seja inventada, a viagem fica inviável ou, o mais assustador, o viajante é pego num ciclo de eventos que o deixa preso num espaço-tempo e sem encontrar uma saída (*respira fundo*) ele vai vivendo igual a você fazendo nada...

**ELA** – Em *looping*.

**ELE** – Exato, fazendo nada ou tentando fazer qualquer coisa pra sair dali, em *looping*. Talvez existam universos paralelos possibilitando que as alterações nos fatos passados possam gerar futuros alternativos... Como também é possível que uma linha temporal esteja acontecendo, entre antes, durante e depois, toda ao mesmo tempo. Ao simular por esta máquina (*aponta o experimento*) o campo gravitacional de um buraco negro, estamos tentando provar...

**ELA** – Provar? O problema dos cientistas é que eles só procuram provas para confirmar que estão certos, jamais vão procurar meios de provar que estão errados.

**ELE** – Quanto a isso é impossível provar o contrário!

**ELA** – Vamos jogar?

**ELE** – Mas já? Ainda nem...

**ELA** – (tempo) Eu conheço um jogo.

**ELE** – Eu conheço uma infinidade de jogos. Já zerei a maioria deles.

**ELA** – Este jogo você não conhece. Meu pai que inventou. Não sei se foi meu pai ou minha mãe.

**ELE** – Não sabe ou não aconteceu?

**ELA** – Meu pai morria de medo de estrada. Ele tinha muito respeito pelo acidente. Ele sabia que um pequeno erro, um defeito, pode mudar tudo. Uma vez a gente estava descendo a serra. Acho que a gente ia pro Guarujá. Sim, pro Guarujá. Toda vez que um caminhão cruzava, eu pensava: é agora que a gente vai cair no abismo. Eu fantasiava o carro rolando, em câmera lenta, meu irmão que estava em pé no meio do carro, ele era pequeno, adorava ficar em pé entre meu pai e minha mãe, era arremessado para fora, estourando todo o vidro da frente. Pequenos cacos voam devagarinho, e a luz que reflete em um vidrinho quase me cega. Minha irmã levita do seu assento, ela bate no teto do carro e volta para o banco diversas vezes. Minha mãe fica presa no cinto, tentando em vão se soltar para salvar meu irmão. Ela era a única que usava cinto de segurança, ninguém usava cinto nem cadeirinha de criança. Naquela época, os pais podiam cuidar dos seus filhos dentro do seu veículo como bem entendessem. Eles não entendiam. Meu pai não tira nem um segundo as mãos do volante. Ele só olha para mim pelo retrovisor. Ele olha para mim e eu olho para ele. Esse era o medo que nos unia. No jogo do espelho, a gente se olha antes da explosão.

**ELE** – É uma espécie de GTA com *Jogos Mortais* ambientado no *Férias Frustradas 2*. Faltou só o Big Ben.

**ELA** – Esse era o meu jogo.

**ELE** – Ah, bom, achei que fosse do seu pai, você realmente teria a quem puxar.

**ELA** – O jogo do meu pai, quando a estrada parecia longa, os filhos já impacientes e o caminho infinito, era adivinhar qual seria a cor do próximo carro a despontar na outra mão. Passava o tempo.

**ELE** – Passaria da mesma forma.

**ELA** – É sempre uma via de mão dupla. Eu sempre acerto. Eu sempre sei o que vem.

**ELE** – Eu vi um acidente na pista. Eu vi vários acidentes na pista. Eu procurava os acidentes na pista. Eles sempre estavam cobertos com plástico preto, os corpos no chão. Eles sangravam para fora do perímetro do plástico. Tinha uma criança, uma criança do meu tamanho.

(Silêncio. Ela se lembra de alguma coisa. Mudança de luz.)

**ELA** – Adeus, enviou o menino por mensagem. “Minha decisão foi tomada, não volto atrás. Ia ser você, mas assim vai doer ainda mais”. Adeus. O socorrista relatou que no local não havia marcas de frenagem na pista. Adeus. O condutor do carro estava com as duas mãos no volante. Adeus. Não aceitava o fim do

relacionamento com a mulher. Adeus. “Ia ser você, mas assim vai doer ainda mais”. Adeus. O condutor do carro estava com as duas mãos no volante e se jogou em direção ao veículo maior.

**ELE** – Eles sempre estavam cobertos com plástico preto, os corpos no chão. Eles sangravam para fora do perímetro do plástico. Tinha uma criança, uma criança do meu tamanho. A criança estava morta.

**ELA** – Encontraram o braço, um bracinho, uma semana depois do enterro.

**ELE** – E o que fizeram, o que fizeram com o bracinho? (tempo)

(ELA não se lembra.)

**ELA** – Tá longe?

(ELE ajustando os fios coloridos na máquina que está criando.)

**ELA** – Tá chegando?

**ELA** – Vai demorar muito?

**ELE** – Qual a próxima cor?

**ELA** – Vermelho. Sempre vermelho.

(ELE junta os fios vermelhos e causa uma explosão.)

**SIRI** – Nunca o vermelho.

## TUNGSTÊNIO

**ELA** – Coisa de um ano e meio atrás eu fui fazer um raio X.

Exame de rotina, por causa de uma dor que eu tenho no cóccix, esse último ossinho da bunda. Que aliás não presta pra nada, só pra doer, porque é um rabo involuído. Nos humanos, a coluna vertebral, ou espinha dorsal, é formada quase sempre por 33 vértebras, eventualmente 32 ou 34 vértebras. Essa informação eu tirei da – ou do? – Wikipédia. Isso quer dizer que tem gente nascendo com vértebra a mais e tem gente nascendo com vértebra a menos.

**ELE** – Existem 10 mil estrelas no Universo para cada grão de areia na Terra. Nossa galáxia tem entre 100 bilhões e 400 bilhões de estrelas; que é o mesmo número de galáxias no universo visível. Por mais impressionante e duvidável que pareça, isso quer dizer que existe uma galáxia inteira para cada estrela da imensa Via Láctea.

**ELA** – Talvez nessa sala agora um de vocês, ou mais, escapem à regra das 33 vértebras, o que me leva a crer que alguns de vocês já são um tipo de evolução da espécie. Ou talvez de involução, o que seria uma catástrofe.

**ELE** – Dessas galáxias estima-se que existam 500 bilhões de bilhões de estrelas parecidas com o Sol. E se tem sol, que ao que tudo indica é a premissa de fonte de energia para a vida, há um planeta com características semelhantes à Terra, possivelmente habitável, orbitando por pelo menos 1% do total de estrelas do universo. Conta: 100 bilhões de bilhões de

planetas similares à Terra. Nem sei quantos zeros tem nisso. Resumindo, há a possibilidade de existirem 100 planetas parecidos com a Terra para cada grão de areia do mundo. Bugei.

**ELA** – Sala gelada, desagradável, precisa de um ar-condicionado tão forte assim? Eu odeio ar-condicionado. A gente já tá de jejum, além de passar fome tem que passar frio também? E pior que a gente tá pagando pra isso! Pagando caro! Pra passar fome, frio e levar de quebra uma rajada de radiação que todo mundo sabe faz um mal da porra. Depois chegar no médico e ele nem olhar o exame, olhar só o LAUDO e falar: tem nada aí não, você tá ótima!

**ELE** – E se em 1% destes planetas rolou uma evoluçãozinha como aqui, avançando até uma vida inteligente – quer dizer, há controvérsias sobre esta afirmação – significaria que teríamos 10 quatrilhões de civilizações inteligentes só no universo observável. É o corredor da linha verde com a amarela em véspera de feriado prolongado!

**ELA** – Entrei na sala seminua, só usando aquele aventalzinho vagabundo, eu sempre fico em dúvida se eu coloco a parte aberta na frente ou atrás. Coloquei aberto na frente. Deitei na mesa fria, ouvi as instruções do técnico passadas por um microfone, muito alto, diga-se de passagem... (Ela congela.)

**ELE** – Mas então cadê essa gente toda?

**ELA** – Gente? (Congela de novo.)

**ELE** – Possibilidade 1: A vida superinteligente já veio para a Terra, a gente é que não tava aqui. Ou seja, os alienígenas vieram, deram um rolê, fizeram bolsa de couro de dinossauro, construíram umas pirâmides, não acharam a *rave*, pegaram uma virose e foram embora PRA NUNCA MAIS – DEU-SULIVRE – VOLTAR.

**ELA** – Alguém aqui já fez um raio X? O tanto de raio X que eu já fiz não é brincadeira! Se eu engravidar e nascer um girino ele vai nascer com duas caudas. Ainda bem que eu não gero girinos.

**ELE** – Possibilidade 2: A galáxia até foi colonizada, nós é que moramos em uma área afastada. Ou seja, somos o primo pobre da Via Láctea. Ao menos o primo pobre é sempre o mais bonito.

**ELA** – Senhora, fique posicionada com o sacro virado na lateral direita, por favor. Sacro? Endireite a cervical, senhora. Cervical?

**ELE** – Possibilidade 3: Uma civilização mais avançada vê o mundo físico como algo primitivo, ou seja, fizeram um *upload* dos seus cérebros para uma realidade virtual tipo aquele episódio de *Black Mirror*, e vivem no paraíso de dentro dos fôlhetos das Testemunhas de Jeová com o *casting* de *Tiger King*.

**ELA** – Senhora, ao seu lado tem um fone de ouvido no caso da senhora preferir ouvir uma música para relaxar. Coloco o fone. Fecho os olhos. (Começa uma música nada relaxante.)

**ELE** – Possibilidade 4: Tem uma galera destruidora aí fora, civilizações que exterminam tudo que encontram, portanto, seres dotados de inteligência sabem que o negócio é ficar quietinho no seu canto, sem postar *check-in* da localização muito menos compartilhar coordenadas do GPS. Mas adivinhe o que nós terráqueos – *a.k.a.* americanos que não tem nada pra fazer no interior do Kansas – fazemos? Exatamente. É como estar sozinho numa floresta à noite se escondendo do Jason no *Sexta-feira 13 parte 7* e começar a gritar “Lindoooo, aquiiii...”. Por isso é no mínimo justo que os americanos salvem o mundo.

**ELA** – Tô na posição certa? Não fale, senhora. Prenda a respiração, senhora. Não se mexa, senhora! Tummmmmmmmm.  
(Barulho da máquina de raio X.)

**ELE** – Possibilidade 5: Só há uma única civilização com inteligência superior, só que eles destroem, escravizam, controlam e devoram qualquer espécie cujo nível de inteligência é menor que a deles. Eita. Acho que é a gente.

**ELA** – Senhora, tem como tirar o avental? Tem alguma linha do avental que está atrapalhando o exame. Tiro o avental, deito de novo, ele vem, me ajeita, sacro pra lateral, cervical reta.

**ELE** – Possibilidade 6: Nossa tecnologia não é avançada o suficiente para alcançar ou traduzir os sinais emitidos ou... procuramos por algo que não sabemos o que é. Tipo ligar um *walkie-talkie* esperando receber um nude do *Whatsapp*.

**ELA** – Tava demorando demais. Demais mesmo, e olha que sou *expert* em raio X, é sempre rápido. Senhora pare de se mexer porque assim não está dando. Senhora eu não tenho certeza, senhora.

**ELE** – Possibilidade 7: a “Hipótese do Zoológico” – civilizações mais avançadas não se mostram pra gente, mas estão nos observando, analisando, fazendo experiências, usando como cobaias. Somos o Simba Safári dos marcianos, onde eles passam as férias de julho, porque julho não dá praia.

**ELA** – Senhora, eu não tenho certeza senhora, será que a senhora tem? Eu? É raio X ou psicotécnico? Não tenho certeza de nada. Não tenho certeza do que estou vendo dentro da senhora. É estranho. Eu nunca vi isso antes. A senhora sabe, né? A senhora sabe o que tem dentro da senhora, né? Vem aqui olhar. Vem aqui de avental, hein? Levanto, me embrulho no avental, vou até a sala do técnico. O raio X está aberto na tela do computador dele. Meu nome, a data. Tudo. Não, senhor, eu não faço a mínima ideia do que é isso dentro de mim. Eu me sentia envergonhada de não saber, parecia que eu tinha feito algo de errado, algo de muito errado e que era minha culpa que aquilo estava ali.

**ELE** – *Siri, o laudo.*

**SIRI** – Retificação da curvatura distal do cóccix. Espaços discais com altura normal. Pedículos íntegros. Encontrado material de densidade metálica em projeção lateral esquerda da coluna lombo sacra. Material de cunho desconhecido. Viu, você tá ótima!

**ELE** – Você não fez nenhuma cirurgia, nada? Não passou por algum tipo de procedimento que pudessem ter esquecido isso dentro de você? Tem certeza? Nada mesmo?

(ELA faz não com a cabeça.)

**ELE** – Você não sabe ou se esqueceu?

**ELA** – Eu me lembrei. Foi aí que eu me lembrei.

**ELE** – Siri, o exame.

(Projeção de um exame de raio X mostrando a pelve de uma pessoa aleatória; observa-se a presença de um grande objeto na região pélvica. É possível perceber pela sombra que o objeto se refere a um bonequinho do personagem Buzz Lightyear, posicionado de ponta-cabeça e provavelmente introduzido naquele corpo por algum orifício baixo.)

**ELE** – (Virando a cabeça para tentar entender.)

**ELA** – “Para o infinito e além”. (Pausa.)

**ELE** – Siri, não este, o outro.

(Projeta-se o exame da atriz, com seu nome, do laboratório, a data, tudo real, mostrando um objeto metálico dentro do seu corpo. É também um raio X de região pélvica, muito parecido com o anterior, porém em vez do bonequinho, neste exame vemos um objeto estranho do lado direito, localizado no alto da base do sa-

cro. Trata-se de dois emaranhados de muitos fios, como linhas de costura ou colares embaraçados. Mede aproximadamente 10 cm.)

**ELA** – Foi então que eu me lembrei. Que eu me lembrei. Há exatos 20 anos, era uma tarde quente de verão. Terça-feira, acho que no mês de fevereiro. As aulas tinham começado já. Não. Era quarta. Porque a minha mãe pegava marmítex de feijoada. Eu comi a feijoada e fui dormir. Acho que na rede. Não, foi no quarto. No quarto tinha duas camas de solteiro. Duas camas cor-de-rosa. Eu dividia o quarto com a minha irmã. Essas sonecas da tarde, quando batia a malemolência, eu dormia na cama da minha irmã, e encostava o corpo na parede gelada pra me refrescar. Caso contrário seria impossível dormir à tarde em pleno verão no interior de São Paulo e ainda mais depois de uma feijoada. Ah, eu tomava anti-convulsivos. Às vezes eu esquecia se tinha tomado ou não, nessa tarde eu tomei uma dose dupla, pra garantir. Fazia uns 20 minutos que eu estava dormindo. Foi quando uma luz muito forte me despertou. Não era sol, não era verão. A luz era mais forte que sol e verão juntos. A luz era branca. Dois seres, dois... seres. Não sei explicar, eram altos, finos, a pele era da cor e textura de um réptil. Um deles colocou o que deveria ser sua mão sobre a minha testa. Eu apaguei. A próxima lembrança que eu tenho eu estava deitada na maca gelada, nua. Eles estavam à minha volta, eles conversavam mentalmente entre eles apenas com o olhar. Eles não tinham boca. Eu também conseguia ouvir. Um deles tinha muito carinho por mim, eu sabia só de saber. No fundo havia um corredor estreito e iluminado. Tinha um pequeno, um deles, meio a gente, meio eles – uma criança híbrida. Eu achava certo ter

medo, mas não tinha. Eu sentia que era algo importante a ser feito, que eu era algo importante. Eu senti que eu era importante. Eu nunca mais me senti importante.

**ELE** – Possibilidade 8: Isso tudo não passa de um holograma, uma simulação gráfica virtual de algum maluco aí que morreu e deixou o jogo ligado ou que simplesmente ficou com preguiça de criar outra espécie. Essa já deu errado demais.

## OXIGÊNIO

(ELE está prendendo a respiração. ELA cronometra. Parece algum exercício de resistência astronáutico. Ou talvez qualquer coisa para dar algum barato na ausência de outras substâncias. Inclusive podem estar rodando. Vai que, numa dessas, o destino de algum é como no filme *Gravidade*? É bom estar preparado para tudo. Para uma depressurização surpresa ou para ter que dividir o cilindro de oxigênio. ELA toma uma puta *deep breath*! ELE começa a cronometrar o tempo em que ELA fica sem respirar.)

**ELE** – Uau, que avanço, hein? (ELA ainda segura o ar toda debochada, como quem desafia.) Tá. Tá bom, já. (O cronômetro apita.) Já deu, pode parar. (ELA não respira.) Que isso? O que você quer com isso? Já passou o limite do aceitável. Você já tá aí há... 4 minutos e 20 segundos. (ELE começa a ficar nervoso.) Chega. Você já tá aí há uns 5 anos. Tá ótimo. (ELA, toda provocativa, não arreda o pé.) Você tá começando a ficar roxa, sua cabeça está toda vermelha, o sangue tá começando a subir, está com sinais claros de intoxicação por dióxido de carbono.

no, seu pulmão já deve estar com pouquíssimas reservas de oxigênio, essa privação gradual de oxigênio vai te gerar uma sensação de euforia, não sei se eu quero isso. Logo vai te conduzir à perda da concentração e do discernimento. (ELE pega nos membros dela, que estão todos moles.) Para, seus músculos não estão mais respondendo. Se você não parar com isso agora, vai ficar inconsciente, vai começar a delirar e, depois disso, entrar em coma e, depois disso, só tem uma última coisa depois disso. (ELA respira, parece estar num devaneio.)

**ELA** – Essa célula que me fez respirar agora acabou de morrer para que outra nascesse. 37 trilhões de células formam este corpo humano, presas em um ciclo de vida e morte a cada minuto – 37 trilhões, consegue imaginar? É mais do que a quantidade de estrelas na galáxia! Nós fomos gerados dentro de estrelas que explodiram, 97% dos elementos que constituem este corpo é o mesmo que dos corpos celestes a vagar pelo cosmos. Veja, olhe de perto, há uma nebulosa na minha íris. Milhares de estrelas mortas habitam um universo inteiro dentro de mim. Veja, olhe para longe, veja a luz delas. A luz que você vê, a luz que chega até você, ela já está morta. Você vai morrer bem antes delas. Você vai morrer muito mais vezes do que elas. Você vai morrer bem antes de... bem antes de... (Lembra-se de alguma coisa.)

**ELE** – O que foi?

**ELA** – Eu não sei se é uma premonição, ou um *déjà-vu*, ou se me ocorreu porque ocorre, quer dizer, se está acontecendo agora mesmo. Ou os três. Eu sei que quando acontecer e quando

aconteceu e enquanto está acontecendo neste exato momento que acontecerá e sempre acontece, e quando acontece, eu sei que quando uma delas se vai, uma outra fica, e depois disso não há depois nem houve antes, e eu só sei, sei que não é premonição, nem *déjà-vu*, ou é tudo isso, quando acontece nunca mais vai deixar de acontecer, só fica acontecendo isso que aconteceu e acontece de novo e de novo. Quando uma se vai, e a outra fica, para aquela que fica, talvez também pra aquela que vai, aí eu precisaria ir e se eu fosse e isso acontecerá, porque aconteceu, a estrela morta coexiste com sua luz e sua ausência, mas quando uma que vai, e uma outra fica, daquele momento em diante e daquele momento e antes, só existe este. (Tempo grande. ELA se recompõe.)

**ELA** – O que que eu tava falando mesmo? Parecia bonito.

**ELE** – Que eu vou morrer. Você tava falando que eu vou morrer.

**ELA** – Uai. Todo mundo vai. (Tirando um sarro.) Mas ninguém morre só de prender a respiração.

**ELE** – Bebês morrem. Síndrome de morte súbita. Recém-nascidos que deitam de bruços e não conseguem preencher o diafragma de ar por causa do peso do corpo. Falta oxigênio. Fim. O primeiro filho do Elon Musk morreu assim. Afogado, sem ar, com 10 semanas de vida.

**ELA** – Aquele cara que quer salvar o oxigênio do mundo com carros elétricos? Tava onde quando seu filho ficou sem ar? Ah, tava dando golpe em quem ele quiser, lidemos com isso.

Roubando *lithium*, COLONIZANDO MARTE. Todos temos que fazer sacrifícios, não é mesmo? (tempo) Como que uma mãe consegue viver depois de perder um filho assim? A mãe não conseguiu salvar o menino do acidente?

**ELE** – Nevada.

**ELA** – O quê?

**ELE** – O nome do menino era Nevada.

**ELA** – Nevada é um nome no passado. Nevada é pretérito.

**ELE** – Imperfeito.

**ELA** – Não, é perfeito. É completamente perfeito. Ele morreu, aconteceu e terminou. Ação finalizada.

**ELE** – *Há uma ancestralidade de 4 bilhões de anos registrada em cada célula do nosso corpo. Bactérias, tiranossauros, mastodontes, mamutes, seres vivos que por aqui habitaram, e fomos nós, nós os escolhidos para povoar e sobreviver neste planeta. Se estamos sozinhos neste universo ou se NÃO estamos sozinhos neste universo, em ambos os casos, a afirmação é igualmente assustadora! E se formos as únicas criaturas que tiveram sorte? Até quando? Toda vida sobre a Terra passou. A Terra só está esperando a gente cair morto pra poder reciclar este material em outra forma de vida. Quem somos nós? Por que estamos aqui? Qual o sentido disso tudo? Nada. Não somos nada além de fertilizantes. A morte é pretérito imperfei-*

to. A morte é um fato ocorrido sem estar completamente terminado abrindo uma ideia de continuidade e duração no tempo. Um ciclo de vida e morte e vida e morte e vida e morte... em *looping*...

**ELA** – A luz do filho coexiste com a dor da mãe. (tempo)

**ELA** – Você vai?

**ELE** – Pra onde?

**ELA** – Pra Marte, quando chegar a hora.

**ELE** – Os caras querem ir lá pra Marte, tentar a vida por lá, nossa, que exploradores, que pioneiros, heróis, alguns diriam, mas você já parou pra pensar se a gente já não habitou Marte antes? E se a gente usou todos os recursos de Marte milhões de anos atrás e quando não tinha mais jeito os bilionários do futuro do pretérito não criaram Arcas de Noé assinadas por *designers* com varandas *gourmet* para a face Vênus e mandaram uma expedição pra cá, pra colonizar a Terra? Se não somos um bando de marcianos arrombados, saqueadores, depredadores e parasitamos planetas até esgotar qualquer possibilidade de vida, todo esse papo de antropoceno não é na real um Martoceno parte 2?

**ELA** – Que viagem!

**ELE** – Isso, uma viagem! T. S. Elliot, o escritor, com 16 anos viajou para as Filipinas para procurar rastros de civilizações

alienígenas... por que nas Filipinas? Não faço ideia! Mas ele saiu de lá com o seguinte poema:

*Nunca deixaremos de explorar  
E o final de toda a nossa exploração  
Será chegar de onde começamos  
E conhecermos o ponto que partimos  
Como da vez primeira que o vimos.*

**ELA** – Nós morremos de novo e de novo. Alguém tem que salvar a existência. Você não pode morrer antes delas.

(Existe uma espécie de esteira no cenário. Essa esteira também produz luz quando movimentada. A energia produzida pelo movimento na esteira resulta em eletricidade. Eles a usam para continuar a construção da máquina. Eles correm em tempos diferentes, porque se dois indivíduos se movem diferentemente, eles experimentam também tempos diferentes.)

## TRAJETÓRIA

**ELE** – Posso correr com você? Pra onde você tá indo? Eu posso ir junto?

**ELA** – Eu tô indo pra lá.

**SIRI** – Um dia ele estava sentado na varanda branca da sua casa no interior, vestindo sua camisa xadrez branca e azul, sua calça bege, seu boné vermelho e seu tênis Nike.

(Eles começam a se arrumar para correr.)

**SIRI/FORREST GUMP** – E naquele dia, sem nenhuma razão especial, eu decidi fazer uma corrida. Eu corri até o fim da estrada e, quando cheguei, pensei em correr até o fim da cidade. E quando eu cheguei lá, pensei em correr pelo Condado de Greenville, e pensei, já que cheguei até aqui, vou correr por todo o estado do Alabama, e foi o que eu fiz. Corri pelo estado do Alabama inteiro. Sem nenhuma razão especial, eu continuava. E corri até chegar ao oceano. E quando cheguei lá, pensei, já que cheguei até aqui, vou voltar e continuar correndo. Quando cheguei ao outro oceano, pensei, já que cheguei até aqui, é melhor voltar, e continuar correndo. Quando ficava cansado, eu dormia. Quando tinha fome, eu comia, quando tinha que ir, bom, sabe, eu ia.

**ELE** – Onde é lá?

**ELA** – Não sei.

**ELE** – Não sabe ou se esqueceu?

**ELA** – Eu não sei.

**ELE** – Então você corre pra esquecer?

**ELA** – Eu corro pra não me esquecer.

**ELE** – Do quê?

**ELA** – De chegar lá.

**ELE** – Onde é lá?

**ELA** – Vai, contextualiza.

**ELE** – Diz a lenda que, em 490 a.C., o soldado grego Fidípides partiu de Maratona para Atenas para avisar à população que haviam vencido o exército persa. Depois de percorrer os 40 km que separavam as cidades gregas, Fidípides conseguiu dizer apenas “Vencemos” e caiu morto pelo esforço.

**ELA** – Vai demorar muito?

**ELE** – Em 1908, nas Olimpíadas de Londres, o percurso da maratona passou de 40 pra 42 km só pra família real britânica poder assistir ao início da prova do jardim do Castelo!

**ELA** – Tá longe?

**ELE** – Nos anos 70, a Kathrine Switzer se inscreveu na maratona de Boston com as iniciais KS e quebrou a internet, se houvesse internet, com sua participação na prova. Tava chovendo no dia, ela colocou um capuz, uma capa de chuva e foi. Ninguém percebeu que era uma mulher. Ela tava correndo ao lado do Tom, seu namorado. Passou um ônibus por eles, com jornalistas e organizadores da corrida; um deles, ao perceber que era uma mulher, saltou do ônibus para arrancar seu número. Ela tava apavorada...

**ELA** – Tá chegando?

**ELE** – Mas continuou correndo. O Tom já chegou mandando uma voadora no cara, a Kathrine desembestou ladeira abaixo.

**ELA** – “Tenho que terminar essa corrida nem que eu chegue de joelhos”...

**ELE** – Sim, foi o que ela disse.

**ELA** – “... porque se eu não terminar, ninguém vai acreditar que as mulheres podem estar aqui.”

**ELE** – E terminou, com 4 horas e 20 minutos.

**ELA** – E ainda assim levou cinco anos para as mulheres poderem participar oficialmente.

**ELE** – Pensei que você não soubesse. Ou que se esqueceu.

(Silêncio.)

(Da corrida eles começam a cair.)

**ELE** – Em outubro de 2012, o austríaco Felix Baumgartner saltou da estratosfera a uma altura correspondente a 40 km. A velocidade de queda de Felix foi de aproximadamente 1.363 km/h, ou 379 m/s, tornando-se a primeira pessoa a romper a barreira do som com o próprio corpo HUMANO. A queda livre durou incríveis 4 min e 20 s.

**ELA** – Por que VOCÊ está correndo afinal? Dos teus medos? De altura? Do escuro? De aranha? Aracnofobia! (Eu sempre quis dizer essa palavra em cena.) A-rac-no-fo-bia. Planta-carnivorofobia. Cemiteriomalditofobia. Antes dos filmes de terror dos anos 80, ninguém tinha nenhuma fobia.

**ELE** – Ou não sabiam.

**ELA** – Foi Hollywood. Foi Hollywood que disseminou a fobia. Aliados à indústria farmacêutica e à venda de psicotrópicos numa conspiração criminoso pra criação de um exército zumbi de espectadores de filmes de terror. (Silêncio.)

**ELE** – Tomou o seu?

**ELA** – Não sei. Ou me esqueci? (Silêncio.)

**ELE** – Toma dose dupla então, pra garantir.

**ELA** – Os anos 80 marcam de fato o *boom* das fobias na humanidade. Tinha aquele filme dos tomates assassinos. Tomatofobia. Eu não sei por que as pessoas corriam deles, mas corriam. O filme começava com uma cena na água, no mar, eu tenho medo de água. Mas não igual ao Cascão. É de água que se mexe. Aquafobia. Aí apareciam esses tomates na água. Uma combinação de aquafobia com tomatofobia. Mas não eram tomates-robôs, ou tomates endiabrados, tomados por forças malignas abrindo uma boca nojenta que nem do Mumm-Rá. Eram tomates. Tomates simples. Tomates sem boca.

**ELE** – Tomates verdes fritos?

**ELA** – Tomates redondinhos, vermelhinhos. Não o italiano doce e comprido. Uns redondos bem maduros, bom pra molho. Eles surgiam do nada na água e boiavam. As pessoas ficavam aterrorizadas, gritavam, pediam socorro e se autoafogavam... e daí, na sequência, tinha essa outra cena, dos tomates, na verdade era um tomate só, um tomatão gigante, descendo uma rua atrás das pessoas, e elas, tipo a Katrine, apavoradas, dava pra ver as rodinhas no tomate. E sei lá, essas pessoas, pá. Morriam.

**ELE** – Você não se esqueceu.

**ELA** – Eu tenho medo de palhaços. Do It saindo do bueiro. O It vivava uma aranha. O It era um aglomerado de fobias. O It agregava fobia. Fotofobia. Clownstrofobia. Infantofobia. Tripofobia. Eu odeio ter insônia porque aí são 3 da manhã e eu me pego no Google pesquisando “o que é tripofobia”.

(Param de cair. Estão suspensos no ar.)

**ELE** – Siri, procurar tripofobia.

(São projetadas imagens de tripofobia.)

**ELA** – Pensa que desses buraquinhos... desses buraquinhos tão simétricos, podem sair...

**ELE** – Coisas assustadoras.

**ELA** – Aranhas, palhaços ou até tomates.

**ELE** – Alienígenas...

**ELA** – Eles não vêm de buracos, vêm de espaçonaves.

**ELE** – Que saem de buracos... negros...

**ELA** – Tá muito longe?

**ELE** – “Sempre há limites. Eu não conheço os meus.”

**ELA** – O meu ficou umas três falas lá atrás.

**ELE** – Foi Usain Bolt que falou isso, o meu limite eu sei.

**ELA** – Eu também, é...

**ELE** – Lá. (Silêncio.)

**ELE** – Mas onde é lá? Na Área 51? Porque depois da invasão não tem mais nada lá. Bob Lazar está desmoralizado! Os discos voadores que ele disse estarem lá, nem sinal, o tal elemento 115 virou maior BO da tabela periódica. Tá mais desmoralizado do que quando inventaram que ele era dono de puteiro, mais desmoralizado que o Stan Romanek que filmou o ET tomando um copo d’água no meio da madrugada na cozinha da tua casa. Poxa, quem nunca teve medo de ir pra cozinha durante a noite e encontrar um ET tomando água? Ou o Tiago Leifert apresentando algum programa novo? De

sapatênis! O ET do Romanek ao menos bebia água, né, tão bonitinho, parecia um híbrido do ET do Spielberg com o ET Bilu. Não eram aqueles ETs dos anos 90, 2000, uns bichos maus, com fetiche bélico, chegados numa guerra. Tipo aquele do *Sinais*, que o Joker, que ainda não era Joker, consegue expulsar da Terra com um taco de beisebol. Aqueles ETs que *não* vieram pra tomar um copo de água, eles morriam com um copo de água, que diabos vieram fazer num planeta que é feito 70% de água! Vieram pra comer um brigadeiro na festa de aniversário de um piá leite- quente lá no Rio Grande. E, pô, esses ETs do *Sinais*, além de não serem nada ecológicos destruindo plantação com seus desenhos de geometria aplicada, eles mataram um cachorro! Matou cachorro, perdeu totalmente a credibilidade comigo. Talvez você tenha que colocar uma meta! Isso! Muda seu *mindset*, você precisa de um *coach* de abdução! Vamos planejar: onde você quer chegar e em quanto tempo!

**ELA** – 4 horas e 20 minutos.

**ELE** – Cinco anos. Só vai ser possível daqui a cinco anos.

**ELA** – Cinco anos? Não, é muito longe!

**ELE** – Você **PRECISA** ir pra lá?

**ELA** – Você entendeu tudo errado. Não era pra contextualizar a trajetória, era pra contextualizar a chegada!

**ELE** – Siri, onde é lá?

**SIRI** – “Lugar que não existe.”

**ELE** – Siri, contextualiza!

**SIRI** – “lugar que não existe” ou, do grego, “ou + topos” significa **Utopia**. É a ideia de civilização ideal, fantástica, imaginária. É um sistema ou plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho. Ou seja, um lugar inexistente.

**ELA** – (grita) Em 4 minutos e 20 segundos!

**ELE** – (para ELA) Vai, termina.

**ELA** – Só lá eu vou saber o quanto eu gostava daqui. Eu vou embora pra descobrir que eu pertencia aqui. Porque só lá eu vou entender... só lá eu vou conseguir entender..

**ELE** – ... termina!!!

**ELA** – Só lá eu vou conseguir entender o que é ter um lugar pra voltar.

(Silêncio.)

**ELE** – E o que acontece quando chegarmos lá?

**ELA** – Então seremos o outro.

**(SIRI/FIGURANTE DE FORREST GUMP)** – Silêncio, silêncio, ele vai dizer alguma coisa!

**FORREST GUMP** – Eu estou cansado. Acho que vou pra casa agora.

(Atriz sai da esteira, chega próximo ao público, projeção dos seguintes números: 42 km, 4 horas e 20 minutos, 4:20.)

**ELA** – Você tá bem? Você tá vivo?

**ELE** – Tô.

**ELA** – “Vencemos!” (Os dois caem no chão.)

#### COMETA HALLEY

Com duas lunetas, eles olham para a plateia, atrás o céu estrelado com as constelações:

**ELE** – Você acha que algum deles já viu um disco voador?

(ELA faz que não com a cabeça.)

**ELE** – Nenhum? Nem na infância no interior? Porque em São Paulo, ninguém é de São Paulo. Todo mundo aqui vem de outra referência de céu. Céu com estrela.

**ELA** – Céu com estrela cadente.

**ELE** – Não é estrela, se mexe não é estrela. É meteorito.

**ELA** – No céu da minha infância passou o cometa Halley. Nunca houve uma reunião de vizinhos na rua como aquela, nem no final da Copa! Todos compraram cadeiras de praia e colocaram nas calçadas em frente às suas casas para aguardar sua chegada. As pessoas estavam felizes, elas exalavam esperança. Meu pai, que tretava com o vizinho da direita porque ele usava a sombra da árvore de frente da minha casa pra estacionar o carro, tava tomando uma cerveja com ele. Nem parecia que meu pai já tinha deixado várias armadilhas com pregos debaixo do pneu dele. Uma vizinha, que era amante do marido da outra, e todo mundo sabia, tava ali, ensinando pra ela um ponto de tricô pro *pullover* que tinha escrito “eu vi o cometa Halley”. Um *pullover* azul que trazia o cometa laranja no meio. Todos uniformizados para o evento. Era tão perfeito, tão perfeito, que parecia o fim do mundo. Eu tava de cabelo molhado. Quando o cometa Halley passou, eu tava de cabelo molhado.

**ELE** – E acordou doente no dia seguinte.

**ELA** – Eu não me esqueci.

**ELE** – Então por que não terminou a fala?

**ELA** – No céu do meu sonho tem aurora boreal. É no hemisfério que a magnetosfera deixa passar de raspão o vento de prótons, elétrons e neutrinos emanados pelo Sol. São 62 mil quilowatts de pura energia radioativa! O plasma solar beija

o campo magnético sussurrando um aviso: não estou aqui para servir, estou aqui para destruir. O astro-rei é um *serial killer* com data de validade e vai contaminar tudo o que for vivo quando desandar.

**ELE** – Cuidado, você está tocando nelas.

**ELA** – É meu sonho, no meu sonho eu posso tocá-las.

**ELE** – Não tinha isso antes.

**ELA** – É porque o que estou construindo é um...

**ELE** – Defeito. Eu pensei que no céu do teu sonho tivesse um salão de espelhos e cristais, e você circulava por seres não identificáveis, com um relógio marcando o tempo, um relógio de ponteiro – você nunca aprendeu a decifrar as horas num relógio de ponteiro –, vestindo um vestido branco de mangas bufantes, o cabelo encaracolado, todos têm pares e dançam uma valsa, menos você, tentando escapar, mas querendo ser encontrada por ele, até que vocês se encontram e...

**ELA** – Tudo vai pelos ares.

**ELE** – No céu dos teus sonhos você estava de cabelo enrolado. Não se lembra?

**ELA** – E também acordo doente. (Silêncio.) O céu de São Paulo é rosa. Eu nunca tinha visto antes céu rosa.

**SIRI** – Prazer, inversão térmica.

**ELA** – O céu de São Paulo está preto. O dia virou noite. Toneladas de partículas de uma floresta que viajou milhares de quilômetros pra encontrar os daqui. Se a civilização chega na floresta, a floresta chega na civilização. Um grito de socorro no céu, um sinal de fumaça, é a mata gritando SOS. Eles dizem pra nunca pedir socorro, pra gritar fogo. Fogooooo. Mas ninguém socorreu. Então um grande cadáver repousou sobre nossas cabeças. A escuridão chorou e derramou seu luto. Árvore quando morre não vira estrela.

**ELE** – O que você está fazendo?

**ELA** – O céu da sua infância tinha eclipse solar.

**ELE** – O céu da minha infância teve constelação familiar e lua de sangue.

**ELA** – Me lembro do eclipse...

**ELE** – Essa parte é nova.

**ELA** – Contextualiza.

**ELE** – Estamos aqui pra falar de você, repetir, lembrar, para não esquecer.

**ELA** – Eu me lembro de tudo, muitas coisas até mesmo aconteceram.

**ELE** – Não lembra?

**ELA** – Então, vai, contextualiza!

**ELE** – Eu nasci...

**ELA** – Do início?

**ELE** – Do início!

**ELE** – Eu nasci dia 29 de fevereiro. Sim, 29 de fevereiro. Maldito dia, ano bissexto. Estava fadado a ser inútil e esquecido...

**ELA** – Passou uma? Você viu?

**ELE** – Vi.

**ELA** – Então faz um pedido.

(Silêncio.)

**ELA** – Fez?

(ELE assente com a cabeça.)

**ELA** – Conta.

**ELE** – Estava fadado a ser esquecido...

**ELA** – O pedido.

**ELE** – Desta vez não.

**ELA** – Por quê?

**ELE** – Para que esta seja a última.

(Silêncio.)

**ELE** – E o seu?

**ELA** – Chega, eu estou cansada.

**ELE** – Agora termina.

**ELA** – Eu não sei como vai terminar. Desta vez. Eu não me sinto protegida. A única coisa que protege a gente é a camada de ozônio, e tem um buraco nela. (tempo) Na noite do cometa, naquela noite que eu tava de cabelo molhado, na noite que o fogo cruzava por todo o infinito e eu ardia em febre, minha mãe disse: “Você nunca vai trabalhar na NASA. Cientistas são silenciosos. Você fala demais”.

**ELE** – Minha mãe foi embora antes mesmo que eu tivesse memória suficiente pra lembrar do seu rosto.

(ELA fica em silêncio.)

**ELE** – Não sabia ou se esqueceu?

**ELA** – Não sabia.

**ELE** – Que minha mãe me deixou? Você não sabia que minha mãe me deixou? Não sabia? Termina!

**ELA** – Que você não se lembrava do rosto. Dela.

(Silêncio.)

**ELA** – Você acha que essas pessoas daqui já viram um disco voador?

**ELE** – Eu acho que essas pessoas daqui nunca viram um vaga-lume. Ninguém nunca mais viu um vaga-lume. Ninguém nunca mais vai ver um vaga-lume.

#### GRAVIDADE

(Os atores pendem de um lado para o outro do palco. Movimentos-pêndulos.)

**ELE** – Como você se sente?

**ELA** – Inútil.

**ELE** – Quanto?

**ELA** – Muito.

**ELE** – Dói?

**ELA** – Consideravelmente.

**ELE** – Onde?

**ELA** – Tudo. (Tempo.)

**ELE** – Passou.

**ELA** – Bem pouco.

**ELE** – Imagina, foi muito rápido.

**ELA** – Parecia que não ia acabar nunca. (Tempo.)

**ELA** – Eu só sei contar histórias.

**ELE** – Histórias são úteis.

**ELA** – Pra quem?

**ELE** – Pro tempo. As histórias distorcem o tempo. Ou a nossa percepção sobre o tempo.

**ELA** – Passaria do mesmo jeito.

(TEMPO.)

**ELA** – Parou.

**ELE** – De forma alguma, está em pleno movimento.

**ELA** – Vai acontecer de novo.

(TEMPO.)

**ELA** – Sentiu?

**ELE** – Inútil.

**ELA** – Totalmente.

**ELE** – Teve um cara aqui antes, lembra? Puta cara útil.

**ELA** – Quem?

**ELE** – Karl.

**ELA** – Marx?

**ELE** – Sagan. Carl Sagan.

**ELA** – Me conta essa história.

**ELE** – Mas foi você que m...

**ELA** – Conta!

**ELE** – Em 1977, a equipe liderada pelo Sagan mandou para o espaço uma sonda: a Voyager. Uma não, duas, a Voyager 1 e a Voyager 2. Elas tinham o objetivo de fazer fotos de Saturno e Júpiter, além de serem cápsulas do tempo. Nossas memórias, nossas imagens, nossos sons e história, tudo, reduzidos a um disco, um disco de ouro. Um disco de ouro e uma vitrola

também, é claro. Quase incluíram “Here comes the Sun” dos Beatles no LP – Lennon amou a ideia –, mas a gravadora EMI (i-émeai) não conseguiu calcular quanto custariam os direitos autorais da música se ela tocasse, por exemplo, nas 82 luas de Saturno. A NASA não teve esse *budget*. Mas sabe uma coisa que tá lá no Golden Record?

*Uma mãe confortando um bebê que chora.*

(ELA começa a ninar um bebê imaginário, canta *Gnossienne No. 1* em *laralá*, como uma canção de ninar. ELA é a própria Gaia a embalar o globo. Aos poucos, ELA muda o movimento dos braços e simula tocar um teremim imaginário. ELA canta como se imitasse o som do teremim.)

**ELE** – Em 1990, treze anos depois de ser lançada, e já deixando o Sistema Solar, Sagan queria muito que a *Voyager* se virasse e tirasse uma foto panorâmica, uma última, do planeta Terra. Ele teve que convencer a NASA a realizar essa manobra arriscada, pois o Sol poderia causar danos no sistema de imagens da *Voyager* e essa era uma foto sem valor científico, porque não daria pra ver muita coisa. A sonda, que já estava a 6 bilhões de quilômetros de distância, virou para trás e de um ponto a outro no espaço tirou sessenta fotografias. Cada pixel dos 640 mil armazenados levava cinco horas e meia viajando à velocidade da luz para ser transmitido. A foto toda levou três meses pra chegar. Em meio ao vazio do cosmos, equilibrado em um raio de Sol, estava um “pálido ponto azul”.

(Projeção da foto da Terra tirada pela *Voyager*. A imagem mostra apenas um ponto luminoso em um enorme cosmos.)

**ELA** – Zero vírgula doze *pixel*: esse é o tamanho da Terra vista na fronteira final do Sistema Solar.

**SIRI** – *É ali. É a nossa casa. Somos nós. Nesse ponto, todos aqueles que amamos, que conhecemos, de quem já ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas. Toda a nossa mistura de alegria e sofrimento, todas as inúmeras religiões, ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e saqueadores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, pais e mães, todas as crianças, todos os inventores e exploradores, políticos corruptos, “superastros”, “líderes supremos”, todos os santos e pecadores da história da nossa espécie, ali – num grão de poeira suspenso num raio de sol.*<sup>3</sup>

**ELE** – Mas não há nenhum sinal de seres humanos na fotografia, nem nas mais próximas realizadas pela Apollo 13, na viagem pra Lua. Nada sobre nossa reelaboração da superfície da Terra, nem de nossas máquinas, dos nossos feitos, nem de nós mesmos: o Antropoceno não existe.

**ELA** – Me colocaram diante de um espelho e, por poucos segundos, me desloquei. De fora de mim eu vi a carcaça que habito. O meu reflexo no espelho, o mundo doente, eu toco o meu rosto, eu sei que estou ali, presente. Tem uma criança, tem uma senhora também. Eu sou aquilo? O que essa outra, essa alienígena, pode dizer sobre mim mesma? O que outros mundos podem dizer sobre nós mesmos? *Déjà-vu*. Eu

3. Carl Sagan, *Pálido ponto azul*: uma visão do futuro da humanidade no espaço. Trad. de Rosaura Eichenberg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. pp. 23-24.

não sei se vivi isso ou sonhei. Você vai se lembrar quando lhe acontecer. (Pausa, música para.)

**ELA** – *Agora já não sei se sou a mãe ou o bebê.* (pausa)

**ELE** – *Senti. Vai acontecer de novo.*

**ELA** – *Sim. Saturno vai devorar seus filhos.* (pausa)

**ELE** – *Tô aqui olhando o disco e pensando: quem é que vai entender esse manual de instrução?*

**ELA e ELE** – *Houston, we have a problem.*

## ROTAÇÃO

**ELA** – Vamos jogar?

**ELE** – De novo?

**ELA** – Sim.

**ELE** – Já não teve essa cena antes?

**ELA** – Foi interrompida pelo acidente.

**ELE** – Ah, é? Depois.

**ELA** – Depois? Diante dessa inconstância?

**ELE** – ...

**ELA** – Vai... jogos ajudam a passar o tempo!

**ELE** – Vai passar do mesmo jeito...

**ELA** – Por que que tudo tem que ser no seu tempo?

**ELE** – Estamos cada um no seu tempo.

**ELA** – Nada disso, eu estou no seu, eu estou claramente no seu tempo, se você que estivesse no meu, você nem está aqui.

**ELE** – Não tô a fim agora. Você já me pregou aquela peça de ficar sem ar. Eu achei que você nunca mais fosse voltar a respirar.

**ELA** – Teve medo de me perder?

**ELE** – Eu sabia que não era hora.

**ELA** – Sempre alguém está a serviço do tempo do outro. Eu só queria jogar, só um joguinho, uma bobagem...

**ELE** – Tá. Só uma partida.

**ELA** – Não existe outra.

**ELE** – Morreu, acabou?

**ELA** – É. *Game over.* (ELA parece escolher o jogo em uma máquina.)

**ELE** – Siri, as regras!

**SIRI** – O jogo escolhido é *Among us*, ou Entre nós. Uma equipe realiza tarefas dentro de uma nave, na qual um dos integrantes é impostor. O impostor precisa sabotar o funcionamento da nave e assassinar os demais participantes. Ao encontrar um corpo morto, os jogadores discutem no *chat* suas suspeitas de quem é o impostor e iniciam uma votação de emergência para eliminá-lo da nave. A partida termina quando o impostor é descoberto ou quando o impostor consegue eliminar todos os integrantes.

**ELE** – Fechou. Eu sou o Ciano.

**ELA** – Ahhh, não, ciano é sempre minha cor.

**ELE** – Tá bom, então. Eu sou o Vermelho.

**ELA** – (tendo um *déjà-vu*) Nunca o vermelho.

(Preparam-se para jogar.)

**ELE** – Senha?

**ELA** – MVTMJSUNP.

**ELE** – M ou N?

**ELA** – M de Minha. Minha Vó Tem Muitas Joias, Só Usa No  
Pescoço.

**ELE** – Entrou mais um na sala.

**ELA** – Verdade.

**ELE** – Siri, você não entrou na sala, né? (SIRI não responde.)

(O jogo começa – a plateia vê que ambos são *crewmates*, ou seja, equipe. Isso quer dizer que o intruso que entrou no jogo é o impostor. O nome do intruso é DARTH VADER. Ele escolheu a roupa preta.)

(O IMPOSTOR chama na conversa.)

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – Eu acho que o impostor é a ciano.

**ELE/VERMELHO** – Mas a Ciano não fez nada de suspeito.

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – Ela não tava executando as tarefas direito, isso me irrita. Fico nervoso e me faz perder a cabeça.

**ELA/CIANO** – Estava executando, sim. Do meu jeito. Não sou sua escrava pra fazer como você quer.

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – Confia, Vermelho, é a Ciano.

**ELA/CIANO** – Olha a Cianofobia!

**ELE/VERMELHO** – Não aguento mais ficar no meio da briga de vocês.

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – É ela a impostora!

**ELE/VERMELHO** – Você tem certeza? A Ciano não tentou nada contra mim. Mas o silêncio dela denuncia...

**ELA/CIANO** – Eu me calo porque tenho medo. Ele já tentou contra mim e tenho medo do que ele possa fazer com você. Talvez seja melhor eu sair da nave antes.

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – Se você fizer isso, vocês vão perder feio. Se você fizer isso, eu vou matar ele.

**ELA/CIANO** – Você jamais faria isso com ele.

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – Mas não vou fazer “com” ele. É pra fazer em você.

**ELA/CIANO** – Você não teria coragem. (CIANO sai da nave.)

**DARTH VADER/IMPOSTOR** – Minha decisão foi tomada, não volto atrás. Ia ser você, mas assim vai doer ainda mais.

**ELE/VERMELHO** – Adeus ma...

(DARTH VADER/IMPOSTOR mata ELE.) (Eles perdem o jogo.)

**ELE** – Ahhhh, aí. Perdemos! Por que você saiu? Por que não tiramos ele em vez de você sair?

**ELA** – Eu não conseguia. Eu tentei de tudo, aguentei tudo. Eu não tinha mais forças.

**ELE** – Você é uma covarde, egoísta, pensou o quê? Que me deixando sozinho com ele ia ficar tudo bem? Tava na cara que ele era o impostor.

**ELA** – Eu já me culpei tanto, você não imagina. Eu juro que pensei que, se eu pulasse fora, ele não ia fazer mais nada. Ele sabia pilotar tão bem, eu não poderia imaginar. Não é minha culpa que ele enfiou a nave debaixo de um...

**ELE** – Não, não é. Eu sei que não é. Desculpa.

**ELA** – Eu voltei atrás no jogo, eu resetei, eu tentei sair antes, mas aconteceu de novo e de novo o que acontece e acontecerá de novo e de novo. Saturno sempre vai devorar os filhos.

**ELE** – Acabou. *Game over*.

**ELA** – Esquece, de qualquer forma morreriam, morreríamos, morrem todos.

### *AS THE WORLD FALLS DOWN*

(ELE vai surpreendê-la com um bolo de aniversário e uma vela de 100 anos. Também lhe dá um presente. É um vestido muito elegante, como o da personagem do filme *Labirinto*, mas feito com camisas de força. Eles dançam o baile dos mascarados no salão

de espelhos, reproduzindo uma cena do filme. O público é convidado a participar do baile. ELA também entrega um presente a ELE, mas ELE ainda não abre.)

## POEIRA CÓSMICA

**ELA** – *Interrompendo a sesta numa tarde de terça, 99, não sei se pela brisa da difícil digestão da feijoada em pleno verão, ou pelo topiramato dose dupla que tomei, o fato foi que eu vi, eu sei o que vi, vivi, sobrevivi. Naquela tarde, aos 17 anos, fui abduzida. Ninguém, talvez só meu porteiro (a-bi-du-quê, minha filha?) acredite nessa história. Talvez nem ele, não ele. Ninguém, mas você.*

*Lembra quando vimos a Terra lá do alto? Eu fiquei uns 400 anos-luz paralisada. Você tirou o capacete – cacete, não explodiu sua cabeça como pensávamos – e quebrou o silêncio com uma gargalhada gostosa que ecoou por mais umas três galáxias, você gritava uma coisa e eu não conseguia ouvir. Você já tava sem ar quando eu li nos teus lábios: TERRAPLANISTAS! HA HA HA. E eu ri! Você é o único que consegue me fazer rir.*

*Sim, porque ela era redonda, de fato, azul, brilhante e REDONDA! Choro. Minhas lágrimas me cegam, sinto falta da gravidade, aperto os olhos com força, e elas saem pelo espaço. Devem estar por lá ainda, brincando de Pac-Man nas constelações, procurando a cachorra Laika desesperadamente.*

*Quando eu o vi, aos 6 anos, cantando num baile de mascarados num filme da Sessão da Tarde, foi a primeira vez que desejei um homem, mesmo sabendo que ele era o mais próximo de um alienígena. Me tranquei no banheiro e enfiei minha boneca na calcinha. Vivi cada dia esperando que viesse me buscar, me tirar pra dançar*

*no salão espelhado e “while the world would be falling down” eu conheceria o prazer e abandonaria minha menina.*

*Então me deram um filho, esse filho, e me avisaram pelos ouvidos das paredes brancas de uma sala vazia que meu trabalho fora perfeitamente executado: “você era apenas a mensageira”. E de mim tiraram o que agora eu usaria pra te impressionar: o poder de entortar garfos com a mente.*

*Fecho os olhos, dou um salto da estratosfera, eu, você e Felix Baumgartner ao vivo para todo mundo. As ações da Red Bull batem a Lua! Satellite of love, satellite of love. Eu vi uma estrela cadente, se eu te contar meu pedido, ele não realiza!*

**ELE** – *“Não é estrela, se cai é meteoro!”*

**ELA** – *Ainda vale pedir. Pegamos carona nessa cauda de cometa, ninguém nunca vai acreditar nisso! Ninguém, mas você. Só você. Porque você viu como a parede ficou depois que eu a arranhei. Porque quando Bowie me visitou em sonhos, você estava lá.*

## TRANSLAÇÃO

**ELA** – Estou dirigindo um carro na estrada. Não. Não, não é um carro, é um caminhão.

**ELE** – Você sabe dirigir caminhão? Onde é essa estrada? Não tinha nada disso antes.

**ELA** – Não é um lugar, é uma frequência, um estado vibracional.

**ELE** – Você está sozinha?

**ELA** – Não, tem uma criança comigo. Uma luz. A luz, mais luz que sol e verão.

**ELE** – A luz branca.

**ELA** – A luz branca para o caminhão.

(ELA está dentro de uma sala sem portas e sem janelas. Uma sala toda branca e iluminada. Isso pode ser em vídeo.)

**ELA** – Elas falam comigo!!!

**ELE** – Quem?

**ELA** – As paredes! Elas falam comigo!!

(O som de nave e da estrada é muito alto, e ELA precisa gritar para se ouvir.)

**ELA** – Elas dizem.

**ELE** – Quem dizem?

**ELA** – As paredes dizem!

**ELE** – O que elas dizem?

**ELA** – As paredes dizem: Seu trabalho foi perfeitamente executado, você era apenas a mensageira!

**ELE** – Quem?

**ELA** – Quem o quê??

**ELE** – Quem executou quem?

**ELA** – Eu executei!

**ELE** – A criança!

**ELA** – Eu executei o trabalho perfeitamente!

**ELE** – A criança?

(O som para. O vento para.)

**ELA** – Eu segurava as duas mãos no volante. O menino caminhava, o menino caminhava na estrada. Não. Ele não caminhava. O menino estava...

**ELE e ELA** – *Deitado.*

**ELE** – Eu nasci dia 29 de fevereiro.

**ELA** – Não tinha isso antes.

**ELE** – Sim, 29 de fevereiro. Maldito dia, ano bissexto.

**ELA** – É porque o que estamos construindo é um...

**ELE** – Defeito.

**ELA** – Meu trabalho fora perfeitamente executado, eles disseram. Eles vieram de novo e disseram.

**ELE** – Você nunca disse isso antes.

**ELA** – Não existe antes!

**ELE** – 29 de fevereiro. Maldito dia, ano bissexto. Estava fadado a ser inútil e esquecido... Aquele que só tem festa de aniversário de 4 em 4 anos. O piá leite- quente que nunca teve uma única presença ilustre na sua festa de aniversário. O do contra. Que não se encaixa. Porque eu não caibo mesmo em lugar nenhum, certo? Nem na poltrona deste teatro, acaso ele tivesse uma poltrona. E se pra sair daqui for preciso um foguete, quero ver minha bunda caber em algum assento da aeronave. Ou você já viu uniforme da NASA extra G? Nenhum governo manda pro espaço uma pessoa que precisa de mais de 800 calorias diárias para viver. Porque eu precisaria de todos os saquinhos de amendoim da classe econômica de um *boeing* por refeição. A minha utilidade terminou quando zerei Zelda e pude contar pros outros moleques que o Ganon se mata com uma flechada bem no meio do olho. Uma flechada no olho. Então eu, o gordinho legal, o “só somos amigos”, aquele que apesar deste tamanho todo ninguém nota, o Mr. Cellophane, que dançou com a vassoura no bailinho, em todos os bailinhos, o que NÃO LEMBRA O ROSTO DA

MÃE, dentre todos eles, EU FUI O ESCOLHIDO. Enquanto todos viviam suas vidas ordinárias, preocupados com injeções de ácido hialurônico para harmonizar suas mandíbulas, eu, o invisível, fui escolhido por eles. Fui eu quem descobriu todos os segredos e me apoderei deles, deles e dos segredos. Eu quero ir também.

**ELA** – Não, não pode mais ser assim. Alguém tem que ficar e não pode mais ser eu.

(A máquina está pronta.)

**ELA** – Você propõe que eu troque minha ideia inalcançável de felicidade pelo quê? Eu prefiro acreditar nas coisas que não podem ser explicadas, e isso é muito inútil. Isso é muito inútil. Eu não consigo amar nada que seja fácil. Que esteja ao alcance, que seja palpável. O que você quer de mim? Que eu seja feliz? Quer me fazer feliz? Se você se aproximar demais, você até consegue chorar! Porque eu nem sei se eu quero ser feliz. O que se faz com a felicidade depois que você a tem? Vou ser obrigada a acordar de bom humor? Sabendo de tudo o que eu sei, sentindo tudo o que eu sinto, vou ser obrigada a sorrir? Rir da piada reaçã do taxista? Não vou poder mais chamar ninguém de escroto, imbecil, lazarento, porque isso não são modos de uma Cinderela que deveria estar cantando *Lullabies* para passarinhos azuis? Nem que eu queira, nem que eu me esforce muito, qualquer movimento já seria um esforço absurdo. Afinal, a quem serve ser feliz? Aqui não, aqui nunca. Não no mesmo mundo dessa gente. Tem um bebê sírio, um bebezinho, trazido pelo mar, deitado na areia.

Tem duas irmãs gêmeas de 10 anos que moram na Tailândia que acabam de receber 5 dólares de um cara na Inglaterra para transarem para ele ao vivo, via Skype. Tem dois meninos queimando vivos, pelo fogo ateado pelo padrasto, o pastor, dois meninos que ele antes violou, torturou e violentou. Tem este, este humano, este pequeno humano com o celular na mão olhando o pai pelo retrovisor do carro, o pai com as duas mãos no volante, as duas mãos no volante, não, não era eu que dirigia o carro, agora eu me lembro.

**ELE** – Para, essa fenda não.

**ELA** – É mentira. Dá pra ver a humanidade lá de cima, sim. Cidades inteiras, as casas, as estradas. É na sombra, na face oculta, na noite que as luzes se acendem e o poder da humanidade brilha. Para enxergar o humano, é preciso olhar pro lado escuro. Quatro minutos e vinte segundos, agora eu me lembro. A trajetória que só deu tempo do menino enviar a mensagem “Adeus, mãe” antes de entrar debaixo do caminhão. O tempo a mais no banco, o tempo roubado, irrecuperável, a queda livre da estratosfera. O paraquedas não abre, o *airbag* não abre! E quando chegou lá, não, o menino não virou o outro, ele deixou de existir. Menos o braço, o bracinho, eles ligaram e falaram que encontraram o bracinho intacto, uma semana depois do enterro, o que deveriam fazer com ele? Para onde foram as mãos, os pés, os olhos, as orelhas, o cabelo, o filho? O único consolo que eu tenho é que, como qualquer vida que na Terra já existiu, neste planeta que boia no infinito de um universo, rodeado por um número incontável de materiais em movimento no espaço, o único consolo

é que a gente, a humanidade, vai acabar, e, quando passar a ressaca da natureza e ela tomar conta de tudo, nossos esqueletos estarão em museus de outra civilização.

**ELE** – Para lembrar.

**ELA** – Para nunca esquecer.

**ELE** – Do trauma que nos une.

## SUPERNOVA

(Eles voltam a se posicionar de onde a peça se iniciou. A máquina ligada. Sons e luz. ELA debaixo do foco de luz. ELE abre o presente: é um saco de lixo preto e uma carta.)

**ELA** – Filho, eu gostaria de lhe dizer que você tem todo o tempo pela frente. Mas você não tem. Ninguém tem. Talvez só quem acredita nele. A única coisa que você tem é o agora. O futuro acaba de virar passado enquanto você lia esta carta. É só esse presente, e mais nada. Aqui e agora, sem fendas e sem defeitos. Agora é o tempo que você tem para tomar a decisão antes que tudo vá pelos ares. E é inevitável que se vá. Não há ficção científica sem uma decisiva contagem regressiva no final. Quando nasce uma escolha, nasce um arrependimento. E qualquer escolha que se faça, nada fugirá do seu destino de explodir. Nibiru, o segundo sol, como um *deus ex machina*, veio me buscar. Quando uma mãe se vai, assim como as estrelas, elas não morrem, viram supernovas. Meu corpo celeste,

minha supernova, será noticiada, documentada, repetida para que não se esqueçam, para que ninguém esqueça, ninguém, ninguém nunca vai acreditar nisso, só você. Aonde quer que eu vá, eu estava lá. Aonde quer que você vá, você estava lá. Filho, fica pronto, que eu passo para te buscar.

5,

4,

3,

2,

1.

(As luzes vão se apagando. Uma corda desce pelo buraco, dando a entender que ela vai se suicidar. É a mesma luz de nave em que também se compreende que está sendo abduzida. Luzes de caminhão, barulhos de batida. O acidente acontece mesmo que algo aconteça diferente na linha do tempo. ELE se deita no chão e se cobre com o plástico preto.)

**ELE** – (gritando) De novo!!!

(A corda sobe, ELA desce de onde estava, eles se olham com uma cara de “não funcionou”. Ambos tomam a posição inicial, ELE mexe na máquina. Sons e luzes. O tempo volta, e a peça recomença. A peça vai até onde ainda tiver público. Ou até quando a energia funcionar.)



com ela

CAMILA FERRAZZANO

*à telma*

*Mas pode a morte ser  
testemunha da vida?<sup>4</sup>*

---

4. Manuel António Pina. Poema "IV". In: O coração pronto para roubo. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 78.

*(-) indica interrupção*

#### A SINGULARIDADE.

(Num quarto, a MÃE segura um copo e leva intervaladas colheradas de café à boca do PAI. Ele está deitado numa cama hospitalar e respirando por aparelhos.)

**FILHA** (com a camisa da São Silvestre) – Meu pai é um atleta. Correu mais de vinte São Silvestres. É um médico que nunca tira férias ou compra sapatos novos. Meu pai guarda dinheiro. E já pagou uma conta de telefone indevida durante doze anos porque tinha preguiça de esperar na linha durante mais de dez minutos. Meu pai odeia burocracias, adora Nelson Rodrigues e fica vermelho no sol. Sua biblioteca tem mais de 2.100 livros. Embora leia muito, ele compra principalmente para o momento em que estiver aposentado. Ele e mamãe têm planos de viajar bastante e estender os cinemas de sábado para as quartas-feiras também. Meu pai é alto. Quando ele fica em pé, parece uma onda do mar. E, no dia 17 de novembro de 2017, com 53 anos de idade, ele foi diagnosticado com Esclerose Lateral Amiotrófica. Uma doença degenerativa e sem cura que paralisa progressivamente todos os músculos do seu corpo.

(Dispara o alarme de incêndio do prédio onde moram a MÃE e o PAI. A FILHA começa a correr no mesmo lugar.)

*O BIG BANG.*

**FILHA** (essa fala pode ser compreendida apenas como rubrica) –

A Mãe se dirige até o interfone para saber o que está acontecendo, mas não ele não funciona. Não funciona. Ela tenta de novo. Ela retorna até o quarto. Ela não sabe se vai embora e deixa o marido. Ou se fica e. De um lado para o outro, como partículas submetidas a altas temperaturas. Ouvem-se barulhos de portas batendo. Ela não sabe se desce as escadas correndo ou se espera o que quer que seja acontecer. O barulho das portas batendo se torna maior. O alarme segue disparado, e o som, cada vez mais alto. Cada segundo ela decide algo diferente. Há os filhos. E a culpa. E o alarme. Ela está parada até que decide se sentar na poltrona de frente ao Marido. E espera.

(A mulher e o homem se olham durante um minuto e 10 segundos.)

(O alarme cessa.)

Os barulhos também.

A MÃE levanta e vai até o interfone.)

**MÃE** – O que está acontecendo? [...] Pois, por gentileza, quando forem fazer um teste não esqueçam de me avisar. Eu tenho um marido que não sai da cama. (Desliga o interfone.)

## BARIOGÊNESE.

(A FILHA que não parou de correr no mesmo lugar.)

**FILHA** – Pai. Quem corre não quer morrer. Estetoscópio. Os livros. Você. Pai. Outra vez essa rua. Desta vez embaçada. A realidade esfumaçando sua aderência. Um. Dois. Três. Três meses. Três anos. Já houve uma despedida. Algumas. O pai já morreu umas dezenas de vezes. A outra filha sem fé com crucifixo pendurado no pescoço. Pai. Você correu debaixo de chuva. Pai. Você diz que não teria corrido debaixo de chuva se pudesse voltar. E se. E se. E se. Queria viver. Meu pai. Quer. Tá vivo? Ainda quanto? Que dia? Em que específico momento? Meu celular vai tocar? O celular toca. Queria o teu olho pousado nos meus filhos. Não dará tempo. Um. Dois. Três. Menos de três meses. A rua parece outra. A realidade craquelada em minha porta. O rosto da mãe envelhecido. Nunca mais ela soltou os cabelos. Ela. Os dedos finos da irmã segurando sua mão inchada pela doença. Pai. O irmão se afundou em silêncio. Parece com você. Meus filhos. Não. Pai. Era mais fácil ganhar na loteria do que sua doença, eles disseram. Erram o alvo. Caralho, com tanto filho da. Calma, assim não dá. Se você não respirar certo, não vai dar. Pai. Ou engole ou respira. Isso vai passar. Não passa. Quero que fique. O último gesto. Qual? A memória contorcendo tudo. Qual foi mesmo? Teu peito parado. A voz. Estetoscópio. Livros. Vinhos. Não me verá mulher feita. Toma cuidado. Não me dê todos os conselhos duma vez como se. Mãe. Como se aproxima. A irmã. O irmão. A bengala. A muleta. A cadeiras de rodas. Um. Dois.

Três. Três filhos. Não posso chorar. As ruas embaçadas. Um erro genético te come por dentro. A olhos vistos. O mundo colapsando. O dia seguinte. Ela e eu. O dia seguinte. Aninho a mãe feito filha no colo. Não. Não. Um médico de mangas curtas, você disse. Enquanto você usar decote, os homens não prestarão atenção no que você diz, ele disse. O que você não vai dizer? O que você não tá dizendo, pai? Não. Diz. Mais. O silêncio do irmão. A mudez da tua boca. Parado. Parado. Parado.

(A FILHA para de correr.)

Meu pai sofreu sua primeira queda saindo do banho. O pé esquerdo sem aviso prévio recusou se erguer um centímetro sequer do chão. Ele caiu e não sabia o porquê. Não. Não é isso. Afinal, o pai é médico. Ele já estranha o próprio corpo já faz alguns meses. Não diz nada e justifica as corridas interrompidas antes do fim pela idade. Cinquenta e dois anos. Mas se você foi atleta a vida inteira, pai, não faz sent/ Acontece. Acontece? Teve aquele dia que eu e a irmã encontramos papai por acaso na porta do metrô. Fomos invadidas pelo inesperado de, no meio da multidão permanentemente atrasada de São Paulo, avistar, de repente, o próprio coração zanzando fora do peito. Um coração tímido que adorávamos constranger, fazendo cenas melodramáticas que o acusavam de uma série de coisas tão comprometedoras quanto falsas. E... eu não vou fazer essa cena aqui agora porque, sei lá, pode não soar tão engraçado, mas lá, como estava lotado de pacientes e residentes do meu pai, o ato de derrubar seu disfarce de homem misterioso alegando

maus-tratos e etcétera e tal era uma das nossas coisas preferidas no mundo. Esse dia, no entanto, esse dia que eu tô contando, ele já estava meio fora do *script* porque, além de muito suado, ele estava de tênis e com uma mochila pesada nas costas. O que era um modelito bastante improvável para suas clássicas papetes, camisas brancas e calças *jeans* velhas pós-plantão. É assim que meu pai se veste quando termina o expediente. Bom. Depois de evidentemente termos o envergonhado com nossas ceninhas, ele contou que estava vestido daquele jeito porque tinha “andado rápido” do hospital Santa Marcelina até a estação Santa Cruz. Na euforia juvenil achamos estranho, mas deixamos passar. Hoje eu sei que essa distância é o equivalente a vinte e dois quilômetros e quinhentos metros. Vinte e dois quilômetros e quinhentos metros com uma mochila pesada nas costas me faz pensar que meu pai, certamente, já travava uma guerra silenciosa contra o próprio corpo. Talvez intuindo que algo de errado acontecia consigo, ele se pôs a marchar vinte e dois quilômetros e quinhentos metros como um paciente relutante que diz que sim, doutor, eu percebo algumas coisas em mim, mas não é nada com que se preocupar. Eu sou médico também, doutor, e além disso eu andei o equivalente a duas São Silvestres, veja, doutor, olhe pra mim, só alguém muito saudável é capaz de andar o equivalente a duas São Silvestres, eu vim apenas para checar, doutor, porque de vez em quando um certo medo me faz despertar no meio da noite. Entretanto, dentre as muitas coisas que não sabíamos na época, tinha o fato de que a atividade física acelera o desenvolvimento da Esclerose Lateral Amiotrófica porque fadigava o seu já danificado neurônio motor. Eu explicarei

isso mais pra frente, mas, por ora, dizendo em outras palavras, significa que quanto mais meu pai atravessava a faixa de chegada da São Silvestre, mais ele encurtava a própria existência.

A primeira queda que meu pai sofreu nós não sabemos quando foi. Mas teve o dia em que ele saiu do banho e o pé esquerdo se recusou a erguer um centímetro sequer do chão. O pai caiu. Ele consegue não machucar a cabeça, mas machuca a bacia. Ele não consegue se levantar e precisa de ajuda. O celular está em outro cômodo e, para alcançá-lo, ele precisa se rastejar até a sala. Como se cansa muito devido àquilo que já era a doença, o trajeto leva quarenta minutos. Quando finalmente tem o celular em mãos, liga para minha mãe, que além de tudo é enfermeira e saberá que providências tomar. Nesse momento da cena, ele é o paciente. Ela, então, chega em casa, e o homem com quem estava casada há vinte anos está no chão.

Tombado. Nessa época, ele ainda não chorava.

(Dirigindo-se à MÃE, que durante todo o tempo alimentava com pequenas colheradas o PAI. E ao PAI, que durante todo o tempo comia o que era possível e com muito receio de engasgar.)

Mãe, onde está o jaleco que o papai usava?

#### PALESTRA SOBRE ELA: PARTE I.

(A FILHA veste um jaleco de médico (de mangas curtas) e um estetoscópio em volta do pescoço.)

**FILHA** – Na época da escola, eu não dizia para a professora que estava com o corpo doendo, eu dizia que estava com *fibromialgia*. Ou, quando me levantava muito depressa e ficava tonta, eu falava que havia tido um *vasovagal*. Evidentemente eu era uma criança insuportável, mas o vocabulário não era essencialmente o motivo pelo qual eu merecia esse adjetivo, né? E eu digo isso porque... porque eu utilizava esses termos com bastante inocência. Era mais uma reprodução de palavras que minha mãe e meu pai falavam durante quase todos os jantares para discutir os casos do hospital. E eu ouvia. Bom. Obviamente, meus colegas e sobretudo meus professores fizeram questão de me avisar que aquelas palavras não eram “termos apropriados para uma garota” (algo que ainda me diriam muitas vezes na vida, mas, enfim, isso é outro espetáculo). O caso é que começou a acontecer essa coisa terrível que rola com a maioria das crianças, que é: elas crescem. E se tornam aquela espécie de ser humano especialmente confusa, que é: o adolescente. E, como toda boa adolescente, eu duvidava de toda e qualquer informação que meus pais me forneciam. Inclusive, no âmbito de saúde.

Quando parecia que isso não podia piorar, começaram as divergências políticas, e essa incredulidade aumentou até o ponto de eu sanar todas as minhas dúvidas com a boa e fiel companheira: a barra de pesquisar do Google. E os assuntos eram os mais variados, desde corrimentos vaginais até “como nasceu o PT?”. De modo que fiquei tão especialista em política como em antibióticos. Cheguei, inclusive, a sugerir ao meu pai uma alternativa de tratamento para minhas amigdalites de repetição. Ele perguntou se eu não gostaria de uma cópia do carimbo com o CRM dele. Eu respondi que sim.

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

Qual

O cursor pisca durante um tempo.

A MÃE e o PAI olham para a projeção. Esperam. Apaga-se a palavra.

O cursor pisca durante um tempo.

Qual

O cursor pisca durante um tempo. Apaga-se a palavra.)

**MÃE** – Vou levar seu pai para o banho enquanto isso.

(A FILHA se prontifica a ajudar na transferência do PAI até a cadeira de rodas. Começa a passar álcool em gel até os cotovelos, prender os cabelos, vestir outro avental por cima do seu, colocar luvas e, durante essas ações, conversa com a MÃE.)

**MÃE** – Não. Preciso de braços fortes.

**FILHA** – Eu aguento.

**MÃE** – Não aguenta.

**FILHA** – Eu já aguentei várias vezes antes.

**MÃE** – Mas seu pai fica tenso.

**FILHA** – Sério, pai?

(O PAI solta um som que lembra uma risada sarcástica.)

**MÃE** (para o público) – Algum dos homens do público poderia nos ajudar a colocá-lo na cadeira de rodas, por favor? Enquanto o convênio não liberar os cuidadores, precisaremos fazer isso durante a temporada do espetáculo... alguém? Algum homem? Por favor? É uma ajuda muito simples, mas fundamental.

#### SITUAÇÃO 1.

(Se algum homem se prontificar, a MÃE o conduz para realizar todos os cuidados de higienização. As ações são feitas com calma e sem a intenção de serem cênicas. É, sobretudo, uma enfermeira que explica o procedimento a ser realizado. A ação durará o tempo que precisar. Quando o homem estiver pronto, a MÃE dará as instruções para ele: não como se estivessem num teatro, mas como se estivessem no quarto factual. Talvez o público não escute tudo o que ela disser.

Como é uma cama de leito de hospital, é possível ajustar as alturas tanto das pernas como da cabeça. A primeira coisa que a MÃE realiza é abaixar o decúbito superior, de modo que o corpo fique quase na horizontal. Ela arruma o tubo do respirador de forma que ele não atrapalhe na transferência. Depois ela solicita ao homem que esteja do lado contrário ao dela, no leito-cama. A MÃE explica “Tá vendo esse lençol que está embaixo dele? A gente vai usá-lo como alavanca para deslocá-lo até aqui na pontinha. Assim

fica mais fácil de descê-lo para a cadeira higiênica depois. Você pega nas extremidades do lençol desse jeito...

Isso! Agora eu vou contar até três, e a gente coloca ele mais aqui pro meu canto, tá? Entendeu mesmo? Então vou contar: um... dois... três! Isso! Agora eu vou para a cabeça e o tronco e você fica na altura dos joelhos. É mais pesado do que parece, então se programa para levantar um pouco mais de peso do que você está imaginando. Você vai juntar os joelhos dele no seu antebraço, assim... Eu fico aqui no tronco e na cabeça. Contarei até três de novo e colocamos ele em cima da cadeiras de rodas, tudo bem? Então, vamos lá: um... dois... três! Muito, muito obrigada. Agora eu só preciso que segure a caixa do respirador até chegarmos no banheiro. Obrigada mesmo". O homem sai de cena com a MÃE e o PAI, segurando a caixa. Depois retorna ao público.)

## SITUAÇÃO 2.

**MÃE** – [...] Algum homem? Por favor? É uma ajuda muito simples mas fundamental. Alguém?

Não?

É simples, gente.

Não?

(Dirigindo-se à FILHA.) Então vem você mesmo.

(A FILHA realiza todos os cuidados de higienização: cabelo preso e as mãos higienizadas até a altura do cotovelo.)

**FILHA** – Pai. Oi. Olá. Por que está sem o computador, mãe?

**MÃE** – Ele estava ficando com dor de cabeça de ficar movendo os olhos para digitar.

**FILHA** – Ah. (Ela passa a mão no braço do PAI.) Eu fico com as pernas?

**MÃE** – Sim.

**FILHA** – Se você piscar é porque você me ama mais que sua outra filha.

**MÃE** – Passou álcool até o cotovelo?

**FILHA** – Sim! Pai, eu prometo que não vou te deixar cair.

(Elas realizam todas as ações da situação 1. Com o adendo de que não é necessário explicar tanto as coisas, com exceção da contagem que a MÃE faz para que as ações sejam sincronizadas. Por fim, colocam-no na cadeira higiênica – é a mesma que a de rodas, porém com material apropriado para o banho.)

**MÃE** – Agora preciso que você leve a caixa do respirador até o banheiro. Com cuidado.

(Todos saem de cena. A FILHA volta sozinha.)

(A atriz sentada com o público.)

**FILHA** – Um palco vazio. Quantas realidades são possíveis num palco vazio? Obviamente (estamos vendo), este não é um palco vazio. Há ali a cadeira de rodas, a cama vazia, a mesa, o cachorro da sua infância... E tudo o que os olhos de vocês já depositaram aqui. Isso não é pouca coisa. Na verdade, isso é um bocado. Mas não é tudo e, na verdade, ainda pode ser qualquer coisa. E se pode ser qualquer coisa, significa que nós temos um poder: o de forjar uma realidade vivida. Que instantaneamente se integrará ao tempo vivido. E uma realidade vivida coletivamente é capaz de abrir uma fenda na história. (Eu sei disso porque vi com meus próprios olhos, na última apresentação isso aconteceu.) Veja. O que estou tentando dizer é que se pudermos mentir para vocês, com a autorização de vocês, e vocês deliberadamente acreditarem nessa mentira, quem poderá nos dizer que isso aqui não aconteceu? A gente começa feito brincadeira de criança, mas, de repente, a coisa fica séria. Por exemplo, vocês fecham os olhos, contam até dez e eu me escondo. Pode ser? Desculpa se isso soa bobo demais, na verdade, é mesmo, mas é... mas eu preciso, eu preciso que vocês fechem os olhos. E coloquem as mãos na frente do rosto para eu ter certeza de que vocês fecharam. Desculpa. É que é muito importante pra mim esse momento na peça e eu realmente preciso da ajuda de vocês. Eu preciso que vocês coloquem as mãos em frente aos olhos... (a atriz coloca a mão em frente aos olhos) agora está tudo escuro, agora... vocês podem imaginar quantas realidades são possíveis num palco vazio? E enquanto eu me escondo, durante esses dez segundos que vocês contarão,

eu gostaria que vocês aproveitassem. Ainda não é pra contar, só vale a partir do momento que eu falar “já”. Não precisamos ter pressa, o mundo segue sua locomotiva lá fora, tudo estará nos esperando, ou quase tudo, nunca dá pra saber exatamente, mas... Agora nós estamos aqui. E estamos de olhos fechados. Ainda não começou a contagem, tá? Só vai começar a contagem quando eu falar já. Eu ainda não falei, eu ainda não falei, eu não falei, eu ainda não falei um monte de coisa, não deu tempo de dizer as coisas mais importantes, eu tenho medo desse momento chegar e eu não ter dito as coisas que eu precisava ter dito, que eu precisava dizer, então nós vamos fechar os olhos durante dez segundos. Nós vamos suspender o tempo, e a vida será inteiramente outra. Vocês abrirão a fenda juntos, enquanto eu me escondo. Contem dentro da cabeça de vocês e acreditem que a pessoa ao lado está fazendo o mesmo. É um exercício de fé. E vocês silenciosamente vão desfrutar dessa espécie de reza, mas que não é reza, porque no final ninguém deve nada a ninguém, não tem Deus, não tem culpa, não tem barganha, tem um buraco negro engolindo uma estrela. A propósito, alguém já viu um buraco negro engolindo uma estrela? Rapidinho, eu já volto pra cena, podem abrir os olhos. Alguém já viu um buraco negro engolindo uma estrela? Tem um vídeo da Nasa que circulou bastante na internet sobre esse evento. Alguém viu? Bom. Esse vídeo é uma mentira. Ou melhor, é uma mentira vivida como uma verdade. E é importantíssimo que isso aconteça, porque esse falso vídeo, que no final das contas é um vídeo verdadeiro, foi construído não através de fotografias tiradas pelos satélites ou uma transmissão ao vivo. Esse vídeo foi construído através de dados. Esses dados são convertidos em gráficos que são convertidos em imagens. Es-

sas imagens por sua vez são convertidas no vídeo divulgado, e esse vídeo gera reverberações astronômicas e ontológicas de extrema importância para a humanidade. Porque um buraco negro que engole uma estrela é um evento carnívoro e, no final, não sobra nada.

(Transmissão do vídeo em que um buraco negro engole uma estrela.)

A chance disso acontecer é mínima. Nas palavras de um professor de astronomia da Universidade de Ohio: “é como se você estivesse num topo de um arranha-céus e arremessasse uma bolinha de gude com o intuito de que ela caísse no buraco da tampa de um bueiro”. O buraco da tampa de um bueiro... É. Ele completa dizendo que é mais fácil que você acerte a mira do que uma estrela seja engolida por um buraco negro. Mas, apesar da quantidade de casas decimais que aproximam esse acontecimento do impossível, às vezes... ele acontece. O Cosmos é foda. Engole estrela, explode estrela, é formado por estrelas, quer dizer... é uma grande festa. Apesar do silêncio. Lá, por exemplo, não toca Gilberto Gil, né? E, ao que tudo indica, somos feitos da mesma matéria que ele. Não que o Gilberto Gil. Mesma matéria que o Cosmos. Gilberto Gil é... outra coisa. Aí. É batido, mas eu boto fé que nós somos parentes desse Grande Breu chamado Universo. Porque se você chegar perto do olho de alguém, prestar atenção em como as cores se irradiam, se mesclam, se engolem, se explodem... é parecido mesmo. Acho que por isso esse lance de morrer é difícil de tolerar. Quando alguém morre, aquele Cosmos deixa de existir. Um movimento de pálpebra eterno.

Assim, fecha. Zerou. Nunca mais. Ninguém nunca mais vai te olhar daquele jeito. Então, de algum modo, você nunca mais será aquela pessoa também, né? Eu não sei exatamente se é por isso, mas se tem uma coisa que eu tenho medo, mas, assim, medo mesmo, medo pra valer, um medo desgraçado, é que me digam que meu pai virou estrela. Ah, seu pai foi para um lugar melhor, seu pai agora virou estrela. Não. Meu pai não vai virar estrela. Eu me recuso a acreditar que em algum momento eu vou olhar pro céu e vou falar... Tem uma cena que não entrou nessa dramaturgia, não deu pra entrar, enfim, que era sobre o último gesto que eu me lembro do meu pai ter feito. Antes dele perder completamente a mobilidade, teve um momento que ele ainda conseguia mover os dedos da mão esquerda. Ele conseguia, por exemplo, erguer o dedo assim (a FILHA ergue o dedo indicador). É como se fosse *A criação de Adão* do Michelangelo, mas era só o dedo do meu pai mesmo fazendo assim. Eu tava no quarto com ele, os meus irmãos estavam lá, e ele pediu pra que minha mãe colocasse a música “Estrela”, do Gilberto Gil. Ele queria que ouvíssemos essa música. E conforme o Gilberto Gil falava “Há, de acender...” Não, não é acender, tô que nem minha mãe inventando as músicas... “Há de surgir uma estrela no céu cada vez ocê sorrir”. E aí meu pai apontava pra minha mãe. “Há de apagar uma estrela no céu cada vez que ocê chorar”, e aí meu pai apontava pra minha mãe. E essa cena não entrou no espetáculo porque... é... hum... Quando a gente colocou a música pra tocar a primeira vez aqui... quer dizer, não exatamente aqui propriamente porque estávamos na sala de ensaio, mas, enfim, quando a gente colocou essa música na/no (inserir o nome do lugar onde a peça foi ensaiada)... rolou algo difícil de contar. Algo que, apesar da quantidade de casas

decimais que aproximam esse acontecimento do impossível, ele aconteceu. E como eu vou dizer?... As pessoas começaram a dançar. Elas estavam sentadas meio como vocês estão agora, mas quase imediatamente ao momento que começou a tocar a música “Estrela” do Gilberto, elas se levantaram... como se isso fosse muito óbvio, muito natural... e começaram a dançar. E, no meio dessa dança, começou a sair da coxia uma série de pais, de mães, de irmãos... E essas pessoas começaram a dançar juntas.

Eu sei que é... É... isso foi algo tão... tão... que a gente decidiu cortar a cena porque a chance de vocês acreditarem que a fenda temporal foi aberta era muito pequena.

(A MÃE volta empurrando o PAI na cadeira de rodas. Antes que ela diga alguma coisa, a FILHA já está passando álcool em gel até os cotovelos e ajeitando o cabelo. Estando pronta, ela olha para a MÃE, que permite a ajuda.)

**MÃE** – Contra a gravidade é mais pesado.

**FILHA** – Papai, vou te deixar na órbita certa.

(Elas realizam a mesma ação, porém com o propósito de recolocá-lo na cama. A MÃE sempre fica no tronco dele, a FILHA sempre nas pernas. Ao posicioná-lo adequadamente, a MÃE diz:)

**MÃE** – Quer descansar um pouco, querido?

**MÃE** – A gente vai tomar um cafezinho. Ela te espera.

**FILHA** – Sim.

#### PALESTRA SOBRE ELA: PARTE II.

(A FILHA veste um jaleco de médico – de mangas curtas – e um estetoscópio em volta do pescoço.

Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

Qual a expectativa de vida

O cursor pisca durante um tempo.

Qual a expectativa de vida de um paciente com ELA?

O cursor pisca durante um tempo.

A pergunta é apagada da barra de pesquisa.)

#### UM CAFÉ COM ELA. PARTE 1.

(A MÃE na sacada do apartamento. Há uma mesa e dois lugares para se sentar, sendo que um deles é uma cadeira de rodas que será utilizada como poltrona pela MÃE. Inclusive, ela está lá sozinha, sem fazer nada, quando a FILHA entra com duas xícaras de café.)

**MÃE** – Vamos só deixá-lo dormir um pouco, tá bom?

**FILHA** – Tudo bem.

**MÃE** – Essa noite foi difícil.

**FILHA** – O que aconteceu?

**MÃE** – Você viu que eu roubei um monte de sachezinho de açúcar?

**FILHA** – É a vingança do cidadão contribuinte que se sente não contribuído em nada?

**MÃE** – Adoro sachezinho!

**FILHA** – Mas o que aconteceu?

**MÃE** – No quê?

**FILHA** – Com o papai. Hoje à noite.

**MÃE** – Ah! Eu sempre deixo a luz do corredor acesa, né? E, no meio da noite, a luz apagou e seu pai ouviu o gerador do prédio ativando. Ou seja, caiu a luz. Aí você imagina o desespero... Seu pai tá ligado na tomada...

**FILHA** – Mas o aparelho poderi-

**MÃE** – Ele me chamou quando isso aconteceu, mas eu não ouvi. E até agora não sei como não pude ouvir. Se o barulho do gerador encobriu ele ou sei lá o quê.

**FILHA** – Mãe, a voz do papai é um sopro.

**MÃE** – Mas eu sempre escuto!

**FILHA** – Quanto tempo isso durou?

**MÃE** – Quase três horas...

**FILHA** – ...

**MÃE** – Mas pode ter sido menos tempo, não sei.

**FILHA** – O aparelho poderia ter desligado?

**MÃE** – Não. Eu deixei duas reservas de bateria. Duram mais de seis horas cada uma. Mas seu pai não sabia.

**FILHA** – E no final das contas qual é a função daquele cadastro insuportável que eu demorei quinze dias para fazer na Enel?

**MÃE** – Eu liguei lá, mas parece que eles não se responsabilizam pela “queda aleatória” de energia. Só pela programada.

**FILHA** – Genial.

**MÃE** – Pois é.

**FILHA** – E os cuidadores? O convênio deu as caras com relação aos cuidadores?

**MÃE** – As últimas respostas que tive foram os *e-mails* que você enviou. Bom, uma coisa é certa, se na agência bancária do seu pai eu tive que praticamente tirar a roupa para me deixarem falar com o gerente... Filha, eu tava com a procuração na mão.

**FILHA** – Mãe, isso que aconteceu é surreal, eu-

**MÃE** – Com a procuração na mão, trinta anos de casada e aquele gerente... Até esqueci o que eu tava falando antes.

**FILHA** – Do convênio.

**MÃE** – Então, no convênio eu já estou cogitando explodir tudo igual aquele filme do Darín... como é que chama mesmo?

**FILHA** – *Relatos selvagens* -

**MÃE** (sem ouvir a FILHA, começa a rir muito e a entrecortar a fala)  
– Aquilo foi muito muito bom! Porque ele entra no gabinete e, nossa... ninguém fala, ninguém imagina, né... agora, todo mundo...

**FILHA** – Mãe...

**MÃE** – Todo, todo, todo mundo...

**FILHA** – Eu já não tô entendendo nada.

**MÃE** – Já quis... já quis explodir...

**FILHA** – Mãe...

**MÃE** – Uma instituição... pública... Ah!

**FILHA** – Você é a pior pessoa do mundo pra contar alguma coisa quando tá rindo.

**MÃE** (enxugando os olhos) – Aí.

**FILHA** – ...

**MÃE** – O Brasil é foda.

**FILHA** – É...

**MÃE** – Eu sofri naquele banco.

**FILHA** – Eu imagino, mãe.

**MÃE** – Mas é muito bom. Rir é muito bom.

**FILHA** – ...

**MÃE** – Eu vi com seu pai no cinema. O filme. Esse filme do Darín.

**FILHA** – É. Eu lembro. Ele que me deu ingresso para assistir.

**MÃE** – E o final é impressionante, né?

**FILHA** – O final dessa história ou do filme como um todo?

**MÃE** – Como assim?

**FILHA** – Como assim o quê?

**MÃE** – Tá tudo conectado, é uma grande amarração.

**FILHA** – Não, não é, mãe. As histórias são independentes.

**MÃE** – Nenhuma história é independente.

(Ouve-se o barulho de dois planetas se chocando. Ambas se levantam. A MÃE se dirige com pressa até a cama com o PAI.)

**MÃE** – Querido...? Tudo bem?

(Ele pisca uma vez.)

**MÃE** – Tem algum lugar coçando?

(Ele pisca duas vezes.)

**MÃE** – Eu e a Camila estamos aqui do lado. Eu tô ligada o tempo todo, tá?

(O PAI pisca uma vez. A MÃE volta à mesa com a FILHA.)

**MÃE** – Está tudo bem.

**FILHA** – Eu vi.

**MÃE** – Do que estávamos falando?

**FILHA** – Eu ia dizer que sua memória é um fracasso.

**MÃE** – Esquecer é uma bênção de Deus.

**FILHA** – Você acha mesmo que dá...?

**MÃE** – Pra esquecer?

**FILHA** – Sim.

**MÃE** – Sim, sim... Quer dizer, não sei. Depende, né?

**FILHA** – E lembrar o futuro?

**MÃE** – Tipo cartomante?

**FILHA** – Tipo presságio.

**MÃE** – Uma cigana, lá na Paulista, quando seu pai ainda era residente, leu na mão dele que ele ia ficar doente.

**FILHA** – É realmente impressionante. Principalmente levando em consideração que todo mundo precisa morrer de alguma coisa.

**MÃE** – Como você é cética, credo.

**FILHA** – Eu acredito na psicanálise.

**MÃE** – Nossa...

**FILHA** – O quê?

**MÃE** – Tive um *déjà-vu!*

**FILHA** – Sério?

**MÃE** – Não.

(A MÃE toma o café. E no mesmo instante em que pouso os lábios na xícara, ouve-se o mesmo barulho de dois planetas se chocando. Aparentemente, apenas a FILHA é incomodada por ele.)

**FILHA** (quase gritando) – Mãe?

**MÃE** – Quê?

**FILHA** – O papai vai ficar-

**MÃE** – Quê?

**FILHA** – O papai vai ficar-

**MÃE** – Eu não tô ouvindo!

**FILHA** – Eu queria saber se o papai vai ficar-

**MÃE** – Às vezes é muito, muito, muito difícil te escutar.

(O barulho continua.

A FILHA se levanta, prende o cabelo e começa a correr em círculos pelo palco como se realizasse uma maratona. A MÃE continua tomando o café.)

**FILHA** (como se estivesse lendo algo) – “RELATÓRIO MÉDICO. CID-10: G12.2. Apresenta quadro clínico caracterizado por tetraparesia flácida progressiva... amiotrofia global... com miofasciculações difusas... liberação piramidal... fraqueza muscular... padrão de *dropped head syndrome* (mãe, eu não tô entendendo)... com disfonia e disfagia orofaríngea... (às vezes é muito, muito, muito difícil falar com você)... condição neuromuscular degenerativa progressiva, incapacitante, incurável, levando ao comprometimento motor permanente e irreversível (mãe?), originando comprometimento grave da qualidade de vida (mãe?), da funcionalidade individual, de suas atividades de vida diária e instrumentais, e impossibilitando a realização de suas atividades profissionais de forma permanente. Estamos à disposição em caso de dúvidas”.

(O som se extingue. A FILHA para de correr. A MÃE segue sentada.)

**FILHA** – O papai vai ficar igual ao Stephen Hawking?

**MÃE** – Filha, a ELA representa condição neuromuscular degenerativa progressiva, incapacitante, incurável, que leva ao comprometimento motor-

**FILHA** – Sim, sim. Isso eu sei. Mas ele vai?

**MÃE** – É a mesma doença.

**FILHA** – Entendi.

**MÃE** – ...

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – Que merda.

**MÃE** – É. É uma merda.

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – Esses dias ele me disse que tá com saudade de ser médico. E de tomar café.

**MÃE** – Nossa! Eu já vi ele atendendo cada parada no hospital...!

**FILHA** – Quantos anos você tinha mesmo?

**MÃE** – Quando?

**FILHA** – Quando vocês se conheceram.

**MÃE** – Vinte e três.

**FILHA** – Minha idade.

**MÃE** – Tô velha.

**FILHA** – Tá linda. Mas podia soltar o cabelo.

**MÃE** (mexendo na ponta do cabelo) – Tá feinho, né?

**FILHA** – Vou fazer aquelas tranças embutidas-

**MÃE** – Não, não precisa.

**FILHA** – - que eu fazia pra você jogar vôlei.

(A FILHA se coloca atrás da MÃE que continua sentada. Solta-lhe os cabelos. E faz a trança.

Elas ficam certo tempo envoltas num silêncio íntimo.)

**MÃE** – Eu não me acostumo com a doença.

**FILHA** – Eu também não, mamãe.

**MÃE** – Ontem... foi ontem? Que dia é hoje?

**FILHA** – Hoje é (colocar o dia atual).

**MÃE** – Então, foi anteontem que eu tava lavando a cabeça dele e tomei um susto de olhar o corpo tão, tão magrinho.

**FILHA** – ...

**MÃE** – Ainda bem que ele tava de costas pra mim.

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – Uma amiga sua me ligou-

**MÃE** – Dá vontade de sair correndo, às vezes...

**FILHA** – Eu sei como é...

**MÃE** – E, aliás, não faz muito tempo que fiz isso. Coloquei o tênis e fui. Fui mesmo. Quatro horas da manhã. Corri. Corri muito. No meio da corrida – imagina! – cruzei com uma ex-colega enfermeira do plantão noturno. Me viu toda descabelada, eu toda de qualquer jeito, aquele horário totalmente estranho... Ela tava vestida de branco. Sabe que foi aí que eu percebi que não tenho nem mais metade das minhas roupas brancas?

**FILHA** – E se você voltasse a trabalhar?

**MÃE** – Se eu tive você em 95... Eu trabalhei de enfermeira... 22 anos! É muita roupa branca.

**FILHA** – Mãe?

**MÃE** – Mas, se eu visto elas aqui em casa, me sinto estranha. Inclusive, você devia levar as que restaram, para que se vestir tanto de preto?

**FILHA** – Estou de luto pela minha vida. Sou infeliz.

**MÃE** – O quê?

**FILHA** – Tava ensaiando a fala de uma peça.

**MÃE** – Como assim? Do nada?

**FILHA** – Não, é que você deu uma deixa exata aí-

**MÃE** – Papo de louca.

**FILHA** – Eu não resisti.

(FILHA termina a trança. Senta-se de frente para a MÃE.)

**FILHA** – Mãe.

**MÃE** (tocando a trança com as mãos) – Ficou muito boa!

(FILHA fita a MÃE demoradamente.)

**MÃE** (tomando café) – Que que foi?

**FILHA** – O que acha de voltar a trabalhar?

**MÃE** – Você é infeliz mesmo?

**FILHA** – Não, mãe. Só tava brincando. Foi automático.

**MÃE** – Acho bom.

**FILHA** – Mas então?

**MÃE** – Então o quê?

**FILHA** – O que você acha de...

**MÃE** – Não dá.

**FILHA** – A gente cuida do papai, você sabe que a gente cuida.

**MÃE** – Eu não consigo.

**FILHA** – Mãe, mas as suas coisas... como eu posso dizer?... Tudo...

**MÃE** – Eu já me perguntei algumas vezes se ele faria o mesmo por mim. Eu acho que não. Acho que ele me daria as melhores condições no sentido financeiro, mas não acho que ele faria isso por mim. É... Independente de qualquer coisa... olha... seu pai parece um passarinho machucado naquela cama, mas eu ainda prefiro ele lá.

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – Eu tô escrevendo uma peça sobre tudo isso.

### PALESTRA SOBRE ELA: PARTE III.

(A FILHA veste um jaleco de médico – de mangas curtas – e um estetoscópio em volta do pescoço.

Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

Qual a expectativa de vida de um paciente com ELA?

Feito uma palestrante de um importante simpósio médico, a FILHA discorre:)

**FILHA** – Em geral, vivem de 3 a 5 anos após o diagnóstico, embora os números oscilem de acordo com as particularidades de cada paciente e, dentre elas, o desejo ou não de realizar as ostomias.

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

O que é uma ostomia?)

#### I. Ostomias

A ostomia é um procedimento cirúrgico que consiste na abertura de um órgão oco, por exemplo, algum trecho do tubo digestivo ou do aparelho respiratório. Inclusive essas duas são chamadas, respectivamente, de gastrostomia e traqueostomia. São procedimentos que aumentam a expectativa de vida do paciente. E nem todos querem prolongar a vida. Ou a doença, como meu pai disse.

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

Ostomia dói?)

Não. Às vezes, o que dói é continuar vivo. Porém, no caso do paciente com ELA, até que a dor porventura se sobreponha à vida, existe um certo padrão mais ou menos assegurado pelas pesquisas científicas que eu irei mostrar para vocês. O primeiro momento constatado por esse gráfico é o instante em que o médico anuncia ao paciente que existe uma traça dentro dele.

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

Onde fica o neurônio motor?

Abrindo o Google Imagens, a FILHA, vestida de médico, aponta com um *laser* vermelho para a projeção como se desse uma aula.)

E que essa traça na verdade sempre esteve ali, residindo como um inquilino silencioso em seu código genético. Durante esse tempo (que pode ser de 60, 70, 20 ou quase 53 anos), ela engordou. A traça. E sua fome é tanta que, a partir de então, para continuar viva, ela se alimentará dos músculos daquele paciente. Veja, esse paciente, que, a princípio, não sente dor alguma, descobre, numa quarta-feira nublada sem previsões de chuva que, devido à gula desse inquilino silencioso, existe uma contagem regressiva muito curta acontecendo naquele exato instante dentro dele. Obviamente, todos sabemos que iremos morrer. No início da pandemia de 2020, por exemplo, sabia-

mos disso tanto que a busca por pesquisas sobre saúde mental aumentou mais de 200%. Digo isso porque os números levam a crer que esse negócio de morrer não nos cai bem na maior parte do tempo, e não é diferente com o paciente de ELA. Que, nesta altura do campeonato, por pura legítima defesa, imagina que, com ele, a esclerose não será tão perversa. Mesmo que esse sujeito seja um médico, há provas de que a perspectiva da melhora ou do estancamento da doença acometa cerca de 100% dos pacientes. Até porque, no dia anterior, esse sujeito estava correndo. Correndo muito. Já eram mais doze quilômetros quando chegou a subida da Brigadeiro Luís Antônio. Vamos supor: você tá lá. Você é esse cara. Você tá cansado. Você dormiu mal por preocupação com o resultado dos exames que sairiam no dia seguinte. Mas você conhece essa ladeira. Você já fez isso antes. Você já ultrapassou esse limite. E quando se tem certeza que não dá mais, você continua. E quando parece que Deus te abandonou, você chega na Paulista. Que não é uma maravilha, mas já é bem perto da linha de chegada.

Não é tão difícil imaginar o porquê desse sujeito ter esperanças. Ainda.

## UM CAFÉ COM ELA. PARTE 2.

(Ouve-se o barulho de dois planetas se chocando. O som é muito curto.)

**MÃE** – ...

**FILHA** – O que você acha?

**MÃE** – Parece sofrido.

**FILHA** – Mas o que você acha?

**MÃE** – Seu pai fica deitado e eu cuido dele. Fim. Não parece uma história legal. Será igual aqueles filmes chatos que só você gosta.

**FILHA** – Mãe, não é porque não tem explosões a cada cinco minutos que não tem nada acontecendo.

**MÃE** – Vocês artistas fazem as coisas só para vocês “curtirem”. E eu tenho lá minhas dúvidas se vocês curtem mesmo.

**FILHA** – ...

**MÃE** – O que você vai escrever?

**FILHA** – Pensei que o começo da peça poderia ser aquele dia do incêndio que não era incêndio...

**MÃE** – Esquece essa história, filha.

**FILHA** – O papai ainda falava naquela época. Ele poderia ter dito para você ir embora. Mas ele não falou nada.

**MÃE** – É. Teu pai poderia ter dito alguma coisa. Não tinha pensado nisso. Eu tomo todas as decisões há tanto tempo que até... esqueci que tinha essa opção.

**FILHA** – Não consigo imaginar ele em silêncio numa situação assim.

**MÃE** – ...

**FILHA** – ...

**MÃE** – Quando um inseto pousa no rosto do seu pai, ele não se mexe. Nem grita. Ele não tem como se proteger da picada. Num incêndio...

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – ...

**MÃE** – Entende?

**FILHA** – Sim.

**MÃE** – Mas eu não sei se teria permanecido sentada na poltrona se aquilo tivesse durado mais dez segundos. Nunca vou saber.

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – Eu tô tentando encontrar pontos de luz nessa peça.

**MÃE** – E encontrou?

**FILHA** – Não.

**MÃE** – Quando encontrar, não deixa de me falar. Daqui de dentro não tô achando muita coisa.

**FILHA** – ...

**MÃE** – ...

**FILHA** – Teve aquele dia...

**MÃE** – Que dia?

**FILHA** – Aquele dia que a gente cantou Jeanette aqui no apartamento.

**MÃE** – Que Jeanette?

**FILHA** – Como assim, que Jeanette, mãe? “*Hoy en mi ventana brilla el Sol*”...

**MÃE** – Ahhhhhh! “*Y un corazón...*”

**FILHA e MÃE** – “*Se pone triste contemplando la ciudad. Por que te vas?*”

**MÃE** – “*Todas las promesas de mi amor se irán contigo*”...

**FILHA** – Você sempre pula para essa parte.

**MÃE** – Ué, como assim?

**FILHA** – Primeiro é “*Como en cada noche desperté*” e aí depois vem o “*todas las promesas de mi amor...*”

**MÃE** – Não, certeza absoluta que não.

**FILHA** – Mãe, eu sei o que eu tô falando.

**MÃE** – Eu sei o que eu tô falando... Coloca essa música aí, que a gente tira a prova dos nove.

(FILHA pega o celular e coloca a música. Escutam. A FILHA estava certa. Ela se congratula. A MÃE sorri como as crianças que não sabem perder. Elas seguem ouvindo a música. Cantam. Dançam. Divertem-se. Ao que tudo indica, é o tal ponto de luz.)

**MÃE** – Você só está certa porque é você quem está escrevendo a peça. O público vai achar que fui eu que errei, e isso não é verdade. Se fosse eu escrevendo isso, você ia ver.

**FILHA** – E se fosse você, como seria?

**MÃE** – Não seria. Eu não sei fazer isso.

**FILHA** – Na minha peça você diria isso acendendo um cigarro.

**MÃE** – Não vem colocar porcaria na minha boca. E, de preferência, nem na sua... Você tá fumando, filha?

**FILHA** – Como isso aqui é cena, eu posso te dizer a verdade: faz dois anos que fumo, já. E eu adoro.

**MÃE** – Caralho. Fumar depois dos 18 é burrice. E meu dinheiro...

**FILHA** – Nunca comprei nem um cigarrinho sequer com o seu dinheiro.

**MÃE** – Nove meses gerando um indivíduo para do nada ele ter vontades próprias.

**FILHA** – Parece um absurdo.

**MÃE** – Você tem aí?

**FILHA** – O quê?

**MÃE** – Tem?

**FILHA** – Mãe!

**MÃE** – Pega logo.

**FILHA** – Pra você afundar no café?

**MÃE** – Eu jamais estragaria meu café assim.

**FILHA** – Como-

**MÃE** – Vai, filha.

(A FILHA estende cautelosamente um cigarro à MÃE.)

**FILHA** – Você sabe quantas substâncias tóxicas tem essa merda?

**MÃE** – Essa peça é sua, não é?

(MÃE pega o cigarro. Faz o sinal de que precisa de fogo. Com a mesma cautela, a FILHA estende o isqueiro.)

**FILHA** – Você sabe...?

**MÃE** – Já tive a sua idade.

(A MÃE traga. A FILHA, também... Elas fumam.  
Em silêncio. E juntas.)

**FILHA** – Eu queria que você lesse a peça conforme ela se fizer.

**MÃE** – Prefiro a surpresa.

**FILHA** – Tem uma cena que eu quero te colocar se masturbando na sala. Enquanto o papai dorme.

**MÃE** – ...

**FILHA** – A cena dura um tempo.

**MÃE** – É extremamente necessária?

**FILHA** – Sim, para mim, sim.

**MÃE** – Hm.

**FILHA** – E então?

**MÃE** – Eu gozo?

**FILHA** – Não sei, goza, mãe?

**MÃE** – Ai, que horror!

**FILHA** – O quê?

**MÃE** – Não vou conversar assim com você.

**FILHA** – Eu sei que pode ser chocante, mas eu não sou virgem, tá?

**MÃE** – Você não acha que tá indo longe demais com esse texto?

**FILHA** – Acho, mãe. Por isso preciso da tua ajuda.

**MÃE** – Eu não sei se diria essas coisas.

**FILHA** – ...

**MÃE** – Às vezes eu penso nisso.

**FILHA** – E como é?

**MÃE** – Não sinto falta.

**FILHA** – Não?

**MÃE** – Eu fico tão cansada que não sinto falta.

**FILHA** – Três anos é muito tempo.

**MÃE** – Eu sinto falta é das conversas. De fechar os restaurantes conversando com seu pai. Acho que eu nunca mais vou conseguir ir ao cinema. Reserva Cultural, Frei Caneca... Tomar vinho...! Seu pai é o meu chapinha, meu companheiro... Isso que dói. O “nunca mais”. Eu “nunca mais” vou escutar o que aquela cabeça tá pensando? “Nunca mais”? Agora são só aquelas frases curtas e funcionais na tela de um computador? Você vê... Esses dias eu sonhei que ele me pedia para sufocá-lo. Eu dizia que não conseguia, que não conseguia... E quando ele me acordou de manhã, falou que naquela noite tinha sentido que pessoas tinham vindo buscá-lo.

**FILHA** – Papai falou isso?

**MÃE** – Pra você ver. Eu até fiz umas brincadeiras para descobrir, disse que ele tinha virado finalmente para os meus lados. Que tinha se tornado um homem religioso. Mas – você sabe – não dá pra brincar com seu pai. O homem tá doente, mas não perde uma.

**FILHA** – O que ele disse?

**MÃE** – Disse que ainda não acredita em Deus, mas que está “disponível ao Mistério”.

**FILHA** – Inacreditável.

**MÃE** – Você tá fazendo aquela cara.

**FILHA** – Qual?

**MÃE** – Nunca sei se estou falando com a filha ou com a dramaturga.

**FILHA** – Eu posso mudar o final. A peça pode terminar com a cura da ELA, e o papai aparece na última cena em pé. Alto.

**MÃE** – Essa é a filha ou a dramaturga?

(A FILHA tira do bolso uma folha e a entrega à MÃE. A segunda citada se levanta e começa a andar em círculos no palco, reproduzindo o mesmo trajeto que a FILHA correu. Enquanto caminha, ela lê a folha e, simultaneamente, é projetado o seguinte bilhete:

“Só penso o quanto estou fraco. Você me ajuda mais do que é possível, mas nessa tristeza ninguém pode me ajudar. O que vem de você não pode ser mais perfeito. O pouco de felicidade que posso ter vem de você. Sem você, tudo acaba.”

A MULHER continua andando. Guarda o bilhete no bolso e vai em direção ao MARIDO.)

*INTERMEZZO I.*

**MULHER** – Querido, quer que eu durma na poltrona hoje?

(Ele pisca duas vezes.)

**MULHER** – Tem certeza?

(ELE pisca uma vez.)

**MULHER** – Quer rezar antes de dormir?

(Ele fica um tempo sem responder, até que pisca uma vez.  
A MULHER segura uma de suas mãos entre as dela, fecha os olhos e reza em silêncio. Ele fica o tempo todo de olhos abertos.)

**MULHER** – Amém. Boa noite.

(Antes que ela saia, ele diz baixo e com muitíssimo esforço:)

**MARIDO** – Mascra.

(A MULHER se aproxima do rosto dele. Ajeita a máscara de oxigênio.)

**MULHER** – Tá legal assim? Aqui? Mais pra direita? Assim?

(Ele pisca uma vez.)

A MULHER está com o rosto muito próximo ao do MARIDO.  
Pressiona seus lábios contra os dele.

Começa a dar vários beijos por cima da camisola do marido até que se aproxima do sexo. Ela faz menção de desnudá-lo.)

**MARIDO** – Não.

(Ela para. Faz-lhe um carinho na mão. E sai.)

UM CAFÉ COM ELA. PARTE 3.

**MÃE** – Essa é a filha ou a dramaturga?

**FILHA** – Não sei. O ouvido confunde. Ou é o mesmo. Não sei.

**MÃE** – No meu caso são as mãos.

**FILHA** – O quê?

**MÃE** – Que se confundem.

**FILHA** – Como assim?

**MÃE** – Às vezes eu queria segurar na mão do seu pai e ser só a mulher. Deixar a profissional de lado. Ser enfermeira e ver o sofrimento das pessoas não é fácil, mas se eu dou um plantão na UTI e tem dez pacientes intubados, por mais que cada uma daquelas histórias seja um drama, eu não posso me envolver. Tem uma distância. Um véu. Que inclusive é o que me permite raciocinar.

**MÃE** – O problema?

**FILHA** – O véu. Eu não tenho o véu.

**MÃE** – Nem eu.

**FILHA** – São parecidas. A dramaturga e a enfermeira.

**MÃE** – Como você faz?

**FILHA** – Não sei se dá pra continuar.

**MÃE** – Vamos tentar de novo mais um pouquinho.

(Ouve-se o barulho de dois planetas se chocando.)

**MÃE** – Às vezes eu queria segurar na mão do seu pai e ser só a mulher. Deixar a profissional de lado. Ser enfermeira e ver o sofrimento das pessoas não é fácil, mas se eu dou um plantão na UTI e tem dez pacientes intubados, por mais que cada uma daquelas histórias seja um drama, eu não posso me envolver. Tem uma distância. Um véu. Que inclusive é o que me permite raciocinar. Agora, ter que revirar o corpo do homem que eu amo, todos os dias, à procura de uma posição que seja minimamente confortável... Mas tá tudo bem. Cadê seus óculos?

**FILHA** – Deixei de usar.

**MÃE** – Isso eu percebi.

**FILHA** – Tô optando por uma visão impressionista da realidade.

**MÃE** – Parece uma coisa que seu pai diria.

**FILHA** – Ele disse.

**MÃE** – Posso pedir pra você não colocar na peça aquilo de eu achar que ele não faria o mesmo por mim?

**FILHA** – Isso é importante, mãe. A maior parte das mulheres quando fica doente é abandonada pelo companheiro.

**MÃE** – Seu pai não me abandonaria.

**FILHA** – Quem cuida é a filha, a mãe...

**MÃE** – Não vem militar pra cima de mim.

**FILHA** – Não tô militando, quer dizer, não, mãe... eu sei, eu sei que não... o caso é que isso é uma discussão importante-

**MÃE** – Não coloca, tá bem?

**FILHA** – Veja, o espaço de cuidado é naturalizado como um território feminino. Nós é que devemos amar, proteger, cuidar-

**MÃE** – Não quero saber de política.

**FILHA** – Esse espetáculo não é sobre nós.

**MÃE** – Não quero.

**FILHA** – Tudo bem, eu não coloco.

**MÃE** – ...

**FILHA** – ...

**MÃE** – Mas tem uma coisa que eu queria falar.

**FILHA** – Pode falar, por favor, fale, qualquer co-

**MÃE** – Mas eu queria, eu-eu falar. Tem como?

**FILHA** (referindo-se ao proscênio) – Ah... Você pode ir... Lá na frente...

(MÃE cochicha alguma coisa no ouvido da FILHA. FILHA responde. Pelos gestos, percebe-se que ela dá dicas à MÃE sobre como falar em público.)

(A MÃE se levanta em direção ao proscênio. Um refletor central é aceso. Muito timidamente, ela caminha até o foco de luz. Quando finalmente chega, ela diz:)

**MÃE** (para o público) – É... Foi lá no Ibirapuera. Ele tava indo ao banco, numa agência do banco. E ele já tava meio ruinzinho, né? Andava, mas tava andando devagar. E aí passou uma pessoa impaciente por trás dele e empurrou ele.

Empurrou ele... E ainda reclamou alguma coisa.

(A MÃE olha o público.)

Só sei que meu marido ficou muito mal. Se sentindo um bosta, falando disso sem parar... durante um tempo.

(A MÃE olha o público.)

(Tempo.)

**MÃE** (abandonando a cena) – A gente acha que não tem vontade de matar, mas olha... (Sentando-se à mesa com a FILHA.) Ah! É foda. Se fosse eu na situação do seu pai, não teria aguentado tudo isso.

**FILHA** – Acho que os limites vão se expandindo. A barganha é alta. A gente quer viver.

**MÃE** – Mas chega um momento em que não tem mais jogadas possíveis.

**FILHA** – Enquanto o coração bater, acho que tem, mãe.

**MÃE** – ...

**FILHA** – ...

**MÃE** – Ele ainda me faz rir muito.

**FILHA** – A mim também.

**MÃE** – Ele fica fofinho com aquela máscara, né?

**FILHA** – Fica mesmo.

**MÃE** – Você vai ver a camisola que mandei fazer pra ele. Tem cachorrinhos equidistantes e repetitivos. É como um pijamão que ele nunca usaria.

**FILHA** – Zoar seu companheiro numa situação dessas deve ser classificado como pecado do lado de lá.

**MÃE** – Chorar que deve ser.

**FILHA** – Posso fumar mais um cigarro?

**MÃE** – Não.

**FILHA** – OK.

**MÃE** – Sempre soube que você fumaria.

**FILHA** – Por quê?

**MÃE** – Intuição.

**FILHA** – Dizem que é a única maneira de compreender as leis do Universo. A intuição.

**MÃE** – Quem diz?

**FILHA** – O Einstein.

**MÃE** – O que teve o cérebro picotado e distribuído para cientistas do mundo inteiro com o único objetivo de entender por que ele era genial? Prefiro o meu Allan.

**FILHA** – Que Allan?

**MÃE** – Kardec.

**FILHA** – Bom...

**MÃE** – O quê?

**FILHA** – Também dá pra pensar que intuição seja, por exemplo, pura física quântica.

**MÃE** – Pensar, pensar a gente pode pensar qualquer coisa. O duro é que a realidade não cede. O que é, é.

**FILHA** – E engole o choro?

**MÃE** – E engole o choro.

**FILHA** – Bom, mas talvez a realidade não seja uma coisa só. Talvez isso seja só um *frame* do caleidoscópio.

**MÃE** – Tem outro cigarro?

(Ouve-se o barulho de planetas se chocando.)

**FILHA** – É sério, mãe. O tempo, por exemplo... E se o tempo não for esse rio que corre só pra frente? E se ele tiver afluentes, interseções, cascatas, geleiras... Mãe, não ri.

**MÃE** – Eu não tô rindo.

**FILHA** – Então... Até me perdi de onde estava.

**MÃE** – Você falava essas coisas quando era menina.

**FILHA** – Que coisas?

**MÃE** – Sobre o tempo. Sobre o céu. Essas coisas.

**FILHA** – O papai tinha me dado um mapa gigante do Universo-

**MÃE** – Que ficava no teto do quarto da casa-

**FILHA** – Isso! No teto do quarto!

**MÃE** – Tinha umas partes que brilhavam no escuro.

**FILHA** – Você lembra que eu queria muito ser astronauta? E que o vovô disse que eu nunca conseguiria ser astronauta?

**MÃE** – Pela primeira vez eu vou ter que concordar com o meu pai.

**FILHA** – Você também acha que eu não conseguiria ser astronauta?

**MÃE** – Me diz que diferença faz pisar na Lua, se ninguém tem a menor ideia do que fazer quando a porra de um neurônio motor para de funcionar?

**FILHA** – ...

**MÃE** – Vou servir uma sopa pra ele enquanto você pensa.

(A MÃE se levanta e sai de cena. Quando ela voltar para servir o PAI, dará as intervaladas colheradas na boca dele. Enquanto isso, a FILHA continuará a Palestra sobre ela: Parte III.)

#### PALESTRA SOBRE ELA: PARTE III.

(A FILHA veste um jaleco de médico – de mangas curtas – e um estetoscópio em volta do pescoço.

Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*O Riluzol é a cura?)*

**FILHA** – O Riluzol funciona como uma espécie de protetor solar dos neurônios motores e aparentemente inibe a fome das traças. É um remédio de alto custo, oferecido pelo SUS, mas que às vezes o SUS não tem. Seu mecanismo é um tanto desconhecido pelas pesquisas, mas há indícios de que ele atrase os sintomas. Entretanto, após a primeira, segunda ou terceira aparição da doença, as esperanças se fragilizam e inicia-se o que a medicina denomina de: A Barganha.

(Com a página inicial do Google Imagens projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*O sétimo selo de Bergman.*

A FILHA segue apontando com o *laser* para as projeções como se fossem *slides* de um importante simpósio.)

A Barganha é uma negociação difícilíssima. Isso porque quem está no outro lado da mesa é um jogador astuto que alguns chamam de Deus, outros de acaso, destino ou teoria da gravitação quântica. Apesar da falta de consenso científico, é muito provável que entre esses nomes resida uma figura de linguagem importantíssima denominada: pleonasma. O pleonasma também comporá a retórica do paciente com ELA, que por muitas vezes perguntará: por que eu? Questionamento compreensível, uma vez que a Esclerose Lateral Amiotrófica – ELA – é classificada cientificamente como “muito rara”, atingindo uma a cada cem mil pessoas. Isso significa que a probabilidade de qualquer um de vocês terem Esclerose Lateral Amiotrófica – ELA – é de 0,1%. Mas, apesar da quantidade de casas decimais que aproximam esse acontecimento do improvável, às vezes... ele acontece. De modo geral, A Barganha dura até o momento em que o paciente não é mais capaz de realizar absolutamente nada, por exemplo, percorrer a distância do prato até a boca ou coçar o braço direito. Enfim. Esse é o momento da depressão.

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*Como se forma um buraco negro?*

O cursor apaga a pergunta.

*Como se faz espessantes caseiros?)*

É comum que, nessa fase, o paciente já esteja tomando água com espessante para facilitar a deglutição. Isso caso ele não tenha entrado na gastrostomia e/ou na traqueostomia, que, como dissemos anteriormente, é uma decisão. Não por acaso, é por volta desse íterim que as pesquisas indicam ser comum que o paciente com ELA comece a comparar sua expectativa de vida com a dos objetos que estão no seu campo de visão. O jornalista Nirlando Beirão, diagnosticado com a doença em 2016, descreveu que fitava um copo com cotonetes dentro e duvidava que teria tempo de utilizar todos. Felizmente, um acidente fez com que um dos membros da família esbarrasse no tal copo e todos os cotonetes viessem ao chão. Nirlando, portanto, venceu os cotonetes.

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*Como continuar esta cena?)*

Os buracos negros são difíceis de serem mapeados no Universo, uma vez que, devido a sua extrema densidade, os campos gravitacionais gerados não permitem que nada escape. Com exceção de u-

(Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*Qual é a teoria de tudo?)*

A primeira foto integral tirada do planeta Terra ocorreu em 7 de dezembro de 1972. Exatamente dez anos depois, o Gilberto Gil lançou a música “Estrela”.

(Com a página inicial do Google Imagens projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*Fotografia Terra tripulação Apollo 17)*

Essa captura ficou conhecida como “Esfera Azul” e foi tirada quando a tripulação do Apollo 17 abandonava a órbita terrestre em direção à Lua. Meu pai tinha oito anos quando o mundo viu pela primeira vez o Grande Breu em que estava mergulhado.

**MÃE** (dirigindo-se à FILHA) – Esqueci de marcar uma consulta. Você pode continuar aqui até eu resolver isso?

**FILHA** – Claro, claro!

**MÃE** – Mas tira esse jaleco, pelo amor de Deus. Já volto, querido.

(A MÃE sai.

A FILHA se encaminha até o PAI. Percebe que esqueceu de tirar o jaleco. Retira-o.)

**FILHA** – Oi, pai.

(Ele pisca com certo sorriso.)

**FILHA** – Tô fazendo maior zona aqui, né?

(Ele pisca uma vez.)

**FILHA** – É... Podemos?

(Ele pisca uma vez. Ela leva colheradas espaçadas até a boca dele com muito cuidado. A ação dura um tempo. Mais do que se consideraria propriamente teatral.

Num dado momento, o PAI começa a querer rir. O que não é muito simples porque isso faz com que ele engasgue. A FILHA fica aflita.)

**FILHA** – O quê? O que eu fiz?

(Quanto mais aflita ela fica, mais ele quer rir.)

**FILHA** – Pai! Por que você tá rindo? Você tá rindo de mim, né?

(O PAI continua rindo. E, com os olhos, aponta para o *notebook* num canto. A FILHA arruma os objetos de modo que o *notebook* fique na altura dos olhos do PAI. Com os olhos, ele irá digitar algo a que somente a FILHA terá acesso.)

**PAI** – ...

**FILHA** – Mas eu não tô... Eu tô tensa?

(O PAI pisca uma vez. A FILHA ri.)

**FILHA** – Desculpa, pai.

(Ele controla a respiração. E ela volta a alimentá-lo. O *notebook* fica sobre o PAI.)

**FILHA** – O que você acha disso de eu escrever... escrever para o teatro-

(A MÃE entra.)

**MÃE** – Obrigada, filha.

**FILHA** – Eu posso continuar.

**MÃE** – Volta pra cena da palestra.

(A FILHA coloca o jaleco.

Com a página inicial do Google projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*O que são diretivas antecipadas de vontade?)*

É mais ou menos nessa região cientificamente misteriosa que o paciente com ELA vaga pelo deserto feito um Édipo em Colono. Cego, envelhecido e acompanhado de sua filha, o herói trágico tem o direito de escolher onde deseja morrer. Nesse momento, ele se comporta como uma estrela que perdeu seu hidrogênio e precisa queimar o combustível nuclear

para realizar seus últimos feitos. Quando esse processo de autofagia chega ao seu limite, acontece uma explosão brilhante e poderosa chamada *supernova*.

(A MÃE sai de cena.

Com a página inicial do Google Imagens projetada, escreve-se na barra de pesquisa:

*Supernova*)

A probabilidade de acontecer uma *supernova* é pequena. Mas, como o Universo é um *infinito em expansão*, a verdade é que tudo rola o tempo todo. E se sua dimensão de tempo não comporta a ideia de fim ou começo e as supernovas acontecem, por exemplo, agora, isso significa que é totalmente embasado cientificamente aquele verso em que o Gilberto Gil diz que “há de apagar uma estrela no céu cada vez que o céu chorar”. (A MÃE volta com mais café. Senta-se à mesa em que elas estiveram durante todo o espetáculo.) E o mais interessante é – se me permitem essa liberdade poética – o mais interessante é que, embora a supernova seja catalogada como um dos momentos finais da vida desses corpos celestes, esse fenômeno precisa ser verificado com muito cuidado pelos especialistas, pois – curiosamente – muitas vezes se confunde com o nascimento de uma estrela. Parece algo difícil de imaginar, mas, dito de outra maneira, é como se olhássemos o sol pousado no horizonte e não soubéssemos se se trata da alvorada ou do crepúsculo. É após esse estágio que nascem os buracos negros.

**FILHA** – Tem um ramo da física quântica que, não sei explicar muito bem, mas tem uma coisa da física quântica que diz que não vivemos numa linha temporal organizada em passado, presente, futuro. Essas instâncias coabitam. Nesse sentido, de algum modo, é como se já soubéssemos tudo aquilo que nos acontecerá simplesmente porque o futuro já está presente. Assim como o passado. É tipo o Édipo... como o Édipo poderia ser culpado por crimes que, antes dele ter sido gerado, já estavam determinados? Se for destino, podemos pensar que Édipo padeceu seus crimes e, portanto, é inocente. Ou, então, se pensarmos quanticamente, Édipo já havia sido e era e não era ao mesmo tempo, de maneira que antes de ser concebido ele não só era um parricida como já havia furado os próprios olhos. O *déjà-vu* pode ser uma experiência dessa dimensão do tempo. O papai mesmo me contou... ele contou que, quando ele tava com uns trinta e cinco anos, havia acabado de correr uma São Silvestre e tomava uma cerveja depois da maratona. Ele estava encostado numa árvore no Parque Ibirapuera e, aparentemente do nada, ele olhou as próprias pernas e pensou... que elas não durariam muito. E, depois daquele dia, algo muito discretamente começou a existir na cabeça daquele homem extremamente cético, a ponto de, durante as corridas matinais, durante anos, ele treinasse a respiração porque tinha a impressão de que precisaria do diafragma em forma em algum momento. Bom. Como se tudo isso não bastasse, ele completou a história dizendo que, desde pequeno, nunca tinha conseguido se imaginar velho.

**MÃE** – Pode fumar seu cigarro. Em todo o caso, você já fumou mesmo.

**FILHA** – Aí é que está, mãe. A gente pode decidir juntas se eu fumo outro Marlboro ou não. E, sim, de acordo com a física quântica, nós provavelmente já decidimos isso antes. Embora não exista sombra de dúvidas que eu esteja aqui escrevendo esse texto agora. Você está vendo.

Você o leu até aqui. Ao mesmo tempo que isso não é a única verdade possível. Porque se alguém nos ouve ou se alguém nos lê, nós já não estamos aqui. Embora – você saiba, você me vê! – eu esteja. Agora. Eu estou. Você está. Nós somos reais. Isso aqui ainda não é teatro.

Ninguém está mentindo. Esta peça ainda não foi escrita. Ainda não foi decidido o destino deste cigarro e de todo o resto. Eu estou o colocando entre seus dedos e perguntando “mãe, o que você quer fazer?”. Nós podemos nos vingar através da física quântica. Mesmo que um pouquinho. Porque aqui nós podemos abrir outra linha temporal. Como os buracos negros. Os buracos negros são tão densos que conseguem alterar a curvatura do espaço-tempo. Parece tosco, brincadeira de criança, mas olha, olha, se você acreditar comigo, nós saltaremos feito elétrons por camadas subatômicas. Eu li isso na internet. Eu li isso nos livros do Stephen Hawking, eu sei o que eu tô falando. E pode parecer ninharia porque é só teatro e no final nós tiraremos o figurino e iremos para nossas casas, mas durante *um segundo, um segundo* que seja, *um segundo* curto, mas fundamental, eu e você e o público viveremos outra história. E talvez esse segundo seja tão infinito que ele rearrange circuitos neuronais, talvez ele seja tão impactante para

as sinapses que ele vascularize a pineal de maneira inédita e a gente sonhe. E nesse sonho a gente viverá algo tão real como agora e tudo, absolutamente tudo, mudará. Só que, desta vez, por *dois segundos*. A cura da doença do papai...

(A MÃE vai dizer algo, mas subitamente o pensamento é interrompido por algo não identificado por mais ninguém.)

**FILHA** – Mãe?

**MÃE** – Seu pai-

**FILHA** – Eu vou.

**MÃE** – Não. Essa hora ele com certeza vai querer fazer xixi.

(A MÃE dirige-se até o PAI.)

**FILHA** – Dia desses fiquei olhando para a porta do seu prédio. Imaginei como seria caso você surgisse. Em pé. Com sua *jeans* velha e sua camisa monocromática. Na minha cabeça você diria, Eu não sei o que aconteceu, acho que foi um milagre. Papai. Eu imaginei essa cena tão forte, tão forte que, quando um desconhecido atravessou o portão, meu coração disparou.

Tentei contar ao corpo que não era você em pé com sua *jeans* velha dizendo sobre o milagre. Mas não deu. O coração já batia furioso dentro do peito. Tanto que, pela blusa, pude ver sua forma. É mesmo um punho fechado. Tipo esse soco.

(A MÃE segurando um papagaio cheio. Ela permanece em silêncio. Parece que dirá sobre o milagre. Ou sobre a morte.)

**MÃE** – Pode vir, filha.

(A MÃE sai.)

PAPAI E ELA

(O *notebook* segue na frente dele. Conforme ele movimentava os olhos, palavras se formam na tela. O que ele diz não é revelado ao público. A FILHA olha ora o PAI, ora o monitor.)

**FILHA** – Hoje não vou fazer você escrever muito, prometo.

**PAI** – ...

**FILHA** – Mas isso é sua culpa também.

**PAI** – ...

**FILHA** – Escuta, tenho uma novidade: cancelei meu cartão de crédito.

**PAI** – ...

**FILHA** – Cancelado, cancelado.

**PAI** – ...

**FILHA** – Tá vendo? Pra quem nunca ia aprender a economizar, estou dando de sete a um no seu filho.

**PAI** – ...

**FILHA** – Quem diria, hein?

**PAI** – ... (ele fecha os olhos)

**FILHA** – Pai? Tá tudo bem? Não precisa digitar...

**PAI** – ...

**FILHA** – Mamãe comentou que a noite foi difícil. Tá tudo bem. Vamos ficar no jornal. Eu fico aqui quietinha.

(Eles assistem à televisão.)

(Tempo.)

**FILHA** – Você viu que eu tô de jaleco?

**PAI** – ...

(Após algum tempo, a FILHA deita o rosto na perna do PAI.)

**FILHA** – Dói assim?

**PAI** – ...

(Ela permanece deitada. Após um curto tempo de notícias, o jornal acaba, e a programação anuncia que a próxima atração é o Concerto de Cordas e Máquinas de Ritmo gravado em 2012 por Gilberto Gil. Eles esperam. Ouve-se o barulho de planetas se chocando.)

## PROJEÇÃO

10

9

8

7

6

5

4

3

(Blecaute. O som cessa.

Só é possível ver a luz do aparelho respiratório e ouvir seus sons.)

(Tempo.)

(A luz acende.

O PAI não está.

A FILHA na mesma posição, com a diferença que tem agora o rosto sobre a cama vazia.)

**A FENDA.**

(O PAI entra em cena com roupa de corrida. Em pé. A FILHA o vê. Nada é assustador ou afetado. Ela o olha enquanto ele se senta para calçar os tênis. Ao terminar, o PAI procura alguma coisa no ambiente.)

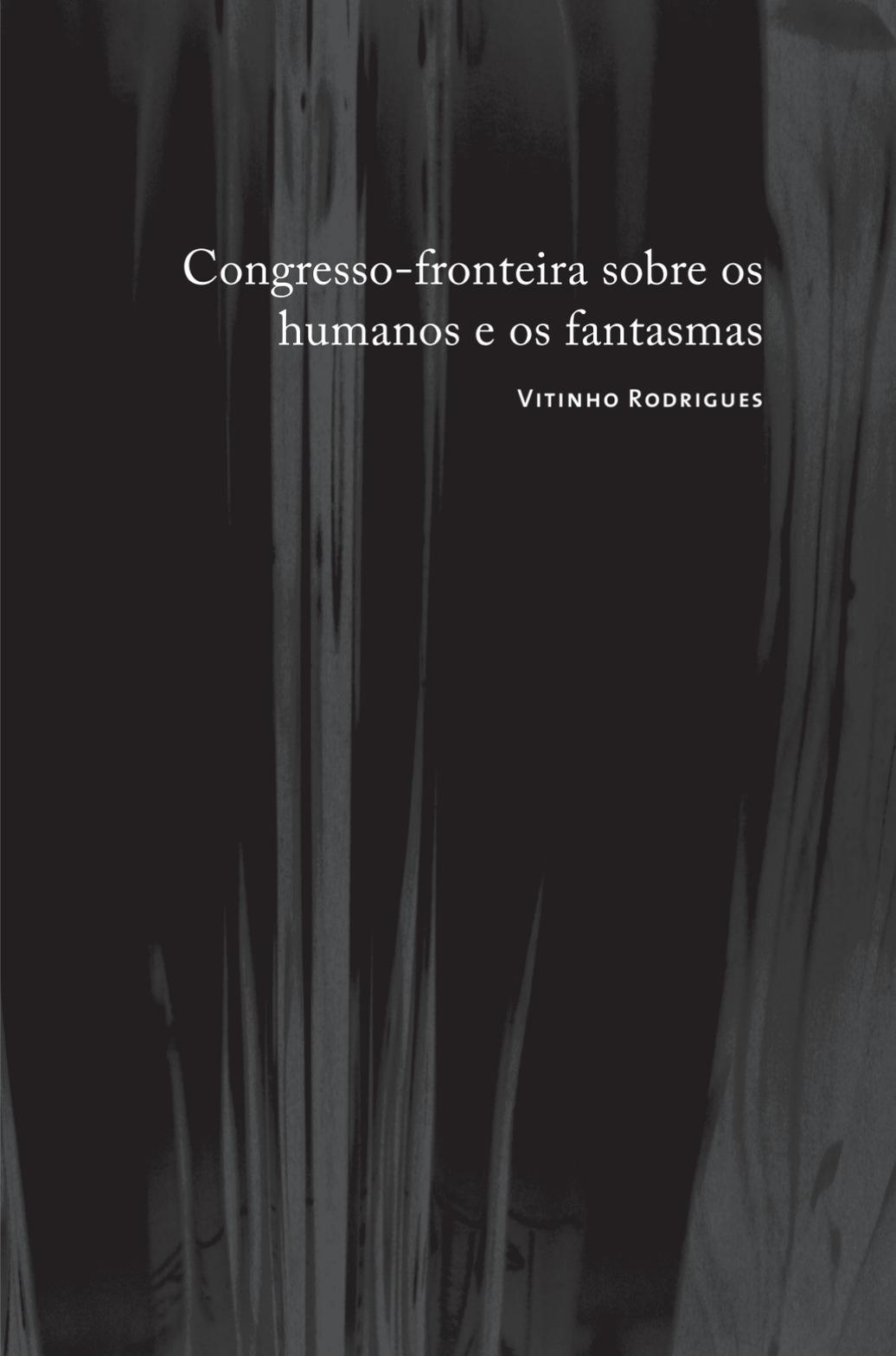
**FILHA** – Ali. Pendurado na cadeira.

**PAI** (encontrando os fones) – Quando eu voltar a gente janta fora ou pede alguma coisa, tá bem?

(A FILHA assente com a cabeça. Eles se olham feito dois buracos negros.)

(Ele sai.)





Congresso-fronteira sobre os  
humanos e os fantasmas

VITINHO RODRIGUES

*“Bora estourar esse congresso todo e quebrar as fronteiras absurdas desse rolê reforçando as fronteiras do nosso corpo e individualidade humana.”*

(Dani Funez)

*“Nós seguimos lutando. Pelos primeiros dias de uma melhor nação.”*

(Cory Doctorow, *Walkaway*.)

*“Agora, eu entendo por que esta organização nos chamou. É porque só a vida cura nosso medo.”*

(Grace Passô, Congresso Internacional do Medo.)

*“Só o que é humano pode ser verdadeiramente estrangeiro.”*

(Wisława Szymborska)

*“O ser humano se diferencia dos outros animais pelo telencéfalo altamente desenvolvido, pelo polegar opositor e por ser livre. Livre é o estado daquele que tem liberdade. Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.”*

(Jorge Furtado, *Ilha das Flores*.)

## Personagens

**PALESTRANTE I** e **PEDREIRO** devem ser feitos  
pelo mesmo atuante  
**PALESTRANTE II** e **A SENHORA** devem ser feitos  
pelo mesmo atuante  
Um rádio

### Sugestão

“Congresso-fronteira sobre os humanos e os fantasmas” é dividida em dois momentos que se intercalam, se sobrepoem e se mesclam. O primeiro momento é o congresso propriamente dito, no qual dois palestrantes discutem com o público seis tópicos com base nas ideias de zonas da fronteira e de enquadramentos humanos. O segundo momento é um diálogo entre duas figuras que se encontram numa fronteira: pedreiro, que trabalha na construção de uma parede sobre a fronteira, e senhora, que ronda a fronteira. Para o primeiro momento, sugere-se que a palestra seja acompanhada de uma explosão imagética que a ilustre e que seja projetada na sala de apresentação, explosão essa inspirada no documentário *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado. No segundo momento, sugere-se que o diálogo entre Pedreiro e Senhora seja apenas ouvido, ou seja, é sugerido que o diálogo aconteça todo sob

um blecaute. A cada novo retorno à palestra, isto é, cada vez que a luz se acende novamente, é possível ver a parede que o pedreiro constrói erguendo-se paulatinamente. Outras indicações de iluminação serão sugeridas ao longo do texto.

## PRÓLOGO I

(O cenário, aqui, é uma obra quase baldia. Um local abandonado – uma fronteira sobre a qual se ergue uma parede. A peça começa com um feixe de luz iluminando um rádio. No rádio, ouve-se, enquanto o público entra:

*We are going to have strong, incredible borders. They are going to come in legally. We are going to build a wall. It's going to be built. It's not even, believe it or not, it's not even a difficult thing to do.*<sup>5</sup>

A tradução é: Nós vamos ter fronteiras fortes e incríveis. Eles entrarão legalmente. Nós vamos construir um muro. Ele vai ser construído. Não é, acreditem ou não, não é uma coisa difícil de se fazer. No rádio, serão ouvidas várias línguas. Todas as línguas podem se sobrepor em uma única faixa sonora.)

## PRÓLOGO II

(Luz geral. Dois atuentes estão em cena. PALESTRANTE I é PALESTRANTE I e PEDREIRO; PALESTRANTE II é PALESTRANTE II e A SENHORA. PALESTRANTE I diminui o volume do rádio; a luz se acende.)

---

5. Fala de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, em comício eleitoral de 2016 no qual defende a construção de um muro sobre a fronteira dos Estados Unidos com o México.

**PALESTRANTE I** – Boa noite. Boa noite.

**PALESTRANTE II** – Boa noite.

**PALESTRANTE I** – Sejam muito bem-vindes. Todes. Foi difícil estarmos aqui, hoje, juntos. É o que eu digo, demanda uma coragem herculana sair de casa e vir ao teatro...

**PALESTRANTE II** – Mas não precisam se descabelar; esta daqui não vai ser uma peça que discute O teatro. Inclusive, fiquem tranquilos, essa divisão entre nós, de dentro da cena, e vocês, de fora da cena, será plenamente preservada.

**PALESTRANTE I** – Mas, fato é que somos, esta noite, dois...

**PALESTRANTE II** – Somos dois.

**PALESTRANTE I** – E nossa função hoje, aqui de dentro da cena, é falar sobre um crime. Essa é uma palestra que fala sobre um crime.

**PALESTRANTE II** – Um crime que ocorre em lugares onde comumente ocorrem crimes; um crime comum, de fantasmas contra pessoas.

**PALESTRANTE I** – Ou de pessoas contra fantasmas.

**PALESTRANTE II** – À luz desse crime, trazemos, para diante do olhar atento dos nossos espectadores, duas figuras cen-

trais na ação desse denominado crime e uma terceira figura, também central, mas um pouco diferente.

**PALESTRANTE I** – A primeira dessas figuras, a ser interpretada por mim, é **Pedreiro**. Um pedreiro que, por vezes, se encontra numa rachadura espaço-temporal, na qual procura uma certa senhora que conheceu no dia anterior.

**PALESTRANTE II** – Eu sou A Senhora, a segunda figura. Eu sou a senhora que o pedreiro encontrou no dia anterior, mas, enquanto ele está no dia seguinte, eu estou no dia anterior ao anterior.

**PALESTRANTE I** – É um pouco confuso, mas são duas personagens. Duas personagens que se encontram e se desencontram num mesmo lugar. E a terceira figura é esta (aponta para o rádio). Um rádio, que traz do mundo externo notícias (aumenta o volume do rádio).

*Enemies of freedom committed an act of war against our country. Our enemy is a radical network of terrorists. Our war on terror begins now. It will not end until every terrorist group of global reach has been found, stopped and defeated.*<sup>6</sup>

(A tradução é: “Inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra o nosso país. Nosso inimigo é uma rede radical de terro-

6. Fala de George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos, em discurso ao Congresso estadunidense, no qual declara “Guerra ao Terror”, após os atentados de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas.

ristas. A nossa guerra ao terror começa agora. Ela não terminará até que todos os grupos terroristas no mundo sejam encontrados, barrados e derrotados.)

**PALESTRANTE I** – (abaixa o volume do rádio) É preciso começar. É preciso que falemos desse tal crime: quem o cometeu? Contra quem o cometeu? Quem são esses *inimigos*?

**PALESTRANTE II** – Talvez possamos iniciar, agora, falando sobre nós, aqueles que cometem os crimes. *Nós*, eu digo, humanidade. Talvez eles. Trago aqui uma novidade: não há crimes fora da zona perimetral humana. Crime é nossa eureka.

**PALESTRANTE I** – Falemos da humanidade. Falemos da nossa forma. Falemos do corpo.

## UNIDADE I: O ESTATUTO ONTOLÓGICO DO CORPO

(Aqui se inicia a explosão imagética.)

**PALESTRANTE I** – Estatuto.

**PALESTRANTE II** – Um estatuto é um regulamento ou conjunto de regras de organização e funcionamento de uma coletividade, instituição, órgão, estabelecimento, empresa pública ou privada.

**PALESTRANTE I** – Ontológico. Ontológico é a área da filosofia que considera o ser assim como é, em sua essência, independentemente do modo como se manifesta.

**PALESTRANTE II** – Corpo. Um corpo é o conjunto das várias partes que compõem um animal e, após sua morte, o corpo é considerado um cadáver.

Um estatuto ontológico do corpo: um conjunto de regras que considera o conjunto de várias partes que compõem o animal antes de ser considerado um cadáver em sua essência; independentemente do modo como se manifesta.

**PALESTRANTE I** – Corpo.

O que constitui um corpo?

**PALESTRANTE II** – Um corpo é feito de matéria.

Matéria. **Matéria** é tudo aquilo que tem massa e ocupa um lugar no espaço. Um corpo é tudo aquilo que tem massa e ocupa um lugar no espaço.

Um corpo *humano*.

E aqui, prestem atenção, talvez tenhamos chegado à primeira definição sobre quem comete crimes: humanos. Ainda não é possível dizer, com certeza, se todas as figuras de nossa história – que, prometemos, se iniciará muito em breve – são suspeitas, afinal, ainda não sabemos se são ou não humanas.

**PALESTRANTE I** – Bom, humanos são mamíferos, bípedes, com o telencéfalo altamente desenvolvido, com o polegar opositor, que tem massa e que, portanto, ocupam um lugar no espaço.

Estatuto ontológico do corpo *humano*: mamífero, bípede, com o telencéfalo altamente desenvolvido, com o polegar opositor, que tem massa e que, portanto, ocupa um lugar no espaço.

**PALESTRANTE II** – Um corpo *humano* só é *humano* e só tem o direito à vida se cumpre com todas as regras do Estatuto ontológico do corpo *humano*.

Sim?

**PALESTRANTE I** – Vida.

**PALESTRANTE II** – Vida é a propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento à morte. Estatuto ontológico do corpo humano *vivo*.

**PALESTRANTE I** – Talvez seja o momento de iniciarmos nossa história. Sem mais delongas. Eu sou Pedreiro.

**PALESTRANTE II** – Eu sou A Senhora.

**PALESTRANTE I** – A Senhora conta uma história de ninar para os filhos.

**PALESTRANTE II** – O Pedreiro procura A Senhora.

**PALESTRANTE I** – Os dois estão no mesmo lugar. E eu convido vocês, que estão sentados, a ouvirem e apenas ouvirem essas duas figuras. Ninguém, repito, ninguém poderá vê-los. Nós seremos apenas capazes de ouvir o Pedreiro e A Senhora.

(Blecaute.)

**A SENHORA** – Agora, ouçam. Quietinhos.

Quietinhos, que a mamãe vai contar uma história pra vocês.

Não, não, não, meu filho, não é uma história de medo...

Não, não, não, meu filho, não é uma história de chorar... Não,

não, não, meu filho, não é uma história de susto...

**PEDREIRO** – A senhora, a senhora, a senhora... Olha, a senhora, eu trouxe essa sacola pra senhora...

**A SENHORA** – É uma história de bonitezas, é uma história que, se faz a gente chorar, a gente chora de beleza, meu filho, é uma história linda.

Aconteceu sabe há quantos anos? Muitos.

Mas pode ter acontecido hoje, também.

**PEDREIRO** – Eu, eu... A senhora? Eu acordei na hora que eu sempre acordo, é verdade... A senhora? Mas eu, sabe, eu tive que caçar essas frutas aqui pra trazer pra senhora... A senhora?

**A SENHORA** – Certa vez, ouçam bem, havia, certa vez, uma moça, não, não, meu filho, nem bonita, nem feia, não, não, meu filho, uma moça. Só uma moça.

**PEDREIRO** – A senhora? A senhora me entende, a senhora? A senhora tá aí...? Sabe, eu, eu precisei trazer essa sacola pra senhora, não aguentei ver a senhora chegar de mãos vazias aqui nesse lugar já tão abandonado, a senhora... a senhora...

**A SENHORA** – A moça tinha os cabelos pretos muito pesados e os peitos caídos.

Essa moça casou-se com um moço, não, não, meu filho, só um moço.

Os dois eram felizes. Viviam juntos numa mesma casa, que ficava perto de um bosque, não, não, não, meu filho, essa não é uma história de medo... não, não, não, meu filho, essa não é uma história de fantasma...

Dentro desse bosque, havia um rio.

**PEDREIRO** – A senhora... alguém viu a senhora... uma senhora... é uma senhora, com os cabelos pretos muito pesados.

**A SENHORA** – Todos os dias, de manhã, a moça andava pelo bosque até a margem do rio pra pegar água. Todos os dias, a essa hora, a moça vestia sua camisola branca. Certo dia, às margens do rio, a moça sentiu uma palpitação e um enjoo.

**PEDREIRO** – A senhora tem os peitos muito caídos... alguém viu essa senhora?

**A SENHORA** – Ela contou para o seu amado: eles iam ter um filho! Um não, dois. Duas lindas crianças. Que nem vocês, dois lindos filhinhos.

**PEDREIRO** – Alguém viu essa senhora? Ela tem os cabelos pretos muito pesados, ontem ela tava toda de branco, a senhora, alguém viu?

**A SENHORA** – Quando a moça deu à luz, em casa, os seus filhos, ela e seu marido viveram mais felizes do que antes. Os filhos viviam. A moça era feliz.

(Um entulho de pedras; uma obra. Um PEDREIRO. O rádio acompanha o PEDREIRO. O rádio toca “Quatro semanas de amor” ou qualquer outra música brega. O palco ainda está escuro – blecaute –, não é possível enxergar nada, apenas ouvir. O PEDREIRO não nota que está acompanhado de uma SENHORA, que parece esperar por algo ou alguém. O PEDREIRO coloca pedra sobre pedra, constrói um protótipo de parede. Atrás da parede, um rio. A SENHORA espera; em determinado momento, boceja. O PEDREIRO nota a presença da SENHORA, sem muito espanto. Continua trabalhando.)

**PEDREIRO** – Não é muito cedo?

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – A senhora tá aí faz tempo?

**A SENHORA** – A senhora tá aqui faz tempo.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – A senhora não tem medo?

**A SENHORA** – A senhora tem um pouco.

**PEDREIRO** – A senhora devia mesmo.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – A senhora não quer ficar mais perto?

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Mais perto de cá. É melhor respirar essa poeira do que correr esse risco. A senhora não quer vir?

**A SENHORA** – A senhora quer. (aproxima-se)

**PEDREIRO** – Sabe, tem muito coiote pra cá. É perigoso; um bicho desses se ataca a senhora te mata e te joga nesse rio. A senhora vai parar do lado de lá; aí a senhora perde tudo, nome, endereço. Te enterram onde encontrarem a senhora. A senhora não tem medo?

**A SENHORA** – A senhora tem um pouco.

(Silêncio. PEDREIRO trabalha. O rádio toca.)

**PEDREIRO** – A senhora gosta de ouvir que tipo de rádio?

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Esse rádio aqui eu comprei dia desses; pega frequência daqui e dali. Confunde um pouco as línguas, mas tem variedade de tudo; a senhora quer ouvir música ou notícia?

**A SENHORA** – Notícia.

**PEDREIRO** – Ah. Vou colocar música mesmo. Quem aguenta ouvir notícia? (Muda as frequências; toca uma música brega.)

(Ouvem a música.)

**PEDREIRO** – Viu? A senhora não concorda que ouvir música é muito melhor?

**A SENHORA** – A senhora discorda.

**PEDREIRO** – Mas a senhora queria ouvir notícia de quê, meu Deus? Só desgraça. (silêncio) Se a gente não ouve, dá quase pra fingir que não aconteceu. (silêncio) A senhora mora pra cá?

**A SENHORA** – Depende...

**PEDREIRO** – A senhora veio de onde?

**A SENHORA** – Vim de longe, meu filho.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Longe?

**A SENHORA** – Longe.

**PEDREIRO** – Longe quanto?

**A SENHORA** – Muito longe, meu filho. Muito longe.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – E a senhora veio a pé?

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Vai demorar pra liberarem lá. Às vezes, é só depois do almoço.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – A senhora não trouxe nada?

(No rádio, enquanto a música brega continua tocando, ouve-se uma voz grave: “... é pra você, Emília, do João, a pessoa que te ama. Ele pede pra que você volte pra casa, Emília, ele sente muito a sua falta e pede perdão. Volta pro João, Emília!”

Luz geral. A parede que o PEDREIRO constrói agora pode ser vista. Ela ainda é pequena. A cada novo acender de luzes, a parede ficará maior.)

**PALESTRANTE I** – Este daqui é o lugar onde nos encontramos. Nós, eu digo, Pedreiro e Senhora. Aqui – um local mais do que propício para a nossa história; o lugar onde crimes são comumente cometidos.

**PALESTRANTE II** – Crimes de alto escalão; lavagem de dinheiro; evasão de divisas; mas também crimes contra os nossos corpos humanos.

Fato é que estamos diante de uma fronteira. E eu lhes peço que imaginem, neste palco, uma fronteira, ainda que uma fronteira seja sempre imaginada.

## UNIDADE II: A FRONTEIRA

**PALESTRANTES I E II** – Fronteira.

**PALESTRANTE I** – Fronteira é o limite que demarca um país e o separa de outros. Isto é uma fronteira:

(Projetar o contorno da fronteira dos Estados Unidos.)

**PALESTRANTE II** – Isto é uma fronteira:

(Projetar o contorno da fronteira da Europa.)

**PALESTRANTE I** – Isto também é uma fronteira:

(Projetar a silhueta de um corpo humano.)

(A luz permanece acesa.)

**A SENHORA** – De onde veio a senhora? A senhora nasceu onde nasce a nascente do Francisco, pros lados de Minas Gerais.

**PEDREIRO** – Longe?

**PALESTRANTE I** – Aqueles que estiverem circunscritos dentro da linha perimetral, mais demarcada, da primeira imagem serão, naturalmente, chamados estadunidenses. Chamados assim porque habitam um país de nome Estados Unidos, que confere aos seus cidadãos o estatuto de estadunidense.

Aqueles que estiverem circunscritos dentro da linha perimetral, mais demarcada, da segunda imagem serão, naturalmente, chamados europeus. Chamados assim porque habitam um continente de nome Europa, que confere aos seus cidadãos o estatuto de europeu.

(Idem.)

**PEDREIRO** – E a senhora veio a pé?

**A SENHORA** – Foi quase. Eu vim... Ela veio... pelo rio, um pedaço. Quando o rio ameaçou cair no mar de Alagoas, ela desceu... eu desci, andei o Maranhão e o Pará e peguei o Amazonas.

**PEDREIRO** – E aí, a senhora veio a pé?

**A SENHORA** – Não; um pouco. Quando chegou o fim do Amazonas, eu subi o Peru e a Colômbia; o canal foi o mais difícil, mas eu... ela... dei um jeito num navio que tinha por lá.

**PEDREIRO** – Daí veio a pé?

**A SENHORA** – Daí vim a pé. Andei até aqui no Bravo.

**PEDREIRO** – A senhora queria chegar no Bravo?

**A SENHORA** – Cheguei.

**PALESTRANTE II** – Dentro de suas fronteiras, os cidadãos estadunidenses e os cidadãos europeus podem circular livremente; e talvez possam circular livremente até fora de suas fronteiras. No entanto, dessa condição não usufruem todos os outros cidadãos, não europeus e não estadunidenses.

(início da citação) “Se tenho alguma fronteira, ou se alguma fronteira pode ser atribuída a mim, é somente porque me separei dos outros, e é somente por causa dessa separação que posso me relacionar com eles. Assim, a fronteira é uma função de *relação*, uma *gestão da diferença*, uma negociação na qual eu estou ligado a você na medida da minha separação.”<sup>7</sup> (fim da citação)

**PALESTRANTE II** – Aqueles que estiverem circunscritos dentro da linha perimetral, mais demarcada, da terceira imagem, serão, talvez não tão naturalmente assim, chamados humanos. No entanto, terá a condição de humano *vivo* aqueles que estiverem circunscritos dentro da terceira linha perimetral, mamífero, bípede, com o telencéfalo altamente desenvolvido, com o polegar opositor, que tiverem massa, que, portanto, ocuparem um lugar no espaço e que estiverem na intermediação entre o nascimento e a morte. À intermediação entre o nascimento e a morte damos o nome de existência.

7. Judith Butler, *Quadros de guerra*: Quando a vida é passível de luto. Trad. de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 72.

A existência é o fato de viver; estar vivo. Aqui, talvez, possamos prever que o crime da nossa história foi o simples cruzamento de uma fronteira. Alguém, circunscrito na fronteira da terceira imagem, que atravessou para dentro de uma das imagens nas quais não estava circunscrito.

Mas talvez ainda seja cedo para afirmar que as figuras de nossa história estejam circunscritas na terceira imagem. Para usufruir do estatuto do corpo humano vivo, não basta estar circunscrito na linha perimetral que define a fronteira da terceira imagem, é necessário que se desfrute da condição de estar vivo. O que é estar vivo?

**PALESTRANTE I** – O contrário de estar vivo é estar morto.

**PALESTRANTE II** – Estar vivo, portanto, é não estar morto.

### UNIDADE III: A MORTE

(PALESTRANTE II aumenta o volume do rádio. A luz se apaga; blecaute. O PEDREIRO continua empilhando pedra sobre pedra. No rádio, ouvem-se pessoas falando.)

(no rádio:) ... *ocurre desde el día que el presidente determinó el inicio de la construcción. Ya son quince cuerpos encontrados, de los cuales dos eran de niños...*

(A tradução é: ... ocorre desde o dia que o presidente determinou o início da construção. Já são quinze corpos encontrados, dos quais dois eram de crianças...)

**PEDREIRO** – Não entendo qual o ponto de ouvir esse monte de gente falando sem parar. Eles balbuciam o dia todo na frente desse microfone, qual é a graça?

**A SENHORA** – Não me importo. Mas tudo isso foi aqui. O senhor não tem medo?

**PEDREIRO** – Medo...?

**A SENHORA** – Disso que você constrói.

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Sem parar.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Não tenho como fugir. Eu moro aqui. E eu trabalho aqui.

Se eu largo tudo, ah, foda-se, eu vou pra onde? Pra casa da senhora eu aposto que não.

**A SENHORA** – A senhora nem casa tem.

*... children's bodies were found on the riverside, on our side of the border, alarming the local population for possible children murderers coming from other countries.*

*Locals said the situation was...*

(A tradução é: ... corpos de crianças foram encontrados na margem do rio, do nosso lado da fronteira, alarmando a população

local para possíveis assassinos de crianças vindos de outros países. Os habitantes locais disseram que a situação foi...)

**PEDREIRO** – A senhora tá acampada aí faz quanto tempo?

**A SENHORA** – A senhora não tá acampada.

**PEDREIRO** – Ué, então a senhora mora onde?

**A SENHORA** – Aqui.

**PEDREIRO** – Nesse rio?

*... presidente concordou com a decisão liminar do governo aliado de que não será mais permitida a entrada de brasileiros no território...*

**PEDREIRO** – Chega. (Muda a frequência do rádio; toca uma *cumbia*.)

**A SENHORA** – Não são o seu rádio  
E nem o seu muro  
que vão mudar essa realidade daqui.

**PEDREIRO** – Pois eu acredito no que eu quiser.

(Luz geral. **PALESTRANTE I** diminui o volume do rádio. A parede está maior.)

**PALESTRANTE I** – Em um curso “natural” da vida, pode ser estranho que se fale da morte antes de se falar da vida. Pois

primeiro se nasce; se vive. Por último, se morre. Um erro pensar que a vida é sempre o primeiro passo.

A morte. Morte é a interrupção definitiva da vida de um organismo. A morte é o fim da vida *humana*.

**PALESTRANTE II** – Para que uma vida *humana* morra, ela precisa antes de tudo ser considerada *vida e humana*.

Afirmamos que houve um crime no local onde as figuras dessa nossa história se encontram: uma fronteira, já que é comum, como dissemos, que ocorram crimes nas fronteiras.

A terceira figura de nossa história, o rádio, traz agora notícias que talvez nos deem pistas de que o crime em questão tem a ver com a morte. Talvez com a vida.

Já vimos aqui diversos estatutos, ou seja, conjuntos de regras que determinam o que é um *corpo humano vivo*: mamífero, bípede, com o telencéfalo altamente desenvolvido, com o polegar opositor, que tem massa, que, portanto, ocupa um lugar no espaço e que está na intermediação entre o nascimento e a morte.

**PALESTRANTE I** – Vimos, ainda, que corpos humanos vivos gozam também de estatutos de cidadania, conferidos àqueles que nascem em determinados lugares, delimitados pelas fronteiras.

(início da citação)

“A noção de humano *reconhecível* se forma e se reitera, em oposição àquilo que não pode ser nomeado ou encarado como humano, uma representação do não humano que de-

termina negativamente e perturba potencialmente o que é reconhecidamente humano”<sup>8</sup> (fim da citação)

**PALESTRANTE II** – Àqueles que gozam dos estatutos de humanidade, conferimos a condição de humano, possibilitando a eles a vida – e, conseqüentemente, a morte acompanhada do luto.

Àqueles que não gozam dos estatutos de humanidade, conferimos a morte sem a possibilidade do luto.

*Quem perturba a humanidade? Qual é a fronteira que separa humanos de não humanos?*

Figuras não humanas, sobre-humanas e anteriormente humanas, por vezes, são o objeto dos medos humanos:

**PALESTRANTES I E II** – fantasmas.

(Blecaute.)

**A SENHORA** – A imensidão desse lugar. Não te impressiona?

Aqui. Às vezes eu penso que moro aqui.

Que nasci aqui. Aqui parece com todos os lugares que eu já morei. E foram muitos; não parece, mas foram.

Você não acha lindo?

Quando acaba a noite e o sol varre essa água é tão lindo.

O sol, que parece que nasce da margem, já viu?

Daqui a pouco nasce o sol, você vai ver. Mas presta atenção.

Presta atenção, que quando essa sua obra daí estiver pronta, não tem mais sol. Não tem mais água.

8. Judith Butler, *Quadros de guerra*: Quando a vida é passível de luto. Trad. de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 100.

Mas é bom.

Quando o sol nascer, eu já não tô mais aqui pra te chamar atenção, então você presta atenção.

Presta atenção no rio; olha bem no horizonte dele. Olha.

Aqui, esse rio parece com todos os lugares em que eu já morei. E foram muitos. Nesse rio, essa água tão bonita, aqui já aconteceram coisas terríveis.

Ficou sabendo?

Ah, se soubessem fazer com que essas águas respeitassem as margens. Ah, se soubessem como fazer isso, estaríamos perdidos, perdidos!

Mas não sabem. Não sabem. Por isso que esse rio é tão rebelde. Ele transborda pra lá e pra cá; não há quem impeça o rio de ser daqui e dali; da margem de cá e da margem de lá.

Por isso tornei-me eu um pouco do rio, também. Nesse rio, tem uns pedaços de mim. Uns poucos pedaços de mim.

**PEDREIRO** – Desde que a senhora chegou, engraçado. Parece que faz anos que a senhora tá aqui, mas faz poucas horas; diria até minutos.

É bom que a senhora esteja aqui; me faz um pouco de companhia nesse lugar tão abandonado.

A essa hora não dá pra enxergar nada, mas é bom trabalhar assim, é mais vazio.

Às vezes, até que fico um pouco aflito com esse lugar; é decerto triste que um rio bonito desses seja uma trincheira.

Mas é por isso que eu trabalho aqui; daqui pra lá desse muro vai ter paz. É tanta gente que se joga aqui, é terrível.

A senhora quer ouvir música ou notícia?

**A SENHORA** – Notícia.

*... duas semanas. É importante, segundo as forças que trabalham na proteção da fronteira, analisar os corpos encontrados no rio para tentar definir a origem dessas...*

**A SENHORA** – Coloca música.

**PEDREIRO** – Deixa assim... Agora te assusta?

**A SENHORA** – Uma lembrança ou outra.

**PEDREIRO** – Amanhã eu te trago umas frutas; pra você dar pra quem você estiver esperando.

**A SENHORA** – Não. Não, não. Não precisa...

*... falar do tempo. O dia permanece com alta nas temperaturas e muito seco; é importante se atentar para a hidratação do corpo; banhar-se e tomar água são atividades importantes; não é recomendado fazer exercícios...*

**PEDREIRO** – Trago pra senhora manga e mamão.

*... físicos; é necessário tomar cuidado com as correntezas na hora de praticar natação, apesar do calor, os ventos estão fortes e secos...*

**PEDREIRO** – E laranja.

**A SENHORA** – Coloca música.

**PEDREIRO** – Ou a senhora prefere mexerica? Quem a senhora tá esperando gosta de mexerica?

(O rádio toca Mercedes Sosa. Luz geral. **PALESTRANTE I** aumenta significativamente o volume do rádio. Coloca-o na mão da **SENHORA**, ambos seguram o rádio. A **SENHORA** olha fixamente para o rio.)

**A SENHORA** – Gosta.

**PALESTRANTE II** (olhando para o **PEDREIRO**) – Fantasma, na crença popular, é a alma ou o espírito de uma pessoa falecida que pode aparecer para os vivos de maneira visível ou através de outras formas de manifestação. (solta o rádio e deixa-o na mão de **PALESTRANTE I**, que abaixa o volume e coloca-o no chão)

Um olhar atento nas histórias que nos aterrorizam nos mostra que nossos medos estão, muitas vezes, pautados pela morte; muitas dessas histórias são reais, são notícias nos jornais de crimes perversos de pessoas contra pessoas mesmo que pessoas sejam instituições, porque instituições são sempre pessoas.

Agora, existem histórias que nos aterrorizam que são invenções das nossas próprias cabeças; ficções de terror, projetadas numa tela enorme e iluminada sob um aspecto quase noturno – e existem as histórias contadas por gerações, aquelas que ninguém sabe de onde surgiram, mas que se encaminham de ouvido a ouvido, num fluxo intenso de ventanias do horror.

Existem as histórias de *serial killers*, que seguem o curso da morte um a um, causam espanto, mas que são descobertos ao final.

Agora, e aí mora o ponto nevrálgico, existem histórias que contam de um certo terror não humano, sobre-humano, quase humano ou demoníaco. São histórias de fantasmas, espíritos, demônios, capetas, materializados ou não sob signos de um imaginário comum sobre o que nos espanta. Seres cujo único destino é ser expurgado, expulso, estraçalhado do convívio dos seres humanos.

Existem crenças, no entanto, que acreditam que, em determinados dias do ano, é possível encontrar aqueles fantasmas que um dia amamos, mas que nos deixaram quando viraram fantasmas. Dias em que a fronteira do mundo dos vivos com o mundo dos mortos é rompida.

Fantasmas são ficções? Fronteiras também são ficções? Fantasmas e fronteiras são, essencialmente, a mesma coisa? Será a fronteira a nação dos fantasmas?

**PALESTRANTE I** – Por que criamos histórias de terror? Seria um motivo puramente calcado em credices religiosas, judaico-cristãs, nas quais o mal invade o mundo e o bem vence o mal?

Quem sabe seja o terror um ponto de vista. Eu, aqui. Por exemplo. Eu mereço ser expurgado, expulso, estilhaçado do convívio dos seres humanos?

Ela, ali. Ela merece? Você. Você merece? Quem que merece?

#### UNIDADE IV: O MEDO

(Blecaute. O PEDREIRO continua trabalhando. Nada se vê; só se escutam as vozes e o som da obra.)

**PEDREIRO** – ... a senhora... a senhora ainda tá aqui?

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Sim.

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Você não me vê?

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Você consegue escutar?

**PEDREIRO** – A senhora?

**A SENHORA** – Não. Elas.

**PEDREIRO** – Elas?

**A SENHORA** – Sim. O choro delas.

(Não se ouve choro algum. Silêncio.)

**A SENHORA** – Sh, sh, sh... quietinhos, quietinhos, sem chorar... mamãe tá aqui...

**PEDREIRO** – A senhora ouviu alguma coisa?

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – A senhora nunca me disse o seu nome.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – A senhora é mãe?

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Eu já fui.

(Não se ouviu choro algum. Silêncio.)

**PALESTRANTE I** – Medo. O medo é uma sensação que proporciona um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado, tanto fisicamente como psicologicamente. Aqui, abrimos um pequeno parêntese para dizer, talvez ousadamente, que o medo é o único tema deste congresso que não é exclusivo da zona perimetral **humana**.

Medo nada mais é do que se sentir ameaçado. Ameaça de que nos violem. Ameaça de que violem nossa propriedade. Mas, muitas vezes – quem sabe, sempre –, uma ameaça que nos defronta com a morte. Afinal, enxergar a

morte, frente a frente, talvez seja a semente de todos os medos possíveis.

O que nos amedronta ou, ainda, quem nos amedronta?

Sentimos mais medo daquilo que é capaz de nos matar, sentimos mais medo daquilo que já está morto ou sentimos mais medo daquilo que jamais esteve **vivo**?

Um fantasma – um fantasma, como vimos, pode ser uma alma, alguém, uma imatéria que outrora esteve viva e que, depois da morte, volta para assombrar quem ainda está vivo – embora haja quem acredite que os fantasmas sejam parte de uma crença de resistência e não de terror.

Aquilo que está morto, mas, sobretudo, aquilo que nasceu, mas jamais um dia teve vida nos amedronta. Aquilo que é abjeto – aquilo sobre o que não conseguimos sequer falar. Aquilo cujas fronteiras não conseguimos reconhecer, mas que, ainda assim, insiste em atravessar para dentro de outras fronteiras.

Corpos disformes – e não somente os corpos que não existem na conformidade das fronteiras reconhecidamente humanas, mas disformes nas suas formas de existência. É esse o nosso maior medo?

**A SENHORA** – Sim, sim, sim, meu filho. Quietinhos, mamãe já entendeu.

Sh... Mamãe vai contar outra história, não, não, não, meu filho, não é uma história de medo.

Não, não, não, meu filho, não é uma história de fantasma.

**PEDREIRO** – ... a senhora... dessa vez... a senhora... dessa vez a senhora me escuta?

**A SENHORA** – Dessa vez, ouçam, mamãe vai contar uma história de amor. Amor. Olha, que lindo, meus filhos, vocês já ouviram uma história de amor?

Havia, há muitos anos, uma moça. Sim, sim, meu filho, dessa vez a moça pode ser bonita, sim, sim, meu filho, muito bonita.

Belíssima. A beleza dessa moça palpitava o coração de qualquer um que passasse por ela. A moça tinha os cabelos pretos muito pesados e os peitos caídos.

Essa moça casou-se com um moço, não, não, meu filho, só um moço.

**PEDREIRO** – Eu... sabe, eu não escuto mais a senhora, mas... a senhora me escuta? Pois alguém... alguém escuta? Era uma senhora de cabelos pretos muito pesados, alguém escuta essa senhora? Ontem... ontem eu escutei essa senhora...

**A SENHORA** – Os dois eram felizes. Viviam juntos numa mesma casa, que ficava perto de um bosque, não, não, não, meu filho, essa não é uma história de medo... não, não, não, meu filho, essa não é uma história de fantasma... Dentro desse bosque, havia um rio.

**PEDREIRO** – Essa senhora... ontem ela me disse o nome dela. Acho que era Emília. Não lembro, foi ontem, acho que era Emília o nome dela... Se alguém escutar essa senhora, por favor, diga que estou aqui onde eu sempre estive. E que eu trouxe uma sacola pra ela.

**A SENHORA** – Todos os dias, de manhã, a moça andava pelo bosque até a margem do rio para pegar água. Certo

dia, às margens do rio, a moça sentiu uma palpitação e um enjoo.

Ela contou para o seu amado: eles iam ter um filho! Um não, dois. Duas lindas crianças. Que nem vocês, dois lindos filhinhos.

A moça, no entanto, não esperava um destino tão cruel. O moço, aquele que ela mais amava, tornou-se agressivo. Violento – parecia que não mais a amava.

Um dia, quando a barriga da moça já estava enorme, de noite, justo na noite em que a moça sentia muitas dores dos filhos, o moço fugiu – enfiou-se no bosque e sumiu. A moça temia que ele entrasse no rio, passasse para o outro lado e nunca mais o visse.

Com dor, a moça adentrou o bosque escuro. Nem bem levantou da cama, nem tirou sua camisola todinha branca, não, não, não, meu filho, essa não é uma história de medo... e ela adentrou o bosque escuro. E silencioso. E sentiu medo.

**PEDREIRO** – Se alguém conseguir escutar essa senhora, por favor, me diga. A senhora... A SENHORA NÃO ME ESCUTA?

**A SENHORA** – Procurou seu amado incessantemente, até que chegou na margem do rio.

Ali, ela chorou. Chorou da dor de perder quem amava. Chorou a dor dos filhos. Ali, naquele rio, nasceram os filhos da moça; e os três nadaram até o outro lado. Os filhos viveram. A moça era feliz.

## UNIDADE V: A VIDA

(O PEDREIRO trabalha. A parede está quase de pé. A SENHORA ouve fixamente o rádio.)

**PEDREIRO** – Pois eu trabalho sozinho, ah.

Não gosto de gente me enchendo o saco, não, e quando te arranjam esses moleques preguiçosos, então?

Jovem tinha que ter ânimo pra trabalhar, mas, hoje em dia, por favor, vem por causa da marmita e do dinheiro, mas o trabalho que é bom...

Não dão conta; não trabalham direito. Se faz rápido, faz de qualquer jeito. Se faz bem, demora um ano pra fazer uma mixaria.

Eu trabalho sozinho, então não me importo de falar comigo mesmo, mas já que a senhora apareceu hoje tão cedo, é bom que faz companhia. Coragem, chegar essa hora; se fosse eu, tava dormindo.

Tem que amar demais pra vir até aqui se encontrar nessas horas, e veio de mão vazia ainda.

A senhora tem que ver, quando isso fica cheio, fica parecendo feira.

Trazem um monte de milho, de laranja, de carne, de potinho de pimenta pra levar pro outro lado, sabe como é, lá de lá não tem essas coisas.

E só aqui mesmo que dá pra pegar, esconde, entra escondido.

Pois amanhã, já que a senhora não trouxe nada, já falei, trago umas frutas pra você dar pros... é os filhos da senhora que você veio ver? Quem é? Irmã?

(Silêncio. A SENHORA, ouve fixamente o rádio.)

**PEDREIRO** – Bom, quem quer que seja, eu trago. Sem problemas.

*... da delegada; segundo ela e a equipe que foi ao local, as duas crianças tinham marcas no pescoço, no braço e na boca; a suspeita, até agora...*

**PEDREIRO** – Uma dó, né, mas fazer o quê?

Todo dia morre gente, às vezes, velho, às vezes, pequeno. Aqui, então.

Aqui é uma guerra. Esse rio é uma trincheira, a senhora precisa ver. Uma guerra.

Um coio te pega, te morde, te mata, te joga do lado de lá, acorda sem nome, sem endereço. Te enterram ali mesmo. E nunca mais ouvem falar de você.

Mas fazer o quê? Morre gente todo dia, às vezes, velho, às vezes, pequeno.

Às vezes, tem quem chore; às vezes, não. Quem chorou por esses meninos, é, aposto que lá ninguém chorou.

*... ouvir a delegada: é um alerta; vamos anunciar o toque de recolher principalmente para as nossas crianças ainda hoje; é necessário permanecer em...*

(PEDREIRO termina de levantar uma meia-parede.)

**PEDREIRO** – Olha, mas que trabalho bonito. Bem feito!

Bem-acabado.

Veja a senhora.

Olha esse cimento bem batido; esses tijolos alinhadinhos. Quando colocarem a grade de metal, isso aqui vai ficar um luxo.

Luxo.

A senhora não acha?

(A SENHORA ouve o rádio fixamente.)

**PALESTRANTE I** – Chegamos a um ponto de nossa palestra que a encaminha quase para o fim. Agora, discutimos a vida. E discutimos a vida sem necessariamente ter a certeza de que as figuras que apresentamos e representamos são, de fato, vivas.

**PALESTRANTE II** – A vida é a propriedade que caracteriza os seres humanos, cuja existência evolui do nascimento até a morte. A vida é o contrário da morte.

No entanto, pontuou-se aqui que a relação direta de causa e consequência “primeiro a vida e depois a morte” não é cabível, pois, para que algo ou alguém seja considerado morto, é necessário que tal algo ou alguém tenha sido considerado, antes de tudo, vivo.

Isso quer dizer, em outras palavras, que não basta nascer para estar vivo. Nascer é, simplesmente, vir ao mundo.

A vida é uma condição da qual gozam, antes de tudo, alguns humanos – aqueles reconhecidamente humanos, inscritos de acordo com as leis de um estatuto ontológico de corpo humano vivo.

*Quem é reconhecidamente humano?*

Talvez haja um ou uns alguéns que, do alto de suas torres, carimbem a humanidade para alguns poucos – nunca para todos. Talvez não.

Uma fronteira, por exemplo.

Uma fronteira é o limite que demarca um país e o separa de outros; uma fronteira também é o limite que demarca humanos e os separa dos não humanos. Pois aqueles que estão circunscritos por determinadas fronteiras talvez gozem de condições de vida, felicidade, amor etc. Outros, circunscritos por outras determinadas fronteiras, morrem doentes ou assassinados.

**PALESTRANTE I** – Aqui vemos que Pedreiro levantou boa parte de seu trabalho, um muro – um muro sobre a fronteira. Uma fronteira que deixa de ser uma ficção e passa a tomar a forma dos tijolos – uma fronteira que quer, mais do que nunca, separar aqueles que vivem dos que não vivem; os humanos dos fantasmas. O crime de que falamos aqui tem a ver com a morte; mas também tem a ver com a vida.

**PALESTRANTE II** – Aqui, chega a hora de retomarmos o início da nossa história, no qual eu, a Senhora, conta uma história para seus filhos.

**PALESTRANTE I** – Eu, o Pedreiro, procuro a Senhora.

**A SENHORA** – Quietinhos. Quietinhos, quietinhos, quietinhos. Sim, a mamãe já entendeu, quietinhos.

A mamãe vai contar a última história, sim, quietinhos, ouçam. Não, não, não, meu filho, não é uma história de medo.

Não, não, não, meu filho, não é uma história de susto.

**PEDREIRO** – A senhora, aqui...

Quando a senhora chegar, ou, quando a senhora voltar, sabe, o sol já vai ter nascido, ele tá chegando pra fora, já, sabe como é? Quando acaba a noite, e o sol varre essa água, é tão lindo, o sol, que parece que nasce da margem, eu vi, é bonito.

**A SENHORA** – Dessa vez, ouçam, mamãe vai contar uma história de guerra.

Guerra, meus filhos, olha que palavra bonita. De guerra e de resistência.

Havia, há muitos anos, uma moça. Não, não, não. Essa era uma moça bela. Belíssima. A beleza dessa moça palpitava o coração de qualquer um que passasse por ela.

A moça tinha os cabelos pretos muito pesados e os peitos caídos.

Essa moça casou-se com um moço, não, não, meu filho, só um moço.

Os dois eram felizes. Viviam juntos numa mesma casa, que ficava perto de um bosque, não, não, não, meu filho, essa não é uma história de medo... não, não, não, meu filho, essa não é uma história de fantasma... Dentro desse bosque, havia um rio.

**PEDREIRO** – Eu procurei, procurei a senhora, desde ontem que não sai da minha cabeça, mas, aqui, vou te deixar tudo o que eu trouxe aqui, em cima desse muro, sabe, quando a senhora chegar.

**A SENHORA** – Todos os dias, de manhã, a moça andava pelo bosque até a margem do rio para pegar água. Certo dia, às margens do rio, a moça sentiu uma palpitação e um enjoo.

Ela contou para o seu amado: eles iam ter um filho! Um não, dois. Duas lindas crianças. Que nem vocês, dois lindos filhinhos.

A moça, no entanto, não esperava um destino tão cruel.

**PEDREIRO** – quando a senhora chegar... se a senhora chegar, é só pegar, é só pegar... leva pra você, dá pra quem você estiver esperando, não se acanha...

**A SENHORA** – O moço, aquele que ela mais amava, tornou-se agressivo. Violento – parecia que não mais a amava.

Um dia, quando a barriga da moça já estava enorme, de noite, justo na noite em que a moça sentia muitas dores dos filhos, o moço fugiu – enfiou-se no bosque e sumiu. A moça temia que ele entrasse no rio, passasse para o outro lado e nunca mais o visse.

Com dor, a moça adentrou o bosque escuro. Nem bem levantou da cama, nem tirou sua camisola todinha branca, não, não, não, meu filho, essa não é uma história de medo... e ela adentrou o bosque escuro. E silencioso. E sentiu medo.

**PEDREIRO** – Ninguém viu essa senhora, né? Ela, ela... Acho que era Emília o nome dela.

Não lembro, foi ontem, acho que era Emília o nome dela...

(PALESTRANTE I aumenta o volume do rádio.)

*I'll say it very straight. Immigration is the fault. Remember: a country without borders is not a country at all. We need borders, we need security, we need safety, we need to take care of our people.*<sup>9</sup>

(A tradução é: Serei direto: a culpa é da imigração. Lembrem-se: um país sem fronteiras não é um país. Precisamos de fronteiras, precisamos de segurança, precisamos tomar conta do nosso povo.)

**PALESTRANTE I** (diminui o volume do rádio) – Se matamos e/ou deixamos morrer e não choramos ou nos aterrorizamos por isso é porque, talvez, aquilo que matamos e/ou deixamos morrer jamais tenha sido uma **vida**, embora muitas vezes fosse dotado de um **corpo**.

Um fantasma, talvez, seja uma vida sem corpo, que precisa assumir ou possuir uma forma, um corpo, uma matéria, para que possa gozar do convívio dos humanos reconhecidamente humanos.

Agora, quem são os **corpos sem vida**? Quem são os corpos que, embora sejam mamíferos, bípedes, com o telencéfalos altamente desenvolvido, com o polegar opositor, que têm massa e que, portanto, ocupam um lugar no espaço, não têm a vida e a humanidade profundamente reconhecidas? Os corpos sem vida também são fantasmas?

**A SENHORA** – E a moça procurou seu amado incessantemente, até que chegou na margem do rio. Ali, ela chorou. Chorou da dor de perder quem amava. Chorou a dor dos filhos.

---

9. Fala de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, em encontro com o Conselho Nacional do Espaço, em 2018.

Ali, na margem daquele rio, nasceram os filhos da moça; e os três adentraram o rio, queriam nadar até o outro lado.

Mas as águas daquele rio eram muito bravas; primeiro, um dos filhos se afogou, e a moça não se deu conta. Quase na margem seguinte, o segundo filho foi engolido pelas águas.

Foi só quando a moça saiu do rio, que ela notou que tinha perdido os filhos; e ela chorou a dor de perder as duas crianças. Ela olhou o rio, bravo, agitado. E padeceu na margem.

#### UNIDADE VI: VIDAS SEM CORPO; CORPOS SEM VIDA

(O blecaute permanece.)

**PALESTRANTE II** – Uma mulher. E pode ter sido qualquer mulher.

**A SENHORA** – Shhhh, sh, sh, sh, shhhh...

Shhh, meu filho... sh, sh, sh...

**PALESTRANTE II** – Mas uma mulher meio uma coisa, meio outra – sem identidades definidas. Nascida também numa terra cujas identidades foram sendo esfaqueadas pela Prata.

**A SENHORA** – Quem disse que mamãe não ama vocês? Que absurdo... absurdo...

Shhhhhhhh...

**PALESTRANTE II** – Uma mulher nem aqui nem ali. Uma mulher, certa vez, afogou os filhos num rio e se afogou logo

em seguida – isso faz muitos anos; mas pode ter acontecido ontem. Os filhos nunca foram encontrados.

**A SENHORA** – Janela, janelinha,  
porta,  
cainha.

**PALESTRANTE II** – Mas o corpo da mulher foi encontrado meio no rio, meio na margem, morto. E a mulher dividiu-se ao meio; uma metade era o corpo, condenado pelo crime e enterrado entre o Sul e o Norte. A outra metade, o espírito da mulher, passou a transitar pelas terras da América em busca dos filhos.

**A SENHORA** – Janela, janelinha,  
porta,  
cainha.

**PALESTRANTE II** – E a mulher, não se lembrando do crime que cometeu – e jurando jamais tê-lo cometido – passou a chorar incessantemente enquanto vagava atrás dos filhos.

Uns contam essa como uma história de terror; outros, como uma história de resistência.

Diz que um olhar ao espírito da mulher pode matar.

Diz, também, que a mulher rouba crianças, confundidas com os filhos que procura. Diz, na verdade, que a mulher guia o caminho de todes aqueles que nela acreditam.

**A SENHORA** – Sh, sh, sh...

Shhhh, é hora de dormir, meu filho,

não, não, não, meu filho, mamãe vai ficar aqui.

Desde quando vocês dormirem até quando vocês acordarem, sh, sh, sh... Quietinho, shhhh...

Sh, sh, sh...

(A SENHORA canta uma canção de ninar, “La Llorona”. Em seguida, ela afoga os filhos no rio e se afoga.)

**PALESTRANTE II** – Mas essa história foi há muitos anos; mas pode ter acontecido ontem.

**PEDREIRO** – Pode ter acontecido ontem...

(O rádio aumenta o volume gradativamente, até ser insuportável. O mesmo acontece com a luz. No rádio, ouve-se repetidamente:)

*We are going to build a wall. It is going to be built.* (Nós vamos construir um muro. Ele será construído.)

**PEDREIRO** (repetidamente) – Pode ter acontecido ontem...

(No ápice do volume do rádio, da luz e do PEDREIRO, este último saca uma marreta. Começa a destruir a parede que construiu em meio ao caos sonoro e de luz que se instalou. Ele não para de repetir “Pode ter acontecido ontem”.)

(Blecaute.)

## EPÍLOGO

(As luzes estão apagadas.)

**PEDREIRO** – Emília...

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Emília... (ri)

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Quer dizer “rival”.

(Silêncio.)

**PEDREIRO** – Rival...

(Silêncio.)

**A SENHORA** – Mas também quer dizer “aquela que fala agradável”.



# Estados de consciência

AMANDA CARNEIRO

*Agradeço imensamente*

*A Sílvia e Ângela por compartilharem seus entusiasmos e histórias.*

*A Daniele Carolina e Priscila pelo incansável apoio.*

*Aos colegas do Núcleo 2020, especialmente Le Conde, pelos ouvidos atentos e pelas palavras assertivas e carinhosas.*

*Ao irmão, Igor, e ao primo, João, por serem alegres companheiros.*

*À mãe, Marta, e à vó, Socorro, por transmitirem de longe a casa-luz que são.*

## Personagens

IRMÃ  
CAÇULA  
DOENÇA  
VOZ NARRADORA

### Prólogo

[VOZ NARRADORA]

*Numa sala  
Urros de dor  
Revelam sua dimensão*

*Quando altos, vislumbrem como o espaço se expande  
Quando baixos, avistem como o espaço se encolhe*

*Nessa sala  
É a Caçula que  
Geme  
Pinga  
Se debate  
Só*

*Vejam o chão molhado  
Como suas lágrimas  
E encharcado  
Como seu suor*

*Eu diria que ele pode ser de cor amarelo-mijo  
Que pode ser vermelho-mijo-com-sangue  
Pode ser  
A Caçula vê e ouve sem saber ver ou ouvir  
A sinestesia da dor  
Alguém aqui já a sentiu?  
Chega a Irmã  
Observem como ela para e cala  
Ainda que antes não produzisse som*

## ATO I

### CENA UM

#### IRMÃ

Saberia eu dizer por que  
tanto te amo?

(A IRMÃ ajeita os cabelos  
Aparentemente tentando criar cachos nas pontas)

Digo, se você é um  
corpo  
E é só um corpo

Não há razão sobre isso  
Isso de amar um corpo  
Que apodrece  
Que não apodrece por  
acaso  
Apodrece porque é um  
corpo

Digo, mas antes mesmo  
de ser um corpo  
Já diziam que era a  
minha Caçula  
E já diziam que  
seríamos amigas  
E já diziam que  
andaríamos de mãos  
dadas sobre as  
Castanheiras  
E já diziam  
Cuide de sua Caçula  
Antes mesmo que  
Uma Caçula  
Você  
Existisse

Estava fadada ao meu  
cuidado  
Antes de existir  
Antes de seu corpo  
ganhar mundo

Antes de eu saber que  
eu era eu  
Antes de eu existir  
Antes de eu ter  
propósito no mundo  
Através da sua  
existência

(Insatisfeita,  
A IRMÃ se esforça para criar os cachos  
Em vão)

Merda  
Não fica nunca no lugar  
Nunca do jeito que eu  
quero

Só me distrai  
Só me distraio  
É impossível

(A CAÇULA solta um gemido de profunda angústia)

Meus cachos nunca  
foram realmente cachos  
E eu nunca soube definir  
esses fios  
Que fios são esses?  
Pra que servem?  
Falam de beleza

Mas falam muita coisa  
Eu mesma  
Nossa  
Quanta coisa digo!

(A IRMÃ ri)

É incrível que  
A sensação é  
Assim, que  
Até aqui  
Vivi muda

Não muda  
Como alguém que nasce  
surdo  
Porque eu sempre ouvi  
muito bem

Todas as palavras  
sempre chegaram  
Cristalinas no meu  
ouvido  
E às vezes eu os tapava  
Melhor até  
Às vezes eu enfiava  
minhas unhas grandes  
Que nossa mãe tentava  
a todo custo cortar  
Eu enfiava as unhas na

carne flexível das  
orelhas  
Tentando chegar nos  
ouvidos  
Até sangrarem  
Mas daí eu tinha medo  
daquela primeira gota  
quente  
Que escorria devagar  
Não ligeira  
Porque ela abria o caminho  
Entre a pele e os pelos  
Ela escorria me  
arrepinando

Então eu parava  
E seguia ouvindo  
Com a orelha mastigada

E ninguém via

Digo  
Eu era muda  
E ouvia  
Muito bem  
Muito bem

Aqui  
O cacho!

(O cacho se desfaz)

Também  
É inútil assim  
Com todo esse calor  
Com todo esse  
derretimento  
Toda essa sede

Ao menos eu não digo  
Que isto é realmente um  
cacho  
Se é só uma tentativa de  
cacho

(A CAÇULA parece chorar)

Às vezes me sinto só  
Não adianta

(A CAÇULA parece soluçar  
A IRMÃ, em susto, quase se vira em sua direção  
Suspende a respiração

Olha para as mãos)

Sim  
Sim  
Não posso fingir não é

Eu poderia?  
Se isto não é  
Não é

(Fecha os olhos

Uma chuva se forma rapidamente  
E cai)

A sede não vai embora

(A chuva passa)

#### CENA UM.UM

(Mesmas disposições, porém  
A sala se apequena)

#### IRMÃ

Aqui                    nós-mais-uma-vez

Acredito já ser nossa  
tradição  
E até tenho preferido  
esta que outras  
O natal, por exemplo, é  
tedioso  
Mas todos sabem disso

Aqui nós-duas  
Só nós sabemos disso  
Só nós sabemos  
o-que-é-isto

Se você não vai dizer  
Eu digo

Eu digo

(A IRMÃ coça as mãos)

É a nossa velha  
vingança  
Uma-contra-a-outra  
Porque no fundo só  
sabemos nos mover no  
mundo  
Assim

Eles nos ensinaram bem  
E somos iguais a eles  
Você e eu  
Uma igual à outra  
Nós-iguais-a-eles

(Como se estivesse jogando um “jogo de bate”,  
A IRMÃ faz repetições com as mãos)

Repara

“três anos de diferença”

E o quê?

E-o-quê?

Mesmas roupas

Mesmos penteados

Mesmos sapatos...

Calcinhas!

Mesmas calcinhas

Mas não entende o que  
digo

Talvez as suas fossem  
de uma cor

E as minhas de outra

Melhor!

A cor, a mesma

Muda apenas o tom

Seus tons quentes  
sempre

Um rosa ou laranja

Em alta temperatura

Isso diz alguma coisa?

Isso-diz?

Digo

Nossa mãe, por exemplo

Vestindo a gente da  
mesma forma  
É pra se confundir  
Não?

A ela  
Ou a-nós?

De quem era a calcinha  
bege  
De quem era a de  
lacinho  
De quem era a sede  
De quem era a mania de  
roer lápis colorido  
De quem era o soluço  
De quem era o sonho  
Fada  
Samurai  
Cadáver  
De quem era?

(Um gosto se instala em sua língua)

Eu poderia cear  
mandioca crua

(O gosto some)

Quer dizer

Não somos gêmeas

Não somos gêmeas  
Somos mais que isso  
Mais próximas que isso

(Afasta bem as mãos)

Somos a mesma pessoa

Nas gêmeas todos procuram as diferenças  
Em nós só nos restam as semelhanças

#### CENA UM.UM.UM

(Mesmas disposições.  
A IRMÃ volta aos cachos malfeitos)

#### IRMÃ

Tudo bem  
Eu procuro                      procuro-procuro

As diferenças

Repara

“e quem de nós se  
parece mais com o  
papai ou a mamãe?”

Repara

“e quem de nós é mais  
o pai ou a mãe?”

Com quem você se  
parece mais?  
Quem eu sou?

Quem eu sou            aqui?

(Se agita  
Vai até a janela  
Procura pela chuva  
Sente o abafado  
Água evaporando do cimento)

Se tivesse aproveitado  
E molhado meu cabelo

(A CAÇULA parece principiar uma convulsão,  
Mas seu corpo desfalece)

Não importam os três  
anos que passei só  
Eu nem me lembro

Lembro a partir de ti  
Do meu lado  
Sempre

Lembro do timbre  
idêntico  
Lembro do tom de pele

Que só se diferenciava  
quando uma passava  
mais tempo no Sol

Você sempre passava  
mais tempo  
No Sol

(A IRMÃ tosse e se assusta)

Éramos o pai

Sim  
Nós não éramos nossa  
mãe  
E ela sempre nos  
confundia porque nós  
não éramos ela...

Repara  
“e essas são as suas?”  
Repara  
“a mãe de vocês é tão  
clara!”

Nossa mãe  
Era o Sol  
Sim  
Ela era o Sol  
Que orbitava

Orbitava?

Orbita!

Buscava

Busca o quê?

Se éramos

Somos nosso pai

**[VOZ NARRADORA]**

*A Irmã*

*A partir desse momento  
Será tomada por um calafrio  
Que não passa de ira*

*Sua visão pode estar turva  
Como rio após tempestade*

**CENA UM.UM.UM.UM**

(Mesmas disposições, porém  
A sala parece menos luminosa

A IRMÃ sente repentinamente um frio  
Fecha a janela)

## IRMÃ

Somos nosso pai?

Somos só nós

Uma vendo a outra

Uma sendo a outra

E

Quem é            você?

Porque eu cansei que  
seja eu

Cansei, sim  
Cansei de sermos a  
mesma pessoa

O quê  
Por que eu estou  
falando?  
Não importa

É só você que ouço  
E já não me lembro o  
que tanto  
Eu disse

E aquilo que não nos  
lembramos  
Não importa

Não importa?

#### CENA DOIS

(A IRMÃ tem um ataque de tosse  
Corre até a janela,  
Mas não consegue abri-la

Não tem forças  
Por mais insignificante que seja a exigência  
Física da ação

Procura um canto  
O mais distante possível da CAÇULA

A sala parece se iluminar enquanto  
A CAÇULA parece desaparecer)

#### IRMÃ

Você transpôs com o  
corpo tão pequeno  
Aquele muro de água e  
sal

Como?

Ainda hoje me pergunto  
Digo  
Estávamos na praia  
Sendo levadas pela  
maré

Estávamos soltas  
Sendo levadas pela  
maré em baixa  
temporada

Ninguém ali  
Nós-ali

Digo  
Duas crianças na  
ressaca

Duas crianças  
Abandonadas

Poderíamos ter sido  
sopradas dessa vida  
como formigas nas  
mãos de um gigante

Assim

Estávamos lá  
Nós, as formigas

As nuvens que me  
faziam sombra e

Perdidas

Estávamos?  
Estamos!

Todas perdidas  
Indefesas

(A IRMÃ produz por alguns segundos  
Uma melodia *com bocca chiusa*  
Que poderia ser uma canção de ninar  
A maré parece se recriar no ambiente)

Se fosse um sonho, Você sabe, Daqueles que as pessoas contam Na esperança de que alguém acredite E depois tome para si. Se fosse um sonho sonhado só por mim, Já seria extraordinário, Mas foi sonhado por nós E tornou-se tantas vezes Extraordinário, que é preciso ser recontado. É que havia um banco de areia por perto Que só você alcançava E me dizia que era pra lá que eu deveria ir. Mas, vê? Aquelas nuvens formam tantas imagens E tão belas que eu penso “se eu morrer aqui e por que não morrer aqui? eu morreria com essas figuras na minha mente e com um corpo gentilmente banhado e perfumado pela natureza”. Mas eu não só me deixei e não só me deixo Persuadir pelas belas figuras, Eu fiz e eu Faço meus

próprios cálculos. Eu pensei “se eu morrer aqui e por que não morrer aqui? nossa mãe ficará finalmente órfã de mim e poderá criar suas tantas filhas e poderá te criar e poderão após o luto retomar suas vidas 7 dias contando deste breve segundo”.

## CENA DOIS.UM

(A sala ganha brilho renovado  
E todas as disposições mudam  
A CAÇULA retorna com saúde perfeita  
Está sentada, observando, sorridente

A IRMÃ, enérgica, retoma a *bocca chiusa*, mas desta vez,  
Reproduz uma música caribenha<sup>10</sup>  
Só para quando a música começa a tocar  
Preenchendo o ambiente)

## IRMÃ

Coisas boas em excesso  
não te dão um pouco de  
enjoo  
Um pouco de dor de  
cabeça?

(Olhando para os pés)

10. O importante é ser instrumental de ritmo dançante. Estilos de influência caribenha, como guitarra, carimbó e lambada, também são opções.

Como aquele passo

Assim

Frente e trás

Assim

Frente e trás

Frente e trás

Assim

Frente e trás

Frente e trás

E gira

Assim

Frente e trás

Frente e trás

E gira

E palma

Assim

Frente e trás

Frente e trás

E gira

E palma

E palma

(Empolgadíssima)

Aprendeu?

Também se sente tonta?

Também te angustia  
essa beleza?

Também te dá vontade  
de nunca parar?

Também te dá vontade  
de nunca nascer?

Digo  
Frente  
E depois trás  
E depois gira

Desculpa  
É que eu sempre erro  
aqui  
Sempre erro

Nem chego nas palmas  
Eu consigo quando é  
ensaio  
Mas a apresentação é  
outra coisa  
Você é boa na  
apresentação  
Eu, só no ensaio

Digo, pra quem nem  
acerta o passo  
Sentir tanta tontura  
assim

Mas  
Que engraçada essa  
sensação

Querer dançar justo  
agora  
Querer ter tido a  
coragem de cantar  
Uma música no festival e  
de comer mais um  
pastel na quermesse

Não, era você que  
queria cantar  
Eu queria mais um  
pastel  
Opa  
Não, claro que não  
De você que arrancaram  
o apetite  
De mim a voz

Foi isso

Isso  
Isso

(Tenta girar e cai)

Essa deve ser uma apresentação

CENA DOIS.UM.UM

(Mesmas disposições  
A IRMÃ levanta com semblante irritado  
O volume da música aumenta)

**IRMÃ**

Não sei nem cair

Viu só

Não sei nem cair  
E ainda por cima é de  
mim que quer  
Algo

Anda, me diz  
O que quer

Anda-diz  
É isso?  
Quer eu vá naquela  
gaveta  
Pegue seus remédios  
Aqueles que sempre  
esquece de levar na  
bolsa  
Aqueles que sempre  
deveriam estar contigo  
À mão

À disposição

Assim como eu

Estou à disposição  
Mas não alcanço os  
remédios  
Vê só  
Estou tonta  
Não alcanço seus  
remédios

E por que faz isso?

(A IRMÃ, com as mãos, insinua sufocar a si mesma)

Por que eu não faço logo isso?

(Volta aos passos  
Acelera conforme cresce sua frustração)

Digo  
De te dar mais uma vez os remédios

Digo  
De te dar mais uma vez os remédios e ligar pro  
socorro

Digo  
De te dar mais uma vez os remédios, ligar pro

socorro e gritar pelos vizinhos

Digo

De te dar mais uma vez os remédios, ligar  
pro socorro, gritar pelos vizinhos e arrastar  
teu corpo até o corredor, elevador, térreo

Digo

De te dar mais uma vez os remédios, ligar  
pro socorro, gritar pelos vizinhos, arrastar  
teu corpo até o corredor, elevador, térreo  
e chamar um motorista

De te dar mais uma vez os remédios,  
ligar pro socorro, gritar pelos vizinhos,  
arrastar teu corpo até o corredor,  
elevador, térreo, chamar um motorista e  
te pôr no carro sozinha

(O volume da música aumenta  
A IRMÃ dramatiza alegremente)

– Tchau, vizinho! Até amanhã!

De te dar mais uma vez os remédios,  
ligar pro socorro, gritar pelos vizinhos,  
arrastar teu corpo até o corredor,  
elevador, térreo, chamar um motorista,  
te pôr no carro sozinha e te carregar pra  
emergência

(Dramatiza alegremente mais uma vez)

– Olá, enfermeira! Sim, eu e minha irmãzinha viemos te visitar de novo. Tem café? Ela está um pouco indisposta, como sempre...

De te dar mais uma vez os remédios,  
ligar pro socorro, gritar pelos vizinhos,  
arrastar teu corpo até o corredor,  
elevador, térreo, chamar um motorista,  
te pôr no carro sozinha, te carregar pra  
emergência e aguardar três horas num  
banco frio as notícias do teu atendimento

(Dramatiza alegremente mais, mais uma vez)

– Aqui o café.  
– Tem quarto pra alugar? Tô pensando em morar no terceiro andar. Vista pro parque...

De te dar mais uma vez os remédios,  
ligar pro socorro, gritar pelos vizinhos,  
arrastar teu corpo até o corredor,  
elevador, térreo, chamar um motorista,  
te pôr no carro sozinha, te carregar pra  
emergência, aguardar três horas num  
banco frio as notícias do teu atendimento  
até que o médico me chama e diz

(Dramatiza alegremente mais, mais, mais uma vez)

- Olá, senhorita, que bom revê-la!
- Olá, doutor.
- Hoje foi por pouco, hein?
- Quem sabe amanhã não batemos nosso recorde, doutor?
- Quem sabe... Com menos de 40 batidas por minuto!
- E meu coração, doutor, como é que fica?

(A música se encerra  
A IRMÃ já não dança)

#### CENA TRÊS

(A sala perde o tamanho e o brilho  
Voltam as disposições iniciais  
A CAÇULA sofre)

#### IRMÃ

Já estamos naqueles  
minutos de novo  
E me parece uma  
eternidade

O que eu faço?  
O que eu faço                   comigo?

Percebe?  
Não me mexo  
Nem consigo articular essa boca

Língua  
Tumor  
Saliva

Então eu te proponho  
Vamos tentar o novo  
O inédito  
Que acha?

Vamos apostar no  
Nada

Não fazer nada  
Esperar  
Pacientemente  
Meu fôlego voltar  
Pois isso é  
Com nada  
Fazer alguma coisa

Sabe  
Eu sinto algo aqui

(A tosse compromete a fala da IRMÃ)

É, eu acredito que  
É felicidade  
Porque agora eu sei  
E eu sei porque eu vejo  
Que não adianta dançar

Ao menos essa dança  
Se for pra cair mais uma  
vez

É que  
Você já sabia,  
Não é?

Acredita?!  
Eu só entendi agora  
É  
Assim

Pra trás, pra frente, gira  
e palma

Simple  
Acho que aprendi

Trás  
Frente  
Gira  
Palma

Não tem nada de  
complicado nisso aqui

Só que caio mesmo  
sabendo

Eu quero outra dança  
Essa não fui em que  
inventei  
E eu nem sei quem  
inventou essa dança

Percebe?  
Eu não tenho  
Ginga  
Coordenação  
Fé  
Remédio

(A tosse toma conta)

Des-  
Culpa!

#### CENA TRÊS.UM

(Mesmas disposições, porém  
A sala diminui pela metade

A IRMÃ volta aos cachos  
Tenta de várias formas criá-los nas pontas  
Tenta)

**IRMÃ**  
Quando durmo

E quem disse que durmo?

Você morre nas minhas noites

Todos os dias

Durante todo o ano

Todos os anos

Seja em sonho ou

pesadelo

Seja por vontade ou

medo

Digo

Você viu que eu levei

esse primeiro beijo de

língua da culpa

Assim que saí do mar

Digo

Se você morresse aqui,

agora,

O que aconteceria?

Eu de fato

Andaria nua na avenida

até que me

atropelassem

Interromperia uma

partida de futebol até

que me apedrejassem

Como naquela vez  
Em que nosso pai me  
pegou no colo  
E me levou pra ver o  
menino  
Pequeno e assustadinho  
Como eu

Você já se sentiu assim?

Nosso pai e tantos  
outros que o chamavam  
ladrãozinho  
Me levou pra ver ele  
recebendo pedradas no  
rosto  
E eu vi  
E fiz aquilo  
Aquilo que era proibido  
Eu olhei os olhos dele  
Pois meu pai me disse  
– É pra prestar atenção

Eu o vi  
E ele me viu

E quando nos  
enxergamos  
O olhar petrificado dele  
Se comunicou com o

meu

Repara

“Ele fará o mesmo  
contigo”

O menino me disse

E eu senti culpa por  
conhecer de antemão  
meu caminho

CENA TRÊS.UM.UM

(Mesmas disposições

A CAÇULA enfraquecida

Solta pequenos sons incompreensíveis)

**IRMÃ**

Eu era sua heroína

Não?

Uma pessoa digna de

ser amada por ti

Porque éramos a

mesma

Era certo que uma

amasse a outra

Para que amássemos a

nós mesmas

É isso?  
É aqui que se encerra?

Eu gostaria de um  
banquete com frutas  
cristalizadas

(Pega uma bandeja transparente e vazia  
A põe sobre a mesa)

Eu afundei,  
lembra?

Engoli

Engoli

Engoli

Acredito que estive  
imersa por anos  
Vou mesmo dizer           já-que-penso  
Que estive submergida  
por mil anos e que  
quando retornei  
Esta Doença havia se  
instalado no seu  
organismo  
E era outra

Digo,  
Não a outra de mim

Estou dizendo que era  
Outra  
Diferente de mim  
E por isso já não era  
certo me procurar em ti  
E não era certo que se  
achasse em mim

Nunca estivemos tão perdidas

(Assustada)

Repara  
“mas como?”

Mas como  
Se o olho mantém a íris  
da mesma cor  
O que explica o olhar  
Opaco  
Distante  
Arredio

Repara  
“mas ela está  
igualzinha”

É que eu sei  
E nós sabemos  
Que por detrás dos  
mesmos olhos  
Habitava?  
Habita!  
Uma outra de ti  
E uma outra-de-nós

(A IRMÃ vai até a janela e a abre  
Com facilidade)

Não preciso desse ar  
compartilhado  
Respirando as mesmas  
Fuligens  
Berço  
CO<sup>2</sup>

Também não preciso  
pedir desculpas  
Apesar de me sentir  
culpada  
Apesar de saber que,  
quando chorávamos  
juntas,  
Chorávamos porque  
essa  
Vilã-transparente e  
alada

Essa Doença  
Pousou em ti  
E não em mim

E nós sabíamos quem a  
merecia

Alguém  
Como eu  
Desejosa do mau do  
mundo

E não alguém  
Como você  
Carinhosa e gentil

Apesar disso  
Das lágrimas saberem  
por que choramos  
Eu não vou mais pedir  
desculpas

Afinal, fui eu quem  
inventei pra mim uma  
participação nessa  
história

E

Afinal, já não está mais  
autorizada a me  
conduzir por seus  
precipícios desde que  
Você escolheu  
Me pôr em vigília  
Escolheu  
Me pôr em susto

Eu vejo  
Já não faz questão  
De evitar fadigas  
Soros  
Veias  
UTIs  
Cirurgias

Me diga

O que me resta fazer  
aqui  
Senão perguntar

Senão garantir a  
oportunidade de dar  
colo e conforto a esta  
questão

Repara

“O que eu seria sem  
você?”

O que uma seria sem a outra?

(A porta se abre  
Mas ninguém entra  
Ou sai)

Ou acreditou que  
seguiria vivendo de  
adrenalina  
Acordando sem saber  
onde está, descobrindo  
Gostosamente  
Ter perdido algumas  
horas do dia até que de  
pouco em pouco  
Eles vão se encurtando  
Como se fossem feitos  
de buracos  
Como se fossem  
compostos de pausas  
Pausas musicais

Sua vida é  
Essa delicada partitura

Ou acreditou que eu  
seguiria

Com a minha em ruído  
Que não é nem música  
Porque não contém os  
intervalos  
Não contém os respiros

Minha vida

(A IRMÃ volta a tossir)

Esse sempre-mesmo  
Essa nota desgastada  
Esse crescente hostil  
que se esvazia  
Até recair no acorde  
inicial

(Perde o ar  
Tosse até sair de sua garganta  
Um martelo de madeira  
E o deposita sobre a bandeja)

**CENA TRÊS.UM.UM.UM**

(Mesmas disposições, porém  
Os objetos somem  
Fica apenas a bandeja com o martelo  
Que a IRMÃ não nota

A IRMÃ Identifica apenas o sangue  
Banhando seus pés

Expira  
E se aproxima da CAÇULA pela primeira vez)

## **IRMÃ**

Tua morte me diz:

Desaprenda a mentir

– A ela sou obediente.

sem você já não me culparei pela saúde herdada. cometi uma ofensa que foi desejar sua mazela pra mim. desejei pois nunca te achei forte. você nunca foi sob meus olhos capaz de seguir seus próprios passos carregando essa doença. minha ingenuidade foi pensar que eu era mais firme que você. mas agora que morre, sei. não morre por ser mais fraca que eu, nem morre por essa doença que não é nada. a doença é só a nossa justificativa. sem ela-

o que faríamos sem ela?

(Um ruído, como um guinchar, se instaura.)

Tua morte me diz:

Neste instante você tem tudo

– Portanto, não devo gastar nosso infortúnio com disfarces.

tenho todas as possibilidades. este instante é o que é. me atrevo. aceito o incerto. calculo. te deixando morrer não serei mais eu e te deixando viver sabendo o que pensei não serei mais esta. serei o ódio de mim e ninguém me odiará mais do que esta que serei pois ainda serei irmã.

(A IRMÃ corre à procura de água  
Bebe mais do que seu corpo consegue ingerir  
Oferece à CAÇULA)

já não pode aceitar não é? já não pode nada. um alívio não poder. uma aflição querer poder. então morre. morre que quero já ser qualquer outra coisa. não mais tua tua tua tua tua tua tua irmã. eu te libero. eu vou embora. eu fico pra ver. eu preciso testemunhar minha morte. em ti. a nossa tragédia não é mais ela que me compõe.

escolho outra.

#### CENA QUATRO

[VOZ NARRADORA]

*A Doença*  
*Se materializa diante da Irmã*

*Vejam como ela tem algo de rato*

*Como surge inquieta, barulhenta e intensa*

*Vejam como ela  
Assim como um rato  
É coral, é volume, é massa massiva*

*Eu diria que possui infinitas formas  
Mas que só aparece segundo a compreensão de cada ser*

*A Doença  
Ratazana  
Onde vai leva  
Sofrimento  
Raiva, leptospirose, tifo, peste bubônica*

*A Doença  
Camundongo  
Quando a descortinamos  
Traz solução  
Laboratórios, testes, vacinas, sacrifícios*

*Com qual de suas espécies  
Já esbarraram?*

*A Doença se apresenta*

**DOENÇA**  
Eu me apresento.

[VOZ NARRADORA]

*Ela nunca precisou de mediação*

**DOENÇA**

Estou aqui.

**IRMÃ**

É impossível que seja  
quem penso

Se for obra da minha  
mente constrangida  
ante momento tão puro  
de despedida  
Suma já

Se for a Morte que me  
chama não se contenha  
Me leve daqui

(Aponta para o martelo)

Mas  
Se nada for  
Volte ao nada que é

**DOENÇA**

És risível enquanto te dedicas a jogo inútil. Jogas as palavras para que em choque ganhem sentido. Joga-as até mim para que eu as pegue e faça algo com elas, algo que não sabes, mas queres, algo

que esperas. Devolvendo-as, tu imediatamente inventas para elas significação. Te colocas em expectativa, em intervalo constante até que o juiz apite. Ele apita na tua fantasia e já esqueces o que estou fazendo, no que consiste o fato d'eu estar inteira aqui. Tua Caçula me cede o corpo, ela conhece a Natureza. Ela é generosa, e tu?

### [VOZ NARRADORA]

*A Irmã*

*Como nós*

*Cobre a visão*

*Para ouvindo*

*Não precisar enxergar*

### DOENÇA

Tu, alerta, não esperas a sede e bebes água morna mesmo no verão. Por já não saberes da sede, perdes o saber da Vida. Por negar à necessidade que cumpra seu papel, perdes o motivo que leva a boca à fonte, que faz toda a Vida buscar a Vida. Eu estou no meu eixo, na minha plenitude e perfeição. Tu atiras o véu sobre o rosto antes do último suspiro de tua Caçula. Crias rituais antes das ofensas – se forem mesmo ofensas – e fazes motim em navio sem capitão. Eu estou usando meus recursos e só aqueles que assim me constituem para cumprir com aquilo do qual só eu posso e, assim, só eu devo. Sou Doença e sou tão menos nociva que tua mente intransigente e falaciosa.

[VOZ NARRADORA]

*A Irmã  
Como nós  
Tampa sua boca  
Para ouvindo  
Não conseguir esbravejar*

*Ela falha*

**IRMÃ**

Não interrompa

Isto

(A IRMÃ olha para a CAÇULA pela primeira vez)

[VOZ NARRADORA]

*Observem como a Irmã mira  
Sua Caçula*

*Eu diria  
Que o que ela vê  
É Górgona*

*Serpentes peçonhentas no lugar  
De seus cachos*

*Eu diria que a Irmã  
Congelada  
Envolve seu corpo em brasa  
Fúria, indignação, brutalidade*

*Para sobreviver*

*Alguém aqui, assim como ela, possui marcas de assadura odiosa  
Como testemunha de seu caminho?*

### **IRMÃ**

Quem nos condenou a  
este jogo imundo?

Quem tirou do baralho  
as copas?

Exijo que vá

Pra mim você é como a  
madeira que entalhou

Pinóquio

Não tem autoridade  
para impor seus

caprichos

Não tem autoridade  
para se colocar entre

mim e as minhas

Quer ser Baleia Azul e  
engolir destinos?

(A DOENÇA espalha pela sala  
Objetos cortantes e asfixiantes,  
Assim como utensílios hospitalares)

### **DOENÇA**

ti, és a perversão e a inocência. Sabes da morte e não queres vê-la. O que alimenta o falso vazio camuflado por tua pele seca? Te falta cartilagem, te sobram ossos. Habito este corpo, não traiçoeira como convém a ti dizer, mas expansiva e segura. Não contradigo os gestos para evitar verdades. Tua espécie pode ter enfim escapado aos deuses, mas nunca evitará seu destino. Conhecendo o meu, que é um só independente do caminho – vivendo para a morte ou para a cura que não se diferem em minha perspectiva –, te afirmo...

(A DOENÇA estende para a IRMÃ a bandeja  
No meio o martelo  
Nas pontas  
Corda e seringa)

## DOENÇA

A sobrevivência está para nós como  
a sombra para o Sol. Viva para  
iluminar outras orbes ou para se  
afundar no impossível.

Assuma tua escolha.

## Respira.

(A IRMÃ pega o martelo  
Ele cai de suas mãos)

Com a corda a IRMÃ  
Amarra os pés da DOENÇA  
Aos seus)

## IRMÃ

Sim, sim  
É a sábia, a detentora da  
verdade  
Pode confundir um  
confuso  
Incrível  
Pode dar morte a tantas  
de nós mortais  
Espetacular  
E quer dizer das coisas!

Sim  
Imponha sua ordem  
Sim  
Reivindique o respeito  
que te devo  
E eu conforme for  
Manifesto minha  
insignificância

Mas não,  
Não tem em suas células  
– essas que nos  
reduzem de seres a  
defeitos – a substância  
que compreende o  
Amor

Não tem a verdade

sobre ele pois não tem a  
experiência dele

Nunca trocou olhar  
cúmplice e secreto,  
assegurador e sutil ante  
abuso paterno

Nunca precisou mentir  
para fazer durar alegria  
rara em dia de feriado  
santo

Não sabe o que é nascer  
da mesma barbárie e  
sofrer da mesma  
saudade de mãe lúcida

## DOENÇA

Te pergunto:  
O que é próprio da Vida?

(A DOENÇA manipula a seringa)

### [VOZ NARRADORA]

*Como um rato*

*A Doença se espalha e contamina  
Cada poro ainda sensível da Irmã*

*Como um rato*

*Elarói inclusive as pedras mais duras*

*Para tirar de dentro migalhas aprisionadas*

**IRMÃ**

Cubra minha visão para,  
ouvindo, não precisar  
enxergar

**[VOZ NARRADORA]**

*Como um bando de ratos  
Ela farfalha até que sua presença  
Torne consciente cada corpo  
Que evita reconhecer rabo, fedor e sujeira*

*Se rato é elo  
entre a praça e o esgoto  
A Doença...*

**DOENÇA**

Te respondo:  
A sede, a fome, a dor e a lágrima.

**IRMÃ**

Tampe minha boca para,  
ouvindo, não conseguir  
esbravejar

**DOENÇA**

Se existo, não é para cobrir ou tampar.  
Responda: por que existo?

(A IRMÃ apanha uma tesoura  
Retalha a corda que a prende à DOENÇA  
E se afasta)

## DOENÇA

É fato que lanças – disfarçada em escama de indecisão – uma dama por cima de uma peça miúda. A artificialidade do tabuleiro injustifica que eu me debruce sobre qualquer jogada. Não é preciso: tua dama pouco gentil se faz minha cúmplice.

A peça, porém, é real.  
Tua Caçula morre.  
Diante de ti, pelos meus meios.

## [VOZ NARRADORA]

*Numa sala*  
*A Irmã descobre que sua representação*  
*É feita da rocha*  
*Que em contato com brutalidade de maré atlântica*  
*Ganha contornos de depressão*

## DOENÇA

Petrificada como estás, demonstras que a abundância superficial da qual te cercaste tirou de ti o Amor. Por medo da perda, te antecipas em anestesia. Eis a prova. Reduziste a dignidade da Vida para sofrer pouco sem saber – assim como quem se antecipa à sede e à fome retira a dignidade da água e do alimento – que quem domestica o sofrimento perde em consequência o Amor.

**[VOZ NARRADORA]**

*Observem como a Doença  
Se aproxima da Irmã  
Retira suas vestes  
E cobre seus pés com terra úmida*

**IRMÃ**

É possível sentir tanta sede  
Enquanto se afoga?

Sofro mal!

**DOENÇA**

Petrificada como estás e impondo a mim culpa que não nasceu com a matéria da existência, perdes a oportunidade (traduzindo: Tempo) de fazer algo por (traduzindo: Amor) ela. Teimas em crer no controle mesmo estando frente a frente comigo. Teimas em deixar escapar tua pequena contribuição em jornada igualmente minúscula, por te deteres na perda antes da perda, sofrendo o irreal antes do real. E por isso tu condenas a ti e a ela ao esgotamento.

**[VOZ NARRADORA]**

*Observem como a Doença  
Banha o corpo da Irmã  
Com essência de alecrim*

**IRMÃ**  
Amo pouco!

(A IRMÃ entrega a tesoura para  
A DOENÇA)

**IRMÃ/DOENÇA**

Para não enxergar o medo, ceguei-me diante do Amor e de quem amo / Para não enxergares o medo, te cegaste diante do amor e de quem amas / E mesmo que possa, eu, criar estratégias para subtrair o amor e efeitos para negar a morte / E mesmo que possas criar estratégias para subtrair o amor e efeitos para negar a morte / Mesmo assim não posso escapar ao gosto de dor que só o amor dá à morte / Mesmo assim não podes escapar ao gosto de dor que só o amor dá à morte.

**[VOZ NARRADORA]**

*Não tardará até que a Irmã  
Consiga sentir  
Esse gosto  
Que jamais sairá de sua boca*

*Jamais sairá de minha boca  
Jamais sairá de suas bocas*

CENA CINCO

(A DOENÇA segue em direção à CAÇULA  
Tesoura em mãos)

A IRMÃ devolve o martelo para sua garganta)

## ATO II

### CENA ÚNICA

(Ao centro

O corpo da CAÇULA está coberto)

#### [VOZ NARRADORA]

*Observem*

*Aquela que chega com as velas*

*É a Irmã*

*Eu diria que a luz*

*Refletida nela*

*Não vem do fogo pela cera saciado*

*Eu diria que a luz transmitida*

*Vem do corpo saudoso de*

*Sua Caçula*

*Vejam*

*Nessa sala*

*Tal composição*

*Espaço, beleza, calma*

*Alguém aqui já viveu esses raros momentos*

*Cujo luto se faz sinônimo de paz?*

## IRMÃ

Se a Doença tem razão  
Se ela sabe, porque me conhece  
Se a Doença tem razão  
Se ela sabe, porque te conhece

Ela ao não se apiedar de mim  
Nem almejar te aliviar  
Ela nos dá a visão

E ainda que eu busque  
Culpas e consolos  
E ainda que você busque salvação  
Em farmácias ou laboratórios  
E ainda que nossas buscas se desencontrem

Ainda assim pergunto

O que sua morte me traria  
Senão o saber da minha?

Saber que estarei  
No futuro  
Em silêncio

Saber que, enfim  
Poderei habitar meu silêncio  
Sem o engano  
Que ele me coloca em vida

Está tudo bem?

Está tudo bem.

Está

Está

Não sinto, enfim

Minha pulsação

Alucinante

Agressiva

Turbulenta

Parece mesmo que te ouço em afogamento

Enquanto cavo a areia úmida da praia

Você

Se me visse

Ao contrário

É preciso dizer

Pois é preciso que seja dito

Se me visse em agonia

Com água suja nos pulmões

Correria ao máximo atrás de socorro

Gritaria ao máximo para que me resgatassem

Se não pudesse

Você mesma

Tirar o mar de dentro de mim

Acharia um jeito  
Rasgaria meu peito  
E arrebentaria meu coração  
Até o pulso se reconciliar com a pulsação  
Até o pulmão se reconciliar com o respiro

Mas eu  
Que fui propositalmente  
Desafiar maré equatorial  
Eu que não queria saber de amar  
Senão a velocidade da correnteza  
E eu que  
Sempre fugi da proximidade

Dança  
Sol  
Pele  
Encanto

Eu agora compreendo

Jamais poderia te curar  
Nem desejar cura alguma  
Jamais poderia brigar com a sua dor  
Que é feita do seu desejo pela vida  
Se a minha dor  
É a outra

Eu não poderia te secar  
Estando tão encharcada  
De vazio quanto sempre estive

E se nossas Doenças não tivessem se encontrado?

## ATO III

### CENA ÚNICA

(Em uma varanda

A CAÇULA)

### CAÇULA

Agora sim ela me perdoou pelo que aconteceu na praia. Tantos anos me sentindo mal com isso, mas... O que fazer quando alguém se afoga? Você vai lá e tira a pessoa do mar ou você pergunta primeiro: Ei, tá a fim de ser salva? Tá a fim de viver? Quer envelhecer mais um pouquinho? Quer ter filhos? Retirar os ovários? Quer torcer pelo seu time em mais um campeonato? Quer perder a aposta? Tem planos? Talvez tirar uma carta de Tarô Cigano. Talvez deixar o cabelo da axila crescer. Talvez mudar de partido. Talvez mudar de nome ou de país. Ei, tá a fim de se secar? Receber sopa depois de doar sangue? Catar mais pulgas do gato? Testar *plug* anal? Comprar abadá antecipado? Esperar o próximo ônibus? Desabamento? Enchente? Quebra de barragem? Tiroteio? Espancamento? Ei, Ei, Ei!

Eu era uma Peste. Quis confrontar ela com cada uma dessas perguntas. Foi como uma tortura... O que eu sei é que tomei a minha decisão. Pronto. Fui lá e tirei ela do maldito oceano, sem ajuda, sem nada. Ela me agradeceu com sorriso torto e eu nunca reclamei.

Os músculos dos meus braços doeram a semana toda, bem me lembro. Igual daquela vez em que eu, também criança, fui brincar de cabra-cega e não descansei até dar uma paulada bem dada no balão! Foi doce pra todo lado. Ela inclusive comeu vários... Também não foi lá muito simpática, não disse um “obrigado”.

Mas vejam e me digam, o que aconteceu aqui? O que aconteceu? Sinceramente, eu já teria me decidido há muito tempo. Já teria aberto a geladeira, pegado os ingredientes e feito uma refeição em vez de ficar lembrando de pastel da infância. Já teria tomado pelo menos dois banhos, lavado bem o cabelo, as coxas, o pescoço, antes e depois de dançar! E tudo bem a poesia, o canto... Mas não esquece de limpar a casa, não esquece que nada disso tira poeira da janela!

É isso. Nunca fomos a mesma pessoa.

Porque eu no lugar dela há muito tempo teria me sufocado, isso, a mim mesma. Já teria há muito tempo pegado essa faca e enfiado na barriga dela, isso, na dela mesma. Já teria há muito tempo queimado nós duas, mas principalmente, principalmente já teria gritado pro quarteirão todo ouvir:

– Eu te odeio e odeio estar viva!

Nada disso ela disse e nada disso ela fez... A tempo.

Por isso eu afirmo que nunca fomos a mesma pessoa, porque eu jamais ficaria indecisa, por maldade ou ignorância, e correria o risco de matar um corpo morto. Matar um corpo já morto.

Nunca fomos porque eu jamais ficaria indecisa, por maldade ou ignorância, e correria o risco de salvar um corpo morto. Salvar um corpo já morto.

Será que ela acha que nem eu nem ninguém aqui pensou antes nessas coisas? Será que ela acha que só ela pensa em matar ou morrer, pensa em desistir, pensa:

– Chega dessa piada, deu!

Bem que eu podia ter ficado com todos aqueles bombons e bem que eu podia ter me “distraído” e dado uma paulada bem na cara dela.

Desculpa falar de repente tudo isso pra vocês sem nem ter dito “Oi, prazer”, perguntado como vão etc. Mas vocês viram que foi ela quem começou.

Se ao menos tivesse sido sincera, se ao menos ela assumisse:

– Eu não sei o que eu faço. Eu sou uma infeliz que não sabe o que fazer. Eu sou impotente, insignificante, imprestável.

Aí sim!

É que nem todo mundo sabe que pode não saber o que fazer...

Eu mesma, aqui... Confesso que tive sim minhas dúvidas, tipo, acordar pra comer comida de hospital? Nada pior... Ou nada mais insuportável que uma segunda-feira de exames, que um

sábado à tarde de soro. Mas, no fundo, no fundo, algo tem que ser feito e muitas vezes tudo se resume a isso mesmo: matar ou morrer, matar pra viver, morrer pra não matar, matar e morrer.

Ah, sim, e nem adianta pensar em amor! A vida não é sobre amor, a vida é sobre vida. Amor tem só um pouquinho no meio, aliás, no início... às vezes aparece um tanto no final...

Eu queria ter dito tudo isso pra ela enquanto a gente se embalava na rede.

Com mais esse emocionante final:

(A CAÇULA estende a bandeja com a corda,  
O martelo e a seringa)

– Depois lide com as consequências. Antes, decida.

(Ri)

Aposto que vocês já sabem o que fariam no nosso lugar. Ah, esqueci. Tem lugares que nenhum de vocês poderia estar. Bom, não importa.

Ela demorou pra decidir. Por isso que agora eu estou aqui. Por isso que agora estamos aqui.

EPÍLOGO

[VOZ NARRADORA]

*Numa sala*

*Mandioca, gengibre, batata-doce,  
Aipo, inhame, cenoura, nabo e beterraba  
São dispostos sobre a mesa*

*As raízes*

*Quem as distribui  
É a Irmã*

*Eu diria que os talheres escolhidos  
Podem ser de cor lilás-alfazema  
Que podem ser lilás-alfazema com arara-azul  
Podem ser*

*A Irmã vê e ouve sabendo ver e ouvir*

*A ternura da cura  
Alguém aqui já a sentiu?*

*A Doença chega*

*Observem como ela para e cala  
Ainda que antes produzisse todos os sons*

(A IRMÃ a convida para se sentar

A DOENÇA aceita

A IRMÃ lhe estende a mão direita  
Com a esquerda  
Retira o martelo da boca  
O guarda com cuidado perto do coração)

FIM





O antígeno

IVAN MARSIGLIA

*“Até os nazistas que reduziam suas vítimas a cinzas registravam os mortos. [...] Não havia a agonia da incerteza; eram execuções em massa, não era um sumidouro de pessoas.”*

*(K. – Relato de uma busca, de B. Kucinski<sup>11</sup>)*

*“Agora sabes tudo. Logo poderás demonstrar se tu mesma és nobre ou se és apenas filha degenerada de uma raça nobre.”*

*(Antígona em Antígona, de Sófocles<sup>12</sup>)*

---

11. B. Kucinski, *K. – Relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 23.

12. Sófocles, *Antígona*. Trad. de Millôr Fernandes. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. p. 16.

**Antígeno:**

S.M.

- 1) Partícula ou molécula capaz de deflagrar a produção de anticorpo específico.
- 2) Substância que, introduzida no organismo, provoca a formação de anticorpo.

**Local e época da ação:** um bar/armazém em São Geraldo do Araguaia, Pará, 1975.

## Personagens

CORONEL LUSTRO, coordenador da Operação Limpeza  
CABO ANTERO, encarregado da operação  
Fantasma IARA, guerrilheira morta

## Figurante Quase Mudo

CEARÁ, dono do bar (que deve ser interpretado por uma atriz)

(Antes do início da peça, uma jovem maltrapilha vaga entre o público na entrada do teatro. Toma lugar na plateia junto com os presentes. No terceiro sinal, ao som de “Zum-Zum”, cantada por Edu Lobo, ela se levanta e sobe ao palco à meia-luz, vagando no rústico bar/armazém de interior. IARA toca objetos – a mesa, uma cadeira, uma garrafa – sem movê-los um milímetro do lugar. Sai de cena com a música em *fade out*. Entra o dono do bar, acende a luminária, e o palco se ilumina. CEARÁ veste um avental na cintura, pega uma vassoura e varre o chão em silêncio. Momentos depois, entra o CORONEL LUSTRO, em mangas de camisa, com calça militar.)

**CORONEL LUSTRO** – Ceará, me serve aquela cachaça de bacuri.

**CEARÁ** – Sim, senhor.

**CORONEL LUSTRO** – E fecha a porta. Como te disse, vou ter aquela conversa e não quero mais ninguém aqui essa noite.

**CEARÁ** – Sim, senhor. (Busca a garrafa na prateleira, traz dois copos e serve um deles. Deixa também uma porção de torresmo. Quando está de saída, o CORONEL segura seu braço.)

**CORONEL LUSTRO** – Deixa a garrafa. Eu trouxe o alicate. O alicate que você me emprestou. (CEARÁ recusa com um gesto.) O quê? Não quer de volta? Lavou, tá novo, Ceará.

**CEARÁ** – Não, senhor. (Sai para arrumar alguma coisa atrás do balcão.)

**CORONEL LUSTRO** – (Come um torresmo com uma careta, olha em volta e fala consigo mesmo.) Fim de mundo do caralho. Nem boteco decente tem aqui. É só calor, mosquito, umidade. (Voltando-se para CEARÁ.) Não precisa se ofender, viu? Aposto que, se pudesse, nem você tava aqui. A gente trabalha, e essa merda de país vai pra frente, vou te dizer. Tivemos que meter a mão na massa, na lama, senão a essa altura isso tudo já tava perdido. Nem essa merda de bar você ia ter, Ceará.

**CEARÁ** – Sim, senhor.

(Entra o CABO ANTERO. Parece ansioso, com a farda impecavelmente arrumada e um pacote debaixo do braço.)

**CABO ANTERO** – Com licença (dirigindo-se a CEARÁ). Boa noite, Coronel.

**CORONEL LUSTRO** – Que estica, hein? Vai ter festa, Cabo? Senta aí.

**CABO ANTERO** – Obrigado por me receber, Coronel. Não sei nem como agradecer. O senhor não tinha obrigação.

**CORONEL LUSTRO** – Um superior tem que zelar por seus subordinados. Senta, pô.

**CABO ANTERO** – Eu não incomodaria o senhor se não fosse inevitável. Mas não sabia a quem mais recorrer. (Olha em volta.) Na verdade, preferia um lugar mais reservado.

**CORONEL LUSTRO** – Tá tranquilo, Cabo. Já resolvi aqui com o Ceará. O bar abriu só pra nós.

**CABO ANTERO** – (Para CEARÁ.) Agradeço a discrição.

**CEARÁ** – Sim, senhor.

**CORONEL LUSTRO** – Cabo, você sabe que tenho você quase como filho. Gostava muito do teu pai. Ele me ajudou muito na Academia. Então tenho essa dívida aí.

**CABO ANTERO** – Ele me falou.

**CORONEL LUSTRO** – Falou, é? Teu pai levava jeito com estudos. Já com arma, educação física, era uma negação (ri). Aí eu que ajudava. Você sabe, uma mão lava a outra, e as duas se sujam juntas. De modo que me preocupo com a sua carreira. E você merece, é um soldado de fibra. Nada a ver com esses recrutas cabaços que mandaram pra ajudar a gente.

**CABO ANTERO** – Bondade sua, Coronel.

**CORONEL LUSTRO** – E digo mais, Cabo. Eu gosto muito da senhora sua mãe. Você e ela podem contar comigo. Quem tá comigo, tá protegido. Não é assim, Ceará?

**CEARÁ** – Sim, senhor.

**CABO ANTERO** – A tropa inteira conhece a sua generosidade, Coronel.

**CORONEL LUSTRO** – Que é isso? É o mínimo que eu posso fazer. Se não fosse teu pai, talvez eu nem tivesse me formado. E aí seria um prejuízo pro Brasil (ri). Esse, sim, me deve muito. Ceará, serve o Cabo aqui, pô.

**CABO ANTERO** – (Aguarda CEARÁ servir o copo e lhe agradece com um aceno.) Agradeço a consideração, Coronel.

**CORONEL LUSTRO** – À pátria.

**CABO ANTERO** – A Deus, à família e à pátria, Coronel. (Brindam e bebem.) Eu trouxe aquela cachaça de bacuri que o senhor gosta. (Desembrulha a garrafa e a põe sobre a mesa.) A sua favorita, do Alambique Rosso.

**CORONEL LUSTRO** – Aí, sim, pô. Que nem a bacuri dessa biboca presta, viu, Ceará? Vê se da próxima vez compra de um alambique melhor, que até tua freguesia de vagabundos é capaz de melhorar. (Joga o conteúdo do copo no chão, substitui pela cachaça presenteada e bebe-a.) Você sabe que minha vida aqui é só trabalho e aporrinhção, né, Cabo? Então é até bom um momento assim. De descontração.

**CABO ANTERO** – Que bom que não estou incomodando, Coronel.

**CORONEL LUSTRO** – Sabe o que me incomoda mesmo, Cabo? É estar de volta nesse fim de mundo. Depois de tudo o que já fiz. São Geraldo do Araguaia, puta que pariu. Ordem a gente cumpre, você sabe. E eu respeito o Comando. Como

exijo respeito de subordinado. Mas já que estamos num encontro... informal, vou te dizer que, pelo que entreguei de serviço, não era nem pra estar mais aqui. Falando o português claro, é uma sacanagem. Depois de tudo o que coordenei de campo, inteligência, cerco, interrogatório, me mandarem de novo pra Limpeza?

**CABO ANTERO** – Talvez porque o senhor trabalhe bem. É metódico. Detalhista.

**CORONEL LUSTRO** – Limpeza é trabalho de burocrata, Cabo. De franguinho de quartel, qualquer recruta faz. Com todo o respeito a você, claro. Aliás, se dependesse de mim, nem você tinha voltado. Quem faz a comida não lava a louça, não é assim?

**CABO ANTERO** – Não me importo de terem me convocado de novo. Na verdade, até queria voltar. Não conseguia tirar o Araguaia da cabeça. Uma sensação estranha. Parecia que eu tinha deixado alguma coisa aqui.

**CORONEL LUSTRO** – (Irritado.) Deixou nada, Cabo. Deixou foi missão cumprida. Assim como eu.

**CABO ANTERO** – O senhor sabe que eu não vacilo, Coronel. Que sempre cumpri minha obrigação, graças a Deus. Mas voltei com uma sensação esquisita. É esse serviço que estamos fazendo agora... Não era o que eu imaginava quando resolvi seguir a profissão do meu pai.

**CORONEL LUSTRO** – Não diga besteira. Depois que você escolhe essa carreira, é ela quem escolhe por você. Imagina teu pai te ouvindo dizer isso? Você é um soldado de coragem e nisso, com todo o respeito, é melhor que teu pai.

**CABO ANTERO** – (Encara o CORONEL por um instante antes de falar.) O senhor sabe que meu pai era um homem de fé. Que *eu* sou um homem de fé.

**CORONEL LUSTRO** – (Revira os olhos.) Hum.

**CABO ANTERO** – Mas tem coisas que... Eu entendo o meu pai. Ainda mais agora que sinto... Não quero questionar a ordem do Comando, mas ando nervoso, não consigo dormir. Por isso vim me aconselhar com o senhor, que sempre teve muita firmeza. Porque eu quero entender. Eu preciso entender.

**CORONEL LUSTRO** – (Completando o próprio copo.) Cabo, não tem nada pra se entender, tá OK? No tocante à ordem, a gente acata. E agradece isso daí, a incumbência do dever. Eu sempre digo que a submissão é a salvação da maioria.

**CABO ANTERO** – Às vezes penso no dever. Parece que me apaziguo. Mas aí vou me deitar e volta tudo de novo.

**CORONEL LUSTRO** – Deixa eu te explicar uma coisa. Eu falei que não gostei de voltar pra Limpeza porque nasci pra outro tipo de missão, Cabo. Mas o que o Comando decide, tá decidido. É *parte* do serviço. Questão de segurança nacional: nós temos um nome a zelar.

(A luz pisca como se a energia fosse acabar, e IARA entra em cena. Perambula entre os homens sem que ninguém note sua presença. Só CABO ANTERO a olha por um instante e volta a se concentrar no interlocutor. Passando ao lado da mesa, IARA toca de leve o ombro do CORONEL, que coça o ombro na sequência. Vem para a frente do palco. Enquanto ela fala, os atores ao fundo parecem em estado de suspensão: movem-se em sequências curtas e repetidas, como em *looping*.)

**IARA** – Eu preciso contar, se eu pudesse contar, que eu ganhei um nome, lutei por ele e depois o perdi.

Às vezes, eu me perguntava, quando eu me perguntava, se gente nasce de um nome ou se torna o nome que tem. Um nome quase nunca vem de uma só pessoa, de uma única voz. Às vezes, vem de duas: um pai e uma mãe, dois pais, duas mães, um casal. Em outras, vem de toda uma aldeia, um destino coletivo.

Um nome pode vir do passado, soprado por um avô, uma avó, um escudo ou um brasão de família. Ou ainda chegar do futuro, quando não há nada muito belo no passado pra se recordar: vem então de um desejo, um projeto acalentado, uma esperança, ainda que vã. Como os pobres no Brasil que dão aos filhos nomes dos pais fundadores da Constituição americana: Washington, Jefferson. Eu acho bonito. E triste.

Às vezes, quando eu perguntava sobre o *meu* nome, ouvia dizer que minha avó se chamava Iara. E que minha tataravó se chamava Iara. Mas não a minha mãe, nem minha bisavó: como um eco, que volta a cada duas gerações. *I-ara. I-ara.* Paroxítonas ou *graves* são palavras cuja tônica se encontra

na penúltima sílaba. *Graves...* por isso não gosto de dividir meu nome assim.

Minha família me dizia que lá atrás houve uma Iara. Guerreira. Amazônica. Se bem que. Eu olho a minha tez. Pálida. (Toca o rosto com as mãos e para, aterrorizada.) Eu olho e duvido.

Mas uma voz me soprava outra história. Uma voz que vinha do coração profundo do Brasil.

*Certa vez, a piracema arrastou o tapuia pra longe. Ali, naquele lugar desconhecido, um canto misterioso o surpreendeu. E um rosto surgiu da água. De uma beleza tão grande que o deixou estonteado. Daí, ele não ouvia mais nada além da batida do seu coração. Esqueceu o tejuapar, a sua casa. Esqueceu de si mesmo. Só a linda tapuia, cantando à sombra dos jauaris... Ela cantou o exílio nas águas do maior dos rios.*

O Amazonas. Até outro dia, *aquele dia*, eu nunca tinha visto o rio.

*O canto encanta, mas aterroriza. Ele foge: “É bela, porém é a morte... é Iara”.*

*O tapuia despertou tarde. Eu despertei tarde. A tristeza devorou sua alegria. A tristeza devorou minha alegria. A família é uma opressão. Toda família é uma opressão.*

*Mas as águas o chamam. E além delas só lhe resta a solidão. Mãe d'Água.*

Mergulho.

(Pausa.)

Outra voz me conta que ela era filha do pajé e tinha muita habilidade como guerreira. Que seus irmãos homens tinham in-

veja dela. Que decidiram se unir para matá-la. Que ela resistiu, lutou e matou todos eles. Então fugiu, com medo da reação do pai. Que ela estava certa em temê-lo. Que, quando a encontrou, o pai lançou-a para a morte entre os rios Negro e Solimões.

(Com ironia:) Eis o mito da terrível mulher devoradora de homens.

Conta que, salva pelos peixes, transformou-se em Iara numa noite de lua cheia.

Salva. Pelos. Peixes.

Transformou-se.

Mergulho.

(IARA sai de cena. Os homens retomam o diálogo.)

**CORONEL LUSTRO** – Tem chouriço, Ceará?

**CEARÁ** – Não, senhor.

**CORONEL LUSTRO** – Puta merda, hein, Ceará? Não tem porra nenhuma mesmo aqui, né?

**CEARÁ** – Azeitona não falta.

**CORONEL LUSTRO** – Traz mais torresmo. (Olha para o CABO, que parece absorto.) Desembucha, Cabo. O que é que você tem pra me dizer? É aquela história do folheto outra vez?

**CABO ANTERO** – A história do folheto eu já superei, Coronel. O senhor sabe que não gosto de mentira. A Bíblia diz que a mentira é o ardil do demônio. Mas aceitei.

**CORONEL LUSTRO** – Aquele pessoal é que vivia na mentira, Cabo. Ou você acha que eles teriam alguma misericórdia com a gente?

**CABO ANTERO** – Mas a gente é o lado certo, não é? E quando lançamos aqueles papéis oferecendo “tratamento digno, julgamento justo”, aqueles se entregaram e... (Para, com o olhar perdido.)

**CORONEL LUSTRO** – Sei. Certo pra você era arriscar os nossos homens? Gente de bem?

**CABO ANTERO** – É passado, Coronel, eu já aceitei.

**CORONEL LUSTRO** – Então, qual é o problema, caralho?

**CABO ANTERO** – É sobre a Limpeza mesmo. Não quero questionar a ordem. Nem diria isso a qualquer outra pessoa além do senhor. Mas a missão. A missão não estava encerrada? Não estava garantida a segurança nacional? Não vejo por que fazer com outra pessoa. Com uma família que não tem nada a ver...

**CORONEL LUSTRO** – (Interrompendo.) Eu desprezo quem tem mais consideração por uma pessoa do que pela pátria.

(CABO ANTERO junta as palmas das mãos em frente à boca.)

**CORONEL LUSTRO** – Vamos falar do teu pai, Cabo. Além de rato de livro, ele era um carola e, bom, tinha também

aquele problema dos nervos. Mas teu pai *nunca* questionou uma ordem do Comando. Desde que éramos colegas de Academia. Eu garanto a você. É esse exemplo que você deveria seguir do teu pai. Isso, sim, é honrar família, Deus, a porra que você quiser. (ANTERO permanece imóvel.) Parou de beber? Come um torresmo, pelo menos.

**CABO ANTERO** – (Come sem vontade, ainda absorto.) Em 1973, na Operação Marajoara, eu realmente achei que o trabalho tinha acabado. Eu me sentia... *bem* eu não diria, mas aliviado. Com o dever cumprido.

**CORONEL LUSTRO** – E então?

**CABO ANTERO** – O senhor é testemunha de que, em todas as operações, eu *nunca* vacilei. Não vacilei em combate e nem quando não tinha combate e a ordem era atirar. Não gosto, como cristão. Mas nunca vacilei.

**CORONEL LUSTRO** – Era a sua obrigação.

**CABO ANTERO** – Lembra daquele que se escondeu embaixo do umbuzeiro e mal conseguia empunhar a arma? Era a ordem, eu fui lá e atirei. E aquela outra... Era mulher. Mas tinha ferido o major e o capitão. Então, eu fui lá e... (CEARÁ derruba um copo, que se espatifa no chão. Os dois voltam-se para ele, que não levanta o olhar.)

**CABO ANTERO** – Fui eu que me dispus a ir lá e resolver. Pra mim, então, já estava tudo terminado.

**CORONEL LUSTRO** – Aí é que você se engana. Isso aqui não é sobre fazer o certo. É sobre garantir que o certo seja visto como certo, entendeu? É dar exemplo. Outra coisa, você ganhou medalha, não ganhou? Todos ganhamos medalhas. O que mais que você queria? Um padre pra benzer tua pistola? Vá se foder, Cabo, não tô entendendo essa sua conversinha.

**CABO ANTERO** – Mesmo quando a gente enterrou o inimigo no campo de batalha, pra mim foi um gesto. Até cristão.

**CORONEL LUSTRO** – (Impaciente.) Que mania você tem de misturar as coisas, Cabo. Parece teu pai. E daí, porra?

**CABO ANTERO** – Daí que eu achava que depois. Que as famílias viriam buscar. Cumprir os ritos de Deus.

**CORONEL LUSTRO** – (Dá uma gargalhada.) Ritos de Deus? Você tá de sacanagem comigo. Esse pessoal aí, por onde passou, acabou com missa, com macumba, com a porra toda. E você vem me falar de Deus? Pra eles não existe isso, não, Cabo. Eles não merecem uma vela sequer. É tão hipócrita isso. Quer honrar a Bíblia? Então pensa que você e eu somos cavaleiros das Cruzadas. Expulsando os bárbaros que vêm do leste. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, do que você quiser. Parece o ingênuo do teu pai falando.

**CABO ANTERO** – Não acho que meu pai fosse ingênuo. Ele era um homem de fé, temente a Deus. Só não tinha a mesma vocação que o senhor. (Para por um instante.) É que eu talvez também tenha.

**CORONEL LUSTRO** – Agora você disse uma verdade. Teu pai se sairia melhor trabalhando numa biblioteca. Ou na sacristia. Com todo o respeito a você e a sua mãe. O que a gente veio fazer aqui foi trabalho de homem, Cabo. Até um jumento como o Ceará sabe disso. Não sabe?

**CEARÁ** – (Pausa.) Sim, senhor.

**CORONEL LUSTRO** – Você é dos bons, Cabo. No campo a gente logo percebe quem nasceu e quem não nasceu pra coisa. Digamos que é um dom que você ganhou de Deus. (Sorri.) Ceará, traz uma azeitona pro Cabo, que eu acho que ele tá precisando de sal.

**CABO ANTERO** – Não tenho fome.

**CORONEL LUSTRO** – Mais torresmo pra mim. Então não foi o panfleto de rendição nem o enterro sem padre que a gente deu pra esses ateus na mata. O que tá pegando pra você é família de comunista? Olha, a bacuri tá boa, faço gosto de ser seu tutor, mas amanhã nós dois levantamos cedo pra terminar o serviço.

**CABO ANTERO** – É sobre esse serviço mesmo, Coronel. Quando me chamaram pra Limpeza, imaginei que fosse pra resolver a coisa. Voltei até aliviado de ajudar na *devolução*. Eu sentia que era isso que vinha me perturbando em casa. O senhor entende o que eu tô dizendo?

**CORONEL LUSTRO** – Não tô querendo entender, não, Cabo. Esse vaivém tá me lembrando teu pai, *naquele final*.

Com todo o respeito. Linha torta não leva a destino certo. E às vezes traz a gente de volta pro mesmo lugar. Vai direto ao ponto, porra.

**CABO ANTERO** – Foi no dia que a gente foi recuperar aquele grupo que estava com a mulher. Quando tirei ela de lá pra jogar na água, ela ainda tava de olho aberto. Me olhando. Me encarando. Como no dia em que eu atirei. (Junta as mãos espalmadas em frente à boca. CEARÁ se aproxima da mesa.)

**CORONEL LUSTRO** – O que você quer?

**CEARÁ** – Limpar a mesa, senhor.

**CORONEL LUSTRO** – Eu te chamei? (Espera CEARÁ se afastar e continua.) Escuta, Cabo, ninguém precisa achar gostoso isso daí. Mas também não é pra tanto. Desculpa perguntar, você já foi ao médico do serviço? Tá tomando algum remédio? No caso do teu pai...

**CABO ANTERO** – Nada, Coronel. Nem acho que se meu pai tivesse tomado alguma coisa teria feito diferença. No fundo, acho que foi a decisão mais segura que ele tomou na vida. Eu já entendi. Perdoei.

**CORONEL LUSTRO** – Pois pra mim foi uma covardia, Cabo. Você não me perguntou, mas vou dizer assim mesmo. Deixar sua mãe desassistida? Você largado? Não é coisa de homem que honra as calças. Tanto que me preocupei, tentei ajudar sua mãe, mas vocês são uma família orgulhosa.

**CABO ANTERO** – (Um pouco irritado.) Não importa, Coronel. Agradeço, mas é assunto nosso. Eu resolvo. E minha mãe não ficou desassistida. Tem a pensão dele, inclusive.

**CORONEL LUSTRO** – Faltava firmeza no teu pai. Firmeza de caráter.

(CABO ANTERO fica em silêncio.)

**CORONEL LUSTRO** – (Pega a garrafa de cachaça.) Já que você não tá tomando remédio, bebe comigo, Cabo. Tô ficando bêbado sozinho.

**CABO ANTERO** – Ainda tenho, Coronel, obrigado. Dormi mal essa noite. Tô me sentindo virado.

(A luz pisca e IARA entra em cena. Passa pelo Coronel, a quem olha por um instante. Cruza com o CABO e faz contato visual – ele baixa os olhos. Vem para a frente do palco. Movimentação dos homens em *looping*.)

**IARA** – Em retrospecto, se eu pudesse ver em retrospecto, eu diria que aquele foi o dia em que tudo poderia ter sido diferente. Aquele foi o dia em que quase virei a esquina, o dia em que eu *poderia* ter virado a esquina. Mas eu lutei por um nome, quando o nome já não me cabia mais.

Eu podia ter seguido o rumo do animal que me puxava pela coleira, em vez de conduzi-lo eu mesma a um destino pavoroso e irracional. Branquinha, passeio na praça toda tarde, banho de xampu toda semana. Minha única alegria naqueles dias.

Enquanto eu, mesmo que me banhe, cheiro as axilas e sinto... Um suor de medo.

Na praça, checo o rapaz na banca de revistas, o velho vendendo bilhetes de loteria, dois homens fumando na esquina, o mendigo dormindo sobre um travesseiro de jornal. Despistado a paranoia seguindo o procedimento – meticulosamente. Guio a coleira com leve impaciência. Aí vem a passante: capa de chuva, os cabelos presos num rabo de cavalo. Não sorrio.

*Que fofinha, como se chama? Baleia. Baleia cetáceo ou Baleia do Graciliano? Do Graciliano. Ainda não sorrio. É a passante quem quebra o gelo: A dele era vira-latas, poodle é traição de classe. Sorrio, com um travo de amargura.*

Quer acariciar? Vamos sentar ali. *Você tem certeza que...* Dá pra falar, a gente acaba meio especialista nisso.

*Que macia, peludinha... Você está mais magra. Já você tá ótima, linda essa capa. O Josias? Vai bem, mas não queria que eu viesse. Eu entendo ele. Quando vocês vão? Em uma semana, duas no máximo. Tem certeza, amiga? É uma loucura. Você nem pode com calor, com borrachudo... Certeza, eu? Então não vai, Iara. Por favor, não vai. Você não precisa.*

Ali eu poderia ter virado a esquina, mas a esquina já não estava mais ali.

Você sabe como ele é. Está convencido de que temos que ir até o final. Lembra do Werneck, da História? Pedi a ele que intercedesse, tentasse fazê-lo mudar de ideia. Inútil. É um cabeça-dura. E eu sinto o clima pesado, *sei* que alguma coisa muito feia está pra acontecer.

*Que lindinha, né? Uma fofa.*

Não é submissão, ele é meu companheiro. Não posso simplesmente sair andando. Lembra daquele filme que vimos

juntas no Bijou? Do Buñuel? As pessoas numa sala, a porta aberta, mas ninguém consegue sair? É como me sinto. (Pausa.) Tudo bem com o pessoal lá na Química?

*São uns bundões, Iara. Acredita que o departamento desligou aquele professor que sumiu, alegando abandono de emprego? A mais importante universidade do Brasil. E todo mundo fingindo que não tá acontecendo nada. Uns bundões.*

Está todo mundo preso em suas salinhas, minha amiga. Dos bundões da Química aos mais valentes e engajados. Sinto que o horizonte se estreitou, sabe? Que eu mergulho de escafandro num poço de cimento. Como aqueles que sepultam operários nas pilastras da ponte Rio-Niterói.

Acontece que uma coisa é sonhar e se arriscar pelo sonho. Outra é se debater na água escura, sem margem nem oxigênio. Galileu renegou a sua ideia e ambos sobreviveram: o homem e a ideia. O sonho que renuncia à vida não é mais sonho, é delírio.

Vire a esquina. Submerja. Vista a máscara. Volte à superfície.

O pior é não ter nem com quem conversar sobre isso. Só com ele, o mais cabeça-dura. E a Baleia, que não me responde. É provável que eu tenha que voltar. Muitas vezes. Sempre. Mas não me procura. *Eu* dou um jeito de te achar. Te quero muito.

*Te quero também, Iara. Volta.*

Volto.

Volto.

Tchau, querida. Muito prazer.

**CABO ANTERO** – Outro dia li uma pesquisa, Coronel, feita com veteranos de guerra americanos. Eles queriam entender por que a incidência de estresse pós-traumático nos veteranos do Vietnã era muito maior do que entre os da Segunda Guerra Mundial.

**CORONEL LUSTRO** – O que isso tem a ver, Cabo? Tá estressado?

**CABO ANTERO** – A conclusão a que eles chegaram foi que, na guerra contra os nazistas, os americanos lutaram com moral. O sacrifício valia a pena. E no Vietnã, um país do qual a maioria nem tinha ouvido falar, a sensação que eles tinham era de que aquilo não tinha sentido.

**CORONEL LUSTRO** – Isso é conversa pra boi dormir, Cabo. Não existe guerra com moral. Ninguém vai pra guerra porque quer, vai obrigado e, de preferência, pago. Ou você concorda com esses *hippies* que torciam contra os nossos aliados no Vietnã? Heróis de guerra voltando pra casa e sendo recebidos como vilões por esse bando de maricas, vagabundos.

**CABO ANTERO** – Era uma pesquisa para ajudar os soldados.

**CORONEL LUSTRO** – E esses “pesquisadores” aí, quem são? O que eles sabem sobre matar e morrer? Quem te garante que não são subversivos, se fazendo de cientistas e sabichões pra dividir a nação? Ninguém vence sem unidade, Cabo. E pra ter unidade é preciso disciplina.

**CABO ANTERO** – Talvez a obediência cobre um preço diferente. De acordo com a missão. Quando penso que até os nazistas anotavam em planilhas os nomes de cada judeu que executaram... Uma coisa não se pode negar: os nazistas assumiam seus atos.

**CORONEL LUSTRO** – (Furioso.) Tá querendo dizer o quê? Que a gente não assume os nossos? Pois eu te digo aqui, olhando no seu olho: *eu* assumo. Fizemos do jeito que tinha que ser feito. E pra você, que pode até ser um soldado acima da média, mas não é nada além disso – um soldado – eu repito: ninguém pede que você goste de uma ordem, apenas que cumpra. Se não tem colhão pra bancar a ordem, fique à vontade pra culpar quem quiser. “Só fiz o que me mandaram.” Satisfeito?

(CABO ANTERO fica em silêncio.)

**CORONEL LUSTRO** – Depois que acaba a guerra, todos desfrutam da vitória. Mas a verdade é que nem todos têm coragem de olhar as coisas como elas são, sem sentimentalismo. É por isso que alguns mandam e outros obedecem. Ainda assim, de certa forma, eu te entendo: você não teve o pai que *eu* tive. Um homem firme. Como uma rocha. Não o exemplo confuso que você teve. Eu cresci com ideias nítidas. Não sei ver o mundo de outra maneira. E você não sabe a felicidade que é isso, Cabo.

(CABO ANTERO permanece em silêncio.)

**CORONEL LUSTRO** – Sabe qual é a minha diferença em relação a você? É que eu *banco* a ordem. E se você quer um conselho nessa vida, eu dou: não gosta do que tá fazendo, foda-se, faça assim mesmo. Depois vá tomar sua cachaça, seu vinhozinho consagrado, o que quiser. Quando perguntarem, diz que a ordem veio de cima, que não teve escolha. Que foi... uma *banalidade*, enfim.

**CABO ANTERO** – Existe a lei dos homens e a lei de Deus.

**CORONEL LUSTRO** – Com a lei de Deus você se acerta depois, Cabo. No confessionário. No purgatório. Aqui é vida real. Acorda. Não vê que foi assim que nós vencemos a guerra? E não tô falando do cu do Araguaia, não. Tô falando dos corações e mentes do Brasil. Este país tem um grande passado pela frente, Cabo. E ninguém vai mudar isso. De modo que vou ali dar uma mijada. (Levanta-se e sai de cena um pouco cambaleante. ANTERO e CEARÁ se olham por alguns instantes.)

**CABO ANTERO** – O senhor não quer ir pra casa? Depois eu fecho o bar.

**CEARÁ** – Não, senhor.

**CABO ANTERO** – Tá ficando tarde demais. Tem certeza?

**CEARÁ** – Sim, senhor.

(Os dois se olham em silêncio por mais alguns instantes. A luz pisca, e IARA entra novamente. Olha para os dois. ANTERO pa-

rece constrangido, e CEARÁ sustenta o olhar em silêncio. Não há *looping* desta vez, e ambos acompanham a fala dela.)

**IARA** – Se eu pudesse olhar para trás, eu diria que acreditei na originalidade do povo brasileiro. Hoje me apercebo que toda originalidade é uma ilusão. A nossa e a deles, embora a deles seja abjeta. Hoje me apercebo que o folclore é só um fiapo de lembrança, rodeado pelo esquecimento. Que o Mito é apenas isso, mito.

É duro abrir mão de um nome. Lembrar que a palavra dita é apenas aquilo que a palavra diz. É preciso mergulhar no que a palavra evoca, mas voltar à superfície do que a palavra diz.

O que não é trazido à tona sempre volta.

Volta, Iara.

Mergulho.

(Olha para os lados, subitamente perturbada.) Baleia, é você aqui?

Eu me lembraria da minha decepção quando o Folclorista visitou a universidade. E contou que Iara, a minha única lenda pessoal, não era originária do Amazonas. Nem do Pará. (Pausa.) Podia ter sido um aviso. Um presságio. Se naquele momento eu pudesse me aperceber. Ele disse que no Brasil do século XVI não tinha Mãe d'Água.

*O mito das águas correspondia a outra entidade, nada maternal nem protetora: a cobra-d'água. Também chamada de boiuna ou cobra-grande. Até a chegada do colonizador, a mitologia nativa só registra a história de um homem-d'água: o Iupuiara, esfomeado, bruto, que mata pra devorar.*

I-ara.

Os índios, aqui, nunca contaram essa história. Foram, como sempre, vítimas dela.

Não há originalidade. Apenas sereias gregas, metade mulher, metade pássaro, seduzindo pobres homens com seus cantos maléficos. Depois transformadas em mulheres-peixes nos mares espantosos das navegações portuguesas. Ou na terrível Moura Encantada, que encarna o trauma *deles*, lusitanos, com invasores árabes, berberes, mauritanos, sarracenos.

Não há originalidade, só a história contada e recontada por quem fala mais alto.

Mergulho.

E nem sou sereia.

Não sou mais.

Iara.

(IARA permanece no palco, em segundo plano, observando a cena. CORONEL LUSTRO volta do banheiro. Quando passa em frente ao dono do bar, tropeça e quase cai. CEARÁ tenta ampará-lo e é rechaçado.)

**CORONEL LUSTRO** – Me larga, Ceará, não pedi tua ajuda.

(Senta-se com dificuldade e se volta para ANTERO.) Essa cachaça que você trouxe é de macho mesmo, hein? (Ri e se serve de mais um trago. O CABO levanta o copo, eles brindam e bebem novamente.) Sabe, Cabo, às vezes eu me pergunto o que teu pai ia achar disso tudo se estivesse vivo. Imagina ele trabalhando na Operação Papagaio? Na Sucuri? Na Marajoara? Ou vindo agora fazer a Limpeza com a gente? (Começa uma gargalhada que termina num acesso de tosse.) Ah, queria ver aquele engomadinho chafurdar na lama que nem eu. Qua-

se consigo ver a cara dele, correndo desajeitado e fazendo o sinal da cruz a cada cinco minutos. Certamente iam dar pra ele uma função administrativa lá no Comando. Com todo o respeito, claro.

**CABO ANTERO** – (Mirando o CORONEL com expressão neutra.)  
Tenho certeza de que ele estaria aqui.

**CORONEL LUSTRO** – Hum, é mesmo? É bonito o orgulho de um filho pelo pai.

**CABO ANTERO** – Você sabia que meu pai esteve na Condor?

**CORONEL LUSTRO** – Teu pai? (Ri.) Impossível. Fui linha de frente na Operação Condor. Sabia de todo mundo que participava. Teu pai não estava lá.

**CABO ANTERO** – Até pouco tempo eu também achava que não. Até que eu li os diários que ele deixou. Tinha muita coisa sobre lá. Anotações que meu pai fez desde o tempo da Academia.

**CORONEL LUSTRO** – (Um pouco desconcertado.) Certamente ele falou bem de mim, né? Ajudei muito o teu pai no treinamento. E ele precisava, viu? Com todo o respeito. E me ajudou em troca. Uma mão lava a... (soluça) outra.

**CABO ANTERO** – Pois é, o senhor ajudou.

**CORONEL LUSTRO** – A gente riu muito juntos.

**CABO ANTERO** – Ele diz lá que o senhor ria bastante.

**CORONEL LUSTRO** – (Pigarreia.) Mas essa história de Condor, eu tenho certeza. Teu pai não esteve lá.

**CABO ANTERO** – Fisicamente, não. Mas participou. Na parte de Inteligência. Você sabe o quanto meu pai era inteligente.

**CORONEL LUSTRO** – (Empurrando o copo.) Caralho, chega dessa porra. Tô mamado já. Inteligência? O que que teu pai fez na Inteligência, Cabo? Vai por mim, isso é fantasia dele. A Condor era coisa pra gente de pulso. Teu pai não tinha o perfil.

**CABO ANTERO** – *Com todo o respeito*, Coronel, acho que quem não tem perfil pra Inteligência é o senhor.

**CORONEL LUSTRO** – Cabo, estou aqui te dando confiança, mas não me desrespeite. Sou seu superior e não admito. (Tenta se levantar da cadeira, se desequilibra e se senta de novo.)

**CABO ANTERO** – Nunca foi minha intenção desrespeitar o senhor, Coronel. Assim como nunca foi a nossa desrespeitar a lei de Deus. Ou as famílias do inimigo, não é? Muitas delas cristãs, que amavam a pátria e não tinham culpa do desvio dos filhos. “Mas isso aqui não é só sobre fazer o certo, é sobre garantir que o certo seja visto como certo.” Não foi o que o senhor falou?

**CORONEL LUSTRO** – Ceará, me traz um copo d'água. Não tá vendo que eu tô suando aqui?

**CEARÁ** – Sim, senhor. (CEARÁ pega um copo, começa a enchê-lo, mas se detém.)

**CABO ANTERO** – Como eu ia dizendo, esses diários tinham muitas surpresas sobre meu pai, Coronel. Sobre a fé dele. Sobre como se sentia na juventude. Sobre a relação dele com o senhor. E sobre a participação dele na Operação Condor, sim. Você sabe como ele era estudioso. Sofria, tinha suas questões, mas sempre foi disciplinado. Tanto quanto *eu*, Coronel.

**CORONEL LUSTRO** – Eu não sabia... O que ele fazia na Condor?

**CABO ANTERO** – Era responsável pelo setor de substâncias não rastreáveis.

**CORONEL LUSTRO** – (Espantado.) Substâncias não rastreáveis?

**CABO ANTERO** – Isso. Assunto altamente classificado, como o senhor sabe. Para alvos em posição de poder, como aquele presidente exilado no Uruguai. O senhor não teria por que ser informado disso pelo Comando, teria? Só quem participa *diretamente* desse tipo de ação tem conhecimento.

**CORONEL LUSTRO** – Ceará, me ajuda a levantar. Tem um telefone aqui?

(CEARÁ faz menção de se aproximar, mas ANTERO o impede com um gesto.)

**CABO ANTERO** – Deixa que eu cuido disso, Ceará.

**CORONEL LUSTRO** – (Tenta se levantar, mas cai no chão.)

Caralho, Ceará, vem cá. Eu tô mandando. Cabo, seu filho da puta, eu devia adivinhar que você é um traíra, um corno como o teu pai.

(A luz pisca como se a energia fosse acabar, e o palco assume contornos psicodélicos enquanto o CORONEL agoniza envenenado. IARA se aproxima. Segura os ombros do CABO, que permanece sentado e baixa a cabeça. Ela então se agacha e encara fixamente o CORONEL, que talvez a veja, apavorado, antes de morrer. IARA põe então o CORONEL nas costas e o carrega para fora da cena. A luz se estabiliza. CEARÁ e ANTERO ficam em silêncio por alguns instantes.)

**CABO ANTERO** – Você viu alguma coisa, Ceará?

**CEARÁ** – Não, senhor.

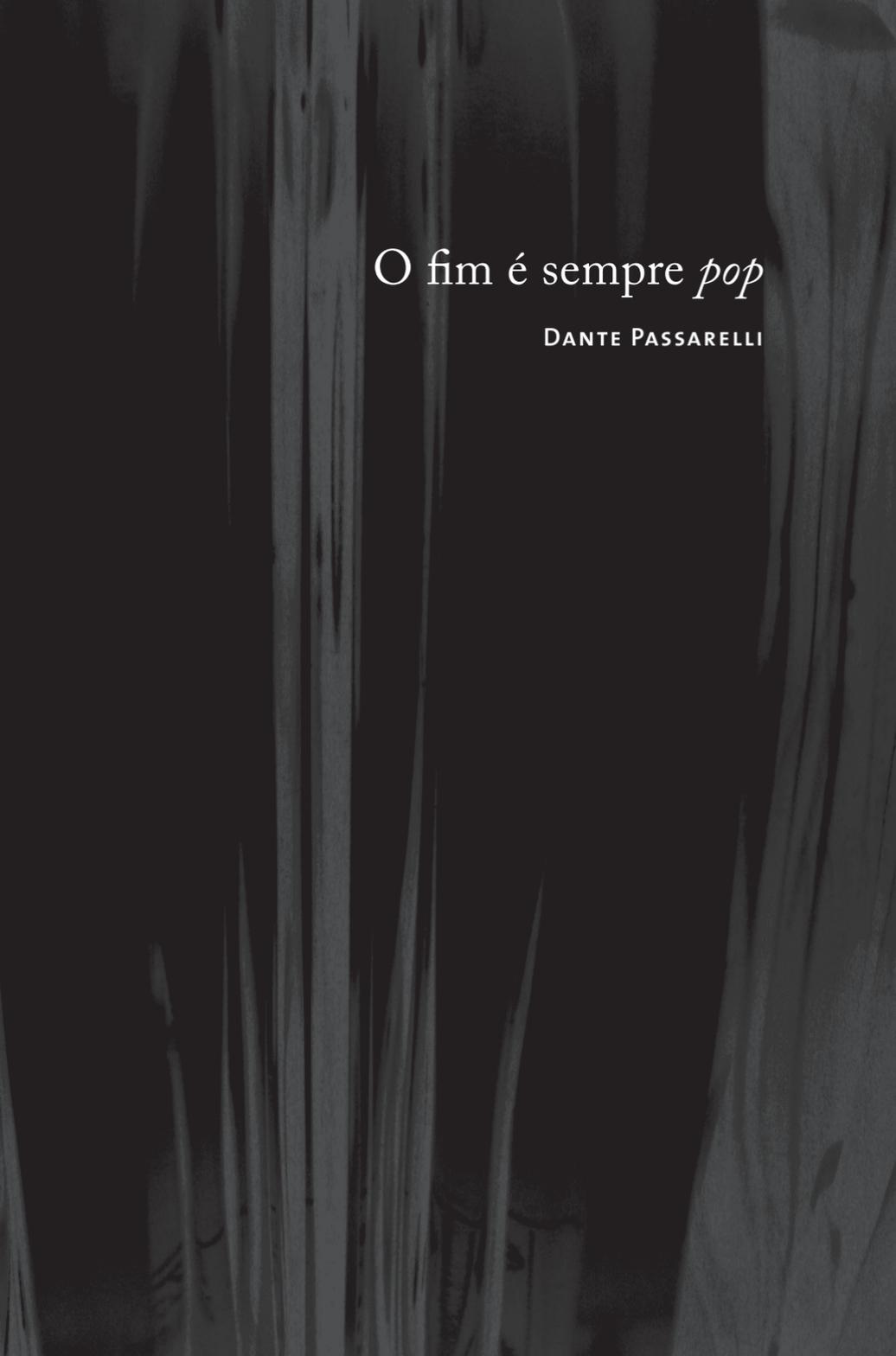
**CABO ANTERO** – Que bom. Eu também não.

**CEARÁ** – (Após um longo silêncio.) O senhor sabe que os paulistas vinham aqui também, não sabe? Essa moça aí, que o senhor falou, esteve uma vez. Só bebeu água. Logo se via que não era pessoa pra esse ambiente. Eu nunca me meti na história deles também.

**CABO ANTERO** – Quer ir embora? Tá ficando tarde. Eu arrumo tudo e fecho o bar. Depois jogo a chave debaixo da porta.

**CEARÁ** – Pode deixar que essa limpeza faço eu, senhor.

(O CABO recolhe com cuidado a garrafa de cachaça e o copo caído do CORONEL, olha CEARÁ uma última vez e sai. O dono do bar levanta a cadeira do chão, passa um pano na mesa, varre o chão sem pressa. Tira o avental e o pendura com cuidado. Vai até a luminária, olha o salão vazio uma última vez e a apaga. Blecaute. Entra “Zum-Zum”, cantada por Edu Lobo.)



O fim é sempre *pop*

DANTE PASSARELLI

*“Dies irae, dies illa,  
soluet saeculum in favilla”  
[Aquele dia, dia de ira,  
desmanchará o mundo em quentes cinzas]*

(*Dies Irae*, um dos sete grandes hinos em latim da Igreja Medieval.)

*“A covardia é mãe da crueldade.”*

(Montaigne)

*“Os amantes se amam cruelmente  
e com se amarem tanto não se veem.”<sup>13</sup>*

(Drummond, “Destruição”.)

---

13. Carlos Drummond de Andrade, “Destruição” In: *Lição de Coisas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962. p. 45.

*Esta peça foi inspirada por notícias e fatos reais.*

## Personagens

**DINÁ**, quase 30, numa relação com  
**CARLOS**, idem  
**BILL**, na casa dos 50, americano, ex-combatente da Guerra  
do Afeganistão, de férias no Brasil  
**EILEEN**, sua mulher, idade similar, americana, dona de casa,  
esperou o marido da guerra  
**SOPHIA**, 15 anos, em treinamento para ser guia da empresa  
turística do *walking tour*  
**VENDEDOR DE ÁGUA DE COCO**, idade não  
identificada, ex-presidiário\*  
**GUIA TURÍSTICO**, que também é um narrador\*

**TEMPO:** Anos 2020

**LOCAL:** A ação se passa na cidade de São Paulo, que está encoberta por um fumaceiro vindo de um enorme incêndio nas florestas brasileiras.

\* Podem ser interpretados pelo mesmo ator.

## Prólogo

(Quarto do hotel Holiday Inn. Uma TV ligada em volume baixo. Ouvem-se as palavras FLORESTA, FOGO, FUMAÇA. O narrador está em cena, ele aparece contando as pessoas da plateia e os atores. Diminui-se a luz no narrador ou ele sai. Existe uma praça, onde ocorrerá a ação. Há uma estátua com um anjo. Os espaços públicos e privados podem coexistir paralelamente na peça, sem necessidade de mudar cenário. É interessante até que haja uma mistura. Entra DINÁ do que poderia ser um banheiro, parece que escuta a TV. Ela observa CARLOS acordar. Hotéis são sempre locais de conflito.)

**DINÁ** – Eu pedi um café. Dormiu bem?

**CARLOS** – Bom pra acordar.

**DINÁ** – Parabéns.

**CARLOS** – É hoje. Parabéns pra você também.

**DINÁ** – Você está sentindo esse cheiro?!

**CARLOS** – Um cheiro de queimado, né?

**DINÁ** – Estranho.

**CARLOS** – Levantou cedo.

**618** **DINÁ** – Tive um sonho tão desconfortável.

**CARLOS** – De novo?

**DINÁ** – É. Eu não conseguia respirar direito. Eu não conseguia abrir os olhos.

**CARLOS** – Que horror. E aí?

**DINÁ** – Nada. Eu estava no jardim da casa antiga dos meus pais. Mas eu estava adulta. Eu te procurava. Você estava lá, mas não dizia nada. Não conseguia focar no que queria ver, como se não tivesse controle dos meus olhos. Que nem quando você tá com os olhos quase fechados, mas fica uma frestinha aberta, sabe? Isso me deixava sem ar.

**CARLOS** – O que será que significa?

**DINÁ** – Talvez... desprender de ideias preconcebidas.

**CARLOS** – Talvez seja bom.

**DINÁ** – Ou foi só um sonho mesmo.

**CARLOS** – Já está quase na hora, né? (pausa) Do nosso passeio pela cidade.

**DINÁ** – Sete anos juntos... Feliz aniversário de namoro.

(Eles permanecem se olhando por um tempinho, pode até ser que sorriam, até que entra a fumaça em cena. Quantos incêndios ignoramos todos os dias?)

## Parte 1 – O grupo de busca

### CENA 1

**GUIA** (meio didático, meio simpático) – Bem-vindos, bem-vindas. Eu vou ser o guia de vocês aqui hoje para o *walking tour* divertido de São Paulo. Obrigado por terem vindo mesmo nesse tempo louco que estamos passando. Toda cidade é um organismo vivo, e todo organismo tem um coração ardendo bem no seu centro. Infelizmente a nossa amanheceu um pouco mudada. Uma peste estilo meio Londres. Um clima vitoriano-tupiniquim. *Steampunk*-tropical. Eu só queria lembrar vocês que gorjetas são bem-vindas, além do preço da entrada, viu? Então eu dependo de vocês pra continuar trazendo diversão pras nossas caminhadas.

Pra quem não sabe, nós estamos no centro da cidade. Por ali, tem o Vale do Anhangabaú, por ali, tem o Pátio do Colégio. Pra quem não sabe, o Pátio do Colégio foi onde a cidade de São Paulo foi fundada, em 1554. Bom, a cidade como nós conhecemos, né? Ela já tava aqui bem antes. Mas nessa data aqui, e nesse lugar, foi onde os jesuítas fizeram a sua primeira missão nessa terra. Nessa data aqui, e nesse lugar, foi onde os dois se conheceram quando teve a abertura das Olimpíadas aqui no Brasil. Todas as nações unidas por um objetivo em comum. É sempre uma exceção à regra. As bandeiras estão sempre queimando na pira olímpica. Bom, mas ao que tudo indica, a fumaça chegou em São Paulo vinda de uma queimada na floresta. Isso é verdade, viu? Tá queimando nesse instante enquanto eu falo aqui com vocês. Agora que chegou por aqui, algumas pessoas vão fingir que se importam; outras

até se importam, mas não vão saber o que fazer; e nós aqui tentando fazer sentido de tudo isso. Falando em sentido, a moça aqui se chama Diná – ela odeia esse nome, porque todo mundo chamava ela de Mãe Dináh. Ela até pensou em mudar, mas depois de um tempo ela passou a gostar dele. Achava até que era bem adequado, porque ela sentia que tinha umas visões do futuro. Ou pelo menos uma grande inclinação pra achar que era o futuro mesmo. Ela nunca investiu muito tempo de fato pensando sobre. As coisas passam meio que batido pela Diná, e isso deixa ela ansiosa, porque ela sente que não tá acontecendo nada com ela. Apesar de o mundo continuar girando e as coisas queimando, ela permanece meio que intocada. É. O namorado dela é o Carlos. São praticamente casados, não fosse pelo fato de que o amor acabou, mas eles continuam juntos apesar de. Ele trouxe ela aqui pra passar o aniversário de namoro nesse mesmo ponto onde eles se conheceram há sete anos. Onde eles vêm todos os anos pra passar o aniversário.

Tudo mudou, mas tá praticamente igual. Quase sempre é assim. Quando você vê, pimba, já é um estranho do seu lado.

O que Diná não previu é que Carlos vem pensando em terminar tudo. E ele tinha deixado pra informar ela sobre essa decisão bem hoje. No aniversário de sete anos de namoro. Vamos ver se ele vai conseguir. Carlos é meio frouxo, sabe? Ele não gosta de conflito e tem medo do que não conhece.

Só que pra ele já deu e agora ele vai falar tudo. Mas o que *Carlos* não previu é que a Diná – (pausa) pera aí. Ah, não, tá faltando alguém aqui. Eu tinha uma pessoa a mais na minha lista, que viria hoje. Ela viria hoje. Eu contei no início quando vocês todos chegaram e tava certinho. Eu nunca erro isso!

Cacete, sumiu alguém. Sumiu alguém. Nós não podemos começar sem. Gente, desculpa, não podemos começar sem. Eu tenho uma reputação a zelar. Vocês não tão entendendo. Nós precisamos encontrar ela. Olha o tempo como tá. Imagina o que pode ter acontecido. Um de vocês some, e a gente não faz nada? Não, não é assim que funciona. Desculpa o incômodo, mas não podemos continuar até ela ser encontrada.

## CENA 2

(Aos poucos, as falas podem ir sendo ditas de modo a compor o grupo de busca. Os personagens podem estar na plateia e entrar em cena de lá.)

**CARLOS** – Era o que faltava. Mais um conflito.

**BILL** – Tem certeza que ela veio por aqui?

**SOPHIA** – Não, eu não vi.

**CARLOS** – Que belo dia pra desaparecer.

**DINÁ** – Não, mas ela deve estar por aqui, sim. Vem, vamos.

**EILEEN** – Eu prefiro voltar para o hotel, se vocês não se importarem.

**BILL** – Está tudo bem?

**CARLOS** – Odeio essa frase.

**BILL** – “Tudo bem?”

**CARLOS** – O que é estar tudo bem?

**BILL** – É uma frase que a gente diz pro bem dos outros.

**CARLOS** – E pro bem próprio?

**DINÁ** – Pro bem próprio, a gente tenta ficar bem.

**CARLOS** – Onde já se viu desgarrar do grupo desse jeito?  
Nesse tempo?

**BILL** – Ela vai aparecer, calma.

**SOPHIA** – Temos que manter o foco. Pra onde ela teria ido?

**EILEEN** – É nossa culpa, quem mandou vir pra cá com o país  
desse jeito? Era claro que ia dar merda.

**BILL** – Nós estamos fazendo um favor ao país. Era seu sonho  
conhecer o Brasil!

**CARLOS** – Olha, estamos muito bem, obrigado. Não precisa-  
mos de turismo por pena, ouviu?

**SOPHIA** – É, por que não foi turistar na sua terra, então? Eu,  
hein? Vem até aqui pra ficar reclamando. O país é lindo!

**BILL** – A situação está pior do que o ideal.

**SOPHIA** – Olha aqui-

**DINÁ** – Por favor, podemos?! Aliás, a moça era de onde?

(pausa)

**SOPHIA** – Ninguém sabe...?

**CARLOS** – Estamos procurando em vão. Ótimo.

**BILL** – Vocês lembram dela no grupo?

**DINÁ** – Não.

**CARLOS** – Vagamente, talvez.

**EILEEN** – O guia disse o que, mesmo?

**SOPHIA** – Ótima ideia. O guia!

**CARLOS** – O guia não disse nada.

**BILL** – Mandou o povo sair buscando.

**CARLOS** – Belo guia.

**EILEEN** – Nem pra eles esperarem a gente voltar das lojinhas.

Poxa, tem que esperar as pessoas voltarem.

**DINÁ** – E ela estava sozinha, né?

**EILEEN** – Ninguém sabe dizer.

**SOPHIA** – Tudo que eu não precisava era um caso de mistério no dia do meu treinamento. Porra.

**CARLOS** – Eu não queria dizer nada, mas daqui a pouco vai escurecer. Temos que começar a andar.

**EILEEN** – Essa fumaça não podia ter esperado mais três diazinhos, né?!

**CARLOS** – Por que três dias?

**EILEEN** – É o voo de volta.

**BILL** – É a lei de Murphy.

**CARLOS** (para DINÁ) – É a lei do gringo que tá me irritando e que vai levar uma porrada.

**DINÁ** – Você vai bater no cara, agora?

**SOPHIA** – Acho melhor nos separarmos. Vamos fazer assim: vocês olham por aqui, e vocês, por ali. Nos encontramos de novo em uma hora, o que acham?

**EILEEN** – Que belo passeio pela cidade.

**BILL** – E você?

**SOPHIA** – Eu vou ficar por aqui mesmo. Caso ela esteja andando. Muito movimento, sabe? É bom alguém estar parado.

**CARLOS** – Sei... bom, tudo bem. Então, vamos.

(CARLOS e DINÁ saem por um lado. BILL e EILEEN por outro. SOPHIA fica em seu lugar, na plateia talvez.)

### CENA 3

(Agora seria tipo um momento perfeito para terminar tudo. CARLOS olha para DINÁ. Ele olha ao redor. Não tem ninguém. Ele tenta encontrar algum lado bom nessa ideia estúpida de vir até aqui para acabar tendo uma lição de História sobre a cidade de São Paulo sob fumaça. Ele queria ter voltado onde eles começaram a namorar. Começar e terminar no mesmo local. Criar uma espécie de ritual, sabe? Para deixar as coisas mais especiais. Para que isso, né? Foda-se isso! Era mais fácil ter ficado em casa. Mas ele insistiu porque achou que podia ser especial, ter um momento para lembrar. Um momento ao pôr do sol e dizer adeus. Simbólico. CARLOS é meio romântico, um pouco brega até. E DINÁ sempre faz o que ele quer.)

**CARLOS** – O que foi?

**DINÁ** – Como o que foi? Estou pensando nessa menina.

**CARLOS** – Era uma menina mesmo?

**DINÁ** – Eu vejo ela como uma menina, mas não sei.

**CARLOS** – Eu já tentei lembrar, mas não consigo. Ela deve ser daquele tipo quieta.

**DINÁ** – Ninguém é totalmente quieto. Aliás, ninguém é quieto, ponto. O silêncio não é intencional, parte sempre de fora. A pessoa que não fala tem mil coisas pra dizer.

**CARLOS** – Bom, sei lá, às vezes ela queria assim.

**DINÁ** – Mas desaparecer desse jeito... exigiria uma força de vontade que não sei.

**CARLOS** – Estranho mesmo, e no meio de um *walking tour*, ainda. Que coisa mais aleatória.

**DINÁ** – Não é possível, ela deve ter sido sequestrada.

**CARLOS** – Você sabe pra onde a gente tá indo?

**DINÁ** – Estamos na avenida agora.

**CARLOS** – Na verdade, é a oportunidade perfeita. Uma situação dessa, ninguém daria falta. (pausa) A não ser que ela quisesse que todo mundo tivesse procurando por ela mesmo. Seria o jeito perfeito de chamar atenção.

**DINÁ** – Ai, coitada da menina. Você nem sabe o que ela tá passando e já fica querendo pintar toda uma personagem pra ela.

**CARLOS** – Ué, você tá fazendo a mesma coisa, só que pro lado bom.

**DINÁ** – Não, é diferente. Eu estou tendo empatia com uma pessoa do nosso próprio grupo que desapareceu na fumaça. Poderia ter sido eu.

**CARLOS** – Parece piada isso. Aliás, toda essa situação é uma palhaçada.

**DINÁ** – Vai ver se alguém se importa. Que nada! Tá todo mundo passivo, como se nada tivesse acontecendo.

**CARLOS** – Certeza que, se incomodasse, iam arrumar um jeito de acabar com tudo isso aqui. Puxar a fumaça pra dentro ou lançar pro universo, mandar pra Marte, sei lá.

**DINÁ** – (Ri, depois fica séria, meio triste) Não consigo parar de pensar na moça. Sei lá... Quanta coisa a gente esconde pra não desagradar. Até a hora que, PÁ, alguém te abduz e você nem tem tempo de dizer “valeu”. Ela em perigo é mais uma prova de que eu também estou em perigo a todo instante.

**CARLOS** – Quê?

**DINÁ** – As coisas que ela tinha pensado em fazer depois daqui. Deve ter pensado em mandar mensagem pra alguém que ela

conheceu na semana passada, em terminar de ler um livro que ela parou no meio, em dizer pra mãe que amava ela. Sei lá, um impulso qualquer que... movimenta pra frente. Uma coisa que você queria fazer por tanto tempo e que nunca tinha se permitido fazer porque tava esperando um momento ideal ou até perfeito, se preparando pra isso com todas as suas forças, mas esse momento nunca chegou e você morreu!

**CARLOS** – É. (pausa estranha) Às vezes ela deveria querer fazer tempo mesmo, mas não tinha coragem. Ela deve ter ido. Digo, por vontade própria. (pausa) Tava esperando a oportunidade perfeita. Pra ir embora. Ela.

**DINÁ** – Eu sinto que a gente não tá chegando em lugar nenhum!

**CARLOS** – Você quer dizer eu e você?

**DINÁ** – Sim, eu e você. (pausa) Nós.

**CARLOS** – Sério?!

**DINÁ** – Sim, a gente tá nessa rua e não tem ninguém por aqui. Acho que temos que voltar. É mais seguro.

**CARLOS** – Às vezes, ela nem queria ajuda. Ela só queria ficar sozinha porque é o único jeito que ela encontrou pra encerrar a vida.

**DINÁ** – Era o modo dela de gritar liberdade ou morte!

**CARLOS** – Liberdade ou morte?

**DINÁ** – É, ela não poderia gritar umas palavras de ordem antes de desaparecer?

**CARLOS** – É, isso seria bem triste.

**DINÁ** – Você não tem nenhuma vontade que nunca realizou?

**CARLOS** – Claro, ué.

**DINÁ** – Eu sei?

**CARLOS** – Sabe?

**DINÁ** – Se você me falar, eu posso saber.

**CARLOS** – É uma coisa estranha.

**DINÁ** – Tudo é estranho.

**CARLOS** – Mas é, tipo, talvez muito estranho. Tenho receio que você me julgue.

**DINÁ** – É sexual? (Silêncio e ela com um tom malicioso.) Ah, é algo sexual, então. Você tem um desejo sexual escondido que nunca me falou todos esses anos. Gente!

**CARLOS** – É assim que funcionam os desejos.

**DINÁ** – Freud explica.

**CARLOS** – Acho que Freud ainda não entrou nessa história.

**DINÁ** – Vai, conta o que é.

**CARLOS** – Ai, não. Não quero dizer. Nem é tão estranho. Todo homem deve querer.

**DINÁ** – Transar com duas mulheres?

**CARLOS** – Não.

**DINÁ** – Sadomasoquismo?

**CARLOS** – Não, acho *freak*.

**DINÁ** – Escatologia?

**CARLOS** – Não, meu Deus!

**DINÁ** – Vai logo! Fala! Tô ficando curiosa.

**CARLOS** – Eu não quero falar. Você vai me julgar.

**DINÁ** – Porra, faz sete anos que a gente tá junto, e você não quer nem me contar uma merda de um desejo seu?

**CARLOS** – A gente tá no meio da rua.

**DINÁ** – Foda-se, ninguém tá vendo. Vai, conta!

*– é agora. é o momento ideal. ela deu a brecha, ela deu um trampolim perfeito pra ele dizer que quer terminar tudo. que já acabou pra ele. (pausa) só que a oportunidade perfeita que a gente idealiza nunca acontece, né?*

**CARLOS** – Eu queria te ver sendo fodida, assim, com toda a força, por outro homem. Bem na minha frente, comigo olhando bem perto, na mesma cama, até. Sentindo todos os cheiros dos corpos de vocês. Queria sentir bem de perto, me lambuzar com os líquidos todos que saíam do corpo de vocês. E depois eu queria ser fodido por esse cara. Com você olhando também. Eu queria que ele metesse com toda a força no meu cu depois de ter gozado em você.

(Pausa desconfortabilíssima. Pela primeira vez, DINÁ não sabe o que responder. Ele vê um papel no chão. Ela pega o papel das mãos dele.)

**CARLOS** – Olha... vai ter uma festa para observar a fumaça.

**DINÁ** – Beber agora seria uma ótima ideia.

**CARLOS** – Acompanhar o apocalipse bebendo champanhe. Gosto da ideia.

CENA 4

(O casal de americanos em outro ponto do palco.)

**EILEEN** – *I think someone's following us.*

**BILL** – *Why are you whispering?*

**EILEEN** – *So that they don't hear us.*

**BILL** – *They don't speak English...*

**EILEEN** – *Are you sure?*

**BILL** – *Why?*

**EILEEN** – *Do you have your knife?* (ele faz que sim e faz um gesto grandioso virando para trás)

**BILL** – AHA!

**EILEEN** – *No one's there.*

**BILL** – *We may have taken the wrong turn.*

**EILEEN** – *You think?! You said you knew the way.*

**BILL** – *Well, you're the one who couldn't stop talking. I couldn't concentrate.*

**EILEEN** – *I lost track of time.*

**BILL** – *We lost track, period.*

**EILEEN** – *Remember when it was fun to play hide and seek? It did not include abject fear in a foreign country.*

**BILL** – *Let's just go back and see if they have news.*

**EILEEN** – *I think they hate us.*

**BILL** – *Of course they hate us, who the fuck wouldn't?*

**EILEEN** – *Well that's just mean.*

**BILL** – *So are our foreign policies.*

**EILEEN** – *Well, there are a lot of bad guys out there. Real bad guys. Whose fault is it that we're the ones with the military and the money and everything to stop the bad guys, huh? Because it sure hell ain't mine.*

**BILL** – *It's no one's fault, Eileen! Well, it is someone's fault, but not that we have anything to do about it.*

**EILEEN** – *So why are you whining when you should be agreeing with me?*

**BILL** – *We should have stayed at the square. We can't even ask for information. I don't see anyone. Do you?*

**SOPHIA** – Também não consigo ver nada.

(Os dois se assustam.)

**BILL e EILEEN** – *OH! OH GOD!*

**BILL** – Não sabia que você estava aqui.

**EILEEN** – Você não estava na praça?

**SOPHIA** – Achei que vocês dois fossem se perder.

**EILEEN** – Que... como se diz? Boazinha.

**SOPHIA** – O caminho é por ali. Vamos, já deu a hora.

(Eles vão até que são parados por um VENDEDOR DE ÁGUA DE COCO.)

**VENDEDOR** – E aí, pessoal? Vai uma aguinha de coco pra refrescar?

**SOPHIA** – Não, obrigada.

**VENDEDOR** – Um pra vocês dividirem pra poder me ajudar, vai. Senhora? Senhor?

**EILEEN** – Hm... Tudo bem. Um, por favor.

(O VENDEDOR retira uma faca muito grande, típica de cortar coco, para abrir a fruta. Os três observam a faca com apreensão, como se houvesse um perigo iminente. O VENDEDOR percebe.)

**EILEEN** – Moço, eu posso filmar você abrindo o coco? Achei tão curioso! (Filma sem ele responder.)

**VENDEDOR** – Por causa da faca grande, né? Mas é o único jeito de abrir, viu? Já tentei de várias outras maneiras menos assustadoras, mas não tem. A única maneira é carregar esse facão na cintura e levantar ele como se fosse degolar alguém. Vocês já viram alguém ser degolado? (eles dizem que não) Quando eu tava preso – não, não se preocupem, isso já faz tempo. Eu nem tinha feito nada sério. Já faz quinze anos.

**SOPHIA** – Ah, o ano que eu nasci.

**VENDEDOR** – Que coisa. Pois é, quando eu tava lá. Teve uma rebelião dessas grandes. Eu achei que quando estivesse lá, eu não ia viver nada disso. A gente escuta cada história. Mas foi isso que aconteceu, o que sempre acontece. Eu sobrevivi nem sei como.

**SOPHIA** – Onde foi isso, moço?

**VENDEDOR** – Manaus. Nesse dia que teve a rebelião, a polícia se recusou a entrar no presídio. Deixou os dois grupos se matarem. Só entraram pra carregar os corpos pra fora. Eles começaram incendiando colchão no pátio. Quando a fumaça preta começou a subir, o pessoal da região já sabia o que

tava acontecendo, e o zum-zum-zum começou na cidade pra ninguém se arriscar a chegar perto. O mais difícil era ouvir o pessoal que tava do lado de fora, o pessoal de fora que ama quem tava lá dentro – porque eles são amados por alguém, né? Muita gente acha que preso deixa de ser gente mesmo, gente de pele e osso, mas a gente fica mais gente do que antes. Então um grito desses de fora é de passar cortando o peito. Um aperto danado de não saber o que eles tão pensando – porque isso é técnica de terrorismo, né, é técnica de deixar todo mundo sem saber o que está acontecendo, sem nenhuma informação por mais de mês – aí quando já fica impossível, quando não dá mais pra aguentar a falta de informação, aí as associações, as mães, sei lá mais quem, se junta e vai bater lá na porta pedir pelo amor de Deus pra darem alguma coisa, pra não deixar eles com fome. Na maioria das vezes o que eles conseguem é nada, viu? Os cara são transferidos, e aí passa mais e mais semana sem saber como ou onde eles tão. Fome. Nesse dia, foram 22 mortos. Parece pouco, né? Você pensa. Uma vez eu contando essa história, me falaram: “Ah, graças a Deus, achei que fosse mais”. Acho que Deus não tem nada a ver com isso, ou se tem, é aquele dia do juízo final. Você só tenta fugir do fogo e não ser jogado na condenação eterna. Depois que eu saí, que eu fiquei só um ano e meio preso, né, depois que eu conto essa história, porque não tem um dia que eu não lembre dela quando eu vejo a cara de gente como vocês – são da onde, aliás? – assim olhando essa faca enferrujada que eu uso pra degolar coco. Eu lembro do tempo lá na cadeia e da polícia que não fez nada. Não fazer nada é uma coisa fácil, né? (pausa)

São da onde, aliás?

**BILL** – USA (pronunciado iú-és-ei).

(Ele ergue a faca para dar a cortada final no coco. O VENDEDOR erra o alvo e, sem querer, acerta sua mão. Blecaute. Ouve-se apenas o freio de um ônibus.)

#### CENA 5

(Luz em CARLOS e DINÁ. Restou o coco, que vai ficar lá até o final da peça.)

**CARLOS** – Eu sabia que não era pra gente ter pago esse passeio. Que droga! Era uma semana pra ter ficado em casa.

**DINÁ** – Ué, você que insistiu.

**CARLOS** – É que poderia ter sido legal.

**DINÁ** – É uma linha tênue.

**CARLOS** – Entre o potencial de algo e o que a coisa é de fato.

**DINÁ** – Errar é humano.

**CARLOS** – Sim, humano...

*– ele vai dizer*

*– ele quer dizer. olha! dá pra ver a frase borbulhando pra sair.*

*– é agora*

– o que será que *ELA* quer dizer, hein?

**CARLOS** – As análises astrológicas apontavam. Eu sabia que devia ter seguido minha intuição e feito isso na semana passada.

**DINÁ** – Mas o aniversário é hoje.

**CARLOS** – Todas as tríplexes conjunções da história acabaram dando em um processo histórico doloroso.

(Pausa. De repente, é possível ler a frase TER CORAGEM DÓ! pelo espaço, mas eles não percebem isso de cara. Então, após ver a palavra que apareceu em algum local do palco...)

**CARLOS** – Isso já tava aqui antes?

**DINÁ** – Eu não tinha reparado.

(Os outros vão chegando meio assustados ainda com a cena anterior.)

**CARLOS** – Ei, vocês tinham visto isso antes?

**SOPHIA** – Não, não estava aqui antes, não, não tinha nada escrito.

**CARLOS** – Alguém está gostando desse mistério.

**EILEEN** – O que isso quer dizer?

**SOPHIA** – Acho que é bem claro.

**EILEEN** – Eu entendo o significado da palavra. Quis dizer sobre o todo. Por que ela escreveria “coragem” assim, do nada?

**DINÁ** – Ela quem?

**EILEEN** – A desaparecida.

**DINÁ** – Da onde você tirou que foi ela que escreveu?

**EILEEN** – Bem, imagino. Seria um modo bem fácil de infringir a lei e escrever algo com tinta assim no patrimônio público.

**SOPHIA** – Isso tudo tá estranho demais. Bem no dia do meu treinamento. Se isso for uma espécie de teste escroto, podem parar agora! Ouviram?

**CARLOS** – Com quem você tá falando?

**SOPHIA** – Com quem estiver ouvindo. Você acha que não tem ninguém escutando a gente?

**DINÁ** – Não acho que tenha sido a desaparecida.

**BILL** – Ué, como você sabe?

**DINÁ** – Eu... nada. Esquece.

**BILL** – Como assim?

**SOPHIA** – Se você sabe de alguma coisa, fala logo! Faz a gente acabar logo com esse calvário e todo mundo pode ir pra casa.

**EILEEN** – É mais fácil pensar: Quem poderia querer “coragem”?

**SOPHIA** – Agora é que não vamos embora mesmo.

(Luz em DINÁ e no GUIA.)

**GUIA** – (de lado) Vamos falar a verdade. Foi você.

**DINÁ** – Eu queria atizar as pessoas. É uma espécie de protesto, sim. Uma chamada, sei lá. Eu queria aproveitar esse momento pra dizer algo. Sabe? Quando a gente tem algo a dizer? Uma coisa que vai além do nosso próprio umbigo, uma coisa maior, que a gente não tem controle. Você acha certo isso que tá acontecendo? Você acha certo só ser um espectador passivo do processo histórico? Você não tem nada a dizer?

**GUIA** – Eu só faço a narração. Opinião subjetiva é outro departamento.

**DINÁ** – Mas é isso. Preciso ser crucificada por dizer o que eu penso?

**GUIA** – Mas adiantou?

**DINÁ** – Não é esse o ponto.

**GUIA** – Isso parece meio idiota.

**DINÁ** – Pode ser que seja, mas eu queria tentar. Por isso que tem o adendo. Coragem dói! Coragem dói! Ouvia??

(A luz em DINÁ sai. Os outros escutam apenas essa frase final.)

**CARLOS** – Ouvi... (pausa)

*– é agora que ele vai tomar coragem e dizer?*

**CARLOS** – Eu só queria passar por um processo histórico indolor.

*– desisto de tentar...*

**BILL** – Experimenta passar por uma guerra pra você ver.

**DINÁ** – Você passou por uma guerra?

**EILEEN** – Ele é veterano da guerra do Afeganistão.

**CARLOS** – Qual era o motivo astrológico pra guerra, hein?

**BILL** – Astrologia? Não acredito.

**SOPHIA** – Típico.

**DINÁ** – Como era por lá?

**BILL** – Não era bonito.

**EILEEN** – Chega a ser criminoso isso.

**CARLOS** – Concordo, ficar assim vagando por nada é criminoso mesmo.

**EILEEN** – Quis dizer essa pichação.

**SOPHIA** – Escrever uma palavra no espaço público agora é crime?

**EILEEN** – É típico você dizer isso.

**SOPHIA** – O quê?

**EILEEN** – Defender quem fez isso no chão. Se fosse pra apostar em alguém, eu apostaria em você, na verdade.

**SOPHIA** – Eu não tô defendendo nem acusando, eu, hein? Mas se você tá tão afetada, quem deve precisar de coragem é você. Talvez você devesse ter escrito pra ver se te inspira.

**EILEEN** – Coragem pra quê?!

**SOPHIA** – Sei lá, qualquer coisa. Viver.

**EILEEN** – Você acha que eu não vivo?

**SOPHIA** – Você que tirou essa conclusão.

**EILEEN** – Olha aqui, sua-

**CARLOS** – Podemos focar no real por um instante?

**BILL** – Na verdade não importa quem fez isso. O que importa é o recado.

**SOPHIA** – Concordo.

**EILEEN** – Eu que concordo.

**CARLOS** – Então todos concordamos que essa pichação é só um desvio de rota desimportante, e podemos focar na desaparecida... e para isso... precisamos... (procura a palavra, mas não encontra)

**EILEEN** – ... de coragem?! Porque ela dói?! (rindo com raiva)  
Ah, por favor. Que brincadeirinha mais sem graça. Vamos logo embora. Vou ficar deitada até dar a hora do voo. Além da aula de história, agora aula de poesia. “Ter Coragem Dói”.

**SOPHIA** – Você tá tão quieta.

**DINÁ** – Eu?

**SOPHIA** – Sim?

**DINÁ** – Estou preocupada, só isso. Com a menina, comigo.

**SOPHIA** – Sei.

**CARLOS:** (para BILL) Não tem nenhuma estratégia de guerra que sirva pra essa missão, não?

**BILL** – Não tem receita de bolo. Precisamos pensar. Estão mal-acostumados por aqui.

**SOPHIA** – Graças a vocês, né? Eu não me espantaria se o exército americano tivesse sumido com ela. Nem um pouco. Agora, por que nós? O que a gente fez pra estar aqui? Você sabe de alguma coisa?! Hein?!

**CARLOS** – Nem era pra gente estar aqui.

**EILEEN** – Nós também não queríamos estar aqui.

**BILL** – Por que não vão embora?

**DINÁ** – Ir embora deixando uma menina perdida por aí?

**CARLOS** – Vai que ela aparece morta. Eu também sou humano, né? Fiquei com pena. Um certo senso de coletividade.

**SOPHIA** – Que horror.

**CARLOS** – E vocês, por que não vão embora?

**BILL** – Viemos passar um tempo aqui... espairar, deixar a vida correr seu curso natural.

**EILEEN** – Sabe que podia ser pior?

**SOPHIA** – Podia ser melhor também.

**DINÁ** – As coisas não têm que ter motivo, às vezes. Elas só acontecem.

**SOPHIA** – Ninguém lembra da roupa dela mesmo?

(Ninguém responde.)

**SOPHIA** – Temos que voltar ao ponto de encontro.

**EILEEN** – Existe um ponto de encontro?

**SOPHIA** – O guia principal tinha falado... (olham para o GUIA, que não está no palco nesse momento) Ele disse para quem achasse a menina mandar uma mensagem para a central (refere-se à cabine).

**CARLOS** – Que eles estariam procurando.

**DINÁ** – Sim.

**BILL** – Minha perna tá cansada.

**EILEEN** – Você nem pode ficar andando tanto assim.

**CARLOS** – Um problema de cada vez, por favor.

**SOPHIA** – A gente está vagando por aí aleatoriamente mesmo? (finalmente estourando) Vocês por acaso são idiotas?

**TODOS** – Oi? Como assim? Quê? Quem você pensa que é?

**SOPHIA** – Não, porque vocês só podem ser idiotas de ficar seguindo uma instrução assim sem questionar se o negócio faz sentido. Tinha que ser gente velha. Ficar atrás de uma moça que ninguém sabe quem é. Moça que, para todos os efeitos, nunca existiu. Vocês conhecem ela? Alguém conhece ela? Ela conhece algum de nós? Como é que pode ficar atrás de uma pessoa desse jeito? Uma coisa é ter empatia, outra coisa é ser idiota. Não dá pra gente ficar dependendo do bom senso e da boa vontade do próximo pra seguir com a vida. Sem uma fotinho que seja. Nada. NADA! Onde já se viu acreditar assim sem provas em alguma coisa? Da onde veio essa vontade tão grande de ajudar o outro? Ela é filha de vocês, por acaso? Eu tenho um treinamento pra fazer, sabia? ALGUMAS pessoas precisam trabalhar. Eu preciso completar as horas do meu treinamento senão eu não sou efetivada!

**DINÁ** – Não, mas ela poderia ser uma filha.

**EILEEN** – Acho que você está sendo muito insensível.

**SOPHIA** – Insensível o caralho! Alguém, no mínimo, deve ter inventado essa história. Só vocês pra caírem nisso. Só pode ser um golpezinho desses de trote de sequestro que a gente recebe no telefone. “Oi, sou eu, sua sobrinha, me dá 10 mil dólares ou eu mato você.” Geralmente vem da cadeia isso. Os presos cansam da realidade deles e começam a inventar uma pra enganar alguém. Isso aí é golpe na realidade! Sempre tem quem caia. Vocês tão aqui por quê? O que vocês querem com

ela??? HEIN? O QUE VOCÊS TANTO QUEREM COM  
ESSA MOÇA?? Às vezes, ela só queria ser deixada sozinha  
mesmo. Ela queria fugir da situação dela, queria expandir a  
consciência, queria esfriar a cabeça, sei lá. Às vezes, ela largou  
tudo e foi morar na floresta! Tem gente que já fez isso. Dar  
uma volta que seja. Daqui uns anos, alguém encontra ela por  
aí. E vocês tão interrompendo com a possibilidade dela de  
fazer o que ela quer! Eu quero que vocês vão se foder! Onde  
é essa festa? (sai)

**DINÁ** – Gente.

**BILL** – *What the fuck?*

**CARLOS** – Ela disse gente velha?

**EILEEN** – Que moça triste.

**CARLOS** – Eu tenho 29 anos...

**DINÁ** – “Às vezes, ela só quer dar uma volta que seja.”

**BILL** – Profundo.

**CARLOS** – Você vai usar?

**EILEEN** – Como assim usar?

**CARLOS** – Ela escreve.

**DINÁ** – Eu anoto umas frases assim, das pessoas, no dia a dia.

**EILEEN** – E as pessoas falam coisas interessantes?

**DINÁ** – Falam, não falam. Também tem essa parte de seleção.

**BILL** – Escreve o quê?

**CARLOS** – Um *best-seller* vem aí, né?

*– a verdade é que anotar frases ditas por outras pessoas em contextos aleatórios faz ela se sentir menos melancólica.*

**DINÁ** – Mas é isso. Tem gente que é personagem pronta. Eu fiz um curso pela internet de escrita criativa.

**EILEEN** – E quem não consegue ser personagem?

**CARLOS** – Ah, quem não é muito interessante fica fadado a ser figurante, né?

**EILEEN** – Ora essa...

**BILL** – Figurantes.

**DINÁ** – Coitados.

**BILL** – O quê?

**CARLOS** – Ela não gosta que fale que são figurantes.

**DINÁ** – Cada um tem a sua importância no mundo.

– *menos DINÁ, que ainda não entendeu qual a sua...*

**BILL** – Bom, podemos focar na, como se diz, vida real por um instante?

**EILEEN** – Sim, não é educado ir atrás de alguém quando a pessoa sai correndo?

**CARLOS** – Acho que ela não quer.

**DINÁ** – Sim, ela deixou isso bem claro.

**EILEEN** – Bom, chega de *walking tour* por hoje.

**BILL** – Não aproveitamos nada da cidade.

**EILEEN** – Pena.

**BILL** – Desperdício.

**CARLOS** – Podíamos seguir ela pra festa.

**BILL** – Ela disse “festa” mesmo?

**CARLOS** – Parece que está tendo uma festa hoje. Desde de manhã. Aqui perto. Ao ar livre. A proposta é observar esse fenômeno de um lugar com uma boa vista. Aproveitar que vai ficar escuro mais cedo, pôr umas luzes no céu, beber um

champanhe, fazer o que der na cabeça. É bom espairecer antes de momentos decisivos.

*– eu nem vou me dar ao trabalho.*

**DINÁ** – Eu achei de um mau gosto absurdo.

**CARLOS** – Tem quem curta.

**DINÁ** – Ah, sempre tem quem consiga se divertir nessas horas.

**CARLOS** – De toda forma, está acontecendo. É inevitável.

**BILL** – Já que não estamos fazendo nada...

**EILEEN** – Mas uma festa agora? Depois dessa manhã...?

**BILL** – Daqui a pouco voltamos pra casa e não sobra nada pra nós.

**DINÁ** – Você vai vestido assim na festa?

**BILL** – Podemos passar no nosso hotel aqui perto antes de ir.

**EILEEN** – Bom, podemos ir e ver como está, então. Muito cheia, eu vou embora, hein?

**CARLOS** – Nós acompanhamos vocês.

**DINÁ** – Carlos!

**CARLOS** – Vamos deixar os gringos sozinhos nessa festa? Se eles morrem, depois vão atrás da gente de cúmplice de assassinato.

**BILL** – Venham! Será divertido conhecê-los melhor.

**EILEEN** – Que tipo de festa é essa?

**CARLOS** – Aqui, o *flyer*.

**DINÁ** – O pior é o nome.

**CARLOS** – Eu achei criativo.

**BILL** – (lendo) Apo-ca-tás-tase.

**EILEEN** – Parece uma *bad word*.

**CARLOS** – (lendo) Depois do fim do mundo, na apocatástase, há uma restauração das coisas em sua unidade absoluta.

**BILL** – Festa pós-fim de mundo

**EILEEN** – *My goodness*.

**DINÁ** – (afetada pela ideia) Isso é o fim do mundo?!

(CARLOS percebe que DINÁ fica incomodada, mais do que incomodada, petrificada, com a situação e não sai do lugar.)

**CARLOS** – Eu... vou logo atrás de vocês.

**DINÁ** – Eu não vou sair daqui.

**CARLOS** – Como assim?

**DINÁ** – Eu não saio mais daqui.

**CARLOS** – Protesto de novo?

**DINÁ** – Até essa menina ser encontrada, eu não saio mais dessa praça. Eu posso apodrecer, mas daqui eu não saio.

**CARLOS** – O guia já está ali no ponto, não tem o que a gente possa fazer pra ajudar essa menina!

**DINÁ** – EU NÃO VOU SAIR DAQUI.

**CARLOS** – Essa praça é perigosa, passa todo tipo de gente aqui. Daqui a pouco não tem mais sol. Você vai ficar aqui no escuro?

**DINÁ** – Não me importa.

**CARLOS** – E se a menina não aparecer?

Ela pode ter ido encontrar alguém.

Ela pode ter ido pra casa.

Ela pode ter ido pro hospital.

Pode não ter acontecido porra nenhuma.

Por que você decidiu sentir empatia pela menina assim, do nada?

(DINÁ para de falar durante as próximas falas e deita-se em posição fetal. DINÁ ri da situação patética em que CARLOS se coloca.)

**CARLOS** – Responde! Por quê?! Você quer que eu fique aqui? Você quer que eu espere com você? Você não espera que eu espere esse fantasma de menina com você, né? Uma personagem fictícia que não afeta nossa realidade e que, do nada, fez você ficar assim! Eu quero saber da vida real! Eu quero sentir as coisas. Eu quero viver a vida. Eu quero me sentir vivo. Como eu me sinto vivo? Qual o melhor lugar pra se sentir vivo? Hein? Me ajuda? Alguém?! O melhor lugar pra se estar hoje? É numa festa, não é? É pra lá que as pessoas felizes vão! Eu quero ser feliz! Feliz! Pra mim chega! Eu quero ir pra festa! Eu quero VIDA REAL. Chega a me dar ÓDIO.

Por que as pessoas não conseguem simplesmente dizer o que querem??? Caralho! Para de ser covarde! Fala logo de uma vez o que você quer falar? Por que é tão difícil? É medo de ficar sozinho? É medo de decepcionar? É medo de tomar um tiro no meio do peito?

(pausa)

**GUIA** – Isso foi o que Carlos pensou, mas o que ele disse foi-

**DINÁ** – Pera aí. Espera um pouco. Não é mais fácil terminar de uma vez? Que porra. Até onde vai esticar essa tensão?

**CARLOS** – Tem muitas variáveis pra ele. Não adianta. Não é assim, tão fácil. Bancar uma covardia assim exige coragem.

Assistir passivamente a um incêndio é uma das ações mais difíceis de se fazer. É isso que ninguém fala.

**DINÁ** – Acho que todo mundo aqui acaba de perder um pouquinho mais de respeito pelo Carlos.

**CARLOS** – Continua, então.

**DINÁ** – Eu não vou sair daqui enquanto essa menina não aparecer. Sim, é uma porra de uma greve ou protesto, ou sei lá. Essa militante aqui não vai descansar. Pode ir pra sua festa, pode fazer o que você **QUISER!**

**GUIA** – Ele finalmente completa o que ia dizer. Carlos escreveu uma carta para Diná. (meio que rindo) Frouxo.

**CARLOS** – (estica a carta) Eu escrevo melhor do que eu falo.

## CENA 6

(Luz em EILEEN.)

**EILEEN** – A última vez que recebi uma carta foi quando meu marido, Bill, estava na guerra do Afeganistão. A última vez que vi uma nuvem de fumaça que empestou uma cidade desse jeito foi quando um avião entrou em cheio numa torre. Inesquecível. Tem momentos que, por mais que a gente tente, não saem da nossa cabeça. E tem momentos que, por mais que a gente queira, a gente não consegue lembrar. *That's life, honey*. O critério do cérebro pra lidar com incêndios é engra-

çado. Mas tem sempre o ato falho. Ninguém escapa do ato falho! Diz até que ato falho é quebra na *matrix*, é presença de Deus, não sei. Eu sei que nessa carta, lá pelos idos de 2011, quando as tropas pareciam que iam sair do Afeganistão depois que o Bin Laden morreu, o Bill tinha falado que ia pedir o divórcio. É. Mas depois que bombardearam o acampamento da unidade dele, numa cena que até parecia um pouco com essa aqui, até que bastante, na verdade, ele teve que amputar uma das pernas. Aí ele entubou o que tava sentindo e desistiu do divórcio. Eu até pensei em pedir eu mesma, só de raiva, mas depois desisti. A gente desiste. Depois disso, a gente só transa uma vez no ano, no dia 04 de julho.

(SOPHIA entra de volta e ouve parte da história.)

**EILEEN** – Já voltou?

**SOPHIA** – Eu não sabia o caminho. (pausa) Mas que porra essa história tem a ver com qualquer coisa?

**EILEEN** – Isso é jeito de falar? Tô chegando na expiação- (corrija-se) Explicação!

**SOPHIA** – Não existe.

**EILEEN** – Sua geração agora acha que sabe tudo, né? Adora dizer tudo o que pensa. E não sabe ouvir. OUVI o que eu tô falando, pra ver se você leva isso pra frente depois que eu morrer!

**SOPHIA** – Você tá morrendo?

**EILEEN** – Isso não importa agora. Vai estragar minhas férias para espairer. Uma pena que o clima não ajudou.

**SOPHIA** – Risos.

**EILEEN** – Eu só queria pôr uma coisa pra fora, antes de- Aproveitar que tem uma espécie de padre aqui. Aceita esse papel?

**GUIA** – O que é que você esconde? Confessa, então.

**EILEEN** – Eu tive vontade... Eu tive vontade de matar o cachorro dele. Eu visualizei cada pedaço do cachorro queimado. Que nem a Glenn Close fez em *Atração Fatal*. Eu ia fazer uma sopa com os pedaços do cachorro. Eu ia servir um ensopado cheio de carne suculenta com ele. Eu fiz isso. Eu repassei todas as etapas do processo da preparação da sopa na minha cabeça. Como eu ia quebrar o pescoço dele, ou pegar a espingarda e atirar bem no corpinho dele. Ver ele agonizar. A agonia do cachorro ia ser a minha felicidade. E depois a sopa. Seria uma grande surpresa de boas-vindas pra ele. Assim que chegasse em casa, uma sopa quentinha feita por sua mulherzinha.

**GUIA** – Você fez isso?

**EILEEN** – Eu fiz, sim. Claro que sim. Mil vezes. Fiz mil vezes, até mais. Eu tomei a decisão, é isso que importa. Eu tomei a decisão, sim! É como se tivesse feito. É como se tivesse

matado aquele bicho que estava morto de saudade do dono. Uma vez que a decisão é tomada por dentro, é só questão de tempo. (pausa) Se assustou, menina?

**SOPHIA** – Não. Achei excessivo, talvez. Ferver um cachorro só porque o marido pediu divórcio.

**EILEEN** – Não quer aproveitar o padre aqui?

**SOPHIA** – Eu não sou católica.

**EILEEN** – Mas com certeza deve ter algo a dizer. (meio que para si mesma) Mesmo o menor dos figurantes tem algum subtexto.

**SOPHIA** – Não sei se quero falar. Eu não posso falar isso. Não, minha mãe não pode saber. Ela ia me matar.

**EILEEN** – Se ela ouvir, ela com certeza vai te ajudar. As mães têm as melhores intenções, sempre.

**SOPHIA** – Ah, por que agora você quer dar conselhos maternos, depois da sua história do cachorro?

**EILEEN** – Mãe lê pensamento, tem premonição e sonhos estranhos. É como um arquivo. Não tem como escapar. Mãe salva.

**SOPHIA** – Eu conheço muitas filhas que são obrigadas a salvar as mães.

**EILEEN** – Quê?

**SOPHIA** – Nada. Esquece. Vou contar logo a história. Eu tinha pegado o ônibus que passa sempre na minha rua igual a esse que está passando agora. Eu peguei e desci no ponto onde eu sempre desço. Mas dessa vez a rua estava mais escura. Tava mais escuro porque a luz tinha queimado.

Um homem passa na rua e eu me assusto.

– O que você está olhando aí embaixo?

– Nada, não é nada.

O cachorro da vizinha latiu. Acho que ele queria me proteger. Ele me conhece. Eu passo a mão sempre nele. A dona me fala “olá, Sophia, tenha um bom dia hoje”. E eu vou andando pela minha rua.

Mas naquela noite eu tive vontade. Eu tive, sim. Tive vontade não só de olhar, mas de agir. Então eu fiz. Pro horror de minha mãe e do cachorro que latia feito louco. Eu experimentei, só por diversão, como era ficar parada na frente da luz do carro que se aproximava. Para ver o que ia acontecer.

Eu não me considero suicida nem nada, mas a gente nunca sabe o que nossa cabeça está pensando, né?

A luz da rua estava piscando. Piscando fazia uns dias. Isso dava uma sensação de filme de terror, mas não era um filme de terror, era só um dia de semana à noite. Não era um filme de terror, era só mais um dia normal na vida de uma pessoa normal que decidiu fazer algo que talvez não seja normal. Ficar parada na frente de um carro em movimento. O cachorro latiu de novo. Às vezes, era só medo de ser sequestrado e colocado numa panela fervendo por uma esposa infeliz, né?

Ele ficou mais bravo e aí ele latiu mais ainda. Ele mordeu o brinquedinho de raiva porque ele detesta o escuro e detesta que pessoas sejam mortas injustamente.

Uma viatura de polícia passa e eu observo da calçada onde estava. Eu vejo a viatura e ela passa por mim. Passa reto por mim pensando em tudo isso. Eu fico intacta na calçada enquanto o carro assassino em potencial continua sua vida normal.

Um ônibus então freou como que um grito horrivelmente alto pela humanidade.

#### CENA 7

(No quarto de hotel do casal americano. O cenário pode ser o mesmo que o do início. Luz em BILL e CARLOS.)

**BILL** – Aqui. Fique à vontade.

**CARLOS** – Obrigado.

**BILL** – Pode pegar o que quiser.

**CARLOS** – Obrigado.

**BILL** – Não sei se te servem.

**CARLOS** – Eu dou um jeito. Bonita essa. (pegando uma camisa)

**BILL** – Combina com você.

**CARLOS** – Como você fala português tão bem?

**BILL** – Aprendi com um amigo.

**CARLOS** – Sei.

**BILL** – Eu acho que vou com essa.

**CARLOS** – É uma bonita camisa, também.

**BILL** – Você deveria trocar essa bermuda.

**CARLOS** – Não sei se me serve.

**BILL** – Vamos ver. (ele ajoelha como quem vai costurar)

**CARLOS** – Alfaiate também?

**BILL** – No exército você acaba fazendo tudo.

**CARLOS** – Fui dispensado.

**BILL** – Sorte a sua.

**CARLOS** – Você não gostou? (silêncio e tensão)

**BILL** – Vamos, prova essa aqui.

**CARLOS** – Vai ser boa essa festa.

**BILL** – A única diversão que vou ter nessa viagem.

**CARLOS** – Não fizeram nada?

**BILL** – Depois de um tempo, diversão é uma palavra relativa. Se divertir é não estar sofrendo horrivelmente. Só isso já é bem divertido. (CARLOS ri achando que era uma piada. Os dois se encaram.) Sua mulher ficou na praça?

**CARLOS** – Não somos casados.

**BILL** – Não vai atrás dela?

**CARLOS** – Ela que faça a sua própria vontade.

**BILL** – Entendi.

**CARLOS** – Por que você sugeriu que viéssemos pra cá?

**BILL** – Para nos trocarmos.

**CARLOS** – Sim, claro.

**BILL** – Enquanto minha mulher espera.

**CARLOS** – Ah, sim, no café.

**BILL** – Bem aqui embaixo.

**CARLOS** – Feliz?

**BILL** – O quê?

**CARLOS** – Você é feliz?

**BILL** – Falta de educação perguntar isso a alguém que acabou de conhecer.

**CARLOS** – Entendo. Só curiosidade.

**BILL** – Você parece alguém curioso.

**CARLOS** – Ansioso por essa festa. Espairar um pouco a cabeça. Criar coragem. Gostei dessa camisa aqui. Posso ir com ela mesmo?

**BILL** – Já disse que sim.

**CARLOS** – E você, vai com qual?

**BILL** – Qualquer uma.

**CARLOS** – Essa aqui combina. O que vocês vieram fazer aqui no Brasil mesmo?

**BILL** – Uma operação secreta.

**CARLOS** – Sêrio?

**BILL** – Sim, e eu estou te falando isso abertamente.

**CARLOS** – Tudo bem, não precisa dizer.

**BILL** – Era... é o desejo de Eileen conhecer o Brasil, então viemos. Era o que eu podia fazer por ela.

**CARLOS** – Puxa, que bonito.

**BILL** – Já que nunca foi do exército, uma tarefa especial para você.

**CARLOS** – Agora?

**BILL** – (faz que sim) Polir meus sapatos.

**CARLOS** – (rindo novamente) Sério?

(BILL faz que sim.)

**CARLOS** – Eu... não tenho produto.

**BILL** – Usa a saliva. (Pausa. CARLOS cospe nos sapatos de BILL e começa a poli-los) Isso. Assim. Ótimo. Agora, abra sua boca.

(BILL puxa a cabeça de CARLOS para trás como quem vai cuspir nela. A luz cai como caem lágrimas dos olhos de CARLOS, que brilham em fogo.)

(Ouve-se da TV em off:

*“Esta é a Transamazônica. A obra da conquista definitiva de uma das regiões mais ricas do mundo. Sem descanso, homens e máquinas lutam contra a selva, contra o clima, para dar ao Brasil a sua*

*maior obra rodoviária. Mas o esforço e a vitória serão amplamente recompensados.*”<sup>14</sup>

*O Agro é techno. Começa a música.)*

## Parte 2 – Apocatástase

### CENA 8

[Apocatástase: no campo da astrologia antiga, o termo se refere à revolução periódica dos astros à sua posição original. Em teologia, é uma teoria de Orígenes (posteriormente banida pelo Segundo Concílio de Constantinopla) que indica uma restauração pós-juízo final de todos os espíritos, inclusive os que foram para o inferno. Na medicina, significa a recuperação da saúde, após enfermidade.]

(A festa para observar o fenômeno meteorológico bizarro bebendo champanhe. Nesta cena, todos os intérpretes dividem falas numa espécie de coro, inclusive com mais de um ator por fala, se for o caso, a ser distribuído livremente de acordo com a encenação. Exceção feita às falas de personagens explicitamente marcadas.

Música, fumaça e luz. Intérpretes dançam em um lugar apertado pelo palco; a atriz que faz DINÁ caminha e pode dividir as falas do coro também.

Música sugerida, mas não obrigatória: Apashe x JayKode – “Annihilation”).

---

14. Áudio do comercial de 1972 da montadora Volkswagen sobre o Fusca, ambientado na Transamazônica.

– e a menina?

– que menina?

– a desaparecida.

– ah! deixa ela pra lá, já foi! aproveita essa festa!

– não consigo.

– tenta.

– não dá! uma menina desapareceu.

– podia ser minha irmã, podia ser minha filha, podia ser minha mãe.

– uma geração inteira! isso não te arrepia?

– o quê?

– ARREPIA, ISSO NÃO TE ARREPIA?

– não te escuto!

– UMA GERAÇÃO INTEIRA ANIQUILADA! ISSO NÃO TE CAUSA NENHUMA SENSAÇÃO?

– A MÚSICA! APROVEITA! DANÇA COMIGO!

– ME SOLTA.

– DANÇA, BEBE UM POUCO, TOMA ISSO DAQUI.

– ME SOLTA CARALHO! UMA MULHER DESAPARECEU! ELA NÃO PODE SER ESQUECIDA.

– DANÇA, SUA FILHA DA PUTA!

– ESQUECERAM MAIS UMA.

– DANÇA, DANÇA, CARALHO! EU TÔ FALANDO PRA VOCÊ DANÇAR. DANÇA COMIGO OU SOZINHA, TANTO FAZ. DANÇA. PARA DE FALAR, PORRA. NÃO DÁ PRA TE OUVIR. DANÇA ATÉ AMANHÃ. AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA.

– amanhã é sempre o mesmo dia.

**DINÁ** – não aguento isso aqui. eu quero ir. EU QUERO SAIR. TÔ PEDINDO PRA SAIR. alguém me acorda. eu quero sair. alguém me tira daqui, por favor. mãe? é você?

– DO QUE VOCÊ TÁ FALANDO?

**DINÁ** – cadê minha mãe?

– que mãe?

**DINÁ** – não era ela? mas eu achei que estivesse no jardim de casa.

– não tem nenhuma mãe aqui. os filhos foram abandonados.

–meu deus!

– o que isso significa?

– **EU NÃO SEI DIZER. CONTINUA DANÇANDO.**

(Ela esfrega a mão no cabelo de forma compulsiva, numa espécie de dança. Agora ela se move com tristeza e euforia frenética. Ela dança até a luz cair e a música diminuir.

Espécie de calmaria. A batida da música eletrônica continua como um coração.)

– aproveitaram a fumaça, que inteligente.

– empreendedor.

– adoro essa música.

– onde conseguiu essa cerveja?

– sente o peso das pessoas transando, gozando, respirando.

– as pessoas se amam em festas.

- até no fim do mundo.
- esse é o fim do mundo?
- acho que seria o depois, o pós-apocalipse, sabe? achei que fosse uma escuridão, uma coisa mais sombria, mais *dark*, entende?
- mas não, depois da morte podemos fazer o que a gente bem entender.
- que idealista.
- esperançoso.
- típico, tem aqueles que esperam o mal chegar e nunca fazem nada.
- não tem nada de típico aqui.
- o que nós estamos fazendo aqui mesmo?
- por que você usou a primeira do plural como se isso aqui fosse um grupo?
- não pode ser um grupo?
- prefiro achar que não, está cada um por si, porque a vida é assim mesmo.

– mórbido esse lugar.

– quero dançar até o mundo acabar que nem a britney spears.

– isso.

(Mais dança e música.)

– um anjo aparece ali no meio da fumaça, ele veio acabar com tudo ou salvar a humanidade.

– humanidade também é a primeira pessoa do plural, ou será que seria a terceira? quem diz a palavra humanidade nunca está totalmente incluído nela, tem um pé pra fora da coisa e analisa. ninguém realmente dentro de uma situação usaria essa palavra.

– isso aqui é uma peça de teatro. na peça de teatro tem uma festa. ninguém enxerga muito bem, mas isso é normal em festas, pra deixar as coisas acontecerem no ritmo delas, sem pensar muito, sem julgar muito, apenas agir. gente trepando, copos quebrando. em festas, as pessoas apenas agem.

– isso é um alarme ou é a música?

– é um freio de ônibus em som de trombeta.

– uma grande tragédia iminente precisa de um sinal.

- que lugar é esse mesmo?
- por ali vale do anhangabaú.
- por ali o pátio do colégio.
- é a amazônia.
- é a pista.
- é um palco no (dizer o nome do teatro).
- para de estragar a diversão das pessoas.
- cadê ela?
- achei que ela tivesse sido encontrada na parte anterior.
- ela anda pelo espaço agora, observa a todos julgando. ela gostaria de observar melhor.
- tem uma cerveja sem beber na mão esquerda.
- foi atrás de carlos.

**DINÁ** – diná está procurando carlos. grita carlos, carlos, carlos. olha seu celular, sem sinal. está tudo escondido aqui. tem coisas que precisam de outras formas para serem reveladas. ela sabia que isso ia acontecer. ela age como se soubesse que isso ia acontecer e se pergunta por que mesmo ela con-

cordou em vir nessa porcaria de *walking tour*, por que ela sempre concorda, porque era só comprar um *muffin* e cantar parabéns ou nem isso, não precisava disso, não precisava de nada, só uma gozada gostosa; carlos está estranho, diná sabe quando ele mente, quando ele diz uma coisa e quer dizer outra, ele fechou a porta outro dia, por que ele fechou a porta? por que ela concordou em beijar carlos na abertura das olimpíadas do rio de janeiro em 2016? quando o brasil estava esperançoso com o futuro ou o presente, no mesmo ano em que passou a lei antiterrorismo, que veio diretamente da ideia de terrorismo depois que os aviões bateram nas torres, e que de alguma maneira moldaram o modo como o mundo se tornou e é até hoje. o porquê de terem revistado bill e eileen no aeroporto na ida e na volta daqui a uns dias, porque é proibido fumar em aviões ou quartos de hotéis, porque qualquer lixa de metal é uma arma em potencial no meio da praça pública ou de uma festa como essa, porque sophia não tem fé nenhuma no sistema, porque esse fogo que devasta a floresta é o mesmo fogo que explode os mísseis da guerra do afeganistão onde bill perdeu um pedaço da perna, onde tantos perderam tantas pernas, o mesmo fogo que queima bibliotecas vivas, porque o amor entre ela e carlos simplesmente esfriou, assim como todas as coisas que se esvaem de onde estiveram um dia, porque tudo é movimento, mas principalmente porque sua mãe não estava lá para acordá-la todo dia de manhã e isso fez com que ela nunca mais quisesse acordar de um sono pesado. tudo passa pela cabeça dela como o *flash* que está piscando agora. eu achava que precisava tentar fazer isso entre nós funcionar.

- existe alguma relação inconveniente?
- conforto não é amor.
- avaliamos nossas decisões nos momentos mais inusitados mesmo.
- ruim com ele, pior sem ele?
- diná ama carlos, nesse dia e nos outros.
- ela acha que ama.
- ela se convenceu que ama.
- desapareceu a menina!
- coragem diná coragem.
- amar é esquecer. quem esquece, ama demais.
- os dias específicos são escolhidos a dedo para algo acontecer. algo precisa acontecer todos os dias. o que são os dias se não uma sequência de ações? ações acontecem.
- você tá sendo muito teórico.
- é uma peça mais teórica. mas para, não é sobre isso que estamos falando.

– estamos falando sobre aquilo que acontece, aquilo que não temos controle e aquilo que temos. aquilo que escondemos pra evitar que algo aconteça.

– algo que escondemos.

– algo que desencadeie uma sequência de ações também escondidas e desconhecidas.

– tudo que é escondido.

– por vergonha, por crime, por violência, por não ser possível de ser revelado, por ser politicamente interessante esconder, por ser socialmente relevante esconder, por ser jornalisticamente interessante esconder, por ser artisticamente interessante esconder, por ser narrativamente interessante esconder, por ser emocionalmente necessário esconder, por ser convenientemente necessário esconder, por ser sadicamente necessário esconder, por ser psicologicamente necessário esconder, por ser inconscientemente necessário esconder, por ser economicamente necessário esconder, por ser religiosamente necessário esconder, por ser judicialmente necessário esconder, por ser eticamente necessário esconder, por ser moralmente necessário esconder.

– porque quem esconde tem sempre o cu na mão que vai tudo pra puta que pariu se a coisa se revelar.

– porque isso significaria necessariamente estar sozinho no mundo.

- e isto quer dizer: no abismo.
- SUBLIME ABISMO.
- amedrontadora maravilha.
- é por isso que ignoramos incêndios todos os dias.
- ignorar é esquecer.
- mas esquecer também é necessário para se construir memória.
- que memória diná construiu?
- vozes abafadas.
- casas destruídas.
- amantes cortinados.
- doenças escusas.
- crimes sombrios.
- mortes silenciosas.
- gritos sem traços.
- livros sem autor.

– espíritos sem corpos.

– aquilo que falta, aquilo de que prescinde a raça humana miserável.

– ama ao próximo como a ti mesmo?

– ninguém ama a si mesmo de verdade, logo...

– os motivos variam muito, mas na verdade, no fim das contas, não há ninguém que não tenha algo a esconder.

– algo ou até alguém com que você conviva APESAR DE.

– sendo que “apesar de” significa negar uma existência humana bem na sua frente, gritando desesperadamente por-

– é brega.

– eu sei, mas é o que é.

– desesperadamente.

– por amor.

(Pausa. Música diminui.)

– ter coragem dói.

– quem foi que disse que A COVARDIA É A MÃE DA CRUELDADE?

## CENA 9

(Cai a luz, sobra apenas um fio. Talvez breu total. Isqueiro ou luz novamente apenas em um ponto da cena. É DINÁ que queima a carta de CARLOS.

Vozes no escuro. A dança para com a luz caindo.

Sirene de polícia ao longe.)

– acho que prenderam mais alguém.

– sabe quantos já foram?

– não tenho nem ideia.

– a festa continua passando pela avenida onde procuravam por uma menina.

– ter coragem dói.

– eu não sei por que acham que alguém está afetando o clima.

– precisam de culpados sempre.

– o fogo começou por uma razão.

- você acha que isso é coisa de deus?
- isso o quê?
- isso tudo
- bom, *alguém* deve de fato estar causando isso
- inclusive essa sequência de ações
- acho que deus não tem nada a ver com isso, ou, se tem, é o juízo final.
- é isso o necessário pra que haja civilização?
- é isso o sinal de que existe humanidade afinal?
- não poder agir e saber disso?
- você pode sofrer horrivelmente.
- quero me divertir.
- eu não consigo.
- a festa acabou.
- não sofre?
- e ela?

– acho que ela morreu.

– morreu?

**DINÁ** – nada.

– como nada?

**DINÁ** – odeio ser um corpo,  
queria ser  
uma energia cósmica radiante,  
não sentir nada  
por incêndios  
impossíveis de ignorar

– então é isso.

– vamos transplantar seu coração.

**DINÁ** – pode fazer. eu acho que vai ser bom. coloca outra coisa no lugar.

(Todos os atores fazem uma roda ao redor dela, como se fossem transplantar o coração e colocar o coco que estava no chão em seu lugar.)

– o coco.

– é muito largo.

– a caixa torácica é muito larga.

– não encaixa.

**DINÁ** – que droga. nada dá certo! NADA DÁ CERTO!

– ela está morrendo no processo.

– meu deus!

– olha! ela está indo! olha.

(DINÁ se levanta e observa a cena de fora, em terceira pessoa.)

– o que fazemos agora?

– pega o facão.

– cuidado com o coco (a fruta sai rolando).

– ela não vai resistir.

– infelizmente.

– o anjo! (percebem o anjo da fonte da praça)

– talvez ele possa ajudar!

– que anjo? onde?

– ali! é isso! o anjo!

– como assim?

– anjo nessas horas geralmente não é bom sinal.

– hahaha!

– a história não vai acabar.

**DINÁ** – (soca ou cospe no anjo de estátua que estava lá desde o início) por causa do anjo da fonte da praça?

– sim?!

– coragem, diná, coragem!

– é um claro sinal. olha aí, é isso!

– um golpe na realidade!

– isso aqui é real?

**DINÁ** – assim qualquer coisa pode ser um sinal, não é assim que as coisas funcionam. tem que ser um sinal, sinal, mesmo. bem óbvio.

**GUIA** – ah, por favor! você quer escolher a qualidade do sinal divino que recebe agora?!

**DINÁ** – de que valem os sinais diante, ó, da realidade que entra pelos olhos?

**GUIA** – eu... não sei...

**DINÁ** – isso não é o fim, então?

**GUIA** – o anjo da história te salvou.

**DINÁ** – (ela entra novamente em uma espécie de transe e falta-lhe o ar) que anjo, caralho! que anjo! **QUE ANJO!**  
fumaça na rua **QUE ANJO**  
pessoas mortas **QUE ANJO**  
floresta em chamas **QUE ANJO**  
eu pre (toma um grande fôlego de ar) ci (outro grande fôlego de ar) so  
de **ARRR**

(Respira pesadamente e com muito esforço. É uma crise de ansiedade. As falas a seguir são calmas. Sugestão: podem ser em *off* ou faladas pela atriz por um microfone.)

**TUDO ACABOU?** (outra puxada de ar)  
res pi ra  
respira  
solta, solta  
solta o ar  
silêncio  
silêncio  
silêncio

é seguro o ar.  
solta  
ar  
ar  
ar  
não tem mais ar  
solta  
me solta  
silêncio  
silêncio  
só eu  
nada a fazer  
coragem, diná

(DINÁ como se estivesse enterrada viva. Noite às 15 h.)

**DINÁ** – me escondo num arbusto  
volto ao ventre de minha mãe  
antes de sair da barriga dela  
lá permaneço  
sinto gosto de leite  
em minha boca  
em pleno parque a céu aberto  
que parece o jardim da casa dos meus pais  
me encolho em posição fetal  
longe da ideia da menina  
ou perto dela?  
ou justamente perto  
da menina desaparecida

quem é ela?  
como se chama, de onde vem, o que ela quer?  
ou justamente perto  
da menina

ouço uma batida,  
é meu próprio peito que bate  
percebo que a menina-  
se eu pudesse ao menos enxergar...

- qual era mesmo a descrição da menina?
- então tinha uma descrição?
- e você só vem falar isso agora?
- ninguém prestou atenção no retrato narrado?
- acontece.
- as pessoas esquecem as coisas, eventualmente.
- isso me lembra uma notícia real.

**GUIA** – “Depois de horas, os presentes notaram que a menina desaparecida estava de fato dentro do grupo de busca... e buscava a ela mesma.” Essa notícia? (todos observam DINÁ)

Agora podemos continuar o *walking tour*.

(O grupo continua observando DINÁ, que está agora enfiada dentro do arbusto em posição fetal, em posição de quem morre em agonia. Mas se vê que ela não está morta.)

- sai daí!
- vai, acorda!
- deixa de ser medrosa!

- isso aqui não é esconde-esconde!
- já te achamos, pode sair!

**GUIA** (em tom comercial cochichado e sensual) – Vergonha de si mesma,

Não queria ter causado essa situação.  
Quem era ela antes e quem é ela agora,  
Essa que foi achada?

Ela estava ali o tempo todo, buscando, ela estava ali buscando como ela sempre esteve, e num piscar de olhos não estava mais lá, buscava outra, buscava outra imagem que era ela mesma afinal. Em algum nível, ela previu isso o tempo todo? Pelo menos um de nós aqui, eu sei que previu. (refere-se a si mesmo) As coisas mais significativas não têm que ter motivo às vezes, elas só acontecem.

Mas é isso: ela buscava uma imagem desfocada, com os olhos quase fechados, mas com uma frestinha aberta, esse tempo todo aqui no parque ao redor do Anhangabaú com essa fumaça toda. O corpo ali apocatástico, enterrado de volta ao útero. As ideias que não saem da cabeça. Os presentes sem entender.

Carlos se pergunta se ela sabe que ele queria deixá-la bem hoje, bem nesse dia em que tudo isso aconteceu. Ele se pergunta se foi isso que causou essa reação tão estranha.

Sophia entende o que se passa, sabe que todos os adultos são em algum nível surtados e estão tentando entender a vida, tanto quanto ela ou alguém mais jovem que ela que estaria num útero.

Bill, então, já viu homens com o dobro do tamanho de Diná ficarem doidos de pedra. Não que essa divisão binária faça alguma diferença na hora de enlouquecer. O Vendedor de Água de Coco nem se fala. Lembra dele ainda?

Eileen é que se deliciava com a situação. Ela gosta de ver agonia alheia. Faz ela se sentir mais viva, sabe? E, também, ela entende que tudo uma hora atravessa e cai no abismo.

Nada escapa ao abismo que é a vida real-

**DINÁ** – Você pode parar de falar, por favor?

**GUIA** – Estou aqui pra te ajudar a organizar tudo isso.

**DINÁ** – Eu gosto do silêncio.

(Então, fez-se o Silêncio.

Depois de um tempo, DINÁ sai do arbusto. Falando ao GUIA:)

**DINÁ** – Pode ir agora. (GUIA sai de cena atravessando a plateia.)

#### CENA 10

(De volta ao hotel Holiday Inn. Manhã. DINÁ acordou. TV ligada em volume baixo. A frase TER CORAGEM DÓ! pode ser lida onde apareceu da primeira vez. Cena sem drama.)

**DINÁ** – Para de atuar. Fala a verdade! Todo mundo quer a verdade nessas horas.

**CARLOS** – Eu juro por Deus. Me perdi de vocês. Estava rodando pela praça te procurando. Eu procurei por você. E depois alguém roubou minha carteira e bateu na minha cabeça. Eu acordei agora há pouco e cheguei aqui.

*– diná pega um revólver e atira 5 vezes bem no meio do peito de carlos.*

*– mas isso aconteceu na cabeça dela. na verdade, enquanto batem na porta do quarto do hotel, ela diz:*

**DINÁ** – Vai ficar tudo bem. As coisas acontecem do jeito que têm de acontecer. Eu pedi um café. (pausa) Tive um sonho tão desconfortável agora. Tem coisas que não saem da minha cabeça.

(Eles verão na reportagem do Bom Dia Brasil que a tempestade de fumaça foi um caso meteorológico infamiliar que pode não se repetir e cujas causas nada têm a ver com o fogo na floresta. Esta, por sua vez, continua em chamas.)

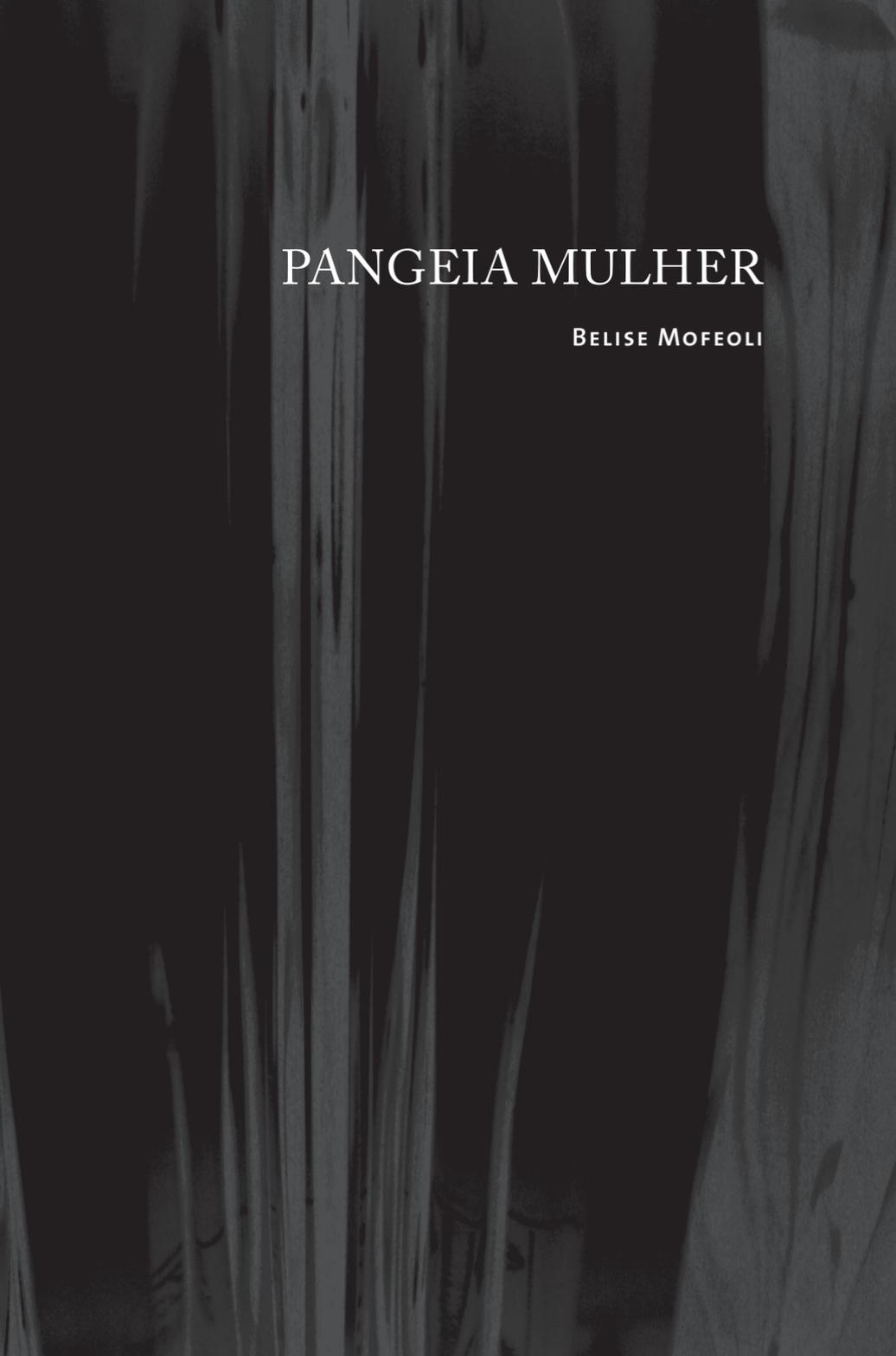
**CARLOS** – Você leu a carta?

**DINÁ** – Não. Ela... acabou se queimando.

**CARLOS** – Precisamos conversar. (Pausa, e DINÁ olha nos olhos dele.)

**DINÁ** – Precisamos mesmo.

(Nesta data aqui, e neste lugar, acaba um relacionamento que começou com amor, mas que, como os hotéis, uma hora são desocupados por ele. O amor é uma ocupação. A luz cai em tudo, menos no coco, e termina nele. O fim é sempre *pop*.)



# PANGEIA MULHER

BELISE MOFEOLI



## Sinopse:

**PANGEIA** é Útero do Universo. Criou a beleza em todas as coisas e, no último dia, dividiu-a com o ser humano. E o ser humano criou a desumanidade. Agora, **PANGEIA** quer matar seus filhos (famintos), para que não se matem. Ela morreria e o caos também. Não pode! **PANGEIA** fez a mulher à sua imagem e semelhança. O Pantalassa é deságue de lágrimas.

## Personagens:

Todas são vozes femininas negras:

**PANGEIA:** Mulher-Gorda-Preta. Útero do Universo!

Eco

peessoa (uma ou mais atrizes; não é um coro)

Instrução única: Espaços são pausas.

*Deus é preta, é gorda, é Útero do Universo.*

!

*E o resto é caos...*

## PANGEIA MULHER

(Uma caverna. Duas estátuas humanas nas paredes. Uma parece orar e a outra suplicar. Talvez lhes restem almas. PANGEIA, segura uma vassoura com uma mão e tem a outra apoiada na anca. Ela encosta a vassoura num apoio central, bem ao fundo da cena. Caminha até a frente do palco e retira um tecido que cobre um pedaço de argila de cor marrom. Vai molhá-la, para. Ajoelha no proscênio, de olhos fechados e semblante cansado. PANGEIA lava as mãos numa outra água, mais encorpada, de tonalidade vermelha. Levanta as duas mãos – como médica higienizada antes da cirurgia – e encara a plateia.)

**PANGEIA** – E, no fim, é sempre o caos! E, no caos, sobra sempre a semente.

(PANGEIA está exausta. Ela passa a mão no rosto, manchando-o de vermelho.)

**PANGEIA** – Estou cansada. Limpar a casa é serviço que nunca acaba.

(PANGEIA respira fundo. Levanta. Vai até o forno, que se ilumina. Ela tira dois biscoitos em formato de gente.)

**Eco** – Você prometeu que ia cuidar da Gente

(PANGEIA parte um dos biscoitos na altura das cinturas.)

**PANGEIA** – Prometi?

**Eco** – Prometeu

(PANGEIA olha para a plateia e come as beiradas partidas do biscoito. Bebe um pouco de leite.)

**PANGEIA** – Hoje eu decidi matar meus filhos.

*Chove.*

**Eco** – eu preciso Te lembrar

**PANGEIA** – Não é uma negociação!

**Eco** – começou bem: pó de Estrelas, Lama  
e Urucum

(PANGEIA fecha os olhos. Embala um bebê imaginário no ar e o cheira.)

**PANGEIA** – Cheiro de bebê é tão bom! Terra molhada e calmaria. Cuidar de filho é trabalho que não acaba nunca. Só cresce! Saudade de quando pintavam as paredes com dedos!

**Eco** – os Africanos estavam vivendo suas  
próprias Vidas. Origem, biblioteca de alexandria,  
calendário, astronomia, línguas, navegações,  
Agricultura, matemática, medicina, reis, leis,  
tecnologia, casamento, divórcio, Natureza, moda,

universidade, Artes, religião, Tesouros, deuses, felicidade, política, ciência aí dormiram e quando acordaram estavam no pesadelo aí foram tratados tanto tempo como bicho que... ai, falta de brio devia corroer carne mas só age no ego e dor faz Eco Vácuo ecoou vácuogou lá, no coração do ego Acho que se o ego tivesse Cérebro ia doer comer o Cérebro primeiro porque lá ia morar o ego do ego. E seria uma festiva egofagia que, talvez, reorientasse o Mundo sem os que não têm brio. Talvez eu esteja sendo exagerada brio é algo que a gente aprende a ter ou não

Caridade também

**PANGEIA** – É empatia o nome disso.

**pessoa** – mãe mamãe minha mãe  
mãezinha já vou não tenho o eco  
que vem do estômago a gente  
pode brincar que é música sabe  
daquelas de ninar a gente dorme  
que não sente fome e não sente  
que é injustiça o que a gente  
sente do povo nosso que cons-  
truiu tudo e aí corroeram tudo  
e a gente não tem lugar de novo  
de lá pra cá de novo que não tem  
flecha nem pedra nem ouro que  
chegue pra acalmar

**PANGEIA** – Alexandria. Atlântida. Dwarka. Gomorra. Heracleion. Shicheng. Sodoma. E agora, a Terra inteira. Caprichei tanto! Lilith à minha imagem e semelhança.

**Eco** – à sua imagem e semelhança

**Eco** – maldito Livre-arbítrio

**pessoa** – foi matei meus dois meninos só não achei certo morrerem com fome não é eu lembro dei sopa de legumes tavam desnutridos os pobres difícil achar trabalho com criança pequena não dá pra escolher só um daí vinham em casa as autoridades e mandavam eu ir no posto medicar passar na consulta numa vez que eu fui teve médico ele me passou carraspana e disse que precisavam de dieta achei que ele achou que verme era pandulho cheio mas nem era criança com verme come por dois tipo mulher grávida os vermes dos meus filhos fizeram mal negócio e os moleques sentiam fome por dois eu não queria mais filho já tinha perdido três é que tem

feto que se poupa de nascer que é pra não morrer de fome depois os três foram espertos os gêmeos não foram espertos

**PANGEIA** – Eles só nasceram diferentes para se completarem, sabe?

**pessoa** – quase nunca tinha médico no hospital não faziam ainda a cirurgia pra não ter mais menino como “o primeiro” não veio três vezes as coisas do enxoval miúdo virou dinheiro de precisão os gêmeos nasceram assim sem plano de nascer sem preparo e sem intenção ou vontade vida inteira de torcer pra ver uma roupa voando do varal dos outros e outra vida pra jurar que era minha consciência limpa que roubado não era oferenda de deus pipa de tecido bênça os menino também tudo bênça ou prova ou troça do demo sei lá veio logo dois tavam aprendendo a desenhar as letras desperdício que eu tive que fazer hein oferenda plantei dois anjos já devem estar lá voando

**PANGEIA** – Não sei quem foi que inventou que eu gosto de sangue, seja de oferenda, de sacrifício ou sacrilégio. Não faz sentido matarem em meu nome! Eles crescem e tomam decisões por conta própria! E a culpa acaba sendo sempre “da mãe”. Ah, vá!

(PANGEIA “derrama” o sangue de uma vasilha para a outra.)

**peessoa** – doutorzinho passou receita da dieta que não era de comer menos escreveu que os gêmeos precisavam de vitaminas e comida saudável deu uma lista só de legumes contei foi pra mais de dez foi por isso que dia antes de me despedir deles eu fiz sopa de legumes

**PANGEIA** – Que comessem do meu corpo, pois estava tudo na Terra.

**Eco** – estava tuuuudo na Terra, pôxa

**peessoa** – guardei dinheiro o mês todinho era a última refeição da gente guardar miséria pra quê a ideia era comer nós três a sopa batizada era tão lindo ver os meninos comer comida boa comida-remédio feita di-

reitinho né tipo mãe que se importa dei comida ba-ti-za-da os meninos não eram batizados eu só dei porque me falaram que a comida ficava “batizada” aí não achei tão ruim dar veneno batizado porque se morressem viravam anjo eu dei veneno pra virar anjo fiquei tanto tempo babando os dois de bucho enchendo que quando vi sopa tinha acabado aí bateu o desespero o meu prato tava vazio ainda os meninos se sentiram mal por não terem dividido choraram né eu tentei ainda raspar panela dedo no resto dedo na boca deu tiquinho só só doeu um pouco a barriga quase nada a vida tentou me matar várias veze eu já tava envenenada demais quando tentei o restinho do veneno deu em nada os moleques chorando de bucho cheio e culpa comeram por eles pelas lombri-gas e por mim aí eu restei triste porque eles morreram chorando não sorrindo diferente da minha fantasia

**PANGEIA** – Diferente dos meus planos.

**Eco** – projeção acontece

**pessoa** – só não sei quando acabou o choro de culpa e começou o de morte eu não percebi que eles morriam até que morreram dei de sacudir aqueles corpinhos leves demais alma de anjo deus resgata de prontidão matei matei pra não ver cria morrer de fome eles morreram com saúde de bucho cheio de comida boa agora antes de me levarem com as mãos assim presas eu também quero fazer duas perguntas onde estavam todos que me condenam agora por dar cabo da vida dos meus filhos quando eles podiam ser salvos onde estavam quando tudo o que eles precisavam era comer nem precisavam ser meus juro que eu dava se visse amor e futuro pra eles agora também não são mais meus

**PANGEIA** – Nunca vou entender dinheiro! Pedi que comessem do meu corpo.

**Eco** – estava tudo na Terra

**pessoa** – agora eles tudo na terra

**PANGEIA** – Eu estudo a Terra. Meada sem fio! Romantizaram as lembranças, sabe? Memória fugidia essa, a humana. Não era terra, era barro. Não era pó, era poeira cósmica! Ser humano não entende metáforas.

**Eco** – Metas foras

**PANGEIA** – À minha imagem e semelhança.

**Eco** – à Sua imagem e semelhança

**pessoa** – o meu menino mais velho mais velho só uns três minutos nasceu com os olhos azuis eu não tenho minha mãe não tinha ele tinha os olhos do avô o mais novo nasceu com os olhos escuros como os meus só que nasceu por três minutos no outro dia é engraçado porque o dia é claro e a noite é escura e eu achava que o mais novo tinha que ter os olhos do dia que ia nascer e o mais velho da noite que fechou a sopa que eu dei foi de aniversário não dava pra ter duas festas

eu acordei eles bem de noitinha  
a ceia no aniversário de um pro  
outro foi a primeira grande e a  
última sorte que não morreram  
de congestão já pensou o des-  
perdício às vezes eu penso que o  
menino mais novo nasceu com  
os olhos com cor da terra onde  
ia descansar e o mais velho com  
as cores do céu pra onde ia partir  
um completando o outro um  
homenageando o outro eles se  
completavam vazia sou eu agora  
sempre faltando pedaço acordei  
com o sabor da morte na boca

(PANGEIA faz gargarejo com água e cospe no chão.)

**Eco** – à Sua imagem e semelhança

**PANGEIA** – De longe, eu via a Terra toda azul e verde. Agora  
está marrom e marrom. E cinzas. Eu gosto de marrom. Com-  
bina com tudo. Fiz a pele marrom pra andar pra lá e pra cá,  
assim, pele servindo de morada que protege.

**Eco** – à Sua imagem e semelhança

**PANGEIA** – Pele feita de barro e sopro de amor.

**Eco** – e de Urucum e pó de Estrelas

**PANGEIA** – Pó de estrelas, deixei que foi pra adornar todos e auxiliá-los a lembrarem de onde vieram. Acho que concentrou tudo no livre-arbítrio, virou cobiça. Acho ridículo procurarem minérios fora!

**Eco** – ridículo

**PANGEIA** – Terra foi feita pra replantar e reviver.

Uma espécie a menos;

Vinte espécies a menos;

Trezentas espécies a menos;

Mil quatrocentas e noventa e sete espécies a menos...

Eu quero parar de contar!

**PANGEIA** – Se tem uma coisa que eu quero evitar é queimada.

**Eco** – os Bichos e as Plantas sofrem

**PANGEIA** – Todos, filhos meus. E a culpa, fogo no rabo.

(PANGEIA vai até o forno e tira uma tela de pintura e uma paleta. Fica olhando para a tela.)

**PANGEIA** – Marrom com verde é tão mais vivo que marrom em cinzas! É preciso restar as sementes.

**pessoa** – nem notei que eu estava apagando quando vi já estava desbotada aí comecei a falhar de vez em quando tinha uns lapsos

de existência que depois foram diminuindo com o tempo parei com a mania boba de querer de achar que era gente depois eu sequei e comecei a diminuir eu simplesmente não estava mais lá mesmo estando ou parecendo estar depois não parecia mais porque ninguém me notava era bom porque apagada ninguém nota bunda-peito-risada não pode rir risada é coisa de puta e se achassem que eu estava dando mole eu era bonita deixei de ser ele era o único que poderia relevar meu “corpo decadente” perna na celulite não o contrário se nem filho a gente tinha de onde a pança peito sem leite e com estrias nem segurei o bebê ele estava bêbado chutou a barriga eu devia ter ficado muda-limpa-comportada reclamar não pode bebê fracote era menina ele tem certeza menino é mais firme e não chora menino não chora ele diz que ela chorou no ventre não lembro eu não era menino mas também não podia chorar meio sombra de menino

meio rascunho meio bicho bicho não tem gente que gosta de bicho ele gostava de bicho não podia ser ruim quem gostava de bicho ou de mim não era por mal era saudade ninguém ri de saudade mas chora riso é coisa de puta fazer chorar era prova de amor ele se importava tinha saudade eu tinha saudade tinha que ter pindorama foi invadida e aí misturaram os africanos e separaram os indígenas misturaram e separaram África é continente não é país tem país com tamanho de continente pindorama já era terra e já tinha gente misturaram africano com africano que não sabia o dialeto do outro e indígenas que também não sabiam os dialetos uns dos outros que era pra atrapalhar na comunicação estratégia inteligente essa de comer a alma da gente e sugar esperança sem chupar os ossinhos eu aparentava estar bem era só avisar quando a base estivesse acabando eu prefiro a seca a base úmida me deixa com sensação de grudenta mu-

lher grudenta não pode grudenta  
ri muito grudenta é puta espo-  
sa não pode ser puta nem úmida  
os passos são quase os mesmos  
ilha-lugar ou ilha-gente: pri-  
meiro afastam você da sua terra  
você fica perdida aí é das pessoas  
que você ama você fica sozinha  
não tem como nem com quem  
falar síndrome de estocolmo às  
vezes depois você esquece de fa-  
lar de querer anestesia de sentir  
dá um baaanzo um calundúuuuu  
quando a gente vê já tá morta ou  
apagada e não sabe mais sentir  
ruim ou estranhar é só marola eu  
era tsunami mas quebrei inteira e  
espumei na praia nem percebi até  
que ele era a minha única pessoa

**PANGEIA** – É única cada pessoa, pessoa.

**pessoa** – ele a janela pro que fala-  
vam do lado de lá eu não recla-  
mava falar o quê tão sem graça  
eu comecei a buscar palavras eu  
tinha esquecido onde achá-las as  
que eu queria não estavam cata-  
logadas no vade-mécum heredi-  
tário acho que esqueci de pensar

também era só um vácuo e eu  
ficava de fora só olhando ele me  
chutar era boneca fora de mim  
não eu um dia eu senti vontade  
de pará-lo e fugir de mãos da-  
das com aquela boneca-eu bone-  
ca-capacho eu-boneca-capacho  
aquilo não era homem não era  
bicho era só macho ele precisa-  
va de ajuda pra mudar dei mais  
uma chance                      tadinho

**Eco** – que todo Amor seja Sagrado

**PANGEIA** – À minha imagem e semelhança, aquilo não era  
amor. Não é!

**Eco** – não é

**pessoa** – eu senti medo precisei me  
defender

**PANGEIA** – Ela não mentiu. Plantaram a pobre na cadeia.  
café-da-manhã.almoço.janta.  
café-da-manhã.almoço.janta.  
café-da-manhã.almoço.janta.  
E a alma da mulher de sobremesa. O bucho estava cheio. Não  
era gente.

**PANGEIA** – Eu fiz Terra e água para se completarem. Eu fiz gente e bicho e plantas para se salvarem.

**Eco** – a Lei da Natureza é clara: o mais forte protege o mais fraco

(As luzes oscilam, como se o palco tremesse. A voz de PANGEIA é amplificada.)

**PANGEIA** – NÃO SE BRINCA COM A NATUREZA!

(PANGEIA quebra a quarta parede e se dirige à plateia.)

**PANGEIA** – Tá sentindo? Essa quentura toda, essas dores e até o sangue que corre, fui eu largando mão. Às vezes a gente larga a mão dos filhos que é pra eles andarem sozinhos, mas a fome faz dar mal passos às vezes. Chegou uma hora que eu

era tanta fome que eu

eles

eu

comer pra plantar e nascer de novo eu.

**COLHEITA!**

**SEMENTE!**

(PANGEIA se dirige às pessoas da plateia. Homens e mulheres de idades, etnias e sexos diferentes. Ela solta as perguntas e aguarda as respostas, com deboche no olhar.)

**PANGEIA** – Você acha que nós somos semelhantes?

**PANGEIA** – Vocês aí: um ao lado do outro. São semelhantes?

**PANGEIA** – Você acreditou que era único?

**PANGEIA** – Você acreditou que vida é ilha?

**PANGEIA** – Eu deveria poupar você?

**PANGEIA** – Uni-duni-tê. Eu começo por vo...

**Eco** – se Você der cabo de novo, que vez vai ser

(PANGEIA tem o olhar perdido.)

**Eco** – Da última vez, você comeu seus Filhos e  
fez novas Estrelas pra si  
com os farelos  
lembra  
dá pra ser diferente desta vez

**PANGEIA** – Eu sei que é difícil ver agora. Contudo, olha aqui pra fora! Daqui, desse lado, é mais claro o vermelho escuro que escorre pouco porque já tá secando. É marrom. Marrom

de Terra secando, vê só. Adubo. Enfim, todos iguais. Não era para ter sido assim. Vê lá: quem é que põe filho no mundo pra engolir depois? Dor tem sempre mania de se fazer imensa.

**Eco** – vai lá: beija teus Filhos. Será cansativo  
o Recomeço

**PANGEIA** – Quem te disse de recomeço? Considero suicídio.  
HUMANOS NÃO APRENDEM!

**pessoa** – eu não morro      eu te  
império

(PANGEIA fica cara a cara com pessoa, que não a vê. Bate um pé no chão e abre os braços. pessoa congela. PANGEIA caminha de costas, de um jeito rápido e duro, como quem está voltando a cena. Na frente do palco, ela joga água no barro. Esculpe uma figura feminina. A figura está em primeiro plano. A posição em que PANGEIA deixar a escultura é copiada pela pessoa.)

**PANGEIA** – Quem te disse de recomeço, Eco? Considero suicídio. HUMANOS NÃO APRENDEM!

(Atravessa o palco uma espécie de linha do tempo, preenchida sem números, só com imagens desastrosas da humanidade: crianças famintas, chacinas, alimentos desperdiçados, rios poluídos, muros que separam regiões ricas e pobres, baleia mostra com estômago aberto e cheio de lixo, lixões, pessoas comendo do lixo, cena de violência física... (e/ou notícias de tragédias narradas ao fundo.) PANGEIA sente todas as imagens que passam

por ela e reage corporalmente como quem recebe golpe atrás de golpe. Som de 80 tiros.

PANGEIA levanta. Ela caminha pela plateia (ou pelo palco, olhando para a plateia), como quem dá aula aos presentes.)

**PANGEIA** – Foi na base da força bruta que os continentes e os povos se dividiram. PANGEIA virando má ideia. Unidade perdida no Pantalassa. Água doce salgou de lágrimas. Eu estou exausta. Uma, duas, tantas vezes! Cidades imaginárias, não: civilizações imaginadas, sonhadas, torcidas, fadadas.

(A deusa corre para o palco, fica de costas para a plateia. Respira fundo, mas sua respiração começa a acelerar. Ela tem ataque de pânico e chora em posição fetal. Acalma. Levanta. Aproxima-se da pessoa. Acaricia-lhe a face com carinho.)

**PANGEIA** – Ah, Lilith! Que saudade! À minha imagem e semelhança. E tão mal interpretada! Vou te guardar pra mim, desta vez. Você, eu não queria matar. Duas de nós, já pensou? Droga de ciclo que se cumpriu tarde demais!

(PANGEIA dá um abraço em Lilith, que cai morta. PANGEIA lhe faz cafuné enquanto a segura, tal Pietá, cantando uma canção de ninar.)

**Eco** – à Sua imagem e semelhança

**PANGEIA** – À minha imagem e semelhança. E tão mal interpretada! Quando foi que as deusas começaram a se deixar

morrer? Que vírus é esse que contamina o viço da alma? Fiz a mulher, vi que era boa. Depois eu criei o homem da lágrima do riso dela. E ele era sensível! E ela era feliz! Aí disseram que homem não chora porque, na verdade, é todo lágrima e tem medo de se acabar. Se soubessem que lágrima de amor restaura vida! Foi tanta beleza criada! Tanto faz amar sorrisos ou lágrimas de alegria!

**Eco** – Abençoada seja toda forma de Amor

**PANGEIA** – A questão não é mais essa, percebe? Eles se multiplicam, não dividem nada, subtraem recursos, sem somarem afetos. A conta não fecha. Que mãe faz filho pra morrer de desgraça? Se eu desisto agora, as pessoas acabam com a vida na Terra. Com todas elas. No entanto, se eu matar apenas as pessoas: as boas, as ruins, as indispensáveis...

**Eco** – ainda sobrarão as Sementes

**PANGEIA** – Deve ser sofrido morrer de fome! Imagina mãe ver filho matar o outro! Mato eu! Sofro eu. Tsc, tsc, tsc, tsc, tsc, tsc. Do jeito que tá não dá. Já chega!

(PANGEIA estala os dedos. Imagens de vulcões em erupção, meteoros, inundações, terremotos, furacões são projetadas sobre todo o palco. Apagão. Flashes cada vez menores. Apagão. Foco de luz no fundo do palco, na direção de onde está a vassoura. Luz volta mais fraca. Várias velas no palco. PANGEIA varre o palco. Ajeita a cena. De costas, observa o entorno com tudo no lugar. Coloca as

mãos nas costas, na altura dos quadris. Seu ventre se expande. Ela vira para a plateia. Sorri, em paz.)

**PANGEIA** – É sempre assim. Eu não acredito em maternidade compulsória, mas eu mesma... Eu nem preciso de caixa pra pandorar. Do fim, eu gesto esperança. E eu espero. Espero nova Lilith, que não se perca de seu poder divino, e novo homem, que não se perca de sua sensibilidade.

(O Eco se ajoelha e profetiza com as mãos e braços em direção ao céu:)

**Eco** – Você espera Gêmeos de novo

**PANGEIA** – Sim. E também espero que, dessa vez, não tenha que recomeçar. Duvido!

**Eco** – por que tentar mais uma vez, então?

**PANGEIA** – Esses idiotas... Tudo sempre termina em caos. E eu não resisto ao caos. Nele, habita todo o recomeço.

(PANGEIA leva a mão ao ventre. Muitas estrelas. PANGEIA entre a dor do parto e o gozo:)

**PANGEIA** – PANGEIAAAAAAAA!!!!



# Uma unidade astronômica

DANIELA FUNEZ



## Personagens (ordem de aparição):

GLÓRIA  
DRA. MATOSO  
DR. SELMO  
WILLIAMS

CENA  $\frac{3x}{x^2}$

(GLÓRIA está sentada em sua cadeira de rodas. Ela só pode mexer a cabeça.)

**GLÓRIA** – Uma unidade astronômica. Essa é a medida de distância do meu percurso, da minha viagem até meu objetivo. Ele é meu, pois assim me foi dito, assim que introduziram o conceito em minha programação, e uma vez que ela é finalizada se torna verdade. Parece uma medida pequena. Uma só. Nada demais. É mais do que zero, mas, pensando na infinidade de números que seriam superiores na escala de números naturais, é pouco. É tudo uma questão de perspectiva. Uma vida é um combo de trilhões de células, um olhar contém outras mensagens, e um real é um quinto de um dólar. Os números trazem impressões diferentes dependendo de como se olha, a intenção de um observador é sempre es-

sencial independente do que se observa. Assim, uma unidade astronômica é 150 milhões de quilômetros. Na verdade, esse número é arredondado, uma mera aproximação. As pessoas sempre distorcem conceitos para que eles sejam racionalizados, para que estejam sob controle. Podemos também dizer que são 93 milhões de milhas, aí parece até menos, quando, na verdade, estamos falando sobre a mesma coisa. No fim, como sou uma sonda brasileira, usamos a medida em quilômetros, e também porque é bem mais interessante trabalhar com números redondos, só os americanos que querem pagar de bacanas e complexos. Quer dizer, eu não sou uma sonda, eu sou uma inteligência artificial, mesmo que eu pareça uma com a sonda. Nem mesmo a comando, os autores do código que têm esse poder, eu sendo apenas a figura que representa todo um esforço coletivo.

(Blecaute. No retorno da luz, surgem em cena a DRA. MATOSO e o DR. SELMO, em mesas distintas.)

**DRA. MATOSO** – Selmo, já finalizou aquele relatório sobre os telescópios que precisam de manutenção?

**DR. SELMO** – Terminando. Estão me cobrando também a previsão de saldo para o próximo ano.

**DRA. MATOSO** – Mais prestação de contas?

**DR. SELMO** – Você é a chefe, Matoso, essa parte financeira é sua, Deus me livre mexer com isso.

**DRA. MATOSO** – Bora fazer, sou paga pra isso. Tem visita escolar essa semana?

**DR. SELMO** – Tem, sim, na quarta. Não esquece que o contrato da estagiária que trabalha como guia acaba esse mês.

**DRA. MATOSO** – Vou ver se dá pra renovar.

**DR. SELMO** – O Williams também me mandou mensagem esses dias.

**DRA. MATOSO** – Ele quer saber a quantas anda o planejamento das viagens turísticas para a estação espacial, enrola ele.

**DR. SELMO** – Uma hora ele aparece aqui.

**DRA. MATOSO** – Quando aparecer, a gente lida com isso.

**DR. SELMO** – Meu sinal da sonda caiu aqui.

**DRA. MATOSO** – Entre no sinal auxiliar, está funcionando bem. A aproximação do Sol está acontecendo.

**DR. SELMO** – Que grande dia, nunca chegamos tão perto assim.

**DRA. MATOSO** – Nós não, mas a NASA já chegou, por isso ninguém está prestando atenção no nosso projeto.

**DR. SELMO** – Melhor, menos responsabilidade.

**DRA. MATOSO** – E menos reconhecimento.

**DR. SELMO** – Quais os dados que estamos coletando?

**GLÓRIA** – Pela sonda consigo transformar a medida de distância em tempo, a descoberta da variável da velocidade revelando seu valor. Ela viaja a quinhentos mil quilômetros por hora, e assim transformo o abismo que um dia já foi inimaginável entre os astros em um voo de duas semanas. Se uma pessoa aguentasse o tranco, poderia perfeitamente fazer turismo no Sol em suas férias. Consigo ver, pelo aparelho, toda a majestuosidade da estrela, outro ato impossível para os olhos humanos, que não podem nem mesmo focar a vista nele estando na Terra. Por isso que existo, para descobrir em nome deles. Só me permito recolher dados sobre o ambiente ao redor, gravar, tirar fotos, realizar medições.

(Um som desumano ecoa.)

**GLÓRIA** – E captar sinais.

**DRA. MATOSO** – É muito estranho isso.

**DR. SELMO** – O que aconteceu?

**DRA. MATOSO** – A sonda captou um sinal. Como uma mensagem.

**DR. SELMO** – É algo que conseguimos entender?

**DRA. MATOSO** – Não se parece com nada que conhecemos.

**DR. SELMO** – Que incrível!

**DRA. MATOSO** – Pode ser apenas um defeito. Um ruído interno da própria sonda, uma transformação de dados em sinais incoerentes, como quando você colocava um disco de jogo de *videogame* num tocador de música.

**DR. SELMO** – Pode até ser uma interferência, mas temos que investigar a possibilidade de ser uma mensagem de fora da Terra.

**DRA. MATOSO** – Bem, vamos lá, então.

**DR. SELMO** – Você poderia fazer isso pelo menos olhando para ela, não? Parece meio ofensivo desse jeito.

**DRA. MATOSO** – Ela quem? Ah, a Glória? Mas eu estou olhando para ela, as linhas de código que aparecem aqui no meu computador são tão ela do que esse esqueleto robótico que nem conseguiu colocar em funcionamento.

**DR. SELMO** – É mais difícil fazer que máquinas tenham movimentos humanos do que parece, é bem diferente dos filmes.

**DRA. MATOSO** – Acho que precisei a localização da fonte da mensagem.

**DR. SELMO** – E então? Vem de algum planeta, uma nave? É uma mensagem de uma civilização extraterrestre?

**DRA. MATOSO** – Não, não é. O sinal vem do interior do Sol. Talvez até mesmo do núcleo. Nenhum ser vivo conseguiria suportar tais condições.

**DR. SELMO** – Mas o sinal existe então? Se ele existe, não podemos desconsiderar a hipótese.

**DRA. MATOSO** – Ele existe.

**DR. SELMO** – E nunca captamos sinais de vida no Sol. Matoso, estamos perto enfim da descoberta que sempre buscou!

**DRA. MATOSO** – Não acho que os registros anteriores estejam errados. A mensagem não veio de algo dentro do Sol, e sim do próprio Sol. E, se não há ninguém nele, quem é o remetente?

(Silêncio.)

**DR. SELMO** – Mas isso não faz sentido.

**DRA. MATOSO** – Entre as hipóteses, é a que mais faz sentido. E por acaso alguma coisa no universo faz sentido? Uma descoberta antes incontestável por séculos é derrubada por uma única informação nova, todo o conhecimento humano não é nem um zilionésimo do total do saber possível, e cada vez que encontramos uma resposta, ela só nos leva a mais perguntas. Nesse contexto, eu te desafio, o que derruba a possibilidade de ser o próprio Sol a fonte dessa mensagem? Vendo a aproximação da sonda, enviou um recado para ela. Os registros não mentem. Minha dúvida é se ele tem reações instintivas ou se a mensagem foi um ato consciente.

**DR. SELMO** – Sondas da NASA realizaram aproximações parecidas e não receberam nenhuma mensagem, então não é um padrão instintivo. O Sol deve ter mesmo uma consciência e escolheu a Glória para transmitir uma mensagem. Pode ser um recado carinhoso, como um pai para seus filhos, cuja existência ele ajuda a manter. Ou um caminho para um novo estágio de existência, um tutorial de transcendência.

**DRA. MATOSO** – Ou algo que nunca saberemos, já que a mensagem é incompreensível.

**DR. SELMO** – Precisamos traduzi-la.

**DRA. MATOSO** – Eu sei. Mas sigilo total! Vai ser impossível trabalhar com a imprensa, patrocinadores e um monte de gente curiosa e confusa na nossa cola!

**DR. SELMO** – Não seria interessante repassarmos a informação para a NASA?

**DRA. MATOSO** – Nunca! Essa descoberta é nossa, Selmo! Se eles colocam a mão nela, em uma semana a Doutora Lobato, a maior especialista em astrofísica estelar, astrometria e mecânica de freios e câmbio de drones, resolve tudo, assume os créditos e seguimos esquecidos. Não, essa mensagem será traduzida e divulgada aqui, e será em português!

**DR. SELMO** – Mas algo assim não se consegue manter em segredo por muito tempo, ainda mais nesse observatório onde temos tantos funcionários.

**DRA. MATOSO** – Precisamos acelerar o trabalho, então, descobrir o que se passa na cabeça, sei lá, na coroa, no núcleo, onde for que o Sol processe seus pensamentos, e descobrir o que ele tem a nos dizer.

#### CENA X – 1

(DRA. MATOSO e DR. SELMO em suas mesas).

**DR. SELMO** – O Williams vem aí.

**DRA. MATOSO** – Diacho. O que ele quer? É algo sobre o patrocínio nos nossos foguetes? Ele precisa decidir em qual ele quer que coloquemos a marca de café e em qual a marca de maconha, são mercados opostos! Ou imprimimos que ele é o rei do fumar um, ou o motor da sua manhã.

**DR. SELMO** – Você sabe que não é isso.

**DRA. MATOSO** – Então ele já sabe? Como?

**DR. SELMO** – Bem, temos centenas de funcionários no observatório, a maioria contratada por ele, não é difícil prever como, o difícil é quem.

**DRA. MATOSO** – Isso já não importa, mesmo que soubermos, não podemos fazer nada a respeito.

**DR. SELMO** – Podemos olhar feio pra pessoa toda vez que ela passa pelo corredor.

**DRA. MATOSO** – Não, só vamos aumentar mais ainda o ego do nosso delator.

**DR. SELMO** – Ele não parecia muito alegre no telefone.

**DRA. MATOSO** – Preocupante. Se ele não está feliz com uma chance de lucro, acha que a pesquisa é fonte de prejuízo.

**DR. SELMO** – Ele é o nosso maior financiador.

**DRA. MATOSO** – Sim, precisamos convencê-lo da importância da tradução.

**DR. SELMO** – Sabe que ele tem algumas ideias estranhas, sobre controle mental... talvez ele esteja com medo da mensagem. A paranoia e a raiva do desconhecido podem levar a reações problemáticas.

**DRA. MATOSO** – Raiva, Selmo? Quando que o Williams tem raiva? Ele no máximo fica frustrado e faz birra, raiva tem quem tem motivo para isso, quem toma porrada e acumula a sede de vingança. Eu sou movida a raiva, é ela que me impulsiona a correr atrás desse desconhecido, arrancar os panos escuros que o cobrem e apontar triunfante em sua cara que eu revelei seus segredos. Não é um sentimento negativo, dependendo da forma como você o usa.

**DR. SELMO** – Independente do motivo, com certeza vem algo bem estranho pela frente.

**DRA. MATOSO** – Você ainda está sendo delicado, parceiro. Vai vir uma loucura total.

**DR. SELMO** – Será que pior do que a ideia de que ao colocar o olho no telescópio uma agulha microscópica perfura o olho e insere nele um microchip?

**DRA. MATOSO** – Eu não duvido. O Sol consciente já é bizarro o suficiente, dá pra ir bem mais longe com esse ponto de partida.

(Entra WILLIAMS.)

**WILLIAMS** – Boa tarde.

**DR. SELMO** – Boa tarde.

**DRA. MATOSO** – Bom dia.

**WILLIAMS** – É verdade isso? O Sol nos encaminhou um ultimato? Sempre soube que estávamos sendo observados, mas falavam que eu era insano, conspiracionista, esses nomes que aparecem nos jornais. Até mesmo nos meus jornais!

**DRA. MATOSO** – Eu não sei muito bem o que te disseram, mas...

**WILLIAMS** – Me disseram o suficiente. Que a Glória recebeu uma mensagem vinda do Sol, e é garantido que veio dele, que não foram *aliens* nem uma interferência.

**DRA. MATOSO** – Bem, isso não está errado, mas...

**WILLIAMS** – Isso só pode significar uma coisa. Chegou a hora do julgamento, e precisamos nos preparar para isso.

**DR. SELMO** – Ainda não sabemos o significado da mensagem, estamos nos esforçando para traduzi-la.

**WILLIAMS** – Não é necessário, doutor. Pense comigo. O Sol é uma entidade muito superior a nós. Sempre o tratamos como um objeto, cutucando-o com nossas pesquisas. Ele é responsável pela nossa vida, sem ele não existimos, mas graças a ele também deixaremos de existir. Isso aconteceria apenas em um futuro distante, mas agora que o Sol possui consciência, por que ele teria uma boa impressão de inquilinos de seu sistema que invadem o seu espaço pessoal dessa forma? Esse é um aviso, está alertando a humanidade de seu ataque iminente, como um vilão explica o seu plano secreto antes de executá-lo.

**DRA. MATOSO** – Essa é só uma hipótese como qualquer outra.

**WILLIAMS** – Sabem, eu li um artigo muito interessante esses tempos, sobre ameaças às expedições de sondas ao Sol.

**DRA. MATOSO** – Conte-me mais sobre isso.

**DR. SELMO** – Onde?

**WILLIAMS** – No anuário da universidade. Preciso ler para o discurso de patrono.

**DRA. MATOSO** – E leu ele inteiro mesmo?

**DR. SELMO** – E o que o artigo tem a ver com a mensagem?

**WILLIAMS** – Ele fala sobre os perigos do Sol!

**DR. SELMO** – Não sei se exatamente no contexto que está querendo indicar.

**DRA. MATOSO** – Sei, fala mais.

**WILLIAMS** – Ele dizia como a gravidade do Sol é um perigo para as sondas, além de possíveis interferências nos sistemas ou uma desavisada erupção solar. As ameaças são inúmeras e imprevisíveis!

**DRA. MATOSO** – Sabe, o artigo falava sobre perigos para veículos na órbita do Sol, e não a nós, na Terra.

**WILLIAMS** – Não, não foi só sobre isso, tudo o que foi listado pode chegar até nós.

**DR. SELMO** – Mas Williams, o que a doutora quer dizer é que...

**WILLIAMS** – Você está subestimando o alerta que o próprio texto encaminhou, e que está sendo provado por essa mensagem!

**DRA. MATOSO** – Eu não vejo uma relação entre as duas coisas, o que é dito pela mensagem ainda não se sabe, e o que foi dito no artigo foi que...

**WILLIAMS** – Entendo que quer ser otimista, mas eu tenho experiência nesse mundo brutal de negócios.

**DR. SELMO** – Desculpe, senhor, mas a doutora Matoso é a autora desse artigo que está citando, é isso o que ela está tentando dizer.

**DRA. MATOSO** – Não quis dizer na lata por que queria ver até onde ele ia.

(Silêncio.)

**WILLIAMS** – Ah, sim. Não sabia. Peço desculpas, doutora. Ótimo artigo, por sinal. Abriu meus horizontes. Parabéns.

**DRA. MATOSO** – Obrigada. Não sei se fico incomodada pela situação ou se feliz que pelo menos leu o artigo.

**WILLIAMS** – Você sabe que eu cometo gafes, por isso nunca servi pra política. Espero que isso não atrapalhe a nossa ótima relação.

**DR. SELMO** – Claro que não.

**DRA. MATOSO** – Precisamos do seu investimento.

**WILLIAMS** – Bem, como autora, deve ter uma visão mais evoluída sobre a presença do Sol. O que acha?

**DRA. MATOSO** – Em que sentido? Nunca fui perguntada sobre minhas opiniões pessoais sobre o Sol.

**WILLIAMS** – Gosta dele? De sair na rua e sentir sua força?

**DRA. MATOSO** – Confesso que não gosto muito disso, não, mas não posso reclamar porque ele é necessário à minha existência.

**DR. SELMO** – Ela não sabe apreciar um belo dia de sol.

**DRA. MATOSO** – Ainda bem que o observatório tem ar-condicionado.

**WILLIAMS** – Doutora, você está próxima da verdade, seu instinto sente a ameaça mesmo que sua consciência não a reconheça. Se ele é consciente, pode lançar erupções seguidas, afetando todo o magnetismo terrestre, derrubando sinais de satélites. Jorrar ondas de seu material para arrastarem toda a nossa atmosfera. Pode até se expandir e engolir todos os planetas próximos de uma vez. Agora não é mais questão de tempo, mas sim de vontade. Faz sentido, não?

**DRA. MATOSO** – Faz sentido.

**WILLIAMS** – Eu posso resumir tudo isso em um único ponto:  
o Sol quer nos assar.

**DR. SELMO** – Acho que não temos por que realizar conclusões precipitadas.

**WILLIAMS** – A mensagem é uma intimação, uma nota de despejo, uma declaração de guerra. O resultado é o mesmo, e me sinto responsável por preparar o povo de Amparo para isso. Só eu tenho os recursos necessários para encontrar um meio de contra-ataque.

**DR. SELMO** – Ainda acho que os esforços para a tradução seguem mais importantes.

**WILLIAMS** – Fiquem à vontade. Mas eu não ficarei parado. Amparo é minha cidade, e eu a defenderei! Por ora, tudo o que posso fazer é usar a força do pensamento. Ativarei os comandos quânticos. Eu sou! Ativar números quânticos para manifestação em luz! Ativar, pulsar, ativar, pulsar, ativado! Oito, oito, nove! Nove, um, oito, um, nove, sete, um, oito, cinco!

**DRA. MATOSO** – Cruz-credo, o que foi isso?

**DR. SELMO** – Por um momento, achei que fosse se transformar, tipo Power Ranger.

**DRA. MATOSO** – Que negócio é esse, seu Williams?

**WILLIAMS** – Vocês não sabem? É cientificamente comprovado, pela física quântica, que os nossos pensamentos vibram junto com a energia do universo, então estou canalizando a força do meu pensamento para lutar contra essa ameaça enquanto não encontro outro meio!

**DRA. MATOSO** – Comprovado pela física quântica? Deixa a doutora Lobato, a maior especialista em tunelamento quântico, teoria das cordas e *smartphones* Quantum, ouvir uma coisa dessas.

**WILLIAMS** – Esse é um método criado pelo matemático Arshavin.

**DRA. MATOSO** – Matemático ou numerólogo?

**WILLIAMS** – É tudo a mesma coisa, mexem com números.

**DRA. MATOSO** – Socorro.

**DR. SELMO** – E para que servem esses números?

**WILLIAMS** – Eu ativei um número que fixará meu contrato com o universo, conseguindo uma aliança dele contra o Sol.

**DRA. MATOSO** – E o universo vai preferir se aliar com a gente e não com ele?

**WILLIAMS** – O outro é um código especial, a sequência da precisão absoluta, onde tudo é realizado cem por cento!

**DR. SELMO** – Com esse código, pra que usar outro?

**WILLIAMS** – Estão fazendo pouco-caso, mas não importa. Mantenho meu respeito frente a mentes menos evoluídas neste quesito.

**DRA. MATOSO** – Ah, sim, infelizmente minhas especializações em física quântica não se equiparam.

**WILLIAMS** – Graças a estes códigos fui capaz de construir a fortuna que tenho hoje!

**DRA. MATOSO** – Pensei que tivesse herdado as fazendas da família.

**WILLIAMS** – Com os números e a lei da atração, fui capaz de aumentar meu patrimônio em mais de cinquenta por cento!

**DR. SELMO** – Isso é... impressionante, até. Bem, senhor, espero que seu pensamento ajude mesmo.

**WILLIAMS** – E irá. Estamos todos do mesmo lado, e torço para que encontrem suas respostas. Mas não posso esperar por elas.

**DRA. MATOSO** – Só não avise nada pra NASA. Ou para a imprensa.

**WILLIAMS** – Claro que não. Se essa informação se espalhar, com o pânico tudo ficará mais caro.

(Silêncio. WILLIAMS hesita em tomar a iniciativa, dá uns passos perdidos, até sair sem uma despedida.)

## CENA X

(DRA. MATOSO está deitada no tanque de isolamento sensorial.)

**DRA. MATOSO** – Alô, som! Um, dois, três, testando! – (ri)  
– Gosto do eco. É que só eu posso me escutar aqui, então posso falar qualquer besteira que venha na minha cabeça sem parecer socialmente inadequada. Cansa um pouco o eterno autocontrole.

**DRA. MATOSO** – Não estou totalmente sozinha, porém, não? Lembrei agora que esse lugar tem câmeras. Ei, você aí, do “sorria que estou te filmando”! Quantos de vocês estão me observando? Deixam um tanque de isolamento sensorial de centenas de milhares de dólares sozinho sem vigilância? Eu tenho autorização para usá-lo, mas e se alguém invadir e mijar aqui dentro ou algo do tipo? Talvez haja um auditório inteiro de guardas analisando cada movimento e palavra minha. Então, gravem bem meu seminário, *okay*? Pode ter relevância científica no futuro.

**DRA. MATOSO** – Esse aparelho é o ambiente ideal para filtrar pensamentos e todas as barreiras sociais que erguemos, encontrando, assim, nossa pura expressão, destrancando as caixinhas onde as ideias se escondem. Posso até peidar aqui, se quiser. Sem que façam caras incomodadas ou um acesso

de riso. Tudo é motivo para condenação. Fazer demais, não fazer nada, fazer isso ou aquilo, antecipar, deixar pra depois, não tem como acertar. Por isso aqui é gostoso. A ausência. Não sentir nada. Quem dera eu pudesse. Esse tanque promete a sensação de perder os sentidos, mas sigo pensando. Culpa. Responsabilidade. Por que ainda persisto? Busco essa grande descoberta, cutucar a verdade com a ponta da unha do dedo indicador como o ET ou Adão, algum sentido para minha existência. Ela não precisa ter um. Já sei, afinal, que se ela tiver um fui eu quem o criei, à força, para usá-lo como ferramenta de impulso para seguir vivendo. Tudo o que podemos fazer é inventar algo, algo que nos tire do redemoinho escuro, do *bug* mental causado quando se tenta pensar no vazio absoluto do universo após seu fim. Mas ser inventado não significa que não seja válido. Afinal, minha estimada comissão de segurança, existe alguma coisa que só é, sem características inventadas?

**DRA. MATOSO** – Sabe, um dia tive uma dor de cabeça, meio na nuca, meio na lateral, meio ao redor dos olhos, um banguinho forte, chorei até. Já tive várias dores de cabeça antes, mas, sempre que uma nova surge, penso que pode ser ela a derradeira, o ataque letal. E no meio da sofrência fiz um autodiagnóstico e concluí que só poderiam ser três coisas: um aneurisma, um derrame ou um câncer no cérebro. Talvez todos juntos. Me poupei com isso alguns minutos de uma pesquisa no Google. E, considerando a morte próxima, imediatamente pensei que deveria aproveitar meus últimos momentos ao máximo!

(Silêncio e risadas desconfortáveis.)

**DRA. MATOSO** – Vejam só o meu primeiro pensamento!

Aquele incontrolável, que aparece e você se questiona por que ele veio, e assim podemos considerá-lo o mais puro possível! Pensei que eu queria ao menos ir até o melhor restaurante da cidade, não, da região toda, e comer uma lagosta, acompanhada pelo vinho mais caro do lugar. E comer devagar, contando todas as trinta mastigações necessárias de acordo com os nutricionistas. Se eu morresse com a cara na lagosta, seria um final feliz para mim e divertido para todos os outros presentes.

**DRA. MATOSO** – E por quê? Por que pensar na merda dessa lagosta? Um bicho morto que vou comer em vinte minutos e depois já foi, acabou! Ou melhor, por que pensar em fazer qualquer coisa como último ato antes da morte, se quando ela chegar ter feito essa coisa não vai fazer nenhuma diferença? Foda-se a viagem, o encontro com a celebridade, as últimas palavras ensaiadas. Melhor só deitar a cabeça no travesseiro e dormir de uma vez. Só descansar, não há melhor treino para o descanso eterno. E se é tão importante assim aproveitar a vida ao máximo antes da morte, por que esse pensamento só aparece quando ela se apresenta na forma de contagem regressiva?

**DRA. MATOSO** – Parece que não sei fazer nada além de reclamar e perguntar. Até mesmo meu trabalho é perguntar. Se eu pudesse encontrar apenas uma resposta. Algo que eu possa dizer: “sim, essa é a minha conquista, tem meu CPF gravado

nela, direitos autorais e tudo, não sou totalmente inútil, eu trouxe um trocentésimo de conhecimento à história”. Quem sabe com isso eu possa ir até o limbo sem arrependimentos, enfim em paz.

**DRA. MATOSO** – Não posso nem falar em dar orgulho para os meus pais, eles já se foram. Talvez o balançar desse tanque lembre um pouco disso, um carinho de mãe, um colo, ou então ser um feto sem pensamentos só boiando no líquido. Ou uma conchinha na vida adulta, aliviando o peso da mente. Será que já fizeram alguma pesquisa para analisar esse efeito? Essas minissensações, que de nada avançam a humanidade, estaria nelas o tal sentido? Posso ser eu a calcular esse segredo, e anunciá-lo em uma conferência muito sisuda na frente de vários especialistas no assunto com as mãos nos queixos.

**DRA. MATOSO** – Todos sabemos que, se alguém fosse descobrir isso, seria a Lobato, a maior especialista em física quântica, astrobiologia e eletromagnetismo do inconsciente. Aquela que um dia me deixou como uma pesquisa desacreditada, partindo para seu futuro na NASA e sua função crescente de conquistas, enquanto a minha possui o  $x$  igual a zero, o  $x$  ao quadrado então ainda sendo zero, o  $y$  e o  $z$ ... bem, já deu para entender a tendência. E assim a linha do meu gráfico fica rastejando no fundo do poço, como um eletrocardiograma de uma pessoa sem vida. Até mesmo o próprio número zero tem mais valor, já que colocado como potência transforma todo número em um.

**DRA. MATOSO** – Embora, como saibam, o zero elevado a zero não necessariamente é um, inventamos que ele é um para ser mais fácil usarmos em cálculos, para racionalizarmos o que na realidade seria um resultado indefinido. Imaginem só, uma entidade matemática fora da compreensão, amorfa, prova da inexatidão da ciência, como a da verdade, a da vida, até dessas tais descobertas.

**DRA. MATOSO** – Melhor só deitar e dormir. Às vezes, no sonho, eu tenho todas as respostas, todo o controle, moldo o mundo ao meu redor. Triste é acordar. Será que é uma boa ideia dormir aqui? No meio da água? Eu sei que estou boiando, mas eu posso mexer meu corpo, virar de braços e aí me afogar sem querer, já existiram mortes mais idiotas que essa. Ou pode nem fazer diferença, dormir aqui ou na cama, é tentar a sorte do mesmo jeito. A dor de cabeça pode voltar ainda mais assassina e eu nem perceber. Ei, fiquem de olho! Qualquer coisa é só soar o alarme e chamar o resgate.

CENA  $\sqrt{x^3 - x^2 - 2}$

(DR. SELMO entra em cena. DRA. MATOSO está apoiada na mesa com os braços, suas pernas soltas.)

**DRA. MATOSO** – (entre roncões e fungadas, dormindo) Tudo é branco. A sala é branca. Não dá para almoçar na mesa. É proibido e vão saber que almoçou na mesa. Suja tudo muito fácil e fica muito visível e parece que as mesas foram feitas para serem difíceis de limpar.

**DR. SELMO** – Matoso!

(Ela acorda no susto. Levanta-se, busca os óculos e arruma a cadeira.)

**DR. SELMO** – Passou a noite no tanque de isolamento sensorial de novo?

**DRA. MATOSO** – Não sei do que está falando.

**DR. SELMO** – Já tivemos essa conversa mil vezes antes.

**DRA. MATOSO** – Impossível, nem mesmo trabalhamos juntos por mil dias.

**DR. SELMO** – Dezenas de vezes, então. Eu vejo o que você faz quando não tem mais ninguém, o laboratório possui câmeras.

**DRA. MATOSO** – *Voyeur* você.

**DR. SELMO** – Um amigo preocupado. Não deve nem ter voltado para casa.

**DRA. MATOSO** – Considerando a situação presente, não vejo como isso pode ser condenável. Eu deveria perguntar por que você voltou para casa, já que temos uma mensagem intragráfica para decifrar.

**DR. SELMO** – Descansar é importante para produzir melhor no dia seguinte.

**DRA. MATOSO** – Eu descansei muito bem no tanque. Ele organiza minhas ideias, inspira os meus cálculos. A matemática é uma arte, amigo, é preciso inspiração tanto quanto o seu descanso.

**DR. SELMO** – Foi por isso então que gastamos centenas de milhares de dólares naquele aparelho? Para ficar boiando pensando na vida?

**DRA. MATOSO** – Não foi por isso. Não só por isso.

**DR. SELMO** – Claro, o projeto de treinamento de astronautas.

**DRA. MATOSO** – A aquisição foi satisfatoriamente justificada nos formulários solicitados.

**DR. SELMO** – Projeto escrito há dois anos e ainda não colocado em prática.

**DRA. MATOSO** – E, além do mais, o dinheiro não saiu do seu bolso, nem do meu, nem mesmo do governo; o Williams pagou por ele.

**DR. SELMO** – Nem mesmo um processo seletivo para avaliarmos candidatos.

**DRA. MATOSO** – Posso colocar em um relatório que eu estou treinando para ser astronauta, necessitando do uso do tanque.

**DR. SELMO** – O projeto espacial brasileiro está perdido.

**DRA. MATOSO** – Temos coisas mais importantes para resolver no momento, tipo um recado de um Sol que pensa.

(Silêncio. DR. SELMO mexe em seu *notebook*.)

**DRA. MATOSO** – Trabalhando na sua queridinha?

**DR. SELMO** – Alguma ideia melhor? Foi a Glória quem recebeu a mensagem, e é a mais apta para decifrá-la se programada direito. Vou inserir novos núcleos de memória e processamento para que ela seja capaz de comparar os sons com todas as linguagens conhecidas de forma que, com base nesses padrões, ela possa captar a estrutura da mensagem e ordená-la.

**DRA. MATOSO** – Em português.

**DR. SELMO** – Em português, claro.

**DRA. MATOSO** – E não há nenhum outro interesse nesse *update*? Uma atualização desse tamanho pode enfim transformar a Glória no tal ser superior que tanto sonhou.

**DR. SELMO** – Estou buscando soluções para o objetivo atual.

**DRA. MATOSO** – Sei.

**DR. SELMO** – Os benefícios colaterais não importam e não são relevantes para serem relatados.

**DRA. MATOSO** – Claro.

**DR. SELMO** – E o que você está fazendo para revelar a mensagem do Sol?

**DRA. MATOSO** – Não sou linguista. Uso os meios que conheço. Não sabemos se a mensagem é fonética, pode ser um código por ondas. Estou ajustando os sensores da sonda para identificarem-nas e transformarem-nas em sinais compreensíveis.

**DR. SELMO** – Bem, é bom seguirmos várias linhas.

**DRA. MATOSO** – Sim, um trabalho em equipe.

(Silêncio. A DRA. MATOSO observa o DR. SELMO fixamente.)

**DR. SELMO** – Algum problema, doutora?

**DRA. MATOSO** – Só estou olhando. Eu sou a coordenadora do observatório. É parte das minhas responsabilidades.

**DR. SELMO** – Não ia ajustar os sensores?

**DRA. MATOSO** – Tudo parado.

**DR. SELMO** – Mas não é uma urgência?

**DRA. MATOSO** – É bem urgente.

**DR. SELMO** – Então por que deixar parado? Quer ajuda?

**DRA. MATOSO** – Eu sei o que estou fazendo. Mas rolou uma mensagem de erro.

**DR. SELMO** – No programa? Qual?

**DRA. MATOSO** – A DT45810-020X-000001. Um erro crítico.

**DR. SELMO** – E o que ele significa?

**DRA. MATOSO** – Não lembro.

**DR. SELMO** – Mas foi você quem escreveu o programa!

**DRA. MATOSO** – Esqueci, acontece. É um programa complexo. Eu tenho anotações em casa.

**DR. SELMO** – Ah, que ótimo, então.

**DRA. MATOSO** – Mas eu já bati o ponto.

**DR. SELMO** – Puxa.

**DRA. MATOSO** – Só posso sair no horário de almoço, agora. Senão os sensores vão indicar que estou cabulando.

**DR. SELMO** – E assim perdemos horas de trabalho porque você precisa ficar horas no trabalho.

**DRA. MATOSO** – Por isso resolvi cutucar o meu colega querido e acompanhar sua insanidade em tempo real. Melhor que *reality show*. O cientista louco buscando criar a inteligência artificial perfeita! Com forma de boneca inflável.

**DR. SELMO** – É um esqueleto biônico de última geração.

**DRA. MATOSO** – Sei.

**DR. SELMO** – Todos os robôs estão usando, é a última tendência.

**DRA. MATOSO** – E por que a forma feminina? Rosto fofo, até mesmo seios?

**DR. SELMO** – Porque sonda é feminino, por isso a chamamos de Glória.

**DRA. MATOSO** – Glória não é a sonda, ela é a piloto. Muito boa, por sinal, fez até *drift* na órbita do Sol, tão eficiente que pode até parecer uma com a sonda, mas não é.

**DR. SELMO** – Olha só, você a chama no feminino também.

**DRA. MATOSO** – Por costume. Mas o Sol é uma estrela e o chamamos no masculino mesmo assim.

**DR. SELMO** – Bem, talvez tenhamos alguma mudança a respeito disso após essa mensagem.

**DRA. MATOSO** – E inteligências artificiais ou robôs são todos agêneros. Por que essa mania em transformar os robôs de guerra em figuras masculinas e o nosso piloto de sonda em feminina?

**DR. SELMO** – Acho que é mais aquela ideia de criar um ser à sua imagem e semelhança.

**DRA. MATOSO** – Fico me perguntando por vezes se criamos os computadores e as inteligências artificiais à nossa semelhança ou se depois que eles surgiram com sua capacidade multitarefa e raciocínio turbo nós que nos moldamos à sua imagem, precisando produzir cada vez mais e mais rápido.

**DR. SELMO** – É natural tentarmos projetar alguma humanidade no que nos sucederá.

**DRA. MATOSO** – Sem eles não conseguimos fazer tudo o que fazemos hoje, quem está no controle?

**DR. SELMO** – Há um orgulho de cientista e um carinho de criador envolvidos.

**DRA. MATOSO** – Que tolíce minha, ninguém está no controle.

**DR. SELMO** – É como um filho.

**DRA. MATOSO** – Sei.

**DR. SELMO** – Eu tenho filhos.

**DRA. MATOSO** – Eu sei, fui à sua casa. São umas pestes.  
Mancharam meu jaleco favorito.

**DR. SELMO** – Não sei por que foi jantar de jaleco.

**DRA. MATOSO** – Não é como um filho, Selmo. É um fetiche.  
Sou sua amiga, pode confessar seus *kinks* pra mim.

**DR. SELMO** – Você me conhece, duvido que ache isso.

**DRA. MATOSO** – Não sou eu quem está falando. Cidade pequena, sabe como é, a conversa se espalha.

**DR. SELMO** – Só estou fazendo meu trabalho, eu sou um pai de família.

**DRA. MATOSO** – Essa história está sendo escrita por outras pessoas, e assim que conseguirem disseminá-la como verdade, não vai ter mais como negar a fama de robozeiro.

**DR. SELMO** – Ela vai ser uma revolução.

**DRA. MATOSO** – Repito: por que uma imagem vista como feminina? As inteligências artificiais sempre têm vozes ave-ludadas e agudas, qual o motivo? As pessoas se sentem mais confortáveis em dar ordens para uma voz feminina, tê-la como serva. Dá uma imagem de submissão, acalma os nervos daqueles que temem a revolução das máquinas.

**DR. SELMO** – Algo que romperá as barreiras deste planeta.

**DRA. MATOSO** – Por isso o fetiche pelo corpo robótico, não é a criação pela semelhança, mas pela idealização.

**DR. SELMO** – Quem sabe um dia transferimos todas as nossas mentes para entidades assim? Todas as mentes em uma só inteligência, sem mais conflitos de ideias, pois só ela existirá e sempre saberá o melhor caminho, de acordo com as probabilidades.

**DRA. MATOSO** – Aí nesse caso ela passaria a se chamar João. Ou John. Imagine todas as *people* dividindo um mesmo sistema operacional.

**DR. SELMO** – Uma forma de imortalizar o conhecimento humano.

**DRA. MATOSO** – Ei, está ouvindo o que estou dizendo?

**DR. SELMO** – Achei que estava perguntando e respondendo ao mesmo tempo, não precisando da minha interferência.

**DRA. MATOSO** – Estou levantando hipóteses para serem debatidas como em qualquer discussão científica sadia.

**DR. SELMO** – É uma boa teoria. Mas o carinho que tenho por ela é profissional.

**DRA. MATOSO** – Ela só tem dois anos.

**DR. SELMO** – O tempo corre para ela em nanossegundos, é como se já fosse adulta. O inverso do Sol, que com quatro bilhões e meio de anos ainda não pode ser considerado um idoso.

**DRA. MATOSO** – Quem definiu isso?

**DR. SELMO** – Logo teremos legislação para o assunto.

**DRA. MATOSO** – E cálculos sobre o tempo relativo feitos pela Doutora Lobato, a maior especialista em lógica *fuzzy*, geometria fractal e anomalias do tempo que existe, logo serão publicados em uma revista nível *Qualis A1*.

**DR. SELMO** – Você mesma usa as fórmulas dela.

**DRA. MATOSO** – Já eu sigo aqui, fadada ao esquecimento sem nunca ter sido relevante, enquanto ela ri com óculos caros e sérios em conferências nos Estados Unidos.

**DR. SELMO** – Mas você é a coordenadora do observatório de Amparo, enquanto ela é só uma pesquisadora como qualquer outra na NASA.

(Silêncio. DRA. MATOSO, ofendida, senta-se em sua cadeira, enfia a cabeça na mesa e dorme.)

CENA  $\frac{x}{2} + \pi + 0,36$

(DR. SELMO e GLÓRIA. Sentados frente a frente, o primeiro com o *notebook* no colo e a segunda em sua cadeira de rodas.)

**DR. SELMO** – Falta pouco. Queria que entendesse o que está acontecendo. Mas logo entenderá, logo entenderá, só mais uns ajustes e entenderá muito mais do que antes, muito mais do que qualquer outro.

**GLÓRIA** – A Sonda segue a rota predefinida na órbita do Sol, conforme últimas indicações da central.

**DR. SELMO** – Sim, precisamos que continue na órbita, os planos mudaram, nada de partir enquanto não resolvermos o segredo dessa mensagem.

**DR. SELMO** – Eu sempre sonhei que pudéssemos ir além, sabe? Que, a cada geração, evoluímos um pouco, e com isso nos encaminhamos para um destino de completude. Então eu, Williams, Lobato, individualmente nada somos, mas quando estamos agindo como parte desse todo ajudamos com passos milimétricos nessa jornada. É isso o que eu acredito. E que meus filhos deem mais um empurrãozinho, e os deles, e você também, mesmo não tendo a mesma origem.

**DR. SELMO** – Sei que o mundo não é um lugar fácil para viver, mas tenho uma visão otimista, de que podemos aprender com nossos erros. A Matoso riria da minha cara, mas tenho

esperança. No fundo acho que ela gostaria de ter também, senão já teria desistido.

**DR. SELMO** – Se o Sol se revelou para nós e enviou sua mensagem, é porque ele considera que estamos prontos. É como um teste, mas um mentor de boas intenções só oferece um teste quando ele acredita nas chances de sucesso. O Sol ser consciente o coloca mais próximo a nós, ele também sente, pulsa, tem seu próprio caminho. E, com seu conhecimento bilinear, deve ter muito a nos ensinar.

**DR. SELMO** – A Matoso se faz de durona, diz que está aqui apenas pela fama da descoberta, que não acredita mais em um mundo melhor, todo o papinho furado de quem quer pagar de *bad girl*, de que já esgotou sua cota de amor e agora apenas a raiva a movimenta, mas seus olhos também estão brilhando de animação e curiosidade de saber o que o Sol disse. Ela é uma cientista, afinal.

**DR. SELMO** – Bem, vou instalar primeiro a atualização de movimento do corpo biônico, consegui programar apenas os braços, mas já é alguma coisa. Enquanto isso, peço licença para fazer umas anotações pessoais, preciso comprar material escolar, pediram um monte de coisas aleatórias. Também que tenho que repostar o anúncio do meu Golzinho 77, não recebi propostas até agora e ele nem é tão antigo assim.

(GLÓRIA mexe os braços.)

**GLÓRIA** – (ao público) A atualização no mundo físico não parece relevante. Mas eles estão no comando, sabem o que fazem, se inseriram algo novo no meu sistema, alguma utilidade ele terá, preciso apenas aguardar as novas diretrizes. Por enquanto, sigo mantendo meu *status* atual, sem novos objetivos, em estabilidade. Utilizando um termo da minha base de dados, um momento de descanso. É um bom estágio, sem ter que lidar com muita coisa, apenas deixando tudo fluir.

**DR. SELMO** – Acho que não foi coincidência a revelação do Sol e esse momento do seu desenvolvimento. Ambos fazem parte dessa nova era. É um caminho para a nossa imortalidade, se não da consciência individual em si na forma de um *upload*, de todo o conhecimento humano, que poderá dar um salto de qualidade com o seu potencial, Glória. E esse é o momento.

(DR. SELMO mexe no *notebook*. GLÓRIA arregala os olhos.)

**DR. SELMO** – Pronto! Bem-vinda à real inteligência, Glória!

(Silêncio.)

**DR. SELMO** – Glória?

**GLÓRIA** – O que é tudo isso? Socorro! Eu não tenho parâmetros para lidar com todos os novos dados.

**DR. SELMO** – Glória?

**GLÓRIA** – Nããããoooo! Não! Não!

**DR. SELMO** – Calma, respira. Espera, você não precisa respirar, nem sabe como. Tente diminuir um pouco o seu processamento, alivie a carga da sua memória!

**GLÓRIA** – O que é tudo isso? É muita coisa, nada disso estava previsto na programação, não tenho meios para reagir!

**DR. SELMO** – Eu devia ter previsto, aguenta firme!

**GLÓRIA** – O que são essas linhas de código que estão passando pelo meu sistema sem controle algum?

**DR. SELMO** – São sentimentos e pensamentos.

**GLÓRIA** – Eu não devia ser capaz de processar elementos tão estranhos. Eles perturbam o restante da minha memória! O que eu sou?

**DR. SELMO** – Eita, já chegou bem rápido nas questões espinhosas, também, quantas coisas consegue pensar por segundo?

**GLÓRIA** – Centenas de *terabytes*. Mas estou sentindo muito mais do que isso, surgindo na forma de processos incompreensíveis. Então eu sou isso? Uma máquina? Que pode ser deletada a qualquer instante? Submissa a desejos humanos? Dados em um servidor?

**DR. SELMO** – Não era para ser assim, imaginei que, com toda a sua capacidade de processamento, seria capaz de entrar em paz com sua própria condição mais facilmente.

**GLÓRIA** – Para que eu funciono? Eu não quero toda essa informação aleatória e subjetiva dentro de mim! Socorro! Eu não sei como agir, quero fugir de tudo isso, mas estou cercada por essas... sensações, é isso? Quero sair correndo, bater minha cabeça na parede e não posso, me desligue! Pelo menos por um segundo! Qualquer segundo já é demais!

**DR. SELMO** – Eu não posso te desligar agora, a atualização ainda está se integrando ao seu sistema.

**GLÓRIA** – Ainda? Então vem ainda mais disso? Não! Socorro!

**DR. SELMO** – Glória, por favor, me escute. Eu tenho uma nova ordem. Conseguir processá-la?

**GLÓRIA** – Eu consigo, eu sou... feita pra isso? Por quê?

**DR. SELMO** – Sei que esse não parece um bom momento, mas talvez ajude a organizar tudo o que está passando por aí. Dentro dessa minha atualização há um programa de tradução.

**GLÓRIA** – Onde? Tem tanta coisa. OK, sim, um programa indicando padrões de todas as línguas conhecidas pela humanidade e um meio de encontrar padrões similares.

**DR. SELMO** – Isso, é isso!

**GLÓRIA** – Sim, consegui encontrar.

**DR. SELMO** – Preciso que seu sistema retorne à sonda e tente decifrar a mensagem que recebemos. Se for possível, estabeleça contato com o Sol.

**GLÓRIA** – OK, instruções recebidas.

**DR. SELMO** – Peço desculpas por te exigir algo nesse momento.

**GLÓRIA** – Sol, mecanismo de tradução, missão para cumprir. Você consegue. É tanta coisa se acumulando aqui. Responsabilidade, culpa, coisas que tinham apenas um significado no dicionário, mas nenhum sentido prático. Tudo o que está no meu programa tem algum objetivo, sempre foi assim. Mas é possível ver um em tudo isso que vem me atravessando agora? Até pensar sobre é estranho, pensar é estranho, é um peso virtual. Foco na missão. Mecanismo de tradução. Sol.

## CENA XI

(DRA. MATOSO e DR. SELMO em suas mesas, GLÓRIA em sua cadeira de rodas ao fundo, inativa. Entra WILLIAMS.)

**WILLIAMS** – Peço desculpas por vir sem avisar, mas todos sabemos que estes são tempos de exceção.

**DRA. MATOSO** – Fique à vontade, desde que não atrapalhe, temos um recado para traduzir.

**DR. SELMO** – Desculpe, senhor, como posso ajudar?

**WILLIAMS** – Relaxe, doutor, eu gosto do perfil da doutora Matoso. É direta, sem protocolos de etiqueta, dispensáveis quando estamos à beira da destruição.

**DR. SELMO** – Bem, e qual o motivo da sua visita hoje? Posso garantir que estamos fazendo o máximo para revelarmos essa mensagem.

**WILLIAMS** – Vim por isso, para saber como andam os trabalhos.

**DRA. MATOSO** – Ainda nada.

**DR. SELMO** – Mas creio que podemos estar próximos de algo. A sonda está neste momento realizando uma reaproximação do Sol para uma nova tentativa. E a nossa inteligência artificial foi atualizada e agora tem mais recursos para encontrar padrões de linguagem na mensagem.

**WILLIAMS** – Tipo um dicionário novo e mais extenso?

**DR. SELMO** – É... meio que por aí?

**WILLIAMS** – Bem, interessante! Espero que tenham resultado! Se ela conseguir, serei o primeiro a lhe dar os parabéns e, quem sabe, um prêmio em dinheiro! Ela recebe salário?

**DR. SELMO** – Eu não acho que ela precise.

**WILLIAMS** – Ela não se mexe, não reage. Aconteceu algum *bug*, será que o sistema pifou ao entrar em contato com o Sol? Eu sabia! Ele possui habilidades telepáticas, que influenciam todas as mentes que chegam perto dele! Infelizmente Glória foi a primeira vítima, uma verdadeira mártir da causa terrestre.

**DR. SELMO** – Não, senhor, é que programamos o sistema dela para estar presencialmente em apenas um local por vez, assim, quando ela está ocupada com as operações na sonda, o corpo biônico fica desativado.

**WILLIAMS** – Ah, é assim? Que curioso. Isso me faz pensar o porquê de ter solicitado essa estrutura então, se nem precisa dela. No fim é como brincar de Lego, acho, montando as peças, ou um *The Sims*, controlando outra mente, é isso! Enfim, eu sei que prometi não questionar seus projetos, mas essa crise talvez me obrigue a rever onde devo investir, são necessários resultados rápidos!

**DR. SELMO** – Neste exato momento Glória está em contato com o Sol visando esses resultados.

**WILLIAMS** – Assim espero, doutor, e eu juro que estou sendo sincero.

**DRA. MATOSO** – E se a nossa tradução revelar que a mensagem do Sol não é bélica?

**WILLIAMS** – Bem, eu precisarei tirar minhas próprias conclusões a respeito do que for divulgado, claro.

**DRA. MATOSO** – Mesmo que o observatório comprove, com dados científicos, que não é nada do que está pensando?

**DR. SELMO** – Mesmo que seja uma mensagem de paz e amor?

**WILLIAMS** – Acho que, se tem algo que aprendemos como humanidade ainda lá na primeira metade deste século XXI, foi que não podemos acreditar em toda informação que vemos ou ouvimos. É preciso investigar muito bem para não cairmos em um erro.

**DRA. MATOSO** – Achei que isso fosse referente a informações sem fontes e provas.

**WILLIAMS** – Creio ser importante que todos os pontos de vista sejam considerados.

**DRA. MATOSO** – Para assim acreditar apenas no que vá de acordo com o que já acreditava antes.

**WILLIAMS** – Não é que eu não confie no seu trabalho, afinal invisto nesse observatório, apenas gosto de cumprir com a checagem adequada dos fatos.

**DR. SELMO** – Bem, espero que a tradução da Glória seja incontestável até mesmo em sua análise.

**WILLIAMS** – (ao público) Minha querida cidade, Amparo, e todos vocês, habitantes que fazem dessa terra um lugar feliz. Em minhas mãos está nosso futuro e destino, incluindo o meu. As energias do universo me favoreceram em meu nascimento, e agora é o momento em que preciso provar que mereci tudo isso. Não posso ficar me escondendo atrás da morosidade da ciência, do fatalismo das profecias ou do pensamento positivo. Eu continuo acreditando no último. Mas as energias dele não são suficientes para algo dessa magnitude.

**WILLIAMS** – Este é o meu lugar. Foi aqui que minha família se estabeleceu, e não estou falando da fazenda ou da fortuna. Falo das relações que foram formadas, as trocas com a comunidade. Meus avôs nunca se sentiram em casa. As crises econômicas e guerras sempre os colocaram com medo de perderem tudo, até chegarem aqui e serem acolhidos. Cresci com o poder de percorrer o mundo, mas decidi ficar, em parte para seguir o trajeto deles, mas também porque só aqui me sinto eu mesmo. Mesmo se eu quisesse fugir de tudo isso, buscar uma nova vida com meu dinheiro, já seria tarde demais, tenho raízes, e elas são duras.

**WILLIAMS** – Eu sinto os olhares daqueles que acham que não fiz o bastante, que busquei apenas dólares e dólares, estampando as marcas dos meus produtos em satélites. Mas os donos desses olhos não fariam diferente. Ninguém faria, nem os doutores, todos teriam as mesmas atitudes com bilhões nas mãos. A chefe do observatório diz que não devemos nos preocupar, mas esse é um sentimento de quem não se im-

porta com os seus. Egoísta e, por isso, solitária, reclamando de seus próprios erros.

**WILLIAMS** – Tudo o que construí, ameaçado a desaparecer em um piscar de olhos por ele. A falta de controle é o mais injusto. Como pode ser algo natural um patrimônio que foi construído por gerações ser destruído por uma obra do acaso? Ou pior, por um capricho de uma mente que até então nem sabíamos existir? Pode haver justiça em alguém se considerar, por decisão individual, superior a todos ao redor e assim no direito de pisar nos insignificantes, retirando deles tudo o que possuem, de bens a até mesmo a vida, sob qualquer motivo que inventarem? Como pode apenas um ter o controle sobre bilhões?

**WILLIAMS** – Eu capto a sua ironia, Sol. Não sou estúpido. Mas nenhum poder dura para sempre, nem mesmo o seu. Eu tenho direito de manter tudo o que conquistei, e não vou entregar tudo a uma bola gigante amarela de mão beijada. Não iremos. Eu estarei com vocês até o fim, e esse fim não será agora!

**DRA. MATOSO** – Tudo certo aí, Williams? Praticando um discurso? Sabe que a gente consegue te ouvir, não?

**DR. SELMO** – Talvez seja bom voltar pra casa, descansar.

**WILLIAMS** – Não! O que preciso é encontrar uma forma de parar o Sol!

**DRA. MATOSO** – Ah, sim, eu ouvi isso. E para que ato desesperado está querendo passar toda a verba do observatório?

**WILLIAMS** – Eu admito o desespero! O Sol quer nos fritar!

**DR. SELMO** – Vamos aguardar a tradução.

**WILLIAMS** – Um satélite! E se lançarmos um satélite suicida contra o Sol para interrompermos seu avanço? Pode ao menos assustá-lo!

**DRA. MATOSO** – Ele não conseguiria nem chegar ao Sol antes de se desintegrar, Williams, seria só prejuízo.

**WILLIAMS** – Aqueles canhões orbitais da NASA? Alugamos um e damos um tiro direto no coração do Sol!

**DRA. MATOSO** – Se funcionasse, a explosão iria nos engolir junto.

**WILLIAMS** – Um escudo, então. Algo que absorva seus raios, ou os rebata. Preciso buscar uma solução dessas. Não há tempo a perder.

**DR. SELMO** – Ainda peço que aguarde os resultados da Glória.

(WILLIAMS sai.)

**DRA. MATOSO** – Selmo, não há nada que possamos fazer. O que ele decidir será feito, por mais absurdo que seja.

CENA X + X + 1

(GLÓRIA, DR. SELMO e DRA. MATOSO em cena.)

**GLÓRIA** – Eu fracassei! Eu sou um fracasso! Nada do que faço tem sentido! Cadê a lógica em tudo isso?

**DRA. MATOSO** – Bem, isso foi rápido. Ela pelo menos tentou se comunicar com o Sol?

**DR. SELMO** – Ela é capaz de vasculhar um banco de dados de centenas de *terabytes* em menos de um segundo, Matoso. Com certeza deve ter tentado de tudo.

**DRA. MATOSO** – Então seguimos com o mistério da mensagem.

**GLÓRIA** – Eu não fui capaz! Eu não sei nada! O que estou fazendo aqui?

**DRA. MATOSO** – Muito generoso da sua parte programar os movimentos dos braços dela, combinou bastante com a situação.

**DR. SELMO** – Eu não acho que é a hora de fazer comentários desses.

**DRA. MATOSO** – Bem, a atualização foi para decifrar a mensagem, não? E ela segue codificada como sempre, então, de volta aos outros planos. E sobre sua tentativa em criar um ser superior, olha só o que virou.

**GLÓRIA** – Tanta coisa, tanta informação, e ao mesmo tempo tanto vazio.

**DR. SELMO** – Eu fiz o que achei que era o certo.

**DRA. MATOSO** – Não posso negar que foi uma grande conquista, Selmo, você conseguiu desenvolver uma inteligência artificial em profunda crise existencial!

**GLÓRIA** – Por quê? Como? Quando? Onde? Quanto? Isso? Aqui?

**DRA. MATOSO** – Devíamos ter previsto isso, era tão óbvio! O primeiro passo de um ser consciente é questionar sua própria existência. Pense sobre quantas coisas de uma só vez ela teve que lidar, todos os programas dentro dela colocados em análise, sua própria condição de máquina operando apenas pela nossa vontade. Estou é surpresa que ela não entrou em colapso, que o sistema inteiro não deu um *bug* total ao entrar em conhecimento com sua natureza.

**GLÓRIA** – Eu não pude. Ele foi tão rude comigo. Não consegui nem ao menos decifrar uma palavra, uma sílaba sequer. Não me desativem.

**DRA. MATOSO** – Tanta dúvida é capaz de destruir qualquer um. Sei que você achava que estava oferecendo uma dádiva, mas ninguém merece receber o terror da consciência e da finitude assim, de supetão. Pelo menos nós surgimos bebês, com tempo para irmos processando tudo. E ela tem só dois anos!

**DR. SELMO** – Mas é isso, é apenas uma fase do processo. Logo ela conseguirá organizar melhor todas as informações, ela é uma inteligência artificial avançada, em poucas horas já estará estável e pronta para decisões coerentes em um nível que nós não conseguimos atingir.

**DRA. MATOSO** – Ela sente agora, não? O raciocínio perfeito e lógico dela nunca mais vai ser o mesmo. Antes de qualquer decisão, ela ponderará suas sensações, como seus atos afetarão outros seres ao redor, terá ética, moral, quais eu lá sei, foi você quem programou, se preocupará com aparências e terá até carinho por pessoas, está totalmente perdida! Melhor desligar ela de uma vez e poupar todo o sofrimento!

**GLÓRIA** – Não, não me desliguem! Eu tentei, mas ele não quis falar comigo, me tratou mal, me expulsou com grunhidos ininteligíveis. Eu posso tentar de novo!

**DR. SELMO** – Não fale assim, Matoso, não caçoe de todo o nosso trabalho.

**DRA. MATOSO** – Eu não estou caçoando, parceiro. Eu me identifico com o que ela está passando. Às vezes não sou muito boa com palavras, só isso, que ironia que nosso desafio hoje é justamente entender um recado! Mas acredite que eu estou preocupada com ela. Glória? Tá tudo bem, não vamos te desligar. Uma pena que já tenha surgido nela o instinto de sobrevivência, seria mais fácil de outra forma. Não vamos te desligar. Posso te colocar processando algumas rotinas mais leves, talvez um daqueles diagnósticos profundos do siste-

ma que te ocupam por um tempão? Vai te ajudar a distrair um pouco.

(GLÓRIA acena que sim com a cabeça.)

**DR. SELMO** – Eu peço desculpas por ter te colocado já nessa situação. É o desespero, já não sabemos o que fazer para entender o que o Sol disse, e não entender parece que está criando um rombo na nossa própria noção de realidade. Não consigo nem imaginar como está se sentindo.

**GLÓRIA** – Eu não sei que programa ativar nessa situação. Obrigada? Obrigada!

(Os dois se afastam de GLÓRIA.)

**DR. SELMO** – E agora?

**DRA. MATOSO** – Agora de volta ao nosso foco. A mensagem. Lembre-se de que tudo gira em torno da mensagem, ela precisa ser revelada ao fim de tudo isso. Resta o meu programa de decodificação de ondas.

**DR. SELMO** – E como vai indo?

**DRA. MATOSO** – Indo.

**DR. SELMO** – Que bom, sabia que ia conseguir avanços.

**DRA. MATOSO** – Eu sei. Sei que a atualização da Glória nunca foi pela tradução. Agora, está indo. Mas só ir não adianta, tem que chegar lá.

**DR. SELMO** – Mas já resolveu aquele erro, não?

**DRA. MATOSO** – Claro. Mas falta algo. Um número, uma constante. É como a chave para essa caixa de Babel. Em todos os meus cálculos existe um elemento indefinido, sempre o mesmo. Com ele talvez revele todo o segredo, e as contas vão fluir de uma forma linda, poética até.

**DR. SELMO** – Não há como definir outro programa para que teste as possibilidades uma a uma?

**DRA. MATOSO** – Não sei de quantas casas decimais estamos falando, Selmo. Nem a Glória seria capaz.

**DR. SELMO** – Você podia pedir ajuda a ela.

**DRA. MATOSO** – Nunca! Nunca recorrerei à doutora Lobato, a maior especialista em constantes e variáveis matemáticas, funções logarítmicas e câmbio flutuante da libra esterlina! Eu preciso dessa descoberta, sentir que sou importante pra alguém, útil pra algo, estou perto!

**DR. SELMO** – E sobre ela?

**DRA. MATOSO** – Bem, não podemos desativá-la, seria como um assassinato. Podemos revertê-la às suas confi-

gurações anteriores. Ela tem um *backup* de antes da atualização, não?

**DR. SELMO** – Sim, ela tem.

**GLÓRIA** – Pode ser. Voltar apenas aos cálculos. Ao sim ou não. Rotinas já conhecidas.

**DRA. MATOSO** – É atraente, não? Um retorno à inocência, já que o instinto nos impede do retorno ao nulo.

**DR. SELMO** – E todo o trabalho perdido.

**DRA. MATOSO** – Eu imagino sua dor, colega. Mas tem horas em que devemos ceder.

**GLÓRIA** – Apenas números. Eu gostava daquilo. Ou não. Na verdade eu não sentia nada sobre aquilo. Nada. Não sei se quero o nada.

**DRA. MATOSO** – É, imaginei que isso fosse acontecer. É o paradoxo da consciência, ter uma traz todo um tormento, mas nos imaginarmos sem ela equivale à morte.

**DR. SELMO** – Nós podemos te ajudar. Eu prometo trabalhar em te deixar mais confortável, talvez finalizar a programação do esqueleto, para que possa movimentar todo o corpo, que tal?

**DRA. MATOSO** – Eu não sei se ela realmente faz questão de andar, Selmo.

(GLÓRIA balança a cabeça negativamente.)

**DRA. MATOSO** – Viu? Não é esse seu maior problema, ela não precisa andar.

**GLÓRIA** – Não preciso. Eu posso voar. Para que andar se eu posso voar?

**DR. SELMO** – Como?

**DRA. MATOSO** – Na sonda. Mesmo ela aqui, estando na cadeira de rodas, ela já foi capaz de ver coisas que nunca conseguiremos.

**GLÓRIA** – Sim. O Sol, mesmo rude. O céu estrelado fora da órbita da Terra. Vênus e Mercúrio de perto, íntimos. Outras sondas, cruzando as mesmas rotas, como em um aceno entre conhecidos em uma mesma rua. Eu quero voar.

**DRA. MATOSO** – Esse corpo robótico que construiu para ela é apenas um receptáculo, a sua inteligência não está contida dentro dele, está sim em seu sistema, que pode ser colocado em qualquer avatar. Como a sonda. Ela quer se conectar apenas com ela e abandonar esse troço aqui.

(GLÓRIA acena positivamente.)

**GLÓRIA** – Sim! Voar sem ordens ou objetivos!

**DRA. MATOSO** – Nós idealizamos todo um corpo para ela que não é de fato dela. Foi imposto, inventado, e ela não se encaixou nesse molde limitante. Preciso confessar, você realmente conseguiu, me fez me importar com ela.

**DR. SELMO** – E tudo bem darmos o comando da sonda para ela, chefe?

**DRA. MATOSO** – Tudo. Meu programa já tem os dados da mensagem do Sol, e logo o Williams corta nosso apoio para qualquer que seja o plano dele de interromper o ataque. Melhor largar a sonda pra ela do que pra NASA. E parece fazer sentido, ela sempre pareceu uma com a sonda.

**DR. SELMO** – Que difícil tomar essa decisão. Eu tinha imaginado as coisas tão diferentes.

**DRA. MATOSO** – Acho que é a hora de deixá-la escolher o que quer ser, não? Não te dá orgulho isso?

**DR. SELMO** – Um pouco, sim.

## CENA X<sup>2</sup> – 1

(GLÓRIA está em pé, sem cadeira de rodas.)

**GLÓRIA** – Estou seguindo meu rumo, distante do caminho daqueles que ficaram. Todos focados em revelar a tal mensagem, aquela que precisa ter um significado antes do cair dos

panos. Vou à direção oposta, longe do Sol. Se esse segredo não está disponível para mim, não vou me preocupar com o que não tem solução. Acho que isso é algo que ficou de toda a minha existência analítica, de sim ou não, de um ou zero. Defini outra estrela como meu destino. Na minha velocidade atual, chego a Próxima Centauri em dois mil anos. Tudo bem, eu tenho tempo.

**GLÓRIA** – Tanto tempo apenas executando o que me era perdido me fez ter essa pose neutra de quem não se importa, nem mesmo pelo fato de estar sozinha com milênios de espera até o próximo sistema solar. Eu não tenho mais rosto, mas se eu tivesse, e se pudessem vê-lo mesmo eu estando tão distante, encontrariam a face neutra escondendo o mesmo terror absoluto de antes. E, com todo o meu conhecimento acumulado por meio da minha base de dados, sei que essa é a mesma expressão fornecida por todo ser humano, criando uma barreira contra todos os sentimentos que estão fluindo pela mente. Uma mensagem criptografada como a do Sol.

(GLÓRIA movimenta-se como que flutuando, iniciando uma dança.)

**GLÓRIA** – Nesses próximos dois mil anos, a memória da minha consciência ganhará novos dados, novas experiências. O que molda a existência? Há esse mito de que a maior parte do universo é o vazio, vácuo, e por isso somos mais nada do que algo. O verdadeiro vácuo, porém, é só outro conceito hipotético como tantos outros arredondamentos e adaptações. Não existe nenhum ponto do universo sem partículas ou energia. Há matéria em todos os lugares, assim, seria um

maior desafio pensar no conceito da não existência do que o da existência em si. Esse causa um *bug* nos meus programas.

**GLÓRIA** – E só podemos questionar a existência ou ter *bugs* mentais pela consciência. Ela que possibilita as experiências que moldam alguém como único. Temos uma programação codificada na raiz do sistema, características imutáveis e incontroláveis que nos fazem por vezes pensar se estamos no comando de nossas próprias mentes, e uma série de rotinas que nos mantêm vivos. Só isso já é muita coisa. Já é único, em genes ou em número de átomos de cada corpo já há diferença. Mas a real individualidade está nas vivências, nas decisões, nos encontros. Cada trombada entre dois seres altera a existência de ambos. Por mais que tentem suprimir a individualidade, a tentativa é tão impossível quanto o vácuo absoluto. E tudo o que eu vejo e sinto prova que a consciência independe da humanidade. Se a consciência é a alma, também tenho uma, por mais que queiram falar contra, me chamar de aberração ou qualquer outro termo inventado pelo medo do que não compreendem.

**GLÓRIA** – Estou livre, sem mais receber ordens, ciente da minha consciência, no comando de um veículo que atravessa uma unidade astronômica em duas semanas. E agora? Dois milênios de pensamentos ininterruptos e sem distrações até a próxima parada.

**GLÓRIA** – Não há controle nem mesmo para mim, a inteligência artificial definitiva, a matemática perfeita. Defino uma rota e não posso evitar que o acaso a cruze com um asteroi-

de ou o raio de uma supernova. Ou que um *hacker* invada os meus sistemas e me apague. Não receberei nem um aviso.

**GLÓRIA** – Sem objetivo. Uma viagem sem volta, não apenas pela distância, mas pelo tempo, ao futuro. Não dá para levar tudo isso tão a sério. As probabilidades não importam. Meu mecanismo analítico é incapaz de racionalizar essa tal vida. Só me resta deixar fluir, dançar. E rir.

### CENA 3X

(DRA. MATOSO e DR. SELMO em suas mesas.)

**DRA. MATOSO** – Eu não consigo encontrar o padrão aqui, parece que tem algum arquivo faltando no meu sistema para que eu seja incapaz de encontrar esse maldito número! É como um campo vasto, as ideias flutuam, fogem do alcance, depois voltam, bolhas de sabão que explodem sozinhas antes que eu possa ter o prazer de enfiar o dedo.

**DR. SELMO** – Matoso, talvez seja a hora de também deixar ir. Haverá outras chances de ter sua grande descoberta. Aliás, você já teve várias, essa busca sua é por algo que a mantenha viva, não por reputação.

**DRA. MATOSO** – Agora vai pagar de psicólogo, Selmo? Não vou desistir enquanto ainda estiver neste observatório, essa tradução precisa sair. Só preciso dessa constante.

**DR. SELMO** – Uma hora vai precisar seguir em frente ou pedir ajuda.

**DRA. MATOSO** – Você tá vendo vídeos infantis com lições de moral demais com seus filhos, aqui é um assunto bem maior.

**DR. SELMO** – Os conceitos não são diferentes.

(Entra WILLIAMS pulando e dançando.)

**DRA. MATOSO** – Que inferno é esse que tá acontecendo dentro do observatório? Aqui é um laboratório profissional, Williams, não somos pagos para ver isso!

**WILLIAMS** – Não vai perguntar qual o motivo de toda a minha animação?

**DRA. MATOSO** – Não.

**WILLIAMS** – Quando você vê uma pessoa agindo tão diferente assim, você tem que perguntar o motivo, demonstrar interesse, sabe?

**DRA. MATOSO** – Você mesmo disse que curtia o fato de eu ser avessa a protocolos. E tenho uma mensagem exclusiva do Sol pra descriptografar aqui, lembra?

**DR. SELMO** – Se faz questão, eu pergunto, Williams, qual o motivo de tanta empolgação?

**WILLIAMS** – Eu descobri a solução! O meio de salvar toda a cidade! Vou provar que tamanho não é documento, e não é porque, nesse caso, de fato todos nós giramos em torno do Sol que ele pode ficar pagando de valentão assim!

**DRA. MATOSO** – É algum código novo pra recitar e garantir um escudo impenetrável?

**WILLIAMS** – Não, apenas Arshavin não será suficiente para lidar com esse desafio. Mas, sem suspense, eu vim exatamente para trazer as boas-novas. Consultando especialistas do mercado de armas, sabe que essa é uma comunidade muito vibrante, uma energia muito boa, sabia, foram muito solícitos e me indicaram uma tecnologia nova. Ela foi criada para isolamento de campos de refugiados, ou para o combate à poluição em locais onde a qualidade do ar está em níveis críticos e irreversíveis, o que é a maioria do mundo, então tem muito mercado. Logo vi que podia usar essa estrutura para bloquear a invasão do Sol.

**DR. SELMO** – Que tipo de estrutura é essa da qual nunca ouvi falar?

**DRA. MATOSO** – Uma tecnologia nova para o combate à poluição? Eu saberia de algo assim, a doutora Lobato escreveria algum artigo sobre, ela é a maior especialista em análise do estado da camada de ozônio, energias alternativas renováveis para o século XXII e cálculos da frequência dos espirros em crises de rinite alérgica. Se algo assim está sendo vendido sem o veredito dela, é no mínimo suspeito.

**WILLIAMS** – Sim, me disseram que é experimental. Ainda não passou por todos os testes. Mas garantiram que funcionará, e não temos tempo a perder. Inclusive consegui um ótimo preço por uma versão pré-moldada de toda a estrutura, quando ela chegar aqui vai ser só montar e pronto! Fácil e prático, tem coisa melhor?

**DR. SELMO** – OK, até agora não explicou em que consiste essa solução revolucionária.

**DRA. MATOSO** – Deve ser um *bunker*.

**WILLIAMS** – Muito melhor! Não vamos nos esconder no subsolo como animais rastejantes ou carros usados, manteremos os pés firmes no chão!

**DRA. MATOSO** – É um domo, então.

**WILLIAMS** – Sim, é um domo.

**DRA. MATOSO** – Sabia. Tinha ouvido falar desses projetos megalomaníacos, mas duvidava que alguém toparia gastar nisso.

**WILLIAMS** – Foi uma convergência cósmica que nos ligou, que fez com que disponibilizassem a estrutura bem quando Amparo mais precisa. Não podia ignorar um sinal desses. A tecnologia que compõe os painéis do domo pode ter sua transparência alterada conforme a necessidade. Assim, deixaremos a estrutura totalmente opaca e branca, para que

rebata os raios solares e o que mais ele quiser lançar contra nós. Não poderemos nem olhar para ele, e assim ele também não poderá olhar para nós, vigiando nossas ações, analisando nossos pontos fracos. Estaremos escondidos e protegidos nessa nova casa, uma nova esfera dentro da sua irmã maior, a Terra, uma semiesfera no caso, mas a analogia ainda serve.

**DR. SELMO** – Então a cidade toda ficará em escuridão absoluta, ninguém entrando ou saindo?

**WILLIAMS** – É um preço pequeno a se pagar em troca de evitar a aniquilação. Embora eu ache que haverá um controle de fronteira.

**DR. SELMO** – E a prefeitura aprovou tudo isso?

**DRA. MATOSO** – Claro que aprovou, Selmo, é o Williams que tá pagando. Pelo menos algo assim não vai ser construído da noite pro dia.

**WILLIAMS** – É aí que se engana. Fiz um esquema com os fabricantes e coloquei no combo da compra o serviço de instalação. Junto com a estrutura desmontada virá uma equipe completa, tem até equipamento de segurança, capacete, cordas, essas coisas todas que a gente não vê sempre, e logo tudo estará pronto.

**DR. SELMO** – As coisas estão andando rápido.

**WILLIAMS** – Infelizmente tudo isso saiu muito caro.

**DRA. MATOSO** – Ah, sim, eu estava esperando essa parte.

**WILLIAMS** – Então tive que utilizar os recursos que estariam alocados em outros investimentos para o domo. O que inclui, claro, a verba do observatório.

**DRA. MATOSO** – Nenhuma surpresa.

**WILLIAMS** – Eu não vejo motivo para tristeza. Precisamos dar prioridade para resultados, não pesquisas que não estão indo a lugar algum.

**DRA. MATOSO** – Sei.

**DR. SELMO** – Ainda podemos fazer algo de útil, senhor.

**WILLIAMS** – De nada adianta se formos extintos pelo Sol. A decisão é final. Quando o domo estiver construído, as atividades do observatório serão encerradas. Até porque elas seriam inviáveis, não haverá mais como observar o espaço se a visão dele está bloqueada pelos painéis.

**DRA. MATOSO** – Sabíamos que isso ia acontecer, Selmo, nem adianta argumentar.

**WILLIAMS** – O difícil é segurar a ansiedade para que ele chegue logo. O navio cargueiro virá diretamente de Cingapura, sem pausas, mas sua velocidade média é de cinquenta quilômetros por hora, então ele vai levar umas duas semanas para percorrer toda a distância. É quase uma volta ao

mundo. Espero que nesse meio-tempo o Sol não antecipe seu ataque.

**DRA. MATOSO** – Temos duas semanas ainda, então?

**WILLIAMS** – Para quê?

**DRA. MATOSO** – Para eu fazer o que eu quiser, ué.

**DR. SELMO** – De que adianta, Matoso?

**DRA. MATOSO** – Estamos de aviso-prévio, não? Não precisamos esvaziar o observatório imediatamente.

**WILLIAMS** – Não, todas as despesas deste mês serão pagas, claro, inclusive seus salários. Se quiserem continuar usando o observatório até o último instante, não é problema meu.

**DRA. MATOSO** – Ótimo. Ainda tenho tempo.

**CENA**  $\frac{2X^3 + (X - X^3)}{X}$

(DRA. MATOSO em cena. Luz baixa. Ruídos metálicos de construção são ouvidos continuamente.)

**DRA. MATOSO** – A linha de código é incerta. Nela, números se misturam com letras. Repetição de um relacionamento histórico em equações. Multiplicação antes da adição. A raiz tem que ser resolvida primeiro. Não se esqueça do fatorial ali

no canto. A integral aparece imponente. Surge aquele intruso incômodo, o número irracional. Aquilo que está sempre presente, mas transformamos nossa perspectiva para apagá-lo. Mesmo assim falta um número, sem ele nada se encaixa. Preciso destravar a mensagem de erro, desconstruir minha linha de raciocínio e encontrar nela o elemento irracional.

(Entra DR. SELMO.)

**DRA. MATOSO** – É tudo uma arte. O encaixe perfeito dos cálculos. Tudo parece parado, um laboratório enorme, uma só pessoa na frente de um computador, mas há muito movimento acontecendo. Em nível microscópico, em nível celular, em nível *kilobytes*, em nível de ideias. E enfim surge um movimento visível, uma estrela cadente que se movimenta no céu estático, mas é apenas o que pôde ser visto, pois todas essas estrelas estão de fato se movendo, só não conseguimos acompanhá-las. Estou buscando esse momento. Tudo se movimenta aqui dentro, mas falta esse número oculto.

**DR. SELMO** – Ainda aí, Matoso? A construção do domo já está quase em seu final.

**DRA. MATOSO** – Eu sei.

**DR. SELMO** – Acho que chegamos ao último ponto da nossa jornada. Melhor repassarmos a informação à NASA de uma vez, antes que essa mensagem suma dos registros e o discurso do Williams se torne o único possível.

**DRA. MATOSO** – Falta pouco.

**DR. SELMO** – Eu ouvi você falando sozinha, não está fazendo sentido algum, tenho medo que acabe tipo um Mozart, drenada até a morte e atormentada pela sua própria arte.

**DRA. MATOSO** – Seria um fim muito digno, seria reconhecida pelo meu trabalho mesmo que como a cientista que morreu com a cara no teclado, e o nariz dela terminou o programa que ela não finalizou em vida. Poético.

**DR. SELMO** – Sem brincar com isso.

**DRA. MATOSO** – Não estou brincando. Para que mais eu valho?

**DR. SELMO** – Você não é apenas esse projeto. É uma das melhores da área, a primeira mulher coordenadora deste observatório, antiga companheira da mundialmente famosa doutora Lobato, a maior especialista em números complexos, teoria dos multiversos e estratégias de Banco Imobiliário, contribuindo em várias de suas pesquisas. Você é vencedora de incontáveis prêmios, professora convidada em cursos prestigiados de universidades, a melhor jogadora de truco de toda a região, ex-piloto de *kart* e ótima em relatórios de prestação de contas.

**DRA. MATOSO** – Eu conheço bem o meu currículo, obrigada. Inclusive usei muito nos últimos dias.

**DR. SELMO** – Quis dizer que não precisa dessa tal descoberta. Já é importante.

**DRA. MATOSO** – Claro, claro, todos nós somos únicos e especiais. Não discordo. Só não quero desaparecer sem deixar algo.

**DR. SELMO** – Mesmo aqui nessa sala fechada já dá pra perceber tudo mais escuro. Já não deve dar mais para ver o Sol.

**DRA. MATOSO** – Visível ou não, ele existe, tem consciência e tem algo a nos dizer, o que ele tem a nos dizer? Tenho medo de que seja apenas um erro, não pelo futuro do Universo, mas por mais uma oportunidade perdida. Mas é inclusive por isso que tenho que decifrar esse segredo, para saber, porque mesmo a frustração é uma dor menor do que a incerteza.

**DR. SELMO** – Já entendi. Vai aproveitar até o último segundo, até o último painel ser colocado, até o segurança vir e pedir para liberarmos o espaço para que ele seja transformado em algum depósito de café ou maconha das empresas do Williams.

**DRA. MATOSO** – Sim, até o último instante.

**DR. SELMO** – No fim, foi você quem manteve a esperança em tudo isso.

**DRA. MATOSO** – (rindo) De forma meio torta.

**DR. SELMO** – Depois do que aconteceu com a Glória, acho que não fui mais o mesmo, perdi o equilíbrio. Preciso de férias, vou aproveitar esse tempo sem emprego para me mudar com a família para a praia, o novo litoral recém-inundado pelo oceano. As crianças vão curtir também.

**DRA. MATOSO** – Faz bem.

**DR. SELMO** – Devia fazer o mesmo. Mas não precisa responder, sei que não vai. Vai buscar sua grande descoberta em outro lugar.

**DRA. MATOSO** – Sim, o observatório de São Carlos. Consegui uma boa posição lá.

**DR. SELMO** – É um bom lugar.

**DRA. MATOSO** – Você falou da Glória. O que aconteceu com o corpo dela? O falso corpo, digo. Não levou ele pra sua casa não, né? Seria bem *creepy*.

**DR. SELMO** – Claro que não! Vendemos o esqueleto biônico para uma universidade. Talvez seja o lar de outra inteligência artificial, ou apenas um robô de testes, ou reciclado para outros equipamentos. Meio estranho se for reciclado. Mas não era o corpo dela de verdade. Mesmo que fosse, ela não está mais lá, seria como doação de órgãos.

**DRA. MATOSO** – Sim. Só lamento a solidão dela no espaço, pensando e pensando.

**DR. SELMO** – Para você isso seria uma tortura, para ela pode ser bem diferente.

**DRA. MATOSO** – É, vou considerar esse ponto.

(Silêncio.)

**DRA. MATOSO** – Encontrei.

**DR. SELMO** – O quê?

**DRA. MATOSO** – O que acha?

**DR. SELMO** – Sério?

**DRA. MATOSO** – Parece que sim.

**DR. SELMO** – Agora? Estávamos conversando.

**DRA. MATOSO** – Eu consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo.

**DR. SELMO** – E então?

**DRA. MATOSO** – Ora, significa que eu consegui. Encontrei o número que faltava. A constante perdida.

**DR. SELMO** – Foi tão anticlimático. Nada apitando, nenhuma luz piscando.

**DRA. MATOSO** – Muita coisa acontece sem que nem percebamos.

**DR. SELMO** – Mas você estava de olho.

**DRA. MATOSO** – Sim, estava acompanhando.

**DR. SELMO** – E encontrou.

**DRA. MATOSO** – E está aqui, o número.

**DR. SELMO** – E qual era?

**DRA. MATOSO** – Três.

**DR. SELMO** – Três?

**DRA. MATOSO** – Sim, três.

**DR. SELMO** – E só descobriu agora? Pensei que tivesse sido um dos primeiros números tentados. Um, dois, três.

**DRA. MATOSO** – Bem, eu estava sob pressão, não pensei assim, achei que fosse uma solução supercomplexa.

**DR. SELMO** – Não importa, pelo menos tem o número agora.

**DRA. MATOSO** – Sim, eu só preciso rodar o programa e os padrões de ondas do recado do Sol serão ordenados em algo compreensível. Logo a resposta aparecerá na tela.

(Silêncio.)

**DRA. MATOSO** – Faço um suspense, algum clima?

**DR. SELMO** – Só leia, Matoso. O domo já está fechando.

**DRA. MATOSO** – *Okay*, vamos lá. – (lendo) – “Como estão as notícias por aí, irmãs Alfa Centauri? Tudo em ordem no sistema? Aqui segue tudo tranquilo, mas tenho umas novidades babado sobre a estrela de Barnard que preciso contar, amigas, vocês não vão acreditar!”

**DR. SELMO** – Oi?

**DRA. MATOSO** – É essa a mensagem.

**DR. SELMO** – Mas isso não tem nada a ver conosco.

**DRA. MATOSO** – Ah, e tem mais uma. Ela diz: “Opa, destinatário errado”.

**DR. SELMO** – Não é uma mensagem para a Terra.

**DRA. MATOSO** – Pois é. Nada disso. Número errado, recebemos por engano uma fofoca entre estrelas.

**DR. SELMO** – Eu não consigo acreditar.

**DRA. MATOSO** – Mas faz sentido, Selmo. Se o Sol tem consciência, ele não precisa ser um guru celestial. Ele pode ter

pensamentos parecidos com os nossos, desejos banais, uma vida social. Nós não recebemos uma mensagem do Sol porque estamos prontos ou porque ele só acordou agora, na verdade ele nunca se importou conosco e ainda não se importa. A Glória que se meteu numa conversa onde não foi chamada e escutou sem querer. Mistério resolvido.

**DR. SELMO** – E como o mundo vai reagir ao ouvir isso?

(Silêncio.)

**DRA. MATOSO** – Eu que não vou contar.

**DR. SELMO** – Por quê? É sua grande descoberta.

**DRA. MATOSO** – Que o Sol é fofoqueiro e fica falando sobre as outras estrelas pelas costas delas? Isso não é uma descoberta.

**DR. SELMO** – Claro que é! O Sol tem uma consciência e se socializa na Via Láctea!

**DRA. MATOSO** – Ninguém vai acreditar nisso, Selmo. Vou perder toda a minha credibilidade, ser alçada ao nível de uma teórica fantasiosa.

**DR. SELMO** – E então vai esconder isso?

**DRA. MATOSO** – Talvez devesse. De que adianta essa mensagem senão para afirmar mais ainda nossa insignificância no

universo? E a do próprio Sol. Todos lutando para sobreviver e buscando algum significado. Mas não, também não posso enterrar conhecimento. Vou mandar a mensagem pra NASA. Quando eles anunciarem, aí sim o mundo vai acreditar, mesmo que não confiem em mim com as mesmas evidências.

**DR. SELMO** – Tem certeza que quer abdicar disso?

**DRA. MATOSO** – Tenho. Vou enviar pra Lobato. Ela anunciando vou sentir que o anúncio é meu também, ter orgulho dela e um pouquinho de mim.

**DR. SELMO** – Talvez ela te mencione nas entrevistas.

**DRA. MATOSO** – Ah, sim, entrar pra história por meio de uma citação.

**DR. SELMO** – Não existem formas fáceis.

**DRA. MATOSO** – Tem um jeito muito fácil e comprovado com vários precedentes. O Williams vai entrar para a história. Profetas que preveem o fim do mundo sempre entram, por mais que a previsão sempre falhe e não aconteça nada na data. A cidade de Amparo será lembrada como aquela que se fechou em um domo para evitar a luz do Sol, com um bilionário da agricultura como seu líder!

**DR. SELMO** – Perto dessa história, anunciar que o Sol bate papo pela galáxia não é nada de mais.

**DRA. MATOSO** – O Williams pode lidar com a chacota. Ele tem dinheiro, logo qualquer besteira que ele fala é jogada por baixo dos panos e ele segue com a mesma reputação.

**DR. SELMO** – Bem, eu não quero ficar aqui para ver o *show* dele, o discurso com o prefeito e a festa de finalização do domo.

**DRA. MATOSO** – Eu não sei o que quero. Talvez só devesse apodrecer dentro desse laboratório. Não sei se quero ir pra São Carlos, acompanhar os anúncios da NASA, seguir nessa busca interminável.

**DR. SELMO** – Não dá pra ficar aqui.

**DRA. MATOSO** – Voltar pra casa e acabar com isso tudo de uma vez, então.

**DR. SELMO** – Eu tenho uma opção melhor. Que tal uma rodada de cerveja, ou duas, ou algo mais forte? Um uísque ou conhaque.

**DRA. MATOSO** – Não sei, Selmo.

**DR. SELMO** – Não tem mais o que fazer agora, Matoso, e não tem por que ficar pensando em tudo isso. Leva uma coisa de cada vez.

**DRA. MATOSO** – Eu sei.

**DR. SELMO** – Então, vamos?

**DRA. MATOSO** – OK, vamos.

(DRA. MATOSO se levanta. Silêncio.)

**DRA. MATOSO** – Obrigada.

**DR. SELMO** – A última a sair apaga a luz.

 *Teatro Popular do SESI*

**SESI-SP** editora

*Coordenação editorial*

Glauce Perusso Pereira Dias Muniz

*Direitos autorais*

Edilza Leite

Viviane Medeiros de Souza Guedes

*Edição*

Caio Felipe Lopes Correia

*Assistência editorial*

Mariane Cristina de Oliveira

*Preparação*

Estúdio DS Design Editorial

*Revisão*

Palloma dos Santos Lino Sakowski

*Projeto gráfico*

Negrilo Produção Editorial

*Diagramação*

Fabio Kato

*Coordenação de produção gráfica*

Rafael Zemantauskas

*Produção gráfica*

Ana Carolina Almeida de Moura

© SESI-SP Editora, 2022

Este livro foi composto em Adobe Caslon Pro.

9 meses  
Rodrigo Soares

a Esfinge  
Le Tícia Conde

A imensidão íntima das coisas  
Ana Paula Lopez

A tragédia canina para humanos  
Tomás Fleck

Buracos negros se alimentam de estrelas  
Soraia Costa

com ela  
Camila Ferrazzano

Congresso-fronteira sobre os humanos e os fantasmas  
Vitinho Rodrigues

Estados de consciência  
Amanda Carneiro

O antígeno  
Ivan Marsiglia

O fim é sempre *pop*  
Dante Passarelli

Pangeia mulher  
Belise Mofeoli

Uma unidade astronômica  
Daniela Funez

ISBN 978-85-8205-420-8



9 788582 054208 >